FREDERICK

FORSYTH

A ALTERNATIVA DO DIABO



FREDERICK FORSYTH

A Alternativa do Diabo

Título original inglês
THE DEVIL'S ALTERNATIVE

1979

Tradução
A. B. PINHEIRO DE LEMOS
3ª edição

GRUPO EDITORIAL RECORD

Copyright (C) 1979 by Ahiara International Corporation S. A.
O contrato celebrado com o autor proíbe a exportação deste livro para Portugal e outros países de língua portuguesa.
Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - 20 921 Rio de Janeiro, RJ
que se reserva a propriedade literária desta tradução
Impresso no Brasil

Sinopse

Qualquer que fosse a opção, muitos homens morreriam.

Esta é A Alternativa do Diabo, aterradora decisão que o Presidente dos Estados Unidos e outros estadistas em todo o mundo têm de tomar. E este é o tema do mais notável e ambicioso romance de Frederick Forsyth.

À medida que a envolvente história deste livro vai adquirindo ímpeto, somos transportados de Moscou para Londres, de Roterdam para Washington, de uma casa de campo na Irlanda para bordo do maior petroleiro do mundo, que ameaça poluir todo o Atlântico Norte. O clímax mais espetacular já criado por este mestre do suspense e as surpresas de último minuto nos capítulos finais são de deixar o leitor de respiração presa.

Um *bestseller* em vários idiomas, em todos os países onde já foi publicado, A Alternativa do Diabo é um vitorioso sucessor dos grandes romances de Frederick Forsyth.

Para
Frederick Stuart,
que ainda não sabe.

Prólogo

O náufrago teria morrido antes do nascer do Sol se não fosse pelos olhos aguçados de um marinheiro italiano chamado Mario. Mesmo quando foi avistado, já havia caído na inconsciência, as partes expostas do corpo quase nu com queimaduras de segundo grau provocadas pelo Sol implacável, as partes submersas na água do mar flácidas e brancas, entre as feridas causadas pelo sal do mar, como as pernas de um ganso em decomposição.

Mario Curcio era o cozinheiro-despenseiro do Garibaldi, uma tranquila banheira enferrujada que partira de Brindisi, avançando lentamente para leste, na direção do Capo Ince e de Trabzon, na extremidade oriental da costa norte da Turquia. Ia buscar uma carga de amêndoas na Anatólia.

Mario jamais pôde explicar por que decidiu justamente naquela manhã, nos últimos 10 dias de abril de 1982, esvaziar seu balde de cascas de batatas sobre a amurada de barlavento, ao invés de usar o escoadouro de lixo na popa. Também nunca lhe foi perguntado. Mas talvez tenha sido para poder respirar um pouco do ar fresco do Mar Negro e quebrar a monotonia da cozinha apertada, sempre com um calor escaldante. Ele saiu para o convés, avançou até a amurada de estibordo e lançou o lixo para um oceano indiferente, mas paciente. Virou-se e começou a se afastar, quase que se arrastando de volta a seus deveres. Mas estacou abruptamente depois de dar dois passos, franziu o sobrolho e retornou à amurada, aturdido e indeciso.

O navio estava seguindo um curso leste-nordeste, a fim de contornar o Cabo Ince. Mario teve de proteger os olhos com as mãos ao olhar a ré, pois o Sol quase a pino incidia sobre seu rosto. Mas tinha certeza de ter visto alguma coisa no meio das ondas verde-azuladas, entre o navio e a costa da Turquia, 20 milhas ao sul. Não conseguindo avistar novamente, seguiu para o convés de ré, subiu na escada externa da ponte de comando e olhou outra vez. E avistou de novo, nitidamente, por uma fração de segundo, entre as colinas de água a se deslocar suavemente. Virou-se para a porta aberta atrás dele, que dava para a casa do leme, e gritou:

— *Capitano*!

O Comandante Vittorio Ingrao levou algum tempo para se deixar persuadir, pois Mario não passava de um rapaz. Mas era marinheiro o bastante para saber que, se um homem podia estar à deriva no mar, tinha a obrigação de virar o navio para vasculhar a área. Além do mais, o radar apresentara um eco. O comandante levou meia hora para dar a volta com o Garibaldi e chegar ao local que Mario apontara. E nesse momento também viu.

O esquife tinha pouco mais de três metros de comprimento e não era muito largo. Era uma embarcação leve, do tipo que poderia ter sido um escaler de navio. Um pouco além da metade do pequeno bote, havia uma bancada estendendo-se de um lado a outro, com um buraco no meio para a colocação de um mastro. Mas este nunca existira ou então fora mal ajustado e caíra no mar. Com o Garibaldi parado e balançando nas ondas, o Comandante Ingrao debruçou-se na amurada da ponte de comando e ficou observando Mario e o Contramestre Paolo Longhi partirem no bote a motor para buscar o esquife. Do ponto mais elevado em que se encontrava, ele podia olhar o interior do pequeno barco, ao se aproximar, rebocado.

O homem lá dentro estava deitado de costas, mergulhado em alguns centímetros de água do mar. Estava pálido e esquelético, barbado e inconsciente, a cabeça pendendo para o lado, respirando em ofegos curtos. Gemeu algumas vezes ao ser levado para bordo, as mãos dos marinheiros tocando os ombros e peito esfolados.

Havia permanentemente uma cabine de reserva no Garibaldi, mantida vazia para funcionar como enfermaria. O náufrago foi levado para lá. Mario, a seu próprio pedido, recebeu uma folga para cuidar do homem, a quem não demorou em encarar como sua propriedade pessoal, como um menino que se desvela em cuidados especiais com um cachorrinho que salvou da morte pessoalmente. Longhi, o contramestre, aplicou uma injeção de morfina no homem, do armarinho de primeiros-socorros a fim de poupar-lhe a dor. Em seguida, ele e Mario começaram a cuidar das queimaduras.

Sendo calabreses, estavam familiarizados com queimaduras do Sol e prepararam o melhor unguento do mundo. Mario trouxe da cozinha uma mistura meio a meio de suco de limão e vinagre de vinho, numa bacia. Trouxe também um pedaço de sua fronha de algodão e um balde com cubos de gelo. Ensopando o pano na mistura e envolvendo-a em torno de uma dúzia de cubos de gelo, ele comprimiu gentilmente a chumaço nas áreas piores, em que os raios ultravioleta haviam corroído a carne até quase o osso. Pequenas nuvens de vapor se elevaram do homem

inconsciente, enquanto o adstringente gelado extraía o calor da carne causticada. O homem estremeceu.

— É melhor ficar com febre do que morrer com o choque das queimaduras — disse-lhe Mario, em italiano. O homem não podia ouvir; e mesmo que ouvisse, não teria compreendido.

Longhi foi juntar-se a seu comandante no convés de ré, para onde o esquife fora içado.

— Alguma coisa? — perguntou ele.

O Comandante Ingrao sacudiu a cabeça.

— Também não havia nada no homem. Nem relógio nem plaqueta de identificação. E a barba parece ter uns dez dias. A cueca não tinha etiqueta.

— Não encontramos nada no bote — disse Ingrao. — Não tem mastro, não tem vela, não tem remos. Também não tem comida nem um recipiente para água. Nem mesmo tem um nome. Mas pode ter sido apagado.

— Seria um turista de algum balneário levado para alto-mar? — indagou Longhi.

Ingrao deu de ombros, murmurando:

— Poderia ser também um sobrevivente de um pequeno cargueiro. Estaremos em Trabzon dentro de dois dias. As autoridades turcas podem descobrir tudo quando ele voltar a si e falar. Enquanto isso, vamos seguir viagem. E teremos de enviar uma mensagem para o nosso agente lá, contando o que aconteceu. Precisaremos de uma ambulância no cais quando atracarmos.

Dois dias depois, ainda quase inconsciente e incapaz de falar, o náufrago foi ajeitado entre lençóis brancos numa enfermaria, no pequeno hospital municipal de Trabzon.

Mario, o marinheiro, acompanhou seu náufrago na ambulância, do cais até o hospital, juntamente com o agente local do navio e o médico do porto, que insistira em examinar o homem delirante, para verificar se não tinha qualquer doença contagiosa. Depois de esperar uma hora ao lado da cama, Mario despediu-se do amigo inconsciente e voltou ao Garibaldi, a fim de preparar o almoço da tripulação. Isso acontecera no dia anterior e o velho vapor italiano zarpara ao final da tarde.

Agora, havia outro homem ao lado da cama, juntamente com um policial e o médico de jaleco branco. Todos os três eram turcos, mas o homem baixo e corpulento, de terno, falava um inglês razoável.

— Ele vai ficar bom — disse o médico. — No momento, porém, ainda está muito doente. Teve insolação, queimaduras de segundo grau. E, ao que tudo indica, passou vários dias sem comer. O estado geral é de debilidade.

— O que é isso? — perguntou o civil, gesticulando para os tubos de soro que penetravam nos dois braços do homem.

— É glicose concentrada como nutrição e uma solução salina para contrabalançar o choque — explicou o médico. — Os marinheiros provavelmente salvaram a vida dele ao tirarem o calor das queimaduras. Nós o banhamos em colomina para ajudar o processo de recuperação. Agora, está tudo entre ele e Alá.

Umit Erdal, sócio da empresa de navegação e comércio *Erdal & Sermit*, era o representante do *Lloyds* para o porto de Trabzon. O agente do Garibaldi lhe transferira com o maior prazer o problema do náufrago. As pálpebras do homem tremeram no rosto queimado e barbudo. O Sr. Erdal limpou a garganta, inclinou-se sobre a cama e disse, em seu melhor inglês:

— Qual... é... o seu... nome?

O homem grunhiu e moveu a cabeça de lado para lado, várias vezes. O representante do *Lloyds* abaixou a cabeça para conseguir escutar.

— Zradzhenyi — murmurou o homem. — Zradzhenyi...

Erdal empertigou-se, dizendo incisivamente:

— Ele não é turco. Mas parece que se chama Zradzhenyi. De que país poderia ter vindo um homem com um nome desses?

Seus dois companheiros deram de ombros e Erdal acrescentou:

— Vou informar ao escritório do *Lloyds* em Londres. Talvez tenham informações sobre um navio desaparecido em algum lugar do Mar Negro.

A bíblia diária da fraternidade mundial da Marinha Mercante é o Registro do *Lloyds*, publicado de segunda a sábado, com editoriais, artigos e notícias sobre um único tema: navegação. Seu companheiro cotidiano, o Índice de Navegação do *Lloyds*, informa os movimentos dos 30.000 navios mercantes do mundo em atividade: o nome do navio, proprietário, bandeira de registro, ano de lançamento, tonelagem, procedência e destino.

Os dois órgãos são editados num imenso prédio na *Sheepen Place, Colchester*, no condado inglês de Essex. Foi para esse prédio que Umit Erdal passou o telex informando a entrada e saída do Garibaldi do porto de Trabzon, acrescentando uma pequena nota para o Serviço de Informações Marítimas do *Lloyds*, que funcionava no mesmo prédio.

O SIM verificou seus registros de acidentes marítimos, confirmando que não havia qualquer notícia recente de navios desaparecidos, afundados ou simplesmente atrasados no Mar Negro. Assim, encaminhou a informação à redação do Registro. Um subeditor incluiu-a num sumário de notícias na primeira página, dando o nome que o náufrago murmurara como sendo o seu. A notícia foi divulgada na manhã seguinte.

A maioria dos que leram o Registro do *Lloyds* naquele dia, ao final de abril, não deu maior atenção à notícia sobre o náufrago não-identificado em Trabzon.

Mas a notícia atraiu e prendeu os olhos atentos e a atenção de um homem de trinta e poucos anos, que trabalhava num cargo importante e de confiança numa firma de corretores de afretamento de navios, sediada em uma pequena rua chamada Crutched Friars, na *City* de Londres, o distrito financeiro e comercial da capital britânica. Seus colegas na firma conheciam-no como Andrew Drake.

Depois de absorver devidamente a pequena notícia, Drake deixou a mesa e foi para o salão de operações da companhia, onde consultou um mapa-múndi emoldurado, indicando os ventos prevalentes e a circulação das correntes oceânicas. Os ventos no Mar Negro durante a primavera e verão são predominantemente do norte, e as correntes se movimentam na direção contrária à dos ponteiros do relógio em torno desse pequeno oceano, da costa meridional da Ucrânia, no extremo nordeste do Mar, passando pelas costas da Romênia e Bulgária, depois seguindo para leste, nas rotas de navegação entre Istambul e o Cabo Ince.

Drake fez alguns cálculos num bloco. Um pequeno esquife, partindo dos pântanos do delta do Rio Dniester, logo ao sul de Odessa, poderia desenvolver quatro ou cinco nós com o vento e correntes a favor, seguindo para o sul além da Romênia e Bulgária, na direção da Turquia. Depois de três dias, no entanto, seria levado na direção leste, para longe do Bósforo e caminho da extremidade leste do Mar Negro.

A seção de “Meteorologia e Navegação” do Registro do *Lloyds* confirmou que houvera mau tempo na área nove dias antes. O que poderia fazer com que um esquife nas mãos de um marinheiro inábil emborcasse, perdesse o mastro e todo o seu conteúdo, deixando o ocupante, mesmo que conseguisse embarcar de volta, à mercê do Sol e do vento.

Duas horas depois, Andrew pediu à direção da companhia uma semana das férias que lhe eram devidas. Ficou acertado que ele poderia gozá-la, mas só a partir da segunda-feira, 3 de maio.

Estava um pouco excitado enquanto esperava que a semana terminasse. Comprou pessoalmente, numa agência de viagens nas proximidades, uma passagem de avião de ida e volta entre Londres e Istambul. Decidiu comprar a passagem de Istambul a Trabzon na própria capital turca, pagando em dinheiro. Também fez uma indagação para confirmar que um possuidor de passaporte britânico não precisava de visto para entrar na Turquia. Depois do expediente, tratou de providenciar o necessário atestado de vacina contra varíola, no centro médico da *British Airways*, em Victoria.

Drake sentia-se excitado porque julgava que havia uma possibilidade de ter encontrado, depois de anos de espera, o homem que estava procurando. Ao contrário dos três homens que se haviam postado ao lado da cama do náufrago dois dias antes, ele sabia de que país era a palavra *zradzhenyi*. Sabia também que não era o nome do homem. O náufrago no pequeno hospital turco murmurava a palavra "traído" em sua língua nativa, que era o ucraniano. O que podia significar que o homem era um guerrilheiro ucraniano refugiado.

Andrew Drake, apesar do nome britânico, era também ucraniano... e fanático.

A primeira visita de Drake, ao chegar a Trabzon, foi ao escritório do Sr. Erdal, cujo nome obtivera de um amigo do *Lloyds*, alegando que iria passar alguns dias de férias na costa da Turquia e talvez precisasse de alguma ajuda, já que não falava uma só palavra de turco. Umit Erdal, vendo a carta de apresentação que Drake lhe entregou, não indagou por que motivo o visitante estava querendo ver o náufrago no hospital local. Escreveu uma carta pessoal de apresentação ao diretor do hospital e, pouco depois do almoço, Drake foi introduzido no pequeno quarto em que estava o homem.

O agente local do *Lloyds* já o informara de que o homem, embora novamente consciente, passava a maior parte do tempo dormindo; e durante os períodos em que ficava desperto, até aquele momento não falara absolutamente nada. Quando Drake entrou no quarto, o homem estava deitado de costas, os olhos fechados. Drake puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama. Por algum tempo, ficou olhando em silêncio para o rosto encovado do homem. Depois de vários minutos, as pálpebras do náufrago adejaram, se entreabriram e fecharam outra vez. Drake ficou sem saber se o homem o vira ou não fitando-o atentamente. Mas sabia que o homem estava à beira de despertar. Lentamente, inclinou-se para a frente e disse claramente, no ouvido do náufrago:

— *Shche ne vmerla Ukraina*.

A frase significa, literalmente, "A Ucrânia não está morta"; numa tradução mais livre, significaria "A Ucrânia continua a viver". São as primeiras palavras do hino nacional ucraniano, proibido pelos russos, podendo ser imediatamente reconhecidas por qualquer pessoa de nacionalidade ucraniana que esteja consciente.

Os olhos do doente se entreabriram outra vez e fixaram-se no rosto de Drake. Depois de alguns segundos, ele indagou em ucraniano:

— Quem é você?

— Um ucraniano, como você — respondeu Drake.

Os olhos do homem ficaram toldados pela desconfiança.

— *Quisling*... — murmurou ele Drake sacudiu a cabeça.

— Não. Sou de nacionalidade britânica, nascido e criado lá, filho de pai ucraniano e mãe inglesa. No coração, porém, sou tão ucraniano quanto você.

O homem na cama ficou olhando obstinadamente para o teto.

— Poderia mostrar-lhe meu passaporte britânico, mas isso nada provaria — acrescentou Drake. — Um *chekisti* também poderia apresentá-lo com a maior facilidade, para enganá-lo. — Drake usara deliberadamente o termo de gíria para o polícia secreta soviético e membro do KGB.

— Mas não está mais na Ucrânia e aqui não há nenhum *chekisti*. Não foi parar nas praias da Crimeia, do sul da Rússia ou da Geórgia. Também não foi parar na Romênia ou Bulgária. Foi recolhido por um navio italiano e desembarcado aqui em Trabzon. Está na Turquia. No Ocidente. Conseguiu escapar.

Os olhos do homem estavam agora atentamente fixados no rosto de Drake, alertas, lúcidos, querendo acreditar.

— Pode levantar-se? — indagou Drake.

— Não sei.

Drake sacudiu a cabeça para a janela no outro lado do quarto, além da qual soavam os ruídos do tráfego.

— O KGB pode providenciar uma equipe de médicos e enfermeiras para que pareçam turcos. Mas não pode transformar uma cidade inteira, por causa de um só homem, a quem poderiam torturar, se quisessem arrancar uma confissão. Pode chegar até à janela?

O homem levantou-se com extremo esforço e aproximou-se da janela. Drake informou-o:

— Os carros são *Austins* e Morris importados da Inglaterra, *Peugeots* da França e Volkswagens da Alemanha Ocidental. As palavras nos cartazes são em turco. Aquele anúncio ali é de Coca-Cola.

O homem comprimiu as costas da mão contra a boca, mordendo as articulações. Piscou diversas vezes, rapidamente.

— Consegui...

— Isso mesmo. Conseguiu, num verdadeiro milagre.

Já de volta à cama, o náufrago disse:

— Meu nome é Miroslav Kaminsky. Venho de Ternopol. Era o líder de um grupo de sete guerrilheiros ucranianos.

Ao longo da hora seguinte, toda a história foi contada. Kaminsky e seis outros homens iguais a ele, todos da região de Ternopol, outrora um caldeirão de nacionalismo ucraniano e onde ainda ardiam algumas brasas, haviam decidido reagir ao programa de implacável russificação de sua terra, que se intensificara nos anos 60 e se tornara uma "solução final" nos anos 70 e início dos 80, implicando a liquidação da arte, poesia, literatura, língua e consciência nacional ucraniana. Em seis meses de operações, eles haviam emboscado e matado dois secretários subalternos do Partido, russos que Moscou impusera a Ternopol, e um agente do KGB. E fora então que houvera a traição.

Quem quer que tivesse falado, também morrera na saraivada de tiros disparada pelas tropas especiais do KGB, que haviam cercado o chalé no campo em que o grupo se reunira para planejar a operação seguinte. Somente Kaminsky escapara, correndo como um animal através do mato, escondendo-se durante o dia nos estábulos e bosques, avançando apenas à noite, seguindo para o sul, na direção da costa, com a vaga esperança de embarcar em algum navio do Ocidente.

Fora simplesmente impossível aproximar-se do porto de Odessa. Alimentando-se de batatas e nabos encontrados nos campos, Kaminsky fora refugiar-se na região pantanosa do Estuário do Dniester, a sudoeste de Odessa, na direção da fronteira romena. Finalmente, esgueirando-se durante a noite por uma pequena aldeia de pescadores numa enseada, roubara um esquife com um mastro e vela. Nunca antes andara num barco à vela e nada conhecia do mar. Esforçando-se em controlar a vela e o cabo do leme, a muito custo, rezando o tempo todo, deixara que a pequena embarcação fosse impelida pelo vento, na direção do sul, orientando-se pelas estrelas e pelo Sol.

Por muita sorte, evitara as lanchas que patrulhavam constantemente a costa da União Soviética e as frotas pesqueiras. A

pequena casca de madeira que o levava passara também despercebida pela vigia das estações de radar costeiras, até ficar além de seu alcance. E depois ele se perdera, em algum ponto entre a Crimeia e a Romênia, seguindo para o sul, mas longe das rotas de navegação mais próximas, as quais de qualquer maneira não conhecia. A tempestade o pegara desprevenido. Sem saber como recolher a vela a tempo, acabara emborcando. Passara a noite gastando suas últimas reservas de energia a se segurar ao casco emborcado. Pela manhã, conseguira endireitar o bote e subira para o interior. As roupas, que tirara para deixar que o vento frio da noite lhe esfriasse a pele, estavam perdidas. Como também havia perdido as poucas batatas cruas que trouxera, a garrafa de limonada com água potável, a vela e o cabo do leme. A dor começara logo depois do nascer do Sol, à medida que aumentava o calor do dia. A inconsciência chegara no terceiro dia depois da tempestade. Ao recuperar os sentidos, estava estendido numa cama, suportando, em silêncio a dor das queimaduras, ouvindo vozes que julgava serem búlgaras. Por seis dias, mantivera os olhos fechados, e sem abrir a boca.

Andrew Drake ouviu-o com imensa alegria. Encontrara finalmente o homem que há tantos anos esperava.

— Vou procurar o Cônsul suíço em Istambul e tentar obter documentos provisórios para você poder viajar pela Cruz Vermelha — disse ele, quando Kaminsky começou a apresentar sinais de cansaço. — Se conseguir, provavelmente poderei levá-lo para a Inglaterra, pelo menos com um visto temporário. E depois poderemos tentar o asilo político. Voltarei dentro de alguns dias. — Drake parou na porta e acrescentou: — Já deve saber que não poderá mais voltar. Mas, com sua ajuda, eu posso. É o que sempre quis.

Andrew Drake demorou mais tempo do que esperava em Istambul. Só no dia 16 de maio é que voou de volta a Trabzon, levando os documentos necessários para Kaminsky poder viajar. Prolongara sua licença depois de um longo telefonema para a firma de corretagem de Londres, com uma discussão com um dos sócios. Mas valera a pena. Pois através de Kaminsky ele tinha certeza de poder realizar a única grande ambição de sua vida.

O império czarista tivera e o império soviético também tinha agora, apesar de sua aparência monolítica exterior, dois calcanhares-de-aquiles. Um deles é o problema de alimentar 250.000.000 de habitantes. O outro é eufemisticamente chamado de “a questão das nacionalidades”. Nas 14 repúblicas dominadas pela República Russa há várias dezenas de

nações não-russas identificáveis; a maior e provavelmente a que possui mais consciência nacional é a ucraniana. Em 1982, o Estado da Grande Rússia contava apenas com 120.000.000 de habitantes, no total de 250.000.000 da União Soviética. O Estado mais populoso e mais rico em seguida era a Ucrânia, com seus 70.000.000 de habitantes. Era essa uma das razões pelas quais, sob o regime dos czares e depois do *Politburo*, a Ucrânia sempre merecera uma atenção especial e fora alvo de programas particularmente implacáveis de russificação. A outra razão estava em sua história.

A Ucrânia sempre esteve tradicionalmente dividida em duas, o que foi o motivo de sua derrocada. A Ucrânia Ocidental e a Oriental. A Ucrânia Ocidental estende-se de Kiev para oeste, até a fronteira polonesa. A parte oriental é mais russificada, tendo permanecido sob o domínio dos czares por muitos séculos; durante esse período, a Ucrânia Ocidental fizera parte do antigo Império Austro-Húngaro. Sua orientação espiritual e cultural era e continua a ser mais ocidental do que o resto do país, à exceção possivelmente dos três Estados bálticos, que são pequenos demais para resistir. Os ucranianos lêem e escrevem no alfabeto romano e não no alfabeto cirílico; são predominantemente católicos e não cristãos ortodoxos russos. Sua língua, poesia, literatura, artes e tradições são anteriores à ascensão dos conquistadores russos, que vieram do norte.

Em 1918, com o desmoronamento do Império Austro-Húngaro, os ucranianos ocidentais tentaram desesperadamente instituir uma república separada, em meio às ruínas do império. Mas, ao contrário dos tchecos, eslovacos e magiares, fracassaram e foram anexados em 1919 pela Polônia, como a província da Galícia. Quando Hitler invadiu a Polônia Ocidental em 1939, Stalin veio do leste com o Exército Vermelho e ocupou a Galícia. Os alemães a invadiram em 1941. O que se seguiu foi uma violenta e terrível confusão de esperanças, temores e lealdades. Alguns acalentavam a esperança de concessões de Moscou, se combatessem os alemães; outros erroneamente julgaram que a única possibilidade da Ucrânia Livre estava na derrota de Moscou por Berlim, e por isso ingressaram na Divisão Ucraniana, que lutou contra o Exército Vermelho, em uniforme alemão. Outros ainda, como o pai de Kaminsky, foram para os Montes Cárpatos como guerrilheiros, lutando contra um invasor e depois contra o outro, voltando em seguida a combater o primeiro. Todos perderam. Stalin ganhou e estendeu seu império até o Rio Bug, a nova fronteira da Polônia. A Ucrânia Ocidental ficou sob o domínio dos novos czares, o *Politburo*, mas os velhos sonhos sobreviveram. À

exceção de um breve momento de esperança nos últimos dias de Kruschev, o programa de esmagar os ucranianos de uma vez por todas foi constantemente intensificado.

Stephen Drach, um estudante de Rovno, foi um dos poucos combatentes ucranianos que teve alguma sorte. Sobreviveu à guerra, sendo capturado pelos britânicos na Áustria, em 1945. Enviado como trabalhador rural para Norfolk, certamente seria mandado de volta para ser executado pela NKVD, em 1946, quando o *Foreign Office* britânico e o Departamento de Estado americano conspiraram discretamente para devolver os 2.000.000 de "vítimas de Yalta" à misericórdia de Stalin. Mas teve sorte outra vez. Por trás de uma pilha de feno em Norfolk, ele seduziu uma jovem do Exército da Terra, que ficou grávida. O casamento era a solução. Seis meses depois, por uma questão de compaixão, foi-lhe poupada a repatriação e recebeu permissão para ficar na Inglaterra. Livre do trabalho agrícola, aproveitou os conhecimentos adquiridos como operador de rádio para montar uma pequena oficina de consertos em Bradford, um ponto de concentração dos 30.000 ucranianos residentes na Inglaterra. O primeiro filho morreu ainda bebê; um segundo, batizado com o nome de Andriy, nasceu em 1950.

Andriy aprendeu a falar o ucraniano no colo do pai. Mas isso não foi tudo. Também aprendeu a amar a terra do pai, a sonhar com as vistas amplas e maravilhosas dos Cárpatos e da Rutênia. Absorveu o ódio que o pai sentia contra os russos. Mas o pai morreu num acidente de automóvel quando o menino tinha 12 anos. A mãe, cansada das noites intermináveis do marido ao pé do fogo, conversando com outros exilados, falando sobre o passado numa língua que ela jamais conseguiu entender, mudou o sobrenome da família para Drake e o primeiro nome de Andriy para Andrew. E foi como Andrew Drake que o menino cursou a escola secundária e a universidade; foi também como Andrew Drake que recebeu seu primeiro passaporte.

O renascimento ocorreu ao final da adolescência, já na universidade. Havia ali outros ucranianos e ele voltou a falar fluentemente a língua do pai. Era o final dos anos 60, e o breve renascimento da literatura e poesia ucranianas, na própria Ucrânia, já havia terminado, com quase todas as suas figuras mais destacadas a esta altura cumprindo penas de trabalhos forçados nos campos de Gulag. Andrew Drake absorveu todos esses acontecimentos com uma visão posterior e pleno conhecimento do que acontecera aos escritores. Lia tudo o que podia encontrar ao amanhecer dos primeiros anos do sétimo decênio do século. Devorou os

clássicos de Taras Shevchenko, o filósofo e poeta que surgira no breve período de florescimento durante Lenine e que fora logo depois reprimido e liquidado por Stalin. Leu muitos outros autores ucranianos dessa época. Acima de tudo, porém, apreciava as obras dos autores que eram conhecidos como os "Homens dos 60", porque haviam florescido durante uns poucos anos da década, até que Brezhnev novamente instituísse um programa de esmagar o orgulho nacional, pelo qual eles tanto haviam clamado. Leu e lamentou por Osdachy, Chornovil, Moroz e Dzyuba; e quando leu os poemas e o diário secreto de Pavel Symonenko, o jovem rebelde que morreu de câncer aos 28 anos, o grande inspirador dos estudantes ucranianos na União Soviética, sentiu o coração se contrair por amor a uma terra que nunca vira.

E com o amor pela terra do pai morto, surgiu também um ódio equivalente contra aqueles que encarava como seus algozes. Avidamente devorava os panfletos clandestinos que eram contrabandeados para fora da União Soviética pelo movimento de resistência interno. Não perdia um número do Herald ucraniano, com os relatos do que estava acontecendo a centenas de desconhecidos, que não recebiam a publicidade concedida aos grandes julgamentos em Moscou de Daniel, Sinyavsky, Orlov, Scharansky. Eram as tragédias dos pobres coitados, dos esquecidos. A cada novo detalhe, seu ódio ia aumentando. Para Andrew Drake, outrora Andriy Drach, a personificação de todo o mal que existia no mundo era o KGB.

Possuía senso de realidade suficiente para não se deixar envolver pelo nacionalismo tosco dos exilados mais velhos e suas divisões entre ucranianos ocidentais e orientais. Rejeitava também o anti-semitismo implantado deles, preferindo aceitar as obras de Gluzman, ao mesmo tempo sionista e nacionalista ucraniano, como as palavras de um compatriota. Analisou a comunidade de exilados na Inglaterra e no resto da Europa e chegou à conclusão de que havia quatro categorias: os nacionalistas da língua, para os quais falar e escrever na língua dos seus antepassados era suficiente; os nacionalistas de debates, que ficavam falando interminavelmente, mas não iam além disso; os que se compraziam em *slogans*, irritando os países que os haviam adotado, mas deixando incólume o monstro soviético; e os ativistas que faziam manifestações por ocasião das visitas de autoridades soviéticas, sendo cuidadosamente fotografados e fichados pelo Serviço Especial e conquistando uma publicidade passageira.

Drake rejeitava a todos. Permanecia quieto, bem-comportado e afastado dos grupos. Foi para Londres e arrumou um emprego num

escritório. Havia muitas pessoas em empregos assim que acalentam uma paixão secreta, ignorada por todos os seus colegas de trabalho, uma paixão que absorve todas as suas economias, tempo vago e férias anuais. Drake era um deles. Reuniu discretamente um pequeno grupo de homens que pensavam como ele; descobriu-os, procurou-os, fez amizade, promoveu um juramento comum, recomendou que fossem pacientes. Andriy Drach tinha um sonho secreto; e, como disse T.E. Lawrence, era perigoso porque "sonhava com os olhos abertos". Seu sonho era o de desfechar um dia um único golpe contra os homens de Moscou, tão poderoso que os deixaria abalados como nunca antes acontecera. Iria penetrar nas muralhas de seu poder e atacá-los no interior de sua fortaleza.

Seu sonho estava vivo e um passo mais próximo da realização pela descoberta de Kaminsky. Por isso, era um homem determinado e excitado quando mais uma vez seguiu de avião pelo céu azul na direção de Trabzon.

Miroslav Kaminsky fitou Drake com uma expressão de indecisão.

— Não sei, Andriy, simplesmente não sei. Apesar de tudo o que fez, não sei se posso confiar tanto em você. Lamento, mas é assim que tenho vivido, por toda a minha vida.

— Miroslav, pode manter contato comigo pelos próximos vinte anos e não me conhecer mais do que já conhece. Tudo o que lhe contei a meu respeito é verdade. Se não pode voltar, então deixe-me ir em seu lugar. Mas preciso de contatos lá. Se conhece alguém, uma única pessoa que seja...

Kaminsky finalmente concordou.

— Conheço dois homens. Não foram descobertos quando meu grupo foi destruído e ninguém mais sabia deles. Eu os havia conhecido apenas poucos meses antes.

— Mas são ucranianos e rebeldes? — indagou Drake, ansiosamente.

— Eles são ucranianos. Mas não é essa a motivação básica deles. O povo deles também tem sofrido. Seus pais, como o meu, passaram dez anos em campos de trabalhos forçados, mas por uma razão diferente: a de serem judeus.

— Mas eles odeiam Moscou? Estão querendo atacar o Kremlin?

— Eles odeiam Moscou de verdade. Tanto quanto você ou eu. A inspiração deles parece ser uma coisa chamada Liga de Defesa Judia. Ouviram falar a respeito pelo rádio. E tenho a impressão de que a filosofia deles, como a nossa, é começar a revidar. Não estão mais dispostos a aceitar as perseguições de braços cruzados.

— Neste caso, deixe-me entrar em contato com eles.

Na manhã seguinte, Drake voltou de avião para Londres, levando os nomes e endereços em Lvov de dois jovens conspiradores judeus. Duas semanas depois, inscreveu-se numa excursão promovida pela *Intourist* para início de julho, visitando Kiev, Ternopol e Lvov. Pediu demissão do emprego e transformou em dinheiro todas as economias que fizera até então.

Sem que ninguém soubesse, Andrew Drake, aliás Andriy Drach, estava indo para sua guerra particular... contra o Kremlin.

1

Um vento ameno soprava sobre Washington naquele dia de meados de maio, levando às ruas as primeiras pessoas sem casacos e fazendo desabrochar as primeiras rosas vermelhas no jardim diante das janelas francesas do Gabinete Oval da Casa Branca. Mas embora as janelas estivessem abertas e o cheiro agradável de relva e flores penetrasse no santuário particular do mais poderoso governante do mundo, a atenção dos quatro homens ali presentes estava concentrada em outras plantas, num distante país estrangeiro.

O Presidente William Matthews estava sentado no lugar em que os Presidentes americanos sempre sentavam: de costas para a parede sul da sala, olhando para a clássica lareira de mármore que domina a parede norte, através de uma mesa antiga bastante larga. A cadeira, ao contrário das que haviam sido usadas pela maioria de seus antecessores, os quais preferiam assentos personalizados, feitos por encomenda, era de fabricação em série, encosto alto, giratória, do tipo que qualquer executivo de corporação poderia ter. É que "Bill" Matthews, como insistia em ser chamado em seus cartazes de publicidade, sempre fizera questão de ressaltar, nas sucessivas e bem-sucedidas campanhas eleitorais, suas predileções de homem comum em roupas, comidas e confortos pessoais. Por isso, sua cadeira, que podia ser vista pelas dezenas de delegados partidários que gostava de receber pessoalmente no Gabinete Oval, não era luxuosa. E ele fazia também questão de ressaltar que a mesa era herdada e já se tornara parte da preciosa tradição da Casa Branca. Sua atitude sempre surtia o efeito desejado.

Mas Bill Matthews ficava por aí. Quando estava em reunião com seus principais assessores, o "Bill" que seu eleitor mais humilde podia chamá-lo estava fora de questão. Também abandonava o tom de voz de bom moço e o sorriso cativante que levara os eleitores a instalarem na Casa Branca o homem comum igual a eles. Ali, porém, não era o homem comum igual aos outros, e seus assessores sabiam disso perfeitamente. Era o homem que estava no topo.

Sentados em cadeiras de braços, de encosto reto, diante da escrivaninha, estavam os três homens que haviam solicitado uma reunião a sós com o Presidente naquela manhã. O mais chegado a ele, em termos

pessoais, era o Presidente do Conselho de Segurança Nacional, seu assessor pessoal em questões de segurança e confidente em relações internacionais. Chamado na Ala Oeste e no Prédio do Executivo como "Doe" ou "aquele maldito polaco", Stanislaw Poklewski, um homem de aparência austera, podia ser às vezes detestado, mas jamais era subestimado.

Formavam uma dupla estranha, para serem tão chegados: o louro, branco e anglo-saxão protestante do Sul dos Estados Unidos e o moreno, taciturno e católico romano devoto que imigrara da Cracóvia quando era ainda menino. Mas o que Bill Matthews carecia em compreensão das tortuosas psicologias dos europeus em geral e dos eslavos em particular, podia ser compensado pela máquina calculadora, educada por jesuítas, que sempre merecia sua atenção. Havia duas outras razões pelas quais Poklewski o atraía: a sua lealdade incondicional e o fato de não ter ambições políticas, a não ser à sombra de Bill Matthews. Mas havia também uma restrição. Matthews sempre tinha de compensar a antipatia desconfiada de Poklewski contra os homens de Moscou com as avaliações mais urbanas de seu bostoniano Secretário de Estado.

O Secretário de Estado não estava presente à reunião daquela manhã, solicitada por Poklewski. Os outros dois homens sentados diante da escrivaninha eram Robert Benson, Diretor da CIA, e Carl Taylor.

Muitas vezes já se escreveu que a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos é o órgão responsável por toda a espionagem eletrônica. A ideia pode ser bastante popular, mas não é verdadeira. A ASN é responsável pela parte da vigilância e espionagem eletrônica realizadas fora dos Estados Unidos e relacionadas com a escuta: interceptação de telefones, microfones ocultos, controle de transmissões de rádio e, acima de tudo, a captação de bilhões de palavras por dia, literalmente, em centenas de dialetos e línguas, para gravação, decifração, tradução e análise. Mas não dos satélites-espiões. A vigilância visual do globo por câmaras montadas em aviões e, mais importante, em satélites espaciais sempre foi uma prerrogativa do Serviço Nacional de Reconhecimento, uma operação conjunta da CIA e da Força Aérea dos Estados Unidos. Carl Taylor era o Diretor do Serviço e um general de duas estrelas do Serviço de Informações da Força Aérea.

O Presidente reuniu as fotografias bastante definidas que estavam sobre a mesa e devolveu-as a Taylor, que se levantou para pegar e as guardou em sua pasta.

— Muito bem, senhores — disse o Presidente, lentamente. — Já me mostraram que a colheita de trigo numa pequena região da União Soviética, talvez mesmo apenas nos poucos acres que aparecem nessas fotografias, vai ser deficiente. E o que isso prova?

Poklewski olhou para Taylor e sacudiu ligeiramente a cabeça. Taylor limpou a garganta.

— Sr. Presidente, tomei a liberdade de determinar a transmissão para cá do que está sendo captado neste momento por um dos nossos satélites Condores. Gostaria de ver?

Matthews assentiu e ficou observando Taylor atravessar a sala até um painel de receptores de TV, na parede oeste curva, por baixo das prateleiras de livros, que haviam sido reduzidas especialmente para isso. Quando delegações de civis estavam na sala, os receptores de TV ficaram cobertos por portas corrediças de teca. Taylor ligou o receptor da extrema esquerda e voltou para junto da escrivaninha do Presidente. Tirou um dos seis fones do gancho e discou um número, dizendo simplesmente:

— Pode ligar.

O Presidente Matthews conhecia perfeitamente o alcance excepcional dos satélites da linha Condor. Voando mais alto do que qualquer outro anterior, com câmaras tão sofisticadas que podiam mostrar em close a unha de um dedo humano de uma altura de 300 quilômetros, mesmo com nevoeiro, chuva, granizo, neve, nuvens e de noite, os Condores eram os mais modernos e os melhores satélites-espiões que existiam.

Na década de 1970, a vigilância fotográfica era boa, mas extremamente lenta, principalmente porque cada cartucho não transmitido tinha de ser ejetado do satélite em posições específicas, para uma queda livre até a terra dentro de recipientes especiais, sendo recuperado com a ajuda de um sistema de rastreamento, levado de avião para os laboratórios centrais do SNR, revelado e copiado. Somente quando o satélite estava num arco de voo que permitia uma transmissão direta para o território americano ou para uma das estações de rastreamento controladas pelos Estados Unidos é que podia haver transmissões de TV simultâneas. Mas quando o satélite passava sobre a União Soviética, a curvatura da superfície da terra impedia a recepção direta; assim, era necessário esperar até que o satélite tornasse a aparecer do outro lado.

Mas no verão de 1978 os cientistas resolveram o problema, com o Jogo da Parábola. Os computadores determinaram uma cama-de-gato de infinita complexidade para os cursos de voo de meia dúzia de câmaras

espaciais, girando em torno do globo. Qualquer que fosse o espião-celestial que a Casa Branca quisesse acionar, enviava-se um sinal para que começasse a transmitir o que estava vendo. As imagens descreveriam uma parábola até outro satélite, que não estaria à vista. O segundo satélite retransmitia as imagens para um terceiro e assim por diante, como jogadores de basquete lançando a bola das pontas dos dedos para pontas dos dedos, enquanto correm. Quando as imagens desejadas alcançavam um satélite sobre o território americano, podiam ser transmitidas para o quartel-general do SNR e de lá para o Gabinete Oval.

Os satélites estavam viajando a uma velocidade de 65.000 km/h, em termos terrestres; o globo estava girando no ritmo das horas, inclinando-se com as estações. As computações e transmutações eram astronômicas, mas os computadores resolviam tudo. Por volta de 1980, o Presidente dos Estados Unidos tinha um acesso de 24 horas por dia a cada centímetro quadrado da superfície do mundo, ao simples toque de um botão, através da transmissão simultânea. Havia ocasiões em que isso o incomodava. O que já não acontecia com Poklewski, que fora criado com a noção de revelar todos os seus pensamentos e ações particulares no confessionário. Os Condores eram como confessionários, sendo ele próprio o padre que quase se tornara.

Enquanto as imagens surgiam na tela, o General Taylor abriu um mapa da União Soviética em cima da escrivaninha do Presidente e apontou com o indicador.

— O que está vendo, Sr. Presidente, é transmitido pelo Condor Cinco, focalizando este ponto, a nordeste, entre Saratov e Perm, através das Terras Virgens e na área da Terra Negra.

Matthews olhou para o receptor. Uma grande extensão de terra desfilava pela tela, de alto a baixo, numa faixa de aproximadamente 30 quilômetros de largura. A terra parecia vazia, como acontece no outono, depois da colheita. Taylor murmurou algumas instruções ao telefone. Segundos depois, a paisagem se concentrou, focalizando uma faixa de terra que não deveria ter mais do que oito quilômetros de largura. Um pequeno grupo de cabanas de camponeses, certamente *izbas* de madeira, perdidas na imensidão da estepe, passou pela esquerda da tela. A linha de uma estrada apareceu na cena, permaneceu no centro por alguns momentos, depois deixou a tela. Taylor tornou a murmurar instruções ao telefone; a imagem se reduziu a uma faixa de terra com apenas 100 metros de largura. A definição da imagem era muito melhor. Um homem puxando um cavalo pela imensa estepe surgiu e se foi.

— Quero a projeção mais lenta — disse Taylor ao telefone. O chão por baixo das câmaras já não parecia deslocar-se tão depressa. No espaço, o satélite Condor continuava em seu curso, à mesma altura e velocidade; nos laboratórios do SNR, as imagens estavam sendo reduzidas e tinham sua velocidade diminuída. A imagem tornou-se mais próxima, mais lenta. Diante do tronco de uma árvore solitária, um camponês russo desabotoou a braguilha lentamente. O Presidente Matthews não era um técnico e por isso jamais se cansava de ficar impressionado. Lembrou a si mesmo que estava sentado numa sala devidamente aquecida, numa manhã do início do verão, em Washington, observando um homem urinar em algum lugar à sombra dos Montes Urais. O camponês foi saindo do cena lentamente, na direção do fundo da tela. A imagem que estava surgindo era a de um trigal, estendendo-se por muitas centenas de acres.

— E congele — disse Taylor ao telefone.

A imagem foi parando de se mover lentamente e ficou imóvel.

— Mais perto — determinou Taylor.

A imagem foi chegando mais e mais perto, até que toda a tela de um metro quadrado ficou preenchida por umas 20 hastes de trigo separadas. Todas as hastes do trigo ainda novo pareciam frágeis e raquíticas. Matthews já tinha visto trigo assim nas planícies poeirentas do Centro-Oeste americano, que conhecera na infância, 50 anos antes.

— Stan — disse o Presidente.

Poklewski, que pedira a reunião e a projeção, escolheu cuidadosamente as palavras:

— Sr. Presidente, a União Soviética tem como meta este ano a produção de duzentos e quarenta milhões de toneladas métricas de cereais. Essa meta total se divide em metas específicas de cento e vinte milhões de toneladas de trigo, sessenta milhões de cevada, quatorze milhões de aveia, quatorze milhões de milho, doze milhões de centeio e os restantes vinte milhões de arroz, painço, trigo-mourisco e cereais leguminosos. O trigo e a cevada têm a proporção maior na colheita.

O assessor levantou-se e contornou a mesa, até o lugar em que ainda estava aberto o mapa da União Soviética. Taylor desligou o receptor de TV e voltou a seu lugar.

— Cerca de quarenta por cento da colheita anual soviética de cereais, aproximadamente cem milhões de toneladas, provém daqui, da Ucrânia e da região de Kuban, no sul da República Russa — continuou Poklewski, indicando as áreas no mapa. — E é tudo trigo de inverno. Ou seja, é plantado em setembro e outubro. Já alcançou o estágio de hastes

jovens em novembro, quando caem as primeiras nevascas. A neve cobre as hastes, protegendo-as das terríveis geadas de dezembro e janeiro.

Poklewski afastou-se da escrivaninha e foi até as janelas curvas que se estendiam do chão ao teto, por detrás da cadeira do Presidente. Tinha o hábito de ficar andando enquanto falava.

Um observador na Avenida Pennsylvania não pode ver o Gabinete Oval, nos fundos da pequena Ala Oeste da Casa Branca. Mas como o lado daquelas janelas viradas para o sul podia ser observado do Monumento a Washington, a cerca de 1.000 metros de distância, há muito que se havia instalado ali um vidro grosso, de 15 centímetros de espessura, à prova de balas, para prevenir a possibilidade de um atirador de tocaia no Monumento resolver arriscar um tiro de tão longe. Quando Poklewski chegou às janelas, a claridade que entrava pelo vidro tornou ainda mais pálido seu rosto já pálido.

Ele se virou e voltou, no momento, em que Matthews já se preparava para girar a cadeira, a fim de continuar a observá-lo.

— Durante os primeiros dias de dezembro último, toda a Ucrânia e a região de Kuban enfrentaram um degelo inesperado, fora de época. Isso já tinha acontecido antes, mas nunca com tal intensidade. Uma grande massa de ar quente veio do sul, passando pelo Mar Negro e pelo Bósforo e avançando pela Ucrânia e Kuban. Durou uma semana e derreteu a primeira camada de neve, com cerca de quinze centímetros de profundidade, transformando-a em água. Dez dias depois, como para compensar, o mesmo padrão meteorológico anormal assolou toda a área com geadas que iam de quinze a vinte graus centígrados abaixo de zero.

— O que não deve ter sido nada bom para o trigo — comentou o Presidente.

— Sr. Presidente — interveio Robert Benson, o Diretor da CIA — nossos melhores especialistas em agricultura calcularam que os soviéticos terão muita sorte se conseguirem salvar cinquenta por cento da colheita da Ucrânia e Kuban. Os danos foram maciços e irreparáveis.

— Quer dizer que me estavam mostrando cenas dessa área? — indagou Matthews.

— Não, senhor — respondeu Poklewski. — Esse é apenas um dos itens da reunião. Os outros sessenta por cento da colheita soviética, em torno de cento e quarenta milhões de toneladas, provêm das grandes extensões das Terras Virgens, que começaram a ser cultivadas no início da década de sessenta, com Kruschev, da região da Terra Negra, que sobe

pelos Urais. Uma pequena parcela provém do outro lado das montanhas, na Sibéria. Foi o que lhe mostramos, Sr. Presidente.

— E o que está acontecendo por lá? — perguntou Matthews.

— Algo muito estranho, senhor. Não sabemos ao certo o que é, mas algo muito estranho está acontecendo com a colheita soviética de cereais. Esses restantes sessenta por cento são do trigo de primavera, semeado em março e abril, depois do degelo. A esta altura, deveria estar bastante desenvolvido e viçoso. Mas está raquítico, esparso, esporádico, como se tivesse sido atingido por alguma espécie de calamidade.

— O tempo novamente? — indagou Matthews.

— Não, senhor. Eles tiveram um inverno e primavera úmidos na região, mas não chegou a ser nada sério. Agora o Sol já surgiu, o tempo está perfeito, quente e seco.

— E qual a amplitude dessa... dessa calamidade?

Benson interveio outra vez:

— Não sabemos, Sr. Presidente. Dispomos provavelmente de cinquenta amostras de filmes sobre esse problema específico. De um modo geral, como é natural, preferimos concentrar-nos em objetivos militares, como movimentos de tropas, novas bases de foguetes, fábricas de armamentos. Mas o que já dispomos parece indicar que a amplitude é considerável.

— E o que estão querendo agora?

— O que gostaríamos, Sr. Presidente — voltou a falar Poklewski — é de sua autorização para nos dedicarmos mais um pouco a esse problema específico, descobrir suas verdadeiras proporções para os soviéticos. Isso significa que tentaremos obter informações através de delegações de empresários e outras. Iríamos desviar uma parte considerável da vigilância espacial de tarefas não-prioritárias. Achamos que é de interesse vital para a América descobrir exatamente o que Moscou terá de enfrentar nesse setor específico.

Matthews pensou por um momento. Consultou o relógio. Dentro de 10 minutos, uma delegação de ecologistas viria cumprimentá-lo e presenteá-lo com mais uma placa. Depois, teria uma reunião com o Procurador-Geral, antes do almoço, para tratar da nova legislação trabalhista. Levantou-se.

— Muito bem, senhores, têm a minha autorização. Acho que precisamos saber o que está acontecendo. Mas quero uma resposta dentro de trinta dias.

O General Carl Taylor estava sentado na sala do sétimo andar de Robert Benson, o Diretor da CIA, dez dias depois, olhando para seu próprio relatório, anexado a diversas fotos, sobre a mesa baixa de café a sua frente.

— É muito estranho, Bob — disse ele. — Não consigo imaginar o que seja.

Benson desviou-se das imensas janelas panorâmicas, que ocupavam toda uma parede do gabinete do Diretor da CIA em Langley, na direção norte-nordeste, de onde se podiam contemplar as árvores estendendo-se na direção do invisível Rio Potomac. Como seus antecessores, ele adorava aquela vista, especialmente ao final da primavera e início do verão, quando os bosques pareciam um mar de verde viçoso. Foi sentar-se no sofá baixo, em frente a Taylor, no outro lado da mesinha.

— Meus especialistas em cereais também não conseguem entender, Carl. E não quero consultar o Departamento de Agricultura. O que quer que esteja acontecendo na Rússia, a última coisa de que precisamos é de publicidade. E se eu consultar gente de fora, tenho certeza de que a notícia estará nos jornais uma semana depois. E você conseguiu descobrir alguma coisa?

— As fotos mostram que a coisa não é pandêmica. Nem mesmo é regional. Esse é o grande enigma. Se a causa fosse climática, haveria fenômenos meteorológicos para explicá-la. Não há nenhum. Se fosse alguma doença da colheita, seria pelo menos regional. Se fosse causada por parasitas, o mesmo se aplica. Mas a incidência é totalmente irregular. Há áreas de trigo forte e saudável crescendo ao lado de acres afetados. O reconhecimento do Condor não indica nenhum padrão lógico. E você, descobriu alguma coisa?

— Concordo que é realmente ilógico. Pus dois agentes em campo, mas até agora ainda não fizeram qualquer comunicação. A imprensa soviética não fez nenhum comentário a respeito. Meus especialistas em agronomia têm examinado suas fotos até pelo avesso. Tudo o que podem dizer é que deve ser alguma coisa nas sementes ou no solo. Mas não conseguem imaginar qualquer explicação para o padrão irregular. Não se ajusta a nada conhecido. O mais importante, porém, é que tenho de apresentar ao Presidente uma estimativa para a provável colheita total soviética de cereais em setembro/outubro. E terei de fazê-lo muito em breve.

— Não há a menor possibilidade de eu conseguir fotografar todas as plantações de trigo e cevada na União Soviética, mesmo com o Condor — disse Taylor. — Levaria vários meses. Pode dar-me esse prazo?

— De jeito nenhum. Preciso de informações sobre os movimentos de tropas ao longo da fronteira da China e o que está acontecendo nas fronteiras com Turquia e Irã. Preciso de uma constante vigilância sobre as posições do Exército Vermelho na Alemanha Oriental e as bases dos novos SS-20 por detrás dos Urais.

— Neste caso, só posso fornecer uma cifra percentual, baseada no que já fotografamos e extrapolando para toda a União Soviética.

— A cifra tem de ser acurada — disse Benson. — Não quero uma repetição de 1977.

Taylor estremeceu ao pensar nisso, embora ainda não fosse o Diretor do SNR naquele ano. Em 1977, toda a máquina de informações americana fora enganada por um gigantesco golpe soviético. Ao longo do verão, os especialistas da CIA e do Departamento de Agricultura haviam informado ao Presidente que a colheita de cereais soviética ficaria em torno de 215.000.000 de toneladas métricas. Delegados agrícolas americanos em visita à Rússia haviam sido levados a campos de um trigo saudável e excepcional; mas, na verdade, esses trigais eram exceções. As análises do reconhecimento fotográfico tinham sido defeituosas. No outono, Leonid Brezhnev anunciara calmamente que a colheita soviética seria de apenas 194.000.000 de toneladas.

Em consequência, o preço da produção excedente de trigo dos Estados Unidos, para as necessidades internas, subira abruptamente, na certeza de que os russos teriam de comprar, no final das contas, em torno de 20.000.000 de toneladas. Mas já era tarde demais. Durante o verão, agindo por intermédio de companhias testas-de-ferro sediadas na França, Moscou já comprara a produção futura de trigo em quantidade suficiente para cobrir o *déficit*... e ao preço antigo, mais baixo. Chegaram mesmo a fretar espaço em graneleiros através de intermediários, orientando depois os navios já em alto-mar, a caminho da Europa Ocidental, para portos soviéticos. O caso era conhecido em Langley como “Golpe de Mestre”.

Carl Taylor levantou-se.

— Está certo, Bob, vou continuar a tirar minhas lindas fotografias.

— Carl... — A voz do Diretor da CIA deteve o general na porta. — Boas fotos não é o suficiente. A primeiro de julho, quero os Condores de volta à vigilância militar. No final do mês, dê-me as melhores estimativas que puder. Se houver alguma possibilidade de engano, que seja para o lado

da cautela. E se seu pessoal avistar qualquer coisa que possa explicar o fenômeno, trate de fotografar até à exaustão. De alguma forma, temos de descobrir que diabo está acontecendo com o trigo soviético.

Os satélites Condores do Presidente Matthews podiam ver a maioria das coisas na União Soviética, mas não podiam observar Harold Lessing, um dos três Primeiros-Secretários da Seção Comercial da Embaixada britânica em Moscou, em sua mesa de trabalho, na manhã seguinte. Provavelmente era até melhor assim, pois Lessing seria o primeiro a concordar que não era uma visão das mais edificantes. Estava extremamente pálido e sentia-se muitíssimo mal.

O principal prédio da representação britânica na capital soviética é uma mansão antiga, anterior à Revolução, dando para o Dique Maurice Thorez ao norte, de frente para o lado sul das muralhas do Kremlin, no outro lado do Rio Moscou. Nos tempos czaristas, pertencera a um milionário comerciante de açúcar. Logo depois da Revolução, fora adquirida pelos ingleses. Desde essa época o governo soviético vem tentando tirar os ingleses de lá. Stalin detestava o prédio: todas as manhãs, ao levantar, ficava profundamente irritado, ao ver das janelas dos seus aposentos particulares a bandeira inglesa tremulando à brisa matutina.

Mas a Seção Comercial não tem a sorte de estar instalada nessa elegante mansão creme e dourada. Funciona num complexo austero construído pelos militares logo depois da guerra, a três quilômetros de distância, na *Kutuzovsky Prospekt*, quase em frente ao Hotel Ucrânia, um prédio que lembra um bolo de noiva. O mesmo complexo, cujo único portão era guardado por vigilantes milicianos, contém alguns prédios de apartamentos, reservados para o pessoal diplomático de mais de 20 embaixadas estrangeiras. É chamado coletivamente de *Korpus Diplomatik* ou Conjunto dos Diplomatas.

A sala de Harold Lessing ficava no último andar do bloco de escritórios. Quando ele finalmente desmaiou, às 10:30 daquela manhã de sol de maio, foi o barulho do telefone que derrubou no tapete que alertou sua secretária, na sala vizinha. Discreta e eficientemente, ela avisou ao Conselheiro Comercial, o qual prontamente determinou que dois jovens adidos ajudassem Lessing, a esta altura já novamente consciente, mas inteiramente grogue, a deixar o prédio, atravessar o estacionamento e subir para seu apartamento no sexto andar do Korpus 6, a 100 metros de distância.

Ao mesmo tempo, o conselheiro telefonou para o prédio principal da embaixada, comunicando o incidente ao Chefe da Chancelaria e

pedindo que o médico da embaixada fosse prontamente enviado. Por volta de meio-dia, depois de examinar Lessing no apartamento dele, o médico foi conversar com o Conselheiro Comercial. Para sua surpresa, o conselheiro interrompeu-o bruscamente e sugeriu que fossem para o prédio principal da embaixada, para terem uma reunião com o Chefe da Chancelaria. Somente depois é que o médico, um clínico-geral inglês com um contrato de três anos, adido à embaixada com o posto de primeiro-secretário, compreendeu por que a providência era necessária. O Chefe da Chancelaria levou-os para uma sala especial, à prova de qualquer sistema de escuta, o que não havia na Seção Comercial.

— É uma úlcera perfurada — disse o médico aos dois diplomatas. — Aparentemente ele vinha sofrendo do que julgava ser um excesso de indigestão ácida há algumas semanas, talvez meses. Podemos atribuir à tensão. O estado sendo agravado por incontáveis tabletes antiácidos. O que é uma grande tolice. Ele deveria ter-me consultado.

— O caso exige hospitalização? — indagou o Chefe da Chancelaria, olhando para o teto.

— Claro que precisa. Creio que posso providenciar sua internação num hospital daqui em poucas horas. Os médicos soviéticos são bastante competentes nesse tipo de tratamento.

Houve um breve momento de silêncio, enquanto os dois diplomatas trocavam olhares expressivos. O Conselheiro Comercial meneou a cabeça. Os dois homens haviam pensado a mesma coisa; pela posição que ocupavam, ambos sabiam qual era a verdadeira função de Lessing na embaixada. O que já não acontecia com o médico. O conselheiro deixou o problema entregue ao Chefe da Chancelaria, que disse suavemente:

— Isso não será possível. Não no caso de Lessing. Ele terá de ser levado de avião para Helsinque, no voo da tarde. Pode dar um jeito para que ele faça a viagem sem maiores riscos?

— Mas certamente... — O médico parou de falar abruptamente. Estava compreendendo agora por que tinham precisado viajar três quilômetros para ter aquela conversa. Lessing deveria ser o chefe das operações em Moscou do Serviço de Informações Secretas. — É possível — acrescentou ele, depois de algum tempo. — Ele está em estado de choque e provavelmente perdeu meio litro de sangue. Já lhe apliquei cem miligramas de Pethidine, como um tranquilizante. Posso fazer outra aplicação às três horas da tarde. Se ele for levado de carro com motorista para o aeroporto e receber atenções especiais durante a viagem, pode conseguir chegar a Helsinque. Mas terá de ser internado imediatamente

num hospital, assim que chegar. Eu preferiria acompanhá-lo pessoalmente, só para estar certo de que tudo correrá bem. Poderia estar de volta amanhã.

O Chefe da Chancelaria levantou-se.

— Esplêndida ideia! Pode ficar dois dias por lá. E já que vai e se não se incomodar, minha esposa tem uma lista de artigos de que está precisando e não se encontram aqui. Pode fazer a gentileza? Muito obrigado. Tomarei todas as providências necessárias.

Há anos que os jornais, revistas e livros habitualmente indicavam o quartel-general do Serviço de Informações Secretas da Inglaterra, SIS ou MI-6, como sendo um determinado prédio comercial de Lambeth, em Londres. É um hábito que provoca sorrisos divertidos no pessoal da "Firma", pois o endereço de Lambeth é uma fachada diligentemente mantida.

Outra fachada similar é mantida na *Leconfield House*, na Rua Curzon, que muita gente ainda supõe ser o quartel-general do ramo de contra-espionagem, o MI-5. A manobra visa simplesmente iludir as indagações desnecessárias. Na verdade, há muitos anos que esses incansáveis caçadores de espiões não estão instalados perto do *Playboy Club*.

A verdadeira sede do mais secreto Serviço de Informações Secretas do mundo é um conjunto moderno, de aço e concreto, consignado ao Departamento do Meio Ambiente, perto de uma das principais estações ferroviárias da parte sul da capital e ocupado no início da década de 1970.

Foi em seu gabinete no último andar do prédio, com suas janelas de vidro fume dando para a torre do Big Ben e as Casas do Parlamento, no outro lado do rio, que o Diretor-Geral do SIS recebeu a notícia da doença de Lessing, logo depois do almoço. O telefonema foi dado pelo Diretor do Pessoal, através de uma das linhas internas. Ele acabara de receber a informação da sala de recepção e transmissão de mensagens em código, que funcionava no porão. Depois de escutar atentamente por algum tempo, o Diretor-Geral indagou:

— Por quanto tempo ele terá de ficar fora de ação?

— Vários meses, no mínimo. Terá de passar pelo menos duas semanas no hospital em Helsinque, depois voltará para casa a fim de continuar o tratamento. Provavelmente haverá mais várias semanas de convalescença.

— É uma pena — comentou o Diretor-Geral. — Vamos ter de substituí-lo imediatamente. — Sua vasta memória recordou-lhe que Lessing estava fazendo contato com dois agentes russos, assessores

subalternos no Exército Vermelho e no Ministério do Exterior soviético, respectivamente. Não chegavam a ser excepcionais, mas eram bastante úteis. Ele disse finalmente: — Informe-me assim que Lessing estiver em segurança em Helsinque. E providencie uma pequena lista de possíveis substitutos. Ao final da tarde, por gentileza.

Sir Nigel Irvine era o terceiro profissional do serviço de informações consecutivo a alcançar o cargo de Diretor-Geral do SIS ou a "Firma", como era mais coloquialmente conhecido na comunidade de tais organizações.

A CIA americana, uma organização muito maior, fundada e levada ao auge de seus poderes por Allen Dulles, fora finalmente colocada sob o controle de um homem de fora, o Almirante Stanfield Turner, como consequência do abuso no uso de sua força, com uma política de ação independente. Era bastante irônico que exatamente na mesma ocasião o Governo britânico finalmente adotasse uma decisão inversa, rompendo a tradição de colocar a Firma sob a direção de um diplomata veterano do *Foreign Office* e permitindo que um profissional assumisse o comando.

O risco dera bons resultados. A Firma pagara uma longa penitência pelos casos de Burgess, MacLean e Philby. Agora, Sir Nigel Irvine estava determinado a fazer com que a tradição de colocar um profissional a frente da Firma continuasse depois dele. Era por isso que tencionava ser tão rigoroso quanto seus antecessores imediatos, para impedir que surgissem agentes independentes, que só gostavam de operar sozinhos.

— O que fazemos é um serviço e não um número de trapézio — costumava dizer aos novatos em Beaconsfield. — Não estamos aqui para ganhar os aplausos do público.

Já havia anoitecido quando as três fichas chegaram à mesa de Sir Nigel Irvine. Mas ele queria definir logo a escolha e estava disposto a continuar por mais tempo em seu gabinete. Passou uma hora examinando as fichas, embora a escolha parecesse bastante óbvia. Finalmente, telefonou para o Diretor do Pessoal, que ainda estava no prédio, pedindo que fosse vê-lo. A secretária introduziu-o na sala dois minutos depois.

Como um bom anfitrião, Sir Nigel serviu um uísque com soda ao Diretor do Pessoal, a mesma coisa que estava bebendo. Não via motivos para abster-se de algumas boas coisas da vida. Seu gabinete era bem decorado e devidamente equipado, talvez para compensar as terríveis condições de combate em 1944 e 1945 e os hotéis imundos de Viena ao final dos anos 40, quando era um agente subalterno na Firma, subornando funcionários soviéticos nas áreas da Áustria ocupadas pela Rússia. Dois

dos seus recrutas desse período, "dorminhocos" durante anos, ainda estavam em atividade, pelo que podia dar-se os parabéns.

Embora o prédio do SIS fosse de estilo moderno, em aço, concreto e cromo, o gabinete do Diretor-Geral no último andar era decorado num estilo mais antigo e elegante. O papel de parede tinha uma repousante cor café-com-leite, o tapete que cobria todo o assoalho tinha a cor de laranja queimada. A escrivaninha, a cadeira alta por trás, as duas cadeiras na frente e o sofá de couro eram antiguidades autênticas.

No estoque de quadros do Departamento do Meio Ambiente, ao qual mandarins do serviço civil britânico têm acesso para a decoração das paredes de seus gabinetes, Sir Nigel pegara um Dufy, um Vlaminck e um Breughel um tanto suspeito. Ele estava de olho num pequeno mas primoroso Fragonard; infelizmente, porém, um astuto alto funcionário do Tesouro chegara primeiro.

Ao contrário do *Foreign Office*, o Ministério do Exterior, e do Departamento da Commonwealth, que cuidava das relações com a Comunidade Britânica, cujas paredes exibiam retratos a óleo de antigos Ministros do Exterior, como Canning e Grey, a Firma sempre evitara os retratos de ancestrais. De qualquer forma, quem podia imaginar que homens tão discretos quanto os sucessivos chefes de espionagem da Inglaterra haveriam de querer que suas imagens ficassem gravadas para a posteridade? Também não havia lugar para retratos de Rainha em trajes de gala, ao contrário do que acontecia na Casa Branca e em Langley, sempre repletas de fotografias autografadas do último presidente.

— O compromisso de uma pessoa de servir à Rainha e ao país não precisa de qualquer anúncio adicional neste prédio — alguém dissera certa vez a um aturdido visitante da CIA, vindo de Langley. — Se precisasse, nem mesmo estaria trabalhando aqui.

Sir Nigel afastou-se da janela e da contemplação das luzes do West End projetando-se na água.

— Não lhe parece que o homem é Munro?

— Eu diria que sim — respondeu o Diretor do Pessoal.

— Como é ele? Já li a ficha e o conheço ligeiramente. Mas gostaria que me desse o toque pessoal.

— É um tanto reservado.

— O que é ótimo.

— E um pouco retraído.

— O que já não é tão bom.

— A questão principal é o russo que ele fala. Os outros dois têm um russo bom e eficaz. Mas Munro pode passar por russo. Normalmente não o faz. Costuma falar com um sotaque moderado. Mas, quando quer, pode falar sem que qualquer pessoa seja capaz de diferenciá-lo de um russo autêntico. E num prazo tão curto, seria uma vantagem ter alguém que fale russo tão bem para o contato com Mallard e Merganser.

Mallard, pato selvagem, e Merganser, o merganso, eram os nomes em código de dois agentes de nível subalterno recrutados e dirigidos por Lessing. Os russos a serviço da Firma dentro da União Soviética geralmente recebiam os nomes de pássaros, em ordem alfabética, de acordo com a data de recrutamento. Os dois Ms eram aquisições recentes. Sir Nigel resmungou.

— Está certo. Munro é o homem. Onde ele está neste momento?

— No treinamento. Em Beaconsfield. Como instrutor do ofício.

— Quero que esteja aqui amanhã de tarde. Como Munro não é casado, provavelmente pode partir imediatamente. Não há necessidade de esperar por mais tempo. Providenciarei para que o *Foreign Office* concorde pela manhã com a designação dele, como substituto de Lessing na Seção Comercial.

Beaconsfield, em Buckinghamshire, fica perto do centro de Londres. Por isso, há anos, era um dos locais prediletos para as elegantes casas de campo dos que desfrutavam de posições privilegiadas e rendosas na capital. No início da década de 1970, a maioria das casas era a sede de seminários, retiros, cursos executivos de administração e *marketing*, até mesmo de instrução religiosa. Uma das casas alojava a Escola de Russo das Forças Armadas, sobre a qual não se fazia nenhum segredo. Outra casa, bem menor, era a escola de treinamento do SIS, que não era tão aberta assim.

O curso de Adam Munro em técnicas do ofício era bastante popular, especialmente porque quebrava a cansativa rotina de codificar e decifrar mensagens. Munro contava com o pleno interesse de sua turma e sabia disso.

— Muito bem, agora vamos tratar de alguns contratempos e a maneira como se livrar deles — disse Munro naquela manhã da última, semana do mês.

A turma estava numa expectativa silenciosa. Os procedimentos de rotina eram uma coisa, a perspectiva de uma oposição de verdade era outra muito diferente.

— É preciso pegar um pacote de um contato — continuou Munro. — Mas você está sendo seguido por agentes locais. Tem cobertura diplomática, no caso de uma prisão, mas o mesmo não acontece com o contato. Ele está completamente a descoberto, é um homem do local. Está vindo para um encontro e você não tem como detê-lo. Ele sabe que pode atrair atenção se ficar muito tempo no ponto de encontro. Por isso, só vai esperar dez minutos. O que você faz em tal situação?

— O recurso é despistar o homem que nos está seguindo — sugeriu alguém.

Munro sacudiu a cabeça.

— Não é a solução. Por um lado, você supostamente é um inocente diplomata, não um Houdini. Despiste o seguidor e irá denunciar-se como um agente experiente. Por outro lado, pode não conseguir. Se é o KGB e estiverem usando o primeiro time, não há a menor possibilidade, a não ser voltando para a embaixada. Tentem novamente.

— O jeito é abortar a missão — disse outro aluno. — Não aparecer. A segurança do contribuinte desprotegido é o mais importante.

— Está certo — disse Munro. — Mas isso deixa o contato com um pacote que ele não pode conservar por muito tempo e sem alternativa de outro encontro. — Fez uma pausa de vários segundos. — Ou será que... ?

— Há um procedimento secundário fixado no caso de um malogro da missão — sugeriu um terceiro aluno.

— Exatamente. Quando podia encontrar-se a sós com o contato, nos bons tempos de antigamente, antes de concentrarem a vigilância de rotina em você, instruiu-o sobre toda uma série de encontros alternativos, no caso de um malogro no primeiro ponto de encontro. Como é chamado esse procedimento?

— Retirada — arriscou o brilhante aluno que queria livrar-se do seguidor.

— Primeira retirada — corrigiu Munro. — Estaremos fazendo tudo isso nas ruas de Londres dentro de dois meses. Portanto, tratem de saber tudo certo. — Os alunos escreveram rapidamente por um momento. — Muito bem, vamos em frente. Você tem um segundo ponto de encontro alternativo na cidade, mas continua a ser seguido. Não tem para onde ir. O que acontece no primeiro ponto de encontro?

O silêncio foi geral. Munro deu-lhes 30 segundos, antes de continuar:

— Você não aparece por lá. De acordo com as instruções que deu ao contato, o segundo ponto de encontro é sempre um lugar em que ele

possa observá-lo a distância. Quando você sabe que ele o está observando, talvez de um terraço, talvez de um café, mas sempre distante, faça-lhe um sinal. Pode ser qualquer coisa, como coçar a orelha, assoar o nariz, largar um jornal no chão e pegá-lo de novo. O que isso significa para o contato?

— Que você está indo para o terceiro ponto de encontro, de acordo com os procedimentos definidos anteriormente — disse o Brilhante Aluno.

— Exatamente. Mas você ainda está sendo seguido. Onde ocorre esse terceiro encontro? Em que tipo de lugar?

Desta vez, ninguém quis arriscar um palpite.

— Pode ser qualquer prédio, um bar, clube, restaurante, o que preferirem, contanto que tenha a fachada tapada, a fim de que ninguém possa olhar por uma vitrine ou janela de vidro, depois de fechada a porta, para ver o que está acontecendo lá dentro. Por que um lugar assim para o encontro?

Houve uma batida rápida na porta e no instante seguinte o Chefe do Programa de Cursos enfiou a cara redonda para dentro da sala. Fez um sinal para Munro, que saiu de detrás de sua mesa e foi até a porta. Seu superior levou-o para o corredor.

— Você foi convocado — disse ele, baixinho. — O Mestre quer vê-lo. No gabinete dele, às três horas. Pode partir na hora do almoço. Bailey o substituirá nas aulas da tarde.

Munro voltou para a sala. um tanto perplexo. O Mestre era o apelido meio afetuoso e meio respeitoso que se dava ao homem que ocupava o posto de Diretor-Geral da Firma.

Um dos integrantes da turma tinha uma sugestão a apresentar:

— Para que você possa ir até a mesa do contato e pegar o pacote sem ser observado.

Munro novamente sacudiu a cabeça.

— Não é bem isso. Depois que você deixa o lugar, a oposição pode enviar um homem para interrogar os garçons. Se você se aproximar diretamente do contato, o rosto dele pode ser observado e sua identidade definida, até mesmo com base numa simples descrição. Alguém mais tem uma ideia?

— Pode usar um *drop*, um lugar combinado para se deixar uma encomenda, dentro do restaurante — propôs o brilhante aluno.

Munro sacudiu a cabeça mais uma vez.

— Não haveria tempo. O seguidor estará entrando no lugar poucos segundos depois de você. Ou talvez o contato, que chegou lá antes, não tenha encontrado desocupado o cubículo do banheiro combinado. Ou a

mesa vaga. Há muitas possibilidades de malogro. Assim, o jeito é recorrer à entrega-em-trânsito. Prestem atenção que vou descrever como funciona.

"Quando o contato recebeu o aviso no segundo ponto de encontro de que você estava sendo seguido, passou a agir de acordo com as normas previstas para tal emergência. Acertou o relógio quase até o segundo com o relógio público de mais confiança nas proximidades. Ou melhor ainda, acertou pelo serviço de hora certa da companhia telefônica. Em outro lugar, você faz a mesma coisa. "Numa hora combinada, ele já está sentado num bar ou qualquer outro lugar acertado. Lá fora, você está se aproximando na hora prevista, com uma exatidão quase que de segundos. Se você estiver adiantado, trate de retardar um pouco, endireitando os cordões dos sapatos, parando na vitrine de uma loja. Não consulte o relógio de uma maneira óbvia.

"Entre no bar no momento exato que foi combinado, fechando à porta depois de passar. No mesmo instante, o contato está de pé, a conta paga, encaminhando-se para a porta. No mínimo, vão transcorrer pelo menos cinco segundos antes que a porta se abra novamente e o seguidor entre. Você passa roçando pelo contato a meio metro da porta, certificando-se de que está fechada para bloquear a visão. Na passagem, você entrega ou recebe a encomenda. E depois continua até uma mesa vaga ou um banco no bar. A oposição estará entrando segundos depois. O contato passa pelo seguidor e desaparece. Mais tarde, os empregados do bar irão declarar que você não falou com ninguém, não se aproximou de ninguém. Não parou na mesa de ninguém, assim como ninguém parou na sua. Você está com o pacote num bolso interno do casaco, termina de tomar seu drinque e volta para a embaixada. A oposição, esperançosa, irá informar que você não fez contato com ninguém durante todo o passeio.

"Isso é a entrega-em-trânsito... e isso é a sineta da hora do almoço.

No meio da tarde, Adam Munro estava fechado na biblioteca de segurança da Firma, no subsolo do prédio do quartel-general, começando a examinar uma pilha de pastas. Dispunha de apenas cinco dias para aprender e gravar na memória informações suficientes que lhe permitissem assumir o lugar de Harold Lessing como "residente legal" da Firma em Moscou.

No dia 31 de maio, Adam Munro voou de Londres para Moscou, a fim de assumir seu novo posto.

Munro passou a primeira semana se instalando. Para todos os funcionários da embaixada, à exceção de uns poucos devidamente informados, era apenas um diplomata profissional e o substituto enviado

às pressas para o lugar de Harold Lessing. O Embaixador, o Chefe da Chancelaria, o Chefe da Seção de Mensagens Codificadas e o Conselheiro Comercial sabiam qual era sua verdadeira função. O fato de estar com uma idade relativamente avançada, 46 anos, para ainda ser primeiro-secretário na Seção Comercial era explicado por ter entrado bem tarde no serviço diplomático.

O Conselheiro Comercial assegurou-lhe que o trabalho de cobertura que lhe seria encaminhado era o mais simples possível, não absorvendo muito tempo. Ele teve um encontro rápido e formal com o Embaixador, no gabinete deste, tomou um drinque mais informal com o Chefe da Chancelaria. Foi apresentado a quase todos os funcionários da embaixada e levado a uma ronda de recepções diplomáticas, a fim de conhecer outros diplomatas das embaixadas ocidentais. Teve também um encontro a sós e mais profissional com seu equivalente na Embaixada americana. "Os negócios", como lhe disse o homem da CIA, estavam tranquilos.

Embora qualquer membro da Embaixada britânica em Moscou ficasse visivelmente deslocado se não falasse russo, Munro manteve o seu uso da língua a uma versão formal e com um sotaque carregado, tanto em contato com seus colegas como ao falar com as autoridades russas, no processo de sua apresentação. Numa recepção, dois funcionários do Ministério do Exterior soviético travaram um diálogo rápido e coloquial em russo, a poucos passos dele. Munro compreendeu tudo; como a conversa tinha algum interesse, transmitiu-a para Londres.

No seu décimo dia em Moscou, sentou-se num banco no parque amplo diante da Exposição de Realizações Econômicas da União Soviética, num subúrbio ao norte de Moscou. Estava esperando para fazer seu primeiro contato com o agente no Exército Vermelho, junto a quem iria substituir Lessing.

Munro nascera em 1936, filho de um médico de Edinburgo. Sua infância, durante os anos da guerra, fora convencional, de classe média, tranquila, feliz. Cursara uma escola local até 13 anos e depois passara cinco anos na Academia Fettes, um dos melhores colégios da Escócia. Foi nessa época que seu professor de línguas estrangeiras percebera nele um ouvido excepcional para aprendê-las.

Em 1954, com o serviço militar obrigatório, Munro ingressara no Exército. Depois do treinamento básico, conseguira um lugar no antigo regimento de seu pai, o *Gordon Highlanders*. Transferido para Chipre, ao

final do verão estava em operações contra os guerrilheiros da EOKA, nas Montanhas Troodos.

Sentado no parque em Moscou, ainda podia ver, nos olhos da mente, a pequena casa de fazenda. Os soldados britânicos haviam passado a metade da noite rastejando pelo mato, a fim de cercar a casa, em decorrência do aviso de um informante. Quando a madrugada surgiu, Munro foi postado sozinho no fundo de uma ravina escarpada, por trás da casa no alto da colina. Os demais homens do seu pelotão atacaram a casa pela frente, logo depois do amanhecer, subindo pela encosta mais suave, com o Sol pelas costas.

Lá em cima, no outro lado da colina, Munro podia ouvir o matraquear das metralhadoras, na manhã amena. Junto com os primeiros raios do Sol, ele avistou dois vultos pulando pelas janelas nos fundos da casa, imersos na sombra. Desceram pela encosta íngreme e um momento depois estavam além da sombra da casa. Os dois seguiram direto para o lugar em que Munro estava, agachado por detrás de uma oliveira caída, na sombra de um bosque. As pernas de ambos se movimentavam grotescamente, no esforço para manter o equilíbrio na difícil descida. Foram chegando mais e mais perto, e Munro pôde ver que um deles tinha na mão direita o que parecia ser um bastão curto e preto. Mesmo que ele tivesse gritado, Munro disse mais tarde a si mesmo, os dois não teriam conseguido conter o impulso. Mas não disse tal coisa a si mesmo na ocasião. O treinamento prevaleceu; simplesmente levantou-se, quando os dois homens estavam a cerca de 15 metros de distância, e disparou duas rajadas curtas e letais.

O impacto das balas levantou os dois, um depois do outro, conteve o impulso deles e jogou-os contra os arbustos ao pé da encosta. Enquanto uma fumaça azulada de cordite saía pelo cano de sua metralhadora, ele avançou para dar uma olhada nos dois homens. Teve a sensação de que estava prestes a vomitar ou desmaiar. Mas acabou não sentindo nada, apenas uma curiosidade apática. Olhou para os rostos. Não passavam de rapazes, mais moços do que ele, que tinha apenas 18 anos.

O sargento aproximou-se correndo pelo bosque de oliveiras.

— Muito bem, rapaz! — gritou ele. — Conseguiu acertá-los!

Munro contemplou os corpos dos dois rapazes, que jamais casariam nem teriam filhos, nunca mais dançariam o *bouzouki* nem sentiriam o calor do Sol e do vinho. Um deles ainda estava segurando o bastão preto; era um salsichão. Um pedaço saía pela boca. Os dois estavam

comendo quando eles haviam atacado. Munro virou-se para o sargento, gritando:

— Você não é meu dono! Não manda em mim! Ninguém manda em mim!

O sargento atribuiu a explosão de Munro ao nervosismo natural de quem matava pela primeira vez e por isso não a incluiu em seu relatório. O que talvez fosse um erro. Porque as autoridades superiores deixaram de perceber que Adam Munro não era totalmente obediente, não era 100% obediente. Nunca mais seria.

Seis meses depois, disseram-lhe que poderia considerar-se um oficial em potencial e que deveria prolongar sua permanência no Exército para três anos, a fim de poder sair como oficial da reserva. Já cansado de Chipre, Munro aceitou a sugestão e foi transferido para a Inglaterra, a fim de cursar a Escola de Cadetes, em Eaton Hall. Três meses depois era segundo-tenente.

Enquanto passava o tempo fazendo ordem-unida em Eaton Hall, Munro comentou que falava fluentemente alemão e francês. Certo dia, foi testado nas duas línguas e verificou-se que sua alegação era verdadeira. Pouco depois de terminar o curso de oficial, sugeriram-lhe que poderia candidatar-se ao curso de língua russa das Forças Armadas, que naquele tempo ficava num quartel conhecido como Pequena Rússia, em Bodmin, na Cornualha. A alternativa era um posto regimental num quartel da Escócia, e por isso ele aceitou. Terminara o curso seis meses depois, não apenas fluente em russo, mas também virtualmente capaz de passar por um russo.

Em 1957, apesar de considerável pressão do regimento para que ficasse, Munro deixou o Exército, pois decidira que queria ser correspondente estrangeiro. Conhecera alguns em Chipre e achava que seria preferível a algum trabalho de escritório. Aos 21 anos, começou a trabalhar em *The Scotsman*, na sua cidade natal de Edimburgo, como foca. Dois anos depois, foi transferido para Londres, onde logo foi contratado pela *Reuter*, a agência noticiosa internacional com sede na Rua Fleet, 85. No verão de 1960, seu conhecimento de línguas novamente o ajudou. Estava com 24 anos e foi designado para o escritório da *Reuter* em Berlim Ocidental, como segundo homem do chefe, o falecido Alfred Kluehs.

Foi no verão anterior à construção do Muro. Três meses depois, Munro conheceu Valentina, a mulher que sabia agora ser a única que jamais iria amar em sua vida.

Um homem sentou-se ao lado dele e tossiu. Munro foi arrancado bruscamente de seu devaneio. Ensinando as técnicas do ofício a noviços uma semana, disse ele a si mesmo, e esquecendo as regras básicas 15 dias depois. Nunca se devia afrouxar a atenção antes de um contato.

O russo fitou-o com uma expressão de quem não estava entendendo, pois Munro usava a gravata de bolinhas combinada. Lentamente, o russo pôs um cigarro na boca, sem desviar os olhos de Munro. É um tanto banal, mas ainda funciona, pensou Munro, tirando o isqueiro do bolso e estendendo a chama para a ponta do cigarro.

— Ronald desmaiou em sua mesa de trabalho há duas semanas — disse Munro calmamente, falando baixinho. — Um caso de úlcera perfurada. Sou Michael. Vim substituí-lo. E talvez possa até me ajudar. É verdade que a torre de TV de Ostankino é a estrutura mais alta de Moscou?

O oficial russo à paisana soprou a fumaça e relaxou. As palavras eram exatamente as que haviam sido acertadas com Lessing, a quem ele conhecia como Ronald.

— É, sim. Tem quinhentos e quarenta metros de altura.

Ele tinha um jornal dobrado na mão, que pôs no banco entre os dois. A capa dobrada de Munro escorregou dos seus joelhos para o chão. Ele pegou-a, tornou a dobrá-la, colocou-a em cima do jornal. Os dois homens se ignoraram por uns 10 minutos, enquanto o russo fumava. Finalmente o russo se levantou e apagou a ponta do cigarro no chão com a ponta do pé, inclinando-se ao fazê-lo.

— Dentro de duas semanas, a contar de hoje — murmurou Munro. — O banheiro dos homens, na quadra G do Novo Circo do Estado. Durante o número do palhaço Popov. O espetáculo começa às sete e meia.

O russo afastou-se, continuando em seu aparente passeio. Munro ficou observando o local calmamente por mais 10 minutos. Ninguém demonstrou qualquer interesse. Ele pegou a capa, o jornal e o envelope pardo que estava dentro e voltou de metrô para a Kuiuzovsky Prospekt. O envelope continha uma relação atualizada da movimentação de oficiais do Exército Vermelho.

2

Enquanto Adam Munro trocava de trem na Praça da Revolução pouco antes das 11 horas da manhã de 10 de junho, um comboio de uma dúzia de limusines Zil, pretas e lustrosas, estava passando pelo Portão Borovitsky, na muralha do Kremlin, 30 metros acima dele e 400 metros a sudoeste. O *Politburo* soviético estava prestes a iniciar uma reunião que iria mudar o curso da História.

O Kremlin é um complexo triangular, com seu ápice, dominado pela Torre Sobakin, apontando para o norte. Em todos os lados, é protegido por uma muralha de 15 metros, com 18 torres e o acesso através de quatro portões.

Os dois terços meridionais do triângulo é a área turística, por onde desfilam grupos dóceis de turistas, admirando as catedrais e palácios dos czares há muito mortos. Na metade do triângulo, há uma faixa vazia de macadame, constantemente patrulhada por guardas, uma linha divisória invisível que os turistas não podem ultrapassar. Mas o comboio de limusines quase artesanais passou naquela manhã por esse espaço aberto, na direção dos três prédios na parte norte do Kremlin.

O menor desses três prédios é o Teatro Kremlin, no lado leste. Meio exposto e meio oculto por trás do teatro fica o prédio do Conselho de Ministros, aparentemente a sede do governo, na medida que os ministros ali se encontram. Mas o verdadeiro governo da União Soviética não está no Conselho de Ministros e sim no *Politburo*, o grupo pequeno e exclusivo que constitui o pináculo do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

O terceiro prédio é o maior. Fica no lado oeste, logo atrás das fortificações da muralha, dando para os Jardins Alexandrovsky. O formato é um retângulo comprido e estreito, virado para o norte. A extremidade sul é o antigo Arsenal, um museu de armas antigas. Mas logo depois do Arsenal, as paredes interiores estão bloqueadas. Para se alcançar a parte superior, é preciso chegar pelo exterior, passando por uma barreira de ferro, que se estende por todo o espaço entre o prédio do Conselho de Ministros e o Arsenal. As limusines que penetraram no Kremlin naquela manhã foram parar ao lado da entrada superior do prédio secreto.

O formato da parte superior do Arsenal é um retângulo oco; a parte interna é um pátio na direção norte-sul, dividindo o complexo em dois blocos ainda mais estreitos, de apartamentos e escritórios. Há quatro andares, incluindo os sótãos. Na metade do bloco de escritórios a leste, no terceiro andar, dando apenas para o pátio e ao abrigo de olhos curiosos, fica a sala em que o *Politburo* se reúne todas as manhãs de quita-feira, para decidir o destino de 250.000.000 de cidadãos soviéticos e dezenas de milhões de outras pessoas, que gostam de pensar que vivem além das fronteiras do império russo.

Porque é de fato um império. Embora em teoria a República Russa seja uma das 15 repúblicas que constituem a União Soviética, na verdade a Rússia dos Czares, antigos ou modernos, domina as outras 14 repúblicas não-russas com mão de ferro. Os três instrumentos que a Rússia usa e precisa para efetivar seu domínio são: o Exército Vermelho, incluindo como sempre a Marinha e a Força Aérea; o Comitê de Segurança do Estado ou KGB, com seus 100.000 agentes, 300.000 soldados e 600.000 informantes; e a Seção de Organizações do Partido, do Secretariado-Geral do Comitê Central, controlando os quadros partidários em todos os locais de trabalho, pensamento, descanso, estudo e lazer, do Ártico às colinas da Pérsia, dos arredores de Brunswick às praias do Mar do Japão. E isso é apenas a parte interior do império.

A sala em que o *Politburo* se reúne, no Prédio do Arsenal do Kremlin, tem cerca de 15 metros de comprimento e oito metros de largura, não sendo, portanto, muito grande para o imenso poder que ali se concentra. É decorada no estilo pesado, com muito mármore, preferido pelos donos do Partido, sendo dominada por uma mesa comprida, coberta por baeta verde. A mesa tem o formato de um T.

Aquela manhã de 1 de junho de 1982 era excepcional, pois os membros do *Politburo* não haviam recebido qualquer agenda do encontro, apenas a convocação. Os homens que se espalharam em torno da mesa, a fim de ocupar seus lugares, podiam sentir, com seu faro coletivo excepcional para o perigo, o fator que levara todos ao pináculo, que algo da maior importância estava no ar.

Sentado no ponto central da parte superior do T, em sua cadeira habitual, estava o chefe de todos eles, Maxim Rudin. Ostensivamente, a superioridade dele estava no título de Presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Mas nada, à exceção do tempo, é totalmente o que parece, na Rússia. Seu verdadeiro Poder provinha de outro título, o de

Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética. Como tal, ele era também Presidente do Comitê Central e Presidente do Politburo.

Aos 71 anos, era áspero, sorumbático e imensamente astucioso; se não possuísse esse último atributo, jamais teria ocupado a cadeira que outrora sustentara Stalin (que raramente convocava reuniões do Politburo), Malenkov, Kruschev e Brezhnev. À esquerda e à direita, estava ladeado por quatro secretários do seu próprio secretariado pessoal, homens que lhe eram pessoalmente leais, acima de tudo. Por trás dele, nos dois cantos da parede norte da sala, havia uma pequena mesa. Numa delas sentavam-se dois estenógrafos, um homem e uma mulher, com a função de anotar todas as palavras que fossem ditas na reunião. Na outra mesa, como medida de precaução, dois homens estavam sentados, inclinados sobre os carreteis de um gravador a girar lentamente. Havia um gravador de reserva para ser usado nos momentos de troca de carretel.

O Politburo tinha 13 membros. Os outros 12 estavam postados ao longo da haste da mesa em forma de T, seis de cada lado, tendo a sua frente blocos de anotações, garrafas com água e cinzeiros. Na extremidade daquela parte da mesa havia uma única cadeira. Os homens do Politburo se contaram, para terem certeza de que ninguém estava faltando. Pois o lugar vago era a Cadeira Penal, ocupada apenas por um homem em seu último aparecimento naquela sala, um homem obrigado a ouvir acusações de antigos colegas, um homem enfrentando a desgraça, a ruína e outrora, há não muito tempo, a morte na Muralha Negra de Lubyanka. O costume sempre fora o de retardar a entrada do condenado, para que, ao chegar, encontrasse todos os lugares ocupados e vaga apenas a Cadeira Penal. É só então que ele sabe que caiu em desgraça. Naquela manhã, porém, a Cadeira Penal estava vazia. E todos estavam presentes.

Rudin recostou-se em sua cadeira e contemplou os 12 homens, através dos olhos semicerrados, a fumaça do inevitável cigarro se elevando diante de seu rosto. Ainda era adepto do velho cigarro russo, metade de tabaco e metade um tubo de papelão fino, com duas aberturas, entre os dedos e a extremidade, para filtrar a fumaça. Os assessores haviam sido instruídos a lhe passar um cigarro depois de outro e os médicos a ficar de boca fechada.

A sua esquerda, na haste do T, estava Vassili Petrov, de 49 anos, seu protegido e bastante jovem para o cargo que ocupava, de Chefe da Seção de Organizações do Partido, do Secretariado-Geral do Comitê Central. Podia contar com ele na crise que se avizinhava. Ao lado de Petrov estava o veterano Ministro do Exterior, Dmitri Rykov, que ficaria a seu lado,

porque não tinha outro lugar para ir. Em seguida estava Yuri Ivanenko, magro e implacável em seus 53 anos, sobressaindo em seu elegante terno feito em Londres, como se ostentasse sua sofisticação para um grupo de homens que odiavam todas as formas de ocidentalização. Escolhido pessoalmente por Rudin para ser o chefe do KGB, Ivanenko também ficaria de seu lado simplesmente porque a oposição viria de setores que odiavam Ivanenko e tudo fariam para destruí-lo.

No outro lado da mesa estava sentado Yefrem Vishnayev, também jovem para o cargo, como metade do Politburo pós-Brezhnev. Aos 55 anos, era o teórico do Partido, frugal, ascético, desaprovador, o terror dos dissidentes e divergentes, guardião da pureza marxista e consumido por uma aversão patológica ao capitalismo ocidental. Rudin sabia que a oposição viria daquele lado. Ao lado de Vishnayev estava o Marechal Nikolai Kerensky, de 63 anos, Ministro da Defesa e comandante do Exército Vermelho. Ele iria para onde o levassem os interesses do Exército Vermelho.

Restavam sete homens, inclusive Komarov, o responsável pela agricultura soviética, extremamente pálido, porque sabia, assim como Rudin e Ivanenko, o que estava para acontecer. O chefe do KGB não traía qualquer emoção e os demais não sabiam.

E começou quando Rudin gesticulou para um dos homens da guarda pretoriana do Kremlin, postado na porta na outra extremidade da sala, para admitir a pessoa que esperava lá fora, trêmula e apavorada.

— Deixe-me apresentar-lhes o Professar Ivan Ivanovich Yakovlev, Camaradas — disse Rudin, enquanto o homem avançava timidamente até a extremidade da mesa e parava, à espera, as mãos úmidas de suor segurando seu relatório. — O Professor é nosso agrônomo sênior e especialista em cereais do Ministério da Agricultura, além de membro da Academia de Ciências. Tem um relatório que merece nossa atenção. Pode falar, Professor.

Rudin, que lera o relatório vários dias antes, na privacidade de seu gabinete, recostou-se novamente na cadeira e olhou por cima da cabeça do homem, para o teto distante. Ivanenko acendeu cuidadosamente um cigarro de filtro ocidental. Komarov franziu as sobrancelhas e ficou contemplando as mãos. O professor limpou a garganta.

— Camaradas... — disse ele, hesitante. Ninguém discordou da classificação. Respirando fundo, o cientista baixou os olhos e concentrou-se em seu relatório. — Em dezembro e janeiro últimos, nossos satélites meteorológicos de previsões a longo prazo calcularam que teríamos um

inverno, e início de primavera excepcionalmente úmidos. Em decorrência e de acordo com a prática científica habitual, ficou decidido no Ministério da Agricultura que nossas sementes de cereais para o plantio da primavera deveriam ser revestidas por uma cobertura profilática, a fim de impedir as infecções fungosas que provavelmente seriam prevalentes, como resultado da umidade. Isso já tinha sido feito muitas vezes antes.

"A cobertura escolhida tinha um objetivo duplo, um composto à base de mercúrio para impedir o ataque fungoso sobre as sementes em germinação e ao mesmo tempo de um pesticida e repelente de pássaros, chamado lindano. O comitê científico concordou que a União Soviética, em decorrência dos danos irreparáveis causados pelas geadas à colheita do trigo de inverno, precisaria de pelo menos cento e quarenta milhões de toneladas da colheita de cereais de primavera. Para isso, seria necessário semear seis milhões e duzentos e cinquenta mil toneladas de sementes.

Todos os olhos estavam agora concentrados nele, ninguém se mexia. Os membros do Politburo podiam farejar um perigo a um quilômetro de distância. Somente Komarov, o responsável pela Agricultura, continuava a olhar para a mesa, visivelmente desesperado. Diversos olhos fitaram-no rapidamente, pressentindo sangue. O professor engoliu em seco e continuou:

— A uma média de cinquenta e cinco gramas do composto de proteção por tonelada de sementes, iríamos precisar de um total de trezentos e cinquenta toneladas. Dispúnhamos de apenas setenta toneladas em estoque. Foi imediatamente despachada uma ordem para a fábrica do composto em Kuibyshev para iniciar a produção das duzentas e oitenta toneladas necessárias.

— Só existe uma fábrica? — indagou Petrov.

— Só uma, Camarada. As tonelagens necessárias não justificam a construção de outras fábricas. A fábrica de Kuibyshev é um grande complexo químico, fabricando muitos inseticidas, herbicidas, fertilizantes e outros produtos. A produção das duzentas e oitenta toneladas do composto químico necessário não levaria mais do que quarenta horas.

— Continue — ordenou Rudin.

— Em decorrência de uma confusão nas comunicações, a fábrica estava no período anual de manutenção e o tempo era cada vez mais curto para a distribuição pelos cento e vinte e sete postos espalhados pela União Soviética, tratamento das sementes e remessa para as milhares de fazendas do Estado e coletivas a tempo de fazer o plantio. Assim, um jovem e ativo funcionário do Ministério e membro do Partido foi enviado de Moscou

para acelerar a entrada em produção. Ao que parece, ele ordenou que os operários terminassem o que estavam fazendo, pusessem a fábrica em condições de funcionamento e iniciassem imediatamente a produção.

— E ele não conseguiu com que tudo fosse feito a tempo? — indagou o Marechal Kerensky, asperamente.

— Não, Camarada Marechal. A fábrica voltou a funcionar, embora os engenheiros de manutenção ainda não tivessem concluído seus trabalhos. Mas algo apresentou um defeito. Uma válvula de funil. O lindano é um composto químico extremamente forte e sua dosagem deve ser rigorosamente regulada. A válvula de funil do lindano, embora registrasse um terço no painel de controle, estava na verdade emperrada e completamente aberta. Todas as duzentas e oitenta toneladas do protetor foram afetadas.

— E o controle de qualidade não indicou esse problema? — indagou um dos membros do Politburo, que nascera numa fazenda.

O professor engoliu em seco novamente, desejando poder ir logo para o exílio na Sibéria, deixando aquela tortura para trás.

— Houve uma combinação de coincidências e erros — confessou ele. — O químico responsável pela análise e controle de qualidade estava de férias em Sochi, durante o período de paralisação da fabrica. Foi chamado de volta por telegrama. Mas por causa do nevoeiro na área de Kuibyshev, seu avião foi pousar em outro local e ele completou a viagem de trem. Quando finalmente chegou, a produção já estava concluída.

— Quer dizer que o composto protetor não foi testado? — indagou Petrov, com uma expressão de incredulidade.

O professor parecia mais desesperado do que nunca.

— O químico insistiu em fazer os testes de controle de qualidade. O jovem funcionário de Moscou queria que toda a produção fosse despachada imediatamente. Houve uma discussão. Ao final, chegou-se a um acordo. O químico queria testar cada décimo de saco composto protetor, num total de vinte e oito. O funcionário insistiu que só poderia ter um. E foi então que ocorreu o terceiro erro.

“Os novos sacos haviam sido empilhados junto com o estoque de setenta toneladas que sobraram do ano anterior. No depósito, um dos carregadores, recebendo a ordem de levar um único saco para o laboratório, escolheu justamente um dos sacos antigos. Os testes demonstraram que o composto protetor estava perfeitamente em ordem e toda a produção foi imediatamente despachada.

Ele terminou seu relatório. Não havia mais nada a dizer. Poderia ter tentado explicar que uma combinação de três erros — um defeito mecânico, um erro de julgamento entre dois homens sob pressão e uma negligência de um carregador — havia criado uma verdadeira catástrofe. Mas isso não era função sua e não pretendia apresentar desculpas esfarrapadas para outros homens. O silêncio na sala era opressivo.

Vishnayev interrompeu num tom extremamente frio, indagando:

— Qual é exatamente o efeito do excesso de lindano no composto protetor?

— Camarada, causa um efeito tóxico contra a semente em germinação no solo, ao invés de ter um efeito protetor. As plantas, quando nascem, são raquíticas, esparsas, salpicadas de marrom. Não há praticamente qualquer colheita de grãos das hastes afetadas.

— E quanto do plantio de primavera foi afetado? — perguntou Vishnayev, sempre friamente.

— Em torno de quatro-quintos, Camarada. As setenta toneladas em estoque estavam perfeitas. As duzentas e oitenta toneladas do composto produzidas agora foram totalmente afetadas pelo defeito na válvula.

— E o composto tóxico foi misturado com as sementes que foram plantadas?

— Isso mesmo, Camarada.

Dois minutos depois, o professor foi dispensado, de volta a sua privacidade e esquecimento. Vishnayev virou-se para Komarov.

— Perdoe minha ignorância, Camarada, mas parece-me que deveria ter algum conhecimento anterior desse caso. O que aconteceu com o funcionário que foi responsável por esse... transtorno?

Na verdade, a palavra que ele usou não foi transtorno, mas sim uma expressão russa vulgar para designar o que os cachorros costumam deixar nas calçadas. Ivanenko interveio:

— Ele está em nossas mãos. Assim como o químico que abandonou seu posto, o carregador, que tem uma inteligência excepcionalmente inferior, e os engenheiros de manutenção, que alegam terem pedido e recebido instruções por escrito para suspenderem seu trabalho, antes de haverem terminado.

— E esse funcionário já falou? — perguntou Vishnayev. Ivanenko pensou por um momento no homem todo arrebentado que estava numa cela nos porões de Lubyanka.

— Falou... e muito.

— E ele é um sabotador, um agente fascista?

— Não — respondeu Ivanenko, soltando um suspiro. — É apenas um idiota, um ambicioso querendo demonstrar um zelo excessivo no cumprimento de suas ordens. A esta altura, já conhecemos o crânio do homem até por dentro.

— Só mais uma pergunta, para que todos possamos estar, certos das dimensões do problema. — Vishnayev virou-se para o aflito Komarov. — Já sabemos que conseguiremos salvar cinquenta milhões de toneladas dos cem milhões previstos dos cereais de inverno. Quanto iremos conseguir do trigo e cereais de primavera, em outubro próximo?

Komarov olhou para Rudin, que assentiu imperceptivelmente.

— Da meta de cento e quarenta milhões de toneladas para o trigo e outros cereais plantados na primavera, não podemos esperar conseguir mais do que cinquenta milhões de toneladas.

Todos ficaram em silêncio, num horror atordoado. Petrov finalmente murmurou:

— Isso significa que teremos apenas um total de cem milhões de toneladas das duas colheitas. Ou seja, um *déficit* nacional de cento e quarenta milhões de toneladas. Poderíamos absorver um *déficit* de cinquenta milhões, até mesmo de setenta milhões. Já o conseguimos antes, suportando a escassez e comprando tudo o que havia disponível no exterior. Mas isso...

Rudin encerrou abruptamente a reunião:

— Temos diante de nós um problema maior do que todos os que já enfrentamos, nisso incluindo o imperialismo chinês e americano. Proponho que a reunião seja suspensa e procuremos soluções separadamente. Não é preciso dizer que a notícia não pode passar além dos que estão presentes nesta sala. Nossa próxima reunião será dentro de uma semana, a contar de hoje.

Enquanto os 13 homens e os quatro assessores no alto da mesa se levantavam, Petrov virou-se para o impassível Ivanenko e murmurou:

— Isso não representa uma escassez, mas sim a fome em larga escala.

Os membros do Politburo soviético desceram para suas limusines Zil com motorista, ainda absorvendo a informação de que um mirrado professor de Agronomia acabara de colocar uma bomba-relógio debaixo de uma das duas superpotências do mundo.

Os pensamentos de Adam Munro, uma semana depois, no Teatro Bolshoi, na Karl Marx Prospekt, não estavam na guerra, mas sim no

amor... e não era pela excitada secretária da Embaixada que estava sentada a seu lado e o persuadira a levá-la ao balé.

Munro não era um grande fã de balé, embora admitisse que gostava um pouco da música. Mas a graciosidade dos *entrechats* e *foueties*... ou pulos e pinotes, como ele chamava... deixava-o indiferente. No segundo ato de Giselle, que era o espetáculo apresentado naquela noite, os pensamentos dele já tinham voltado a Berlim.

Fora uma paixão maravilhosa, o tipo de amor que só se encontra uma única vez na vida. Ele tinha 24 anos, beirando os 25, ela estava com 18 anos, era morena e linda. Por causa do emprego dela, tinham de conduzir o caso em segredo, encontrando-se furtivamente em ruas escuras, nas quais ele a pegava em seu carro e levava para seu pequeno apartamento na extremidade oeste de Charlottenburg, sem que ninguém os visse. Eles se amavam e conversavam, ela preparava o jantar e depois se amavam de novo.

A princípio, a natureza clandestina da ligação, como pessoas casadas que escapavam do mundo e dos respectivos cônjuges, acrescentara um sabor picante à paixão dos dois. Mas no verão de 1961, quando os bosques de Berlim estavam exuberantes de folhas e flores, quando havia barcos nos lagos e se podia nadar nas praias, o amor clandestino se tornara restrito e frustrante. Foi nessa ocasião que Munro propôs que se casassem e ela quase concordou. E poderia ter concordado depois, se não fosse pelo Muro. Foi concluído a 14 de agosto de 1961, mas uma semana antes já era óbvio que seria erguido.

E foi então que ela tomou uma decisão e se amaram pela última vez. Disse a Munro que não podia abandonar seus pais ao que inevitavelmente lhes aconteceria, a desgraça, a perda do cargo de confiança do pai, o apartamento que a mãe adorava e pelo qual esperara por muitos anos, através dos anos terríveis do pós-guerra. Não podia destruir as possibilidades do irmão caçula de conseguir uma boa educação e ter um futuro; e, por fim, ela não podia suportar a ideia de saber que nunca mais tornaria a ver sua amada pátria.

E assim ela partiu. Munro ficou observando das sombras, enquanto ela se esgueirava de volta ao Leste, pelo último trecho do Muro que ainda não fora concluído, triste, solitária, desolada... mas muito, muito bonita.

Ele jamais tornara a vê-la e nunca a mencionara a ninguém, guardando a recordação dela com uma discrição escocesa. Jamais revelara que amara e ainda amava uma jovem russa chamada Valentina, que fora secretária-estenógrafa da delegação soviética à Conferência das Quatros

Potências em Berlim. E isso, como Munro perfeitamente sabia, era contrário a todos os regulamentos.

Depois de Valentina, Berlim se tornara uma cidade totalmente insípida. Um ano depois, a *Reuter* transferiu-o para Paris. Passou dois anos ali, antes de voltar a Londres, para trabalhar na matriz da agência, na Rua Fleet. E foi lá que um civil que conhecera em Berlim, um homem que trabalhara no quartel-general britânico no antigo estádio olímpico de Hitler, procurou-o para renovar o contato. Houve um jantar, com a presença de um terceiro homem. O conhecido de Berlim pediu licença e se retirou, logo depois do café. O desconhecido era amistoso e cauteloso. Mas no segundo conhaque explicou o motivo de sua presença, com uma timidez que desarmou Munro:

— Alguns dos meus companheiros na Firma gostariam de saber se nos poderia prestar um pequeno serviço.

Foi a primeira vez que Munro ouviu falar no termo "a Firma". Mais tarde, ficaria bastante familiarizado com o jargão. Para os que estavam enfronhados na aliança anglo-americana dos serviços de informações secretas, uma aliança estranha e cautelosa, mas em última análise vital, o SIS era sempre chamado de "a Firma". Para seus membros, os homens do serviço de contra-espionagem, o MI-5, eram "os Colegas". A CIA, em Langley, Virgínia, era "a Companhia" e seus membros "os Primos". No outro lado, funcionava "a Oposição", cujo quartel-general ficava na Praça Dzerzhinsky, 2, em Moscou, que tinha esse nome em homenagem ao fundador da antiga Cheka, Feliks Dzerzhinsky, o chefe da polícia secreta de Lenine. Esse prédio seria sempre conhecido como "o Centro" e todo o território a leste da Cortina de Ferro como "o Bloco".

O encontro no restaurante de Londres foi em dezembro de 1964, e a proposta, confirmada posteriormente num pequeno apartamento em Chelsea, era a de "uma pequena viagem ao Bloco". Ele fez a viagem na primavera de 1965, ostensivamente para realizar a cobertura da Feira de Leipzig, na Alemanha Oriental. Foi uma missão angustiante.

Ele partiu de Leipzig na hora certa, seguindo de carro para o ponto de encontro em Dresden, perto do Museu Albertinium. O pacote no bolso interno do casaco parecia pesar tanto quanto cinco Bíblias e tinha a impressão de que todos o olhavam. O oficial do Exército da Alemanha Oriental que sabia onde os russos estavam instalando seus foguetes táticos, nas colinas da Saxônia, apareceu com meia hora de atraso. A esta altura, Munro estava absolutamente convencido de que dois membros da Polícia do Povo o estavam vigiando. A troca de pacotes transcorreu sem maiores

problemas, entre as moitas do parque próximo. Munro voltou a seu carro e partiu para sudoeste, na direção da Encruzilhada Gera e do posto na fronteira bávara. Nos arredores de Dresden, um motorista batera em seu carro quase de frente, apesar de ele estar na mão correta. Munro nem mesmo teve tempo de transferir o pacote para o esconderijo entre a mala e o banco traseiro. Ainda estava no bolso interno de seu blazer.

Passou duas horas terríveis numa delegacia de polícia, a todo instante esperando a ordem:

— Esvazie os bolsos, por favor, *Mein Herr*.

Tinha no bolso o suficiente para valer-lhe 25 anos no campo de trabalhos forçados de Potma. Mas finalmente deram-lhe permissão para ir embora. E nesse momento descobriu que a bateria do carro estava descarregada, e o veículo precisando ser empurrado por quatro guardas da Polícia do Povo para que pegasse.

Uma das rodas da frente guinchava insuportavelmente, de um mancal partido. Sugeriram que passasse a noite na cidade, para que fosse efetuado o conserto. Munro alegou que o prazo do seu visto terminava à meia-noite, o que era verdade, e tratou de partir. Conseguiu chegar ao posto de fronteira sobre o Rio Saale, entre Plauen, na Alemanha Oriental, e Hof, na Alemanha Ocidental, dez minutos antes da meia-noite, tendo dirigido a 30 Km/h por todo o percurso, povoando o ar da noite com os guinchos da roda dianteira. Ao passar ruidosamente pelos guardas bávaros, no outro lado da fronteira, estava encharcado de suor.

Deixou a *Reuter* um ano depois e aceitou uma sugestão de fazer o exame de admissão no Serviço Civil, como um candidato relativamente velho. Na ocasião, estava com 29 anos.

O exame é inevitável para qualquer pessoa que deseje ingressar no Serviço Civil britânico. Com base nos resultados, o Tesouro tem a primeira opção de escolha, o que lhe permite abarrotar a economia britânica com impecáveis referências acadêmicas. As opções seguintes são do *Foreign Office* e do Departamento da Commonwealth. Como Munro mereceu uma aprovação de primeira classe, não teve a menor dificuldade em ingressar no serviço diplomático, geralmente a cobertura para os agentes da Firma.

Naqueles 16 anos, Munro se especializou em questões econômicas e na União Soviética, embora nunca antes tivesse estado lá. Tivera postos no exterior na Turquia, Áustria e México. Casara-se em 1967, ao completar 31 anos. Mas, depois da lua-de-mel, fora uma união cada vez mais sem amor, um equívoco óbvio, até que tudo terminara

tranquilamente seis anos depois. Desde então, ele tivera diversas ligações e eram todas conhecidas da Firma. Mas não voltara a casar-se.

Houvera apenas uma ligação que jamais revelara à Firma; se por acaso transpirasse sua ocorrência e o fato de tê-la ocultado, seria imediatamente dispensado. Ao ingressar no serviço, como todo mundo era obrigado, escrevera uma história completa de sua vida, submetendo-se em seguida a um interrogatório de um superior.

O procedimento é repetido a cada cinco anos de serviço. Entre as questões de interesse, estão inevitavelmente os envolvimentos emocionais ou sociais com pessoas por trás da Cortina de Ferro. Ou de qualquer outro lugar, diga-se de passagem.

Na primeira vez em que fora interrogado, algo dentro dele se rebelara, como se estivesse no bosque de oliveiras em Chipre. Sabia que era leal, que jamais seria subornado por causa de Valentina, mesmo que a Oposição soubesse a respeito, o que tinha certeza de não ser o caso. Se alguma vez fizessem uma tentativa de chantageá-lo por causa disso, admitiria o caso e pediria demissão, mas jamais cederia. Simplesmente não queria que outros homens ficassem remexendo um dos acontecimentos mais íntimos de sua vida. Ninguém manda em mim, ninguém é meu dono, a não ser eu mesmo. Por isso ele disse "não" à pergunta, quebrando os regulamentos, e uma vez acuado pela mentira, tinha de se apegar a ela. Repetiu-a três vezes, em 16 anos. Nada jamais acontecera por causa disso, nada jamais iria acontecer. Tinha certeza absoluta. A ligação era um segredo, morto e enterrado. E assim ficaria para sempre.

Se não estivesse tão imerso em seu devaneio e não estava fascinado pelo bale como a jovem a seu lado, poderia ter percebido algo. De um camarote particular no lado esquerdo do teatro, estava sendo observado. Antes que as luzes se acendessem para o intervalo, a pessoa que o observava havia desaparecido.

Os 13 homens que se reuniram em torno da mesa do *Politburo*, no dia seguinte, estavam contidos e cautelosos, pressentindo que o relatório do professor de Agronomia poderia desencadear uma luta de facções como nunca houvera desde a queda de Kruschev.

Rudin, como sempre, observava os outros atentamente, por trás da cortina de fumaça do cigarro. Petrov, da Seção de Organizações do Partido, estava como de hábito sentado à sua esquerda, ao lado de Ivanenko, do KGB. Rykov, do Ministério do Exterior, folheava seus papéis, Vishnayev, o teórico, e Kerensky, do Exército Vermelho, estavam num silêncio

impassível. Rudin contemplou, os outros sete homens, procurando imaginar para que lado iriam, se por acaso houvesse uma luta.

Havia três não-russos ali: Vitautas, o báltico, de Vilnius, Lituânia; Chavadze, o georgiano de Tbilisi; e Mukhamed, o *tadjki*, um oriental e nascido muçulmano. A presença deles era uma concessão às minorias, mas cada um já pagara seu preço para estar ali. Rudin sabia que todos os três estavam completamente russificados. O preço para estarem ali fora alto, mais alto do que qualquer russo teria de pagar. Haviam sido Secretários do Partido em suas respectivas repúblicas e dois ainda o eram. Haviam promovido Programas de rigorosa repressão contra seus compatriotas, esmagando os dissidentes, nacionalistas, poetas, escritores, artistas, intelectuais em geral e trabalhadores que sequer insinuavam que era um tanto exagerada a aceitação 100% do domínio total da Grande Rússia. Não poderiam voltar a suas terras sem a proteção de Moscou. Por isso mesmo, se houvesse um atrito, iriam apoiar a facção que lhes garantisse a sobrevivência; ou seja, a vitoriosa. Rudin não se sentia atraído pela perspectiva de uma luta de facções, mas considerava a possibilidade desde que lera pela primeira vez o relatório do Professor Yakovlev, na intimidade de seu gabinete.

Havia mais quatro membros do *Politburo*, todos russos: Komarov, da Agricultura, que ainda estava visivelmente constrangido; Stepanov, o chefe dos sindicatos; Shushkin, responsável pela ligação com os Partidos Comunistas do resto do mundo; e Petryanov, com responsabilidades especiais sobre o planejamento econômico e industrial.

— Camaradas — começou Rudin, falando bem devagar — todos já examinaram a fundo o Relatório Yakovlev. Todos já leram também o relatório em separado do Camarada Komarov, indicando que nossa colheita total de cereais em setembro/outubro ficará aquém da meta estabelecida em cerca de cento e quarenta milhões de toneladas. Vamos primeiro analisar o básico. A União Soviética pode sobreviver durante um ano com não mais de cem milhões de toneladas de cereais?

A discussão se prolongou por uma hora. Foi acirrada, às vezes violenta, mas todos estavam virtualmente de acordo. Tamanho *déficit* de cereais acarretaria privações que não se conheciam desde a Segunda Guerra Mundial. Se o Estado transferisse até mesmo um mínimo para fazer pão para as cidades, quase nada restaria aos campos. A destruição dos rebanhos, à medida que as neves do inverno cobrissem os pastos deixando-os praticamente sem forragem, privaria a União Soviética de todos os animais de quatro patas. Seria necessário uma geração inteira

para se reconstituir os rebanhos. Deixar até mesmo um mínimo de cereais nos campos seria levar as cidades à fome.

Rudin, finalmente, interrompeu bruscamente a discussão:

— Muito bem, vamos adiante. Se aceitamos a inevitabilidade da fome, tanto em cereais como também, em consequência, de carne, alguns meses depois, qual poderia ser o resultado em termos de disciplina nacional?

Petrov é que rompeu o silêncio que se seguiu. Admitiu que já havia alguma inquietação entre o povo, comprovada pela eclosão de pequenos tumultos e pedidos de demissão do Partido, informações que lhe haviam chegado no Comitê Central através dos milhões de tentáculos da máquina partidária. No evento de uma fome de verdade, muitos homens do Partido poderiam ficar do lado do proletariado.

Os não-russos assentiram em concordância. Em suas repúblicas, o controle do centro era sempre provavelmente menor do que dentro da própria Rússia.

— Poderíamos requisitar toda a produção dos seis satélites europeus — sugeriu Petryanov, sem nem mesmo se incomodar em chamá-los de camaradas fraternais.

— A Polônia e a Romênia imediatamente iriam rebelar-se — declarou Shushkin, o homem de ligação com o Leste europeu. — provavelmente o mesmo aconteceria com a Hungria.

— O Exército Vermelho poderia resolver facilmente esse problema — disse o Marechal Kerensky.

— Não três ao mesmo tempo e atualmente — comentou Rudin.

— Mesmo assim, estaríamos obtendo apenas um total de dez milhões de toneladas — interveio Komarov. — O que está longe de ser suficiente.

— O que tem a dizer, Camarada Stepanov? — indagou Rudin. O chefe dos sindicatos controlados pelo Estado escolheu cuidadosamente as palavras:

— No caso de uma fome generalizada, neste inverno e na próxima primavera, estendendo-se pelo verão, não seria possível garantir a ausência de atos de desordem, talvez em larga escala.

Ivanenko, sentado em silêncio e contemplando o cigarro de filtro *kingsize* ocidental entre o polegar e o indicador da mão direita, farejou algo mais além da fumaça. Já sentia muitas vezes o cheiro do medo, durante as prisões, nas salas de interrogatório, nos corredores de seus domínios. Podia senti-lo novamente agora. Ele e os homens a seu redor

eram poderosos, privilegiados, protegidos. Conhecia a todos muito bem, pois tinha suas fichas secretas. E ele, que não conhecia o medo pessoalmente, pois o homem sem alma não sente medo, sabia também que todos só temiam uma única coisa acima da própria guerra. Se o proletariado soviético, há tanto tempo sofredor, paciente, estóico em face das privações, algum dia perdesse o controle e...

Todos os olhos estavam fixados nele. "Atos de desordem" públicos e sua repressão eram a seara de Ivanenko. Ele disse calmamente:

— Eu poderia lidar com outra Novocherkassk. — Houve exclamações incontidas em torno da mesa. — Poderia lidar com dez ou até vinte. Mas todos os recursos do KGB não poderiam enfrentar cinquenta situações similares.

A menção de Novocherkassk trouxe de volta o espectro, como Ivanenko sabia que aconteceria. No dia 2 de junho de 1962, quase que exatamente 20 anos antes, a grande cidade industrial de Novocherkassk explodira em motins operários. Mas a passagem de 20 anos não ofuscara a recordação.

Tudo começara quando, por uma estúpida coincidência, um ministro aumentara o preço da carne e da manteiga, enquanto outro reduzia os salários em 30% na imensa fábrica de locomotivas NEVZ. Nos motins resultantes, os operários rebelados dominaram a cidade por três dias, um fenômeno sem precedentes na União Soviética. E o que era igualmente sem precedentes, reduziram os líderes locais do Partido a homens trêmulos e acovardados, encerrados em seu quartel-general, sem ousar sair, desacataram um general soviético, atacaram os soldados armados e cobriram os tanques de lama, até que as aberturas ficaram totalmente obstruídas, obrigando-os a parar.

A reação de Moscou fora maciça e impiedosa. Todos os meios de comunicação e de acesso e saída a Novocherkassk foram prontamente interrompidos. A cidade ficou virtualmente num vácuo, a fim de que não transpirasse qualquer notícia do acontecimento. Duas divisões de tropas especiais do KGB tiveram de ser mobilizadas para acabar com a rebelião e liquidar os amotinados. Houve 86 civis fuzilados nas ruas, mais de 300 ficaram feridos. Nenhum jamais voltou para casa, nenhum foi enterrado na cidade. Não apenas os feridos, mas também todos os membros de cada família de um morto ou ferido, homens, mulheres e crianças, foram deportados para os campos de Gulag, para que não ficassem a indagar pelos parentes, mantendo viva a recordação da rebelião. Todos os vestígios

haviam sido eliminados. Mas 20 anos depois, o caso ainda era nitidamente recordado no Kremlin.

Depois que Ivanenko lançou sua bomba, houve um silêncio profundo na sala, finalmente rompido por Rudin:

— A conclusão parece inevitável. Teremos de comprar no exterior, como nunca o fizemos antes. Camarada Komarov, qual o mínimo que precisaríamos comprar no exterior para evitar o desastre?

— Se deixarmos o mínimo indispensável nos campos, Secretário-Geral, e usarmos até os últimos grãos da reserva nacional de trinta milhões de toneladas, ainda assim precisaremos comprar cinquenta e cinco milhões de toneladas de cereais no exterior. O que representaria todos os excedentes, num ano de colheitas excepcionais, tanto dos Estados Unidos como do Canadá.

— Eles nunca nos venderiam! — gritou Kerensky.

— Eles não são tolos, Camarada Marechal — disse Ivanenko, calmamente. — Seus satélites Condores já devem tê-los alertado de que há algo errado com o nosso trigo de primavera. Mas não podem saber exatamente o que e até que ponto. Ou pelo menos ainda não. Até o outono, porém, já deverão ter uma noção bastante aproximada. E são gananciosos, interminavelmente gananciosos por mais dinheiro. Posso aumentar os níveis de produção nas minas de ouro da Sibéria e Kolyma, despachar mais operários para lá dos campos de Mordóvia. Ou seja, podemos levantar os recursos necessários para tal aquisição.

— Concordo com uma parte do que disse, mas não com outra, Camarada Ivanenko — interveio Rudin. — Eles podem ter o trigo e nós podemos ter o ouro necessário para comprá-lo. Mas existe uma possibilidade, uma pequena possibilidade, de que desta vez eles exijam concessões.

Ao ouvirem a palavra “concessões”, todos ficaram ainda mais tensos. O Marechal Kerensky indagou, desconfiado:

— Que espécie de concessões?

— Nunca se pode saber enquanto não se começa a negociar — respondeu Rudin. — Mas é uma possibilidade para a qual devemos estar preparados. Eles podem exigir concessões em áreas militares...

— Nunca! — gritou Kerensky, levantando-se bruscamente, o rosto vermelho.

— Nossas opções são um tanto limitadas — disse Rudin. — Ao que me lembro, concordamos que uma fome ampla, em escala nacional, seria insuportável. Atrasaria o progresso da União Soviética e, em

decorrência, o domínio global do marxismo-leninismo em uma década, talvez mais. Precisamos dos cereais; não há mais opções. Se os imperialistas exigirem concessões na área militar, podemos ter de aceitar um recuo estratégico, por dois ou três anos. Mas avançaremos mais depressa para compensar, depois da recuperação.

Houve um murmúrio geral de assentimento. Rudin estava prestes a dominar a reunião, levando-a para onde desejava. Mas foi nesse momento que Vishnayev atacou. Levantou-se lentamente, enquanto o murmúrio se desvanecia. E começou a falar suavemente, em tom comedido:

— Os problemas diante de nós, Camaradas, são de proporções gigantescas, com consequências incalculáveis. Proponho que se decida que ainda é muito cedo para se chegar a conclusões definitivas. Proponho uma suspensão das discussões, para uma nova reunião dentro de duas semanas, a fim de que todos possamos meditar bem sobre tudo o que foi dito e sugerido.

O ardil dele deu certo. Conseguiu ganhar algum tempo, como Rudin particularmente temia que pudesse acontecer. Houve uma votação e ficou decidido, por 10 votos contra três, que a reunião seria adiada, sem qualquer resolução.

Yuri Ivanenko já havia descido para o térreo e se preparava para embarcar em sua limusine quando sentiu alguém tocar-lhe o cotovelo. Parado a seu lado estava um major da Guarda do Kremlin, alto e impecavelmente vestido.

— O Camarada Secretário-Geral gostaria de falar-lhe em seu gabinete particular, Camarada — disse o major.

Sem dizer mais nada, o oficial virou-se e foi andando por um corredor, que se afastava da entrada principal do prédio. Ivanenko foi atrás. E enquanto seguia o major, metido numa túnica justa, calça de veludo castanho-clara e botas reluzentes, ocorreu-lhe que, se alguns dos homens do Politburo algum dia sentassem na Cadeira Penal, a prisão subsequente ficaria a cargo de suas tropas especiais do KGB, conhecidas como Guardas de Fronteira, com seus quepes e ombreiras verdes, a insígnia da espada-e-escudo do KGB por cima da pala.

Mas se ele, Ivanenko, tivesse de ser preso, a missão não seria confiada ao KGB, como não haviam sido encarregados da prisão de Lavrenti Beria, quase 30 anos antes. O trabalho ficaria a cargo daqueles elegantes e desdenhosos guardas de elite do Kremlin, os pretorianos em torno da sede do poder supremo. Talvez tudo ficasse aos cuidados daquele

major tão seguro de si que caminhava à frente dele e que não teria qualquer escrúpulo.

Chegaram a um elevador particular, subiram novamente para o terceiro andar, e Ivanenko foi introduzido nos aposentos particulares de Maxim Rudin.

Stalin costumava viver no isolamento ali no coração do Kremlin, mas Malenkov e Kruschev haviam interrompido a tradição, preferindo instalar-se, assim como à maioria de seus companheiros, em luxuosos apartamentos num indefinido complexo de prédios (para o observador de fora) ao final da Kutuzovsky Prospekt. Porém, quando a esposa de Rudin morrera, dois anos antes, ele voltara a se instalar no Kremlin.

Era um apartamento relativamente modesto para aquele homem tão poderoso. Tinha seis aposentos, incluindo a cozinha toda equipada, banheiro de mármore, gabinete particular, sala de estar, sala de jantar e quarto. Rudin vivia sozinho, comia frugalmente e era atendido por uma criada idosa e pelo onipresente Misha, um ex-soldado corpulento, mas que podia deslocar-se silenciosamente, que jamais falava mas sempre estava por perto. Ao entrar no gabinete, depois de um gesto silencioso de Misha, Ivanenko descobriu que Maxim Rudin e Vassili Petrov já estavam ali. Rudin apontou para uma cadeira vaga e começou a falar imediatamente, sem qualquer preâmbulo:

— Pedi para que ambos viessem aqui porque há problemas em fermentação e todos sabemos disso. Estou velho e fumo demais. Há duas semanas, fui visitar os charlatães em Kuntsevo. Fizeram alguns testes. E estão querendo que eu volte.

Petrov lançou um olhar atento para Ivanenko. O chefe do KGB permaneceu impassível. Sabia da visita à clínica superexclusiva nos bosques a sudoeste de Moscou. Um dos médicos da clínica lhe transmitira a informação.

— A questão da sucessão paira no ar e todos sabemos disso — continuou Rudin. — Também sabemos ou deveríamos saber que Vishnayev está querendo ocupar o meu lugar. — Rudin virou-se para Ivanenko. — Se ele o conseguir, Yuri Aleksandrovich... e é jovem o bastante para isso... seria o fim para você. Ele jamais aprovou a entrega do KGB a um profissional. Poria em seu lugar um homem dele, provavelmente Krivoi.

Ivanenko uniu as pontas dos dedos diante do rosto e sustentou o olhar de Rudin. Três anos antes, Rudin rompera uma longa tradição na Rússia soviética, de impor um luminar político do Partido como chefe do KGB. Shelepin, Semichastny, Andropov... todos haviam sido homens do

Partido, impostos ao KGB, sem jamais terem pertencido a seus quadros. Somente o profissional Ivan Serov quase conseguira chegar ao topo, através de um banho de sangue. Depois, Rudin selecionara Ivanenko entre os principais assessores de Andropov, designando-o como o novo chefe do serviço.

Mas não era a única quebra de tradição. Ivanenko era bastante jovem para o cargo de mais poderoso policial e espião do mundo. Além disso, servira como agente em Washington, quase 20 anos antes, o que sempre constituía um motivo de suspeita para os xenófobos do Politburo. Em sua vida particular, tinha um gosto especial pela elegância ocidental. E julgava-se, embora ninguém se atrevesse a mencioná-lo, que tinha certas restrições particulares em relação ao dogma. O que, pelo menos para Vishnayev, era absolutamente imperdoável.

— Se ele assumir o controle, agora ou no futuro, estará também liquidado, Vassili Alexeivitch — disse Rudin para Petrov.

Em particular, ele costumava chamar seus dois protegidos pelos nomes patronímicos, o que jamais acontecia em público.

Petrov assentiu, para indicar que compreendia. Ele e Anatoly Krivoi haviam trabalhado juntos na Seção de Organizações do Partido, da Secretaria-Geral do Comitê Central. Krivoi era mais velho e mais antigo no serviço. Esperava ocupar a chefia. Mas quando o cargo ficara vago, Rudin preferira Petrov. O cargo era bastante ambicionado porque, mais cedo ou mais tarde, levava a um lugar no todo-poderoso Politburo. Krivoi, amargurado, aceitara a corte de Vishnayev e assumira o posto de chefe de gabinete e assessor direto do teórico do Partido. Mas Krivoi ainda queria o cargo de Petrov.

Nem Ivanenko nem Petrov haviam esquecido que fora o antecessor de Vishnayev como teórico do Partido, Mikhail Suslov, que coordenara a maioria que derrubara Kruschev, em 1963. Rudin fez uma pausa, deixando que suas palavras penetrassem fundo nos outros dois.

— Yuri, sabe que não pode ser meu sucessor, tendo em vista seus antecedentes. — Ivanenko inclinou ligeiramente a cabeça; não tinha ilusões a respeito. — Mas você e Vassili, juntos, podem manter este país no curso certo, se permanecerem unidos, por trás de mim. Vou ter de sair no ano que vem, de um jeito ou de outro. E quando eu for, quero que Vassili ocupe esta cadeira.

O silêncio entre os dois homens mais jovens era eletrizante. Nenhum dos dois podia recordar qualquer antecessor de Rudin que tivesse sido tão objetivo e franco. Stalin sofrerá um ataque de coração e fora

liquidado por seu próprio Politburo, quando se preparava para liquidar a todos; Beria tentara tomar o poder, fora preso e fuzilado por seus colegas temerosos; Malenkov caíra em desgraça, da mesma forma que Kruschev: Brezhnev mantivera a todos em dúvida, até o último instante.

Rudin se levantou para indicar que a reunião terminara.

— Só mais uma coisa — disse ele. — Vishnayev está planejando alguma coisa. Vai tentar desfechar um golpe ao estilo de Suslov em cima de mim, a propósito desse problema do trigo. Se ele conseguir, estaremos todos liquidados, talvez a própria Rússia também. Porque ele é um extremista, um homem impecável na teoria, mas inadmissível na prática. Preciso saber o que ele pretende fazer, o que vai desfechar, quem está tentando recrutar. Descubram para mim. E descubram tudo em quatorze dias.

O quartel-general do KGB, o Centro, é um gigantesco conjunto de prédios de pedra, ocupando todo o lado nordeste da Praça Dzerzhinsky, ao final da Karl Marx Prospekt. O conjunto é na verdade um quadrado oco, a frente e os dois lados ocupados pelo KGB, o bloco dos fundos sendo a prisão e centro de interrogatório de Lubyanka. A proximidade permite aos interrogadores, separados apenas pelo pátio interno, acompanharem de perto seu trabalho.

O gabinete do chefe do KGB fica no terceiro andar, à esquerda da entrada principal. Mas Ivanenko sempre entrava, em sua limusine com motorista e guarda-costas, por um portão lateral. O gabinete é grande, as paredes revestidas de lambris de mogno e luxuosos tapetes orientais. Uma das paredes tem o indispensável retrato de Lenine, a outra, uma fotografia do próprio Feliks Dzerzhinsky. Através das quatro janelas altas, com cortinas e vidros à prova de bala, pode-se avistar, olhando para a praça; outra representação do fundador da Cheka, com seis metros de altura, em bronze, olhos sem visão virados na outra direção da Karl Marx Prospekt, contemplando a Praça da Revolução.

Ivanenko detestava o estilo pesado, os móveis estofados em fustão e cheio de brocados, do funcionalismo soviético, mas nada podia fazer para mudar as coisas. Entre todas as peças que herdara do seu antecessor, Andropov, a mesa era a única que ele apreciava. Era imensa e enfeitada por sete telefones. O mais importante era o *Kremlevka*, ligando-o diretamente com o Kremlin e Rudin. O telefone mais importante a seguir era o *Vertushka*, no verde do KGB, ligando-o com outros membros do Politburo e do Comitê Central. Outros telefones ligavam-no, através de circuitos de alta-frequência, aos principais representantes do KGB na

União Soviética e nos satélites do Leste europeu. Havia também um telefone direto com o Ministério da Defesa e seu Serviço Secreto, o GRU. E tudo através de centros telefônicos separados. Foi nesse último que Ivanenko recebeu o telefonema pelo qual estava esperando há 10 dias, naquela tarde, três dias antes do final de junho.

Foi um telefonema rápido, de um homem que se deu o nome de Arkady. Ivanenko determinara ao centro telefônico que lhe encaminhasse imediatamente o telefonema de Arkady. A conversa foi rápida.

— É melhor pessoalmente — disse Ivanenko, de maneira brusca. — Não agora, não aqui. Esta noite, em minha casa. — E desligou.

A maioria dos principais líderes soviéticos jamais leva trabalho para casa. Na verdade, quase todos os russos têm duas personalidades distintas, a da vida pública e a da vida particular, nunca misturando as duas, se é possível evitá-lo. E quanto mais alto um russo sobe, maior é a divisão. Como acontece com os dons da Máfia, com os quais os líderes do Politburo se parecem extraordinariamente, esposas e famílias simplesmente não devem ser envolvidas, sequer por escutar conversas de negócios, nos casos meio escusos que constituem a vida pública.

Ivanenko era diferente, sendo esse o principal motivo pelo qual contava com a desconfiança de muitos membros do Politburo. Pela razão mais antiga do mundo, ele não tinha esposa nem família. Preferiu também não viver perto dos outros, a maioria deles morando lado a lado nos apartamentos na extremidade oeste da Jutuzovsky Prospekt durante a semana e convivendo em *villas* vizinhas de Zhukovka e Usovo nos fins-de-semana. Os membros da elite soviética jamais gostam de ficar longe uns dos outros.

Logo depois de assumir o comando do KGB, Yuri Ivanenko descobriu uma excelente casa em Arbat, outrora uma área residencial exclusiva no centro de Moscou, apreciada especialmente, antes da Revolução, pelos comerciantes. Em seis meses, equipes de operários, pintores e decoradores do KGB haviam restaurado inteiramente a casa, uma façanha impossível na Rússia soviética, a não ser para um membro do Politburo.

Depois de restaurar a antiga elegância da casa, embora equipando-a com os mais modernos sistemas de segurança e alarme, Ivanenko também não tivera a menor dificuldade em mobiliá-la com o símbolo supremo de *status* na União Soviética: móveis ocidentais. A cozinha era o que havia de mais moderno em termos na Califórnia, tendo sido despachada de avião para Moscou pela *Sears Roebuck*. A sala de estar e o quarto eram

revestidos com lambris de pinho suíço, enviados através da Finlândia, o banheiro era de mármore e ladrilhos modernos. Ivanenko ocupava pessoalmente apenas o andar superior, uma suíte que incluía seu gabinete/sala de música, com um equipamento de som da Phillips estendendo-se por toda uma parede e uma biblioteca de livros estrangeiros e proibidos, em inglês, francês e alemão, línguas que ele falava fluentemente. Havia uma sala de jantar anexa à sala de estar e uma sauna anexa ao quarto.

Seus empregados pessoais — motorista, guarda-costas e valete — todos homens do KGB, viviam no andar térreo, onde estava também a garagem embutida na casa. Foi para essa casa que Ivanenko voltou depois do expediente e ficou aguardando o visitante.

Arkady não demorou a chegar. Era um homem corpulento, de rosto vermelho, à paisana, embora se sentisse mais à vontade em seu uniforme habitual de general do Estado-Maior do Exército Vermelho. Era um dos agentes de Ivanenko dentro do Exército. Inclinou-se para frente, sentado na beira da cadeira, enquanto falava, na sala de estar de Ivanenko. O chefe do KGB estava comodamente recostado, fazendo uma ou outra pergunta, de vez em quando tomando uma anotação num bloco. Quando o general acabou seu relato, Ivanenko agradeceu e levantou-se para apertar um botão na parede. Segundos depois, a porta se abriu e o valete de Ivanenko apareceu. Era um jovem guarda louro, de uma aparência extraordinária, levando o visitante até o portão no muro externo.

Ivanenko ficou pensando por muito tempo nas informações que acabara de receber, sentindo-se cada vez mais cansado e deprimido. Então era aquilo que Vishnayev pretendia fazer. Ele contaria tudo a Maxim Rudin pela manhã.

Tomou um banho demorado, perfumado com um óleo de banho caríssimo vindo de Londres, vestiu um chambre de seda e tomou um conhaque francês. Voltou finalmente para o quarto, apagou todas as luzes, menos um pequeno abajur no canto, antes de estender-se sobre a colcha. Pegou o telefone na mesinha de cabeceira e apertou um dos botões. Foi imediatamente atendido.

— Valodya — disse ele baixinho, usando o diminutivo afetuoso de Vladimir — suba até aqui, por favor...

3

O jato da companhia aérea polonesa inclinou uma asa sobre o Rio Dnieper e preparou-se para a descida final no Aeroporto de Borispil, nos arredores de Kiev, capital da Ucrânia. De seu assento na janela, Andrew Drake contemplou ansiosamente a cidade que se estendia lá embaixo. Estava tenso de expectativa.

Juntamente com os outros cento e tantos turistas da excursão que partira de Londres e fizera escala em Varsóvia, ele ficou quase uma hora na fila do controle de passaporte e alfândega. No controle de imigração, entregou seu passaporte no guichê de vidro e esperou. O homem do outro lado estava de uniforme da Guarda de Fronteira, com a tira verde no quepe e a insígnia da espada-e-escudo do KGB por cima da pala. Olhou para a fotografia no passaporte e depois para Drake.

— An... Drev... Drak?

Drake sorriu e inclinou a cabeça, corrigindo delicadamente:

— Andrew Drake.

O guarda fitou-o com uma expressão irritada. Examinou o visto, emitido em Londres, arrancou a metade de entrada e prendeu o visto de saída no passaporte com um clipe. E depois devolveu-o. Drake tinha entrado na União Soviética.

No ônibus da *Intourist* que os levou do aeroporto ao Hotel Lybid, de 17 andares, ele novamente examinou seus companheiros de viagem. Cerca da metade era constituída por descendentes de ucranianos, visitando a terra dos antepassados, excitados e inocentes. A outra metade era formada por britânicos, simples turistas curiosos. Todos pareciam ter passaportes britânicos. Drake, com seu nome inglês, fazia parte do segundo grupo. Não dera a menor indicação de que falava fluentemente o ucraniano e um russo passável.

Durante a viagem de ônibus, eles conheceram Ludmila, a guia da Intourist para a excursão. Ela era russa e falava em russo para o motorista, o qual respondia também em russo, apesar de ser ucraniano. Quando o ônibus deixou o aeroporto, a moça sorriu cordialmente e começou a descrever, num inglês razoável, a excursão que os aguardava.

Drake examinou o itinerário: dois dias em Kiev, visitando a Catedral de Santa Sofia ("Um exemplo maravilhoso da arquitetura kievo-russa, o local em que está sepultado o Príncipe Yaroslav, o Sábio", entoou Ludmila lá na frente); o Portão Dourado do século X e a Colina Vladimir, sem falar na Universidade do Estado, a Academia de Ciência e o Jardim Botânico. Por certo, pensou Drake amargamente, não haverá qualquer menção ao incêndio de 1964 na biblioteca da Academia, em que haviam sido destruídos manuscritos, livros e arquivos de valor inestimável, dedicados à literatura, poesia e cultura nacional ucranianas; nem menção à demora dos bombeiros, que levaram três horas para chegar; nem menção ao fato de o incêndio ter sido ateado pelo próprio KGB, como resposta aos escritores nacionalistas.

Depois de Kiev, haveria uma viagem de um dia até Kaniv, de aerobarco, em seguida um dia em Ternopol, onde certamente não se falaria de um homem chamado Miroslav Kaminsky, e finalmente Lvov. Como já esperava, Drake ouviu apenas russo nas ruas da cidade intensamente russificada de Kiev. Foi somente ao chegar em Kaniv e Ternopol é que ele ouviu o ucraniano sendo falado amplamente. Sentiu uma imensa alegria no coração ao ouvir tantas pessoas falando a língua que amava, lamentando apenas ter que dizer a todos:

— Desculpe, mas fala inglês?

Teria de escapar até poder visitar os dois endereços, que decorara tão bem a ponto de poder dizê-los de trás para a frente.

A 8.000 quilômetros de distância, o Presidente dos Estados Unidos estava reunido com seu assessor para questões de segurança, Poklewski, Robert Benson, da CIA, e um terceiro homem, Myron Fletcher, principal analista de problemas soviéticos de cereais do Departamento de Agricultura.

— Bob, tem certeza, acima de qualquer duvida, de que o reconhecimento pelos Condores do General Taylor e as informações que recebeu do campo apontam mesmo para essas cifras? — indagou ele, os olhos correndo pelas colunas de números a sua frente.

O relatório que seu chefe de informações lhe havia apresentado, por intermédio de Stanislaw Poklewski, cinco dias antes, baseava-se numa divisão de toda a União Soviética em 100 áreas produtoras de cereais. Em cada área, um quadrado de 15 x 15 quilômetros fora meticulosamente fotografado e seus problemas de produção de cereais analisados. Com base nessas 100 análises separadas, os especialistas haviam elaborado uma previsão da produção em escala nacional.

— Se há algum erro, Sr. Presidente, é pelo lado da cautela, dando aos soviéticos uma produção de cereais superior ao que se poderia esperar — respondeu Benson.

O Presidente olhou para o homem do Departamento de Agricultura.

— Dr. Fletcher, poderia explicar as previsões em termos leigos?

— Pois não, Sr. Presidente. Para começar, devemos deduzir um mínimo de dez por cento do total da colheita, para se chegar a uma cifra inicial dos cereais aproveitáveis. Há quem ache que a dedução deve ser de vinte por cento. Essa modesta cifra de dez por cento é para cobrir o conteúdo de umidade, matérias estranhas como pedras e saibro, terra e poeira, perdas no transporte e quebras em decorrências de instalações inadequadas de armazenagem, que é um dos grandes problemas deles, como todos sabemos.

"A partir dessa cifra, temos de deduzir as tonelagens que os soviéticos terão de manter na própria terra, nos próprios campos, antes de haver quaisquer apropriações oficiais para alimentar as massas industriais. Vai encontrar a minha tabela para isso na segunda página do meu relatório em separado.

O Presidente Matthews folheou as páginas a sua frente e examinou a tabela:

Sementes

A tonelagem que os soviéticos devem deixar de reserva para o plantio no ano seguinte, tanto para o trigo de inverno como para o trigo semeado na primavera: 10 milhões de toneladas

Alimentação Humana

A tonelagem que deve ser reservada para alimentar as massas que habitam as áreas rurais, as fazendas coletivas e do Estado e todas as comunidades suburbanas, de povoados a aldeias e cidades com população inferior a cinco mil habitantes: 28 milhões de toneladas

Alimentação Animal

A tonelagem que deve ser reservada para a alimentação dos rebanhos nos meses de inverno, até o degelo da primavera: 52 milhões de toneladas

Total irredutível: 90 milhões de toneladas

Colheita total

Antes da dedução inevitável de 10% em perdas: 100 milhões de toneladas

— Devo ressaltar, Sr. Presidente — continuou Fletcher — que esses dados não podem ser classificados de generosos. Representam o mínimo absoluto necessário antes de começarem a alimentar as cidades. Se reduzirem as rações humanas, os camponeses vão simplesmente começar a consumir o gado, com ou sem permissão. Se cortarem a alimentação animal, os rebanhos serão dizimados, eles teriam uma abundância de carne no inverno, depois uma escassez de carne por três ou quatro anos.

— Está certo, Doutor, aceito suas previsões. E o que me diz das reservas deles?

— Calculamos que os soviéticos dispõem de uma reserva nacional de trinta milhões de toneladas. É um fato sem precedentes utilizar toda a reserva. Mas se eles o fizerem, terão trinta milhões de toneladas extras. E devem ter vinte milhões de toneladas que sobraram da colheita deste ano, disponível para as cidades. Assim, o total para as cidades é de cinquenta milhões de toneladas.

O Presidente virou-se para Benson.

— Bob, o que eles vão precisar obter, através de apropriações do Estado, para alimentar os milhões, urbanos?

— Sr. Presidente, mil novecentos e setenta e sete foi o pior ano deles por um longo período, o ano em que cometeram o "Golpe de Mestre" em cima de nós. Tiveram uma colheita total de cento e noventa e quatro milhões de toneladas. Compraram sessenta e oito milhões de suas próprias fazendas. E ainda precisaram comprar vinte milhões de nós, através de subterfúgios. Mesmo em mil novecentos e setenta e cinco, pior ano em uma década e meia, precisaram de setenta milhões de toneladas para as cidades. E isso provocou violentos racionamentos. Atualmente, com uma população maior do que naquela ocasião, não podem ter menos de oitenta e cinco milhões de toneladas de aquisições do Estado.

O Presidente tirou a conclusão:

— Neste caso, mesmo que eles utilizem o total de sua reserva nacional, ainda vão precisar de trinta a trinta e cinco milhões de toneladas de cereais do exterior, não é mesmo?

— Exatamente, Sr. Presidente — interveio Poklewski. — Talvez até mais. E nós e os canadenses somos os únicos que vamos dispor de tal tonelagem. Continue por favor, Dr. Fletcher.

O homem do Departamento de Agricultura assentiu.

— Ao que tudo indica, a América do Norte vai ter uma colheita excepcional este ano. Talvez cinquenta milhões de toneladas acima das

necessidades internas, somando-se a produção dos Estados Unidos e do Canadá.

Minutos depois, o Dr. Fletcher retirou-se. Os debates recomeçaram, com Poklewski apresentando seu ponto de vista:

— Sr. Presidente, desta vez temos de agir. Não podemos deixar de exigir uma compensação.

— Uma vinculação? — disse o Presidente, desconfiado. — Sei o que pensa em relação a isso, Stan. Na última vez, não deu certo, só serviu para agravar a situação. Não vou querer repetir a Emenda Jackson.

Todos os três homens recordaram sem muito prazer o destino dessa emenda legislativa. Ao final de 1974, os americanos haviam introduzido a Emenda Jackson, a qual determinava que não haveria créditos comerciais dos Estados Unidos para a aquisição de tecnologia e produtos industrializados, a menos que os soviéticos fizessem concessões na questão da emigração russo-judia para Israel. O Politburo, sob o comando de Brezhnev, rejeitara desdenhosamente a pressão, realizando uma série de julgamentos públicos espetaculares, predominantemente antijudeus, comprando o que precisavam, com créditos comerciais, na Inglaterra, Alemanha e Japão.

Sir Nigel Irvine, que estivera em Washington em 1975, comentara com Bob Benson:

— O principal numa pequena chantagem é se ter certeza de que a vítima está precisando desesperadamente de alguma coisa que você possui e não pode obtê-la em nenhum outro lugar.

Poklewski tomara conhecimento do comentário por intermédio de Benson e o repetiu ao Presidente Matthews, evitando apenas usar a palavra chantagem.

— Sr. Presidente, desta vez eles não podem obter o trigo em nenhum outro lugar. Nosso excedente de trigo não é mais apenas um fator comercial. Tornou-se uma arma estratégica. Vale dez esquadrilhas de bombardeiros nucleares. E jamais poderíamos vender tecnologia nuclear a Moscou por dinheiro. Recomendo a aplicação da Lei Shannon.

Na esteira do “Golpe de Mestre” de 1977, a Administração dos Estados Unidos finalmente aprovara, um tanto tardiamente, em 1980, a Lei Shannon. Estipulava simplesmente que, em qualquer ano, o Governo Federal tinha o direito de comprar a opção para toda a produção excedente americana de cereais, aos preços por tonelada vigentes por ocasião do comunicado de Washington de que desejava exercer sua opção.

Os especuladores dos cereais detestaram a medida, mas os fazendeiros a aprovaram. A lei reduzia consideravelmente as flutuações vertiginosas no mundo das cotações dos cereais. Nos anos de abundância, os fazendeiros tinham um preço baixo demais por seu cereal; nos anos de escassez, os preços eram excepcionalmente altos. A Lei Shannon determinava que, se posta em prática, os fazendeiros receberiam um preço justo, mas os especuladores ficariam fora da operação. A lei também proporcionava à Administração uma arma nova e eficaz para lidar com os países consumidores, tanto os agressivos como os humildes e pobres.

— Está certo — disse o Presidente Matthews. — Vou aplicar a Lei Shannon. Autorizarei a utilização de recursos federais para comprar os excedentes das colheitas futuras, que estão sendo calculados em cinquenta milhões de toneladas.

Poklewski ficou exultante.

— Não vai arrepender-se, Sr. Presidente. Desta vez, os soviéticos terão de tratar diretamente com a Presidência e não com intermediários. Eles estão de costas para a parede. Não podem fazer mais nada.

Yefrem Vishnayev não pensava assim. Logo no início da reunião do *Politburo*, ele pediu a palavra e começou a apresentar sua argumentação:

— Ninguém aqui, Camaradas, nega que a fome que temos pela frente não será aceitável. Ninguém nega que os excedentes de alimentos que precisamos estão no Ocidente capitalista e decadente. Já foi sugerido que a única coisa que podemos fazer é nos humilharmos, talvez aceitarmos possíveis concessões em nosso poderio militar e, por conseguinte, na marcha do marxismo-leninismo, a fim de comprarmos esses excedentes que nos ajudarão a superar o problema.

"Camaradas, discordo inteiramente e peço que me apóiem na rejeição à aceitação da chantagem do Ocidente, com o que estaremos traindo nosso grande inspirador, Lenine. Há uma outra solução, com a qual poderemos garantir a aceitação por todo o povo soviético de um racionamento rigoroso em níveis mínimos, um fervor nacional de patriotismo e disposição ao sacrifício e a imposição da disciplina indispensável para que possamos atravessar o período de fome inevitável.

"Há um meio pelo qual poderemos usar a pequena colheita de cereais que conseguirmos, neste outono, esticar as reservas nacionais até a primavera do próximo ano, usar a carne de nossos rebanhos em substituição aos cereais e depois, quando tudo estiver consumido, virarmo-nos para a Europa Ocidental, onde estão verdadeiros lagos de leite, montanhas de carne e manteiga, as reservas nacionais de dez nações ricas.

— E iríamos comprar tudo? — indagou Rykov, o Ministro do Exterior, ironicamente.

— Não, Camarada — respondeu Vishnayev, suavemente. — Nós nos iríamos apossar de tudo. Passo a palavra ao Camarada Marechal Kerensky. Ele trouxe um estudo que deseja submeter a nosso exame.

Doze pastas grossas foram distribuídas em torno da mesa. Kerensky ficou com a sua e começou a ler. Rudin deixou a pasta que lhe fora entregue sobre a mesa a sua frente, sem abri-la, continuando a fumar sem parar. Ivanenko também deixou a sua na mesa, limitando-se a ficar olhando para Kerensky. Ele e Rudin já sabiam há quatro dias o que havia naquelas pastas. Em colaboração com Vishnayev, Kerensky tirara do cofre do Estado-Maior o Plano Boris, o nome escolhido em homenagem a Boris Goudonov, o grande conquistador russo. O plano fora devidamente atualizado para a ocasião.

E era de fato impressivo, como ficou constatado nas duas horas seguintes, o tempo que Kerensky precisou para lê-lo. No mês de maio seguinte, as manobras de primavera habituais do Exército Vermelho na Alemanha Oriental seriam maiores do que nunca. E haveria uma diferença: desta vez não seriam simples manobras de exercício, mas uma ofensiva de verdade. A uma ordem, todos os 30.000 tanques e outros veículos blindados de transporte de tropas, os canhões móveis e embarcações anfíbias avançariam para o oeste, atravessando o Elba e penetrando pela Alemanha Ocidental, a caminho da França e dos portos do Canal da Mancha.

À frente deles, 50.000 pára-quedistas seriam lançados em mais de 50 locais, a fim de capturar os principais aeroportos nucleares táticos dos franceses, na França, e dos americanos e britânicos, em território alemão. Outros 100.000 pára-quedistas seriam lançados nos quatro países da Escandinávia, com o objetivo de capturar as capitais e os principais meios de comunicação, com um apoio naval maciço.

A ofensiva militar evitaria as penínsulas italiana e ibérica, cujos governos, influenciados por eurocomunistas no gabinete, receberiam ordens dos embaixadores soviéticos para permanecerem fora da guerra ou serem destruídos se resistissem. Meia década mais tarde, de qualquer maneira, esses países iriam cair, como ameixas maduras. O mesmo aconteceria com a Grécia, Turquia e Iugoslávia. A Suíça seria evitada e a Áustria usada apenas como uma rota de passagem. Os dois países seriam posteriormente ilhas num mar soviético e não resistiriam por muito tempo.

A área básica de ataque e ocupação seriam os três países do Benelux, França e Alemanha Ocidental. A Inglaterra, como um prelúdio, seria abalada por greves e tumultuada pela extrema esquerda, que receberia ordens de Moscou para desfechar um clamor pela não-intervenção. Londres seria devidamente informada de que, se o Comando Nuclear fosse usado a leste do Elba, a Grã-Bretanha seria eliminada do mapa.

Ao longo de toda a operação, a União Soviética estaria exigindo ruidosamente um cessar-fogo imediato, em todas as capitais do mundo e na ONU, afirmando que as hostilidades restritas à Alemanha Ocidental, eram temporárias e causadas exclusivamente por um ataque dos alemães ocidentais a Berlim, uma alegação que a maioria da esquerda europeia não-alemã aceitaria.

— E o que estariam fazendo os Estados Unidos durante todo esse tempo? — indagou Petrov, interrompendo o marechal.

Kerensky ficou irritado por ser interrompido quando ainda estava em pleno relato do plano, depois de quase duas horas.

— Não se pode excluir o uso de armas nucleares táticas na Alemanha — disse ele. — Mas a maior parte irá destruir a Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental e Polônia, não havendo evidentemente qualquer perda para a União Soviética. Graças à fraqueza de Washington, não há ameaças dos mísseis Cruise e bombas de nêutron. As baixas militares soviéticas são calculadas entre cem e duzentos mil, no máximo. Mas como estarão envolvidos em combate dois milhões de homens, nas três armas, essas porcentagens serão aceitáveis.

— Duração? — indagou Ivanenko.

— As unidades de vanguarda dos exércitos mecanizados chegarão aos portos franceses do Canal cem horas depois de atravessar o Elba. A essa altura, devemos deixar que o cessar-fogo passe a vigorar. A operação de limpeza pode ser efetuada sob o cessar-fogo.

— E o prazo previsto é exequível? — perguntou Petryanov. Rudin interveio, dizendo suavemente:

— É, sim... é perfeitamente exequível.

Vishnayev lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Ainda não tenho uma resposta para a minha pergunta — insistiu Petrov. — E os Estados Unidos? E as forças nucleares deles? E não me refiro às armas nucleares táticas, mas sim às estratégicas, às ogivas de bombas de hidrogênio nos mísseis balísticos intercontinentais, os bombardeiros e os submarinos.

Todos os olhos se fixaram em Vishnayev, que tornou a se levantar.

— Logo no início da ofensiva, deve-se oferecer ao Presidente americano três garantias solenes, de forma absolutamente crível. Primeira: a União Soviética jamais será a primeira a usar armas termonucleares. Segunda: se os trezentos mil soldados americanos na Europa Ocidental forem empenhados nos combates, devem assumir os riscos em guerra convencional ou nuclear tática com os nossos soldados. Terceira: no caso de os Estados Unidos recorrerem a mísseis balísticos dirigidos para a União Soviética, as cem maiores cidades americanas deixarão de existir. Podem estar certos, Camaradas, que o Presidente Matthews não vai trocar Nova York pela decadente Paris nem Los Angeles por Frankfurt. Não haverá nenhuma reação termonuclear americana.

O silêncio foi opressivo, à medida que as perspectivas eram digeridas. As vastas reservas de alimentos, inclusive de cereais, de bens de consumo e tecnologia da Europa Ocidental. A queda como ameixas maduras da Itália, Espanha, Portugal, Áustria, Grécia e Iugoslávia dentro de poucos anos. O fabuloso tesouro em ouro sob as ruas da Suíça. O total isolamento da Inglaterra e Irlanda, ao largo da nova costa soviética. O domínio, sem que se disparasse um único tiro, do mundo árabe e do Terceiro Mundo. Era realmente uma mistura inebriante.

— É de fato uma perspectiva sensacional — disse Rudin, finalmente. — Mas tudo parece estar baseado numa única suposição: a de que os Estados Unidos não irão despejar suas ogivas nucleares sobre a União Soviética, se prometermos não lançar as nossas sobre eles. Eu ficaria grato se o Camarada Vishnayev apresentasse os fatos que corroboram essa declaração tão confiante. Em suma, é um fato comprovado ou apenas uma esperança otimista?

— É mais do que uma esperança — retrucou Vishnayev. — É uma previsão realista. Como capitalistas e nacionalistas burgueses, os americanos sempre pensarão primeiro neles. São tigres de papel, fracos e indecisos. Acima de tudo, quando têm de enfrentar a perspectiva de perder suas próprias vidas, não passam de covardes.

— Serão mesmo? — murmurou Rudin, pensativo. — Permitam-me fazer um resumo da situação, Camaradas. As perspectivas que o Camarada Vishnayev apresentou são realistas em todos os seus aspectos. Mas tudo está baseado em sua esperança... peço desculpas... em sua previsão realista de que os americanos não irão revidar com suas armas termonucleares estratégicas. Se acreditássemos nisso antes, certamente já teríamos concluído o processo de libertação das massas cativas da Europa

Ocidental, levando-as do fascismo-capitalismo para o marxismo-leninismo. Pessoalmente, não vejo qualquer elemento novo para justificar a previsão do Camarada Vishnayev. Além do mais, nem ele nem o Camarada Marechal jamais trataram com os americanos e nunca estiveram no Ocidente. O que não é o meu caso e por isso mesmo discordo de sua previsão. Mas vamos ouvir a opinião do Camarada Rykov.

O veterano e idoso Ministro do Exterior estava extremamente pálido.

— Tudo isso cheira muito ao krushchevismo, como no caso de Cuba. Tenho trinta anos de experiência nas relações internacionais. Os embaixadores soviéticos no mundo inteiro enviam seus relatórios a mim e não ao Camarada Vishnayev. E nenhum deles, absolutamente nenhum, assim como todos os analistas do Ministério e eu próprio temos a menor dúvida de que o Presidente dos Estados Unidos iria inevitavelmente desfechar um revide termonuclear contra a União Soviética, em tais circunstâncias. Não é uma simples questão de troca de cidades. Ele também é capaz de perceber que o resultado de tal guerra seria o domínio da União Soviética sobre quase todo o mundo. Seria o fim da América como uma superpotência, até mesmo como uma mera potência. Os Estados Unidos passariam a ser mera ficção. Iriam devastar a União Soviética antes de ceder a Europa Ocidental e o mundo em seguida.

Rudin voltou a falar:

— Eu gostaria de ressaltar que, se houver uma retaliação dos americanos, ainda não estaremos em condições de impedi-la. Nossos raios laser de partículas de alta energia, disparados dos satélites espaciais, ainda não são plenamente funcionais. Um dia, sem a menor dúvida, poderemos destruir os foguetes atacantes no espaço interior, antes de nos alcançarem. Mas, por enquanto, isso não é possível. As últimas avaliações dos nossos peritos... e são peritos, Camarada Vishnayev, não otimistas como os seus analistas... indicam que uma retaliação anglo-americana ampla exterminaria cem milhões de nossos cidadãos, principalmente grandes-russos, devastando sessenta por cento da União Soviética, da Polônia aos Urais. Mas vamos continuar. Camarada Ivanenko, com a sua experiência do Ocidente, qual a sua opinião?

— Ao contrário dos Camaradas Vishnayev e Kerensky, controlo centenas de agentes espalhados por todo o Ocidente capitalista. Os relatórios deles são constantes. Também não tenho a menor dúvida de que os americanos iriam reagir.

— Deixem-me fazer um breve resumo da situação — disse Rudin, bruscamente. Já passara o momento de discutir. — Se negociarmos com os americanos para conseguir trigo, talvez tenhamos que ceder a exigências que nos atrasarão em cinco anos. Se permitirmos que haja a fome, o atraso seria provavelmente de dez anos. Se desfecharmos uma guerra europeia, poderemos ser exterminados, no mínimo sofreremos um atraso de vinte a quarenta anos.

"Não sou o teórico que o Camarada Vishnayev indubitavelmente é. Mas pelo que me recordo, os ensinamentos de Marx e Lenine são muito claros e definidos num ponto: embora a busca do predomínio mundial do marxismo deva ser um objetivo constante, em todos os estágios, por todos os meios, o progresso não deve ser arriscado em decorrência de riscos insensatos. Considero que esse plano está baseado num risco insensato. Portanto, proponho que...

— Proponho uma votação — interveio Vishnayev, suavemente. Chegara o momento, pensou Rudin. A manobra não era um voto de confiança nele; isso viria depois, se perdesse aquela batalha. A luta de facções era agora declarada. Há muitos anos que não tinha a sensação tão nítida de que estava lutando por sua vida. Se perdesse, não haveria uma aposentadoria tranquila, não manteria as *villas* e os privilégios, como acontecera com Mikoyan. Seria a ruína, o exílio, talvez a bala na nuca. Mas ele manteve a compostura. Pôs sua moção em votação primeiro. Uma a uma, as mãos foram-se levantando.

Rykov. Ivanenko, Petrov, todos votaram a seu favor e da política de negociação. Houve alguma hesitação em torno da mesa. Quem Vishnayev teria persuadido? O que teria prometido?

Stepanov e Shushkin levantaram a mão. E, por fim, lentamente, foi a vez de Chavadze, o georgiano. Rudin pôs em votação a contramoção, pela guerra na primavera. Vishnayev e Kerensky, obviamente, votaram a favor. Komarov, da Agricultura, juntou-se a eles. Desgraçado, pensou Rudin, foi o seu Ministério que nos meteu nessa confusão. Vishnayev deve tê-lo persuadido de que seria, de qualquer forma, arruinado e por isso nada tinha a perder. Está enganado, meu amigo, pensou Rudin, com uma expressão impassível; vou arrancar-lhe as entranhas por isso. Petryanov levantou a mão. Certamente lhe prometeram o cargo de Primeiro-Ministro, pensou Rudin. Vitautas, o báltico, e Mukhamed, o tadjiki, também se colocaram ao lado de Vishnayev, a favor da guerra. O *tadjik* sabia que, se houvesse uma guerra nuclear, os orientais dominariam sobre as ruínas. O lituano indubitavelmente fora comprado.

— Seis para cada proposta — disse Rudin, calmamente. — E o meu voto pessoal pela negociação.

"Mas foi por pouco", pensou ele, "por muito pouco".

O Sol já se havia posto quando a reunião terminou. Todos sabiam que a luta de facções iria agora continuar, até o seu desfecho; ninguém poderia mais recuar, ninguém poderia mais permanecer neutro.

Foi só no quinto dia da excursão que o grupo chegou a Lvov, indo hospedar-se no Hotel *Intourist*. Até esse momento, Drake participara de todos os passeios guiados previstos no itinerário. Desta vez, porém, alegou que estava com dor de cabeça e preferia ficar no quarto. Assim que o grupo partiu de ônibus para a Igreja de São Nicolau, ele mudou de roupa e saiu discretamente do hotel.

Kaminsky informara-o da espécie de roupa que não chamaria atenção: meias e sandálias, calça leve não muito elegante, uma camisa aberta no pescoço, do tipo mais ordinário. Orientando-se por um mapa das ruas, Drake partiu a pé para o subúrbio operário pobre e miserável de Levandivka. Não tinha a menor dúvida de que os dois homens que procurava iriam tratá-lo com profunda desconfiança, no instante em que os encontrasse. O que não era de surpreender, levando-se em conta os antecedentes familiares e as circunstâncias que os forjara. Drake recordou o que Miroslav Kaminsky lhe contara em seu leito num hospital turco.

A 29 de setembro de 1966, perto de Kiev, no Desfiladeiro de Babi Yar, onde mais de 50.000 judeus haviam sido chacinados pela SS na Ucrânia ocupada pelos nazistas, em 1941/42, o maior poeta contemporâneo ucraniano, Ivan Dzyuba, fez um discurso admirável, por ser um católico ucraniano manifestando-se veementemente contra o anti-semitismo.

O anti-semitismo sempre floresceu na Ucrânia, sendo vigorosamente estimulado pelos sucessivos dominadores do país, czares, stalinistas, nazistas, novamente os stalinistas e seus sucessores.

O longo discurso de Dzyuba começou como uma súplica aparente para que não se esquecesse jamais dos judeus chacinados em Babi Yar, uma condenação direta ao nazismo e fascismo. Mas, à medida que foi prosseguindo, o tema foi ampliado e passou a abranger todos os despotismos que, apesar de seus triunfos tecnológicos, embrutece e degrada o espírito humano, procurando persuadir as vítimas de que isso é normal.

— Assim, devemos julgar cada sociedade não por suas conquistas técnicas exteriores, mas pela posição e importância que dá ao homem,

pelo valor que atribui à dignidade humana e à consciência humana — declarou Dzyuba.

A esta altura, o *chekisti* que estava infiltrado na multidão em silêncio compreendeu que o poeta não estava absolutamente se referindo à Alemanha de Hitler, mas sim falando da União Soviética do Politburo. Dzyuba foi preso pouco depois do discurso.

Nos porões do quartel local do KGB, o chefe dos interrogadores, o homem que tinha a sua disposição os dois verdugos parados nos cantos da sala, empunhando cassetetes de borracha com um metro de comprimento, era um jovem coronel em rápida ascensão na organização, enviado especialmente de Moscou. Seu nome era Yuri Ivanenko.

Na reunião em Babi Yar, na primeira fila, de pé ao lado de seus respectivos pais, estavam dois garotos de 10 anos. Não se conheciam na ocasião e só se iriam encontrar e ficar amigos seis anos depois, numa obra. Um deles se chamava Lev Mishkin e o outro era David Lazareff.

A presença dos pais fora devidamente registrada. Anos depois, quando solicitaram permissão para emigrar para Israel, ambos foram acusados de atividades anti-soviéticas e receberam longas sentenças em campos de trabalhos forçados.

As famílias perderam os apartamentos; os filhos, qualquer esperança de ingressar na universidade. Embora extraordinariamente inteligentes, estavam ambos condenados a trabalhos subalternos e manuais. Agora, ambos com 26 anos, eram os homens que Drake estava procurando entre as vielas quentes e poeirentas de Levandivka.

Foi no segundo endereço que ele encontrou David Lazareff, o qual, depois das apresentações, tratou-o com extrema desconfiança. Mas concordou em chamar seu amigo Mishkin para um encontro a três, já que Drake de qualquer maneira conhecia os nomes de ambos.

Naquela noite ele conheceu Lev Moshkin. Os dois o encararam com algo próximo da hostilidade. Drake contou toda a história da fuga e salvação de Miroslav Kaminsky, falou de seus próprios antecedentes. A única prova que podia apresentar era uma fotografia sua junto com Kaminsky, no quarto de hospital em Trabzon, tirada com uma câmara Polaroid por um enfermeiro. Diante deles, estava a edição do dia do jornal turco local. Drake trouxera o mesmo jornal como forro de sua valise e mostrou aos dois homens como confirmação de sua história.

— Não se esqueçam de uma coisa — disse ele, finalmente. — Se Miroslav tivesse ido parar em território soviético, se tivesse sido

capturado pelo KGB e revelado seus nomes e se eu próprio fosse do KGB, não estaria aqui pedindo a ajuda de vocês.

Os dois operários judeus concordaram em considerar durante a noite o pedido dele. O que Drake não sabia é que Mishkin e Lazareff há muito partilhavam um ideal parecido com o dele: o de desfechar um único e violento golpe de vingança contra a hierarquia do Kremlin. Mas estavam perto de desistir, desesperados com a inutilidade de tentar alguma coisa sem ajuda externa.

Impelidos pelo desejo de contar com um aliado além das fronteiras da União Soviética, os dois se apertaram as mãos de madrugada e concordaram em se unir ao anglo-ucraniano. O segundo encontro foi realizado naquela tarde, com Drake se abstendo de participar de outra visita do grupo de turistas. Como medida de segurança, saíram andando por caminhos largos e não pavimentados nos arredores da cidade, falando baixinho em ucraniano. Disseram a Drake que também desejavam desferir um único e poderoso golpe contra Moscou.

— O problema é só determinar uma coisa: vamos fazer o quê? — disse Drake.

Lazareff, que era o mais silencioso e mais dominante da dupla, falou nesse momento:

— Ivanenko. O homem mais odiado na Ucrânia.

— O que há com ele? — indagou Drake.

— Poderemos matá-lo.

Drake estacou abruptamente, olhando para o homem de aspecto veemente. E levou algum tempo para comentar:

— Seria impossível chegar perto dele.

— No ano passado fui designado para um trabalho especial aqui em Lvov — disse Lazareff. — Sou um pintor de paredes, entende? Estávamos reformando o apartamento de um figurão do partido. Havia uma velhinha hospedada lá. De Kiev. Depois que ela foi embora, a mulher do homem do Partido mencionou quem ela era. Mais tarde, vi na caixa de correspondência uma carta com o carimbo postal de Kiev. Dei uma olhada. Era da tal velha. E tinha o endereço dela.

— E quem era ela? — indagou Drake.

— A mãe de Ivanenko.

Drake pensou por um momento na informação.

— Ninguém consegue imaginar que alguém como ele possa ter uma mãe. Mas seria necessário ficar vigiando o apartamento dela por muito tempo, até que Ivanenko decidisse visitá-la.

Lazareff meneou a cabeça.

— Ela é a isca. — E expôs seu plano. Drake ficou impressionado com a enormidade da ideia.

Antes de chegar à Ucrânia, imaginara sob muitas formas o golpe violento que sonhava desfechar contra o poderio do Kremlin. Mas jamais lhe passara algo assim pela cabeça. Assassinar o chefe do KGB seria golpear o próprio núcleo do Politburo, abalar todos os cantos da estrutura do poder.

— Pode dar resultado — admitiu ele, finalmente.

Se desse certo, pensou, o caso seria prontamente abafado. Mas se a notícia transpirasse, o efeito sobre a opinião pública, especialmente na Ucrânia, seria traumático.

— Poderia desencadear o maior levante que já houve por aqui — comentou Drake.

Lazareff assentiu. A sós com seu amigo Mishkin, sem possibilidade de obter qualquer ajuda externa, era evidente que pensara muito no projeto.

— Tem razão.

— E o que seria necessário para a execução do plano?

Lazareff informou-o. Drake assentiu.

— Pode ser tudo adquirido no Ocidente — disse ele. — Mas como mandar para cá?

Mishkin interveio na conversa nesse momento:

— Através de Odessa. Trabalhei no cais de lá por algum tempo A corrupção é total. O mercado negro está vicejando. Cada navio ocidental traz marinheiros que negociam intensamente com os traficantes locais, vendendo blusões de couro turcos, casacos de camurça e calças de brim. A cidade fica na Ucrânia e não precisaríamos dos passaportes interestaduais.

Ficou tudo acertado antes de se separarem. Drake iria adquirir o equipamento necessário e o levaria a Odessa pelo mar. Avisaria Mishkin e Lazareff por carta, despachada da União Soviética, bem antes de sua chegada. As palavras na carta seriam inocentes, incapazes de levantar qualquer suspeita. O ponto de encontro em Odessa seria um café que Mishkin conhecera na época em que lá trabalhara, ainda adolescente.

— Só mais duas coisas — acrescentou Drake. — Depois que estiver feito, é vital a publicidade a respeito, o comunicado ao mundo inteiro do que aconteceu. O que significa que vocês pessoalmente é que devem contar ao mundo. Somente vocês saberão dos detalhes para convencer o mundo da verdade. Portanto terão de fugir para o Ocidente.

— Nem precisava falar isso — murmurou Lazareff. — Somos ambos *refuseniks*. Tentamos emigrar para Israel, como nossos pais, mas nos recusaram permissão. Depois que tudo terminar, temos de ir para Israel. É o único lugar em que estaremos seguros, pelo resto da vida. Assim que chegarmos lá revelaremos ao mundo o que fizemos, desacreditando os desgraçados do Kremlin e do KGB aos olhos de sua própria gente.

— Outro ponto importante — disse Drake. — Quando alcançarem o objetivo devem comunicar-me por carta ou por um cartão-postal, também em código. Para o caso de alguma coisa sair errada com a fuga. Assim poderei tentar obter auxílio, espalhando a notícia.

Combinaram que um cartão-postal de aparência inocente seria enviado de Lvov para uma caixa postal em Londres. Memorizados os últimos detalhes, eles se separaram, Drake voltando a se integrar ao grupo de turistas.

Dois dias depois, Drake estava de volta a Londres. Sua primeira providência foi comprar o livro mais amplo do mundo sobre armas pequenas. A segunda foi enviar um telegrama para um amigo no Canadá, um dos nomes da lista particular de elite que elaborara ao longo dos anos, relacionando os emigrados que pensavam como ele e sonhavam em descarregar seu ódio contra o inimigo. A terceira foi iniciar os preparativos para um plano antigo, de levantar os fundos necessários com um assalto a um banco.

Ao final da Kutuzovsky Prospekt, nos subúrbios a sudeste de Moscou, o motorista que virar à direita, saindo da via principal e entrando na Estrada Rublevo, vai chegar 20 quilômetros depois à pequena aldeia de Uspenskoye, no coração da região em que estão situadas as *villas* de fins-de-semana. Entre os grandes bosques de pinheiros e faias ao redor de Uspenskoye, há pequenos povoados como Usovo e Zhukovka, onde se erguem as mansões de campo da elite soviética. Pouco depois da ponte de Uspenskoye sobre o Rio Roscou existe uma praia na qual, durante o verão, os menos privilegiados mas mesmo assim ainda bem situados (pois dispõem de carros próprios) vão banhar-se, vindos de Moscou.

Os diplomatas ocidentais também frequentam a praia, que é um dos raros lugares em que um ocidental pode encontrar-se lado a lado com famílias soviéticas comuns. Até mesmo a vigilância de rotina do KGB aos diplomatas ocidentais parece afrouxar-se nas tardes de domingo, durante o verão.

Adam Munro foi até lá com um grupo de funcionários da Embaixada britânica, numa tarde de domingo, 11 de julho de 1982. Havia casais no grupo, assim como diversos solteiros, mais jovens do que ele. Pouco antes das três horas da tarde, todo o grupo deixou as toalhas e as cestas de piquenique entre as árvores e desceu pela encosta até a faixa de areia, para darem um mergulho. Ao voltar, Munro pegou sua toalha enrolada e começou a se enxugar. Algo caiu da toalha.

Ele se abaixou para pegar. Era um pequeno cartão, da metade de um cartão-postal, branco nos dois lados. E com as seguintes palavras datilografadas, em russo: "Três quilômetros ao norte daqui no meio do bosque, há uma capela abandonada. Encontre-me ali dentro de 30 minutos. Por favor. É urgente."

Ele manteve o sorriso quando uma das secretárias da embaixada se aproximou, rindo, para pedir um cigarro. Enquanto acendia o cigarro para a jovem, Munro estava analisando rapidamente todos os ângulos do inesperado chamado. Seria um dissidente querendo entregar-lhe literatura clandestina? O que seria um tremendo problema. Ou algum grupo religioso querendo asilo na embaixada? Os americanos haviam tido isso em 1978, o que lhes causara inúmeros problemas. Ou seria uma armadilha, preparada pelo KGB, para identificar o homem do SIS na embaixada? Era sempre possível. Nenhum secretário comercial comum aceitaria um convite daqueles, escondido numa toalha enrolada por alguém que evidentemente o seguira e observara dos bosques próximos. Contudo, era uma armadilha tosca demais para o KGB. Eles teriam apresentado um desertor simulado no centro de Moscou com informações a transmitir, tirando fotografias secretamente no ponto de encontro. Quem seria então a pessoa que escrevera aquele bilhete?

Vestiu-se rapidamente, ainda indeciso.

Finalmente calçou os sapatos e tomou uma decisão. Se fosse uma armadilha, então ele não recebera qualquer mensagem e estava simplesmente passeando pelos bosques. Para desapontamento de sua esperançosa secretária, Munro partiu sozinho. Parou 100 metros depois, pegou o isqueiro e queimou o cartão, espalhando as cinzas no chão coberto de folhas.

O Sol e seu relógio indicaram-lhe o norte, para longe da margem do rio, que dava para o sul. Depois de 10 minutos, chegou a uma encosta e avistou o domo em forma de cebola de uma capela, dois quilômetros adiante, no outro lado do pequeno vale. Segundos depois, estava novamente caminhando entre as árvores.

Os bosques em torno de Moscou tinham dezenas de pequenas capelas como aquela, outrora os locais de culto dos aldeões, agora principalmente ruínas fechadas e abandonadas. A capela para a qual se dirigia ficava numa pequena clareira, cercada por árvores. À beira da clareira, Munro parou e examinou a capela. Não avistou ninguém. Avançou cuidadosamente, saindo em campo aberto. Estava a poucos metros da porta da frente fechada quando avistou o vulto parado nas sombras de uma arcada. Parou no mesmo instante e por minutos a fio os dois ficaram simplesmente se olhando.

Não havia realmente nada a dizer, por isso Munro limitou-se a murmurar o nome dela:

— Valentina...

Ela emergiu das sombras e respondeu:

— Adam...

"Vinte e um anos", pensou Munro, aturdido. "Ela já deve ter passado dos quarenta." Mas parecia ter no máximo 30 anos, os cabelos continuavam muito pretos, a beleza não desaparecera... nem a aparência inefavelmente triste.

Sentaram-se num dos túmulos e ficaram conversando sobre os velhos tempos, Valentina contou que deixara Berlim, voltando para Moscou, poucos meses depois da separação deles, continuando a ser estenografa para a máquina do Partido. Aos 23 anos, casara-se com um jovem oficial do Exército com excelentes perspectivas. Depois de sete anos, tiveram um filho. Os três eram muito felizes. A carreira do marido progredira consideravelmente, porque ele tinha um tio nos altos escalões do Exército Vermelho e o pistolão funciona na União Soviética, assim como em qualquer outro lugar do mundo. O menino estava agora com 10 anos.

Cinco anos antes, o marido, então no posto de coronel, ainda muito jovem, morrera num acidente de helicóptero, quando estava observando os movimentos de tropas chineses ao longo do Rio Usuri, no Extremo Oriente. Para esquecer a dor, ela voltara a trabalhar. O tio do marido usara sua influência para conseguir-lhe um bom lugar, o que lhe proporcionava privilégios, sob a forma de alimentos especiais, restaurantes exclusivos, um apartamento melhor e um carro particular, todas as coisas, em suma, que são concedidas às pessoas altamente situadas na máquina do Partido.

Finalmente, há dois anos, depois que toda a sua vida fora meticulosamente levantada, ofereceram-lhe uma vaga no grupo pequeno

fechado de estenógrafos e datilógrafos da Secretaria-Geral do Comitê Central, mais conhecida como a Secretaria do *Politburo*.

Munro respirou fundo. Era um cargo alto, muito alto mesmo, de confiança absoluta.

— Quem é o tio do seu falecido marido?

— Kerensky.

— O Marechal Kerensky?

Valentina assentiu. Munro deixou o ar escapar dos pulmões lentamente. Kerensky, o ultra-falcão. Quando tornou a fitá-la, descobriu que os olhos dela estavam úmidos. Valentina piscou rapidamente, à beira das lágrimas. Num súbito impulso, Munro passou o braço pelos ombros dela. Valentina aconchegou-se a ele. Munro pôde sentir o cheiro dos cabelos dela, que ainda desprendiam o mesmo odor suave que o fazia sentir-se ao mesmo tempo terno e excitado, duas décadas atrás, em sua juventude.

— Qual é o problema? — perguntou ele, gentilmente.

— Oh, Adam, sou tão infeliz...

— Mas por quê? Afinal, tem tudo o que se poderia desejar em sua sociedade.

Ela sacudiu a cabeça, lentamente, depois afastou-se dele. Evitou-lhe os olhos, virando a cabeça para contemplar as árvores.

— Por toda a minha vida, Adam, desde que era muito pequena, sempre acreditei. E acreditei com toda sinceridade. Mesmo naquele tempo em que nos amávamos, eu acreditava na excelência e justiça do socialismo. Mesmo nos tempos difíceis, nos períodos de privações em meu país, quando o Ocidente possuía todas as riquezas de consumo e nós nada tínhamos, acreditava na justiça do ideal comunista que a Rússia um dia estenderia ao mundo inteiro. Era um ideal que proporcionaria a todos um mundo sem fascismo, sem ganância por dinheiro, sem explorações, sem guerras. Foi o que me ensinaram a acreditar com toda sinceridade. Era mais importante do que você, do que nosso amor, do que meu marido e meu filho. Tão importante pelo menos quanto meu país, a Rússia, que é parte da minha alma.

Munro conhecia o patriotismo dos russos, uma chama tão ardente que os fazia suportar qualquer sofrimento, qualquer privação, qualquer sacrifício; quando manipulado, fazia também com que obedecessem aos senhores do Kremlin sem a menor hesitação.

— O que aconteceu, Valentina?

— Eles traíram tudo. E continuam a trair. Meu ideal, meu Povo e meu país.

— Eles?

Valentina estava torcendo os dedos, que davam a impressão de que a qualquer momento se poderiam desprender das mãos.

— Os chefes do Partido — disse ela, amargamente, acrescentando a palavra russa de gíria para designar "os gatos gordos". — Os *Nachalstvo*.

Munro já testemunhara duas vezes um despertar súbito daquele tipo. Quando um verdadeiro crente perde a fé, o fanatismo inverso pode ir a estranhos extremos.

— Eu os idolatrava, Adam. Respeitava-os. Reverenciava-os. Mas há anos que tenho vivido perto de todos eles. Tenho vivido à sombra deles, aceitado seus presentes, e cumulada com seus privilégios. Pude conhecê-los bem de perto, em particular, ouvindo-os falarem sobre o povo, ao qual desprezam. Eles são podres, Adam, corruptos e cruéis. Tudo em que tocam se transforma em cinzas.

Munro passou uma perna por cima da sepultura, a fim de poder ficar de frente para ela. Tomou-a nos braços. Ela estava chorando baixinho e murmurou no ombro dele:

— Não posso continuar, Adam, não posso continuar...

— Está bem, minha querida. Quer que eu tente dar um jeito para que possa deixar a União Soviética?

Ele sabia que isso lhe custaria a carreira, mas desta vez não iria deixá-la ir embora. Valeria a pena, nada era tão importante quanto tê-la. Valentina tornou a se afastar dele, as lágrimas escorrendo pelas faces.

— Não posso, Adam. Não posso ir embora. Tenho de pensar em Sacha.

Munro tornou a abraçá-la, em silêncio por mais algum tempo, e pensando rapidamente.

— Como soube que estava em Moscou? — perguntou ele por fim, cuidadosamente.

Ela não deu o menor sinal de surpresa diante da pergunta. De qualquer forma, era perfeitamente natural que ele perguntasse. Entre os soluços, Valentina respondeu:

— Foi no último mês. Um colega do escritório levou-me ao bale. Estávamos num camarote. Quando as luzes se apagaram, pensei que me tivesse enganado. Mas quando tornaram a se acender, no intervalo, não tive mais qualquer dúvida de que era mesmo você. Depois disso, não podia

mais ficar. Aleguei uma dor de cabeça súbita e fui embora. — Ela enxugou os olhos, já passada a crise de choro. — Você se casou, Adam?

— Sim. Muito tempo depois de Berlim. Mas não deu certo. Estamos divorciados há anos.

Ela conseguiu exibir um sorriso tímido.

— Fico contente por isso... fico contente que não haja mais ninguém em sua vida... O que não é muito lógico, não é mesmo?

Munro retribuiu o sorriso.

— Não, não é mesmo. Mas não sabe como é bom ouvi-la dizer isso. Podemos voltar a nos ver? No futuro?

O sorriso dela se desvaneceu, uma expressão de pessoa acuada surgiu-lhe nos olhos. Ela sacudiu a cabeça.

— Não, Adam, não nos poderemos encontrar com frequência. Sou uma alta funcionária no Partido, uma privilegiada. Mas se um estrangeiro aparecesse em meu apartamento, o fato seria notado e devidamente comunicado. O mesmo se aplica a seu apartamento. Os diplomatas são vigiados... e você sabe disso. Os hotéis também são vigiados. E não se consegue alugar um apartamento por aqui sem formalidades. Não é possível, Adam, simplesmente não é possível...

— Foi você quem promoveu este encontro, Valentina. Tomou a iniciativa. Foi apenas para recordar os velhos tempos? Se não gosta da vida que leva aqui, se não gosta dos homens para os quais trabalha... Mas se não pode partir por causa de Sacha, o que então está querendo?

Ela recuperou prontamente o controle e ficou pensando por um momento. Quando falou, a voz estava bastante calma:

— Adam, quero tentar detê-los. Quero tentar impedir o que eles estão fazendo. Creio que há vários anos que sinto esse impulso, mas comecei a pensar mais e mais a respeito depois que o vi no Bolshoi e recordei todas as liberdades que tínhamos em Berlim. Agora, tenho certeza do que devo fazer. Diga-me uma coisa, se puder: existe alguma autoridade de informações em sua embaixada?

Munro estava abalado. Já manipulara dois desertores-no-lugar, um da Embaixada soviética na Cidade do México, outro em Viena. O primeiro era motivado por uma conversão de respeito a ódio contra seu regime, como acontecia com Valentina; o outro por amargura de não ser promovido. O primeiro fora o mais difícil e complicado para manipular.

— Acho que sim — respondeu ele, lentamente. — Deve haver...

Valentina vasculhou na bolsa que estava no chão, junto a seus pés. Tendo tomado sua decisão, aparentemente não tinha mais qualquer

hesitação em cometer sua traição. Tirou da bolsa um envelope estofado.

— Quero que entregue isso a ele, Adam. Prometa que jamais contará como o conseguiu. Por favor, Adam! Estou apavorada pelo que estou fazendo. Não posso .confiar em ninguém, absolutamente ninguém... a não ser em você.

— Prometo, Valentina. Mas tenho que vê-la novamente. Não posso ficar de braços cruzados observando-a passar pela abertura no muro, como fiz da última vez.

— Também não posso fazer isso de novo. Mas não tente entrar em contato comigo em meu apartamento. Fica num conjunto murado para altos funcionários, com um único acesso, através de um portão no muro, onde há sempre um guarda de plantão. Também não tente telefonar-me. Todos os telefonemas são controlados. E jamais irei encontrar-me com outra pessoa da sua embaixada nem mesmo com o chefe do serviço de informações.

— Está certo, Valentina. Mas quando nos poderemos encontrar outra vez?

Ela pensou por um momento.

— Nem sempre é fácil para mim escapar sem que ninguém dê qualquer atenção. E Sacha consome a maior parte de meu tempo vago. Mas tenho meu próprio carro e não sou seguida. Vou deixar Moscou amanhã, por duas semanas. Mas nos podemos encontrar de novo aqui, dentro de quatro domingos. — Ela olhou para o relógio. — Tenho de ir agora, Adam. Sóu uma das convidadas numa *dacha* a poucos quilômetros daqui.

Ele beijou-a, nos lábios, da maneira como costumava fazer antigamente. E foi tão maravilhoso quanto antes. Valentina se levantou e afastou-se pela clareira. Quando ela já estava à beira das árvores, Munro indagou:

— Valentina, o que é isso?

Ele estava levantando o envelope. Ela parou e virou-se.

— Meu trabalho é preparar as transcrições literais das reuniões do Politburo, uma para cada membro. Com base nas gravações. O que tem aí é uma cópia da gravação da reunião de dez de junho.

E no instante seguinte ela desapareceu entre as árvores. Munro continuou sentado na sepultura, olhando para o envelope. E murmurou :

— Essa não!

4

Adam Munro estava sentado numa sala trancada no prédio principal da Embaixada britânica, no Dique Maurice Thorez, escutando as últimas palavras da fita rodando no gravador a sua frente. A sala estava a salvo de qualquer possibilidade de vigilância eletrônica pelos russos e fora justamente por isso que a pedira emprestada ao Chefe da Chancelaria, por algumas horas.

"... e não é preciso dizer que essas notícias não devem chegar ao conhecimento de ninguém mais fora desta sala. Nossa próxima reunião será dentro de uma semana."

A voz de Maxim Rudin silenciou e a fita ficou zunindo no gravador, até parar. Munro desligou o aparelho. Recostou-se na cadeira e deixou escapar um assovio longo e baixo.

Se era verdade, então era muito maior do que tudo o que Oleg Penkovsky entregara, 20 anos antes. A história de Penkovsky já virará folclore no SIS, na CIA, e acima de tudo, nas mais amargas recordações do KGB. Ele era um general do GRU, com acesso às informações mais secretas. Desencantado com a hierarquia do Kremlin, procurara primeiro os americanos e depois os ingleses, oferecendo-se para fornecer informações.

Os americanos haviam-no repelido, desconfiando de uma armadilha. Os ingleses aceitaram a oferta e por dois anos e meio "dirigiram" Penkovsky, até que ele fora descoberto pelo KGB, denunciado, julgado e fuzilado. Durante aqueles dois anos e meio, proporcionara uma verdadeira colheita de ouro em informações secretas, sendo especialmente útil por ocasião da crise dos mísseis cubanos, em outubro de 1962. Naquele mês, o mundo aplaudira a habilidade excepcional demonstrada pelo Presidente Kennedy na confrontação com Nikita Kruschev, sobre a questão da instalação de mísseis soviéticos em Cuba. O que o mundo não soubera era que os americanos já tinham pleno conhecimento de todas as forças e fraquezas do líder russo, graças a Penkovsky.

Ao final, os misses soviéticos foram retirados de Cuba, Kruschev humilhado e Kennedy transformado em herói, enquanto Penkovsky se tornava suspeito. Ele fora preso em novembro. Dentro de um ano, depois de um julgamento espetacular, estava morto. Também dentro de um ano,

Kruschev caíra, derrubado por seus próprios pares, ostensivamente por causa do fracasso de sua política de cereais, mas na verdade porque seu aventureirismo deixara apavorados os outros membros do Politburo. E naquele inverno de 1963 Kennedy também morrera, apenas 13 meses depois do seu triunfo. O democrata, o déspota e o espião haviam deixado os palcos. Mas nem mesmo Penkovsky jamais conseguira penetrar no Politburo.

Munro tirou o carretel da máquina e guardou-o cuidadosamente. A voz do Professor Yakovlev, evidentemente, era-lhe desconhecida; e a maior parte do gravador era constituída pela voz dele, lendo seu relatório. Mas na discussão que se seguira à leitura do relatório pelo professor, havia 10 vozes e pelo menos três podiam ser facilmente identificadas. O resmungo baixo de Rudin era bastante conhecido. Munro já ouvira antes a voz meio estridente de Vishnayev, assistindo a discursos dele em congressos do Partido transmitidos pela televisão. E o rosnado do Marechal Kerensky ele já ouvira em comemorações do 1.° de Maio, tanto em filmes como em gravações.

O problema que tinha, ao levar a gravação para Londres para uma análise de impressões das vozes, como sabia que não poderia deixar de fazer, era como ocultar sua fonte. Não tinha a menor dúvida de que, se contasse o encontro secreto no bosque, depois de achar o bilhete datilografado na toalha, inevitavelmente lhe iriam perguntar:

— Por que você, Munro? Como ela o conhecia?

Seria impossível evitar a pergunta e igualmente impossível responder. A única solução era inventar uma fonte alternativa, que tivesse credibilidade e fosse impossível verificar.

Estava em Moscou há apenas seis semanas, mas seu domínio do russo, até mesmo de gíria, de que ninguém suspeitava, já dera dividendos. Numa recepção diplomática na Embaixada tcheca, duas semanas antes, ele estava conversando com um adido indiano quando ouvira dois russos falando baixo às suas costas. Um deles murmurara:

— Ele é um filho da mãe amargurado. Acha que deveria ter ficado com o bolo maior.

Munro examinara discretamente os dois russos e constatara que ambos estavam observando e presumivelmente falando de um russo no outro lado da sala. A lista de convidados informara-o posteriormente que o homem era Anatoly Krivoi, assessor pessoal e braço direito do teórico do Partido, Vishnayev. Mas por que ele seria amargurado? Munro dera uma olhada em seus arquivos e descobrira a história de Krivoi. Ele trabalhara

na Seção de Organizações do Partido, do Comitê. Pouco depois da indicação de Petrov para a chefia da seção, Krivoi ingressara no *staff* de Vishnayev. Teria mudado por desgosto? Um conflito de personalidade com Petrov?

Teria ficado amargurado por ser preterido? Tudo era possível e tudo era muito interessante para um chefe de informações numa capital estrangeira.

Krivoi... Era possível, pensou Munro. Talvez fosse a solução. Ele também teria acesso, pelo menos à cópia da transcrição de Vishnayev, talvez mesmo à gravação. E provavelmente estava em Moscou; seu chefe certamente estava. Vishnayev estava presente quando o premier da Alemanha Oriental chegara à capital soviética, uma semana antes.

— Desculpe, Anatoly, mas você acaba de mudar de lado — disse Munro consigo mesmo, metendo o envelope no bolso interno do paletó e subindo a escada para falar com o Chefe da Chancelaria.

— Terei de voltar para Londres com o malote de quarta-feira — disse ele ao diplomata. — É inevitável e não pode esperar.

O Chefe da Chancelaria não fez perguntas. Sabia qual era o verdadeiro trabalho de Munro e prometeu que tomaria todas as providências necessárias. O malote diplomático, que é realmente um malote ou pelo menos diversos sacos de lona, segue de Moscou para Londres toda quarta-feira e sempre num voo da *British Airways,* nunca na *Aeroflot*. Um Mensageiro da Rainha, um dos homens que voam ao redor do mundo, partindo de Londres, para buscar malotes diplomáticos, protegidos pela insígnia da coroa e do galgo, chegava a Moscou especialmente para recolher todas as mensagens a serem despachadas pela embaixada. Os despachos mais secretos são levados numa pequena caixa, presa por uma corrente ao pulso esquerdo do homem; as mensagens mais rotineiras seguem nos malotes de lona, que são colocados no compartimento de carga do avião sob a inspeção pessoal do Mensageiro. A partir do momento em que entram no avião, os malotes estão em território britânico. No caso específico de Moscou, o Mensageiro é sempre acompanhado por um funcionário da embaixada.

A missão de escolta é bastante procurada, já que permite uma rápida viagem a Londres, a perspectiva de fazer compras e a oportunidade de uma boa noite de folga. O segundo-secretário que perdeu seu lugar naquela semana ficou aborrecido, mas não fez perguntas.

Na quarta-feira seguinte, o avião da British Airways decolou do novo Aeroporto de Sheremetyevo, construído para as Olimpíadas de 1980,

e logo seguiu na direção de Londres. Sentado ao lado de Munro, o Mensageiro, um ex-major do Exército, baixo e vigoroso, mergulhou prontamente em seu *hobby*, preparando um problema de palavras cruzadas para um grande jornal.

— É preciso encontrar alguma coisa para distrair-se durante essas intermináveis viagens de avião — disse ele a Munro. — Todos nós temos os nossos *hobbies* de voo.

Munro limitou-se a grunhir e olhou para trás, por cima da ponta da asa do avião, para a cidade de Moscou, que ia rapidamente ficando para trás. Em algum lugar lá embaixo, nas ruas banhadas pelo Sol, a mulher a quem ele amava estava trabalhando e andando entre pessoas que iria trair. Ela estava sozinha, por sua própria conta e risco, exposta a todos os perigos.

O território da Noruega, visto isolado do país vizinho a leste, a Suécia, parece uma mão humana, imensa, pré-histórica, fossilizada, estendida para baixo, a partir do Ártico, na direção da Dinamarca e da Grã-Bretanha. É uma mão direita, a palma virada para o oceano, o polegar grosso apontando para leste, encostado no indicador. Na fenda entre o polegar e o indicador fica Oslo, a capital da Noruega.

Para o norte, os ossos fraturados do antebraço estendem-se até Tromso e Hammerfest, no Ártico, uma região tão estreita que em determinados pontos tem apenas 60 quilômetros do mar à fronteira sueca. Num mapa em relevo, a mão parece ter sido esmagada por algum gigantesco martelo dos deuses, rachando ossos e artelhos em milhares de partículas. Em nenhum lugar a quebra é mais acentuada do que ao longo da costa ocidental, onde seria a chamada quina da mão.

A terra está ali fragmentada em mil pedaços, o mar penetrando entre os cacos para formar 1.000 enseadas, barrancas, baías e gargantas, com desfiladeiros estreitos e sinuosos, onde as montanhas caem verticalmente até as águas cintilantes. São os *fjords*, de onde saiu, há 1.500 anos, uma raça de homens que foram os melhores marinheiros que já singraram os mares. Antes de sua era chegar ao fim, eles já tinham alcançado a Groenlândia e a América, conquistado a Irlanda, povoado a Grã-Bretanha e a Normandia, saqueado até a Espanha e Marrocos, navegado do Mediterrâneo à Islândia. Eram os *vikings*, cujos descendentes ainda vivem e pescam ao longo dos fjords da Noruega.

Um deles era Thor Larsen, capitão do mar e comandante de navio, que numa tarde de meados de julho passou a pé pelo palácio real, na capital sueca, Estocolmo, saindo da matriz de sua companhia e voltando

para o hotel em que estava hospedado. As pessoas normalmente se afastavam para dar-lhe passagem, pois era um homem com l,90m de altura, largo como as calçadas da parte velha da cidade, barbado, de olhos azuis. Estando em terra, vestia-se à paisana. Mas estava feliz, porque tinha motivos para pensar, depois de visitar a matriz da Linha Nordia, que em breve poderia ter um novo comando.

Depois de seis meses fazendo um curso à custa da companhia, sobre as complexidades do radar, navegação por computador e tecnologia de superpetroleiro, ele estava morrendo de vontade de voltar ao mar. O chamado à matriz fora para receber um convite, por intermédio da secretária particular, para jantar naquela noite com o proprietário, presidente e diretor-executivo da Linha Nordia. O convite também incluía a esposa de Larsen, que fora avisada pelo telefone e estava vindo da Noruega de avião, com a passagem paga pela companhia. O Velho estava esbanjando cortesia, pensou Larsen. Deveria haver alguma coisa no ar.

Ele pegou seu carro alugado no estacionamento do hotel, do outro lado da ponte sobre o Nybroviken, e percorreu os 37 quilômetros até o aeroporto. Quando Lisa Larsen chegou ao terminal, ele a saudou com a delicadeza de um São Bernardo excitado, levantando-a do chão como se fosse uma garotinha. E ela era de fato pequena, o chamado tipo *mignon*, os olhos pretos muito brilhantes, os cabelos castanhos encaracolados e um corpo esguio, que desmentia seus 38 anos. E ele a adorava. Vinte anos antes, quando era um desengonçado segundo-imediato de 25 anos, Larsen a conhecera num dia gelado de inverno em Oslo. Ela escorregara no gelo, ele a pegara como se fosse uma boneca e a pusera de pé.

Ela estava usando um capuz revestido de pele que quase lhe ocultava o rosto. E quando agradecera, Larsen pudera ver apenas os olhos, espiando através da massa de pele e neve, tão brilhantes quanto os olhos do rato-de-neve nas florestas de inverno. Desde então, ao longo do namoro e casamento, ele sempre a chamara de ratinha-da-neve.

Voltaram no carro para o centro de Estocolmo. Durante todo o percurso, ele foi fazendo perguntas sobre a casa deles em Alesund, na costa ocidental da Noruega, e sobre os progressos dos dois filhos adolescentes. Mais ao sul, um avião da *British Airways* passava pelo espaço aéreo da Suécia, em sua rota de Moscou para Londres. Thor Larsen não sabia disso. Nem se importava.

O jantar daquela noite seria no famoso Porão da Aurora, um restaurante construído abaixo do solo, nas despensas subterrâneas de um antigo palácio, na zona medieval da cidade. Quando Thor e Lisa Larsen

chegaram, descendo a escada estreita para o porão, encontraram lá embaixo, à espera, o proprietário, Leonard.

— O Sr. Wennerstrom já está aqui — disse ele, levando-os a uma sala particular, pequena e íntima, em arcada, os tijolos de 500 anos, com uma mesa antiga de madeira de lei, iluminada por velas presas em castiçais de ferro batido. No momento em que eles entraram, o patrão de Werner, Harald Wennerstrom, levantou-se prontamente, abraçou Lisa e apertou a mão de Thor.

Harald "Harry" Wennerstrom era quase uma lenda viva entre os homens do mar da Escandinávia. Estava agora com 75 anos, grisalho e brusco, as sobrancelhas eriçadas. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, voltando à sua cidade natal, Estocolmo, herdara do pai meia dúzia de pequenos navios cargueiros. Em 35 anos, conseguira a maior frota de petroleiros independente fora das mãos dos gregos e dos chineses de Hong-Kong. A Linha Nordia era sua criação, diversificando dos cargueiros secos para petroleiros, em meados da década de 1950, com imensos investimentos, construindo navios para o *boom* do petróleo na década de 1960, sempre confiando em seu próprio julgamento, muitas vezes contrário a todas as outras opiniões.

Sentaram-se e comeram. Wennerstrom limitou-se a uma conversa superficial, indagando como iam os filhos deles. O seu casamento de 40 anos terminara com a morte da esposa, há quatro anos. Não tiveram filhos. Mas, se por acaso tivessem, ele gostaria que fosse como o imenso norueguês sentado a sua frente, um marinheiro filho de marinheiro. E ele gostava muito de Lisa.

O salmão, curtido em salmoura e endro, ao estilo escandinavo, estava delicioso, o pato dos pântanos salgados de Estocolmo estava excelente. Foi somente depois que terminaram de comer e estavam acabando o vinho — Wennerstrom bebendo água com uma cara de infeliz, "tudo o que os malditos médicos me permitem atualmente", é que ele se pôs a tratar de negócios.

— Há três anos, Thor, em 1979, fiz três previsões. A primeira foi de que, em 1982, a solidariedade da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, OPEP, estaria liquidada. A segunda foi de que a política do Presidente americano de reduzir o consumo de petróleo dos Estados Unidos teria fracassado. A terceira foi de que a União Soviética passaria de exportadora de petróleo para importadora. Disseram que eu estava doido, mas os fatos comprovaram meu acerto.

Thor Larsen assentiu. A formação da OPEP e a quadruplicação dos preços do petróleo, no inverno de 1973, provocaram um colapso mundial, que quase destruíra a economia do mundo ocidental. Também provocara um declínio de sete anos nas atividades dos petroleiros, com milhões de toneladas de espaço em navios sem aproveitamento, inúteis, antieconômicos, dando prejuízos. Só um espírito arrojado poderia ter previsto, com três anos de antecedência, os acontecimentos que iriam surgir entre 1979 e 1982: o colapso da OPEP, à medida que o mundo árabe se dividia em facções em luta; a revolução no Irã; a desintegração da Nigéria; a precipitação das nações produtoras de petróleo em vender a qualquer preço, para financiar a aquisição de armamentos; o aumento vertiginoso do consumo de petróleo nos Estados Unidos, baseado na convicção do americano comum de que tinha o direito, concedido por Deus, de saquear os recursos do globo para atender a seus confortos pessoais: e a queda da produção petrolífera soviética, em decorrência de uma tecnologia deficiente, obrigando a Rússia a tornar-se outra vez um país importador. Todos esses fatores haviam-se combinado para produzir um novo *boom* dos petroleiros, que continuava a crescer, no verão de 1982.

— Como já sabe — continuou Wennerstrom — em setembro último assinei um contrato com os japoneses para a construção de um novo superpetroleiro. No mercado, todos disseram que eu estava louco, já que metade da minha frota estava ancorada no Estreito de Stromstad, e eu encomendava um novo navio. Mas acontece que não estou louco. Conhece a história da *East Shore Company*?

Larsen tornou a assentir. Uma pequena companhia petrolífera americana há 10 anos sediada na Louisiana passara o controle do dinâmico Clint Blake. Em 10 anos, crescera e se expandira consideravelmente, até ficar prestes a ingressar no clube das Sete Irmãs, as mastodontes dos cartéis do petróleo.

— No verão do próximo ano, 1983, Clint Blake tenciona invadir a Europa. É um mercado difícil e já muito disputado, mas ele está convencido de que pode conquistar uma fatia. Está instalando milhares de postos pelas estradas da Europa, a fim de vender sua própria marca de gasolina e óleo. Vai precisar de tonelagem em petroleiros. E é justamente o que disponho. Um contrato de sete anos para transportar petróleo bruto do Oriente Médio para a Europa Ocidental. Blake já está construindo sua própria refinaria, em Rotterdam, perto da Esso, Mobil e Chevron. É para isso que encomendei o novo superpetroleiro. É muito grande, ultramoderno e dispendioso, mas vai pagar-se. Fazendo cinco ou seis

viagens por ano do Golfo Pérsico a Rotterdam, o investimento estará amortizado em cinco anos. Mas não é esse o motivo principal pelo qual o mandei construir. O novo superpetroleiro vai ser o maior e o melhor, minha nave capitania, meu monumento. E você vai ser o comandante.

Thor Larsen permaneceu em silêncio. A mão de Lisa deslizou pela mesa e foi pousar por cima da mão dele, apertando-a gentilmente. Larsen sabia perfeitamente que há dois anos jamais poderia comandar um navio de bandeira sueca, por ser norueguês. Mas desde o Acordo de Gothenburg, acertado no ano anterior, com a ajuda decisiva de Wennerstrom, um armador sueco podia solicitar a cidadania honorária da Suécia para qualquer escandinavo excepcional, mas não sueco, que estivesse a seu serviço, a fim de poder oferecer-lhe o comando de um navio. E ele pedira e conseguira a cidadania honorária para Larsen.

O café foi servido e eles o tomaram lentamente.

— O superpetroleiro está sendo construído no estaleiro da Ishikawajima Harima, no Japão — disse Wennerstrom. — É o único estaleiro do mundo que tem condições para construí-lo. Eles possuem o dique seco.

Os dois homens sabiam que há muito já passara o tempo em que os navios eram construídos em rampas de lançamento e depois deslizavam para a água. Os fatores de tamanho e peso eram agora grandes demais. Os navios gigantescos eram agora construídos em diques secos; quando ficavam prontos, o mar entrava no dique através de comportas e os navios simplesmente flutuavam na água.

— Os trabalhos começaram em 4 de novembro último — disse Wennerstrom. — A quilha ficou pronta a 30 de janeiro. O navio está agora tomando forma. Vai flutuar em primeiro de novembro próximo. Depois de três meses de ajustamentos no ancoradouro e testes em alto-mar, estará pronto para entrar em atividades a dois de fevereiro. E você estará no comando, Thor.

— Obrigado — murmurou Larsen. — Já escolheu o nome?

— Já, sim. Pensei bastante nisso. Está lembrado das Sagas? Vamos dar-lhe um nome para agradar Niorn, o deus do mar — disse Wennerstrom. Ele estava segurando o copo com água e olhando para a chama da vela no castiçal de ferro batido a sua frente. — Niorn controla o fogo e a água, os grandes inimigos de um comandante de petroleiro: a explosão e o próprio mar.

A água no copo e a chama da vela refletiam-se nos olhos do velho armador, como outrora o fogo e o mar haviam-se refletido em seus olhos,

quando estava sentado, impotente, num escaler, no meio do Atlântico, em 1942, a quatro amarras do seu petroleiro em chamas, seu primeiro comando, observando a tripulação morrer queimada no mar ao redor.

Thor Larsen ficou olhando para o patrão, duvidando de que o velho acreditasse realmente naquela mitologia. Lisa, sendo mulher, sabia que Wennerstrom estava falando absolutamente sério. O sueco finalmente recostou-se na cadeira, empurrou o copo para o lado com um gesto impaciente e encheu o outro copo a sua frente com vinho tinto.

— Vamos dar o nome da filha de Niorn, Freya, a mais linda de todas as deusas. O novo superpetroleiro vai chamar-se Freya. — Levantou o copo com vinho. — A Freya.

Todos beberam.

— Quando Freya zarpar — acrescentou Wennerstrom — o mundo jamais terá visto algo igual. E depois que se for, o mundo nunca mais verá outro navio igual.

Larsen sabia que os dois maiores petroleiros do mundo eram o Beliamya e o Batillus, da Shell francesa, ambos um pouco acima de meio milhão de toneladas.

— Qual será a tonelagem de Freya? — indagou ele. — Quanto petróleo bruto poderá transportar?

— Ah, eu tinha esquecido de mencionar — murmurou o velho armador, maliciosamente. — Poderá transportar um milhão de toneladas de petróleo bruto.

Thor Larsen pôde ouvir a exclamação de espanto da esposa, a seu lado.

— É grande, muito grande... — murmurou ele, finalmente.

— O maior que o mundo já conheceu — disse Wennerstrom.

Dois dias depois, um Jumbo pousou no Aeroporto de Heathorw, em Londres, procedente de Toronto. Entre os passageiros, havia um certo Azamat Krim, nascido no Canadá, filho de um emigrado, o qual também inglesara seu nome, como Andrew Drake, passando a chamar-se Arthur Crimmins. Era um dos homens que Drake descobrira anos antes, como alguém que partilhava integralmente suas crenças.

Drake estava a sua espera, assim que ele passou pela alfândega. Seguiram de carro para o apartamento de Drake, na Estrada Bayswater.

Azamat Krim era um tártaro da Crimeia, baixo, moreno, rijo. O pai dele, ao contrário do pai de Drake, lutara na Segunda Guerra Mundial com o Exército Vermelho e não contra. Mas sua lealdade à Rússia de nada lhe adiantara. Capturado pelos alemães em combate, ele e toda sua raça

haviam sido acusados por Stalin de colaboração com os alemães, uma acusação totalmente infundada, mas suficiente para permitir ao déspota russo deportar toda a nação tártara para as regiões selvagens do oriente. Dezenas de milhares de tártaros da Crimeia haviam morrido nos vagões de gado sem aquecimento, outros milhares pereceram nas vastidões geladas do Kazaquistão e da Sibéria, sem alimentos nem roupas apropriadas.

Num campo de trabalhos forçados alemão, Chingris Krim tomara conhecimento da morte de toda sua família. Libertado pelos canadenses em 1946, tivera a sorte de não ser devolvido a Stalin, para execução nos campos de trabalhos forçados soviéticos. Fizera amizade com um oficial canadense, antigo cavaleiro de rodeio de Calgary, que um dia, numa fazenda de criação de cavalos austríacos, admirara a maestria com que o soldado tártaro sabia montar. O canadense obtivera a autorização necessária para que Krim emigrasse para o Canadá, onde ele se casara e tivera um filho. Azamat era esse filho e estava agora com 30 anos. Assim como Drake, acalentava um ódio amargurado contra o Kremlin, por causa do sofrimento imposto ao povo de seu pai.

No pequeno apartamento em Bayswater, Andrew Drake explicou seu plano e o tártaro concordou em colaborar. Juntos, deram os retoques finais no esquema para obter os recursos necessários, assaltando um banco no norte da Inglaterra.

O homem a quem Adam Munro se apresentou no quartel-general do SIS era o seu controlador, Barry Ferndale, o Chefe da Seção Soviética. Anos antes, Ferndale tivera sua atividade de campo, ajudando inclusive nos interrogatórios exaustivos de Oleg Penkovsky, nas ocasiões em que o desertor russo estivera na Inglaterra, acompanhando delegações comerciais soviéticas.

Ele era baixo e gordo, o rosto rosado, sempre jovial. Ocultava o cérebro aguçado e um profundo conhecimento dos problemas soviéticos por trás de maneirismos alegres e de uma aparente ingenuidade.

Em sua sala no quarto andar do quartel-general da Firma, ele escutou atentamente a gravação de Moscou até o fim. Quando acabou, começou a polir vigorosamente as lentes dos óculos, no maior excitamento.

— Ah, mas que coisa, meu caro amigo! Ah, meu caro Adam! Que coisa extraordinária! Isso é realmente inestimável!

— Se for genuína — disse Munro, cautelosamente. Ferndale estremeceu, como se a possibilidade ainda não lhe tivesse ocorrido.

— Ah, sim, claro, claro... Se for genuína. E agora você deve contar-me como obteve essa gravação.

Munro contou a história com todo cuidado. Era verdadeira em todos os detalhes, só que afirmou que a fonte da gravação tinha sido Anatoly Krivoi.

— Krivoi... claro que o conheço! Agora, tenho de providenciar a tradução de tudo para o inglês e levar ao Mestre. Pode ser algo muito grande. E já deve saber que não poderá voltar para Moscou amanhã. Tem algum lugar para ficar? O seu clube? Ótimo! De primeira classe. Pode ir agora. Tenha um jantar excelente e fique descansando em seu clube por uns dois dias.

Ferndale telefonou para a esposa, informando que não iria naquele dia para a modesta casa em que moravam em Piner, pois teria de passar a noite na cidade. Ela conhecia o trabalho do marido e já estava acostumada àquelas ausências.

Ele passou a noite trabalhando na tradução da gravação, sozinho em sua sala. Era fluente em russo, embora não possuísse o ouvido ultra-sensível de Munro para o tom e as nuanças, que são as características do verdadeiro bilíngue. Mas era bastante bom em russo. Não perdeu coisa alguma do relatório de Yakovlev, nem da breve mas aturdida reação que se seguiu entre os 13 membros do *Politburo*.

Às 10 horas da manhã seguinte, sem dormir, mas barbeado e de café tomado, parecendo tão rosado e desperto quanto sempre, Ferndale ligou para a secretária de Sir Nigel Irvine pela linha particular e pediu para falar-lhe. Dez minutos depois ele estava reunido com o Diretor-Geral.

Sir Nigel Irvine leu a transcrição em silêncio, largou-a ao terminar e olhou para a fita que estava na mesa à sua frente.

— É genuína? — indagou ele.

Barry Ferndale abandonara sua jovialidade habitual. Conhecia Nigel Irvine há anos como colega e a promoção do amigo ao posto supremo e ao título de cavaleiro nada mudara entre os dois.

— Não sei — respondeu ele, pensativo. — Vai precisar de muita verificação para se determinar. Mas é possível que seja autêntica. Adam contou-me que se encontrou rapidamente com esse Krivoi numa recepção na Embaixada tcheca, há pouco mais de duas semanas. Se Krivoi estava pensando em dar o passo, teria sido a sua oportunidade. Penkovsky agiu exatamente dessa forma. Encontrou um diplomata em território neutro e marcou um encontro secreto posterior. É claro que foi encarado com

extrema suspeita, até que suas informações fossem confirmadas. É o que estou querendo fazer neste caso.

— Explique — disse Sir Nigel.

Ferndale começou a polir novamente os óculos. A velocidade dos movimentos circulares com o lenço sobre as lentes, segundo o folclore, estava na proporção direta do ritmo de seu pensamento... e naquele momento ele estava polindo furiosamente.

— Em primeiro lugar, devemos pensar em Munro — disse ele. — Como pode ser uma armadilha e o segundo encontro servir para fazê-lo cair nela, eu gostaria que ele ficasse de licença aqui, até terminarmos de verificar a gravação. É possível que a Oposição esteja tentando criar um incidente entre governos.

— Ele tem férias em atraso? — indagou Sir Nigel.

— Para dizer a verdade, tem, sim. Foi transferido tão às pressas para Moscou, no final de maio, que não pôde gozar as duas semanas de férias do verão.

— Ele pode tirar essas duas semanas de férias agora. Mas deve permanecer em contato conosco. E não deve sair da Inglaterra. Barry, nada de ficar passeando pelo exterior, enquanto não estiver tudo definido.

— Depois, temos de cuidar da gravação propriamente dita — continuou Ferndale. — Pode-se fazer uma divisão em duas partes: o relatório de Yakovlev e as vozes do *Politburo*. Até onde eu sei, nunca antes ouvimos Yakovlev falar. Assim, não será possível efetuar testes de impressão de voz com ele. Mas o relatório é altamente técnico. Eu gostaria de verificar os detalhes com alguns especialistas em proteção química de sementes de cereais. Há uma excelente seção no Ministério da Agricultura que cuida desses problemas. Não há qualquer necessidade de alguém saber por que nós estamos querendo informar sobre esse problema específico. Mas tenho de ficar convencido de que é possível o acidente descrito com a válvula do lindano.

— Está lembrado daquela pasta que os Primos nos emprestaram há cerca de um mês? — perguntou Sir Nigel. — Com as fotos tiradas pelos satélites Condores?

— Claro que estou.

— Verifique os sintomas de acordo com a aparente explicação, o que mais poderia ser?

— A segunda parte permite uma análise de impressão de vozes — retomou Ferndale. — Eu gostaria de fragmentar essa parte em pedaços, a fim de que ninguém possa tomar conhecimento do que se está falando. O

laboratório de linguagem em Beaconsfield pode examinar a fraseologia, sintaxe, expressões vernaculares, dialetos regionais e assim por diante. Mas o fator decisivo será a comparação de impressões de voz.

Sir Nigel assentiu. Ambos sabiam que as vozes humanas, reduzidas a uma série de *bips* e impulsos registrados eletronicamente, são tão individuais quanto as impressões digitais. Não existem duas que sejam exatamente iguais.

— Está certo, Barry. Mas insisto em duas coisas. No momento, além de você, Munro e eu, ninguém mais sabe disso. Se é uma falsificação, não devemos levantar falsas esperanças. Se for algo autêntico, é altamente explosivo. Ninguém da parte técnica deve tomar conhecimento do todo. Em segundo lugar, não quero ouvir novamente o nome de Anatoly Krivoi. Crie um nome de cobertura e passe a usá-lo daqui por diante.

Duas horas depois, Barry Ferndale telefonou para Munro, que estava almoçando em seu clube. Como a linha telefônica era aberta, utilizaram a linguagem comercial habitual:

— O diretor-executivo ficou imensamente feliz com o relatório de vendas — disse Ferndale a Munro. — Está querendo que você tire duas semanas de licença para podermos definir tudo e determinar o que faremos daqui por diante. Tem alguma ideia do lugar onde gostaria de passar a licença?

Munro não tinha, mas tomou imediatamente uma decisão. Sabia que não era um simples pedido, mas uma ordem.

— Eu gostaria de voltar à Escócia por algum tempo. Sempre quis andar durante o verão de Lochaber até a costa de Sutherland.

Ferndale ficou extasiado.

— As Terras Altas, os deslumbrantes vales da bela Escócia! Deve estar uma verdadeira maravilha nesta época do ano. Pessoalmente, jamais pude suportar os exercícios físicos, mas tenho certeza de que vai gostar. Mas preciso que mantenha contato comigo, de dois em dois dias. Tem o telefone da minha casa, não é mesmo?

Uma semana depois, Miroslav Kaminsky chegou à Inglaterra, com os documentos de viagem fornecidos pela Cruz Vermelha. Atravessara a Europa de trem, a passagem paga por Drake, que estava quase no fim de seus recursos financeiros.

Kaminsky e Krim foram apresentados. E Kaminsky prontamente recebeu suas ordens.

— Tem de aprender inglês — disse-lhe Drake. — Vai estudar de manhã, de tarde e de noite. Vai aprender através de livros e discos, mais depressa do que já aprendeu qualquer outra coisa antes. Enquanto isso, vou providenciar-lhe outros documentos. Não poderá viajar com os documentos da Cruz Vermelha para sempre. Enquanto eu não tiver obtido os novos documentos e enquanto você não souber falar inglês, não deve deixar o apartamento.

Adam Munro caminhara por 10 dias, pelas terras altas de Inverness, Ross e Cromarty, até o Condado de Sutherland. Chegara à cidadezinha de Lochinver, no ponto em que as águas do North Minch se estendem para oeste até a Ilha de Lewis, quando deu o sexto telefonema para a casa de Barry Ferndale, nos subúrbios de Londres.

— Foi bom ter ligado — disse Ferndale. — Pode voltar ao escritório? O diretor-executivo está querendo falar-lhe.

Munro prometeu partir dentro de uma hora e pegar o trem para Inverness, de onde poderia seguir de avião para Londres.

Em sua casa nos arredores de Sheffield, a grande cidade siderúrgica de Yorkshire, o Sr. Norman Pickering deu um beijo de despedida na esposa e na filha, naquela manhã de sol de fim de julho, seguindo de carro para o banco de que era gerente.

Vinte minutos depois, um pequeno furgão com o nome de uma companhia de aparelhos eletrodomésticos parou diante da casa. Dois homens de casaco branco saltaram. Um deles levou uma caixa de papelão grande até a porta da frente, precedido por seu companheiro, que segurava uma prancheta. A Sra. Pickering abriu a porta e os dois homens entraram. Nenhum dos vizinhos prestou qualquer atenção.

O homem com a prancheta saiu 10 minutos depois e foi embora. Seu companheiro aparentemente ficou na casa para instalar e testar o aparelho que fora entregue.

Trinta minutos depois, o furgão estava estacionado a dois quarteirões do banco. O motorista, sem o casaco branco e usando um terno cinza, levando não a prancheta mas uma pasta de executivo, entrou no banco. Estendeu um envelope a uma das funcionárias, que deu uma olhada e verificou que estava endereçado pessoalmente ao Sr. Pickering. Levou-o para o gerente. O homem ficou esperando pacientemente.

Dois minutos depois, o gerente abriu a porta de sua sala e olhou para fora. Avistou o homem à espera.

— Sr. Partington? Entre, por favor.

Andrew Drake não disse nada até a porta ser fechada. Quando falou, a voz não tinha qualquer vestígio do sotaque típico do Yorkshire, onde ele nascera. O tom era gutural, como se tivesse nascido no Continente. Os cabelos estavam vermelhos, cor de cenoura, óculos escuros ocultavam parcialmente os olhos.

— Eu gostaria de abrir uma conta e fazer uma retirada em dinheiro.

Pickering ficou perplexo. Aquela transação poderia ter sido resolvida por um dos seus assistentes.

— Uma conta grande e uma transação grande — acrescentou Drake. Empurrou um cheque por cima da mesa. Era um cheque avulso, do tipo que se pode conseguir no balcão. Era da sucursal do próprio banco de Pickering em Holborn, Londres, no valor de 30.000 libras.

— Estou entendendo — disse Pickering. Aquela quantia era decididamente da competência do gerente. — E a retirada?

— Vinte mil libras em dinheiro.

— Vinte mil libras em dinheiro? — repetiu Pickering, estendendo a mão para o telefone. — É claro que, nessas circunstâncias, não posso deixar de telefonar para a sucursal de Holborn e...

— Não creio que seja necessário.

Drake empurrou por cima da mesa um exemplar do Times de Londres daquela manhã. Pickering ficou aturdido. E o que Drake entregou-lhe em seguida deixou-o ainda mais aturdido. Era uma fotografia, tirada com uma câmara Polaroid. Ele reconheceu prontamente a esposa, a quem deixara 90 minutos antes, sentada ao lado da lareira, os olhos arregalados de medo. Podia ver uma parte de sua sala de estar. A esposa abraçava a filha com um dos braços. Sobre seus joelhos estava o mesmo exemplar do Times de Londres.

— Foi tirada há sessenta minutos — disse Drake.

O estômago de Pickering se contraiu. O instantâneo não ganharia prêmios pela qualidade fotográfica, mas os contornos do ombro do homem em primeiro plano e da espingarda de cano serrado apontando para a família dele eram inconfundíveis.

— Se der o alarme, a polícia virá para cá e não para sua casa — acrescentou Drake. — Antes de a polícia entrar nesta sala, você já estará morto. Exatamente dentro de sessenta minutos, a menos que eu dê um telefonema para dizer que já parti em segurança com o dinheiro, esse homem vai puxar o gatilho. Por favor, não pense que estamos brincando. Estamos dispostos até a morrer, se for necessário. Somos da Facção do Exército Vermelho.

Pickering engoliu em seco. Debaixo da mesa, a um palmo de seu joelho, havia um botão ligado a um sistema de alarme silencioso. Ele olhou novamente para a fotografia e afastou o joelho do botão.

— Ligue para seu assistente e determine que abra a conta, credite o cheque e providencie a retirada de vinte mil libras em dinheiro. Diga que já telefonou para Londres e está tudo em ordem. Se ele manifestar surpresa, diga que a quantia é para uma grande campanha de promoção comercial, na qual os prêmios serão dados em dinheiro vivo. Procure controlar-se e seja convincente.

O assistente ficou de fato surpreso, mas o gerente parecia bastante calmo. Estava talvez um pouco deprimido; afora isso, porém, estava normal. E o homem de terno cinza parecia

relaxado e amistoso. Havia até mesmo um copo de *sherry* do gerente diante de cada um. É verdade que o cliente estava de luvas, o que era um tanto estranho naquele tempo quente. Trinta minutos depois, o assistente do gerente retirou o dinheiro do cofre, deixou-o na mesa do gerente e se retirou.

Drake guardou-o calmamente na pasta de executivo.

— Restam trinta minutos — disse ele a Pickering. — Darei o telefonema dentro de vinte e cinco minutos. Meu colega deixará sua esposa e filha ilesas. Se der o alarme antes disso, ele vai atirar primeiro e depois correr o risco com a polícia.

Depois que ele se foi, o Sr. Pickering continuou sentado, totalmente imóvel, por meia hora. Na verdade, Drake telefonou para a casa cinco minutos depois, de uma cabine telefônica. Krim atendeu, sorriu rapidamente para a mulher estendida no chão, as mãos e tornozelos presos com fita isolante, e depois foi embora. Nenhum dos dois usou o furgão, que havia sido roubado no dia anterior. Krim usou uma motocicleta estacionada na mesma rua, um pouco mais adiante. Drake pegou um capacete de motociclista no furgão, para esconder os cabelos vermelhos, e usou a segunda motocicleta, estacionada por perto. As duas tinham placas de Sheffield, que ficava a 30 minutos de distância. Abandonaram as motocicletas no norte de Londres e voltaram a se encontrar no apartamento de Drake, onde ele lavou a tintura vermelha dos cabelos e quebrou os óculos em fragmentos.

Munro tomou o café da manhã no avião, ao sul de Aberdeen. Depois que as bandejas de plástico foram tiradas, a aeromoça ofereceu os jornais londrinos daquela manhã. Estando no fundo do avião, Munro perdeu o *Times* e o *Telegraph,*mas conseguiu um exemplar do *Daily Express*. A manchete era a história de dois homens não-identificados, que se supunha serem alemães da Facção do Exército Vermelho, que haviam roubado 20 mil libras de um banco de Sheffield.

— Filhos da mãe! — disse o técnico de petróleo inglês que trabalhava nos poços marítimos do Mar do Norte e estava sentado ao lado de Munro, batendo na manchete do *Daily Express*. — Malditos comunistas! Eu enforcaria todos eles!

Munro admitiu que o enforcamento era certamente uma providência que teria de ser considerada em futuro próximo.

Em Heathrow, ele pegou um táxi quase até o escritório. Foi levado imediatamente à sala de Barry Ferndale.

— Adam, meu caro, está olhando para um novo homem! — Fez Munro sentar-se e estendeu-lhe uma xícara de café. — E vamos à gravação. Deve estar morrendo de curiosidade. A verdade, meu caro, é que se trata de uma gravação genuína. Não resta a menor dúvida. Tudo confere. Houve uma tremenda confusão no Ministério da Agricultura soviético. Seis ou sete altos funcionários foram demitidos, inclusive um que julgamos ser o pobre coitado em Lubyanka.

“Isso ajuda a confirmar a história. De qualquer maneira, as vozes são genuínas. Segundo o pessoal do laboratório, não há a menor dúvida quanto a isso. Mas vamos à grande confirmação. Um dos nossos agentes, baseado em Leningrado, conseguiu sair de carro da cidade. Não há muito trigo sendo cultivado lá pelo norte mas sempre se encontra um pouco. Ele parou o carro para dar urna mijada e conseguiu pegar uma haste de trigo afetado. Nós recebemos pelo malote há três dias. Recebi o relatório do laboratório ontem à noite. Confirma que há um excesso desse tal lindano na raiz. Eis o ponto em que estamos. Você encontrou o que nossos primos americanos chamam encantadoramente de uma verdadeira mina de ouro. E é ouro de

vinte e quatro quilates. Por falar nisso, o Mestre está querendo vê-lo. Você vai voltar para Moscou esta noite.

O encontro de Munro com Sir Nigel Irvine foi cordial, mas rápido.

— Bom trabalho — disse o Mestre. — Pelo que soube, seu próximo encontro será dentro de duas semanas.

Munro assentiu.

— Esta pode ser uma operação prolongada — acrescentou Sir Nigel. — Por isso, é ótimo que você seja novo em Moscou. Ninguém vai estranhar se permanecer uns dois anos. Mas como o homem pode mudar de ideia, quero que o pressione por mais informações, tudo o que pudermos arrancar. Vai precisar de alguma ajuda, de algum apoio?

— Não, obrigado. Agora que tomou a decisão, ele insiste em só falar comigo. Não creio que seja bom assustá-lo a esta altura, envolvendo outros no contato. E creio também que ele não pode viajar, como fazia Penkovsky. Vishnayev jamais viaja. Assim, não há motivo para Krivoi viajar também. Terei de cuidar de tudo sozinho.

— Está certo — assentiu Sir Nigel. — Poderá fazer como achar melhor.

Depois que Munro se retirou, Sir Nigel deu uma olhada na ficha pessoal dele, que estava sobre a mesa. Tinha suas apreensões. O homem era um solitário, sentia-se pouco à vontade trabalhando em equipe. Era um indivíduo que andava sozinho pelas montanhas da Escócia quando queria relaxar um pouco.

Havia um adágio na Firma: há agentes antigos e há agentes audazes, mas não existem agentes antigos e audazes. Sir Nigel era um agente antigo, um velho agente, e apreciava devidamente a cautela. Aquele caso surgira do nada, inesperadamente, uma surpresa total. Mas, no final das contas, a gravação era genuína. Assim como era também o comunicado em cima da mesa, para se encontrar com a Primeira-Ministra ao final da tarde, na Downing Street. Como não podia deixar de fazer, ele avisara ao Secretário do Exterior assim que ficara comprovada a autenticidade da gravação.

E o resultado era o chamado para uma reunião com a Primeira-Ministra.

A porta preta da Downing Street, 10, residência do Primeiro-Ministro britânico, é provavelmente uma das portas mais conhecidas do mundo. Fica à direita, a dois terços de um pequeno beco sem saída, em Whitehall, espremido entre os prédios imponentes do Gabinete e do Foreign Office.

Diante dessa porta, com o número 10 em branco e a aldraba de latão, vigiada por um único guarda, desarmado, os turistas se reúnem para tirar fotografias e observar as idas e vindas de mensageiros e personalidades famosas.

Na verdade, são os homens que apreciam a publicidade que gostam de entrar pela porta da frente, enquanto os homens de influência preferem usar a porta lateral. A casa chamada de Número Dez forma um ângulo reto com o prédio do Gabinete, os cantos quase se tocando, encerrando um pequeno gramado, por trás de grades pretas. No ponto em que os cantos quase se encontram, há um caminho que leva a uma pequena porta lateral. E foi por essa porta, ao final daquela última tarde de julho, que passaram o Diretor-Geral do SIS e o Secretário do Gabinete, Sir Julian Flannery. Os dois foram levados diretamente ao segundo andar, passando pela Sala do Gabinete, para o escritório particular da Primeira-Ministra.

A Primeira-Ministra lera a transcrição da gravação da reunião do *Politburo*, que lhe fora entregue pelo Secretário do Exterior.

— Os americanos já foram informados? — perguntou ela, abruptamente.

— Ainda não, Madame — respondeu Sir Nigel. — A confirmação final da autenticidade só tem três dias.

— Eu gostaria de fazer a comunicação pessoalmente — declarou a Primeira-Ministra. Sir Nigel inclinou a cabeça. — As perspectivas políticas dessa iminente escassez de trigo na União Soviética são incomensuráveis. Como os maiores produtores de excedentes de trigo do mundo, os Estados Unidos devem ser envolvidos no caso desde o início.

— Eu não gostaria que os Primos interferissem com o trabalho do nosso agente — declarou Sir Nigel. — O controle do contato pode ser extremamente delicado. Acho que devemos cuidar do caso sozinhos.

— E eles tentarão participar? — indagou a Primeira-Ministra.

— É possível, Madame, é bem possível. Operamos Penkovsky em conjunto, embora nós o tivéssemos recrutado. Mas havia razões para isso. Desta vez, porém, acho que devemos operar sozinhos.

A Primeira-Ministra percebeu prontamente o valor, em termos políticos, de controlar um agente que tinha acesso às transcrições das reuniões do *Politburo*.

— Se houver qualquer pressão, avise-me de imediato e falarei pessoalmente com o Presidente Matthews a respeito — disse ela. — Enquanto isso, poderia seguir de avião para Washington amanhã e apresentar-lhes a gravação ou pelo menos uma transcrição integral. De qualquer forma, tenciono falar com o Presidente Matthews esta noite.

Sir Nigel e Sir Julian levantaram-se para sair.

— Só mais uma coisa — disse a Primeira-Ministra. — Compreendo perfeitamente que não devo ser informada da identidade desse agente russo que está trabalhando para nós. Mas pode dizer-me se vai informar quem é a Robert Benson?

— Claro que não, Madame.

O Diretor-Geral do SIS não apenas se recusaria a informar a sua própria Primeira-Ministra e ao Secretário do Exterior a identidade do russo, como também jamais lhes falaria de Munro, que estava dirigindo a operação. Os americanos saberiam quem era Munro, mas jamais tomariam conhecimento de quem ele estava operando. Além disso, Sir Nigel providenciaria para que os Primos não seguissem Munro em Moscou.

— Mas presumo que esse russo tenha um nome em código. Posso saber qual é? — indagou a Primeira-Ministra.

— Claro, Madame. Ele é agora conhecido em todas as fichas simplesmente como *Nightingale* (Rouxinol).

Nightingale era simplesmente o primeiro pássaro canoro da letra N da lista, em inglês, de pássaros usados como nomes de código para os agentes soviéticos. Mas a Primeira-Ministra não sabia disso. Ela sorriu pela primeira vez e comentou:

— Um nome dos mais apropriados...

5

Pouco depois das 10 horas da manhã de um úmido e chuvoso 1.° de agosto, um antigo mas confortável jato VC-10, do Comando de Ataque da RAF, decolou da base de Lyneham, em Wiltshire, seguindo para oeste, na direção da Irlanda e do Atlântico. Levava apenas dois passageiros: um marechal-do-ar que fora informado na noite anterior de que aquele, entre todos os dias, era o melhor para visitar o Pentágono, em Washington, a fim de discutir os iminentes exercícios táticos de bombardeiros da RAF e Força Aérea dos Estados Unidos, e um civil numa capa surrada.

O marechal-do-ar apresentou-se ao civil que tinha como companhia inesperada. Soube, em resposta, que seu companheiro era o Sr. Barrett, do *Foreign Office*, que tinha negócios a tratar na Embaixada britânica, na Avenida Massachusetts, e recebera instruções para aproveitar o voo do VC-10, a fim de poupar o contribuinte do custo de uma passagem aérea de ida-e-volta. O oficial superior da RAF jamais soube que o propósito do voo era na verdade levar o civil a Washington.

Em outra rota, mais ao sul, um Boeing Jumbo da *Britsh Airways* decolou de Heathrow, a caminho de Nova York. Entre os seus 300 e tantos passageiros estava Azamat Krim, aliás Arthur Crimmins, cidadão canadense, seguindo para oeste com o bolso repleto de dinheiro, numa missão de compra.

Oito horas depois, o VC-10 aterrou na Base Aérea de Andrew, em Maryland, 15 quilômetros a sudeste de Washington. No momento em que os motores foram desligados, um carro oficial do Pentágono avançou até a escada e descarregou um general de duas estrelas da Força Aérea dos Estados Unidos. Dois guardas da Força Aérea ficaram em posição de sentido, enquanto o marechal-do-ar descia os degraus ao encontro do comitê de recepção. Cinco minutos depois, estava tudo acabado: a limusine do Pentágono já se afastara a caminho de Washington, os guardas tinham ido embora e os ociosos e curiosos da Base Aérea haviam voltado a seus afazeres.

Ninguém prestou qualquer atenção ao sedan modesto, de placa particular, que se aproximou do VC-10 estacionado 10 minutos depois. Um observador mais atento poderia ter notado a antena de formato estranho no teto, que denunciava estar ali um carro da CIA. Ninguém também prestou qualquer atenção ao civil amarfanhado que desceu a escada e entrou direto no carro, que prontamente se afastou.

O homem da Companhia na Embaixada dos Estados Unidos em Grosvenor Square, Londres, fora avisado na noite anterior, despachando imediatamente uma mensagem codificada para Langley. O carro fora prontamente providenciado. O motorista, à paisana, era um funcionário subalterno, mas o homem no banco traseiro que recebeu o visitante de Londres era o chefe da Divisão da Europa Ocidental, subordinado diretamente ao Diretor Assistente de Operações. Fora escolhido para receber o inglês porque já o conhecia pessoalmente, tendo outrora chefiado as operações da CIA em Londres. Ninguém gosta de substitutos.

— É um prazer vê-lo novamente, Nigel — disse ele, depois de confirmar que o recém-chegado era de fato o homem que estavam esperando.

— Foi muita gentileza sua vir receber-me, Lance — disse Sir Nigel Irvine, sabendo perfeitamente que não se tratava absolutamente de uma gentileza, mas de uma obrigação.

A conversa no carro foi sobre Londres, família, o tempo. Não houve a pergunta "o que o trouxe até aqui". O carro atravessou a Ponte Woodrow Wilson, sobre o Rio Potomac e seguiu para oeste, pela Virgínia.

Nos arredores de Alexandria, o motorista virou à direita, no Parkway George Washington, que se estende pela margem oeste do rio. Ao passarem pelo Aeroporto Nacional e pelo Cemitério de Arlington, Sir Nigel Irvine contemplou os contornos dos edifícios de Washington, a distância, onde anos antes fora o homem de ligação do SIS com a CIA, baseado na Embaixada britânica. Haviam sido dias difíceis, na esteira do caso Philby, quando até mesmo a previsão do tempo era considerada informação confidencial, para os ingleses. Pensou no que estava levando em sua pasta e permitiu-se um pequeno sorriso.

Depois de 30 minutos de viagem, o carro deixou a estrada principal, deu a volta para passar por cima dela e depois embrenhou-se na floresta. Sir Nigel recordou-se da pequena placa dizendo simplesmente BPR-CIA e mais uma vez se perguntou por que a teriam colocado. Ou se sabia onde era ou não se sabia... e quem não sabia não era mesmo convidado.

No portão de segurança, na cerca de ferro de dois metros e meio de altura, em torno de Langley, o carro parou e Lance apresentou seu passe. Depois, seguiram adiante e logo viraram à esquerda, passando pelo pavoroso centro de conferência conhecido como o Iglu, porque é justamente com isso que parece.

O quartel-general da Companhia consiste de cinco blocos, um no centro e os outros em cada quina do central, como uma tosca cruz de Santo André. O Iglu está grudado no bloco de quina mais próximo do portão principal. Passando pelo bloco central recuado, Sir Nigel observou a imponente entrada principal e o imenso selo dos Estados Unidos feito em terrazza na frente. Ele sabia que aquela entrada era para deputados, senadores e outros indesejáveis. O carro seguiu adiante, passando pelo complexo, depois virou à direita e deu a volta pelos fundos.

Há ali uma rampa curta, protegida por uma grade levadiça de aço, descendo um andar, para o primeiro nível do portão. No fundo, há um estacionamento privativo, para apenas 10 carros. O sedan preto parou ali e o homem chamado Lance entregou Sir Nigel a seu superior, Charles "Chip" Allen, o Diretor-Assistente de Operações. Eles se conheciam muito bem.

Na parede dos fundos do estacionamento há um pequeno elevador, protegido por portas de aço e permanentemente guardado por dois homens armados. Chip Allen identificou o visitante, fez-lhe um sinal e usou um cartão de plástico para abrir as portas do elevador. O elevador zumbiu baixinho enquanto subia sete andares até o gabinete do Diretor. Outro cartão plástico magnetizado abriu as portas do elevador e os dois saíram para um vestíbulo em que havia três portas. Chip Allen bateu na porta do meio. E foi o próprio Bob Benson, devidamente alertado, quem abriu a porta do seu gabinete para o visitante britânico.

Benson o levou além da mesa grande até a lareira de mármore bege. No inverno, Benson gostava de um fogo aceso ali, a lenha crepitando. Mas Washington em agosto não é lugar para um fogo aceso e o ar-condicionado estava ligado. Benson puxou a tela que separava a área de estar do escritório e sentou-se diante do visitante. Foi pedido café. Quando ficaram a sós, Benson finalmente perguntou:

— O que o traz a Langley, Nigel?

Sir Nigel tomou um gole do café e recostou-se na poltrona, dizendo calmamente:

— Conseguimos obter os serviços de um novo agente russo.

Ele falou por quase 10 minutos, antes que o Diretor da CIA o interrompesse:

— Dentro do Politburo? Está querendo dizer que é alguém lá de dentro?

— Digamos que se trata apenas de alguém que tem acesso às transcrições das reuniões do Politburo.

— Iria importar-se se eu chamasse Chip Allen e Ben Kahn para participarem da reunião?

— Absolutamente, Bob. De qualquer forma, eles teriam mesmo de saber de tudo. E a presença deles agora evita a repetição.

Bob Benson se levantou, foi até um telefone numa mesinha de café e falou com sua secretária. Ao terminar, olhou pela janela imensa para a floresta verdejante lá fora e murmurou:

— Jesus Cristo!

Sir Nigel Irvine não ficou absolutamente insatisfeito pela presença de seus dois antigos contatos da CIA na reunião. Todas as agências puras de informações, em oposição aos órgãos de informações/polícia secreta, como o KGB, possuem duas divisões principais. A primeira é Operações, abrangendo todas as atividades de obtenção de informações; a outra é a de Informações, abrangendo todas as atividades de cotejar, verificar, interpretar e analisar a grande massa de dados brutos, acumulada diariamente.

Ambas devem ser ótimas. Se a informação é falha, a melhor análise do mundo só poderá concluir absurdos; se a análise é inepta, todos os esforços para adquirir informações são desperdiçados. Os estadistas precisam saber o que outras nações, amigas ou inimigas em potencial, estão fazendo e, se possível, o que tencionam fazer. O que estão fazendo no momento pode ser frequentemente constatado; o que já não acontece com o que tencionam fazer. É por isso que nem todas as câmeras espaciais do mundo jamais poderão suplantar um analista brilhante trabalhando com o material de reuniões secretas.

Na CIA, os dois homens que ficam logo abaixo do Diretor da Agência, que pode ser uma escolha política, são o Diretor-Assistente de Operações e o Diretor-Assistente de Informações. É a parte de Operações que inspira os autores de histórias de espionagem; a parte de Informações é a sala dos fundos, o trabalho tedioso, lento, metódico, mas sempre extremamente valioso.

Como Tweedledum e Tweedledee (os dois personagens de Alice no País das Maravilhas), o DAO e o DAI têm de trabalhar de mãos dadas, não

podem deixar de confiar um no outro. Benson, uma escolha política, tinha muita sorte. Seu DAO era Chip Allen, WASP (white — branco, anglo-saxão e protestante, a nata da sociedade branca americana tradicional) e; antigo jogador de futebol americano. O DAI era Ben Kahn, judeu e antigo mestre de xadrez. Os dois se ajustavam como um par de luvas. Cinco minutos depois, ambos estavam sentados junto com Benson e Irvine, na área de estar. O café foi esquecido.

O chefe do Serviço de Informações da Inglaterra falou durante quase uma hora. Não foi interrompido. Depois, os três americanos leram a transcrição de Nightingale e ficaram olhando para o carretel da gravação no saco de polietileno com uma expressão de imensa ansiedade. Quando Irvine terminou de falar, houve um breve silêncio, logo quebrado por Chip Allen:

— É muito maior que Penkovsky.

— Sei que vão querer verificar tudo — disse Sir Nigel, calmamente. Ninguém discordou. Amigos são amigos, mas... — Levamos dez dias para fazê-lo, mas não encontramos qualquer falha. Todas as impressões das vozes conferem perfeitamente. Já trocamos mensagens a respeito das demissões no Ministério da Agricultura soviético. E vocês têm as fotografias dos satélites Condores. Ah, sim, só mais uma coisa... — Tirou da pasta outro saco de polietileno com um pequeno rebento de trigo. — Um dos nossos homens pegou essa amostra numa plantação nos arredores de Leningrado.

— Vou mandar que nosso Departamento de Agricultura verifique também — disse Benson. — Mais alguma coisa, Nigel?

— A rigor, não tenho mais nada... Isto é, talvez ainda devamos falar de dois pequenos problemas...

— Pode falar.

Sir Nigel respirou fundo.

— O primeiro é a concentração russa no Afeganistão. Achamos que eles podem estar preparando uma ofensiva sobre a Índia e o Paquistão, através dos desfiladeiros. Consideramos que isso é nossa seara, mas se os satélites Condores pudessem dar uma olhada...

— Pode contar com isso — declarou Benson, sem a menor hesitação.

— E há também o problema daquele desertor russo que vocês trouxeram de Genebra há duas semanas. Ele parece saber muita coisa sobre os agentes soviéticos infiltrados em nosso movimento sindical.

— Já lhes mandamos transcrições disso — apressou-se Allen em dizer.

— Gostaríamos de ter um acesso direto.

Allen olhou para Kahn, que deu de ombros.

— Está certo — disse Benson. — Podemos também ter acesso a Nightingale?

— Lamento, mas não será possível. O caso é diferente. Nightingale é um contato por demais delicado, está no frio. Não quero perturbar o peixe por enquanto, para não correr o risco de uma mudança de ânimo. Vão receber tudo o que conseguirmos, no momento em que conseguirmos. Mas não há possibilidade de uma participação direta. Estou tentando acelerar a entrega e aumentar o volume, mas vai levar tempo. E temos de tomar muito cuidado.

— Para quando está prevista a próxima entrega? — perguntou Allen.

— Dentro de uma semana, a contar de hoje. Ou pelo menos é a data marcada para o novo encontro. Espero que haja alguma entrega.

Sir Nigel Irvine passou a noite numa das casas vigiadas da CIA nos campos da Virgínia. No dia seguinte, o "Sr. Barrett" voou de volta à Inglaterra, em companhia do marechal-do-ar.

Foi só três dias depois que Azamat Krim partiu do cais 49 do Porto de Nova York, a bordo do já velho Queen Elizabeth II, a caminho de Southampton. Decidira voltar de navio ao invés de avião, achando que assim haveria uma possibilidade maior de sua bagagem principal escapar às verificações por raios X.

Ele comprara tudo o que fora procurar. Uma das peças de sua bagagem era uma dessas caixas de alumínio que se penduram no ombro, do tipo que os fotógrafos profissionais costumam usar para proteger câmaras e lentes. Não podia ser radiografada e por isso teria de ser examinada manualmente. A esponja plástica que impedia as câmaras e lentes de se baterem estava grudada no fundo da caixa, mas terminava a cinco centímetros do verdadeiro fundo. Nessa cavidade, estavam duas armas pequenas, com pentes de munição.

Outra peça da bagagem, no fundo de uma pequena arca cheia de roupas, era um tubo de alumínio, com uma tampa de atarraxar, contendo o que parecia uma lente fotográfica comprida e cilíndrica, com cerca de 10 centímetros de diâmetro. Krim calculava que, se o tubo fosse examinado, passaria aos olhos de todos, a não ser do inspetor alfandegário mais

desconfiado do mundo, como uma espécie de teleobjetiva, do tipo usado pelos maníacos por fotografia. Para confirmar essa explicação, havia na arca, ao lado da lente, uma coleção de livros de fotografias de pássaros e de vida selvagem.

Na verdade, a lente era um intensificador de imagem, mais conhecida como visor noturno, do tipo que podia ser comprado comercialmente, sem qualquer permissão especial, nos Estados Unidos, mas não na Inglaterra.

Naquele domingo, 8 de agosto, fazia muito calor em Moscou. Os que não podiam ir para as praias, amontoavam-se nas numerosas piscinas da cidade, especialmente no novo complexo construído para as Olimpíadas de 1980. Mas o pessoal da Embaixada britânica, juntamente com funcionários de uma dúzia de outras representações diplomáticas, estava na praia à margem do Rio Moscou, acima da Ponte de Uspenskoye. Adam Munro também estava ali.

Ele tentava parecer tão despreocupado quanto os outros, mas era bastante difícil. Consultou o relógio vezes demais e finalmente se vestiu.

— Oh, Adam, já vai voltar? — gritou uma das secretárias. — Ainda restam séculos de Sol!

Ele forçou um sorriso pesaroso.

— O dever me chama. Ou melhor, os planos para a visita da Câmara de Comércio de Manchester.

Ele atravessou o bosque até seu carro e guardou os petrechos de banho. Olhou discretamente ao redor, para verificar se alguém estava interessado. Trancou o carro. Havia muitos homens de sandálias, calça esporte e camisa aberta no pescoço para que mais um chamasse alguma atenção. Ele agradeceu aos céus pelo fato de os homens do KGB aparentemente jamais tirarem o paletó. Não havia por perto ninguém que parecesse sequer remotamente com um agente da Oposição. Ele se embrenhou entre as árvores, seguindo para o norte.

Valentina o estava esperando, à sombra das árvores. Munro sentia um bolo de tensão no estômago, apesar de todo o prazer que experimentava por tornar a vê-la. Valentina não tinha a menor noção de como reconhecer alguém em seu rastro e poderia ter sido seguida. Se isso tivesse acontecido, a cobertura diplomática dele poderia salvá-lo de algo pior do que a expulsão, mas as repercussões seriam tremendas. Contudo, não era isso o que o preocupava, mas sim o que fariam com Valentina, se a pegassem. Quaisquer que fossem os motivos, o que ela estava fazendo era de fato alta traição.

Munro abraçou-a e beijou-a. Ela retribuiu o beijo, tremendo entre os braços dele.

— Está com medo, querida?

— Um pouco. Ouviu a gravação?

— Ouvi, sim. Antes de entregar. Não deveria ter ouvido, mas não pude resistir.

— Então já sabe que estamos prestes a enfrentar uma fome de grandes proporções. Quando eu era pequena, Adam, vi a fome neste país, logo depois da guerra. Foi terrível, mas tinha sido causada pelos alemães. Podíamos suportar. Os líderes estavam do nosso lado, fariam com que as coisas melhorassem.

— Talvez possam também dar um jeito agora — disse Munro, inconvincentemente.

Valentina sacudiu a cabeça, furiosa.

— Eles nem mesmo estão tentando! Fico sentada no escritório ouvindo as vozes deles, datilografando as transcrições. E sei que eles se limitam a discutir, cada um querendo salvar apenas a própria pele.

— E seu tio, o Marechal Kerensky?

— Ele é tão miserável quanto os outros. Quando me casei, Tio Nikolai compareceu. Achei-o extremamente jovial e bondoso. Mas é claro que isso só acontece em sua vida particular. Agora, posso escutá-lo como é realmente na vida pública. E ele é como todos os outros, impiedoso e cínico. Eles ficam brigando por vantagens e poder, e o povo que se dane. Eu deveria ser como eles, mas não posso. Não agora... nem nunca mais!

Munro olhou pela clareira para os pinheiros do outro lado, mas viu oliveiras e um rapaz de uniforme gritando: “Você não manda em mim!” Era estranho, pensou ele, como os sistemas de poder, com toda sua força, de vez em quando iam longe demais e acabavam perdendo o controle sobre as pessoas que sujeitavam. Nem sempre, não frequentemente, mas algumas vezes.

— Eu poderia tirá-la daqui, Valentina. Eu teria que deixar o Corpo Diplomático, mas não seria a primeira vez que acontece. Sacha ainda é jovem o bastante para ser criado em outro lugar.

— Não, Adam, não! É tentador, mas não posso. O que quer que possa acontecer, sou parte da Rússia e tenho de ficar. Talvez um dia... mas não sei...

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo, de mãos dadas. Valentina finalmente voltou a falar:

— O seu... chefe do serviço secreto mandou a gravação para Londres?

— Acho que sim. Entreguei-a ao homem que creio ser o representante do serviço secreto na embaixada. Ele me perguntou se haveria outra.

Valentina virou a cabeça para sua bolsa.

— É apenas a transcrição. Não posso mais conseguir as gravações. São trancadas num cofre, depois de feitas as transcrições. Não tenho a chave. Os papéis que trouxe hoje são da reunião seguinte do Politburo.

— Como conseguiu obtê-los, Valentina?

— Depois das reuniões, as fitas e as anotações taquigráficas são levadas, sob guarda, para o prédio do Comitê Central. Há ali um departamento trancado em que trabalhamos, eu e cinco outras mulheres, sob a chefia de um homem. Depois que as transcrições ficam prontas, as fitas são guardadas no cofre.

— E como foi então que conseguiu a primeira?

Ela deu de ombros.

— O homem na chefia é novo no cargo, tendo começado há um mês. O anterior era mais negligente. Há um estúdio de gravação ao lado, onde as fitas são copiadas uma vez, antes de serem trancadas no cofre. Fiquei sozinha na sala no mês passado, pelo tempo suficiente para roubar a segunda fita e substituí-la por outra sem nada.

— Mas eles vão descobrir quando tocarem as fitas!

— É improvável que isso venha a acontecer. As transcrições é que constituem os arquivos, depois de serem cotejadas com as gravações, para se verificar se estão acuradas. Tive sorte com aquela fita. Levei-a numa sacola de compras, debaixo das mercadorias que havia comprado no reembolsável do Comitê Central.

— E não é revistada?

— Dificilmente. Não se esqueça de que somos de confiança, Adam, a elite da Nova Rússia. E é bem mais fácil levar os papéis. No trabalho, costumo usar uma cinta antiquada. Copiei a última reunião de junho na máquina, fazendo uma cópia extra. Depois, voltei o número de controle para trás. Meti a cópia extra dentro da cinta. Não faz qualquer volume que dê para se perceber.

Munro sentiu um calafrio no estômago ao pensar no risco que ela estava correndo.

— E sobre o que eles falaram nessa reunião? — perguntou ele, apontando para a bolsa.

— Sobre as consequências. O que irá acontecer quando a fome se tornar uma realidade. O que o povo da Rússia fará com eles. Mas houve outra reunião depois, Adam. No início de julho. Não pude copiá-la, pois estava de licença. Não podia recusar a licença, pois isso atrairia muita atenção. Mas quando voltei, conversei com uma das moças que trabalharam na transcrição. Ela estava extremamente pálida e não me quis contar o que havia ocorrido na reunião.

— Pode arrumar uma cópia da transcrição dessa reunião?

— Posso tentar. Terei de esperar até que o escritório fique vazio para poder usar a máquina copiadora. Posso depois dar um jeito na máquina para que ninguém perceba que foi usada. Mas isso só será possível no início do mês que vem, quando estarei no último turno e terei uma oportunidade de trabalhar sozinha.

— Não devemos voltar a nos encontrar aqui, Valentina. Os padrões são sempre perigosos.

Munro passou a hora seguinte descrevendo os métodos que ela precisaria conhecer para que pudessem continuar a se encontrar. Finalmente, ele lhe entregou algumas folhas de papel datilografadas que metera por baixo do cinto, sob a camisa solta.

— Está tudo aí, minha querida. Decore e depois queime. Jogue as cinzas no vaso e dê a descarga.

Cinco minutos depois, Valentina entregou-lhe um maço de folhas de papel fino, cobertas pela escrita cirílica datilografada. Afastou-se em seguida pelo bosque, voltando para seu carro, que estava parado num caminho de terra, a quase um quilômetro de distância.

Munro foi para a escuridão da arcada principal, por cima da porta recuada da capela. Tirou do bolso um rolo de fita adesiva, abaixou a calça até os joelhos e prendeu os papéis na coxa. Com a calça novamente levantada e o cinto no lugar podia sentir o volume em sua coxa enquanto andava. Mas sob a calça de fabricação russa, bem larga, não dava para se perceber nada.

Por volta de meia-noite, no silêncio de seu apartamento, ele já tinha lido todas as páginas uma dúzia de vezes. Na quarta-feira seguinte, a transcrição seguiu para Londres na caixa presa por uma corrente ao pulso do Mensageiro, dentro de um envelope lacrado, codificado para somente ser entregue ao homem de ligação do SIS, no *Foreign Office*.

As portas de vidro que davam para o jardim das rosas estavam fechadas e somente o zumbido do ar-condicionado quebrava o silêncio no

Gabinete Oval da Casa Branca. Os dias amenos de junho há muito que já tinham passado e o calor intenso de um agosto em Washington impedia que se abrissem portas e janelas.

No outro lado do prédio, na fachada que dava para a Avenida Pennsylvania, os turistas, suados e calorentos, admiravam o aspecto familiar da entrada principal da Casa Branca, com suas pilastras, bandeira e entrada de carro descrevendo uma curva; ou entravam na fila para visita com guia ao grande santuário dos santuários americanos. Nenhum deles poderia penetrar até a pequena Ala Oeste, onde o Presidente Matthews estava em reunião com seus assessores.

Diante da escrivaninha do Presidente estavam sentados Stanislaw Poklewski e Robert Benson. Ali estava também o Secretário de Estado, David Lawrence, advogado de Boston e pilar do *establishment* da Costa Leste.

O Presidente Matthews folheou rapidamente a pasta a sua frente. Há muito que já lera a primeira transcrição do *Politburo*, traduzida para o inglês. O que acabara de ler agora era a avaliação de seus *experts*.

— Bob, você estava extraordinariamente perto com sua estimativa de um *déficit* de trinta milhões de toneladas. Pelo que está aqui, eles vão precisar de cinquenta a cinquenta e cinco milhões de toneladas neste outono. Tem certeza de que a transcrição do *Politburo* é mesmo autêntica?

— Sr. Presidente, já verificamos por todos os meios possíveis. As vozes são autênticas. Os vestígios de excesso de lindano na amostra de trigo são autênticos. As demissões em massa no Ministério da Agricultura soviético são autênticas. Não acreditamos que haja margem para qualquer dúvida substantiva de que a gravação foi mesmo de uma reunião do *Politburo*.

— Temos de cuidar disso direito — comentou o Presidente.

— Não pode haver qualquer erro de cálculo. Afinal, nunca houve uma oportunidade igual.

— Sr. Presidente — disse Poklewski — isso significa que os soviéticos não estão simplesmente enfrentando uma grave escassez, como imaginávamos quando invocou a Lei Shannon, no mês passado. Eles estão diante da perspectiva de uma fome em larga escala.

Sem saber, Poklewski estava repetindo as palavras de Petrov no Kremlin, dois meses antes, em sua conversa com Ivanenko, que não constava da gravação. O Presidente Matthews assentiu lentamente.

— Não podemos discordar disso, Stan. Mas o problema é outro: o que devemos fazer?

— Vamos deixar que eles sofram a fome — disse Poklewski.

— Esse é o maior erro que eles já cometeram desde que Stalin se recusou a acreditar nos avisos ocidentais sobre os preparativos de Hitler em sua fronteira, na primavera de 1941. Só que desta vez o inimigo é interno. Portanto, vamos deixar que eles resolvam o problema a sua maneira.

— David? — disse o Presidente para seu Secretário de Estado.

O Secretário Lawrence sacudiu a cabeça. As diferenças de opinião entre o arquifalcão Poklewski e o cauteloso bostoniano eram famosas.

— Discordo, Sr. Presidente. Em primeiro lugar, não creio que tenhamos examinado a fundo as transformações que poderiam ocorrer, se a União Soviética mergulhasse no caos na próxima primavera. Pelo que penso, é mais do que uma simples questão de deixar que os soviéticos se arrumem sozinhos. Há implicações maciças, numa escala mundial, em decorrência de um fenômeno assim.

— Bob? — indagou o Presidente Matthews.

O Diretor da CIA estava imerso em pensamentos e levou algum tempo para responder:

— Dispomos de algum tempo, Sr. Presidente. Eles sabem que invocou a Lei Shannon no mês passado. Sabem que, se quiserem os cereais, terão de procurá-lo. Como argumenta o Secretário Lawrence, devemos realmente examinar as perspectivas decorrentes de uma fome disseminada na União Soviética. E devemos fazê-lo agora. Mais cedo ou mais tarde, o Kremlin terá de tomar uma iniciativa. E quando isso acontecer, devemos estar com todos os trunfos nas mãos. Sabemos como a situação deles é grave, mas eles ignoram que sabemos. Temos o trigo, temos os Condores, temos *Nightingale* e temos o tempo para esperar. Estamos com todos os trunfos desta vez Não há necessidade de decidirmos por enquanto o que devemos fazer.

Lawrence assentiu, olhando para Benson com um novo respeito. Poklewski deu de ombros. O Presidente Matthews tomou uma decisão.

— Stan, quero que forme um grupo especial específico dentro do Conselho de Segurança Nacional. Deve ser pequeno e absolutamente secreto. Você, Bob e David. O Chefe do Estado Maior Conjunto, os Secretários da Defesa, Agricultura e Tesouro. Quero saber o que poderá acontecer, em escala mundial, se houver fome na União Soviética. E preciso saber o mais depressa possível.

Um dos telefones na mesa tocou. Era a linha direta do Departamento de Estado. O Presidente Matthews olhou inquisitivamente

para David Lawrence e perguntou, com um sorriso:

— Está me telefonando, David?

O Secretário de Estado se levantou e foi atender ao telefone. Ficou escutando por vários minutos, antes de pôr o fone no gancho.

— Sr. Presidente, as coisas estão se acelerando. Há duas horas em Moscou, o Ministro do Exterior Rykov convocou o Embaixador Donaldson para uma reunião. Em nome do Governo soviético, ele propôs a venda pelos Estados Unidos, na próxima primavera, de cinquenta e cinco milhões de toneladas à União Soviética.

Por vários momentos, o único barulho que se podia ouvir no Gabinete Oval era do relógio de carrilhão por cima da lareira.

— E o que o Embaixador Donaldson respondeu? — perguntou, finalmente, o Presidente.

— Claro que respondeu que a solicitação seria encaminhada a Washington para estudos — disse Lawrence. — E falou também que a resposta seria apresentada no momento oportuno.

— Senhores — disse o Presidente — preciso ser informado o mais depressa possível. Posso protelar a resposta por quatro semanas. Mas a quinze de setembro, o mais tardar, terei de dá-la e quando o fizer, quero saber de tudo o que pode acontecer. De todas as possibilidades.

— Sr. Presidente, dentro de poucos dias talvez estejamos recebendo novas informações de *Nightingale*. Isso nos poderá proporcionar uma indicação do ângulo pelo qual o Kremlin encara o problema.

O Presidente Matthews assentiu.

— Bob, se e quando chegarem novas informações, gostaria que fossem traduzidas para o inglês e colocadas em minha mesa o mais depressa possível.

Quando a reunião presidencial terminou, no crepúsculo de Washington, há muito que já estava escuro em Londres. Os registros da polícia mostraram mais tarde que dezenas de roubos e assaltos ocorreram na noite de 11 para 12 de agosto. Mas o roubo que mais perturbou a polícia do Condado de Somerset foi o de uma loja de armas de caça, na aprazível cidadezinha rural de Taunton.

Os ladrões obviamente haviam visitado a loja durante o dia, no dia anterior ou no outro, pois o sistema de alarme fora impecavelmente desligado por alguém que vira onde o fio passava. Com o sistema de alarme fora de ação, os ladrões haviam usado poderosos alicates na janela gradeada no beco nos fundos da loja.

Esta não fora saqueada e as armas que geralmente desapareciam, espingardas para assaltar bancos, não haviam sido levadas. O que estava faltando, confirmou o proprietário, era um único rifle de caça, uma das melhores armas que ele possuía, um Sako Hornet 22, de fabricação finlandesa, de alta precisão. Também haviam desaparecido duas caixas de balas para o rifle, Remingtons de ponta oca, capazes de alta velocidade, grande penetração e considerável distorção no impacto.

Em seu apartamento em Bayswater, Andrew Drake estava sentado com Miroslav Kaminsky e Azamat Krim, contemplando as armas sobre a mesa da sala de estar: duas pistolas, cada uma com dois pentes carregados, o rifle com duas caixas de balas e o intensificador de imagem.

Há dois tipos básicos de visor noturno, o infravermelho e o intensificador de imagem. Os homens que costumam atirar à noite preferem o segundo. Krim, com a experiência de caçador na região ocidental do Canadá e de três anos com os para-quedistas canadenses, soubera escolher.

O visor infravermelho é baseado no princípio de enviar um facho de luz infravermelha pela linha de fogo para iluminar o alvo, aparece no visor com os contornos esverdeados. Mas como emite luz mesmo sendo uma luz invisível a olho nu, o visor infravermelho vê uma fonte de energia. O intensificador de imagem opera com base no princípio de reunir todos os minúsculos elementos de luz que estão presentes num ambiente escuro e concentrá-los, como uma retina de coruja pode concentrar a pouca luz existente num celeiro e avistar um rato se mexendo, onde o olho humano nada pode perceber. E não precisa de fonte de energia.

Originalmente desenvolvido com objetivos militares, o intensificador de imagem, ao final da década de 1970, passou a interessar à vasta indústria de segurança americana, começando a ser usado por guardas de fábrica e outros. Não havia demorado muito para que estivesse sendo vendido no comércio. No princípio da década de 1980, versões maiores do intensificador de imagem, podendo ser ajustadas aos canos de rifles e espingardas, começaram a ser vendidas nas lojas de armas dos Estados Unidos. Fora um desses que Azamat Krim comprara.

O rifle já tinha os sulcos na parte superior do cano para se ajustar o visor telescópico. Trabalhando com uma lima e um torno, preso na beira da mesa da cozinha, Krim começara a adaptar o intensificador de imagem para se ajustar aos sulcos no cano do rifle.

Enquanto Krim trabalhava, a menos de dois quilômetros dali, Barry Ferndale fazia uma visita à Embaixada dos Estados Unidos. Por prévia combinação, estava visitando o chefe das operações da CIA em Londres, que era aparentemente um diplomata adido à embaixada de seu país.

O encontro foi breve e cordial. Ferndale tirou de sua pasta um maço de papéis e entregou ao homem da CIA.

— Acaba de sair do forno — disse ele ao americano. — Lamento que seja tão volumoso. Não acha que esses russos têm uma tendência para falar demais? De qualquer forma, desejo-lhe boa sorte.

Os papéis eram a segunda entrega de *Nightingale* e já estavam traduzidos para o inglês. O americano sabia que teria de codificar tudo pessoalmente, antes de despachar. Agradeceu a Ferndale e preparou-se para uma longa noite de trabalho árduo.

Ele não foi o único homem que pouco dormiu naquela noite. Muito longe de Londres, na cidade de Ternopol, na Ucrânia, um agente à paisana do KGB deixou o clube dos oficiais ao lado do quartel do KGB e começou a voltar para casa. Não tinha um posto bom o bastante para que tivesse direito a um carro oficial e deixara seu carro particular estacionado em frente a sua casa. Mas não se importava com isso. Era uma noite quente e agradável e passara horas bastante alegres com os companheiros, no clube.

Foi provavelmente por isso que não percebeu os dois vultos no portal do outro lado da rua, que pareciam estar observando a entrada do clube e assentiram um para o outro quando ele saiu.

Já passava da meia-noite, e Ternopol, mesmo numa noite quente de agosto, há muito que estava dormindo. O percurso do polícia secreta levou-o para longe das ruas principais e pelo Parque Shevchenko, onde as árvores copadas cobriam quase que totalmente os caminhos estreitos. Foi o atalho mais longo que ele tomou. No meio do parque, ouviu o barulho de pés às suas costas. Virou-se a meio e recebeu o golpe do cassetete, dirigido por trás de sua cabeça, em plena têmpora, caindo no mesmo instante.

Já estava quase amanhecendo quando ele recuperou os sentidos. Tinha sido arrastado para o meio de algumas moitas e lhe haviam roubado a carteira, dinheiro, chaves, cartão de racionamento e cartão de identidade. As investigações da polícia e do KGB prolongaram-se por várias semanas, mas não foi possível descobrir os culpados pelo assalto surpreendente. Na verdade, os culpados haviam deixado Ternopol no primeiro trem da manhã, voltando para suas casas em Lvov.

O Presidente Matthews presidiu pessoalmente a reunião do comitê especial que analisou a segunda entrega de *Nightingale*. Foi uma reunião moderada.

— Meus analistas já chegaram à definição de algumas possibilidades decorrentes de uma fome disseminada na União Soviética no inverno e primavera — disse Benson aos oito homens sentados no Gabinete Oval. — Mas nenhum deles se atreveu a ir tão longe quanto o próprio *Politburo*, que previu um colapso pandêmico da lei e da ordem. É algo sem precedentes na União Soviética.

— A mesma coisa aconteceu com os meus especialistas — informou David Lawrence, do Departamento de Estado. — Eles estão falando aqui que o KGB não conseguirá manter o controle. Estou convencido de que não poderemos ir muito longe em nossos prognósticos.

— Neste caso, que resposta devo dar ao pedido de Maxim Rudin para a aquisição de cinquenta e cinco milhões de toneladas de cereais? — indagou o Presidente.

— Responda "Não", Sr. Presidente — recomendou Poklewski. — Temos uma oportunidade como nunca ocorreu antes e que pode jamais tornar a ocorrer. Está com Maxim Rudin e todo o *Politburo* na palma da mão. Por duas décadas, sucessivas administrações dos Estados Unidos têm ajudado os soviéticos cada vez que eles se metem em problemas com sua economia.

"A cada vez, eles voltam mais agressivos do que nunca. A cada vez, eles reagem aumentando ainda mais seu envolvimento na África, Ásia e América Latina. A cada vez, o Terceiro Mundo tem sido estimulado a acreditar que os soviéticos se recuperaram dos contratempos através de seus próprios esforços, que o sistema econômico marxista funciona perfeitamente.

"Desta vez, podemos mostrar ao mundo, sem a menor sombra de dúvida, que o sistema econômico marxista não funciona e jamais funcionará. Desta vez, recomendo que faça o máximo de pressão. Pode exigir uma concessão para cada tonelada de trigo. Pode exigir-lhes que saiam da Ásia, da África e da América. E se Rudin não concordar, pode derrubá-lo.

— Será que isto... — O Presidente Matthews bateu de leve no relatório de *Nightingale* a sua frente — ...poderia provocar a queda de Rudin?

Foi David Lawrence quem respondeu, sem que ninguém discordasse:

— Se o que está descrito aqui pelos próprios membros do *Politburo* realmente aconteceu na União Soviética, então Rudin pode perfeitamente cair em desgraça, como aconteceu com Kruschev.

— Use o poder de que dispõe, Sr. Presidente — insistiu Poklewski. — Não deixe de usá-lo em hipótese alguma. Rudin está sem opções. Não tem alternativa senão concordar com nossos termos. E se ele não concordar, derrube-o.

— E o sucessor... — começou a dizer o Presidente.

— Terá visto o que aconteceu com Rudin e aprenderá a lição. Qualquer sucessor terá de concordar com os termos que impusermos.

O Presidente Matthews pediu as opiniões dos outros homens presentes à reunião. À exceção de Lawrence e Benson, todos concordavam com Poklewski. O Presidente Matthews tomou sua decisão. Os gaviões haviam vencido.

O Ministério do Exterior soviético é um de sete prédios quase idênticos, no estilo arquitetônico bolo-de-noiva que Stalin tanto apreciava, o neogótico através da visão de um *patissier* louco, em arenito marrom, no Bulevar Smolensky, esquina da Arbat.

No penúltimo dia do mês, o *Cadillac Fleetwood Brougham* do Embaixador americano em Moscou parou diante da entrada principal do Ministério. O Sr. Myron Donaldson foi levado ao luxuoso gabinete no quarto andar de Dmitri Rykov, o veterano Ministro do Exterior soviético. Eles se conheciam bastante bem. Antes de ir para Moscou, o Embaixador Donaldson servira por algum tempo na ONU, onde Dmitri Rykov era uma figura das mais conhecidas. Haviam muitas vezes bebido juntos amistosamente, tanto na ONU como ali em Moscou. Mas o encontro daquele dia foi formal. Donaldson estava acompanhado por seu Chefe de Chancelaria e Rykov por cinco altas autoridades do Ministério.

Donaldson leu sua mensagem, cuidadosamente, demorando-se em cada palavra, no inglês original. Rykov compreendia e falava inglês perfeitamente, mas um assessor fez uma rápida tradução em seu ouvido.

A mensagem do Presidente Matthews não fazia qualquer referência ao conhecimento do desastre que se abatera sobre a colheita de trigo soviética. Também não manifestava qualquer surpresa pelo pedido soviético, formulado no início do mês, para a aquisição da quantidade espetacular de cinquenta milhões de toneladas de cereais. Em termos formais, lamentava que os Estados Unidos da América não estivessem em

condições de vender a tonelagem solicitada de trigo à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Quase que sem fazer qualquer pausa, o Embaixador Donaldson leu a segunda parte da mensagem, aparentemente sem qualquer relação com a primeira, embora a seguisse sem nenhuma interrupção; lamentava a ausência de sucesso nas Conversações de Limitação das Armas Estratégicas, a Salt 3, encerradas no inverno de 1980, num período de redução da tensão mundial. Expressava também a esperança de que Salt 4, cujas discussões preliminares começariam no outono e inverno próximos, pudessem realizar mais e permitir ao mundo dar passos autênticos pela estrada para uma paz justa e duradoura. E isso era tudo.

O Embaixador Donaldson deixou o texto integral da mensagem em cima da mesa de Rykov, recebeu os agradecimentos formais e impassíveis do veterano e grisalho Ministro do Exterior e depois se retirou.

Andrew Drake passou a maior parte do dia estudando livros. Sabia que Azamat Krim estava em algum lugar das colinas de Gales, testando o rifle de caça com o novo visor montado no cano. Miroslav Kaminsky ainda estava trabalhando para melhorar seu inglês. Para Drake, todos os problemas estavam agora concentrados no porto de Odessa, no sul da Ucrânia.

Sua primeira obra de referência foi o Registro de Cargas do *Loyds*, um guia semanal dos navios sendo carregados em portos europeus, com destino para as mais diversas partes do mundo. Por ali, descobriu que não havia qualquer linha regular do norte da Europa para Odessa, mas havia um serviço pequeno e independente, mediterrâneo, que também fazia escala em diversos portos do Mar Negro. Era a Linha Salonika e contava com dois navios.

Drake consultou em seguida o Índice de Embarcações do *Loyds*, percorrendo as colunas até encontrar os navios em questão, não pôde conter um sorriso. Os supostos proprietários dos navios que operavam na Linha Salonika eram companhias de um só navio registradas no Panamá, o que significava, sem a menor sombra de dúvida, que a "companhia" não passava de uma placa na parede do escritório de algum advogado da Cidade do Panamá e mais nada.

Na terceira obra de referência, um livro de capa marrom chamado Catálogo dos Armadores Gregos, ele verificou que os agentes estavam relacionados como uma firma grega, com escritório no Pireu, o porto de Atenas. Drake sabia o que isso significava. Em 99 em cada 100 casos,

quando se fala com agentes de um navio de bandeira grega e eles são gregos, pode-se ter certeza de que se está falando com os proprietários do navio. Eles se disfarçam como "agentes apenas", a fim de tirar proveito do fato de que os agentes não podem ser legalmente responsabilizados pelas transgressões de seus empregadores. Algumas dessas transgressões incluem pagamento inferior e condições precárias para a tripulação, navios em péssimo estado e padrões de segurança indefinidos, embora as avaliações do seguro de "perda total" sejam muito bem definidas, e ocasionalmente hábitos por demais negligentes com o derramamento de petróleo bruto.

Apesar de tudo, Drake começou a gostar da Linha Salonika, por uma única razão: um navio de registro grego inevitavelmente só contratava oficiais gregos, mas a tripulação podia ser cosmopolita e o único documento de identificação necessário era o passaporte. Além disso, os navios da Linha Salonika visitavam Odessa regularmente.

Maxim Rudin inclinou-se para a frente, largou na mesa a tradução russa da mensagem negativa do Presidente Matthews, entregue pelo Embaixador Donaldson, e olhou para os três homens sentados a sua frente. Estava escuro lá fora e ele gostava de manter pouca luz em seu gabinete particular, na extremidade norte do Prédio do Arsenal, no Kremlin.

— Chantagem! — exclamou Petrov, furioso. — Uma chantagem miserável!

— Claro — disse Rudin. — O que estava esperando? Simpatia?

— Aquele maldito Poklewski é que está por trás de tudo isso — disse Rykov. — Mas essa não pode ser a resposta final de Matthews. Seus Condores e a nossa proposta de comprar cinquenta e cinco milhões de toneladas de cereais lhes devem ter revelado qual a nossa verdadeira situação.

— Será que eles vão acabar concordando em negociar? — indagou Ivanenko.

— Claro que vão — afirmou Rykov. — Mas vão protelar o máximo que puderem, esticar a coisa, esperar até que a fome comece a apertar, e depois trocarão o trigo por concessões humilhantes.

— Espero que não sejam humilhantes demais — murmurou Ivanenko. — Temos uma maioria de apenas sete contra seis no Politburo e eu pessoalmente gostaria de mantê-la.

— É justamente esse o problema — resmungou Rudin. — Mais cedo ou mais tarde, tenho de mandar Dmitri Rykov para a mesa de

negociações a fim de lutar por nós e não disponho de uma única arma para lhe dar.

No último dia do mês, Andrew Drake voou de Londres para Atenas, a fim de iniciar a busca de um navio a caminho de Odessa.

No mesmo dia, um pequeno furgão, convertido numa casa móvel com dois beliches, como os que os estudantes gostam de usar para excursões sem roteiro fixo pela Europa Continental durante as férias, partiu de Londres para Dover, na costa do Canal da Mancha, e de lá para a França e Atenas, pela estrada. Escondidas por baixo do assoalho estavam as armas, munições e o intensificador de imagem. Felizmente, a maioria dos carregamentos de entorpecentes fazia a rota inversa, dos Bálcãs para a França e Inglaterra. As inspeções alfandegárias foram superficiais, tanto em Dover como em Calais.

Ao volante estava Azamat Krim, com seu passaporte canadense e a carteira internacional de motorista. A seu lado, com novos documentos britânicos, embora não muito regulares, estava Miroslav Kaminsky.

6

Perto da ponte sobre o Rio Moscou, em Uspenskoye, existe um restaurante chamado Isbá Russa. É construído no estilo das cabanas de madeira em que moram os camponeses russos, as isbás. Tanto o interior como o exterior são de troncos de pinheiro cortados, pregados em pranchas verticais. Os intervalos são tradicionalmente preenchidos com argila de rio, não sendo muito diferentes das típicas cabanas de troncos do Canadá.

Essas isbás podem parecer primitivas e do ponto de vista sanitário frequentemente o são, mas a verdade é que são mais quentes do que as estruturas de tijolos ou concreto nos inclementes invernos russos. O restaurante Isbá é confortável e quente por dentro, dividido em uma dúzia de pequenas salas de jantar particulares, muitas das quais só têm espaço para grupos pequenos. Ao contrário dos restaurantes do centro de Moscou, ali é permitido um lucro de incentivo, vinculado ao pagamento dos empregados. Em consequência e num contraste gritante com as típicas casas de pasto russas, a comida é saborosa e o serviço rápido e solícito.

Foi ali que Adam Munro havia marcado seu encontro seguinte com Valentina, para o dia 4 de setembro, um sábado. Ela articulara um jantar com um amigo e persuadira-o a levá-la àquele restaurante em particular. Munro convidara uma das secretárias da embaixada para jantar e reservara a mesa em nome dela e não no seu. Assim, o registro das reservas não indicaria a presença no restaurante, naquela noite, nem de Munro nem de Valentina.

Jantaram em salas separadas. Às nove horas em ponto, ambos pretextaram ir ao banheiro e deixaram a mesa. Encontraram-se no estacionamento. Munro, cujo carro chamava muita atenção com suas placas do corpo diplomático, seguiu Valentina até o carro dela, um Zhiguli. Ela estava visivelmente abalada e fumava nervosamente.

Munro já manipulara dois russos desertores no lugar e conhecia a tensão incessante que começa a corroer os nervos depois de algumas semanas de subterfúgios e reticências.

— Tive a oportunidade que esperava — disse Valentina, finalmente. — Há três dias. A reunião de princípio de julho. Mas quase fui apanhada.

Munro ficou tenso. O que quer que ela pudesse pensar a respeito da confiança de que desfruta na máquina do Partido, ninguém, absolutamente ninguém, jamais pode contar com uma confiança total na política de Moscou. Ela estava andando numa corda bamba. Ou melhor, ambos estavam. A diferença era que ele tinha uma rede por baixo, sua posição de diplomata.

— O que aconteceu, Valentina?

— Alguém entrou. Um guarda. Eu tinha acabado de desligar a máquina copiadora e voltava para a minha máquina de escrever. Ele se mostrou amistoso. Mas encostou-se na máquina, que ainda estava quente. Acho que não percebeu nada. Mas fiquei apavorada E não foi a única coisa que me deixou apavorada. Só pude ler a transcrição depois que cheguei em casa. No escritório, estava ocupada demais colocando-a na copiadora. É terrível, Adam!

Pegou as chaves do carro, abriu o porta-luva e entregou um envelope estofado a Munro. O momento da entrega é geralmente o instante em que os observadores atacam, se é que estão por perto, o instante em que soam passos correndo, as portas são violentamente abertas, os ocupantes bruscamente agarrados. Mas nada aconteceu.

Munro olhou para o relógio. Quase 10 minutos. Tempo demais. Ele guardou o envelope no bolso interno do paletó.

— Vou tentar obter permissão para tirá-la daqui — disse ele. — Não pode continuar assim para sempre, nem mesmo por muito mais tempo. Como também não pode simplesmente voltar a sua vida antiga, depois de tudo o que aconteceu, depois de tomar conhecimento de tanta coisa. Também não posso continuar assim, sabendo que você está em perigo, sabendo que ainda nos amamos. Vou ter uma licença no próximo mês. Irei a Londres e pedirei permissão para tirá-la daqui.

Desta vez Valentina não fez objeções, um indício certo de que seus nervos estavam começando a entrar em colapso.

— Está bem — disse ela.

Segundos depois, Valentina desapareceu na escuridão do estacionamento. Munro ficou observando-a passar pela claridade diante da porta e entrar no restaurante. Ele esperou mais dois minutos e depois também voltou para o restaurante, indo juntar-se à secretária, que já estava impaciente.

Já eram três horas da madrugada quando Munro terminou de ler o Plano Boris, o esquema do Marechal Nikolai Kerensky para conquista da Europa Ocidental. Serviu-se de uma dose de conhaque, voltou a sentar-se na poltrona, olhando para os papéis na mesinha da sala de estar. O Tio Nikolai jovial e bondoso de Valentina, pensou ele, certamente previra tudo. O inglês passou duas horas examinando um mapa da Europa. Ao nascer do Sol, estava tão convencido quanto o próprio Kerensky de que, em termos de guerra convencional, o plano daria certo. Estava também convencido, como Rykov, de que a guerra termonuclear seria inevitável. E em terceiro lugar, estava igualmente convencido de que não havia a menor possibilidade de convencer disso os membros dissidentes do Politburo, a não ser a própria ocorrência do holocausto.

Levantou-se e foi até a janela. O dia estava rompendo a leste, por cima das torres do Kremlin. Um domingo comum estava começando para os cidadãos de Moscou, assim como começaria dentro de duas horas para os londrinos e cinco horas depois para os nova-iorquinos.

Durante toda a sua vida, a garantia de que os domingos de verão permaneceriam apenas domingos comuns de verão sempre estivera dependente de uma balança precária, um equilíbrio na convicção do poderio e determinação da superpotência oponente, um equilíbrio de credibilidade, um equilíbrio de medo... mas mesmo assim um equilíbrio, apesar de tudo. Ele estremeceu, em parte do frio da manhã, mais pela certeza de que os papéis atrás dele comprovavam que o velho pesadelo finalmente estava emergindo das sombras, que o equilíbrio estava-se rompendo.

O amanhecer de domingo encontrou Andrew Drake com um ânimo muito melhor, pois a noite de sábado lhe trouxera informações de uma espécie diferente.

Cada área do conhecimento humano, por menor que seja, por mais misteriosa, possui os seus *experts* e devotados. E cada grupo deles parece ter um lugar em que se reúne para conversar, discutir, trocar informações e transmitir as últimas novidades.

Os movimentos de navios na parte oriental do Mediterrâneo não chega a ser um assunto em que se possa ganhar diplomas, mas de grande interesse para os marinheiros desempregados naquela área, como Andrew Drake estava fingindo ser. O centro de informações sobre tais movimentos é um pequeno hotel chamado Cavo d'Oro, acima de um ancoradouro de iates, no porto do Pireu.

Drake já observara os escritórios dos agentes e prováveis proprietários da Linha Salonika, mas sabia que a última coisa que deveria fazer era visitá-los.

Em vez disso, hospedou-se no hotel Cavo d'Oro, passando o tempo no bar, onde comandantes, imediatos, contramestres, agentes, turma do cais e homens à procura de trabalho sentavam-se diante de drinques, para trocar as informações de que dispunham. Na noite de sábado, Drake encontrou o homem que estava procurando, um contramestre que já havia trabalhado para a Linha Salonika. Foi preciso meia garrafa de retsina, para arrancar-lhe a informação.

— O que visita Odessa mais frequentemente é o Sanadria, uma banheira velha. O comandante é Nikos Thanos. Acho que está no porto neste momento.

O navio estava mesmo no porto e Drake encontrou-o na metade da manhã. Era um cargueiro mediterrâneo de 500 toneladas, vão entre as cobertas, enferrujado e não muito limpo. Mas se estava seguindo para o Mar Negro e faria escala em Odessa na próxima viagem, Drake não se importaria, mesmo que estivesse cheio de buracos.

Ao pôr-do-sol, Drake encontrou o comandante, tendo descoberto que Thanos e todos os seus oficiais eram da ilha grega de Chios. A maioria desses cargueiros gregos é quase um negócio de família, o comandante e seus principais oficiais vindo da mesma ilha, muitas vezes sendo aparentados. Drake não falava grego, mas felizmente o inglês era a língua corrente da comunidade marítima internacional, mesmo no Pireu. E foi pouco antes de o Sol mergulhar no horizonte que ele encontrou o Comandante Thanos.

Os norte-europeus, ao terminar o trabalho, seguem para sua casa, esposa e família. Os mediterrâneos orientais seguem para o café, os amigos e a conversa. A Meca da comunidade dos cafés no Pireu é uma rua paralela ao cais, chamada Akti Miaouli, na qual não existe praticamente mais nada além de escritórios de navegação e cafés.

Cada um possui o seu café predileto e todos estão sempre apinhados. O Comandante Thanos fazia ponto, quando estava em terra, num café aberto chamado Miki. Foi ali que Drake o encontrou, sentado diante do inevitável café muito forte, copo de água gelada e ouzo. Era um homem baixo, largo, a pele morena, cabelos pretos encaracolados, e uma barba de vários dias.

— Comandante Thanos? — indagou Drake.

O homem levantou a cabeça, fitando o inglês com um olhar desconfiado e assentindo.

— Nikos Thanos, do Sanadria?

O marujo assentiu novamente. Seus três companheiros estavam em silêncio, observando. Drake sorriu.

— Meu nome é Andrew Drake. Posso oferecer-lhe um drinque?

O Comandante Thanos usou o indicador para mostrar o seu próprio copo e os de seus companheiros. Drake, ainda de pé, chamou um garçom e pediu cinco drinques. Thanos sacudiu a cabeça para uma cadeira vazia, o convite para se juntar a eles. Drake sabia que poderia ser demorado, arrastar-se por vários dias. Mas não ia apressar-se. Encontrara o seu navio.

A reunião no Gabinete Oval, cinco dias depois, foi muito menos relaxada. Todos os sete membros do comitê especial do Conselho de Segurança Nacional estavam presentes, com o Presidente Matthews presidindo. Todos haviam passado metade da noite lendo a transcrição da reunião do *Politburo* em que o Marechal Kerensky apresentara seu plano para a guerra e Vishnayev fizera seu movimento para conquistar o poder. Todos os oito homens estavam abalados. As atenções se concentravam no Chefe do Estado-Maior Conjunto, General Martin Craig.

— A questão primordial é uma só, General Craig — disse o Presidente Matthews. — O plano é exequível?

— Em termos de. uma guerra convencional na Europa Ocidental, da Cortina de Ferro até os portos do Canal da Mancha, mesmo envolvendo o uso de bombas e foguetes nucleares táticos, é, sim, Sr. Presidente, é perfeitamente exequível.

— Antes da próxima primavera, o Ocidente pode aumentar suas defesas a ponto de tornar o plano completamente inexequível?

— Seria muito difícil, Sr. Presidente. Os Estados Unidos poderiam certamente embarcar mais homens e armamentos para a Europa. O que daria aos soviéticos amplos pretextos para aumentar seus próprios níveis, se é que eles precisam de algum pretexto. Mas nossos aliados europeus não dispõem das reservas que temos. Há mais de uma década que eles vêm mantendo em níveis mínimos os recursos humanos e bélicos, a tal ponto que o desequilíbrio entre as forças da OTAN e as forças do Pacto de Varsóvia, em termos de guerra convencional, se encontra num estágio que não pode ser compensado em apenas nove meses. O treinamento que os homens precisariam, mesmo que convocados às pressas agora, assim como

a produção de novos armamentos com a necessária sofisticação não poderiam ser alcançados em apenas nove meses.

— Ou seja, eles estão de volta a 1939 — comentou o Secretario do Tesouro, sombriamente.

— E o que nos diz da opção nuclear? — indagou o Presidente Matthews.

O General Craig deu de ombros.

— Se os soviéticos atacarem com força total, será inevitável. Prevenido poderia ser armado de antemão, mas atualmente os programas de treinamento e armamentos são inevitavelmente prolongados. Prevenidos como estamos, podemos retardar o avanço soviético para oeste, frustrar a previsão de cem horas de Kerensky. Mas determinar se poderíamos detê-lo completamente, deter todo o Exército, Marinha e Força Aérea da União Soviética, é algo muito diferente. De qualquer maneira, provavelmente já seria tarde demais quando descobríssemos a resposta. O que torna inevitável o nosso uso da opção nuclear. A menos, é claro, Sr. Presidente, que se decida abandonar a Europa e os nossos trezentos mil homens que lá estão.

— David? — disse o Presidente.

O Secretário de Estado David Lawrence bateu de leve na pasta a sua frente.

— Praticamente pela primeira vez na vida, tenho de concordar com Dmitri Rykov. Não se trata apenas da Europa Ocidental. Se a Europa cair, os Estados balcânicos, o Mediterrâneo oriental, Turquia, Irã e países árabes não poderão resistir. Há dez anos, cinco por cento do nosso petróleo era importado; há cinco anos, passou para cinquenta por cento. Agora, está em sessenta e dois por cento e continua subindo. Mesmo toda a América continental, Norte e Sul, não poderia atender a mais de cinquenta e cinco por cento de nossas necessidades, num regime de produção máxima. Precisamos do petróleo árabe, sem o qual estaremos tão acabados quanto a Europa... e sem que haja necessidade de disparar um tiro sequer.

— Sugestões, senhores? — pediu o Presidente.

— *Nightingale* é valioso, mas não indispensável... não agora — disse Stanislaw Poklewski. — Por que não promover um encontro com Rudin e expor tudo? Conhecemos agora o Plano Boris, conhecemos as intenções. E tomaremos as providências necessárias para impedir que essas intenções se concretizem, para evitar que o plano seja exequível. Quando ele informar o Politburo disso, todos compreenderão que o elemento de surpresa está perdido, que a opção de guerra não vai mais

funcionar. Será o fim de *Nightingale*, mas será também o fim do Plano Boris.

Bob Benson, da CIA, sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não creio que seja tão simples assim, Sr. Presidente. Pelo que posso entender, não se trata de uma mera questão de convencer Rudin ou Rykov. Como sabemos, há uma implacável luta de facções se desenvolvendo neste momento dentro do Politburo. O que está em jogo é a sucessão de Rudin. E a ameaça de fome paira sobre todos eles.

— Vishnayev e Kerensky propuseram uma guerra limitada, como um meio de, ao mesmo tempo, obter os excedentes de aumentos da Europa Ocidental e de impor a disciplina de guerra aos povos soviéticos. Revelar o que sabemos a Rudin não vai mudar nada. Pode até mesmo provocar a queda dele. Vishnayev e seu grupo assumiriam. Eles são completamente ignorantes do Ocidente e da maneira como nós, americanos, reagimos aos ataques. Mesmo tendo perdido o elemento de surpresa, mas diante da ameaça da escassez de cereais, eles ainda poderiam tentar a opção da guerra.

— Concordo com Bob — disse David Lawrence. — Há aqui um paralelo com a posição japonesa há quarenta anos. O embargo do petróleo provocou a queda da facção moderada de Konoya. Em seu lugar, tivemos o General Tojo, o que levou a Pearl Harbour. Se Maxim Rudin for derrubado agora, podemos ter Yefrem Vishnayev em seu lugar. E com base nestes documentos, isso poderia levar à guerra.

— Então Maxim Rudin não deve cair — disse o Presidente Matthews.

— Protesto, Sr. Presidente! — disse Poklewski, veemente. — Devo entender que os esforços dos Estados Unidos serão agora empenhados em salvar a pele de Maxim Rudin? Será que já esquecemos o que ele fez, as pessoas que liquidou sob seu regime, para que pudesse alcançar o pináculo do poder na Rússia soviética?

— Sinto muito, Stan — disse o Presidente Matthews, incisivamente. — No último mês, autorizei a recusa dos Estados Unidos em fornecer os cereais de que a União Soviética precisa para evitar uma fonte disseminada. Na ocasião, eu não sabia quais seriam as perspectivas dessa fome. Não posso mais persistir na política de rejeição, porque sabemos agora o que isso poderia acarretar.

“Senhores, vou preparar esta noite uma carta pessoal para o Presidente Rudin, propondo que David Lawrence e Dmitri Rykov se encontrem para uma conferência, em território neutro. E deverão conferir

sobre o novo Salt Quatro, que vai discutir o tratado de limitação de armamentos, e quaisquer outras questões de interesse.

Quando Andrew Drake voltou ao Cavo d'Oro, depois de seu segundo encontro com o Comandante Thanos, encontrou uma mensagem a sua espera. Era de Azamat Krim, informando que ele e Kaminsky tinham acabado de se hospedar no hotel previamente combinado.

Uma hora depois, Drake estava reunido com os dois. O furgão chegara a Atenas incólume. Durante a noite, Drake providenciou a transferência das armas e munições para seu próprio quarto, no Cavo d'Oro, em visitas separadas de Kaminsky e Krim. Depois que tudo estava guardado em segurança, Drake levou os outros dois para jantar. Na manhã seguinte, Krim voltou de avião para Londres, a fim de viver no apartamento de Drake, aguardando um telefonema dele. Kaminsky ficou numa pequena pensão nas ruas secundárias do Pireu. Não era lá muito confortável, mas era anônima.

Enquanto eles jantavam, o Secretário de Estado americano estava em conferência confidencial com o Embaixador da Irlanda em Washington.

— Para que a reunião com o Ministro do Exterior Rykov seja bem-sucedida, precisamos de toda privacidade — disse David Lawrence. — A discrição deve ser absoluta. Reykjavik, na Islândia, é um lugar óbvio demais. Nossa base ali, em Keflavik, é como se fosse território dos Estados Unidos. A reunião não pode deixar de ser em território neutro. Genebra está cheia de olhos atentos, o mesmo acontecendo com Estocolmo e Viena. Helsinque como a Islândia seria óbvia demais. A Irlanda fica na metade do caminho entre Moscou e Washington e vocês ainda cultivam a privacidade.

Naquela noite, mensagens em código foram transmitidas entre Washington e Dublin. Em 24 horas, o governo de Dublin concordou em sediar a reunião, propondo planos de voo para as duas partes. Horas depois, a carta particular e pessoal do Presidente Matthews para o Presidente Rudin estava a caminho do Embaixador Donaldson, em Moscou.

Na terceira tentativa, Andrew Drake conseguiu ter uma conversa pessoal com o Comandante Nikos Thanos. A esta altura, não havia mais qualquer dúvida na mente do velho grego de que o jovem inglês estava

querendo alguma coisa dele, mas não deixou transparecer o menor vestígio de curiosidade. Como sempre, Drake pagou o café e o ouzo.

— Estou com um problema, Comandante — disse ele — e acho que pode ajudar-me a resolvê-lo.

Thanos levantou uma sobrancelha, mas continuou a olhar para seu café.

— No final do mês, o Sanadria vai zarpar do Pireu, a caminho de Istambul e do Mar Negro. Pelo que sei, vai fazer escala em Odessa.

Thanos assentiu.

— Devemos partir no dia trinta e de fato levaremos uma carga para Odessa.

— Quero ir para Odessa, Comandante. Tenho de chegar a Odessa de qualquer maneira.

— Você é inglês. Há excursões turísticas para Odessa. Pode ir de avião. E há navios de passageiros soviéticos que fazem escala em Odessa. Pode embarcar num deles.

Drake sacudiu a cabeça.

— Não é tão fácil assim. Eu não receberia um visto para Odessa, Comandante Thanos. O pedido seria examinado em Moscou e não me atenderiam.

— E por que está querendo tanto ir a Odessa? — indagou Thanos, desconfiado.

— Tenho uma garota em Odessa. Minha noiva. E preciso tirá-la da Rússia de qualquer maneira.

O Comandante Thanos sacudiu a cabeça, vigorosamente. Ele e seus ancestrais de Chios vinham contrabandeando as mais estranhas cargas pelo leste do Mediterrâneo desde que Homero estava aprendendo a falar. Sabia perfeitamente que havia um florescente comércio de contrabando entrando e saindo de Odessa, assim como sabia também que sua própria tripulação ganhava um bom dinheiro extra levando artigos de nylon, perfumes e casacos de couro para o mercado negro do porto ucraniano. Mas contrabandear pessoas era muito diferente e ele não tinha a menor intenção de se envolver nisso.

— Acho que não compreendeu — disse Drake. — Não estou querendo que a traga no Sanadria. Deixe-me explicar.

Ele exibiu uma fotografia sua ao lado de uma jovem extraordinariamente bonita, na Escadaria Potemkin, que liga a cidade com o porto. O interesse de Thanos prontamente renasceu, pois a jovem era daquelas que valia a pena contemplar.

— Sou aluno do curso de estudos russos da Universidade de Bradford — disse Drake. — No ano passado, dentro de um programa de intercâmbio de estudantes, passei seis meses na Universidade de Odessa. Foi ali que conheci Larissa. Nós nos apaixonamos. E queríamos casar.

Como a maioria dos gregos, Nikos Thanos se orgulhava de sua natureza romântica. Drake estava falando a sua língua.

— E por que não se casaram?

— As autoridades soviéticas não permitiram. É claro que eu queria levar Larissa para a Inglaterra, onde iríamos viver. Ela pediu permissão para deixar a União Soviética, mas recusaram. Pedi também permissão em nome dela, de Londres. Mas não tive sorte. Em julho último, fiz exatamente o que sugeriu: participei de uma excursão turística pela Ucrânia, através de Kiev, Ternopol e Lvov.

Ele tirou do bolso o passaporte e mostrou a Thanos o carimbo datado do aeroporto de Kiev.

— Ela foi para Kiev a fim de se encontrar comigo. E nos amamos. Agora, ela me escreveu para dizer que vamos ter um filho. Mais do que nunca, temos de nos casar de qualquer maneira.

O Comandante Thanos também conhecia as regras. Aplicavam-se a sua sociedade desde o princípio dos tempos. Olhou novamente para a fotografia. Jamais saberia que a jovem era londrina e que posara num estúdio não muito longe da estação de *King's Cross*, assim como também jamais saberia que a Escadaria Potemkin era a ampliação de um cartaz turístico, obtido no escritório de Londres na *Intourist*.

— E como pretende tirá-la da União Soviética?

— No próximo mês, um navio de passageiros soviético, o Lilva, vai partir de Odessa com um grupo grande do movimento Juventude Soviética, o Komsomol, para uma excursão cultural pelo Mediterrâneo.

Thanos assentiu; já conhecia o Litva.

— Porque gritei muito por causa de Larissa, as autoridades soviéticas jamais me permitiriam voltar. Normalmente, Larissa jamais teria permissão para participar de uma excursão dessas. Mas há uma autoridade da seção local do Ministério do Interior que gosta de viver muito acima do que ganha. Ele dará um jeito para incluí-la na excursão, com todos os documentos em ordem. Quando o navio chegar a Veneza, estarei à espera de Larissa. A tal autoridade está querendo dez mil dólares americanos. Já disponho do dinheiro, mas preciso dar um jeito de entregá-lo a Larissa.

Fazia sentido para o Comandante Thanos. Ele conhecia a corrupção burocrática, que era endêmica no sul da Ucrânia, Crimeia e Geórgia, com ou sem comunismo. Era perfeitamente normal que uma autoridade estivesse disposta a "arrumar" alguns documentos, em troca de dinheiro ocidental que pudesse melhorar consideravelmente seu padrão de vida.

O negócio estava concluído uma hora depois. Por 5.000 dólares, Thanos levaria Drake como um marinheiro de convés, durante a duração daquela viagem.

— Vamos partir no dia trinta, e devemos chegar a Odessa no dia nove ou dez — disse ele. — Esteja no cais em que o Sanadria está atracado às seis horas da tarde do dia trinta. Espere até que o agente do porto tenha ido embora e depois embarque, antes do pessoal da imigração.

Quatro horas depois, no apartamento londrino de Bayswater, Azamat Krim recebeu um telefonema de Drake do Pireu, comunicando a data que Mishkin e Lazareff precisavam saber.

Foi no dia vinte que o Presidente Matthews recebeu a resposta de Maxim Rudin. Era uma carta pessoal, como fora a sua mensagem para o líder soviético. Rudin concordava com a reunião secreta entre David Lawrence e Dmitri Rykov na Irlanda, marcada para o dia 24.

O Presidente Matthews estendeu a carta para Lawrence, por cima da mesa, comentando:

— Ele não está perdendo tempo.

— Nem tem tempo para perder — falou o Secretário de Estado. — Tudo já está sendo providenciado. Tenho dois homens em Dublin neste momento, cuidando de todos os detalhes. Nosso Embaixador em Dublin vai encontrar-se amanhã com o Embaixador soviético, em decorrência desta carta, a fim de ultimarem os preparativos.

— Você sabe o que fazer, David — disse o Presidente dos Estados Unidos.

O problema de Azamat Krim era despachar uma carta ou cartão-postal para Mishkin do interior da União Soviética, com selos e carimbos russos e escrita em russo, sem a demora necessária da espera de um visto a ser concedido pelo consulado soviético em Londres, o que poderia levar até quatro semanas. Com a ajuda de Drake, ele conseguira resolver o problema de uma maneira relativamente simples.

Antes de 1980, o principal aeroporto de Moscou, o Sheremetyevo, era pequeno, acanhado e inadequado. Para as Olimpíadas, no entanto, o

Governo soviético providenciara a construção de um novo terminal, a respeito do qual Drake fizera algumas pesquisas.

As instalações do novo terminal, que recebia todos os voos de longa distância sobre Moscou, eram excelentes. Por todo o aeroporto, havia numerosas placas louvando as grandes realizações da tecnologia soviética. Chamando a atenção por sua ausência, não havia qualquer menção de que uma empresa da Alemanha Ocidental é que fora contratada para construir o terminal, já que nenhuma firma construtora soviética tinha condições para atender aos padrões e prazos exigidos. Os alemães ocidentais haviam sido muito bem pagos, em moeda, conversível. O contrato, no entanto, tinha cláusulas rigorosas de multas em caso de não-conclusão por ocasião do início das Olimpíadas de 1980. Por esse motivo, os alemães tinham usado apenas dois ingredientes locais russos: terra e água. Tudo o mais fora remetido de caminhão da Alemanha Ocidental, a fim de se ter certeza de que a entrega seria feita a tempo.

Nos grandes salões de passageiros em trânsito e de partida havia caixas postais, para receber a correspondência dos que haviam esquecido de despachar seus últimos cartões-postais de Moscou antes de partir. O KGB censura todas as cartas, cartões-postais, telegramas e telefonemas entre o exterior e a União Soviética. A tarefa pode ser gigantesca, mas é realizada. Os novos salões de espera do Sheremetyevo eram usados tanto para os voos internacionais como para os voos domésticos de longa distância.

Krim adquiriu o cartão-postal nos escritórios da *Aeroflot* em Londres. Selos soviéticos modernos, em quantidade suficiente para o cartão-postal pelas tarifas postais internas, foram comprados abertamente no grande empório filatélico londrino, Stanley Gibbons. No cartão, que mostrava uma fotografia do Tupolev 144, o grande jato supersônico de passageiros soviético, estava escrita em russo a seguinte mensagem: "Estou de partida com o grupo do Partido da fábrica para a excursão a Khabarovsk. O excitamento é muito grande. Quase esqueci de lhe escrever. Muitas felicidades pelo seu aniversário no dia 10. Seu primo, Ivan."

Como Khabarovsk fica no extremo oriente da Sibéria, perto do Mar do Japão, um grupo viajando pela *Aeroflot* para a cidade partiria do mesmo terminal que um voo para o Japão. O cartão-postal foi endereçado para Lev Mishkin, em Lvov.

Azamat Krim pegou o voo da *Aeroflot* de Londres para Moscou, ali mudando de avião, para o voo da *Aeroflot* de Moscou para o Aeroporto de Narita, em Tóquio. A data de retorno estava em aberto. Ele teve também

uma espera de duas horas no salão dos passageiros em trânsito, em Moscou. Ali, deixou o cartão numa caixa postal e depois seguiu para Tóquio. Na capital japonesa, comprou uma passagem na *Japan Air Lines* e voltou para Londres.

O cartão foi devidamente examinado pela equipe de correspondência do KGB no aeroporto de Moscou, presumindo-se que se tratava de uma simples correspondência de um russo para um primo ucraniano, ambos vivendo e trabalhando dentro da União Soviética.

O cartão-postal foi despachado sem maiores problemas e chegou a Lvov três dias depois.

Enquanto o exausto tártaro da Crimeia voava de volta do Japão, um pequeno jato da empresa aérea doméstica norueguesa *Braethens-Safe* aproximava-se da pequena cidade pesqueira de Alesund e começava a descer, para o aeroporto municipal, na ilha plana que havia na baía. Por uma das janelas, Thor Larsen contemplou com a emoção que sempre experimentava a pequena comunidade em que fora criado e que para sempre seria o seu lar.

Chegara ao mundo em 1935, numa cabana de pescador no velho bairro de Buholmen, posteriormente demolido para dar lugar a uma nova estrada. Antes da guerra, Buholmen era o bairro dos pescadores, um labirinto de cabanas de madeira em cores cinza, azul e ocre. Do alpendre dos fundos da cabana de seu pai saía um molhe que se estendia até a água, como acontecia em todas as habitações à beira do estreito. Era nesses frágeis molhes de madeira que os pescadores independentes, como seu pai, atracavam suas pequenas embarcações, quando voltavam do mar. Ali, os cheiros da infância de Thor haviam sido de alcatrão, resina, tinta, mar e peixe.

Quando menino, ficava sentado no molhe do pai contemplando os grandes navios que passavam lentamente, saindo do ancoradouro de Storneskaia, sonhando com os lugares que deveriam visitar, muito além do oceano a oeste. Aos sete anos, Thor já era capaz de navegar em seu próprio bote, bem pequeno, afastando-se várias centenas de metros de Buholmen, até o ponto em que a velha montanha Sula projetava sua sombra pelo *fjord*, sobre as águas faiscantes.

— Ele vai ser um marinheiro — dizia o pai, observando-o com extrema satisfação do molhe. — Não um pescador ficando perto da costa, mas um marinheiro de verdade.

Thor tinha cinco anos quando os alemães chegaram a Alesund, homens imensos, de capotes cinzentos, que andavam de um lado para outro com suas botas grossas. Mas só viu a guerra quando estava com sete anos. Era verão e o pai deixava-o ir junto nas viagens de pesca, durante as férias na Escola Norvoy. Com o resto da frota pesqueira de Alesund, o barco do pai saía para mar aberto sob a guarda de uma lancha torpedeira alemã. Uma noite, Thor acordou com os movimentos de homens no barco. A oeste, podia avistar luzes faiscando, nos mastros da frota das Orkneys.

Um pequeno bote a remo balançava ao lado do barco de seu pai e a tripulação estava tirando caixas de arenque do lugar. E frente ao olhar atônito do menino, um jovem pálido e exausto emergiu de debaixo das caixas no porão e passou para o bote a remo. Minutos depois, ele desaparecia na escuridão, a caminho dos homens das Orkneys. Era mais um operador de rádio da Resistência seguindo para treinamento na Inglaterra. O pai fê-lo prometer que jamais falaria do jovem a quem quer que fosse. Uma semana depois, em Alesund, houvera numa noite um matraquear de tiros de rifle, a mãe lhe dissera mais tarde que deveria fazer suas preces naquela noite com um fervor extra, porque o mestre-escola estava morto.

No início da adolescência, quando estava crescendo tão depressa que as roupas ficavam pequenas mais rapidamente do que a mãe podia fazê-las, Thor também se tornara obcecado por rádio e em dois anos construíra seu próprio transmissor-receptor. O pai ficava olhando para o aparelho com uma expressão aturdida; estava muito além da compreensão dele. Thor estava com 16 anos, quando, no dia seguinte ao Natal de 1951, captara uma mensagem de SOS de um navio em perigo no meio do Atlântico. Era o *Flying Enterprise*, cuja carga se soltara e estava adernando terrivelmente em alto-mar.

Por 16 dias, o mundo e um adolescente norueguês ficaram observando e escutando, com a respiração em suspenso, enquanto o comandante Kurt Carlsen, um americano nascido na Dinamarca, se recusava a abandonar o navio em perigo e levava-o com extrema dificuldade na direção leste, através da tempestade, a caminho do sul da Inglaterra. Sentado no sótão de sua casa, hora após hora, com os fones nos ouvidos, olhando pela janela para o mar bravio além da entrada do *fjord*, Thor Larsen ficara torcendo para que o cargueiro chegasse ao porto. A 10 de janeiro de 1951 o *Flying Enterprise* finalmente afundara, a apenas 57 milhas a leste do porto de Falmouth.

Larsen ouvira o navio afundar, escutara seus estertores de morte e depois o resgate do intrépido comandante. Tirara os fones dos ouvidos e descera para falar com os pais, que estavam sentados à mesa. E declarara solenemente:

— Já decidi o que vou ser: um capitão do mar.

Um mês depois, ele ingressou na Marinha Mercante.

O avião pousou e deslizou até parar diante do terminal, pequeno mas impecável, com seu lago de cisnes ao lado do estacionamento. A esposa Lisa, o estava esperando com o carro, juntamente com Kristina, a filha de 16 anos, e Kurt, o filho de 14. Os dois jovens ficaram falando sem parar durante a curta viagem através da ilha até a barca, enquanto faziam a travessia do estreito até Alesund e por todo o percurso até a casa confortável da família, em estilo de casa de fazenda, no subúrbio afastado de Bogneset.

Era bom estar em casa, pensou Thor. Sairia para pescar com Kurt pelo *Fjord* Borgund, assim como seu próprio pai muitas vezes acompanhara, durante sua juventude. Nos últimos dias do verão, foram a piqueniques nas ilhas verdejantes que pontilhavam o estreito, viajando na pequena lancha de cruzeiro. Ele tinha três semanas de licença. Depois, partiria para o Japão e, em fevereiro, assumiria o comando do maior navio que o mundo já conhecera. Era uma longa estância percorrida, desde uma pequena casa de madeira em Buholhien. Mas Alesund ainda era o seu lar e para aquele descendente dos *vikings* não havia outro lugar igual no mundo inteiro.

Na noite de 23 de setembro, um *Grumman Gulfstream* com o logotipo de uma conhecida corporação comercial decolou da base da Força Aérea em Andrews e seguiu para leste, através do Atlântico, os tanques cheios de combustível para alcançar o aeroporto irlandês de Shannon. Foi classificado na rede de controle de tráfego aéreo irlandesa como um voo particular fretado. Ao pousar em Shannon, foi levado na escuridão para o outro lado da pista, distante do terminal internacional, sendo cercado por cinco limusines pretas, com cortinas nas janelas.

O Secretário de Estado David Lawrence e seu grupo de seis assessores foram recebidos pelo Embaixador e pelo Chefe da Chancelaria da representação diplomática americana. Todas as cinco limusines deixaram o perímetro cercado do aeroporto através de um portão lateral. Seguiram para nordeste, através dos campos adormecidos, na direção do Condado de Meath.

Nessa mesma noite, um Tupolev 134 da *Aeroflot*, fez escala para reabastecimento no Aeroporto Schoenefeld, em Berlim Oriental, seguindo depois para oeste, sobre a Alemanha e Países-Baixos, na direção da Inglaterra e Irlanda. Estava descrito como um voo especial da *Aeroflot*, levando uma delegação comercial para Dublin. Como tal, foi registrado pelos controladores de tráfego aéreo britânicos, que o entregaram aos cuidados de seus colegas irlandeses, no momento em que deixou a costa galesa. A rede de tráfego aéreo militar irlandesa assumiu o controle. Duas horas antes do amanhecer, o avião pousou na base do Corpo Aéreo Irlandês, em Baldonnel, nos arredores de Dublin.

Ali, o Tupolev foi estacionar entre dois hangares, fora do campo de visão dos prédios principais do aeroporto. Os passageiros foram recebidos pelo Embaixador soviético, o Vice-Ministro do Exterior irlandês e seis limusines. O Ministro do Exterior soviético Rykov e seus assessores embarcaram nas limusines, com as cortinas internas fechadas, e deixaram a base aérea.

Às margens do Rio Boyne, num cenário de uma beleza natural excepcional, não muito longe da cidade-mercado de Slane-on-Meath fica o Castelo de Slane, lar ancestral da família Conyngham, Condes de Mount Charles. O jovem conde fora discretamente convidado pelo Governo irlandês a aceitar uma semana de férias num luxuoso hotel no oeste, com sua linda condessa, emprestando o castelo por alguns dias. Ele concordara. O restaurante anexo ao castelo fora fechado por alguns dias, para reformas, todos os empregados recebendo uma semana de licença. Os fornecedores oficiais do governo foram convocados para providenciar tudo o que era necessário e a polícia irlandesa, à paisana, discretamente ocupou todos os pontos em torno do castelo. Depois que os dois grupos de limusines entraram na propriedade, os portões principais foram fechados. Se os habitantes locais notaram alguma coisa, foram corteses o bastante para não fazer qualquer menção.

No salão de jantar particular, em estilo georgiano, diante da lareira de mármore, os dois estadistas se encontraram para um reforçado café da manhã.

— Dmitri! É um prazer vê-lo novamente! — disse David Lawrence, estendendo a mão.

Rykov apertou-a calorosamente. Olhou ao redor, para os presentes de prata de George IV e para os retratos dos Conynghams nas paredes, comentando:

— Então é assim que os capitalistas burgueses decadentes vivem...

Lawrence não pôde conter uma risada.

— Eu gostaria que fosse, Dmitri, eu gostaria muito que fosse...

Às 11 horas da manhã, cercados por seus assessores, na magnífica biblioteca circular em estilo gótico, os dois homens se sentaram para iniciar as negociações. Agora, já não havia margem para gracejos.

— Sr. Ministro do Exterior — disse Lawrence — parece que ambos estamos com problemas. O nosso envolve a continuação da corrida armamentista entre nossas duas nações, que nada parece ser capaz de deter ou sequer atenuar, o que nos preocupa profundamente. O de vocês parece estar relacionado com a próxima colheita de cereais da União Soviética. Espero que possamos encontrar meios de atenuar os problemas mútuos.

— É o que também espero, Sr. Secretário de Estado — disse Rykov, cautelosamente. — O que têm em mente?

Há apenas um voo direto por semana entre Atenas e Istambul, de conexão na terça-feira da Sabena, partindo do Aeroporto Hellinikon, de Atenas, às 14 horas e pousando em Istambul às 16:45. Na terça-feira, 28 de setembro, Miroslav Kaminsky estava nesse voo com instruções de providenciar para Andrew Drake um carregamento de casacos de pele de carneiro e de camurça para serem negociados em Odessa.

Nessa mesma tarde, o Secretário de Estado Lawrence apresentou seu relatório ao comitê especial do Conselho de Segurança Nacional, no Gabinete Oval.

— Sr. Presidente, senhores, acho que conseguimos. Isto é, desde que Maxim Rudin possa manter o controle sobre o Politburo e garantir a aprovação do acordo. A proposta é que tanto nós como os soviéticos enviemos duas delegações para o reinicio da conferência sobre a limitação de armas estratégicas. O local sugerido é novamente a Irlanda. O Governo irlandês já concordou e vai providenciar um salão de conferências apropriado, assim como as acomodações necessárias, no momento em que nós e os soviéticos dermos assentimento.

“As delegações irão discutir uma ampla gama de limitações de armamentos. Isso é o mais importante. Consegui arrancar de Dmitri Rykov a concessão de que o âmbito das conversações não deve necessariamente excluir as armas termonucleares, armas estratégicas, espaço interior, inspeção internacional, armas nucleares táticas, armas convencionais e níveis de efetivos ou a ruptura de contato de forças ao longo da linha da Cortina de Ferro.

Houve um murmúrio de aprovação e surpresa dos outros sete homens presentes. Nenhuma conferência americano-soviética sobre armamentos anterior jamais tivera termos de referência tão amplos. Se em todas as áreas houvesse um avanço genuíno em direção a uma *détente* controlada, poderia resultar num tratado de paz.

— Essas conversações serão supostamente tudo o que a conferência tratará, pelo que possa interessar ao resto do mundo — acrescentou o Secretário Lawrence. — Evidentemente, serão distribuídos os necessários boletins para a imprensa. Longe da atenção pública, as outras duas delegações, formadas por técnicos, irão negociar a venda pelos Estados Unidos aos soviéticos, e custos financeiros a serem ainda definidos, mas provavelmente inferiores aos preços internacionais, de até cinquenta e cinco milhões de toneladas de cereais, tecnologia de produtos de consumo, computadores e tecnologia de extração de petróleo.

"Em todos os estágios, haverá uma ligação permanente entre os negociadores da conferência pública e da conferência particular, nos dois lados. Eles fazem uma concessão sobre o desarmamento, nós fazemos uma concessão nos custos da mercadoria.

— E qual a data prevista para o início das conferências? — indagou Poklewski.

— É esse o elemento surpresa — disse Lawrence. — Normalmente os russos gostam de trabalhar lentamente. Agora, porém, parece que estão com pressa. Querem começar dentro de duas semanas,

— Santo Deus! — exclamou o Secretário de Defesa, cujo Departamento estava intimamente envolvido nas negociações. — Não nos podemos preparar em apenas duas semanas!

— Mas temos que estar prontos de qualquer maneira — declarou o Presidente Matthews. — Nunca mais haverá outra oportunidade igual. Além disso, nossa delegação para Salt já está preparada e devidamente instruída. Há meses que está pronta. Temos agora de preparar o pessoal dos Departamentos de Agricultura, Comércio e Tecnologia o mais depressa possível. Temos de formar a delegação que poderá conduzir as negociações no outro lado do acordo, cuidando da parte de comércio e tecnologia. Senhores, providenciem por favor tudo o que for necessário. Imediatamente.

Não foi assim que Maxim Rudin apresentou a questão ao *Politburo* no dia seguinte. Sentado em sua cadeira na cabeceira da mesa em T, ele disse:

— Eles morderam a isca. Quando fizeram concessão sobre trigo ou tecnologia numa das salas de conferência, fazemos a concessão mínima absoluta na outra. Vamos conseguir os cereais de que precisamos, Camaradas. Alimentaremos nosso povo, evitando a fome a um custo mínimo. Os americanos, no final das contas, jamais foram capazes de superar os russos nas negociações.

Houve um murmúrio geral de assentimento.

— Mas quais serão as concessões? — indagou Vishnayev, rispidamente. — O quanto todas essas concessões vão atrasar a União Soviética e o triunfo mundial do marxismo-leninismo?

— Quanto a sua primeira pergunta, não poderemos saber enquanto não negociarmos — respondeu Rykov. — Quanto à segunda a resposta é de que será consideravelmente menos do que urna fome disseminada nos iria atrasar.

— Há duas questões que devem ser esclarecidas antes de decidirmos se devemos ou não aceitar as negociações — interveio Rudin. — Uma é que o *Politburo* será mantido plenamente informado em todos os estágios das negociações. Assim, se chegar o momento em que o preço for alto demais, este Conselho terá o direito de abortar a conferência e me submeterei à posição do Camarada Vishnayev e seu plano para a guerra na primavera. A segunda é de que nenhuma concessão que possamos fazer para obter o trigo precisa necessariamente ser respeitada depois que as entregas forem efetuadas.

Vários sorrisos se esboçaram em torno da mesa. Esse era o tipo de política realista a que o *Politburo* estava muito mais acostumado, como haviam demonstrado ao transformarem o antigo acordo de Helsinque sobre a *détente* numa verdadeira farsa.

— Está certo — disse Vishnayev, finalmente. — Mas acho que devemos fixar os parâmetros exatos da autoridade de nossos representantes nas negociações para aceitar concessões.

— Não tenho a menor objeção a isso — disse Rudin.

A reunião passou a discutir esse problema por mais uma hora e meia. Rudin conseguiu aprovação para sua proposta pela mesma margem anterior, sete votos contra seis.

No último dia do mês, Andrew. Drake estava parado à sombra de um guindaste, observando o Sanadria a efetuar os últimos preparativos para zarpar. No convés, podiam-se ver diversos Vacuvators para Odessa, poderosas máquinas de sucção, como aspiradores de pó, para sugar o trigo

do porão de um navio e levá-lo diretamente para um silo. A União Soviética deveria estar querendo melhorar em muito sua capacidade de descarregar cereais, pensou Drake, embora não soubesse por quê. Por baixo do convés corrido, havia tratores de forcado para Istambul, equipamentos agrícolas para Varna, na Bulgária, parte de uma carga de transbordo que viera da América até o Pireu.

Ele ficou observando o agente do porto deixar o navio, apertando mais uma vez a mão do Comandante Thanos. Depois que o agente desembarcou, Thanos correu os olhos pelo cais e avistou Drake encaminhando-se apressadamente para o navio, uma mochila pendurada num ombro e a outra mão segurando uma valise.

Na cabine do comandante, Drake entregou-lhe seu passaporte e os atestados de vacina. Assinou a convenção do navio e tornou-se um membro da tripulação. Enquanto Drake estava nos alojamentos lá embaixo, guardando suas coisas, o Comandante Thanos registrou seu nome na lista dos tripulantes, pouco antes de o agente de reação grego subir a bordo. Os dois homens tomaram o drinque habitual.

— Há um homem extra na tripulação — comentou Thanos, em tom de indiferença.

O agente de imigração examinou a lista de tripulantes e a pilha de documentos e passaportes a sua frente. Quase todos os homens eram gregos; apenas seis tripulantes não o eram. O passaporte britânico de Drake sobressaía. O agente de imigração pegou-o e folheou-o rapidamente. Uma nota de 50 dólares caiu do passaporte.

— É um desempregado — comentou Thanos. — Está tentando chegar à Turquia e de lá seguir para o Oriente. Achei que ficaria contente em se livrar dele.

Cinco minutos depois, os documentos de identidade dos tripulantes já estavam de volta a sua caixa de madeira e os documentos do navio devidamente carimbados para que pudesse deixar o porto. A luz do dia já se estava desvanecendo quando as amarras foram recolhidas e o Sanadria afastou-se lentamente do atracadouro, seguindo para o sul, antes de virar para nordeste, na direção dos Dardanelos.

Lá embaixo, a tripulação encontrava-se reunida no sujo refeitório. Um dos homens estava rezando para que ninguém decidisse dar uma olhada por baixo de seu colchão, onde estava guardado o rifle Sako Hornet. Em Moscou, seu alvo estava sentado diante de um excelente jantar.

7

Enquanto altas autoridades se lançavam a um frenesi de atividade em Washington e Moscou, o velho Sanadria avançava impassivelmente para nordeste, na direção dos Dardanelos e Istambul.

No segundo dia, Drake contemplou as colinas áridas de Gallipoli se abrirem e o mar dividir a Turquia Europeia e a Turquia Asiática, alargando-se no Mar de Marmara. O Comandante Thanos, que conhecia aquelas águas como o quintal dos fundos de sua casa em Chios, estava pessoalmente pilotando o navio.

Dois cruzadores soviéticos passaram pelo Sanadria, seguindo de Sebastopol para o Mediterrâneo, a fim de acompanhar as manobras da Sexta Esquadra dos Estados Unidos. Pouco depois do pôr-do-sol, avistaram as luzes faiscantes de Istambul e da Ponte Galatea, atravessando o Bósforo. O Sanadria lançou âncora para passar a noite e na manhã seguinte entrou no porto de Istambul.

Enquanto os tratores eram desembarcados, Andrew Drake pegou seu passaporte com o Comandante Thanos e deixou o navio. Encontrou-se com Miroslav Kaminsky num local previamente combinado no centro de Istambul e pegou o fardo grande de casacos de pele de carneiro e camurça. Ao voltar para o navio, o Comandante Thanos franziu as sobrancelhas, indagando:

— Tudo isso é para esquentar sua namorada? Drake sacudiu a cabeça e sorriu.

— A tripulação me disse que metade dos^ marinheiros sempre desembarca com essas coisas em Odessa. Achei que era a melhor maneira de levar a minha carga secreta sem chamar atenção.

O comandante grego não ficou surpreso. Sabia que pelo menos meia dúzia de seus próprios marinheiros levaria bagagens assim para bordo, a fim de vender os casacos em moda e jeans por cinco vezes o que haviam pago aos traficantes do mercado negro de Odessa.

Trinta horas depois, o Sanadria deixou o Bósforo, avançando lentamente para o norte, a caminho da Bulgária, levando sua carga de equipamentos agrícolas.

A oeste de Dublin fica o Condado de Kildare, onde está o grande centro de cavalos de corridas da Irlanda, em Curragh, e a sonolenta cidade-mercado de Celbndge. Nos arredores desta fica a maior e melhor mansão da região, Castletown House. Com a concordância dos Embaixadores americanos e soviético, o Governo irlandês propusera Castletown como o local para a conferência de desarmamento.

Durante uma semana, equipes de pintores, rebocadores, eletricistas e jardineiros trabalharam ativamente, dia e noite, dando os últimos retoques aos dois salões em que seriam realizadas as conferências paralelas. Ninguém sabia para que seria a segunda conferência.

Somente a fachada da casa principal da propriedade tem mais de 40 metros de largura. Nas duas extremidades, corredores cobertos levam a outras alas. Uma dessas alas laterais contém as cozinhas e os aposentos de empregados e seria ali que a força de segurança americana ficaria instalada. A outra ala continha os estábulos, com aposentos por cima; a força de segurança soviética ficaria ali.

A casa principal serviria tanto de centro de conferências como de residência para os diplomatas subalternos, que ficariam nos numerosos quartos e suítes do andar superior. Somente os dois principais negociadores e seus assessores imediatos voltariam todas as noites para as respectivas embaixadas, que dispunham de todas as instalações necessárias para a troca de mensagens em código para Washington e Moscou.

Desta vez, não haveria sigilo no encontro, a não ser na questão da conferência secundária. Na presença da imprensa mundial, os dois Ministros do Exterior, David Lawrence e Dmitri Rykov, chegaram a Dublin, sendo recebidos pelo Presidente e pelo Primeiro-Ministro da Irlanda. Depois do aperto de mão e do brinde habituais, transmitidos pela televisão para o mundo inteiro, eles partiram em comboios separados para Castletown.

Ao meio-dia de 8 de outubro, os dois estadistas e seus 20 assessores entraram no imenso Salão Maior, decorado com base no azul, tendo mais de 40 metros de comprimento. Quase todo o centro do salão estava ocupado pela reluzente mesa em estilo georgiano, ao longo da qual se sentaram os membros das duas delegações. Flanqueando cada Ministro,

havia especialistas em defesa, sistemas de armamentos, tecnologia nuclear, espaço interior e guerra blindada.

Os dois estadistas sabiam que a presença deles era apenas formal, para a abertura da conferência. Depois dessa solenidade e da definição da agenda, ambos voltariam a seus países, deixando as conversações nas mãos dos líderes das respectivas delegações, Professor Ivan I. Sokolov, pelos soviéticos, e o antigo Secretário-Assistente da Defesa, Edwin J. Campbell, pelos americanos.

Os restantes aposentos do andar foram reservados para estenógrafos, datilógrafos e pesquisadores.

Um andar abaixo, ao nível do chão, no grande salão de jantar de Castletown, com as cortinas fechadas para impedir a entrada do sol de outono que batia sobre a fachada sudeste da mansão, os membros da conferência secundária ocuparam calmamente seus lugares. Eram principalmente técnicos, especialistas em cereais, petróleo, computadores e planejamento industrial.

Lá em cima, Dmitri Rykov e David Lawrence fizeram curtos discursos de boas-vindas à delegação oposta e manifestaram sua esperança e confiança de que a conferência conseguiria atenuar os problemas de um mundo sitiado e amedrontado. Depois, a conferência foi suspensa para o almoço.

Depois do almoço, o Professor Sokolov teve uma reunião particular com Rykov, antes da partida do Ministro do Exterior para Moscou.

— Conhece a nossa posição, Camarada Professor — disse Rykov. — Para ser franco, não é das melhores. Os americanos vão querer tudo o que puderem conseguir. Seu trabalho é lutar a cada passo para reduzir nossas concessões. Mas precisamos obter os cereais de qualquer maneira. Não obstante, todas as concessões sobre níveis de armamentos e posições de tropas na Europa Oriental devem ser encaminhadas a Moscou, antes de qualquer decisão. O Politburo insiste em dar a palavra final na aprovação ou rejeição em todas as áreas mais sensíveis.

Ele não explicou que as áreas sensíveis eram aquelas que poderiam impedir um futuro ataque soviético contra a Europa Ocidental ou que a carreira política de Maxim Rudin estava suspensa por um fio.

Em outra sala, no lado oposto de Castletown, a qual também fora examinada pelos técnicos à procura de possíveis aparelhos de escuta, como a de Rykov, David Lawrence estava reunido com Edwin Campbell.

— O caso é todo seu, Ed. Desta vez, não vai ser como em Genebra. Os problemas soviéticos não vão permitir protelações intermináveis,

adiamentos e respostas de Moscou por semanas a fio. Calculo que eles terão de chegar a um acordo conosco dentro de seis meses, no máximo. Ou isso ou não conseguem os cereais que estão desesperadamente precisando.

"No outro lado, Sokolov vai lutar passo a passo do caminho. Sabemos perfeitamente que cada concessão sobre armamentos terá de ser encaminhada a Moscou para aprovação. Mas Moscou terá de decidir rapidamente, de um jeito ou de outro, para que o tempo não se escoe antes de se chegar a uma solução.

"Só mais uma coisa. Sabemos que Maxim Rudin não pode ser pressionado excessivamente. Se isso acontecer, ele pode cair. Mas se não conseguir o trigo, ele pode também cair. O jeito é encontrar uma posição de equilíbrio, obtendo o máximo de concessões sem provocar uma revolta no Politburo.

Campbell tirou os óculos e apertou a ponta do nariz. Passara quatro anos viajando entre Washington e Genebra, nas conversações SALT, malogradas até aquele momento, e por isso conhecia bem todos os problemas de negociar com os russos.

— Dito assim, David, parece muito fácil. Mas sabe muito bem como os russos se empenham em não deixar transparecer sua verdadeira posição. Seria da maior importância saber até onde eles podem ser pressionados e onde começa a linha que não devemos transpor.

David Lawrence abriu a pasta e tirou um maço de papéis. Entregou a Campbell.

— O que é isso? — indagou Campbell. Lawrence escolheu suas palavras cuidadosamente:

— Há onze dias, em Moscou, o Politburo autorizou Maxim Rudin e Dmitri Rykov a iniciarem as negociações. Mas apenas por um voto de diferença, sete contra seis. Há uma facção dissidente no Politburo que deseja fazer fracassar as conversações e derrubar Rudin. Depois da aprovação, o Politburo fixou os parâmetros exatos do que o Professor Sokolov pode ou não aceitar, o que Rudin deve ou não aceitar, o que Rudin deve ou não conceder. Se formos além desses parâmetros, Rudin poderia ser derrubado. E se isso acontecesse, teríamos pela frente problemas terríveis.

— E o que são estes documentos? — indagou Campbell, segurando o maço de papéis.

— Vieram de Londres ontem à noite — disse Lawrence. — Aí está a transcrição literal da reunião do Politburo.

Campbell ficou totalmente aturdido e balbuciou:

— Santo Deus! Podemos ditar nossos termos?

— Não é bem assim. Podemos exigir o máximo que a facção moderada do Politburo tem condições de conceder. Se insistirmos em mais, as consequências poderão ser desastrosas.

A visita da Primeira-Ministra britânica e de seu Secretário do Exterior a Washington, dois dias depois, foi descrita pela imprensa como sendo informal. Ostensivamente, a primeira mulher a se tornar Primeira-Ministra da Inglaterra deveria discursar numa reunião de representantes de todos os países de língua inglesa e aproveitar a oportunidade para fazer uma visita de cortesia ao Presidente dos Estados Unidos.

Mas o verdadeiro objetivo da visita foi uma reunião realizada no Gabinete Oval, em que o Presidente Bill Matthews, ladeado por seu assessor para questões de segurança, Stanislaw Poklewski, e pelo Secretário de Estado, David Lawrence, fez um relato completo para os visitantes britânicos do esperançoso início da conferência de Castletown. A agenda, disse o Presidente Matthews, havia sido acertada com uma rapidez excepcional. Pelo menos três áreas principais para discussão futura haviam sido definidas entre as duas delegações, com um mínimo das habituais objeções soviéticas a cada ponto e vírgula.

O Presidente Matthews manifestou a esperança de que, depois de três anos de frustrações, pudesse sair de Castletown um acordo amplo de limitação de níveis de armamentos e presença de tropas ao longo da Cortina de Ferro, do Mar Báltico ao Mar Egeu. Em seguida, acrescentou:

— Consideramos que é vital, Madame, que as informações internas que temos recebido, sem as quais a conferência poderia fracassar, continuem a chegar.

— Está se referindo a *Nightingale* — disse a Primeira-Ministra, firmemente.

— Isso mesmo, Madame. Consideramos indispensável que *Nightingale* continue a operar.

— Compreendo perfeitamente sua posição, Sr. Presidente — respondeu ela, calmamente. — Mas creio que os níveis de risco de tal operação são bastante elevados. Não determino a Sir Nigel Irvine o que deve ou não fazer na direção de seu serviço. Tenho um profundo respeito pelo julgamento dele para fazer isso. Mas farei tudo o que for possível.

Foi só depois da cerimônia tradicional diante da fachada principal da Casa Branca, com o Presidente Matthews acompanhando os visitantes

britânicos a suas limusines e sorrindo para as câmaras, que Stanislaw Poklewski pôde dar vazão a seus sentimentos.

— Não há risco algum para qualquer agente russo no mundo que se compare com o sucesso ou fracasso das conversações de Castletown.

— Concordo plenamente — disse Bill Matthews. — Mas Bob Benson afirma que o risco está na denúncia de *Nightingale* a esta altura dos acontecimentos. Se isso ocorresse e ele fosse capturado, o Politburo saberia o que nos transmitiu. E os russos iriam imediatamente fechar-se em Castletown. Assim, *Nightingale* deve ser silenciado ou tirado do país, mas só depois de um tratado ter sido elaborado e assinado. O que ainda pode demorar seis meses.

Nesse mesmo dia, enquanto o Sol ainda brilhava sobre Washington, mas já se estava pondo sobre o porto de Odessa, o Sanadria lançou âncora à entrada do porto. Depois que cessou o clangor do cabo da âncora, o silêncio caiu sobre o velho cargueiro, quebrado apenas pelo zumbido baixo dos geradores na casa de máquinas e no silvo do vapor escapando. Andrew Drake debruçou-se na amurada do castelo de proa, observando as luzes do porto e da cidade se acenderem.

A oeste do navio, na extremidade norte do porto, ficavam as instalações para descarga de petróleo e a refinaria, por detrás de uma cerca de ferro. Ao sul, o porto era limitado por um extenso molhe protetor. Cerca de 15 quilômetros além do molhe o Rio Dniester se despejava no mar, correndo através da região pantanosa na qual cinco meses antes, Miroslav Kaminsky roubara um esquife e fizera seu esforço desesperado para conquistar a liberdade. Agora, graças a ele, Andrew Drake, aliás Andriy Drach, podia voltar à terra de seus ancestrais. E desta vez vinha armado.

Naquela noite, o Comandante Thanos foi informado de que seu navio entraria no porto e seria atracado na manhã seguinte. Autoridades sanitárias do porto e inspetores alfandegários visitaram o Sanadria, mas passaram uma hora trancados na cabine do Comandante Thanos, provando o uísque escocês de primeira categoria que era guardado para essas ocasiões especiais. Observando a lancha se afastar do navio, Drake perguntou-se se Thanos não o teria traído. Teria sido bastante fácil. Drake seria preso ao desembarcar, e Thanos partiria com os 5.000 dólares dele.

Tudo dependia, pensou Drake, de Thanos ter ou não aceitado sua história de que estava levando dinheiro para a noiva poder deixar a União Soviética. Se tivesse aceitado, não haveria motivo para traí-lo, pois o crime a ser cometido era bastante rotineiro. Afinal, os próprios

marinheiros de Thanos levavam artigos de contrabando para Odessa em cada viagem, e notas de dólar não passavam, no fundo, de outra forma de contrabando. E se o rifle e as pistolas tivessem sido descobertos, o mais simples teria sido jogar tudo no mar e se livrar de Drake assim que o navio voltasse para o Pireu. Mesmo assim, Drake não conseguiu comer nem dormir naquela noite.

O piloto subiu a bordo pouco depois do amanhecer. O Sanadria içou âncora, foi preso a um rebocador e avançou lentamente entre os quebra-mares, a caminho do atracadouro. Drake fora informado de que muitas vezes havia longas esperas para um navio atracar naquele que era o mais movimentado de todos os portos meridionais da União Soviética. A presteza agora significava que eles estavam precisando desesperadamente dos Vacuvators. Drake não sabia o quão desesperada era tal necessidade. Assim que os guindastes do porto começaram a descarregar o navio, os tripulantes receberam permissão para desembarcar.

Durante a viagem, Drake fizera amizade com o carpinteiro do Sanadria, um marinheiro grego de meia-idade que estivera em Liverpool e estava sempre ansioso em mostrar as 20 palavras de inglês que aprendera. Repetira-as invariavelmente, durante a viagem, sempre que se encontrava com Drake, experimentando a maior satisfação nisso. Drake sempre assentia, em encorajamento e aprovação. Explicara a Constantine, em inglês e por sinais, que tinha uma namorada em Odessa e estava lhe levando presentes. Constantine aprovara. Juntamente com uma dúzia de outros tripulantes, eles desceram pela prancha de desembarque e encaminharam-se para os portões do cais. Drake estava usando um dos seus melhores casacos de camurça, embora o dia estivesse relativamente quente. Constantine levava uma mochila com duas garrafas de uísque escocês.

Toda a área do porto de Odessa é isolada do resto da cidade e de seus habitantes por uma cerca alta, com arame farpado em cima e holofotes para iluminá-la à noite. Os portões principais do cais normalmente ficam abertos durante o dia, a entrada sendo bloqueada apenas por uma baliza levadiça, pintada em listras vermelhas e brancas. É por ali que passam os caminhões e outros veículos, sob a vigilância de um inspetor alfandegário e dois milicianos armados.

Ao lado desses portões, há um galpão estreito e comprido, com uma porta na área do porto e outra fora. Os homens do Sanadria entraram pela primeira porta, com Constantine no comando. Lá dentro, havia um balcão comprido, no qual estava um inspetor alfandegário, com uma mesa

de passaportes mais adiante, guarnecida por um agente de imigração e um miliciano. Todos os três pareciam desmazelados e excepcionalmente indiferentes. Constantine aproximou-se do inspetor alfandegário e pôs a mochila em cima do balcão. O inspetor abriu-a e tirou uma garrafa de uísque. Constantine gesticulou que era um presente. O inspetor sacudiu a cabeça amistosamente e colocou a garrafa debaixo do balcão.

Constantine passou o braço musculoso pelos ombros de Drake e apontou-o, dizendo com um sorriso radiante:

— Droog.

O inspetor alfandegário acenou com a cabeça para indicar que havia compreendido que o novato era amigo do carpinteiro grego e deveria ser reconhecido como tal. Drake também sorriu. Deu um passo para trás, contemplando o inspetor como um negociante olha para um freguês. Depois tomou a avançar, tirando o casaco e estendendo-o, indicando que ele e o inspetor alfandegário eram praticamente do mesmo tamanho. O homem não se deu ao trabalho de experimentar; era um casaco de primeira, valia pelo menos um mês de salário. Sorriu em agradecimento, guardou o casaco debaixo do balcão e fez sinal para que todo o grupo seguisse adiante.

O agente de imigração e o miliciano não demonstraram qualquer surpresa. A segunda garrafa de uísque era para eles. Os tripulantes do *Sanadria* entregaram seus documentos — no caso de Drake era o passaporte — ao agente de imigração, recebendo em troca um passe de permanência em terra, tirados da sacola de couro que estava pendurada no ombro do russo. Poucos minutos depois, os homens do Sanadría saíram do galpão para o Sol forte lá fora

O encontro de Drake era num pequeno café na área do porto, de ruas antigas, calçadas com pedras, não muito longe do monumento a Pushkin, na área em que as ruas sobem das docas para a parte principal da cidade. Ele encontrou o café depois de 30 minutos a vaguear pelas ruas, tendo-se separado do grupo do Sanadría sob a alegação de que iria ver sua namorada imaginária. Constantine não fez qualquer objeção. Tinha de fazer contato com seus amigos do mercado negro, a fim de entregar a mochila cheia de jeans.

Foi Lev Mishkin quem apareceu no café, pouco depois do meio-dia. Ele estava bastante cauteloso e sentou-se sozinho, sem deixar transparecer qualquer sinal de reconhecimento. Depois de tomar seu café, levantou-se e saiu. Drake foi atrás. Somente quando chegaram ao Bulevar

Primorsky, bastante largo, à beira do mar, é que ele deixou que Drake o alcançasse. E foram falando enquanto andavam.

Drake combinou que faria a primeira viagem com as armas no início daquela noite, levando as pistolas na cintura e o intensificador de imagem numa sacola de lona, com duas garrafas de uísque por cima. Muitos tripulantes de navios ocidentais costumavam desembarcar àquela hora, para uma noitada nos bares da área do porto. Ele estaria usando um casaco de pele de carneiro para esconder as armas na cintura e o ar frio da noite justificaria que o mantivesse todo abotoado. Mishkin e seu amigo Lazareff iriam esperar Drake perto do monumento a Pushkin, num local escuro, a fim de receberem o carregamento.

Pouco depois das oito horas, Drake deixou o navio com o primeiro carregamento. Cumprimentou jovialmente o inspetor alfandegário, que lhe fez sinal para que passasse e gritou alguma coisa para seu colega na mesa de passaporte. O agente de imigração entregou-lhe um passe, em troca do seu passaporte, sacudindo a cabeça na direção da porta aberta para a cidade de Odessa. Drake havia passado sem qualquer problema. Estava quase ao pé do monumento a Pushkin, vendo a cabeça do escritor erguida contra as estrelas lá em cima, quando dois vultos emergiram da escuridão e se juntaram a ele, entre os plátanos que povoam todos os espaços abertos de Odessa.

— Algum problema? — perguntou Lazareff.

— Nenhum — respondeu Drake.

— Vamos acabar logo com isso — disse Mishkin.

Os dois estavam carregando as pastas que todos os homens parecem usar na União Soviética. Só que essas pastas não servem para carregar documentos, sendo a versão masculina das sacolas de corda que as mulheres sempre levam e que são conhecidas como “sacolas do talvez”. O nome deriva da esperança de cada soviético de encontrar à venda um artigo de consumo que valha a pena comprar, conseguindo adquiri-lo antes de ser vendido ou se formar uma fila. Mishkin pegou o intensificador de imagem e meteu-o em sua pasta, que era maior. Lazareff pegou as duas pistolas, os pentes de munição sobressalentes e a caixa de balas do rifle, guardando tudo em sua pasta.

— Vamos partir amanhã, ao final da tarde — informou Drake. — Terei de trazer o rifle pela manhã.

— Mas que diabo! — exclamou Mishkin. — Não vai ser nada fácil durante o dia. David, você conhece melhor a área do porto. Qual é o melhor lugar?

Lazareff pensou por um momento, antes de responder:

— Há uma viela apropriada, entre duas oficinas de manutenção de guindastes.

Ele descreveu as oficinas, que não ficavam muito longe das docas.

— É uma viela curta e estreita. Um lado dá para o mar e o outro para um muro. Entre na viela pelo lado do mar às onze horas em ponto. Entrarei pelo outro lado. Se houver mais alguém na viela, continue andando, dê a volta ao quarteirão e tente novamente. Se a viela estiver vazia, faremos a entrega.

— Como estará levando a carga? — perguntou Mishkin.

— Envolta em casacos de pele de carneiro, dentro de uma mochila, com cerca de um metro de comprimento.

— Vamo-nos separar — disse Lazareff, bruscamente. — Alguém está se aproximando.

Ao voltar para o Sanadría, Drake descobriu que houvera uma mudança de turno e era outro o inspetor alfandegário que estava de serviço. Foi revistado, mas estava limpo. Na manhã seguinte pediu ao Comandante Thanos que lhe desse uma licença extra, pois desejava passar o máximo de tempo possível com sua noiva. Thanos liberou-o das obrigações a bordo e deixou-o desembarcar. No galpão, houve um momento terrível, quando o inspetor alfandegário pediu a Drake que mostrasse o que tinha nos bolsos. Pondo a mochila no chão, ele obedeceu, exibindo quatro notas de 10 dólares. O homem parecia estar com um péssimo humor naquele dia. Sacudiu um dedo em censura a Drake e confiscou os dólares. Mas ignorou a mochila. Ao que parecia, casacos de pele de carneiro eram um contrabando respeitável, o que já não acontecia com dólares.

A viela estava vazia, exceto por Mishkin e Lazareff, avançando por um lado, e Drake, vindo pelo outro. Mishkin estava olhando além de Drake, na direção da entrada da viela que dava para o mar. Ao ficarem na mesma linha, ele disse:

— Agora!

Rapidamente, Drake passou a mochila para o ombro de Lazareff. E seguiu adiante, dizendo baixinho:

— Boa sorte. Encontro-os em Israel.

Sir Nigel Irvine era sócio de três clubes na zona oeste de Londres, mas escolheu o *Brook's* para seu jantar com Barry Ferndale e Adam Munro. Por tradição, os negócios sérios da noite esperaram até que

terminassem o jantar. Os três retiraram-se para uma sala de estar, onde foram servidos o café, vinho do Porto e charutos.

Sir Nigel pedira ao mordomo do clube que lhe reservasse seu canto predileto, perto das janelas que davam para a Rua St. James. Quando os três chegaram, quatro confortáveis poltronas de couro estavam devidamente à espera. Munro escolheu conhaque e água, Ferndale e Sir Nigel pediram uma garrafa do vinho do Porto do clube, ficando tudo na mesinha entre as poltronas. Houve silêncio enquanto os charutos eram acesos e o café tomado. Das paredes, os Diletantes, um grupo de homens do século XVIII, os contemplavam.

— Agora, meu caro Adam, qual é o problema? — indagou Sir Nigel, finalmente.

Munro olhou para uma mesa próxima, onde dois altos servidores civis conversavam. Para ouvidos atentos, eles estavam próximos o bastante para que os escutassem. Sir Nigel percebeu o olhar e disse calmamente:

— A menos que gritemos, ninguém nos vai ouvir. Cavalheiros não escutam as conversas de outros cavalheiros.

Munro pensou por um momento e comentou:

— Nós escutamos.

— Isso é diferente — disse Ferndale. — É o nosso trabalho.

— Está certo — murmurou Munro. — O problema é que estou querendo tirar *Nightingale* de lá.

Sir Nigel examinou a ponta do charuto.

— Entendo... Alguma razão em particular?

— Em parte é a tensão — explicou Munro. — A gravação original em julho teve de ser roubada e substituída por uma fita virgem. Isso pode ser descoberto e está afligindo a mente de *Nightingale*. Em segundo lugar, há a possibilidade de descoberta. Cada retirada das minutas do Politburo aumenta a possibilidade. Sabemos agora como Maxim Rudin está lutando por sua vida política e pela sucessão, quando ele se for. Se *Nightingale* for descuidado ou tiver um pouco de azar, pode ser apanhado.

— Adam, esse é um dos riscos da defecção — disse Ferndale. — É inerente ao trabalho. Penkovsky foi apanhado.

— É justamente esse o ponto. Penkovsky já tinha fornecido tudo o que podia. A crise dos mísseis cubanos estava terminada. Os russos nada mais podiam fazer para reparar os danos que Penkovsky havia causado.

— Eu pensaria que essa é uma boa razão para manter *Nightingale* no lugar — comentou Sir Nigel. — Ele ainda pode fazer muitas coisas

para nós.

— O contrário também pode acontecer — disse Munro. — Se *Nightingale* sair, o Kremlin jamais poderá saber com certeza o que foi transmitido. Se ele for apanhado, será obrigado a falar. O que pode falar agora será suficiente para derrubar Rudin. E acho que este é o momento em que é melhor para o Ocidente que Rudin permaneça no poder.

— Tem razão — concordou Sir Nigel. — Aceito seu argumento. Mas é uma questão de equilíbrio de chances. Se tirarmos *Nightingale*, o KGB irá investigar por muitos meses antes. A fita desaparecida presumivelmente será descoberta e a suposição será de que mais informações foram passadas antes de ele partir. Se ele for apanhado, a situação será ainda pior. Certamente vão arrancar-lhe um registro completo de tudo o que foi transmitido. Rudin pode perfeitamente cair em consequência. Mesmo que Vishnayev do mesmo modo caísse em desgraça, o que também é possível, as conversações de *Castletown* iriam fracassar. A terceira opção é mantermos *Nightingale* no lugar até que a conferência de Castletown tenha terminado e o acordo de limitação de armamentos seja assinado. A esta altura, a facção a favor da guerra no *Politburo* já não poderia fazer mais nada. É realmente uma decisão difícil.

— Eu gostaria de tirá-lo de lá — insistiu Munro. — Se isso não for possível, vamos deixá-lo quieto, interrompendo suas transmissões.

Sir Nigel refletiu sobre os argumentos alternativos.

— Passei a tarde com a Primeira-Ministra — disse ele, finalmente. — Ela me fez um pedido, um pedido bem forte, em seu nome e do Presidente dos Estados Unidos. Não posso neste momento rejeitar esse pedido, a menos que fique comprovado que *Nightingale* está prestes a ser descoberto. Os americanos consideram vital para o sucesso de seus esforços em obter um tratado amplo em *Castletown* que *Nightingale* continue a manter-nos informados da posição soviética em relação às negociações. Pelo menos até o Ano Novo.

“Assim, vou explicar o que farei. Barry, prepare um plano para trazer *Nightingale*. Algo que possa ser ativado a curto prazo. Adam, se o pavio começar a arder atrás de *Nightingale*, nós o traremos para cá. O mais depressa possível. No momento, porém, as conversações de *Castletown* e a frustração da facção de Vishnayev devem ter prioridade. Mais três ou quatro transmissões e as conversações de *Castletown* estarão em seus estágios finais. Os soviéticos não podem retardar o acordo do trigo além de fevereiro ou março, no máximo. Depois disso, Adam, *Nightingale* pode

vir para o Ocidente. E tenho certeza de que os americanos demonstrarão sua gratidão à maneira habitual.

O jantar na suíte particular de Maxim Rudin, no santuário interior do Kremlin, foi muito mais privado do que a conversa no clube *Brook's*, em Londres. Nenhuma confiança na integridade de cavalheiros em relação às conversas de outros cavalheiros jamais se imiscuiu na cautela intensa dos homens do Kremlin. Não havia mais ninguém perto o bastante para poder ouvir, a não ser o silencioso Misha, quando Rudin ocupou sua cadeira predileta no gabinete e fez sinal para que Ivanenko e Petrov se sentassem.

— O que achou da reunião de hoje? — perguntou Rudin a Petrov, sem qualquer preâmbulo.

O controlador das Organizações do Partido deu de ombros.

— Nós nos saímos bem. O relatório de Rykov foi magistral. Mas ainda teremos de fazer vastas concessões, se quisermos conseguir o trigo. E Vishnayev ainda está querendo sua guerra.

Rudin grunhiu, dizendo bruscamente:

— Vishnayev está querendo é o meu cargo. É a sua grande ambição. Kerensky é que está querendo a guerra. Quer usar suas Forças Armadas antes de ficar velho demais.

— O que, no final das contas, é a mesma coisa — disse Ivanenko. — Se Vishnayev conseguir derrubá-lo, ficará tão devedor de Kerensky que não poderá nem vai querer particularmente se opor à receita militar para a solução de todos os problemas da União Soviética. Ele vai deixar que Kerensky desfeche sua guerra na primavera ou início do verão. Os dois irão devastar tudo que levou duas gerações para se conquistar.

— Quais são as notícias que recebeu ontem? — perguntou Rudin.

Ele sabia que Ivanenko convocara dois dos seus principais homens do Terceiro Mundo para consultas pessoais. O primeiro era o controlador de todas as operações subversivas na África e o outro, o seu equivalente no Oriente Médio.

— As perspectivas são otimistas. Os capitalistas impuseram por tanto tempo suas políticas desastrosas à África que agora a posição deles é praticamente irrecuperável. Os liberais ainda predominam em Washington e Londres, pelo menos nas questões internacionais. Mas estão tão totalmente absorvidos com a África do Sul que parecem ignorar inteiramente a Nigéria e o Quênia. Ambos estão agora prestes a cair para o nosso lado. Já os franceses no Senegal estão sendo mais difíceis. No

Oriente Médio, creio que podemos prever que a Arábia Saudita irá cair em três anos. Eles estão quase que cercados.

— Previsão de tempo? — disse Rudin.

— Dentro de alguns anos, por volta de 1990, estaremos efetivamente controlando o petróleo e as rotas marítimas. A campanha de euforia em Washington e Londres está sendo aumentada e apresentando resultados positivos.

Rudin soprou a fumaça e apagou o cigarro num cinzeiro estendido por Misha.

— Não vou ver isso acontecer — disse ele. — Mas vocês dois verão. Dentro de uma década, o Ocidente irá morrer de desnutrição, sem que precisemos disparar um único tiro. É por isso mesmo que Vishnayev deve ser detido a qualquer custo, enquanto ainda há tempo.

Quatro quilômetros a sudoeste do Kremlin, numa curva do Rio Moscou e não muito longe do Estádio Lenine, fica o antigo mosteiro de Novodevichi. A entrada principal se situa bem de frente à maior das lojas Beriozka, onde os ricos e privilegiados — ou os estrangeiros — podem comprar produtos de luxo que estão além do alcance do homem comum.

O terreno do mosteiro contém três lagos e um cemitério. O acesso ao cemitério é permitido aos pedestres. O porteiro raramente se dá ao trabalho de deter os que estão levando flores.

Adam Munro deixou o carro no estacionamento da Beriozka entre os outros cujas placas revelavam ser dos privilegiados.

— Onde se esconde uma árvore? — como seu instrutor costumava perguntar. — Numa floresta. E onde se esconde um seixo? Numa praia de cascalho. Deve-se sempre manter a coisa o mais natural possível.

Munro atravessou a rua e seguiu para o cemitério, levando um ramo de cravos. Encontrou Valentina à espera, ao lado de um dos lagos menores. O final de outubro trouxera os primeiros ventos frios das estepes ao leste e nuvens cinzentas desfilavam rapidamente pelo céu. A superfície do lago estava ondulante, agitada pelo vento.

— Falei com os homens em Londres — disse ele, gentilmente. — Acham que é arriscado demais neste momento. A resposta deles é de que sua saída agora iria revelar a gravação desaparecida e, em decorrência, o fato de as transcrições terem sido passadas. Estão convencidos de que, se isso acontecesse, o Politburo iria retirar-se das conversações na Irlanda e reverteria ao plano de Vishnayev.

Valentina estremeceu ligeiramente. Munro não podia saber se era de frio à beira do lago ou de medo do que lhe poderia acontecer. Passou o braço pelos ombros dela, aconchegando-a a si.

— Talvez estejam certos — disse ela. — Pelo menos o Politburo está agora negociando por alimentos e paz, e não preparando a guerra.

— Rudin e seu grupo parecem estar sendo sinceros nisso — sugeriu Munro.

Valentina soltou uma exclamação desdenhosa.

— Eles são tão ruins quanto os outros. Sem a pressão, não estariam agora negociando.

— Seja como for, a pressão existe. Os cereais virão. Eles conhecem agora as alternativas. Acho que o mundo finalmente terá o seu tratado de paz.

— Se isso acontecer, tudo o que fiz terá valido a pena — declarou Valentina. — Não quero que Sacha cresça entre os escombros, como aconteceu comigo. Nem que viva com uma arma na mão. É isso o que os homens do Kremlin estão querendo.

— Isso não vai acontecer com ele. Pode estar certa, minha querida, que ele crescerá em liberdade, no Ocidente, tendo você como mãe e eu como padrasto. Meus superiores concordaram em tirá-la daqui na primavera.

Valentina fitou-o com a esperança brilhando nos olhos.

— Na primavera? Oh, Adam, em que momento da primavera?

— As conversações na Irlanda não podem prolongar-se indefinidamente. O Kremlin precisa dos cereais até abril, o mais tardar. A esta altura, todos os suprimentos deste ano e mais as reservas já se terão esgotado. Depois que o tratado for assinado, talvez antes mesmo de ser assinado, você e Sasha serão levados para o Ocidente. Enquanto isso, quero que você reduza os riscos que está assumindo. Traga apenas o material mais vital, relativo às conversações de paz em Castletown.

— Pois eu trouxe algo mais — disse ela, cutucando a sacola no ombro. — É de dez dias atrás. A maior parte é tão técnica que não entendo. Refere-se às reduções aceitáveis de SS-20 móveis.

Munro assentiu, sombriamente.

— São foguetes táticos com ogivas nucleares, altamente acurados e altamente móveis, transportados em veículos e estacionados em bosques e sob a cobertura de redes por toda a Europa Oriental.

Menos de 24 horas depois, a transcrição estava a caminho de Londres.

Três dias antes do final do mês, uma velha senhora estava caminhando pela Rua Sverdlov, no centro de Kiev, em direção do edifício em que morava. Embora tivesse direito a um carro com motorista, nascera e fora criada no campo, de família camponesa. Mesmo com 70 e tantos anos, preferia andar a ir de carro, quando tinha de percorrer pequenas distâncias. Naquela noite, tinha ido visitar uma amiga que morava a dois quarteirões de distância e por isso dispensara o carro. Passava um pouco das 10 horas quando atravessou a rua, diante do seu prédio.

Não viu o carro, que se aproximava velozmente. Num instante estava no meio da rua, sem ninguém por perto, a não ser dois pedestres a 100 metros de distância, no instante seguinte o carro estava em cima dela, os faróis acesos, os pneus rangendo. Ela ficou paralisada. O motorista pareceu dar uma guinada para cima dela, antes de tentar desviar-se. O pára-lama bateu em seu quadril, jogando-a na sarjeta. O carro não parou, acelerando na direção do Bulevar Kreshchatik, ao final da Sverdlov. Ela ouviu vagamente o barulho de pés correndo em sua direção, de transeuntes se aproximando para socorrê-la.

Naquela noite, Edwin J. Campbell, o principal negociador dos Estados Unidos nas conversações de Castletown, voltou cansado e frustrado para a residência do Embaixador americano, em Phoenix Park. Era uma mansão elegante que a América proporcionava a seu representante em Dublin, plenamente modernizada, com suítes para hóspedes, a melhor das quais estava ocupada por Edwin Camp. bell. Ele ansiava por um banho quente demorado e uma boa noite de repouso.

Assim que tirou o casaco e respondeu à saudação do anfitrião, um dos mensageiros da embaixada entregou-lhe um grosso envelope pardo. Como resultado, seu sono foi consideravelmente reduzido naquela noite. Mas valeu a pena.

No dia seguinte, ele ocupou calmamente seu lugar na mesa de conferência em Castletown, olhando impassivelmente para o Professor Ivan I. Sokolov, no outro lado da mesa.

“Muito bem, Professor”, pensou ele, “sei o que pode aceitar e o que não pode. Portanto, vamos logo começar.”

Foram necessárias 48 horas para que o delegado soviético concordasse em reduzir pela metade a presença de foguetes nucleares táticos móveis na Europa Oriental. Seis horas depois, no salão de jantar, foi acertado um protocolo pelo qual os Estados Unidos venderiam à União

Soviética 200.000.000 de dólares em tecnologia de perfuração e extração de petróleo, a preços abaixo do mercado.

A velha senhora estava inconsciente quando a ambulância levou-a para o hospital-geral de Kiev, o Hospital de Outubro, na Rua Karl Liebknecht, 39. Permaneceu sem sentidos até a manhã seguinte. Quando finalmente pôde revelar quem era, autoridades em pânico rapidamente levaram-na da enfermaria para um quarto particular, que imediatamente se encheu de flores. Naquele mesmo dia, o melhor cirurgião-ortopedista de Kiev operou-a, para consertar o fêmur fraturado.

Em Moscou, Ivanenko recebeu um telefonema de seu assessor pessoal, escutando atentamente.

— Informe às autoridades que partirei imediatamente — disse ele, sem a menor hesitação. — Como? Neste caso, irei assim que passar o efeito da anestesia. Amanhã à noite? Está certo. Darei um jeito de estar presente.

Fazia um frio intenso no início das últimas noites de outubro. Não havia ninguém na Rua Rosa de Luxemburgo, para a qual dão os fundos do Hospital de Outubro. As duas limusines pretas estavam paradas junto ao meio-fio, sem que ninguém as observasse. O Chefe do KGB preferira usar a entrada dos fundos, ao invés do grande pórtico na frente.

Toda a área fica num terreno ligeiramente inclinado, entre árvores. Um pouco mais abaixo, na mesma rua, um anexo do hospital estava sendo construído, os andares superiores inacabados erguendo-se acima das copas das árvores. Os observadores que estavam entre os sacos de cimento esfregaram as mãos para manter a circulação, olhando para os dois carros estacionados diante da entrada dos fundos do hospital, a cena iluminada por uma única lâmpada por cima da porta.

Ao descer os degraus, o homem com sete segundos para viver estava usando um sobretudo comprido, de gola de pele, com luvas grossas, para se proteger do frio pela curta caminhada através da calçada até o calor do carro à espera. Passara duas horas com a mãe, confortando-a e assegurando-lhe que os culpados seriam encontrados, assim como fora encontrado o carro abandonado.

Ele foi precedido por um assessor, que correu na frente e apagou a luz na entrada dos fundos do hospital. A porta e a calçada ficaram mergulhadas na escuridão. Somente então é que Ivanenko encaminhou-se para a porta, que um dos seus seis guarda-costas segurava, atravessando-a.

Outros quatro guarda-costas postados na calçada se dividiram para dar passagem a Ivanenko, meramente uma sombra entre sombras.

Ele avançou rapidamente para o Zil, com o motor ligado, no outro lado da calçada. Parou por um segundo, quando a porta de trás foi aberta... e morreu, a bala do rifle de caça penetrando através da testa, estilhaçando o osso parietal e saindo por trás do crânio, para ir alojar-se no ombro do assessor.

O estampido do rifle, o barulho do impacto da bala e o primeiro grito do Coronel Yevgeni Kukushkin, o chefe dos guarda-costas, sucederam-se em menos de um segundo. Antes que o homem baleado caísse na calçada, o coronel à paisana já o segurara por baixo das axilas, arrastando-o fisicamente para o refúgio do banco traseiro do Zil. E antes mesmo de a porta ser fechada, o coronel já estava gritando para o aturdido motorista:

— Vamos sair daqui! Vamos sair daqui! O Coronel Kukushkin ajeitou a cabeça ensanguentada em seu colo, enquanto o Zil se afastava do meio-fio com um ranger de pneus. Ele pensou rapidamente. Não era apenas uma questão de ir para um hospital, mas sim de qual hospital serviria para um homem como aquele. Enquanto o Zil deixava a Rua Rosa de Luxemburgo, o coronel acendeu a luz do interior. O que viu — e já tinha visto muita coisa em sua carreira — era suficiente para esclarecer que seu chefe não estava mais precisando de hospitais. A segunda reação estava programada em sua mente e trabalho: ninguém deveria saber. O inconcebível acontecera e ninguém deveria saber, exceto aqueles que tinham o direito de tomar conhecimento. Ele garantira suas promoções e seu trabalho pela presença de espírito e raciocínios rápidos. Observando a segunda limusine, a que trazia os guarda-costas, sair também da Rua Rosa de Luxemburgo, ordenou ao motorista que procurasse uma rua sossegada e escura, a não mais de três quilômetros de distância, e ali estacionasse.

Deixando o Zil com as cortinas abaixadas e fechado, junto ao meio-fio, os guarda-costas espalhados ao redor, o coronel tirou o casaco ensopado de sangue e afastou-se, a pé. Finalmente deu seu telefonema de um quartel das milícias, onde seus documentos de identidade e seu posto asseguraram um acesso instantâneo ao gabinete particular e ao telefone do comandante. E também lhe garantiram uma linha direta. A ligação foi completada em 15 minutos.

— Preciso falar com o Camarada Secretário-Geral Rudin com urgência — disse ele à telefonista do Kremlin.

A mulher sabia, pela linha que estava sendo utilizada na ligação, que não se tratava de uma brincadeira nem de alguma impertinência. Transferiu a ligação para um assessor no Prédio do Arsenal, que a reteve por um momento enquanto falava com Maxim Rudin pelo telefone interno. Rudin autorizou a ligação.

— Pois não — grunhiu ele ao telefone. — Rudin falando.

O Coronel Kukushkin nunca antes falara com Rudin, embora já o tivesse ouvido e visto de perto muitas vezes. Sabia assim que era Rudin. Engoliu em seco, respirou fundo e falou.

No outro lado, Rudin escutou atentamente, fez duas perguntas rápidas, deu uma série de ordens e depois desligou. Virou-se para Vassili Petrov, que estava reunido com ele, inclinado para a frente, alerta e preocupado.

— Ele está morto — disse Rudin, num tom de incredulidade. — E não foi um ataque cardíaco. Yuri Ivanenko. Levou um tiro. Alguém assassinou o chefe do KGB.

Além das janelas, o relógio na torre por cima do Portão do Salvador assinalou meia-noite, enquanto um mundo adormecido começava a avançar lentamente para a guerra.

8

O KGB sempre foi ostensivamente subordinado ao Conselho de Ministros soviéticos. Na prática, porém, quem o comanda é o *Politburo*.

O trabalho cotidiano do KGB, a designação de cada dirigente, cada promoção e a doutrinação rigorosa dos agentes, tudo é supervisionado pelo *Politburo*, através da Seção de Organizações do Partido do Comitê Central. Em todos os estágios de sua carreira, cada homem do KGB é vigiado, e sobre ele são feitos informes; até mesmo os cães de guarda da União Soviética jamais estão livres de vigilância. Assim, é improvável que essa máquina de controle vasta e poderosa possa algum dia escapar ao controle.

Na esteira do assassinato de Yuri Ivanenko foi Vassili Petrov quem assumiu o comando da operação de cobertura, ordenada direta e pessoalmente por Maxim Rudin.

Pelo telefone, Rudin ordenara ao Coronel Kukushkin que os dois carros voltassem diretamente para Moscou pela estrada, não parando para comer, beber ou dormir, andando pela noite afora, reabastecendo o Zil em que estava o cadáver de Ivanenko com bujões de gasolina levados ao carro pelos guarda-costas, sempre longe das vistas de quem pudesse passar.

Chegando aos arredores de Moscou, os dois carros foram diretos para a clínica particular do *Politburo*, em Kuntsevo, onde o cadáver com a cabeça destroçada foi enterrado discretamente no bosque de pinheiros no perímetro da clínica, numa sepultura sem qualquer indicação. Só os guarda-costas de Ivanenko é que assistiram ao enterro. Depois, todos foram postos sob prisão domiciliar, numa das *villas* do Kremlin, no bosque. Os homens encarregados de vigiar os agentes não eram também do KGB, mas sim da guarda palaciana do Kremlin.

Somente o Coronel Kukushkin não ficou incomunicável. Foi convocado ao gabinete particular de Petrov, no prédio do Comitê Central.

O coronel era um homem assustado ao chegar. Deixando o gabinete de Petrov, não estava muito menos assustado. Petrov deu-lhe uma

oportunidade de salvar sua carreira e sua vida; ele foi posto no comando da operação de cobertura.

Na clínica de Kuntsevo, ele organizou o isolamento de toda uma ala e trouxe novos homens do KGB, da Praça Dzerzhinsky para montar guarda. Dois médicos do KGB foram transferidos para Kuntsevo para cuidar do paciente na ala isolada, um paciente que era na verdade uma cama vazia. Ninguém mais podia entrar na ala, a não ser os dois médicos, os quais, sabendo apenas o suficiente para ficarem terrivelmente assustados, levaram todos os equipamentos e medicamentos necessários para o tratamento de um ataque cardíaco. Em 24 horas, exceto para a ala isolada na clínica secreta do lado da estrada de Moscou para Minsk, Yuri Ivanenko começou a deixar de existir.

A essa altura dos acontecimentos, apenas um outro homem tomou conhecimento do segredo. Entre os seis assessores diretos de Ivanenko, todos com gabinetes próximos do dele no terceiro andar do Centro do KGB, um deles era o seu substituto eventual no comando da organização. Petrov convocou a seu gabinete o General Konstantin Abrassov e informou-o do que realmente acontecera. A revelação deixou o general tão abalado como nenhuma outra coisa o conseguira, em seus 30 anos de carreira na polícia secreta. Inevitavelmente, concordou em prosseguir na encenação.

No Hospital de Outubro, em Kiev, a mãe do morto foi cercada por agentes locais do KGB, continuando a receber diariamente mensagens de conforto do filho.

Os três operários do anexo do Hospital de Outubro que haviam descoberto um rifle de caça e um visor noturno, ao chegarem para o trabalho na manhã seguinte ao atentado, foram transferidos com suas famílias para um dos campos de Mordóvia. Dois detetives criminais seguiram de avião de Moscou para investigar um suposto atentado sem maiores consequências. O Coronel Kukushkin acompanhou-os. A história contada foi de que o tiro havia sido disparado contra o carro em movimento de uma autoridade local do Partido; passara pelo pára-brisa e fora alojar-se no estofamento. A verdadeira bala, retirada do ombro do guarda do KGB e devidamente lavada, foi entregue aos detetives. Determinaram que investigassem o caso e identificassem os autores do atentado, no mais absoluto sigilo. Um tanto perplexos e bastante frustrados, eles se empenharam na descoberta. O trabalho no anexo foi paralisado, o prédio inacabado foi isolado, os dois detetives receberam

todo o equipamento que pediram. A única coisa que não conseguiram foi uma explicação verdadeira.

Quando a última peça do quebra-cabeças de embuste estava no lugar, Petrov comunicou-o pessoalmente a Rudin. Ao velho líder cabia a pior tarefa, a de informar ao Politburo o que realmente acontecera.

O relatório confidencial que o Dr. Myron Fletcher, do Departamento de Agricultura, apresentou ao Presidente William Matthews dois dias depois era tudo e mais alguma coisa que esperava o comitê especial, formado por determinação direta do Presidente americano. Não apenas o tempo favorável proporcionara uma colheita de cereais excepcional na América do Norte, como também todos os recordes de produção haviam sido quebrados. Mesmo depois de atendida a provável demanda do consumo interno, e mantendo-se os atuais níveis de ajuda aos países pobres do mundo, o excedente ainda alcançaria 60.000.000 de toneladas, para a colheita conjunta de Estados Unidos e Canadá.

— Conseguiu, Sr. Presidente — comentou Stanislaw Poklewski — Pode comprar o excedente a qualquer momento que desejar, pelos preços de julho. E levando em consideração os progressos das conversações de Castletown, o Comitê de Apropriações da Câmara certamente não vai criar dificuldades.

— Espero que não — disse o Presidente Matthews. — Se tivermos sucesso em *Castletown*, as reduções nos gastos de defesa mais do que compensarão as perdas comerciais nos cereais. E como foi a colheita soviética?

— Estamos trabalhando nisso — respondeu Bob Benson. — Os Condores continuam esquadrinhando toda a União Soviética e nossos analistas estão determinando as quantidades de cereais colhidos em cada região. Devo ter um relatório para apresentar dentro de uma semana. Podemos relacionar as cifras assim obtidas com as informações dos nossos agentes no campo, chegando a um resultado bastante acurado, com uma margem de erro, a mais ou a menos, de apenas cinco por cento.

— Apresse o relatório o mais possível — determinou o Presidente Matthews. — Preciso conhecer a posição exata dos soviéticos em cada área. Isso inclui a reação do *Politburo* a sua própria colheita de cereais. Preciso conhecer as forças e fraquezas deles. Por favor, Bob, providencie todas as informações.

Naquele inverno, ninguém na Ucrânia iria provavelmente esquecer as investidas do KGB e das milícias contra aqueles que eram suspeitos de ter sequer um ligeiro sentimento nacionalista.

Enquanto os dois detetives do Coronel Kukushkin interrogavam exaustivamente as pessoas que estavam na Rua Sverdlov na noite em que a mãe de Ivanenko fora atropelada, desmontavam meticulosamente o carro roubado que a atropelara e examinavam o rifle, o intensificador de imagem e os arredores do anexo do hospital em construção, o General Abrassov cuidava dos nacionalistas.

Centenas foram detidos em Kiev, Ternopol, Lvov, Kanev, Rovno, Znitomir e Vinnitsa. As seções locais do KGB, com a ajuda de equipes vindas de Moscou, encarregaram-se dos interrogatórios ostensivamente relacionados com atos esporádicos de rebeldia, como o assalto a um agente à paisana do KGB em agosto, em Ternopol. Alguns dos principais interrogadores foram informados de que as investigações estavam também relacionadas com um tiro disparado em Kiev ao final de outubro, mas não mais do que isso.

No miserável distrito operário de Levandivka, em Lvov, naquele mês de novembro, David Lazareff e Lev Mishkin saíram andando pelas ruas cobertas de neve, num dos seus raros encontros. Como os pais de ambos haviam sido levados para os campos de trabalhos forçados, eles sabiam que mais cedo ou mais tarde seriam também apanhados. A palavra "judeu" estava carimbada em seus documentos de identidade, assim como nos documentos de todos os 3.000.000 de judeus da União Soviética. Era inevitável que a atenção do KGB se acabasse desviando dos nacionalistas para os judeus. Nada jamais muda muito na União Soviética.

— Despachei ontem o cartão para Andriy Drach confirmando .o sucesso do primeiro objetivo — disse Mishkin. — Como estão as coisas com você?

— Até agora, tudo bem — respondeu Lazareff. — Talvez a situação afrouxe dentro em breve.

— Receio que desta vez isso não vai acontecer. Temos de fazer a nossa tentativa muito em breve, se desejarmos conseguir. Os portos estão excluídos. Tem de ser pelo ar. No mesmo lugar, na próxima semana. Verei o que posso descobrir a respeito do aeroporto.

Longe dali, ao norte, um Jumbo da SAS voava por sua rota polar de Estocolmo para Tóquio. Entre os passageiros na primeira classe estava o Comandante Thor Larsen, a caminho do seu novo comando.

O relatório de Maxim Rudin ao Politburo foi apresentado em sua voz meio rouca, sem qualquer inflexão de emoção. Mas nenhuma histrionice no mundo poderia manter uma audiência mais atenta nem provocar uma reação mais aturdida. Desde que um oficial do Exército descarregara uma pistola contra a limusine de Leonid Brezhnev, no momento em que ele passava pelo Portão Borovitsky, do Kremlin, uma década antes, o espectro de um homem solitário arnado, penetrando nas muralhas de segurança que cercavam os altos dirigentes soviéticos, assustava a todos. Agora, deixara de ser uma mera conjetura, uma simples possibilidade, para se tornar algo concreto, que acontecera e poderia acontecer novamente.

Desta vez, não havia secretárias na sala, não havia gravadores ligados na mesa do canto. Não estavam presentes nem assessores nem estenógrafos. Ao terminar de apresentar seu relatório, Rudin passou a palavra a Petrov, que descreveu as providências meticulosas para ocultar o atentado, as medidas secretas que estavam em andamento para identificar e eliminar os assassinos, depois que revelassem todos os seus cúmplices.

— Quer dizer que ainda não foram descobertos? — indagou Stepanov.

— Só se passaram cinco dias desde o atentado — disse Petrov, calmamente. — Eles ainda não foram capturados. Mas serão, não há a menor dúvida. Não podem escapar, quem quer que sejam. E quando forem apanhados, revelarão os nomes de todos aqueles que os ajudaram, direta ou indiretamente. O General Abrassov cuidará para que isso aconteça. E, depois, todas as pessoas que sabem o que aconteceu naquela noite na Rua Rosa de Luxemburgo serão eliminadas, onde quer que estejam escondidas. Não restará qualquer vestígio do atentado.

— E até lá? — indagou Komarov.

Foi Rudin quem respondeu:

— Até lá, devemos sustentar firmemente que o Camarada Yuri Ivanenko sofreu um violento ataque cardíaco e está sob tratamento intensivo. Devemos deixar uma coisa bem clara: a União Soviética não pode e não vai tolerar a humilhação pública mundial por deixar transparecer o que aconteceu na Rua Rosa de Luxemburgo. Não existe nenhum Lee Harvey Oswald na Rússia e jamais existirá.

Houve um murmúrio de assentimento. Ninguém estava preparado para discordar da avaliação de Rudin.

— Com todo respeito, Sr. Secretário-Geral — disse Petrov — embora não se deva subestimar a catástrofe de uma notícia dessas

transpirando no exterior, há outro aspecto igualmente sério. Se a notícia transpirasse, começariam rumores entre a nossa própria população. Não passaria muito tempo para que se tornassem algo mais do que rumores. Deixo à imaginação de cada um quais seriam os efeitos internamente.

Todos sabiam o quanto a manutenção da ordem pública estava vinculada à crença na invencibilidade do KGB.

— Se a notícia transpirasse — disse Chavadze, o georgiano lentamente — e muito mais, se os culpados escapassem, o efeito seria tão terrível quanto a escassez de cereais.

— Eles não podem escapar — disse Petrov, bruscamente. — Não devem escapar. Não vão escapar.

— Mas quem são eles? — indagou Kerensky.

— Ainda não sabemos, Camarada Marechal — respondeu Petrov. — Mas pode estar certo de que descobriremos.

— Mas não foi uma arma ocidental? — disse Shushkin. — O Ocidente não poderia estar por trás do atentado?

— Creio que é praticamente impossível — declarou Rykov, o Ministro do Exterior. — Nenhum governo do Ocidente ou do Terceiro Mundo seria louco o bastante para apoiar algo assim, da mesma forma que nada tivemos a ver com o assassinato de Kennedy. É possível que haja emigrados por trás disso. Ou anti-soviéticos fanáticos. Mas não governos.

— Os grupos de emigrados no exterior estão sendo também investigados — informou Petrov. — Mas discretamente. Penetramos na maioria desses grupos. Até agora, nada descobrimos. O rifle, munição e visor noturno são de fabricação ocidental. Podem ser comercialmente comprados no Ocidente. Não resta a menor dúvida de que foram contrabandeados para cá. O que significa que os autores do atentado os trouxeram para cá ou tiveram ajuda do exterior. O General Abrassov concorda que o objetivo primário é descobrir os autores do atentado, os quais revelarão depois quem foram seus fornecedores. O Departamento V assumirá a partir desse momento

Yefrem Vishnayev observava as discussões com grande interesse, mas praticamente não estava participando delas. Foi Kerensky quem manifestou a insatisfação do grupo dissidente. Nenhum dos dois pediu uma nova votação entre as conversações em Castletown e a guerra em 1983. Ambos sabiam que, no caso de empate, o voto de Rudin prevaleceria. Rudin estava um passo mais próximo de sua queda, mas ainda não estava liquidado.

Os membros do Politburo concordaram que deveria ser feito um comunicado, apenas para o alto comando do KGB e nos escalões superiores da máquina do Partido, de que Yuri Ivanenko sofrerá um ataque cardíaco e estava internado no hospital. Depois que os assassinos fossem identificados e eliminados, juntamente com seus cúmplices, Yuri Ivanenko morreria discretamente do ataque cardíaco.

Rudin já ia convocar os secretários e assessores para o reinicio da reunião de rotina do Politburo, quando Stepanov, que originalmente votara pelas negociações com os Estados Unidos, levantou a mão.

— Camaradas, considero que seria uma grande derrota para nosso país se os assassinos de Yuri Ivanenko escapassem e divulgassem seu ato ao mundo. Caso isso acontecesse, eu não poderia continuar a apoiar a política de negociações e concessões adicionais na questão dos nossos níveis de armamentos, em troca dos cereais americanos. Passaria então a apoiar a proposta do Teórico do Partido, Vishnayev.

Houve um silêncio opressivo, finalmente rompido por Shushkin:

— Eu também faria a mesma coisa.

"Oito contra quatro", pensou Rudin, correndo os olhos pela mesa, impassivelmente. "Oito contra quatro, se esses dois merdas mudarem de lado agora."

— Entendo a posição que assumiram, Camaradas — disse Rudin, sem deixar transparecer qualquer emoção. — Não haverá qualquer divulgação do que aconteceu. Absolutamente nenhuma.

Dez minutos depois, a reunião rotineira foi reiniciada, com um voto de pesar unânime pela doença do Camarada Ivanenko. Passaram a discutir as cifras que haviam acabado de receber sobre as colheitas de cereais.

A limusine Zil de Yefrem Vishnayev saiu pelo Portão Borovitsky, no lado sudoeste do Kremlin, atravessando a Praça Manege. O guarda de serviço na praça, devidamente avisado de que o comboio do *Politburo* estava deixando o Kremlin, paralisara todo o tráfego. Segundos depois, os carros pretos e compridos, de fabricação quase artesanal, estavam subindo pela Rua Frunze, passando pelo Ministério da Defesa e seguindo para as residências dos privilegiados, na Kutusovsky Prospekt.

O Marechal Kerensky estava sentado ao lado de Vishnayev, no carro deste, tendo aceitado o convite para seguirem juntos. A divisória entre o compartimento de trás e o assento do motorista estava fechada. Era completamente à prova de som. As cortinas corridas impediam o acesso da curiosidade dos transeuntes.

— Ele está quase caindo — grunhiu Kerensky.

— Não — disse Vishnayev. — Ele está um passo mais próximo e consideravelmente mais fraco sem Ivanenko, mas ainda não está quase caindo. Não subestime Maxim Rudin. Ele vai lutar como um urso acuado na taiga antes de cair. Mas inevitavelmente vai cair, porque deve cair.

— Não há muito tempo de sobra — comentou Kerensky.

— Menos do que você imagina. Houve distúrbios por causa da escassez de alimentos em Vilnius, na semana passada. Nosso amigo Vitautas, que votou a favor da nossa proposta em julho está ficando nervoso. Estava prestes a trocar de lado, apesar da *villa* atraente que lhe ofereci ao lado da minha, em Sochi. Mas agora está de volta ao nosso grupo. E é possível que Shushkin e Stepanov também se passem para nosso lado.

— Mas apenas se os assassinos escaparem ou a verdade for divulgada no exterior.

— Exatamente. E é isso o que deve acontecer.

Kerensky virou-se no assento, o rosto rosado ficando intensamente vermelho por baixo dos cabelos brancos.

— Revelar a verdade? Ao mundo inteiro? Mas não podemos fazer uma coisa dessas!

— Tem razão, não podemos. Há bem poucas pessoas que conhecem a verdade e meros rumores de nada adiantariam. Podem ser descartados com muita facilidade. Um ator parecido com Ivanenko pode ser encontrado, ensaiado e apresentado em público. Assim, outros devem encarregar-se de divulgar a verdade por nós. Os guardas que estavam presentes naquela noite estão sob a vigilância dos homens de elite do Kremlin. Assim, só restam os próprios assassinos.

— Mas nós não os temos — disse Kerensky. — E provavelmente não conseguiremos agarrá-los. O KGB chegará primeiro.

— Provavelmente, mas mesmo assim temos de tentar. Não podemos esquecer de uma coisa, Nikolai. Não estamos mais lutando apenas pelo controle da União Soviética. Estamos lutando por nossas vidas, assim como Rudin e Petrov. Primeiro o trigo, agora Ivanenko. Mais um escândalo, Nikolai, só mais um, quem quer que seja o responsável, e Rudin cairá. Tem de haver mais um escândalo. Precisamos dar um jeito para que haja.

Thor Larsen, metido num macacão e usando um capacete de segurança, estava de pé num guindaste para pessoas, muito acima do dique

seco no centro do estaleiro da Ishikawajima-Harima, contemplando o imenso navio em construção que um dia seria o *Freya*.

Mesmo três dias depois de tê-lo visto pela primeira vez, o tamanho do navio ainda o deixava impressionado. Nos seus tempos de aprendizado, os petroleiros nunca iam além de 30.000 toneladas.

Foi somente em 1956 que o primeiro navio do mundo com uma tonelagem superior saiu para o mar. Tiveram de criar uma nova classificação para esses navios e chamaram-nos de superpetroleiros Quando alguém passou além do limite de 50.000 toneladas, foi criada outra classe, a VLCC (*very large crude carrier*, transportador de petróleo muito grande). Quando a barreira das 200.000 toneladas foi ultrapassada, ao final da década de 1960, surgiu uma nova classe, a ULCC (*ultra-large crude carrier*, transportador de petróleo ultragrande).

Certa ocasião, em pleno mar, Larsen avistou um dos leviatãs franceses, com 550.000 toneladas. Sua tripulação se reuniu no convés para contemplar o imenso navio. Pois o que estava agora abaixo dele era duas vezes maior. Como Wennerstrom dissera, o mundo nunca vira outro igual e jamais tornaria a ver.

Tinha 515 metros de comprimento, o equivalente a 10 quarteirões de uma cidade. A largura era de 90 metros e a superestrutura se erguia cinco andares para o ar, acima do convés. Muito abaixo do que podia avistar do convés, a quilha mergulhava 36 metros para o fundo do dique seco. Cada um dos 60 porões era maior do que um cinema de bairro. Lá no fundo, abaixo da superestrutura, já estavam instaladas as quatro turbinas, com 90.000 cavalos-de-força, prontas para acionar as hélices de bronze, com 15 metros de diâmetro, que se podiam ver vagamente, faiscando abaixo da popa.

De um extremo a outro, o navio estava povoado por figuras que pareciam formigas, os operários que se preparavam para deixá-lo temporariamente, enquanto o dique se enchia de água. Por 12 meses, eles haviam cortado e soldado, aparafusado, serrado, cravado com rebites, martelado, reunindo os componentes do casco. Grandes módulos de aço dúctil haviam sido baixados por guindastes para lugares predeterminados, dando forma ao navio. Os homens foram removendo as correntes, cordas e cabos que cobriam o navio, até deixá-lo finalmente exposto, o costado sem qualquer empecilho, com 20 camadas de tinta à prova de ferrugem, à espera da água.

Ao final, restaram apenas os imensos blocos que sustentavam o casco. Os homens que haviam construído aquele dique seco, o maior do

mundo, em Chita, perto de Nagoya, na Baía de Ise, jamais haviam imaginado que seria usado daquela forma. Era o único dique seco do mundo que poderia abrigar um navio de 1.000.000 de toneladas e aquele seria o primeiro e o último que iria ver. Alguns dos veteranos tinham vindo participar da cerimônia.

A cerimônia religiosa levou meia hora, com o sacerdote xintoísta pedindo as bênçãos dos divinos para os que haviam trabalhado na construção do navio, para os que ainda iriam trabalhar em sua conclusão e para os que um dia iriam navegá-lo, a fim de que pudessem desfrutar de uma navegação segura, de um trabalho frutífero, Thor Larsen assistiu à cerimônia, descalço, ao lado de seu primeiro oficial e do chefe de máquinas, além do supervisor do proprietário um arquiteto marítimo que ali estava desde os inícios do trabalho e do arquiteto do estaleiro. Eram esses dois homens que haviam realmente projetado e dirigido a construção do imenso petroleiro.

Pouco antes do meio-dia, as comportas foram abertas e as águas do Pacífico fluíram ruidosamente para o interior do dique.

Houve um almoço formal nos escritórios do estaleiro. Mas assim que terminou, Thor Larsen voltou para o dique, em companhia de seu primeiro-oficial, Stig Lundquist, e de seu chefe de máquinas, Bjorn Erikson, ambos suecos.

— É um navio espetacular — comentou Lundquist, enquanto a água subia pelo costado.

Pouco antes do pôr-do-sol, o *Freya* grunhiu como um gigante a despertar, mexeu-se um centímetro, grunhiu novamente e depois libertou-se dos suportes lá no fundo, flutuando na água. Em torno do dique, 4.000 operários japoneses romperam seu silêncio de expectativa, prorrompendo em aclamações. Dezenas de capacetes brancos foram lançados para o ar. Os europeus da Escandinávia que ali estavam, apenas uma meia dúzia, também participaram do delírio de alegria, apertando-se as mãos, dando-se tapas nas costas. Lá embaixo, o gigantesco navio esperava pacientemente, como se estivesse consciente de que sua vez chegaria.

No dia seguinte, o navio foi rebocado para fora do dique até um cais, no qual por três meses abrigaria milhares de pequenos vultos apressados, trabalhando ativamente a fim de prepará-lo para o mar além da baía.

Sir Nigel Irvine leu as últimas linhas da transcrição enviada por *Nightingale*, fechou a pasta e recostou-se na cadeira.

— E então, Barry, o que acha?

Barry Ferndale passara a maior parte de sua vida de trabalho estudando a União Soviética, seus dirigentes e estrutura de poder. Soprou mais uma vez as lentes dos óculos e deu um polimento final.

— É mais um golpe a que Maxim Rudin terá de sobreviver — disse ele. — Ivanenko era um de seus partidários mais leais. Com ele no hospital, Rudin perdeu um conselheiro dos mais capazes.

— Ivanenko vai manter seu voto no *Politburo*?

— É possível que ele possa votar por procuração, caso haja outra votação. Mesmo que haja um empate de seis a seis numa grande questão política no nível do *Politburo*, o voto do Presidente é o decisivo. O perigo é a possibilidade de um ou dois hesitantes mudarem de lado. Ivanenko em atividade inspirou muito medo, mesmo em escalões tão altos. Ivanenko numa tenda de oxigênio talvez não inspire tanto.

Sir Nigel estendeu a pasta para Ferndale, por cima da mesa.

— Barry, quero que vá a Washington levando essa transcrição. Apenas uma visita de cortesia, é claro. Mas articule um jantar em particular com Ben Kahn e compare essas informações. Essa operação está ficando cada vez mais difícil e perigosa.

— Em nossa opinião, Ben — disse Ferndale, dois dias depois, ao terminar o jantar na casa de Kahn, em Georgetown — Maxim Rudin está resistindo por um fio, diante de um *Politburo* cinquenta por cento hostil. E o pior é que esse fio está-se tornando cada vez mais esgarçado.

O Diretor-Assistente de Informações da CIA estendeu os pés para o fogo na lareira de tijolos vermelhos e olhou para o conhaque que girava em seu copo.

— Concordo com essa opinião, Barry — disse, cautelosamente.

— Estamos também convencidos de que Rudin poderá cair, se não persuadir o *Politburo* a continuar a admitir as concessões que estão sendo feitas em *Castletown*. Com isso, haveria uma luta pela sucessão, a ser decidida pelo Comitê Central pleno. No qual, infelizmente, Yefrem Vishnayev tem muita influência e inúmeros amigos.

— Tem razão. Mas o mesmo acontece com Vassili Petrov. Provavelmente mais do que Vishnayev.

— Não resta a menor dúvida. Petrov provavelmente conseguiria vencer a disputa pela sucessão... se contasse com o apoio de um Rudin a se aposentar no momento por ele escolhido e em seus próprios termos e se tivesse também o apoio de Ivanenko, cuja máquina do KGB

contrabalançaria a influência do Marechal Kerensky através do Exército Vermelho.

Kahn sorriu para o visitante.

— Está adiantando uma porção de peões, Barry. Qual é o seu gambito?

— Quero apenas comparar informações.

— Está certo, você quer apenas comparar informações. Para ser franco, nossas opiniões em Langley coincidem com as de vocês, de um modo geral. David Lawrence, no Departamento de Estado, também concorda. Já Stan Poklewski deseja pressionar os soviéticos ao máximo em *Castletown*. O Presidente está numa posição intermediária... como sempre.

— *Castletown* é muito importante para ele, não é mesmo? — sugeriu Ferndale.

— É, sim. O próximo ano é o último que ele passará no cargo. Dentro de treze meses, haverá um novo Presidente dos Estados Unidos. Bill Matthews gostaria de deixar o cargo em grande estilo oferecendo à nação um amplo tratado de limitação de armamentos.

— Estávamos pensando...

— Ah, creio que chegou o momento em que você está pensando em adiantar o seu cavalo.

Ferndale sorriu diante da referência indireta a seu cavaleiro, Sir Nigel Irvine, Diretor-Geral do SIS.

— ... que *Castletown* certamente iria fracassar, se Rudin perdesse o controle a esta altura dos acontecimentos. Ele poderia tirar algum proveito de *Castletown*, com a ajuda de vocês, para convencer os hesitantes em sua facção de que está conseguindo grandes coisas e que é o homem que deve ser apoiado.

— Concessões? Recebemos na semana passada a análise final da colheita soviética de cereais. Eles estão em cima de um barril de pólvora. Pelo menos foi essa a expressão que Stan Poklewski usou.

— Ele está certo. E esse barril de pólvora pode explodir a qualquer momento. O Camarada Vishnayev só está esperando por isso, com seu plano de guerra. E todos sabemos o que isso poderia acarretar.

— Aceito esse ponto de vista — disse Kahn. — Para dizer a verdade, minha interpretação das informações de *Nightingale* é similar. Estou neste momento preparando um relatório para o Presidente. Ele o receberá na próxima semana, quando se reunir com Benson, Lawrence e Poklewski.

— Esses dados representam a soma total da colheita de cereais que a União Soviética encerrou no mês passado? — indagou o Presidente Matthews.

Olhou para os quatro homens sentados diante de sua escrivaninha. Na outra extremidade da sala, a lenha crepitava na lareira de mármore, acrescentando um toque de calor visual à temperatura já alta, assegurada pelo sistema de aquecimento central. Além das janelas à prova de bala do lado sul, os gramados extensos exibiam a primeira geada da manhã do mês de novembro. Sendo do Sul, William Matthews gostava do calor.

Robert Bensen e o Dr. Myron Fletcher assentiram ao mesmo tempo. David Lawrence e Stanislaw Poklewski estavam estudando os dados.

— Todas as nossas fontes de informações foram utilizadas para se chegar a esses dados, Sr. Presidente — disse Robert Benson.

— E todas as informações foram meticulosamente relacionadas e verificadas. Se houver alguma margem de erro, para mais ou para menos, é de apenas cinco por cento, não mais do que isso.

— E segundo *Nightingale*, até mesmo o *Politburo* concorda conosco — comentou o Secretário de Estado.

— Um total de cem milhões de toneladas... — murmurou o presidente, pensativo. — Pode durar no máximo até o final de março, apertando-se o cinto.

— Eles vão começar a abater o gado em janeiro — disse Poklewski. — Terão de começar a fazer grandes concessões em *Castletown* no próximo mês, se quiserem sobreviver.

O Presidente largou o relatório sobre, a colheita soviética de cereais e pegou o relatório preparado por Ben Kahn e apresentado pelo Diretor da CIA. Já fora lido pelos cinco homens que estavam na sala. Benson e Lawrence concordavam, a opinião do Dr. Fletcher não fora pedida e Poklewski, o falcão, discordara.

— Nós sabemos e eles também sabem que estão numa situação desesperadora — disse Matthews. — O problema é determinar até que ponto podemos pressioná-los.

— Como falou há algumas semanas, Sr. Presidente, — disse Lawrence — se não os pressionarmos o bastante não conseguiremos arrancar o melhor acordo para a América e o mundo livre. Mas se pressionarmos demais, podemos levar Rudin a suspender as negociações, a

fim de salvar-se de seus próprios falcões. É uma questão de equilíbrio. A esta altura dos acontecimentos, acho que devemos oferecer alguma coisa.

— Trigo?

— Forragem animal para ajudá-los a manter viva uma parte de seus rebanhos — sugeriu Benson.

— Dr. Fletcher? — disse o Presidente. O homem do Departamento de Agricultura deu de ombros.

— Temos a disponibilidade, Sr. Presidente. Uma parcela considerável da frota mercante soviética, a *Sovfracht*, está inativa, pronta para zarpar. Por causa das taxas de frete subsidiadas, esses navios poderiam estar ocupados. Mas não estão. Pelo que sabemos, estão estacionados nos portos de águas quentes do Mar Negro e na costa soviética do Pacífico. Poderiam zarpar prontamente para os Estados Unidos, se recebessem as ordens necessárias de Moscou.

— Qual é o último prazo de que dispomos para dar uma resposta sobre isso? — perguntou o Presidente Matthews.

— O dia de Ano Novo — respondeu Benson. — Se eles souberem que haverá um adiamento da crise, poderão suspender o abate dos rebanhos, pelo menos temporariamente.

— Recomendo que não lhes dê tréguas! — suplicou Poklewski, — Se esperarmos até março, eles estarão totalmente desesperados.

— Desesperados o bastante para aceitarem um nível de desarmamento que garanta a paz pelo menos por uma década ou desesperados o bastante para irem à guerra? — perguntou Matthews, empoladamente. — Senhores, terão a minha decisão no dia de Natal. Ao contrário de vocês, preciso persuadir os presidentes de cinco subcomitês do Senado, Defesa, Agricultura, Relações Exteriores e Apropriações, a concordarem com a medida a ser tomada. E não lhes posso falar de *Nightingale*, não é mesmo, Bob?

O Diretor da CIA sacudiu a cabeça.

— Não, Sr. Presidente, não pode falar de *Nightingale*. Os senadores têm muitos assessores, a coisa poderia transpirar. E se transpirasse o que realmente sabemos, a esta altura dos acontecimentos, o efeito poderia ser desastroso.

— Está certo. Terão a minha resposta no dia de Natal.

No dia 15 de dezembro, o Professor Ivan Sokolov levantou-se na sala de conferência em *Castletown* e começou a ler um documento previamente preparado. A União Soviética, disse ele, sempre fiel às suas

tradições de país devotado à procura constante da paz mundial e de acordo com seu empenho tantas vezes reiterado por uma coexistência pacífica...

Edwin J. Campbell, sentado do outro lado da mesa, contemplava seu colega soviético com um sentimento de companheirismo. Ao longo de mais de dois meses, trabalhando até que a fadiga dominasse a ambos, desenvolvera um relacionamento cordial e afetuoso com o homem de Moscou, na medida que era permitido por suas posições e deveres.

Nos intervalos entre as sessões, cada um visitara o outro na sala de descanso da delegação oposta. Na sala de descanso soviética, com a delegação toda presente e o complemento inevitável de agentes do KGB, a conversa fora bastante cordial, mas formal. Na sala americana, onde Sokolov chegara sozinho, o delegado soviético pudera relaxar, o ponto de mostrar a Campbell fotografias de seus netos em férias na costa do Mar Negro. Como um membro eminente da Academia de Ciências, o Professor fora recompensado por sua lealdade ao Partido e à causa com uma limusine, motorista, apartamento na cidade, dacha no campo, chalé à beira-mar e acesso ao reembolsável da Academia. Campbell não tinha ilusões de que Sokolov era bem pago por sua lealdade, por sua capacidade de devotar talentos que possuía a serviço de um regime que internava dezenas de milhares de pessoas nos campos de trabalhos forçados da Mordóvia. Não havia a menor dúvida de que ele era um dos gatos gordos, os *nachalstvo*. Mas até mesmo um *nachalstvo* tem netos.

Ficou escutando o discurso do russo com crescente surpresa, e pensou: “Ah, meu pobre velho, quanto isso deve estar-lhe custando!”

Quando a peroração terminou, Edwin Campbell levantou e agradeceu ao professor soviético por sua declaração, que escutara com extremo cuidado e atenção, em nome dos Estados Unidos da América. Propôs um adiamento, enquanto o Governo americano estudava sua posição. Uma hora depois, Campbell estava na Embaixada americana em Dublin, a fim de começar a transmitir o extraordinário discurso de Sokolov para David Lawrence.

Poucas horas depois, no Departamento de Estado, em Washington, David Lawrence pegou um dos telefones em sua mesa e ligou para o Presidente Matthews pela linha direta.

— Eu tinha de informá-lo imediatamente, Sr. Presidente, que há seis horas, na Irlanda, a União Soviética fez seis concessões de grande monta. Estão relacionadas com os números totais de mísseis balísticos intercontinentais com ogivas de bombas de hidrogênio, até os blindados convencionais, para ruptura de contato de forças ao longo do Rio Elba.

— Obrigado, David — disse Matthews. — É uma grande notícia. Você estava certo. Acho que devemos dar-lhes alguma coisa em troca.

A região coberta por bosques de bétulas a sudoeste de Moscou, onde a elite soviética tem suas dachas no campo, cobre pouco mais de 250 quilômetros quadrados. Os homens da elite soviética gostam de ficar agrupados. Ás estradas na região são margeadas, quilômetro após quilômetro, por cercas de aço pintadas de verde, protegendo as propriedades dos que, estão no topo. As cercas e os portões parecem em grande parte abandonados, mas qualquer pessoa que tente escalar as primeiras ou passar de carro pelos segundos vai ser interceptada, momentos depois, por guardas que se materializam abruptamente do meio das árvores.

Além da Ponte de Uspenskoye, fica um pequeno povoado Zhukovka, geralmente conhecido como Aldeia Zhukovka. É para diferenciar de duas outras localidades próximas e mais novas: a Sovmin Zhukovka, onde os altos escalões do Partido têm suas *villas* de fim-de-semana, e a Akademik Zhukovka, reservada a escritores artistas, músicos e cientistas que desfrutam dos favores do Partido,'

Mas do outro lado do rio é que fica o supremo e ainda mais exclusivo povoado de Usovo. É para ali perto que se retira para descansar o Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, o Presidente do *Presidium* do Soviete Supremo, o *Politburo* ocupando uma suntuosa mansão, no meio de centenas de acres de bosques meticulosamente guardados.

Ali, na noite anterior ao Natal, uma festa que ele não admitia há 50 anos, Maxim Rudin estava sentado em sua poltrona de couro predileta, os pés estendidos na direção da imensa lareira de blocos de granito toscos, na qual crepitavam achas de pinheiro de um metro de comprimento. Era a mesma lareira que aquecera Nikita Kruschev e Leonid Brezhnev.

O clarão amarelado das chamas faiscava nas paredes revestidas de lambris do gabinete e iluminava o rosto de Vassili Petrov, que fitava Rudin do outro lado do fogo. Ao lado da poltrona de Rudin havia uma mesinha, com um cinzeiro e uma garrafa pequena de conhaque armênio, a qual Petrov olhou com uma expressão preocupada. Sabia que seu protetor já idoso não devia beber. Entre os dedos de Rudin, estava seu inevitável cigarro.

— Quais são as notícias da investigação? — indagou Rudin.

— Está muito lenta — respondeu Petrov. — Não resta a menor dúvida de que houve ajuda externa. Sabemos agora que o visor noturno foi comprado comercialmente em Nova York. O rifle finlandês fazia parte de uma encomenda exportada de Helsinque para a Inglaterra. Não sabemos de que loja veio, mas a ordem de exportação era para rifles de caça. Assim, foi uma encomenda comercial e não oficial. As pegadas no prédio em construção foram comparadas com as botas de todos os operários que trabalham ali. Não foi possível descobrir a quem pertenciam dois conjuntos de pegadas. Havia bastante umidade naquela noite e muito pó de cimento espalhado pelo local. Por isso, as pegadas são bastante nítidas. Estamos quase que totalmente convencidos de que foram dois homens.

— Dissidentes? — indagou Rudin.

— Quase que certamente. E totalmente loucos.

— Não diga isso, Vassili. Guarde esse comentário para as reuniões do Partido. Loucos atiram à queima-roupa ou se sacrificam. Este caso foi planejado por alguém durante muitos meses. E alguém que ainda está solto, dentro ou fora da União Soviética, alguém que precisa ser silenciado, de uma vez por todas, antes de revelar seu segredo. Em quem está se concentrando?

— Nos ucranianos. Penetramos completamente em todos os grupos de emigrados na Alemanha, Inglaterra e América. Ninguém sequer ouviu um rumor de um plano desses. Pessoalmente, creio que eles ainda estão na Ucrânia. É inegável que a mãe de Ivanenko foi usada como uma isca. Quem poderia saber que ela era a mãe de Ivanenko? Nenhum ativista inconsequente de Nova York poderia sabê-lo. Nem algum nacionalista de poltrona de Frankfurt. Nem algum panfletário de Londres. Foi alguém local, com contatos no exterior. Estamo-nos concentrando em Kiev. Várias centenas de antigos detidos, que foram soltos e voltaram a Kiev, estão sendo interrogados.

— Trate de descobri-los, Vassili... e de silenciá-los, o mais depressa possível. — Maxim Rudin mudou de assunto, como tinha o hábito de fazer, sem alterar o tom de voz. — Alguma notícia da Irlanda?

— Os americanos retomaram as negociações, mas ainda não responderam a nossa iniciativa.

Rudin grunhiu.

— Esse Matthews é um tolo. Até que ponto ele pensa que podemos ir antes de sermos obrigados a recuar?

— Ele tem de enfrentar aqueles senadores que odeiam os soviéticos — disse Petrov. — Além de sofrer a influência do fascista

católico Poklewski. E é claro que não pode saber como a situação está crítica para nós no *Politburo*.

— Se ele não nos oferecer alguma coisa até o Ano Novo, não conseguiremos controlar o *Politburo* na primeira semana de janeiro... — Tomou um gole de conhaque e depois soltou um suspiro de satisfação.

— Tem certeza de que pode beber? — indagou Petrov. — Os médicos o proibiram há cinco anos.

— Os médicos que se danem — resmungou Rudin. — Para dizer a verdade, foi para isso que o chamei até aqui. Posso informá-lo com toda a segurança de que não vou morrer de alcoolismo nem de cirrose.

— Fico contente em saber disso.

— E tem mais: vou aposentar-me no dia trinta de abril. Isso o surpreende?

Petrov ficou totalmente imóvel, alerta. Por duas vezes, já vira os chefes supremos caírem: Kruschev em chamas, expulso e em desgraça, para tornar-se um homem anônimo, enquanto Brezhnev saía em seus próprios termos. Já sentira bem de perto os raios e trovões que se sucediam quando o tirano mais poderoso do mundo dava lugar a outro. Mas nunca de tão perto. E desta vez iria vestir o manto do poder supremo. Isto é, desde que outros não lhe arrebatassem.

— Surpreende e muito — murmurou ele, cautelosamente.

— Em abril, vou convocar uma reunião plena do Comitê Central. Para anunciar a decisão de me retirar a trinta de abril. No dia primeiro de maio haverá um novo líder presidindo as comemorações do Dia do Trabalho. Quero que seja você. Em junho, o plenário do Congresso do Partido deve reunir-se. O líder vai orientar nossa política desse momento em diante. Quero que seja você. O que, aliás, já lhe tinha falado há algumas semanas.

Petrov sabia que era a escolha de Rudin desde a reunião nos aposentos particulares do velho líder no Kremlin, na qual o falecido Ivanenko também estivera presente, céptico e vigilante como sempre. Mas ele não pensara que fosse tão depressa.

— Não vou conseguir fazer com que o Comitê. Central aceite sua indicação, a menos que possa dar o que eles estão querendo: os cereais. Todos sabem qual é a situação no momento. Se houver um fracasso em *Castletown*, Vishnayev contará com o apoio de todos.

— Mas por que tão depressa? — indagou Petrov.

Rudin levantou o copo. O silencioso Misha emergiu das sombras e serviu mais conhaque.

— Recebi ontem os resultados dos exames que fiz em Kuntsevo. Há meses que eles vêm trabalhando nesses exames. E agora estão certos. Meu problema não é o conhaque armênio nem os cigarros, mas leucemia. Tenho de seis a doze meses de vida. Vamos dizer que não verei um Natal depois deste. E se tivermos uma guerra nuclear, você também não verá. Nos próximos cem dias, teremos de arrancar um acordo para obtenção dos cereais dos americanos e acabar de uma vez por todas com o problema Ivanenko. A areia está se escoando inexoravelmente e depressa demais. As cartas estão na mesa, abertas, e não há mais nenhum ás para se jogar.

A 28 de dezembro, os Estados Unidos formalmente ofereceram à União Soviética a venda, para entrega imediata e a taxas comerciais, de 10.000.000 de toneladas de cereais para alimentação animal, a ser considerada como algo por fora de quaisquer condições que ainda estavam sendo negociadas em *Castletown*.

Na véspera de Ano Novo, um Tupolev 134 da *Aeroflot* decolou do aeroporto de Lvov, com destino a Minsk, num voo doméstico. Um pouco ao norte da fronteira entre a Ucrânia e a Rússia Branca, acima dos Pântanos Pripet, um rapaz de aparência nervosa se levantou e encaminhou-se para a aeromoça, que estava várias filas além da porta de aço que dava para a cabine de comando do avião, falando com um passageiro.

Sabendo que os banheiros ficavam no outro lado, ela se empertigou ao ver o rapaz se aproximar. Ao fazê-lo, o rapaz obrigou-a a se virar, comprimindo o antebraço esquerdo contra sua garganta e comprimindo uma pistola em suas costelas. A aeromoça gritou. Houve um coro de gritos entre os passageiros. O sequestrador começou a arrastar a aeromoça na direção da porta fechada da cabine de comando. Na antepara ao lado da porta ficava o aparelho de comunicação interna, pelo qual a aeromoça podia comunicar-se com a tripulação. O comandante do avião tinha ordens expressas para se recusar a abrir a porta, no caso de um sequestro.

No meio do avião, um dos passageiros se levantou, uma automática na mão. Agachou-se no corredor, segurando a arma com as duas mãos, apontando para a aeromoça e o sequestrador atrás dela.

— Pare aí! — gritou ele. — Sou do KGB! Fique onde está!

— Mande-os abrirem a porta! — gritou o sequestrador.

— De jeito nenhum! — respondeu o agente do KGB, que era o guarda armado designado para o voo.

— Se não abrirem a porta vou matar a moça! — gritou o sequestrador.

A aeromoça tinha muita coragem. Desferiu um golpe para trás com o calcanhar, acertando na canela do sequestrador, ao mesmo tempo em que se desvencilhava e corria na direção do agente do KGB. O sequestrador foi atrás dela, passando por três filas de passageiros. Foi seu erro. De um assento no corredor, um passageiro se levantou rapidamente e acertou um golpe violento na nuca do sequestrador, que caiu para a frente. Antes que ele tivesse tempo de esboçar qualquer reação, o atacante arrancou-lhe a arma, apontando-a para ele. O sequestrador virou-se, sentou-se no chão do avião, olhou para a arma, pôs o rosto entre as mãos e começou a gemer baixinho.

Dos fundos do aparelho, o agente do KGB adiantou-se rapidamente, passando pela aeromoça, a arma ainda pronta para entrar em ação. Aproximou-se do salvador.

— Quem é você? — perguntou ele.

Como resposta, o homem meteu a mão no bolso interno do casaco, tirou uma carteira e abriu-a. O agente viu uma identidade do KGB e comentou:

— Mas você não é de Lvov.

— Sou de Ternopol. Estou indo para casa, em Minsk, de licença e por isso não estava armado. Mas tenho um bom punho.

Ele sorriu. O agente de Lvov assentiu.

— Obrigado, Camarada. Mantenha-o sob sua mira.

Ele foi até o aparelho de intercomunicação e falou rapidamente. Relatou o que acontecera e pediu que a polícia fosse devidamente avisada, para ficar à espera em Minsk.

— Já é seguro dar uma olhada? — indagou uma voz metálica, do outro lado da porta.

— Claro — respondeu o agente do KGB. — Ele já está sob controle.

Houve um estalido por trás da porta, que no instante seguinte foi aberta, deixando à mostra a cabeça do engenheiro de voo, um tanto assustado e bastante curioso.

Nesse momento, o agente de Ternopol agiu de maneira muito estranha. Afastou-se do homem sentado no chão, desferiu um golpe com o revólver na base do crânio do seu colega de Lvov e enfiou o pé no espaço entre a porta e o batente, antes que o surpreso engenheiro de voo tivesse tempo de fechá-la. Um segundo depois ele havia passado pela porta, empurrando para trás o engenheiro de voo. O sequestrador sentado no chão levantou-se rapidamente, pegou a automática do guarda de voo, uma

Tokarev 9 mm do KGB, passou também pela porta de aço e empurrou-a violentamente. A porta ficou automaticamente trancada.

Dois minutos depois, sob a ameaça das armas de David Lazareff e Lev Mishkin, o Tupolev virou para oeste, na direção de Varsóvia e Berlim; a segunda cidade, o limite máximo de seu suprimento de combustível. Nos controles estava sentado o Comandante Rudenko, o rosto branco de raiva; a seu lado, o co-piloto Vatutin respondeu lentamente aos frenéticos pedidos da torre de controle de Minsk para que fosse explicada a mudança no curso.

Quando o avião cruzou a fronteira e entrou no espaço aéreo polonês, a torre de Minsk e quatro aviões de passageiros, operando na mesma faixa de rádio, já sabiam que o Tupolev estava nas mãos de sequestradores. Quando o avião passou pelo centro da zona de controle de tráfego aéreo de Varsóvia, Moscou também já sabia. A cerca de 150 quilômetros a oeste de Varsóvia, uma esquadrilha de seis caças soviéticos Mig-23, baseada em território polonês, aproximou-se de estibordo e começou a acompanhar o Tupolev. O líder da esquadrilha falava rapidamente dentro da máscara de voo.

Em sua mesa no Ministério da Defesa, na Rua Frunze, em Moscou, o Marechal Nikolai Kerensky recebeu um telefonema urgente pela linha que o ligava diretamente com o quartel-general da Força Aérea soviética.

— Onde? — berrou ele.

— Passando por Poznan — foi a resposta. — A trezentos quilômetros de Berlim. Tempo de voo de cinquenta minutos.

O Marechal pensou cuidadosamente. Aquele podia ser o escândalo que Vishnayev tanto desejava. Não restava a menor dúvida sobre o que deveria ser feito. Era preciso derrubar o Tupolev, com todos os seus passageiros e tripulantes. Mais tarde, poderia ser apresentada a versão de que os sequestradores haviam disparado contra a fuselagem, acertando num tanque de combustível e provocando uma explosão. Já acontecera duas vezes nos últimos 10 anos.

Ele deu as ordens. A 100 metros da ponta da asa do Tupolev, o líder da esquadrilha de Migs escutou-as atentamente, cinco minutos depois.

— Se é assim que diz, Camarada Coronel, assim será feito — disse ele ao comandante de sua base.

Vinte minutos depois, o Tupolev passou pela linha do Oder-Neisse e iniciou sua longa descida na direção de Berlim. Nesse momento, os Migs se afastaram graciosamente, iniciando o retorno à base.

— Tenho de informar a Berlim que estamos chegando — disse o Comandante Rudenko a Mishkin. — Se houver um avião na pista, vamos acabar explodindo.

Mishkin contemplou as nuvens cinzentas do inverno à frente. Nunca antes viajara de avião, mas o que o comandante estava dizendo fazia sentido.

— Está certo — respondeu ele. — Pode romper o silêncio e informar a Tempelhof que estamos descendo. Nada de pedidos, apenas uma declaração objetiva.

O Comandante Rudenko estava jogando seu último trunfo. Inclinou-se para a frente, ajustou o controle do rádio e começou a falar .

"Tempelhof, Berlim Ocidental. Tempelhof, Berlim Ocidental. Aqui é o Voo 351 da Aeroflot..."

Ele estava falando em inglês, a língua internacional do controle de tráfego aéreo. Mishkin e Lazareff não sabiam quase nada de inglês, apenas as poucas palavras que eram ditas ocasionalmente nas transmissões especiais em ucraniano do Ocidente. Mishkin encostou o cano da arma no pescoço de Rudenko e disse em ucraniano:

— Nada de truques.

Na torre de controle do Aeroporto de Schoenefeld, em Berlim Oriental, os dois controladores se entreolharam, aturdidos. Estavam sendo chamados em sua própria frequência, mas o comandante do avião falava como se fosse Tempelhof. Nenhum avião da *Aeroflot* jamais pensaria em pousar em Berlim Ocidental. Além do mais Tempelhof não era o aeroporto civil de Berlim Ocidental há 10 anos. Fora convertido em base da Força Aérea dos Estados Unidos quando Tegel entrara em operação, como aeroporto civil. Um dos alemães orientais, mais rápido do que o outro, pegou prontamente o microfone.

— Tempelhof para *Aeroflot* 351. Pode descer.

No avião, o Comandante Rudenko engoliu em seco e baixou os *flaps* e o trem de aterrissagem. O Tupolev começou a descer rapidamente para o principal aeroporto da Alemanha Oriental. Deixaram a camada de nuvens a 300 metros de altitude e avistaram as luzes do aeroporto à frente. A 150 metros de altitude, Mishkin olhou desconfiado pelo vidro da cabine. Já ouvira falar de Berlim Ocidental, as luzes feéricas, as ruas apinhadas, multidões fazendo compras na *Kurfurstendam* e o Aeroporto de Tempelhof bem no centro de tudo isso. Mas aquele aeroporto ficava em meio a campos...

— É um truque! — gritou ele, abruptamente, para Lazareff. — É Berlim Oriental! — Comprimiu a arma no pescoço do Comandante Rudenko. — Suba ou eu atiro.

O comandante ucraniano rangeu os dentes e manteve o curso para os últimos 100 metros da descida. Mishkin esticou-se por cima do ombro dele e tentou puxar a alavanca de comando. Os dois estrondos, quando ocorreram, foram tão juntos que era impossível dizer qual o primeiro. Mishkin afirmou que o impacto das rodas batendo na pista é que fez a arma disparar; o copiloto Vatutin sustentou que Mishkin havia disparado antes. Tudo foi confuso demais para que se pudesse depois determinar uma versão definitiva e sem sombras de dúvidas sobre os acontecimentos.

A bala abriu um imenso buraco no pescoço do Comandante Rudenko, matando-o instantaneamente. Surgiu uma fumaça azulada na cabine de comando, enquanto Vatutin puxava a alavanca de comando e gritava para que o engenheiro de voo desse mais força ao aparelho. Os motores a jato gritaram apenas um pouco mais alto do que os passageiros, enquanto o Tupolev, pesado como pão molhado, quicava mais duas vezes na pista e depois se elevava no ar, esforçando-se desesperadamente por alçar voo. Vatutin manteve o aparelho com o nariz para cima, tremendo todo, rezando por mais potência, enquanto os subúrbios exteriores de Berlim Oriental iam ficando para trás e logo surgia o Muro de Berlim.

Ao entrar no perímetro de Tempelhof, o Tupolev não bateu as casas mais próximas por apenas dois metros.

Extremamente pálido, o jovem co-piloto pousou o avião na pista principal, com a arma de Lazareff em suas costas. Mishkin ficou segurando o corpo ensanguentado do Comandante Rudenko, para impedir que caísse sobre a alavanca de controle. O Tupolev finalmente parou a um quarto do final da pista, ainda equilibrado sobre todas as rodas.

O Sargento Leroy Coker era um patriota. Estava sentado, todo encolhido para se defender do frio, ao volante de seu jipe da Polícia da Força Aérea, o gorro de pele do casaco envolvendo seu rosto. Pensava no Alabama, sentindo uma saudade imensa, lembrando-se do calor de sua terra. Mas estava em serviço de guarda naquela noite e levava sua missão muito a sério.

Quando o avião apareceu de repente logo acima das casas além da cerca do perímetro, os motores rugindo, o trem de aterrissagem baixado, ele gritou:

— Mas que merda!

Empertigou-se prontamente. Nunca antes estivera na Rússia nem sequer atravessara a fronteira para algum país do Leste europeu, mas já tinha lido tudo o que precisava ser lido sobre o pessoal que vivia por lá. Não conhecia muita coisa sobre a Guerra Fria, mas sabia perfeitamente que havia sempre a possibilidade iminente de um ataque dos comunistas, a menos que homens como Leroy Coker estivessem sempre vigilantes. Ele também sabia reconhecer uma estrela vermelha e a insígnia da foice e do martelo.

Assim que o avião parou, ele tirou a carabina do ombro, mirou e explodiu os pneus do aparelho.

Mishkin e Lazareff renderam-se três horas depois. A intenção deles era a de manter os tripulantes como reféns, trocar os passageiros por três autoridades de Berlim Ocidental e depois seguir viagem para Tel Aviv. Mas não havia a menor possibilidade de se conseguir um novo trem de aterrissagem para o Tupolev; os russos jamais o forneceriam. E quando a notícia da morte de Rudenko chegou ao conhecimento do comandante da base aérea americana, este se recusou a colocar à disposição um de seus aviões. O Tupolev foi cercado por homens armados. Não havia a menor possibilidade de dois homens poderem levar vários outros, mesmo sob a ameaça de armas, a um avião alternativo. Seriam facilmente liquidados pelos atiradores exímios postados nas proximidades. Depois de uma hora de conversações com o comandante da base, os dois deixaram o Tupolev, de mãos levantadas.

Naquela noite, foram formalmente entregues às autoridades de Berlim Ocidental, para prisão e julgamento.

9

O Embaixador soviético em Washington estava dominado por uma raiva fria quando se encontrou com David Lawrence, no Departamento de Estado, no dia 2 de janeiro.

O Secretário de Estado americano o estava recebendo a pedido do Governo soviético; isto é, a palavra insistência seria mais apropriada.

O embaixador leu o protesto formal num tom monótono. Ao terminar, deixou o texto na mesa do americano. Lawrence, que já sabia de antemão exatamente o que seria, tinha uma resposta pronta, preparada por seus assessores jurídicos, três dos quais o estavam flanqueando, por trás de sua cadeira.

Reconheceu que Berlim Ocidental não era realmente território soberano, mas uma cidade sob a ocupação das Quatro Potências. Não obstante, os Aliados Ocidentais há muito que haviam admitido que, em questões de jurisdição, as autoridades de Berlim Ocidental deveriam cuidar de todas as transgressões criminais e civis, excetuando as que se situavam no âmbito das leis puramente militares dos Aliados Ocidentais. O sequestro do avião, embora um crime terrível, não fora cometido por cidadãos dos Estados Unidos contra cidadãos dos Estados Unidos ou no interior da base aérea dos Estados Unidos em Tempelhof. Portanto, era um caso na jurisdição das autoridades de Berlim Ocidental. Em consequência, o Governo dos Estados Unidos mantinha seu ponto de vista, de que não podia legalmente entregar cidadãos de outra nacionalidade ou provas materiais de outro país, que estavam dentro do território de Berlim Ocidental, muito embora o avião tivesse pousado numa base aérea dos Estados Unidos.

Assim sendo, não lhe cabia outro recurso senão rejeitar o protesto soviético.

O embaixador ouviu-o em silêncio impassível. Ao final, declarou que não podia aceitar a explicação americana e a rejeitava. Entraria em contato com seu governo. E com isso ele se retirou, voltando à embaixada a fim de encaminhar seu relatório a Moscou.

Num pequeno apartamento em Bayswater, Londres, três homens estavam sentados nesse mesmo dia, olhando para a confusão de jornais espalhados pelo chão.

— Um desastre, um tremendo desastre! — exclamou Andrew Drake, irritado. — A esta altura, eles deveriam estar em Israel Seriam soltos dentro de um mês e poderiam dar sua entrevista coletiva. Por que, diabo, eles tinham que atirar no comandante?

— Se ele aterrissasse em Schoenefeld e se recusasse a levantar voo para Berlim Ocidental, eles estariam de qualquer forma liquidados — comentou Azamat Krim.

— Poderiam tê-lo deixado desacordado com um golpe forte! — insistiu Drake.

— É o calor do momento — disse Kaminsky. — O que vamos fazer agora?

— Podem descobrir de onde vieram as armas? — perguntou Drake a Krim.

O pequeno tártaro meneou a cabeça.

— Podem chegar até a loja que vendeu, mas não a mim. Não precisei identificar-me para fazer a compra.

Drake começou a andar pelo tapete, imerso em seus pensamentos. E demorou algum tempo para dizer:

— Não creio que eles sejam extraditados. Os soviéticos estão querendo os dois neste momento por sequestro do avião, a morte de Rudenko, a agressão ao agente do KGB a bordo e ao outro do qual tiraram os documentos de identidade. O caso mais sério é a morte do comandante. Mesmo assim, não creio que algum governo da Alemanha Ocidental mande dois judeus de volta à União Soviética para serem executados. Mas, por outro lado, eles serão julgados e condenados. Provavelmente à prisão perpétua. Miroslav, há alguma possibilidade de eles revelarem o que aconteceu com Ivanenko?

O refugiado ucraniano sacudiu a cabeça.

— Não, se tiverem um mínimo de bom senso. Não no coração de Berlim Ocidental. Os alemães podem ser obrigados a mudar de ideia e os entregar aos russos. Se acreditassem neles, o que não iria acontecer, porque Moscou negaria que Ivanenko sequer estivesse morto, apresentando um sósia como prova. Mas Moscou acreditaria e daria um jeito de liquidá-los. Os alemães, por não acreditarem, não providenciariam qualquer proteção especial. Eles não teriam a menor chance. Por isso mesmo é que vão ficar calados.

— Isso de nada nos adianta — ressaltou Krim. — Todo o objetivo do plano, todos os nossos esforços e os perigos que enfrentamos visavam a desfechar um golpe único e maciço contra o aparelho soviético, uma

humilhação mundial. Nós não podemos dar a entrevista coletiva. Não conhecemos os pequenos detalhes que convenceriam o mundo. Só Mishkin e Lazareff é que podem fazê-lo.

— Neste caso, eles precisam ser tirados de Berlim Ocidental — disse Drake, determinado. — Temos de montar uma segunda operação para levá-los a Tel Aviv, com garantias de vida e liberdade. Caso contrário, de nada adiantará tudo o que fizemos.

— O que vamos fazer agora? — repetiu Kaminsky.

— Vamos pensar — declarou Drake. — Vamos pensar, elaborar um plano e executá-lo. Eles não vão ficar sentados de braços cruzados em Berlim, apodrecendo pelo resto de suas vidas, tendo conhecimento de um segredo desses. E não temos muito tempo. Moscou não vai levar uma vida inteira para somar dois e dois. Os soviéticos têm agora uma pista e não vão demorar a descobrir quem fez o trabalho em Kiev. Depois, começarão a planejar a vingança. Temos de chegar antes deles.

A raiva do Embaixador soviético em Washington foi insignificante em comparação com a fúria ultrajada de seu colega em Bonn, ao se encontrar com o Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental, dois dias depois. A recusa do Governo da Alemanha Federal em entregar os dois sequestradores e assassinos às autoridades soviéticas ou alemãs orientais, insistiu ele, era um flagrante rompimento das relações até então amistosas entre os dois países e só poderia ser interpretada como um ato de hostilidade.

O Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental estava tremendamente constrangido. Particularmente, teria preferido que o Tupolev permanecesse no aeroporto de Berlim Oriental. Absteve-se de comentar que, como os russos sempre haviam insistido, Berlim Ocidental não era parte da Alemanha Oriental; assim sendo, eles deveriam dirigir-se ao Senado de Berlim Ocidental.

O embaixador repetiu sua argumentação pela terceira vez: os criminosos eram cidadãos soviéticos, as vítimas eram cidadãos soviéticos, o avião era território soviético, o sequestro fora cometido no espaço aéreo soviético e o assassinato sobre ou alguns metros acima da pista do principal aeroporto da Alemanha Oriental. Portanto, o crime deveria ser julgado pelos soviéticos ou, na pior das hipóteses, pelas autoridades alemãs orientais.

O Ministro do Exterior ressaltou, tão cortesmente quanto podia, que todos os precedentes indicavam que os sequestradores aéreos podiam ser julgados pelas leis da terra em que pousavam, se o referido país

desejasse exercer esse direito. Isso não constituía absolutamente qualquer insinuação contra a imparcialidade do sistema judiciário soviético...

Na verdade, é justamente o contrário, pensou ele. Ninguém na Alemanha Ocidental, do governo à imprensa e ao público, tinha a menor dúvida de que a devolução de Mishkin e Lazareff representaria o interrogatório do KGB, um julgamento encenado e o pelotão de fuzilamento. E eles eram judeus, o que representava outro problema.

Os primeiros dias de janeiro estavam sendo pouco movimentados em termos de notícias e por isso, a imprensa da Alemanha Ocidental estava dando a maior cobertura ao caso. Os jornais conservadores e influentes de *Axel Springer* estavam insistindo que, não importava o que tivessem feito, os dois sequestradores mereciam receber um julgamento justo e imparcial, o que só poderia ser garantido na Alemanha Ocidental. O partido bávaro CSU, do qual dependia a coalizão governamental, estava adotando a mesma posição. Determinados setores estavam transmitindo à imprensa informações precisas e detalhes terríveis da última repressão do KGB na região de Lvov, de onde vinham os sequestradores, sugerindo que a fuga ao terror era uma reação que se podia justificar, embora fosse deplorável o meio de consegui-la. Além disso, a recente denúncia de mais um agente comunista infiltrado nos altos escalões do governo não aumentaria a popularidade de um governo que adotasse uma linha de conciliação com Moscou. E com as eleições provinciais iminentes...

O Ministro do Exterior tinha ordens expressas do Chanceler. Mishkin e Lazareff, disse ele ao embaixador, seriam julgados em Berlim Ocidental o mais breve possível; e se, ou melhor, quando fossem condenados, receberiam sentenças exemplares.

A reunião do *Politburo*, ao final da semana, foi tempestuosa. Mais uma vez, os gravadores estavam desligados e assessores e estenógrafos, ausentes.

— É um ultraje! — gritou Vishnayev. — É mais um escândalo que diminui o prestígio da União Soviética aos olhos do mundo! Jamais poderia ter acontecido!

O que ele estava insinuando era que só acontecera por causa da liderança cada vez mais débil de Maxim Rudin.

— Não teria acontecido se os caças do Camarada Marechal tivessem derrubado o avião sobre a Polônia, como é o costume — retrucou Petrov.

— Houve uma falha na comunicação entre o controle de terra e o líder da esquadrilha de caças — explicou Kerensky. — Uma chance em

mil.

— Embora fortuita — começou Rykov, friamente. Ele sabia que Mishkin e Lazareff teriam um julgamento público e revelariam como haviam primeiro atacado um agente do KGB num parque, para roubar seus documentos de identidade, apresentando-se como tal para conseguir entrar na cabine de comando do avião.

— Há alguma possibilidade desses dois homens serem os mesmos que mataram Ivanenko? — perguntou Petryanov, um dos partidários de Vishnayev.

A atmosfera era elétrica.

— Absolutamente nenhuma — respondeu Petrov, firmemente. — Sabemos que esses dois eram de Lvov e não de Kiev. Eram judeus aos quais foi recusada permissão para emigrarem. É claro que estamos investigando, mas até agora ainda não surgiu qualquer ligação.

— Se for descoberta alguma ligação, seremos imediatamente informados? — perguntou Vishnayev.

— Eis algo que nem precisava perguntar, Camarada — resmungou Rudin.

Os estenógrafos foram chamados e a reunião passou a discutir as conversações em *Castletown* e a compra de 10.000.000 de toneladas de cereais para alimentação animal. Vishnayev não fez muita pressão no caso. Rykov esforçou-se em demonstrar que a União Soviética estava prestes a conseguir o trigo de que precisava para sobreviver ao inverno e à primavera com concessões mínimas nos níveis de armamentos, um argumento que o Marechal Kerensky contestou. Mas Komarov foi forçado a admitir que a chegada iminente de 10.000.000 de toneladas de forragem animal para o inverno lhe permitiria liberar imediatamente a mesma quantidade dos estoques acumulados, evitando assim que houvesse um abate em larga escala dos rebanhos. A facção de Maxim Rudin conseguiu manter intacta sua supremacia, embora persistisse o empate na votação.

Assim que a reunião foi encerrada, o velho líder soviético convocou Vassili Petrov para um, encontro em particular.

— Há alguma ligação entre os dois judeus e a morte de Ivanenko? — perguntou.

— Pode haver — admitiu Petrov. — Sabemos que foram eles que assaltaram o homem do KGB em Ternopol e roubaram seus documentos. O que indica, evidentemente, que estavam dispostos a viajar para fora de Lvov a fim de preparar sua fuga. Temos as impressões digitais que deixaram no avião, e combinam com as que encontramos em seus

aposentos em Lvov. Não descobrimos sapatos que combinem com as pegadas no local do crime em Kiev, mas ainda estamos procurando. Mais uma coisa, temos uma impressão palmar encontrada no carro que atropelou a mãe de Ivanenko. Estamos tentando obter as impressões palmares de ambos na prisão de Berlim. Se por acaso conferirem...

— Prepare um plano, um plano de emergência, um estudo de exequibilidade. Para que ambos sejam liquidados dentro da prisão em Berlim Ocidental. Temos de estar preparados para qualquer eventualidade. Outra coisa: se ficar comprovado que eles são os assassinos de Ivanenko, diga a mim e não ao *Politburo*. Vamos eliminá-los primeiro e depois informar nossos camaradas.

Petrov engoliu em seco. Enganar o *Politburo* era o maior perigo que podia haver na União Soviética. Bastava uma escorregadela e não haveria por baixo uma rede de segurança. Recordou-se do que Rudin lhe dissera diante do fogo, em Usovo, há duas semanas. Com o *Politburo* empatado em seis a seis, Ivanenko morto e dois homens do lado deles prestes a mudar de posição, não restava mais nenhum trunfo.

— Está certo — murmurou Petrov.

O Chanceler da Alemanha Ocidental, Dietrich Busch, recebeu seu Ministro da Justiça no gabinete particular no prédio da Chancelaria, próximo do antigo Palácio Schaumberg, pouco depois da metade do mês. O Chefe do Governo da Alemanha Ocidental estava de pé diante da moderna janela panorâmica, contemplando a neve lá fora.

No interior do novo e moderno quartel-general do governo, dando para a Praça da Chancelaria Federal, a temperatura era quente o bastante para se ficar em mangas de camisa. Nada do janeiro inclemente e gelado da cidade à beira do rio penetrava na sala.

— Como está indo esse caso de Mishkin e Lazareff? — perguntou Busch.

— É um caso muito estranho — comentou o Ministro da Justiça, Ludwig Fischer. — Eles estão se mostrando mais cooperativos do que se poderia esperar. Parecem ansiosos em terem um julgamento rápido, sem qualquer protelação.

— Acho ótimo — disse o Chanceler. — É exatamente o que estamos querendo. Que o caso seja resolvido rapidamente. Quanto mais depressa o problema estiver liquidado, melhor será. De que maneira eles estão cooperando?

— Ofereceram aos dois um advogado de renome, da extrema direita. Pago com fundos de contribuições, possivelmente alemãs, talvez

da Liga de Defesa Judia da América. Mas eles recusaram. O advogado queria transformar o julgamento num grande espetáculo, com amplos detalhes sobre o terror do KGB contra os judeus na Ucrânia.

— Um advogado de extrema direita estava querendo isso?

— É o velho esquema do tudo que cai na rede é peixe. Abaixo os russos, etc, etc. Seja como for, Mishkin e Lazareff querem fazer uma confissão de culpa e alegar circunstâncias atenuantes. Insistem nisso. Se o fizerem e alegarem que a arma disparou por acidente, quando o avião bateu na pista em Schoenefeld, terão uma defesa parcial. O novo advogado deles está pedindo para que a acusação de homicídio em primeiro grau seja reduzida para homicídio culposo, em troca da admissão de culpa.

— Acho que podemos concordar com isso — disse o Chanceler. — Qual a pena que eles pegariam?

— Com o sequestro, eles devem pegar de quinze a vinte anos. É claro que podem ser libertados condicionalmente depois de um terço da pena. São jovens, ambos têm vinte e poucos anos. Poderiam estar livres com seus trinta anos.

— Isso é um problema para daqui a cinco anos — resmungou Busch. — O que me está preocupando são os próximos cinco meses. O mundo tem a memória fraca. Dentro de cinco anos, eles estarão esquecidos, completamente arquivados.

— Pois eles estão dispostos a admitir tudo, insistindo apenas que a arma disparou por acidente. Afirmam que queriam apenas chegar a Israel da única maneira que conheciam. Vão declarar-se culpados no julgamento, desde que a acusação seja de homicídio culposo.

— Pois então vamos aceitar o acordo — decidiu o Chanceler. — Os russos não vão gostar, mas isso não vai fazer muita diferença. Eles pegariam prisão perpétua por homicídio em primeiro grau, mas essa pena atualmente não vai além de vinte anos.

— Há outro problema. Depois do julgamento, eles querem ser transferidos para uma prisão na Alemanha Ocidental.

— Por quê?

— Parecem estar aterrorizados com a vingança do KGB. Acham que estarão mais seguros na Alemanha Ocidental do que em Berlim Ocidental.

— Isso é bobagem — declarou Busch. — Eles serão julgados e ficarão presos em Berlim Ocidental. Os russos não sonhariam em acertar as contas dentro de uma prisão de Berlim. Jamais se atreveriam. Mesmo assim, podemos providenciar uma transferência administrativa dentro de

um ano mais ou menos. Mas não por enquanto. Cuide de tudo, Ludwig. Providencie para que o caso seja resolvido de maneira rápida e satisfatória, se eles quiserem cooperar. O importante é tirar a imprensa de cima de mim antes das eleições... e também o Embaixador russo.

Em Chita, o sol da manhã faiscava no convés do *Freya*, há dois meses e meio parado junto ao cais de aprestamento. Nesses 75 dias, o navio fora consideravelmente transformado. Dia e noite, ficara dócil, enquanto as minúsculas criaturas que o haviam construído enxameavam por todos os seus cantos. Centenas de quilômetros de fios haviam sido estendidos por todo o comprimento e largura, assim como cabos, tubos, condutos. As redes elétricas labirínticas haviam sido instaladas, ligadas e testadas, o sistema de bombas incrivelmente complexo fora completado e devidamente experimentado.

Os instrumentos ligados a computadores, que iriam encher e esvaziar os porões, impelir o navio para a frente ou fazê-lo parar, mantê-lo em qualquer direção da bússola por semanas a fio, sem que qualquer mão humana segurasse o leme, e observar as estrelas acima e o mar abaixo foram também instalados e testados.

As despensas e os frigoríficos, com capacidade de armazenar alimentos para sustentar a tripulação por muitos meses, ficaram prontos. E estavam também instalados os móveis, maçanetas das portas, lâmpadas, banheiros, fogões da cozinha, sistema de aquecimento central, ar-condicionado, cinema, sauna, três bares, dois refeitórios, camas, beliches, tapetes e cabides para roupas.

A superestrutura de cinco andares fora transformada de um buraco vazio num hotel de luxo; a ponte de comando, sala de rádio e sala de computadores passaram de imensas galerias vazias para um complexo a zumbir de bancos de dados, calculadoras e sistemas de controle.

Quando o último operário finalmente pegou suas ferramentas e deixou o navio, o que havia era o máximo que a tecnologia humana já fizera flutuar sobre as águas, em termos de tamanho, potência, capacidade, luxo e refinamento técnico.

O resto da tripulação chegara de avião 14 dias antes, a fim de se familiarizar com o navio. A tripulação era formada pelo comandante, Thor Larsen, um primeiro-oficial, segundo-imediato e terceiro-imediato; o engenheiro-chefe, que comandava a casa de máquinas, primeiro-maquinista, segundo-maquinista e engenheiro-elétrico. O operador de rádio e o comissário também eram oficiais. Outros 20 homens completavam a tripulação: primeiro-cozinheiro, quatro taifeiros, três

bombeiros-mecânicos da casa de máquinas, um eletricista-mecânico da casa de máquinas, 10 marinheiros de primeira classe de convés e um operador das bombas.

Duas semanas antes da data marcada para o navio zarpar, os rebocadores levaram-no do cais de aprestamento para o meio da Baía de Ise. Ali, os dois grandes hélices entraram em movimento, impulsionando o imenso petroleiro para testes no Pacífico. Para os oficiais e tripulação, assim como para a dúzia de técnicos japoneses que foram junto, aquelas duas semanas seriam de trabalho árduo e extenuante, testando-se todos os sistemas em cada situação conhecida ou possível.

Mais de 170.000.000 de dólares americanos estavam saindo da baía naquela manhã e os navios menores, ao largo de Nagoya, ficaram observando o gigante passar, impressionados.

Vinte quilômetros além de Moscou fica a aldeia turística de Archangelskoye, contando até com museu e restaurante gastronômico, famoso pelos autênticos bifes de urso. Na última semana daquele gelado mês de janeiro, Adam Munro reservara ali uma mesa para si e para uma secretária da Embaixada britânica.

Ele sempre variava as secretárias que levava para jantar, a fim de que nenhuma delas reparasse em algo que não devia. E se a jovem esperançosa de uma noite maravilhosa não entendia por que ele decidia guiar grandes distâncias por estradas congeladas, em temperaturas de até 15°C abaixo de zero, não fazia qualquer comentário.

O restaurante, de qualquer forma, era quente e aconchegante. Quando Munro pediu licença para ir buscar o cigarro que deixara no carro, a jovem daquela noite não desconfiou de nada. No estacionamento, ele estremeceu quando o vento gelado o envolveu, encaminhando-se apressadamente para o lugar em que faróis brilharam rapidamente na escuridão.

Ele entrou no carro, sentou-se ao lado de Valentina, abraçou-a e beijou-a.

— Detesto pensar que você está lá dentro com outra mulher, Adam — sussurrou ela, aconchegando-se a ele.

— Ela nada representa para mim, não tem a menor importância. Não passa de um pretexto para que eu possa vir jantar aqui sem que ninguém desconfie de nada. Tenho notícias para você.

— Sobre nós?

— Exatamente. Perguntei a meus superiores se ajudariam você a deixar a União Soviética. Eles concordaram. Já há inclusive um plano.

Conhece o porto de Constantza, na costa romena?

Valentina sacudiu a cabeça.

— Já ouvi falar, mas nunca estive lá. Sempre passo as férias na costa soviética do Mar Negro.

— Poderia tirar umas férias em Constantza, junto com Sacha?

— Acho que sim. De um modo geral, posso passar as férias onde quiser. A Romênia pertence ao bloco socialista. Não deve haver problemas.

— Quando serão suspensas as aulas de Sacha para as férias da primavera?

— Acho que nos últimos dias de março. Isso é muito importante?

— Tem de ser em meados de abril. O plano é recolhê-la num cargueiro ao largo de Constantza. Iriam buscá-la na praia numa lancha. Pode dar um jeito de tirar as férias da primavera com Sacha em Constantza ou nas proximidades da praia de Mamaia?

— Tentarei, Adam, pode estar certo de que farei tudo o que for possível. Em meados de abril. Oh, Adam parece tão perto!

— E está mesmo perto, meu amor. Faltam menos de noventa dias. Tenha mais um pouco de paciência, como tenho tido, e conseguiremos. Vamos começar vida nova.

Cinco minutos depois, Valentina entregou-lhe a transcrição da reunião do *Politburo* no início de janeiro e depois partiu em seu carro pela noite escura. Munro ajeitou os papéis na cintura, por baixo da camisa e do casaco, voltando para o calor do restaurante de Archangelskoye.

Desta vez, prometeu a si mesmo, enquanto conversava polidamente com a secretária, que não haveria erros, não haveria obstáculos não a deixaria partir, como acontecera em 1961. Desta vez, os dois ficariam juntos para sempre.

Edwin Campbell recostou-se na cadeira, diante da mesa georgiana na grande sala de conferência em *Castletown House*, e olhou para o Professor Sokolov. O último ponto da agenda fora discutido, a última concessão arrancada. Do salão de jantar lá embaixo, um mensageiro viera informar que a conferência secundária correspondera às concessões no andar superior com barganhas comercias dos Estados Unidos para a União Soviética.

— Acho que terminamos, amigo Ivan — disse Campbell. — não creio que possamos fazer mais nada neste estágio.

O russo levantou os olhos dos papéis à sua frente, suas próprias anotações, em caracteres cirílicos. Por mais de 100 dias, ele lutara com

unhas e dentes para garantir a seu país as tonelagens de cereais que poderiam salvá-lo do desastre, ao mesmo tempo em que mantinha o máximo nos níveis de armamentos, do Espaço Interior à Europa Oriental. Ele sabia que tivera de fazer concessões que seriam inadmissíveis quatro anos antes, em Genebra. Mas fizera o melhor possível, dentro do prazo exíguo de que dispunha para as negociações.

— Acho que tem razão, Edwin. Vamos preparar o esboço do tratado de redução de armamentos para nossos respectivos governos

— E vamos, também, preparar o protocolo comercial — disse Campbell. — Creio que eles também vão querê-lo.

Sokolov permitiu-se um sorriso.

— Tenho certeza de que também vão querer isso... e muito.

No decorrer da semana seguinte, as duas delegações de intérpretes e estenógrafos elaboraram os esboços do tratado e do protocolo comercial. Ocasionalmente, os dois principais negociadores eram chamados para esclarecer algum ponto específico. De um modo geral porém, a transcrição e tradução ficaram aos cuidados dos assessores. Quando os dois volumosos documentos, ambos em duplicata, finalmente ficaram prontos, os dois chefes das delegações partiram para suas respectivas capitais, a fim de apresentá-los a seus superiores.

Andrew Drake largou a revista e recostou-se na poltrona.

— Fico pensando...

— Em quê? — indagou Krim, entrando na pequena sala de estar com três canecas cheias de café.

Drake pegou a revista e estendeu-a para o tártaro, dizendo:

— Leia o primeiro artigo.

Krim leu em silêncio, enquanto Drake tomava lentamente café. Kaminsky olhava de um para outro, curioso.

— Acho que ficou doido — disse Krim, finalmente.

— Não, não fiquei. Com alguma audácia, pode dar certo. O julgamento de Mishkin e Lazareff vai começar dentro de quinze dias. O resultado é perfeitamente previsível. Podemos seguramente começar a planejar desde agora. Sabemos que vamos ter de fazer alguma coisa de qualquer maneira, se quisermos tirá-los da cadeia. Portanto, vamos logo começar a planejar. Azamat, você não foi pára-quedista no Canadá?

— Fui, sim. Durante cinco anos.

— Fez algum curso sobre explosivos?

— Claro. Demolição e sabotagem. Passei três meses com o corpo de demolições.

— E há alguns anos eu tinha paixão por eletrônica e rádio — disse Drake. — Provavelmente porque meu pai tinha uma oficina de consertos de rádio, antes de morrer. Pode dar certo. Vamos precisar de ajuda, mas podemos conseguir.

— Quantos homens mais? — perguntou Krim.

— Vamos precisar de um homem do lado de fora, só para reconhecer Mishkin e Lazareff quando eles forem libertados. Só pode ser Miroslav Kaminsky. Para o trabalho propriamente dito, nós dois e mais cinco homens para ficarem de guarda.

— Uma coisa dessas nunca foi realizada antes — comentou o tártaro, ainda em dúvida.

— É por isso mesmo é que será totalmente inesperada. E eles estarão despreparados.

— Podemos ser apanhados.

— Não necessariamente. De qualquer forma, não podemos esquecer que o julgamento talvez se transforme na grande sensação da década. E com Mishkin e Lazareff livres em Israel, metade do mundo ocidental iria aplaudir. O problema de uma Ucrânia livre seria levantado em todos os jornais e revistas fora do bloco soviético.

— Conhece mais cinco homens que poderiam participar?

— Há anos que venho colecionando nomes — disse Drake.

— Homens que já estão cansados de apenas falar. Se soubessem o que já fizemos, tenho certeza de que iriam aderir sem a menor hesitação. Posso arrumar os cinco homens de que precisamos antes do final do mês.

— Está certo — disse Krim. — Se começamos, vamos agora até o fim. Para onde quer que eu vá?

— Para a Bélgica. Quero um apartamento grande em Bruxelas. Reuniremos os homens lá e transformaremos o apartamento em base de operações.

Enquanto Drake falava, no outro lado do mundo o Sol se erguia sobre China e o estaleiro da Ishikawajima-Harima. O Freya estava parado ao lado do cais de aprestamento, as máquinas pulsando.

No dia anterior, houvera uma longa reunião no gabinete do presidente da Ishikawajima-Harima, com a presença dos superintendentes das duas companhias, os respectivos diretores financeiros, Harry Wennerstrom e Thor Larsen. Os dois técnicos concordaram que todos os sistemas do gigantesco petroleiro estavam em perfeitas condições de funcionamento. Wennerstrom assinara o primeiro documento de liberação, reconhecendo que o Freya era tudo por que pagara.

Na verdade, ele pagara 5% no ato da assinatura do contrato de construção, 5% por ocasião da cerimônia de conclusão da quilha, 5% quando o navio flutuara e 5% na entrega oficial. Os restantes 80% mais os juros seriam pagos ao longo dos oito anos subsequentes. Mas para todos os efeitos e propósitos, o navio já lhe pertencia. A bandeira do estaleiro fora formalmente baixada e o emblema da Linha Nordia, um capacete viking prateado sobre fundo azul, tremulava agora no mastro principal, enfunado pela brisa da manhã.

Na ponte de comando, muito acima da vasta extensão do convés, Harry Wennerstrom puxou Thor Larsen pelo braço, levando-o para a sala de rádio e fechando a porta. Com a porta fechada, a sala era inteiramente à prova de som.

— Ele é todo seu, Thor — disse Wennerstrom. — Por falar nisso, houve uma pequena alteração no plano para sua chegada à Europa. Não vou descarregá-lo ao largo. Não na viagem inaugural. Só desta vez, vai entrar com o navio no Europort, em Rotterdam, plenamente carregado.

Larsen ficou olhando para o patrão, em silêncio, aturdido e incrédulo. Ele sabia perfeitamente que os ULCCs plenamente carregados jamais entravam nos portos. Ficavam ao largo e descarregavam pelo menos metade de sua carga para outros petroleiros menores, a fim de reduzir o calado em águas rasas. Ou então atracavam em “ilhas marítimas”, redes de tubulações com uma base em alto-mar, de onde o petróleo podia ser bombeado para a praia. A ideia de uma namorada em cada porto era uma piada de mau gosto para os tripulantes dos superpetroleiros; muitas vezes, eles não atracavam perto de cidade nenhuma ano após ano e os tripulantes eram retirados de helicóptero para suas licenças periódicas. Era por isso que os alojamentos da tripulação tinham de oferecer o que havia de melhor.

— As autoridades do Canal da Mancha não vão permitir nossa passagem — comentou Larsen.

— Você não vai passar pelo Canal. Vai seguir pelo oeste da Irlanda, oeste das Hébridas, norte de Pentland, entre as Orkneys e as Shetlands, depois para o sul, pelo Mar do Norte, seguindo o curso de vinte braças, até o ancoradouro de águas profundas que ali existe, de onde os pilotos o levarão pelo canal principal na direção do Estuário do Maas. Os rebocadores completarão o percurso até Europort.

— O Canal Interior da Bóia K. I. até o Maas não será suficiente para recebê-lo plenamente carregado — protestou Larsen.

— Será, sim — disse Wennerstrom, calmamente. — Dragaram esse canal até trinta e oito metros, durante os últimos quatro anos. Você estará com um calado de trinta e três metros. Thor, se me pedissem para indicar qualquer marujo do mundo que pudesse levar um petroleiro de um milhão de toneladas ao Europort, eu daria seu nome. Não será nada fácil, mas deixe-me ter esse último triunfo. Quero que o mundo todo veja o meu *Freya*, Thor. Todos estarão à espera. O Governo holandês, a imprensa mundial. Serão meus convidados e ficarão devidamente impressionados. Se não for assim, ninguém irá vê-lo. *Freya* passará toda a sua vida longe dos olhos de quem estiver em terra.

— Está certo — disse Larsen, lentamente. — Só desta vez. Tenho certeza de que estarei dez anos mais velho quando terminar essa viagem.

Wennerstrom sorriu como um garotinho.

— Não consigo esperar o momento em que todos o verão! A primeiro de abril. Até Rotterdam, Thor Larsen.

Dez minutos depois, ele já havia partido. Ao meio-dia, com os operários japoneses agrupados no cais para saudar a partida, o gigantesco *Freya* afastou-se da praia e seguiu para a entrada da baía. Às duas horas da tarde do dia 2 de fevereiro saiu de novo para o Pacífico e virou a proa para o sul, na direção das Filipinas, Bornéu e Sumatra, no princípio de sua viagem inaugural.

No dia 10 de fevereiro, o *Politburo* reuniu-se em Moscou para analisar, aprovar ou rejeitar o esboço do tratado e o protocolo comercial negociados em *Castletown*. Rudin e seus partidários sabiam que, se ele conseguisse aprovar os termos do tratado naquela reunião, poderia depois fazer com que fosse ratificado e assinado, sem maiores dificuldades, a menos que surgissem problemas inesperados. Yefrem Vishnayev e sua facção de falcões também sabiam disso. A reunião foi prolongada e com discussões excepcionalmente veementes.

Pressupõe-se frequentemente que os estadistas mundiais, mesmo em reuniões particulares, usam uma linguagem moderada e se dirigem cortesmente a seus colegas e conselheiros. Mas não se pode dizer tal coisa de diversos recentes Presidentes dos Estados unidos e é totalmente inverídico em relação às reuniões secretas do *Politburo*. Os palavrões correram à solta. Somente o meticuloso Vishnayev manteve a linguagem comedida, embora seu tom fosse ácido, na medida em que combatia, juntamente com seus aliados, todas as concessões.

Foi o Ministro do Exterior Dmitri Rykov quem terminou de persuadir os membros da facção moderada, ao declarar:

— O que conseguimos ganhar é a venda assegurada, aos preços razoáveis de julho do ano passado, de cinquenta e cinco milhões de toneladas de cereais. Sem isso, estaremos enfrentando o desastre, em escala nacional. E ainda conseguimos obter a aquisição, no valor de três bilhões de dólares, da mais moderna tecnologia em indústrias de bens de consumo,

computadores e produção de petróleo. Assim, podemos superar todos os problemas que nos atormentam há duas décadas e alcançar perfeitas condições de operação dentro de cinco anos.

"Em troca, temos de fazer determinadas concessões mínimas em níveis de armamentos e estados de prontidão, as quais deve-se ressaltar, não irão absolutamente atrapalhar ou retardar nossa capacidade de dominar o Terceiro Mundo e seus recursos de matérias-primas, dentro dos mesmos cinco anos. Do desastre que enfrentávamos em maio último, emergimos triunfantes, graças à liderança inspirada do Camarada Maxim Rudin. Rejeitar o tratado agora nos iria levar de volta à situação de maio, só que bem pior, pois o que resta de nossa colheita de cereais de 1982 estará esgotado dentro de sessenta dias.

Quando o *Politburo* votou os termos do tratado, o que era na verdade uma votação sobre a liderança de Maxim Rudin, o empate de seis a seis permaneceu inalterável. Assim, o voto do Presidente prevaleceu.

— Só há agora uma coisa que pode derrubá-lo — disse Vishnayev incisivamente ao Marechal Kerensky, no carro, quando voltavam para suas casas naquela noite. — A única alternativa agora é algum acontecimento de grandes proporções que consiga afastar um ou dois homens da facção dele, antes de o tratado ser ratificado. Se isso não acontecer, o Comitê Central vai aprovar o tratado por recomendação do *Politburo* e o assunto estará encerrado. Se ao menos pudesse ser provado que aqueles dois malditos judeus de Berlim mataram Ivanenko...

Kerensky não estava tão efusivo e confiante como de hábito, Particularmente, começava a se perguntar se não teria escolhido o lado errado. Três meses antes, tudo indicava que Rudin seria pressionado demais e muito depressa pelos americanos e perderia assim o apoio crucial nas reuniões do *Politburo*. Agora, porém, Kerensky estava irrevogavelmente comprometido com Vishnayev. Não mais haveria maciças manobras soviéticas na Alemanha Oriental dentro de dois meses e ele nada poderia fazer para mudar isso.

— Só mais uma coisa — disse Vishnayev. — Se tivesse aparecido seis meses antes, a luta pelo poder estaria agora terminada. Acabei de ser informado por um contato na clínica de Kuntsevo. Maxim Rudin está morrendo.

— Morrendo? — repetiu o Ministro da Defesa. — Quando?

— Infelizmente, não será cedo o bastante — respondeu o teórico do Partido. — Ele viverá para ratificar e assinar esse tratado, meu amigo. O tempo está se esgotando para nós e não há nada que possamos fazer. Isto é, a menos que o caso de Ivanenko ainda exploda na cara de Rudin.

Enquanto Vishnayev conversava com Kerensky, o Freya passava pelo Estreito de Sunda. A bombordo, ficava o Promontório de Java e a estibordo a massa imensa do Vulcão Krakatoa, erguendo-se muito alto para o céu noturno. Na cabine de comando às escuras, uma bateria de instrumentos debilmente iluminados informava a Thor Larsen e ao oficial de quarto tudo o que precisavam saber. Três sistemas de navegação separados correlacionavam suas verificações no computador, instalado na pequena sala atrás da cabine de comando. Essas verificações eram totalmente acuradas. Leituras constantes da bússola, com uma exatidão a toda prova, eram comparadas com as posições das estrelas lá em cima, inalteráveis e imutáveis. As estrelas artificiais do homem, os satélites meteorológicos, eram também controlados e as informações fornecidas ao computador. Os bancos de memória dispunham de dados sobre marés, ventos, correntezas, níveis de temperatura e umidade. Do computador, mensagens intermináveis eram automaticamente transmitidas para o gigantesco leme, o qual, muito abaixo do gio da popa, reagia com a sensibilidade de um rabo de sardinha.

Acima da cabine de comando, as duas antenas de radar giravam incessantemente, captando sinais de costas, montanhas, navios e bóias, fornecendo tudo ao computador, o qual também processava tais informações, pronto para acionar o mecanismo de alarme, ao primeiro sinal de perigo. Abaixo da superfície, os sonares transmitiam um mapa tridimensional do leito do mar. Na proa, a antena de sonar dianteira esquadrinhava as águas escuras para frente e para baixo, por uma distância de cinco quilômetros. O *Freya* precisaria de 30 minutos para passar de toda a velocidade a frente a uma parada repentina, percorrendo nesse período três a quatro quilômetros. Era tão grande que não podia ser parado de um momento para outro.

Antes do amanhecer, o *Freya* deixou para trás o Estreito de Sunda e os computadores viraram-no para noroeste, ao longo de um curso de 100 braças, passando ao sul do Ceilão para chegar ao Mar da Arábia.

Dois dias depois, a 12 de fevereiro, oito homens se reuniram no apartamento que Azamat Krim alugara num subúrbio de Bruxelas. Os cinco novos membros do grupo haviam sido convocados por Drake, que há muito tempo os descobrira, encontrara e conversara com eles pela noite afora, antes de chegar à conclusão de que também partilhavam seu sonho de desfechar um golpe poderoso contra Moscou. Dois dos cinco eram ucranianos nascidos na Alemanha, membros da grande comunidade ucraniana na República Federal. Outro era americano, de Nova York, também filho de pai ucraniano. Os outros dois eram ucranianos nascidos na Inglaterra.

Depois que souberam o que Mishkin e Lazareff haviam feito com o chefe do KGB, houve uma profusão de comentários excitados. Ninguém discordou quando Drake declarou que a operação não estaria completa enquanto os dois judeus ucranianos não fossem libertados. Conversaram pela noite afora. Ao amanhecer, haviam-se dividido em quatro grupos de dois homens cada.

Drake e Kaminsky voltariam para a Inglaterra e comprariam o equipamento eletrônico necessário que Drake calculava que iria precisar. Um dos alemães partiria com um dos ingleses para a Alemanha, a fim de obterem os explosivos de que iriam necessitar. O outro alemão, que tinha contatos em Paris, seguiria para lá com o outro inglês, a fim de encontrarem e comprarem ou roubarem as armas necessárias. Azamat Krim e o americano iriam procurar uma lancha. O americano, que trabalhara num estaleiro de lanchas e iates no Estado de Nova York, era um profundo conhecedor do assunto.

Oito dias depois, no tribunal fortemente guardado junto à Penitenciária de Moabit, em Berlim Ocidental, começou o julgamento de Mishkin e Lazareff. Os dois homens estavam silenciosos e abatidos no banco dos réus, escutando as acusações, cercados por muralhas concêntricas de segurança, começando pelos emaranhados de arame farpado no alto dos muros do perímetro e prolongando-se até os guardas armados espalhados por toda a sala do tribunal. As acusações foram lidas em 10 minutos. Houve um murmúrio de espanto nas bancadas apinhadas da imprensa quando os dois se declararam culpados de todas as acusações. O promotor público se levantou para começar seu relato dos acontecimentos trágicos da véspera do Ano Novo. Quando terminou, os juízes suspenderam a sessão para discutir a sentença.

O *Freya* deslocava-se lenta e serenamente pelo Estreito de Hormuz, entrando no Golfo Pérsico. A brisa amena se transformou, com o nascer do Sol, no terrível vento *shamal*, soprando de nordeste, carregado de areia, tornando o horizonte indistinto e vago. A tripulação conhecia aquela paisagem bastante bem, tendo passado muitas vezes por ali, indo buscar petróleo bruto no Golfo. Eram todos veteranos tripulantes de petroleiros.

Num dos lados do *Freya* as Ilhas Quoin, áridas e estéreis, pelas quais passou a apenas 350 metros de distância; no outro lado, os oficiais na ponte de comando puderam divisar a desolada paisagem lunar da Península de Musandam, com suas montanhas rochosas. O *Freya* estava com um calado pequeno e a profundidade do canal não apresentava problemas. Na volta, carregado de petróleo bruto, seria diferente.

Estaria com o calado mais fundo, avançando lentamente, os olhos dos oficiais fixados no sonar de profundidade, observando o mapa do leito do mar passar poucos metros abaixo da parte inferior da quilha.

O navio ainda estava navegando com lastro, como vinha fazendo desde a partida de Chita. Possuía 60 tanques ou porões gigantescos, em linhas de três, num total de 20, da proa à popa. Um deles era o tanque de despejos, sendo usado somente para isso. Outros nove eram tanques permanentes de lastro, sendo usados apenas para conter água do mar, proporporcionando estabilidade ao navio quando não estivesse levando carga alguma.

Mas os demais 50 tanques destinados a transportar petróleo bruto eram suficientes. Cada um tinha capacidade para 20.000 toneladas de petróleo bruto. E foi com uma confiança absoluta em sua invulnerabilidade aos acidentes da poluição e petróleo que o *Freya* encaminhou-se para Abu Dhabi, a fim de receber sua primeira carga.

Há um bar modesto na Rua Miollin, em Paris, no qual se costuma reunir a arraia-miúda do mundo dos mercenários e traficantes de armas, para tomar um drinque e trocar informações. Foi para lá que o germano-ucraniano e seu colega inglês foram levados pelo contato francês do primeiro.

Houve várias horas de negociações em voz baixa entre o francês e um amigo seu, também francês. Finalmente, o contato foi falar com os dois ucranianos.

— Meu amigo diz que é possível — informou ele ao ucraniano da Alemanha. — Quinhentos dólares cada. Dólares americanos. Dinheiro vivo. Está incluído um pente de balas para cada unidade.

— Aceitaremos, se ele acrescentar uma pistola com um pente de balas — disse o homem da Alemanha.

Três horas depois, na garagem de uma casa particular perto de Neuilly, seis submetralhadoras e uma automática MAB de 9 mm foram envoltas em mantas e guardadas na mala do carro dos ucranianos. O dinheiro trocou de mãos. Em 12 horas, pouco antes da meia-noite de 24 de fevereiro, os dois homens chegaram ao apartamento em Bruxelas e guardaram as armas no fundo do armário.

Enquanto o Sol subia pelo céu, a 25 de fevereiro, o *Freya* passava de volta pelo Estreito de Hormuz. Na ponte de comando, houve um suspiro de alívio quando os oficiais, olhando para o sonar de profundidade, viram o leito do mar baixar bruscamente à frente, para as profundezas do oceano. No mostrador digital, os números passaram rapidamente de 20 para 100 braças. O *Freya* voltou rapidamente a sua velocidade de carga cheia de 15 nós, enquanto seguia para sudeste, retornando ao Golfo de Omã.

Estava agora carregado, fazendo aquilo para o qual fora projetado e construído: transportar 1.000.000 de toneladas de petróleo bruto para as sedentas refinarias da Europa e os milhões de carros particulares que iriam bebê-lo. O calado estava agora com os 33 metros previstos e os mecanismos de alarme haviam absorvido a informação e sabiam perfeitamente o que fazer, se por acaso o leito do mar alguma vez se aproximasse perto demais.

Os nove tanques de lastro estavam agora vazios, servindo como tanques de flutuação. Na proa, a primeira fileira de três tanques continha um tanque repleto de petróleo a bombordo e estibordo com o tanque único de despejos no meio. A fileira seguinte era de três tanques vazios de lastro. A segunda fileira de três tanques de lastro ficava no meio do navio e a terceira estava na base da superestrutura de cinco andares. Lá no alto, o Comandante Thor Larsen entregou o *Freya* ao oficial de quarto e desceu para seu luxuoso camarote, a fim de comer alguma coisa e depois dormir um pouco.

Na manhã de 26 de fevereiro, depois de um adiamento de vários dias, o juiz presidindo o julgamento no tribunal da penitenciária de alta segurança de Moabit, em Berlim Ocidental, começou a ler suas próprias conclusões e as de seus dois colegas. Levou várias horas para terminar.

No banco dos réus, Mishkin e Lazareff ficaram ouvindo impassivelmente. De vez em quando, tomavam um gole de água, dos copos colocados nas mesas à frente de ambos. Estavam sendo atentamente observados pelos representantes da imprensa internacional, o mesmo acontecendo com os juízes. Mas um jornalista, representante de uma revista mensal alemã de esquerda, parecia mais interessado nos copos de que eles bebiam do que nos réus propriamente ditos.

O tribunal suspendeu a sessão para o almoço. Quando os trabalhos recomeçaram, o jornalista não se encontrava em seu lugar. Estava telefonando de uma das cabines no lado de fora da sala do tribunal. Pouco depois das três horas da tarde, o juiz presidindo o julgamento chegou ao final da leitura do relatório e preparou-se para apresentar a sentença. Os réus receberam ordens de ficar de pé e ouviram em silêncio a condenação a 15 anos de prisão.

Foram levados da sala do tribunal, para começar a cumprir a pena na Penitenciária de Tegel, na parte norte da cidade. Minutos depois, a sala do tribunal estava vazia. As faxineiras entraram em ação, esvaziando as cestas cheias de papéis, recolhendo garrafas e copos. Uma faxineira de meia-idade incumbiu-se de limpar o recinto em que tinham ficado os dois condenados. Sem que suas colegas percebessem, ela pegou os dois copos usados pelos prisioneiros e envolveu-os com flanelas, guardando-os em sua sacola, por baixo dos invólucros vazios de sanduíches. Ninguém percebeu nem se importou.

No último dia do mês, Vassili Petrov solicitou e conseguiu uma audiência particular com Maxim Rudin, nos aposentos do último no Kremlin.

— Mishkin e Lazareff — ele foi logo dizendo, sem qualquer preâmbulo.

— O que há com eles? Foram condenados a quinze anos de prisão. Deveriam ter enfrentado o pelotão de fuzilamento.

— Uma de nossas agentes em Berlim Ocidental conseguiu pegar os copos que eles usaram para beber água durante o julgamento. A impressão palmar de um deles confere com a impressão que foi encontrada no carro usado para o atropelamento em Kiev em outubro.

— Então foram mesmo eles — murmurou Rudin, sombriamente. — Mas que diabo! Tem de acabar com eles, Vassili. Liquide-os, o mais depressa que puder. Entregue o problema a Casos Molhados.

O KGB, vasto e complexo em suas atribuições e organização, consiste basicamente de quatro Diretorias Principais, sete Diretorias Independentes e seis Departamentos Independentes.

As quatro Diretorias Principais abrangem o grosso das atividades do KGB. Uma delas, a Primeira, cuida exclusivamente das atividades clandestinas fora da União Soviética.

No fundo dessa Diretoria, há uma seção conhecida simplesmente como Departamento V ou Departamento de Ação Executiva. É a seção que o KGB mais gostaria de manter oculta do resto do mundo, dentro e fora da União Soviética. Pois suas tarefas incluem sabotagem, extorsão, sequestro e assassinato. Dentro do jargão do próprio KGB, geralmente é conhecida por outro nome: o departamento de *mokrie dyela* ou "casos molhados", assim chamada porque suas operações, não tão raramente como se poderia pensar, envolvem a possibilidade de alguém ficar todo molhado de sangue. Foi a esse Departamento V da Primeira Diretoria Principal do KGB que Maxim Rudin determinou que Vassili Petrov entregasse a missão de eliminar Mishkin e Lazareff.

— Já pensei nisso — disse Petrov. — Minha ideia é entregar o problema ao Coronel Kukushkin, o chefe de segurança de Ivanenko. Ele tem uma razão pessoal para ter êxito na missão: salvar a própria pele, além de vingar Ivanenko e sua própria humilhação. Já serviu algum tempo em Casos Molhados, há dez anos. E inevitavelmente está a par do segredo do que aconteceu na Rua Rosa de Luxemburgo, pois estava presente. E fala alemão. Ele se reportaria apenas ao General, Abrassov ou a mim.

Rudin assentiu, com uma expressão sombria.

— Está certo. Pode encarregá-lo da missão. Ele pode escolher os homens que desejar. Abrassov lhe dará todos os recursos de que precisar. A razão ostensiva será a vingança da morte do Comandante Rudenko. E é bom ele ter êxito logo na primeira tentativa, Vassili. Se tentar e fracassar, Mishkin e Lazareff podem revelar o que sabem. Depois de uma tentativa malograda de matá-los alguém pode acreditar neles. Vishnayev certamente acreditaria e você sabe perfeitamente o que isso significaria.

— Claro que sei — murmurou Petrov. — Mas ele não vai fracassar. E se encarregará da eliminação pessoalmente.

10

— É o melhor que vamos conseguir, Sr. Presidente — disse o Secretário de Estado David Lawrence. — Pessoalmente, creio que Edwin Campbell se saiu muito bem em *Castletown*.

Sentados diante da mesa do Presidente dos Estados Unidos, no Gabinete Oval, estavam ainda os Secretários da Defesa e do Tesouro, Stanislaw Poklewski, e Robert Benson, da CIA. Além das janelas francesas, o jardim das rosas estava sendo fustigado por um vento frio. A neve já tinha acabado, mas aquele 19 de março estava desolado e sombrio.

O Presidente William Matthews pôs a mão sobre a pasta volumosa a sua frente, o esboço de acordo arrancado das conversações de *Castletown*.

— Uma parte considerável é técnica demais para mim — confessou ele. — Mas o sumário do Departamento de Defesa me impressiona. Para mim, a situação é a seguinte: se rejeitarmos agora, depois que o *Politburo* soviético já aceitou, não haverá renegociação. Além do mais, a questão da entrega de cereais se tornará acadêmica para a Rússia dentro de três meses. A essa altura, eles já estarão passando fome e Rudin terá caído. Yefrem Vishnayev terá a sua guerra. Certo?

— É o que parece ser a conclusão inevitável — disse David Lawrence.

— E o que me diz do outro lado, as concessões que fizemos? — indagou o Presidente.

— O protocolo comercial secreto, no documento em separado — disse o Secretário do Tesouro — exige que entreguemos cinquenta e cinco milhões de toneladas de cereais diversos aos custos de produção, e tecnologia de petróleo, indústrias de bens de consumo e computadores, bastante subsidiados, no valor de quase três bilhões de dólares. Mas, por outro lado, as consideráveis reduções de armamentos devem permitir-nos recuperar isso e muito mais, pela redução dos gastos com a defesa.

— Se os soviéticos cumprirem suas promessas — apressou-se em dizer o Secretário da Defesa.

Lawrence reagiu prontamente:

— Mas se cumprirem e temos de acreditar que o farão, pelos cálculos dos seus próprios *experts* não poderiam desfechar uma guerra bem-sucedida na Europa, convencional ou nuclear tática, pelo menos por cinco anos.

O Presidente Matthews sabia que as eleições presidenciais de novembro próximo não veriam sua candidatura. Mas se pudesse retirar-se do cargo, em janeiro seguinte deixando a paz, mesmo que fosse por meia década, e suspensa a onerosa corrida armamentista dos anos 70, teria seu lugar entre os grandes Presidentes dos Estados Unidos. E queria isso mais do que qualquer outra coisa naquela primavera de 1983.

— Senhores, temos de aprovar este tratado como está — declarou ele. — David, comunique a Moscou que também concordamos com os termos e proponha que nossos negociadores voltem a se reunir em *Castletown*, a fim de elaborar o tratado formal que vai ser assinado. Enquanto isso, permitiremos que sejam carregados os navios de cereais, ficando prontos para zarpar no dia da assinatura do acordo. Isso é tudo.

No dia 3 de março, Azamat Krim e seu colaborador ucraniano-americano fecharam o negócio que lhes valeu a aquisição de uma lancha resistente e de grande potência. Era o tipo de embarcação bastante apreciada pelos pescadores de alto-mar das costas britânicas e europeias do Mar do Norte, com casco de aço, 40 pés de comprimento, resistente e de segunda mão. O registro era belga e eles a encontraram perto de Ostend.

Na frente, tinha uma cabine cujo teto se estendia por um terço do comprimento. Uma escada levava para uma pequena área de repouso lá embaixo, com quatro apertados beliches, um banheiro minúsculo e um fogão com bujão de gás. Além da antepara posterior da cabine, a lancha era aberta à ação dos elementos. Abaixo do convés, havia um poderoso motor, capaz de levar e trazer a lancha pelo revolto Mar do Norte até os bons pesqueiros da região.

Krim e seu companheiro levaram-na de Ostend para Blankenberge, mais ao norte da costa belga. Depois de atracada no ancoradouro de embarcações particulares, a lancha não atraía qualquer atenção. A primavera sempre trazia os ousados pescadores de alto-mar para as costas, com seus barcos e apetrechos de pesca. O americano decidiu ficar a bordo, enquanto trabalhava no motor. Krim voltou para Bruxelas, descobrindo

que Andrew Drake transformara a mesa da cozinha em bancada de trabalho e estava totalmente absorvido em seus preparativos.

Pela terceira vez em sua viagem inaugural, o *Freya* atravessou a linha do Equador e a 7 de março entrou no Canal de Moçambique, no curso sul-sudoeste, a caminho do Cabo da Boa Esperança. Ainda estava seguindo um curso de 100 braças, deixando uma margem de 200 metros de oceano abaixo da quilha. Tal curso afastava o navio para alto-mar, longe das principais rotas de navegação. Desde a saída do Golfo de Omã que a tripulação não avistava terra. Mas na tarde do dia 7 passaram perto das Ilhas Comoro, ao norte do Canal de Moçambique. A tripulação, aproveitando os ventos e ondas moderados para passear pelo convés de proa, com mais de 400 metros de comprimento, ou para descansar junto à piscina no convés "C", pôde avistar a estibordo a Ilha Grande Comoro, o pico da montanha coberta de mata a se esconder nas nuvens, a fumaça do mato ardendo nos flancos pairando sobre as águas esverdeadas. Ao cair da noite, o céu estava nublado e soprava um vento de tempestade. À frente do *Freya*, estava o mar revolto do Cabo da Boa Esperança e a etapa final da viagem inaugural, para o norte, até a Europa e uma recepção festiva.

No dia seguinte, Moscou respondeu formalmente à proposta do Presidente dos Estados Unidos, acolhendo com satisfação a aceitação dos termos do esboço do tratado e concordando que os principais negociadores de *Castletown* voltassem a se reunir, para elaborar a redação definitiva do tratado, em contato permanente com os respectivos governos.

A maior parte da frota mercante soviética, a *Sovfracht,* juntamente com inúmeros outros navios fretados pela União Soviética, já partira para os portos da Costa Leste da América do Norte, a convite do Governo americano, a fim de receber suas cargas de cereais. Em Moscou, estavam surgindo as primeiras informações de quantidades excessivas de carne aparecendo nos mercados rurais, indicando que o abate dos rebanhos já começara, mesmo nas fazendas do Estado e coletivas, onde estava proibido. As últimas reservas de cereais para alimentação animal e humana estavam acabando.

Em mensagem particular ao Presidente Matthews, Maxim Rudin lamentou que, por motivos de saúde, não poderia assinar pessoalmente o tratado, em nome da União Soviética, a menos que a cerimônia fosse realizada em Moscou. Assim, ele propôs uma assinatura formal pelos respectivos Ministros do Exterior, em Dublin, a 10 de abril.

Os ventos do Cabo da Boa Esperança estavam infernais. O verão sul-africano terminara e os ventos de tempestade sopravam do Antártico e iam açoitar Table Mountain. A 12 de março, o *Freya* estava bem no meio das Correntes Agulhas, avançou para oeste pelo revolto mar verde, aparando as ventanias de sudoeste no costado de bombordo.

Fazia um frio terrível no convés, mas não havia ninguém lá fora. O Comandante Thor Larsen estava na cabine de comando, com seus dois oficiais de quarto, o timoneiro, o oficial de rádio e mais dois homens, todos em mangas de camisa. Aquecidos, seguros, resguardados pela aura envolvente da invencível tecnologia do navio, eles olhavam para a frente, e podiam ver que ondas de 15 metros de altura, impelidas pelo vendaval que soprava de sudoeste, erguiam-se acima do costado de bombordo do Freya, pairavam por um momento e depois desabavam violentamente sobre o gigantesco convés, ocultando por um momento os incontáveis canos e válvulas num turbilhão de espuma branca. Enquanto as ondas desabavam, só dava para se divisar o castelo de proa, lá na frente, parecendo uma entidade separada. Quando a espuma recuava, derrotada, deslizando pelos embornais, o Freya sacudia-se todo e arremetia bravamente contra outra montanha de água. Trinta metros abaixo dos homens na cabine de comando, máquinas de 90.000 cavalos de força impeliam 1.000.000 de toneladas de petróleo bruto por mais alguns metros na direção de Rotterdam. Lá em cima, os albatrozes do Cabo da Boa Esperança sobrevoavam o navio, seus gritos não penetrando pelo *plexiglass* da cabine de comando. Um dos taifeiros estava servindo café.

Dois dias depois, na segunda-feira, 14 de março, Adam Munro saiu de carro do pátio da Seção Comercial da Embaixada britânica e virou à direita, na Kutuzovsky Prospekt, a caminho do centro da cidade. Seu destino era o prédio principal da embaixada, atendendo a uma convocação do Chefe da Chancelaria. O telefonema, certamente escutado pelo KGB, aludira ao esclarecimento de pequenos detalhes sobre a visita de uma delegação comercial que estava para chegar de Londres. Na verdade, significava que havia uma mensagem à espera de Munro na sala de códigos.

A sala de códigos no prédio da embaixada no Dique Maurice Thorez fica no porão, sendo regularmente visitada por “varredores”. que não estão preocupados em tirar a poeira, mas sim em procurar quaisquer artefatos de escuta. Os homens que ali trabalham são diplomatas,

submetidos a constantes verificações de segurança de alto nível. Mesmo assim, há mensagens que chegam com um código especial, indicando que não serão e não podem ser decifradas pelas máquinas normais de decifração. Há uma indicação nessas mensagens para que sejam encaminhadas a um homem em particular, um homem que tem o direito de saber o que contém, pois precisa saber, de vez em quando, como naquele dia, chegava uma mensagem assim para Adam Munro. O homem da sala de códigos a quem foi encaminhada essa mensagem conhecia a verdadeira função de Munro, porque precisava saber; quanto menos não fosse, para protegê-lo dos que não sabiam.

Munro entrou na sala de códigos e o funcionário específico avistou-o imediatamente. Os dois se retiraram para um pequeno anexo, onde o funcionário, um homem preciso e metódico, usando óculos bifocais, tirou uma chave presa no cinto para abrir uma máquina de decifração especial. Ele passou a mensagem de Londres pela máquina, obtendo a tradução. Ele nem a olhou, desviando o rosto enquanto Munro se afastava alguns passos.

Munro leu a mensagem e sorriu. Decorou-a em poucos segundos e colocou-a numa máquina especial, que reduziu o papel fino a fragmentos não muito maiores do que partículas de poeira. Agradeceu ao funcionário e foi embora, dominado por uma alegria intensa. Barry Ferndale informara-o de que, com o tratado russo-americano prestes a ser assinado, *Nightingale* poderia ser retirado da União Soviética, para uma recepção discreta mas extremamente generosa, sendo recolhido na costa da Romênia, perto de Constantza, na semana de 16 a 23 de abril. Havia detalhes adicionais sobre o plano exato do recolhimento. Ferndale pedia-lhe que consultasse *Nightingale* e confirmasse a aceitação e concordância.

Depois de receber a mensagem pessoal de Maxim Rudin o Presidente Matthews comentou com David Lawrence:

— Como se trata de algo mais do que um mero acordo de limitação de armamentos, creio que podemos chamá-lo de tratado. E como parece fadado a ser assinado em Dublin, não resta a menor dúvida de que a história irá chamá-lo de Tratado de Dublin.

Lawrence consultou o Governo da República da Irlanda, que declarou, com uma satisfação mal disfarçada, que teria o maior prazer em ser o anfitrião da cerimônia de assinatura formal do tratado, entre David Lawrence, pelos Estados Unidos, e Dmitri Rykov, Pela União Soviética, no Salão de St. Patrick, no Castelo de Dublin, a 10 de abril.

A 16 de março, o Presidente Matthews respondeu à mensagem de Maxim Rudin, concordando com o local e a data.

Há duas pedreiras bem grandes nas montanhas próximas de Ingolstadt, na Baviera. Na noite de 18 de março, o vigia de uma delas foi atacado e amarrado por quatro homens mascarados, pelo menos um deles armado com uma pistola, conforme contou mais tarde à polícia. Os homens, que pareciam saber exatamente o que estavam procurando, abriram o depósito de dinamite, usando as chaves do vigia noturno, e roubaram 250 quilos de TNT para explodir rochas, além de diversos detonadores elétricos. Eles partiram muito antes do amanhecer. Como o dia seguinte era sábado, 19 de março, já era quase meio-dia quando o vigia noturno todo amarrado foi encontrado e o roubo descoberto. As investigações policiais subsequentes foram intensas. Como os ladrões pareciam ter um amplo conhecimento da pedreira, as investigações concentraram-se em antigos empregados. Só que a polícia estava pensando em ativistas da extrema esquerda. O nome de Klimchuk, que trabalhara na pedreira três anos antes, não atraiu qualquer atenção em particular, pressupondo-se que fosse de origem polonesa. Na verdade, trata-se de um nome ucraniano. Ao cair da noite daquele sábado, os dois carros levando os explosivos haviam voltado a Bruxelas, cruzando a fronteira germano-belga na auto-estrada Aachen/Liege. Os carros não foram detidos, pois o tráfego de fim-de-semana era especialmente intenso.

Ao anoitecer do dia 20, o *Freya* já havia passado pelo Senegal, fazendo um bom tempo desde o Cabo da Boa Esperança, com a ajuda de ventos alísios de sudeste e uma correnteza favorável. Embora ainda fosse cedo para a temporada, já havia europeus em férias nas praias das Ilhas Canárias.

O *Freya* estava muito a oeste das ilhas, mas pouco depois do amanhecer do dia 21, os oficiais na cabine de comando puderam avistar o pico vulcânico do Monte Teide, em Tenerife, a primeira terra que viam desde a costa escarpada do Cabo Province. As montanhas das Canárias logo ficaram para trás. Eles sabiam que, dali por diante, a não ser por uma chance remota de avistarem o cume da Ilha da Madeira, só iriam ver em seguida as luzes de advertência para ficarem ao largo das costas perigosas de Mayo e Donegal, na Irlanda.

Adam Munro teve de esperar impacientemente por uma semana para se encontrar com a mulher a quem amava. Mas não havia a menor possibilidade de entrar em contato com Valentina antes do encontro que haviam previamente combinado, na segunda-feira, dia 21. O local acertado era a Exposição de Realizações Econômicas, cujos 238 hectares de parques misturavam-se com o Jardim Botânico da Academia de Ciência da União Soviética. Ali, num arboreto cercado ao ar livre, Munro encontrou-a a sua espera, pouco antes do meio-dia. Como havia o risco de algum transeunte ver, ele não pôde beijá-la, como sentia vontade de fazer.

Em vez disso, com um excitamento controlado, contou a notícia que recebera de Londres. Valentina ficou exultante.

— Também tenho uma notícia boa para você, Adam. Uma delegação fraternal do Comitê Central vai comparecer ao Congresso do Partido Romeno, na primeira metade de abril. Convidaram-me a acompanhá-la. As aulas de Sacha terminam no dia 29 e partiremos para Bucareste no dia 5 de abril. Depois de 10 dias trabalhando, será perfeitamente normal que eu leve um menino entediado para passar uma semana na praia.

— Neste caso, vou marcar a coisa para a noite de 18 de abril, uma segunda-feira. Isso lhe dará alguns dias em Constantza para conhecer a área. Deve alugar ou tomar emprestado um carro e comprar uma lanterna potente. E agora, Valentina meu amor, vou explicar-lhe os detalhes. Trate de decorar tudo, pois não poderá haver erros.

"Ao norte de Constantza, fica o balneário de Mamaia, que costuma ser frequentado por turistas ocidentais. Saia de carro de Constantza na noite do dia dezoito, seguindo para o norte e passando por Mamaia. Exatamente dez quilômetros ao norte de Mamaia, há um caminho de terra que leva da estrada litorânea até a praia. No promontório que existe ali, vai encontrar uma pequena torre de pedra, com a metade inferior pintada de branco. É um ponto de referência na costa para os pescadores. Deixe o carro longe da estrada e desça pelo penhasco até a praia. Às duas horas da madrugada, verá uma luz no mar. Três traços longos e três curtos. Pegue a sua lanterna, com o facho reduzido por um tubo de papelão, e aponte diretamente para o lugar em que avistou a luz. Mande o sinal inverso, três traços curtos e três longos. A lancha virá do mar para buscar você e Sacha.

"Na lancha, haverá dois fuzileiros e um homem que fala russo. Identifique-se com a frase "*Nightingale* canta na Berkeley Square." Entendido?

— Entendido. Onde fica Berkeley Square, Adam?

— Em Londres. É uma praça linda... como você. Tem muitas árvores.

— E os rouxinóis cantam ali?

— Segundo a letra da canção, um rouxinol costumava cantar. Parece tão pouco tempo, querida! Quatro semanas, a contar de hoje. Assim que chegarmos a Londres, vou levá-la à Berkeley Square.

— Gostaria que me dissesse uma coisa, Adam. Acha que traí minha gente, o povo russo?

— Não, não traiu — respondeu ele, incisivamente. — Os líderes é que quase traíram. Se não tivesse feito o que fez, Vishnayev e seu tio poderiam ter desfechado a guerra que estavam querendo. E se houvesse a guerra, a Rússia seria destruída, assim como a maior parte da América, meu país e a Europa Ocidental. Pode estar certa de que não traiu o povo de seu país.

— Mas eles jamais compreenderiam, jamais me perdoariam. — Havia uma ameaça de lágrimas nos olhos pretos de Valentina. — Vão chamar-me de traidora. Serei uma exilada.

— Talvez um dia toda essa loucura termine. Talvez um dia você possa voltar. Não podemos continuar juntos por mais tempo, meu amor. É muito arriscado. Só tenho mais uma coisa a falar. Preciso do seu telefone particular. Sei que combinamos que eu nunca lhe telefonaria. Mas não tornaremos a nos encontrar até você estar a salvo no Ocidente. Se por um acaso remoto houver alguma mudança no plano ou na data, posso precisar entrar em contato com você. Só o farei numa emergência. Se isso acontecer, fingirei ser um amigo chamado Gregor, ligando para dizer que não poderei comparecer a seu jantar. Neste caso, saia de casa imediatamente e vá encontrar-se comigo no estacionamento do Hotel Mojarsky, na Kutuzovsky Prospekt.

Valentina assentiu docemente e deu seu telefone. Munro beijou-a no rosto.

— Eu a verei em Londres, minha querida.

No instante seguinte, ele desapareceu entre as árvores. Sabia que teria de pedir demissão do serviço e suportar a ira intensa de Sir Nigel Irvine, quando ficasse patente que *Nightingale* não era Anatoly Krivoi mas sim uma mulher, sua futura esposa. A esta altura, porém, já seria tarde demais para que o serviço pudesse fazer alguma coisa.

Ludwig Jahn olhava aturdido, com um medo crescente, para os dois homens que ocupavam as poltronas de seu impecável apartamento de

solteiro em Wedding, o bairro operário de Berlim Ocidental. Ambos apresentavam todos os sinais de homens que ele outrora conhecera, há muito tempo, e que esperara nunca mais encontrar.

O que estava falando era certamente alemão. Ele não tinha a menor dúvida quanto a isso. O que não sabia era que o homem se chamava Major Schulz, da polícia secreta da Alemanha Oriental, a temida *Staatssicherheitsdienst*, conhecida simplesmente como SSD. Jamais saberia o nome, mas podia facilmente imaginar a ocupação

Podia também adivinhar que a SSD dispunha de fichas amplas de todos os alemães orientais que haviam escapado para o Ocidente. Era o caso dele. Trinta anos antes, quando tinha 18 anos, Jahn participara dos motins operários em Berlim Oriental, que tinham crescido de proporção até se transformar no levante dos alemães orientais. Ele tivera sorte. Embora houvesse sido detido numa das batidas da polícia russa e de seus acólitos alemães orientais, não ficara preso. Mas recordava-se nitidamente do cheiro das celas e dos sinais característicos dos homens que ali dominavam. Eram assim seus visitantes naquele dia 22 de março, três décadas depois.

Ele se mantivera retraído durante oito anos, depois dos motins de 1953. Em 1961, antes de o Muro ser concluído, passara sem maiores dificuldades para Berlim Ocidental. Há 15 anos que tinha um bom emprego público em Berlim Ocidental, começando como simples carcereiro e depois sendo promovido até *Oberwachmeister*, Chefe da Guarda do Bloco Dois da Penitenciária de Tegel.

O outro homem que estava em seu apartamento manteve-se em silêncio. Jahn jamais saberia que ele era um Coronel soviético chamado Kukushkin, ali presente em missão do departamento de “casos molhados” do KGB.

Jahn olhou horrorizado para as fotografias que o alemão tirou de um envelope grande e colocou a sua frente lentamente, uma a uma. Mostravam sua mãe viúva, numa cela, apavorada, em seus quase 80 anos, olhando obedientemente a câmara, na esperança de ser libertada. Lá estavam seus dois irmãos mais moços, com algemas nos pulsos, em celas diferentes, a alvenaria das paredes aparecendo com toda nitidez.

— Há também suas cunhadas e suas três deliciosas sobrinhas. Sabemos tudo a respeito dos presentes de Natal. Como é mesmo que o chamam? Tio Ludo? Mas que encantador! Diga-me uma coisa: por acaso já tinha visto alguma vez lugares assim?

Havia mais fotografias, de cenas que fizeram Jahn, confortavelmente gordo de uma vida tranquila, fechar os olhos por vários segundos. Eram vultos estranhos, parecendo zumbis, vestidos em trapos, os crânios raspados, os olhos mortiços voltados para a câmera.

Estavam encolhidos, os pés mirrados envoltos por trapos, para se proteger do frio ártico. Eram encarquilhados, subumanos. Ali estavam alguns dos habitantes dos campos de trabalhos forçados do complexo de Kolyma, na extremidade leste do norte da Sibéria, na Península de Kamchatka, onde o ouro é extraído, muito além do Círculo Ártico.

— Sentenças de prisão perpétua nesses... retiros... são reservadas apenas para os piores inimigos do Estado, *Herr* Jahn. Mas meu colega aqui presente pode providenciar penas de prisão perpétua para toda a sua família. Isso mesmo, até para a sua velha e querida mãe. Basta apenas dar um telefonema. E agora me responda uma pergunta: vai querer que ele dê esse telefonema?

Jahn fitou os olhos do homem que não havia falado coisa alguma. Os olhos eram tão sinistros quanto os campos de Kolyma.

— *Nein* — balbuciou ele. — Não, por favor. O que está querendo que eu faça?

Foi o alemão quem respondeu:

— Há dois sequestradores aéreos na Penitenciária de Tegel, Mishkin e Lazareff. Conhece-os?

Jahn assentiu, completamente atordoado.

— Conheço, sim. Eles chegaram há quatro semanas. Houve muita publicidade.

— Onde exatamente eles estão?

— No Bloco Dois. Andar superior, ala leste. Estão numa solitária, isolados, a pedido deles. Temem os outros prisioneiros. Ou pelo menos é o que dizem. Mas não há razão. Para os estupradores de crianças pode haver razão para medo, mas não no caso desses dois. Mesmo assim, eles insistem no isolamento.

— Mas pode visitá-los, *Herr* Jahn? Tem acesso aos dois?

Jahn ficou calado. Já começava a temer o que os dois visitantes estavam querendo com os sequestradores. Vinham do Leste; os sequestradores tinham escapado de lá. Não podiam estar querendo entregar presentes de aniversário.

— Dê outra olhada nas fotos, Jahn. Dê uma boa olhada, antes de começar a pensar em nos criar dificuldades.

— Posso realmente visitá-los. Nas minhas rondas. Mas somente à noite. Durante o turno do dia, há três carcereiros no corredor. Se eu quisesse visitar os prisioneiros, seria inevitavelmente acompanhado por um ou dois. Além disso, não haveria razão para que eu os visitasse no turno do dia. Já no turno da noite posso alegar que preciso verificar como eles estão.

— E neste momento está no turno da noite?

— Não. Estou no turno do dia.

— Qual é o horário do turno da noite?

— De meia-noite às oito horas da manhã. As luzes são apagadas às dez horas da noite. A mudança de turno é a meia-noite. A nova turma chega às oito horas da manhã. Durante o turno da noite, eu patrulho o bloco três vezes, acompanhado pelo homem de plantão em cada andar.

O alemão sem nome pensou por um momento.

— Meu amigo aqui presente deseja visitar os dois. Quando vai voltar ao turno da noite?

— Na segunda-feira, quatro de abril.

— Muito bem, eis o que terá de fazer — disse o alemão oriental. Jahn recebeu instruções para tirar do armário de um colega em férias o uniforme e o passe necessários. Às duas horas da madrugada de segunda-feira, 4 de abril, ele desceria ao térreo e abriria a porta lateral destinada aos funcionários da penitenciária para que o russo entrasse. Iria acompanhá-lo até o último andar e o esconderia na sala do pessoal do turno do dia, da qual providenciaria uma chave. Daria um jeito para que o homem no plantão noturno no último andar se ausentasse, encarregando-o de uma missão qualquer, ficando no lugar dele. Durante a ausência do homem, ele deixaria que o russo entrasse no corredor das celas de confinamento, emprestando-lhe sua chave-mestra. Depois que o russo "visitasse" Mishkin e Lazareff, o processo seria invertido. O russo se esconderia novamente, até que o outro homem retornasse a seu posto. Depois, Jahn acompanharia o russo de volta à entrada dos funcionários, deixando-o sair.

— Não vai dar certo — murmurou Jahn, sabendo que provavelmente daria.

O russo finalmente falou, em alemão:

— É melhor dar certo. Se não der, vou providenciar pessoalmente para que toda a sua família inicie um regime em Kolyma que vai fazer com que o regime "ultra-rigoroso" até agora existente pareça uma lua-de-mel na suíte nupcial do Hotel Kempinski.

Jahn teve a sensação de que havia gelo líquido correndo por suas veias. Nenhum dos homens duros na ala especial podia comparar-se com aquele homem. Engoliu em seco, balbuciando:

— Está bem...

— Meu amigo voltará a este apartamento às seis horas da tarde de domingo, três de abril — disse o alemão oriental. — Por gentileza, não convoque nenhum comitê de recepção da polícia. De nada adiantaria. Ambos temos passaportes diplomáticos, com nomes falsos. Negaríamos tudo e iríamos embora em liberdade. Limite-se a providenciar o uniforme e o passe para o meu amigo.

Os dois haviam partido um minuto depois. Levaram as fotografias, não deixando qualquer prova. Mas não fez muita diferença. Jahn pôde ver todos os detalhes em seus pesadelos.

A 23 de março, mais de 250 navios, a primeira leva da frota mercante soviética, estavam atracados em 30 portos da Costa Leste da América do Norte, do Estuário do St. Lawrence, no Canadá, até o sul da Carolina, nos Estados Unidos. Havia ainda gelo no St. Lawrence, mas foi rompido em 1.000 fragmentos pelos navios quebra-gelos, para permitir que os graneleiros encostassem nos silos.

Uma parcela considerável desses navios era da *Sovfracht*, mas havia muitos de bandeira americana, pois uma das condições da venda fora a de que cargueiros dos Estados Unidos fossem fretados para o transporte dos cereais.

Dentro de 10 dias, os navios começariam a se deslocar para leste, a caminho de Archangel e Murmansk, no Ártico soviético, Leningrado, na extremidade do Báltico, e dos portos de água quente de Odessa, Simferopol e Novorossisk, no Mar Negro. Bandeiras de 10 outras nações misturavam-se com as soviéticas e americanas, na maior operação de transporte de carga seca desde a Segunda Guerra Mundial. De uma centena de silos, de Winnipeg a Charleston, as bombas despejaram uma torrente dourada de trigo, cevada, aveia, centeio e milho nos porões dos navios, tudo destinado a alimentar milhões de russos famintos, dentro de um mês.

No dia 26, Andrew Drake levantou-se de seu trabalho na mesa da cozinha de um apartamento nos subúrbios de Bruxelas e declarou que já estava pronto.

Os explosivos haviam sido acomodados em 10 valises de fibra, as submetralhadoras envoltas por toalhas e guardadas em mochilas. Azamat

Krim manteve os detonadores acolchoados em algodão, numa caixa de charutos que nunca largava. Quando a noite caiu, a carga foi transferida para o furgão de segunda mão do grupo, de registro belga. Partiram para Blankenburge.

O pequeno balneário, de frente para o Mar do Norte, estava sossegado, o porto praticamente deserto, quando transferiram os equipamentos para o porão da lancha de pesca, sob a proteção da noite. Era um sábado e um homem passeava com seu cachorro pelo cais; embora visse os homens trabalhando, não deu a menor importância ao fato. Grupos de pescadores de alto-mar, preparando-se para uma pescaria de fim-de-semana, eram uma cena das mais comuns na pequena cidade, embora ainda fizesse frio e a temporada não tivesse começado.

No domingo, dia 27, Miroslav Kaminsky despediu-se dos outros membros do grupo, embarcou no furgão e voltou para Bruxelas. Sua missão era limpar o apartamento alugado de Bruxelas de alto a baixo, de um extremo a outro, para depois abandoná-lo e seguir no furgão até um ponto previamente combinado nos pôlderes da Holanda. Deixaria o furgão ali, com as chaves num lugar combinado, depois pegaria a barca de Hook para Harwich e voltaria a Londres. Tinha decorado bem o que deveria fazer e não estava com a menor dúvida de que poderia cumprir com perfeição sua parte no plano.

Os outros sete homens deixaram o porto e foram subindo calmamente pela costa, passando pelas Ilhas de Walcheren e North Beveland, entrando em águas holandesas. Ali, com suas varas de pesca bem à vista, lançaram âncora e ficaram esperando. Andrew Drake estava sentado na cabine, debruçado sobre um rádio potente, escutando as transmissões do Controle do Estuário do Maas e as chamadas intermináveis dos navios que estavam indo ou saindo de Europort e Rotterdam.

— O Coronel Kukushkin vai entrar na Penitenciária de Tegel para fazer o serviço na noite de 3 para 4 de abril — disse Vassili Petrov a Maxim Rudin, no Kremlin, naquela mesma manhã de domingo. — Um dos guardas vai deixá-lo entrar, levá-lo até as celas de Mishkin e Lazareff e ajudá-lo a sair pelo portão dos funcionários, depois que tudo estiver acabado.

— O guarda é de confiança? — indagou Rudin. — É um dos nossos homens?

— Não. Mas a família dele está na Alemanha Oriental. Foi persuadido a fazer o que lhe está sendo pedido. Kukushkin assegura que ele não vai procurar a polícia. O homem está assustado demais.

— Então ele já sabe para quem está trabalhando. O que significa que sabe demais.

— Kukushkin também vai silenciá-lo, assim que passar pelo portão na saída. Não ficará qualquer pista.

— Oito dias! — grunhiu Rudin. — É melhor que ele faça tudo direito.

— Não se preocupe com isso — declarou Petrov. — Kukushkin também tem família. Dentro de uma semana, a contar de amanhã, Mishkin e Lazareff estarão mortos e o segredo desaparecerá com eles. E os homens que os ajudaram ficarão calados para salvar as próprias vidas. Mesmo que eles falassem, ninguém acreditaria. As palavras deles seriam encaradas como meras alegações histéricas. Não há a menor possibilidade de alguém acreditar.

Quando o Sol se levantou, na manhã do dia 29, seus primeiros raios foram iluminar o *Freya*, 20 milhas a oeste da Irlanda, seguindo no curso norte-nordeste, em 11° de longitude, a fim de contornar as Hébridas Exteriores.

As potentes antenas de radar haviam captado a frota pesqueira na escuridão uma hora antes e o oficial de quarto anotara o fato devidamente. A embarcação mais próxima estava a leste do petroleiro, na direção de terra.

O Sol cintilava sobre os rochedos de Donegal, uma linha fina no horizonte a leste para os homens na ponte de comando do *Freya*, que podiam olhar de uma altura de 25 metros. Dava para avistar as pequenas sumacas de pesca dos homens de Killybegs, flutuando nas águas ocidentais em busca de cavala, arenque e pescada. E dava também para se avistar a maior parte do próprio *Freya*, como uma massa de terra em movimento, vindo do sul e passando pelas sumacas e suas redes.

Christy O'Byrne estava na pequena casa do leme da sumaca que lhe pertencia e ao irmão, Bemadette. Piscou diversas vezes, aturdido, baixou a caneca de chocolate quente e deu três passos para ir até a amurada. Sua embarcação era a que estava mais perto do petroleiro de passagem.

Por trás dele, os demais pescadores, ao avistarem o *Freya*, puxaram os cordões dos apitos e um coro de exclamação se espalhou pelo amanhecer. Na casa de comando do *Freya*, Thor Larsen sacudia a cabeça

para o oficial que estava a seu lado; segundos depois, o rugido do imenso petroleiro respondia à saudação da frota pesqueira de Killybegs.

Christy O'Byrne ficou debruçado na amurada, observando o *Freya* ocupar o horizonte, ouvindo seu pulsar potente por baixo do mar e sentindo o Bemadette começar a balançar na esteira a se alargar do imenso petroleiro.

— Santa Maria! — sussurrou ele. — Olhe só para o tamanho desse navio!

Na Costa Leste da Irlanda, compatriotas de Christy O'Byrne estavam em intensa atividade naquela manhã, no Castelo de Dublin, que fora por 700 anos a sede do poder britânico. Garotinho ainda. empoleirado no ombro do pai, Martin Donahue assistira do lado de fora quando os últimos soldados britânicos haviam deixado o castelo para sempre, depois da assinatura de um tratado de paz. Agora, 63 anos depois, às vésperas de se aposentar do serviço público, ele era um faxineiro, empurrando um aspirador para um lado e outro do tapete azul do Salão de St. Patrick.

Não estivera presente quando qualquer dos sucessivos presidentes da Irlanda ali tomara posse, sob o magnífico teto de Vincent Waldre pintado em 1778; também não estaria presente dentro de 12 dias, quando as duas superpotências assinariam o Tratado de Dublin, sob as bandeiras heráldicas imóveis dos Cavaleiros de St. Patrick, há muito desaparecidos. Há 40 anos que Martin Donahue se limitava a tirar o pó para que outros usassem o salão.

Rotterdam também se estava preparando, mas para uma cerimônia diferente. Harry Wennerstrom ali chegou no dia 30 e instalou-se na melhor suíte do Hotel Hilton.

Viera no seu jato executivo particular, agora estacionado no aeroporto municipal de Schiedam, nos arredores da cidade. Ao longo do dia, quatro secretárias estiveram permanentemente a seu redor, anotando as providências para receber as altas autoridades escandinavas e holandesas, os magnatas dos mundos do petróleo e da navegação, as dezenas de representantes da imprensa, que compareceriam à recepção a ser oferecida na noite de 1° de abril ao Comandante Thor Larsen e seus oficiais.

Um grupo escolhido a dedo de autoridades e representantes da imprensa seriam os convidados especiais de Wennerstrom no terraço do moderno prédio do Controle do Estuário do Maas, situado na extremidade da ponta de areia que era o Cabo da Holanda. Abrigados da brisa forte da

primavera, ficariam observando do lado norte do Estuário do Maas os seis rebocadores puxarem o *Freya* pelos últimos quilômetros do estuário até o Canal Kaland, em seguida pelo Canal Beer, até finalmente ir parar junto da nova refinaria de petróleo de Clint Blake, no coração de Europort.

Enquanto o *Freya* desativasse seus sistemas, ao longo da tarde, o grupo seguiria num comboio de limusines para o centro de Rotterdam, 40 quilômetros rio acima. Ali, haveria uma recepção à noite, precedida por uma entrevista coletiva, durante a qual Wennerstrom apresentaria Thor Larsen à imprensa mundial.

Ele já sabia que diversos jornais e redes de televisão haviam alugado helicópteros para a cobertura das últimas milhas do percurso do *Freya* e das manobras de atracação.

Harry Wennerstrom era um velho contente.

Às primeiras horas de 30 de março, o *Freya* já se adiantara bastante pelo canal entre as Orkneys e as Shetlands. Virará para o sul, descendo pelo Mar do Norte. Assim que alcançasse as rotas sempre movimentadas do Mar do Norte, o *Freya* comunicaria sua posição, entrando em contato com a primeira estação de controle de tráfego marítimo da área, sediada em terra, em Wick, na costa de Cailhness, no extremo norte da Escócia.

Por causa de seu tamanho e calado, era um "navio difícil". Reduziu a velocidade para 10 nós e passou a seguir as instruções transmitidas de Wick pelo radiotelefone. Por toda a área, os vários centros de controle já o tinham assinalado em seus radares de alta definição, manejados por experientes pilotos-operadores. Esses centros são equipados com sistemas de apoio computadorizado, capazes de rápida assimilação de informações sobre o tempo, marés e densidade de tráfego.

À frente do *Freya*, avançando lentamente por sua rota para o sul, navios menores foram avisados de que deveriam sair do caminho. À meia-noite, o *Freya* passou pelo Promontório de Flamborough na costa de Yorkshire, começando a seguir para leste, afastando-se da costa britânica, a caminho da Holanda. Estava seguindo pelo canal de águas profundas, com um mínimo de 20 braças. Na cabine de comando, apesar das constantes instruções de terra, os oficiais observavam atentamente os registros do sonar, vendo os bancos de areia do leito do Mar do Norte nos dois lados da rota.

Pouco antes do pôr-do-sol de 31 de março, num ponto exatamente a 15 milhas marítimas do Farol de Gabbard Exterior, agora a uma velocidade que mal chegava a cinco nós, o gigantesco petroleiro virou

suavemente para leste e avançou para a posição em que passaria a noite ancorado, a 52° Norte. Estava a 27 milhas marítimas do Estuário do Maas, a 27 milhas marítimas do porto e da glória.

Era meia-noite em Moscou. Adam Munro decidira voltar a pé para seu apartamento, depois da recepção diplomática na embaixada. Viera de carona com o Conselheiro Comercial e assim seu próprio carro estava estacionado junto ao prédio em que morava, na Kutuzovsky Prospekt.

Parou no meio da Ponte Serafimov para contemplar o Rio Moscou. À direita, podia avistar a fachada creme e branca do prédio da embaixada: à esquerda, as muralhas vermelho-escuras do Kremlin assomavam acima dele, com o andar superior por cima e o domo do Grande Palácio do Czar.

Ainda não havia 10 meses que chegara de avião de Londres para assumir seu novo posto. Nesse período, realizara a maior façanha de espionagem de muitas décadas, "dirigindo" o único espião que o Ocidente jamais operara no próprio coração do Kremlin. Iriam censurá-lo furiosamente por ter quebrado os regulamentos, por não ter revelado desde o início quem era realmente a pessoa que estava fornecendo as informações. Mas não poderiam reduzir a importância das informações transmitidas.

Mais três semanas e Valentina estaria longe dali, a salvo em Londres. Ele também teria saído, pedindo demissão do serviço para iniciar vida nova em algum lugar com a única mulher no mundo a quem amava, sempre amara e amaria.

E seria com prazer que deixaria Moscou, uma cidade dominada pelo segredo e pela dissimulação, monótona e triste. Dentro de 10 dias, os americanos teriam seu tratado de redução de armamentos, o Kremlin seus cereais e tecnologia, o serviço os agradecimentos e a gratidão de *Downing Street* e da Casa Branca. Mais uma semana e ele teria sua futura esposa... e Valentina alcançaria a liberdade. Ele deu de ombros, sob o casaco grosso, de gola de pele, e depois continuou a atravessar a ponte.

Meia-noite em Moscou corresponde a 10 horas da noite no Mar do Norte. Nesse momento, o *Freya* estava finalmente imóvel. Percorrera 7.085 milhas de Chita a Abu Dhabi e mais 12.015 milhas até o lugar em que estava agora. Da proa, descia uma corrente de âncora até o fundo do mar. Cada elo dessa corrente tinha quase um metro de comprimento e o aço era mais grosso do que a coxa de um homem.

Como não era um navio fácil de manobrar, o Comandante Larsen conduzira-o pessoalmente desde as Orkneys, com a ajuda dos dois oficiais de navegação e do timoneiro. Mesmo estando ancorado para a noite, ele deixou de prontidão na cabine de comando o Primeiro-Oficial Stig Lundquist e o Terceiro-Imediato Tom Keller, um dos dinamarqueses-americanos da tripulação, além de um dos marinheiros. Os oficiais manteriam uma vigia constante dos instrumentos e o marinheiro faria inspeções periódicas no convés.

Embora os motores do *Freya* estivessem desligados, as turbinas e geradores zumbiam monotonamente, gerando a energia para manter todos os sistemas em funcionamento.

Entre esses sistemas, estava a constante captação de informações sobre as marés e o tempo. As últimas informações meteorológicas, aliás, eram animadoras.

O navio poderia ter de enfrentar os ventos de tempestade (je março; em vez disso, porém, uma inesperada área de alta pressão quase estacionaria, sobre o Mar do Norte e o Canal da Mancha estava proporcionando um ameno princípio de primavera às costas O mar era quase um lago, com uma correnteza de um nó na direção nordeste. Durante o dia inteiro, o céu estivera quase sem nuvens. Apesar de uma geada incipiente naquela noite, o dia seguinte prometa ser igualmente favorável.

Desejando boa noite a seus oficiais, o Comandante Larsen deixou a cabine de comando e desceu um andar, para o convés D. Era ali que ficava sua suíte, no lado de estibordo. O camarote espaçoso tinha quatro janelas dando para a proa e duas para estibordo. Atrás do camarote ficava o quarto, com banheiro em anexo. Também tinha duas janelas, ambas para estibordo. Todas as janelas estavam lacradas, exceto uma no camarote, que estava fechada por trancas aparafusadas, que podiam ser movimentadas manualmente.

Além das janelas lacradas para a proa, a fachada da superestrutura caía verticalmente até o convés; para estibordo, as janelas davam para um patamar de aço de três metros de largura, até a amurada e o mar além. Cinco lances de escada de aço subiam do convés A, o mais baixo de todos, até a cabine de comando acima do Comandante Larsen; cada lance de escada desembocava num patamar de aço. Todos esses lances de escada e patamares eram abertos, expostos aos elementos. Raramente eram usados, pois as escadas internas eram abrigadas e contavam com o benefício do sistema de aquecimento central.

Thor Larsen levantou o guardanapo do prato com galinha assada e salada que lhe haviam preparado. Lançou um olhar anelante para a garrafa de uísque no armário de bebidas, mas acabou contentando-se com um café. Depois de comer, ele decidiu que trabalharia durante a noite para definir o curso final até o atracadouro, estudando as cartas dos canais. Não seria fácil e ele queria conhecer os canais tão bem quanto os dois pilotos holandeses que chegariam às 7:30 da manhã para assumir o comando, vindo de helicóptero do Aeroporto de Schiphol, em Amsterdã. Larsen sabia que, antes disso, por volta das sete horas da manhã, um grupo de 10 homens viria de terra, para colaborar na operação de atracação. Esses homens chegariam de lancha.

Quando soou a meia-noite, sentou-se na mesa larga do camarote, abriu as cartas a sua frente e começou a estudá-las. Fazia muito frio lá fora, mas a visibilidade era boa, quando faltavam 10 minutos para as três horas da madrugada. A lua em quarto crescente derramava-se sobre o mar, fazendo-o cintilar. Na cabine de comando, Stig Lundquist e Tom Keller tomavam um café. O marinheiro estava parado diante das telas de controle. Subitamente, ele disse:

— Senhor, há uma lancha se aproximando.

Tom Keller se levantou e foi dar uma olhada na tela de radar para a qual o marinheiro estava apontando. Havia ali uma vintena de bips, alguns estacionários, outros em movimento, mas todos bem distantes do Freya. Somente um pequeno bip estava-se aproximando, vindo de sudeste.

— Provavelmente é um barco de pesca querendo estar em boa posição nos pesqueiros ao nascer do Sol — comentou Keller.

Lundquist estava olhando por cima do ombro dele. Keller reduziu o alcance do radar e observou:

— Está chegando cada vez mais perto.

Lá fora, no mar, a lancha não podia deixar de perceber a imensa massa do *Freya*. O petroleiro estava com as luzes de ancoragem acesas, no alto do castelo de proa e na popa. Além disso, o convés estava todo iluminado e a superestrutura era como uma árvore de Natal feericamente acesa. Mas a lancha, ao invés de se desviar, começou a fazer uma curva na direção da popa do *Freya*.

— Parece que nos vai abordar — comentou Keller.

— Não pode ser a turma que vai ajudar na atracação — comentou Lundquist. — Eles só vão chegar às sete horas.

— Talvez não tenham conseguido dormir e quiseram chegar antes do tempo — sugeriu Keller.

Lundquist virou-se para o marinheiro e disse:

— Vá até o alto da escada e me informe o que avistar. Ponha o fone de cabeça quando chegar lá e permaneça em contato.

A escada de acesso ficava no meio do navio. Num navio grande. a escada é tão pesada que só pode ser movimentada por cabos de aço acionados por um motor elétrico, baixando-a da amurada até o nível do mar ou levantando-a até que fique paralela à amurada. No *Freya*, mesmo totalmente carregado, a amurada ficava nove metros acima do mar, um salto impossível; e naquele momento a escada estava levantada.

Segundos depois, os dois oficiais na cabine de comando viram o marinheiro deixar a superestrutura, abaixo deles, e começar a atravessar o convés. Chegando ao alto da escada, ele subiu numa pequena plataforma que se estendia além do costado e olhou para baixo. Depois, pegou um fone numa caixa que ali havia e ajustou na cabeça. Na cabine de comando, Lundquist apertou um interruptor e um potente refletor se acendeu, iluminando o marinheiro na plataforma, a olhar para o mar escuro. A lancha desaparecera da tela do radar; estava perto demais para poder ser observada.

— O que está vendo? — perguntou Lundquist pelo microfone A voz do marinheiro soou dentro da cabine de comando:

— Nada, senhor.

Enquanto isso, a lancha passava por trás do *Freya*. Por alguns segundos, estava fora das vistas dos observadores. Nos dois lados da popa, a murada de proteção do convés A estava seis metros acima do mar. Os dois homens de pé no teto da cabine da lancha reduziram essa distância para três metros. No momento em que a lancha emergiu das sombras do gio, os dois homens arremessaram os ganchos de três pontas que estavam segurando, as extremidades envoltas por tubos de borracha preta.

Cada gancho, arrastando uma corda, elevou-se por três metros, caiu além da amurada e se prendeu firmemente. Enquanto a lancha se afastava, os dois foram arrancados do teto da cabine. e ficaram balançando nas cordas, os tornozelos mergulhados no mar. No instante seguinte, os dois começaram a subir, rapidamente, uma mão se erguendo acima da outra, as submetralhadoras presas nas costas. Em dois segundos, a lancha novamente emergiu à luz e começou a correr pelo lado do Freya, na direção da escada de acesso.

— Já estou vendo agora — disse o marinheiro lá era cima.

— Parece uma lancha de pesca.

— Mantenha a escada levantada até que eles se identifiquem — determinou Lundquist da cabine de comando.

Muito atrás e abaixo dele, os dois homens já haviam transposto a amurada. Desprenderam os ganchos e os jogaram no mar, onde afundaram, puxando a corda. Os dois homens se afastaram quase correndo, dando a volta por estibordo e seguindo para a escada de aço. Começaram a subir, silenciosamente, pois usavam sapatos de solas de borracha.

A lancha foi parar por baixo da escada, oito metros acima de sua cabine apertada. Lá dentro, quatro homens estavam agachados. No leme, o timoneiro olhava em silêncio para o marinheiro lá em cima.

— Quem é você? — gritou o marinheiro. — Identifique-se!

Não houve resposta. O homem lá embaixo, sob o clarão do refletor, com um capuz preto de lã, limitou-se a ficar olhando para o marinheiro.

— Ele não quer responder — disse o marinheiro pelo microfone.

— Mantenha o refletor na lancha — determinou Lundquist. — Vou descer para dar uma olhada.

Durante todo o tempo, a atenção de Lundquist e Keller estava concentrada no lado de bombordo e na direção da proa. No lado de estibordo, a porta que dava da cabine para a ponte de comando abriu-se subitamente, dando passagem a uma rajada de ar gelado. Os dois oficiais se viraram rapidamente. A porta foi fechada no instante seguinte. Lá estavam dois estranhos usando capuzes pretos, suéteres pretos de gola *roulê*, calças pretas e sapatos de sola de borracha. Cada um apontava uma submetralhadora para os oficiais.

— Ordene ao marinheiro que baixe a escada — disse um deles, em inglês.

Os dois oficiais estavam paralisados, aturdidos, incrédulos. Aquilo era simplesmente impossível! Um dos homens levantou a arma e olhou para Keller.

— Vou dar-lhe três segundos — disse ele a Lundquist. — E depois vou estourar os miolos do seu colega.

Vermelho de raiva, Lundquist inclinou-se para o microfone e disse ao marinheiro:

— Baixe a escada.

A voz do marinheiro soou em protesto na cabine:

— Mas, senhor...

— Está tudo bem, rapaz — disse Lundquist. — Faça o que estou mandando.

Dando de ombros, o marinheiro apertou um botão no pequeno painel de controle no alto da escada. Houve um zumbido do motor e a escada baixou lentamente até o mar. Dois minutos depois, quatro outros homens, todos vestidos de preto, estavam levando o marinheiro através do convés, na direção da superestrutura, enquanto o quinto homem atracava a lancha. Mais dois minutos e os seis chegaram à ponte de comando, no lado de bombordo. Os olhos do marinheiro estavam arregalados de medo. Ao entrar na cabine, ele viu os outros dois pistoleiros que estavam dominando os oficiais.

— Mas como...? — balbuciou o marinheiro.

— Fique calmo — ordenou Lundquist, virando-se em seguida para o único pistoleiro que falara até aquele momento e perguntando em inglês: — O que vocês querem?

— Queremos falar com seu comandante — disse o homem, por trás da máscara. — Onde ele está?

A porta para a escada interna se abriu e Thor Larsen entrou na cabine de comando. Viu seus três tripulantes com as mãos atrás da cabeça e os sete terroristas vestidos de preto. Seus olhos, ao se fixarem no homem que fizera a pergunta, estavam tão amistosos quando uma geladeira se partindo ao meio.

— Sou Thor Larsen, o Comandante do *Freya* — disse ele, falando bem devagar. — E quem, diabo, são vocês?

— Não importa quem somos — disse o líder dos terroristas. — Acabamos de nos apoderar do seu navio. A menos que seus oficiais e marinheiros façam tudo o que mandarmos, vamos começar a liquidar um a um. E o primeiro será esse rapaz. O que decide?

Larsen correu os olhos ao redor, lentamente. Três submetralhadoras estavam apontadas para o jovem marinheiro, que tinha apenas 18 anos. O rapaz estava extremamente pálido.

— Sr. Lundquist, faça o que esses homens mandarem — disse Larsen, formalmente, virando-se em seguida novamente para o líder dos terroristas e indagando: — O que exatamente estão querendo com o *Freya*?

— Não será nada difícil — disse o terrorista, sem a menor hesitação. — Pessoalmente, nada temos contra o navio ou seus tripulantes. Mas a menos que nossas exigências sejam atendidas, integralmente, não hesitaremos em fazer o que for necessário para garantir o que estamos querendo.

— E o que isso significa? — insistiu Larsen.

— Dentro de trinta horas, o Governo da Alemanha Ocidental terá de libertar dois amigos nossos que estão numa prisão de Berlim Ocidental, mandando-os de avião para um lugar seguro. Se isso não acontecer, vamos explodir você, seus tripulantes, seu navio e um milhão de toneladas de petróleo bruto por todo o Mar do Norte.

11

03:00 às 09:00

O líder dos sete terroristas mascarados pôs seus homens para trabalhar com uma precisão metódica que obviamente ensaiara em sua própria mente por muitas horas. Deu rapidamente diversas ordens, numa língua que nem o Comandante Larsen nem seus oficiais nem o jovem marinheiro podiam entender.

Cinco dos homens mascarados levaram os dois oficiais e o marinheiro para os fundos da cabine de comando, longe dos painéis de instrumentos, cercando-os. O líder dos terroristas sacudiu sua pistola para o Comandante Larsen e disse em inglês:

— Por gentileza, Comandante, vamos para seu camarote.

Em fila indiana, Larsen na frente, o líder dos terroristas atrás e o sétimo homem mascarado na retaguarda, empunhando uma submetralhadora, os três homens desceram a escada para o convés D, logo abaixo. No meio da escada, ao fazer a volta, Larsen virou-se e olhou para trás e para cima, avaliando a distância, calculando se conseguiria ou não dominar os dois terroristas.

— Nem mesmo tente — disse o líder, por trás da máscara. — Ninguém em seu juízo perfeito pensaria em discutir com uma submetralhadora a três metros de distância.

Larsen continuou a descer a escada. Era no convés D que ficavam os alojamentos dos oficiais. A suíte do comandante, como sempre, ficava a estibordo, na extremidade da superestrutura. Para o lado de bombordo, havia em seguida uma pequena biblioteca de cartas marítimas. A porta se abria para revelar diversos compartimentos com cartas marítimas de alta qualidade, capazes de levar o *Freya* por qualquer oceano, baía e ancoradouro do mundo. Eram cópias das originais, feitas pelo Almirantado britânico, as melhores do mundo.

Em seguida ficava a suíte de reunião, uma cabine espaçosa em que o comandante ou o dono do navio podiam, se desejassem, receber um número considerável de visitantes, ao mesmo tempo. Depois, havia os aposentos reservados para o proprietário, fechados e vazios, sempre a sua disposição, se algum dia quisesse viajar no seu navio. Na extremidade de bombordo havia outra suíte idêntica à que era ocupada pelo comandante, só que em sentido inverso. Era ocupada pelo Chefe de Máquinas.

Depois dos alojamentos do comandante ficava uma suíte menor, para o Primeiro-Oficial; depois dos alojamentos do Chefe de Máquinas, ficava a suíte do Comissário de Bordo. Todo o complexo formava um quadrado oco, cujo centro era ocupado pelo lance de escada, descendo até o convés A, três andares abaixo.

Thor Larsen levou os terroristas a seus aposentos, entrando no camarote. O líder dos terroristas seguiu-o, indo rapidamente revistar as outras peças, o quarto e o banheiro. Não havia ninguém ali.

— Sente-se, Comandante — disse ele, a voz ligeiramente abafada pela máscara. — Deve permanecer aqui até a minha volta. Por favor, não tente nada. Ponha as mãos sobre a mesa e mantenha-as assim, as palmas viradas para baixo.

Houve outro fluxo de ordens numa língua estrangeira e o terrorista com a submetralhadora foi postar-se de costas contra a antepara do outro lado do camarote, a quatro metros de distância, mas de frente para Thor Larsen, a arma apontando diretamente para o suéter branco de gola rulê que o comandante usava. O líder dos terroristas verificou se todas as cortinas estavam bem fechadas e depois saiu, fechando a porta. Os outros dois habitantes do convés estavam dormindo em seus respectivos alojamentos e não ouviram nada. Minutos depois, o líder estava de volta à cabine de comando. Apontou a arma para o marinheiro e disse:

— Venha comigo!

O rapaz virou-se para o Primeiro-Oficial Stig Lundquist com uma expressão suplicante.

— Se fizer alguma coisa a esse rapaz, pode estar certo de que terá de ajustar contas comigo — disse Tom Keller, com seu sotaque americano.

Dois canos de submetralhadoras mexeram-se ligeiramente nas mãos dos homens ao redor dele.

— Seu cavalheirismo é admirável, mas seu senso da realidade é deplorável — disse a voz por trás da máscara do líder. — Ninguém vai sair machucado, a menos que tente alguma estupidez. Neste caso, haverá um banho de sangue e você ficará diretamente por baixo da torneira.

Lundquist sacudiu a cabeça para o marinheiro, murmurando:

— Vá com ele e faça o que lhe mandar.

O marinheiro desceu a escada interna, na frente do líder dos terroristas. No nível do convés D, o terrorista o deteve.

— Quem mais ocupa esse convés, além do comandante?

— O Chefe de Máquinas ocupa aquele alojamento — respondeu o marinheiro. — O Primeiro-Oficial fica ali. Mas neste momento ele está lá em cima, na cabine de comando. E o Comissário de Bordo fica ali.

Não havia o menor sinal de vida por trás de qualquer uma das portas.

— Onde fica a sala de tintas?

Sem dizer uma palavra, o marinheiro virou-se e recomeçou a descer a escada. Passaram pelos conveses C e B. Em determinado momento, ouviram um murmúrio de vozes. Saía de detrás da porta do refeitório dos marinheiros, onde quatro homens que não conseguiam dormir estavam aparentemente jogando cartas e tomando café.

No convés A, alcançaram o nível da base da superestrutura. O marinheiro abriu uma porta externa e atravessou-a. O terrorista seguiu-o. O ar frio da noite fez os dois estremecerem, depois do calor do interior. Estavam atrás da superestrutura, na popa. Para um lado da porta da qual emergiram erguia-se a estrutura da chaminé, ele-vando-se por 30 metros na direção das estrelas.

O marinheiro seguiu na frente, através da popa, até uma pequena estrutura de aço. Tinha dois metros de largura por outros dois de comprimento, praticamente com a mesma altura. Havia uma porta de aço, fechada por duas trancas aparafusadas, com porcas-borboletas.pelo lado de fora.

— Lá embaixo — disse o marinheiro.

— Desça — ordenou o terrorista.

O rapaz girou as porcas-borboletas e tirou-as. Segurou a maçaneta e abriu a porta. Havia uma luz acesa lá dentro, mostrando uma pequena plataforma e uma escada de aço, levando para as profundezas do Freya. Cutucado pela arma, o marinheiro passou pela porta e começou a descer, com o terrorista atrás.

A escada descia por mais de 20 metros, passando por diversas galerias, nas quais havia portas de aço. Ao chegarem ao fundo, estavam abaixo da linha-d'água, tendo sob seus pés somente a quilha, por trás da placa de aço do convés. Era um espaço pequeno, todo fechado, com quatro

portas de aço. O terrorista sacudiu a cabeça para a porta que dava para a pipa.

— Essa porta leva para onde?

— Para o compartimento do leme.

— Vamos dar uma olhada.

A porta foi aberta, revelando um grande compartimento arqueado, todo de metal, pintado de verde claro. Era bem iluminado. Quase todo o centro do convés estava ocupado por uma montanha de mecanismos cobertos, os quais movimentavam o leme de acordo com as determinações dos computadores na cabine de comando. As anteparas do compartimento eram curvas, acompanhando a curvatura do casco do navio. À ré do compartimento, além do aço, o imenso leme do *Freya* estava naquele momento imóvel, completamente inerte, nas águas escuras do Mar do Norte. O terrorista ordenou que a porta fosse novamente fechada e trancada.

A bombordo e estibordo do compartimento do mecanismo do leme ficavam respectivamente o depósito de produtos químicos e a sala de tintas. O terrorista ignorou o depósito de produtos químicos; não ia aprisionar os homens num lugar em que havia ácido para eles se divertirem. A sala de tintas era melhor. Era bastante grande, arejada, bem ventilada e sua antepara externa era o costado do navio.

— O que é a quarta porta? — indagou o terrorista.

Era a única que não tinha maçanetas. O marinheiro não hesitou em responder:

— Leva para os fundos da casa de máquinas. Está trancada pelo outro lado.

O terrorista fez pressão contra a porta de aço. Era sólida como rocha. Ele pareceu ficar satisfeito.

— Quantos' homens há no navio? — perguntou ele. — Ou mulheres. Não tente enganar-me. Se houver mais alguém do número que me disser, pode estar certo de que iremos fuzilá-lo.

O rapaz passou a língua pelos lábios ressequidos.

— Não há mulheres a bordo. Na próxima viagem, as esposas talvez pudessem ir, mas não na viagem inaugural. Há trinta homens, incluindo o Comandante Larsen.

Sabendo o que precisava, o terrorista empurrou o apavorado rapaz para dentro da sala de tintas, fechou a porta e pôs uma das trancas no lugar. Depois, tornou a subir a escada.

Emergindo no convés de popa, evitou a escada interna e subiu rapidamente a escada externa, voltando à cabine de comando.

Sacudiu a cabeça para seus cinco companheiros, que ainda estavam com as armas apontadas para os dois oficiais, e deu diversas ordens. Minutos depois, os dois oficiais de quarto, juntamente com o Chefe de Máquinas e o Comissário de Bordo, arrancados de suas camas no convés D, foram escoltados até a sala de tintas. A maior parte da tripulação estava dormindo no convés B, onde ficava a maioria dos alojamentos, bem menores do que os dos oficiais, nos conveses C e D.

Houve protestos, exclamações, frases furiosas, enquanto os homens eram levados para baixo. Mas em todas as ocasiões, o líder dos terroristas, o único que falava, informava em inglês que o comandante estava preso em seu próprio camarote e morreria se houvesse alguma resistência. Os oficiais e marinheiros obedeceram às ordens dele.

Na sala de tintas, a tripulação foi finalmente contada: 29 homens. O primeiro-cozinheiro e dois dos quatro taifeiros tiveram permissão de voltar à cozinha, no convés A, a fim de buscar bandejas com pão, garrafas de limonada e latas de cerveja. Foram providenciados também dois baldes, que serviriam de banheiro.

— Procurem ficar o mais confortável possível — disse o líder dos terroristas aos 29 homens furiosos que o fitavam do inferior da sala de tintas. — Não vão ficar trancados aqui por muito tempo. Trinta horas, no máximo. Só mais uma coisa: o comandante de vocês está precisando do operador das bombas. Quem é ele?

Um sueco chamado Martinsson adiantou-se.

— Sou eu.

— Venha comigo.

Eram quatro e meia da madrugada.

O convés A, o primeiro andar da superestrutura, era inteiramente ocupado pelos compartimentos em que funcionavam os serviços do gigantesco navio. Ali estavam a cozinha principal, câmara frigorífica, despensas, depósitos de bebidas, lavanderia automática, sala de controle de carga, incluindo o controle do gás inerte, e sala de controle de incêndio, também conhecida como sala da espuma.

O convés B, por cima, continha todos os alojamentos dos marinheiros, cinema, biblioteca, quatro salas de recreação e três bares.

O convés C continha os alojamentos dos oficiais, além dos quatro que ficavam no andar acima, e mais o salão de jantar dos oficiais, salão de

descanso e o clube da tripulação, com uma varanda, piscina, sauna e ginásio.

Era a sala de controle de carga, no convés A, que interessava ao terrorista. Ordenou que o operador de bombas o levasse até lá. Não havia janelas; a sala era silenciosa, bastante iluminada, com aquecimento central e ar-condicionado. Por trás da máscara, os olhos do líder dos terroristas faiscaram, passando rapidamente pelos incontáveis interruptores e botões e indo fixar-se na antepara traseira. Ali, por trás do painel de controle no qual o operador de bombas estava agora sentado, havia um painel com três metros de largura e um e meio de altura. Mostrava, sob a forma de diagrama, a disposição dos tanques de carga do *Freya*.

— Se tentar enganar-me, isso pode custar a vida de um dos meus homens — disse ele ao operador de bombas. — Mas pode estar certo de que descobrirei. E quando isso acontecer, meu amigo não vou atirar em você, mas sim em seu Comandante Larsen. Agora, mostre-me onde ficam os porões de lastro e os porões de carga.

Martinsson não iria discutir com a vida do Comandante em jogo. Tinha 20 e poucos anos e Thor Larsen era uma geração mais velho. Já navegara com Larsen duas vezes antes, inclusive em sua primeira viagem como operador de bombas. Como todos os demais tripulantes, tinha um profundo respeito e gostava muito do imenso norueguês, o qual possuía a reputação incontestável da maior consideração por sua tripulação e de ser o melhor comandante de toda a frota da Nordia. Ele apontou para o diagrama a sua frente.

Os 60 porões estavam dispostos em fileiras de três, ao longo do *Freya*.

— Na primeira fileira, a partir da proa, os tanques de bombordo e estibordo estão cheios de petróleo bruto — disse Martinsson. — O do meio é o tanque de despejo, vazio agora, servindo como tanque de flutuação, porque estamos na viagem inaugural e ainda não descarregamos qualquer carga. Assim, não houve necessidade de limpar os outros tanques de carga e bombear os despejos para lá. Na fileira seguinte, todos os três tanques são de lastro. Estavam cheios de água do mar do Japão até o Golfo, mas agora estão cheios de ar.

— Abra as válvulas entre os três tanques de lastro e o tanque de despejo — ordenou o terrorista. Martinsson hesitou. — Vamos, faça logo o que estou mandando!

Martinsson comprimiu três botões quadrados de plástico no painel de controle a sua frente. Houve um zumbido baixo além do painel. A quase

meio quilômetro à frente deles, muito abaixo do convés de aço, imensas válvulas, do tamanho de portas de garagem, se abriram, formando uma única unidade dos quatro tanques interligados, cada um com capacidade para 20.000 toneladas de líquido. Não apenas o ar, mas qualquer líquido que entrasse agora em um dos tanques fluiria livremente para os outros três.

— Onde ficam os tanques de lastro seguintes? — indagou o terrorista.

Martinsson apontou com o indicador para uma fileira de três tanques no meio do navio.

— Ficam aqui — disse ele. — São três tanques, lado a lado, na mesma fileira.

— Vamos deixá-los como estão — disse o terrorista. — Onde ficam os outros?

— Há nove tanques de lastro no total — disse Martinsson. — Os últimos três ficam aqui, lado a lado como sempre bem perto da superestrutura.

— Abra as válvulas a fim de que os três fiquem em comunicação.

Martinsson obedeceu.

— Ótimo — disse o terrorista. — E agora me dê uma informação: os tanques de lastro podem ser ligados diretamente com os tanques de carga?

— Não — respondeu Martinsson. — Isso é inteiramente impossível. Os tanques de lastro são permanentemente para lastro, ou seja, para água do mar e para ar, mas jamais para petróleo. Os tanques de carga são o inverso. Os dois sistemas não estão ligados.

— Não é problema — disse o terrorista mascarado. — Podemos mudar tudo isso. Só mais uma coisa: abra todas as válvulas entre os tanques de carga, lateralmente e longitudinalmente, a fim de que todos os cinquenta se comuniquem entre si.

Foram necessários apenas 15 segundos para que todos os botões de controle fossem apertados. Lá embaixo, na escuridão total dos depósitos de petróleo bruto, dezenas de gigantescas válvulas se abriram, formando um tanque único e enorme, contendo 1.000.000 de toneladas. Martinsson ficou olhando, atordoado e horrorizado, para o que acabara de fazer.

— Se houver uma ruptura num dos tanques — balbuciou ele — todo o milhão de toneladas de petróleo bruto vai escoar-se para o mar.

— Sendo assim, é melhor que as autoridades cuidem para que nada aconteça com o navio — disse o terrorista. — Onde fica a fonte de energia

desse painel de controle para as bombas hidráulicas que acionam as válvulas?

Martinsson apontou para uma caixa de junção elétrica na antepara, perto do teto. O terrorista estendeu o braço, abriu a caixa e baixou a chave de contato. Com a energia desligada, ele removeu os 10 fusíveis e guardou-os no bolso. O operador de bombas tinha uma expressão de medo nos olhos. O processo de abertura das válvulas se tornara irreversível. Havia fusíveis de reserva e ele sabia onde estavam. Mas nada poderia fazer, pois ficaria trancado na sala de tintas. Nenhum estranho que ali entrasse poderia encontrar os fusíveis a tempo, de fechar as válvulas, se acontecesse alguma coisa.

Bengt Martinsson sabia, porque era sua função saber, que um petroleiro não pode simplesmente ser carregado ou descarregado ao acaso. Se todos os tanques de estibordo forem carregados, enquanto os tanques do outro lado ficam vazios, o navio vai virar para o lado e afundar. Se os tanques de bombordo são carregados sem a devida compensação a estibordo, o navio aderna para o outro lado. Se os tanques da proa são carregados, sem o equilíbrio com a popa, o navio mergulha de frente, a popa se erguendo no ar; e o inverso acontece, se a popa fica cheia de líquido e a proa permanece vazia.

Mas se os tanques de lastro da proa e da popa são inundados com água, enquanto a seção do meio está cheia de ar, o navio vai arquear-se como um acrobata se curvando para trás. Os petroleiros não são projetados para suportar tais tensões; o casco maciço do *Freya* inevitavelmente iria romper-se ao meio.

— Mais uma coisa — disse o terrorista. — O que aconteceria, se abríssemos todas as cinquenta escotilhas de inspeção dos tanques de carga?

Martinsson sentiu-se tentado, extremamente tentado, a deixar que os terroristas experimentassem. Mas pensou no Comandante Larsen, sentado lá em cima, diante de uma submetralhadora. Engoliu em seco.

— Vocês morreriam, a menos que tivessem aparelhos de respiração — balbuciou ele, finalmente.

Ele explicou ao mascarado a seu lado que, quando os porões de um petroleiro estão cheios, o petróleo bruto jamais se eleva até o teto do tanque. No espaço entre a superfície do líquido e o teto do porão acumulam-se gases, desprendidos pelo petróleo bruto. São gases voláteis, altamente explosivos. Se não fossem eliminados, transformariam o navio numa bomba flutuante.

Anos antes, o sistema de eliminação desses gases era através de tubulações com válvulas de pressão, a fim de que os gases pudessem escapar para a atmosfera acima do convés; como são muito leves, os gases imediatamente subiam. Recentemente, fora projetado um sistema muito mais seguro; gases inertes da descarga principal dos motores eram expelidos para os porões, de onde expulsavam o oxigênio e se acumulavam sobre a superfície do petróleo bruto. Esses gases inertes eram constituídos principalmente por monóxido de carbono.

Criando assim uma atmosfera completamente destituída de oxigênio, não havia qualquer perigo em fogo ou numa faísca, que exigem oxigênio. Cada tanque tinha uma escotilha de inspeção circular, de um metro, que dava para o convés principal. Se algum visitante incauto abrisse uma dessas escotilhas, seria imediatamente envolvido por uma nuvem de gás inerte. Morreria sufocado, asfixiado numa atmosfera que não continha oxigênio.

— Obrigado — disse o terrorista quando Martinsson acabou de explicar. — Quem cuida dos aparelhos de respiração?

— É o Primeiro-Oficial. Mas todos nós fomos treinados para usá-los.

Dois minutos depois, ele estava de volta à sala de tintas, trancado com o resto da tripulação. Eram cinco horas da manhã.

Enquanto o líder dos terroristas estava na sala de controle de carga com Martinsson e outro apontava sua submetralhadora para Thor Larsen, os restantes cinco haviam descarregado a lancha. As 10 valises com explosivos ficaram no convés, no meio do navio, acima da escada de acesso, aguardando as instruções do líder para a devida colocação. E ele deu as ordens com uma precisão incisiva. No convés de proa, as escotilhas de inspeção dos tanques de lastro de bombordo e estibordo foram desatarraxadas e removidas, deixando à mostra a escada de aço embutida na parede que descia 25 metros pelas profundezas escuras de ar abafado.

Azamat Krim tirou a máscara, meteu-a no bolso, pegou a lanterna e desceu por uma das escotilhas. Duas valises foram baixadas por cordas, atrás dele. Trabalhando no fundo do porão, à luz da lanterna, ele colocou toda a carga de uma valise na antepara externa do *Freya*, prendendo com uma corda a uma das vigas verticais. Dividiu em duas partes a carga da outra valise, colocando uma parte na antepara anterior, além da qual havia 20.000 toneladas de petróleo bruto, e a outra antepara posterior, além da qual também havia 20.000 toneladas de petróleo bruto. Sacos de areia, também trazidos da lancha, foram amontoados em torno das cargas, para

concentrar a explosão. Depois de verificar os detonadores e ligá-los ao mecanismo de disparo, Krim voltou a subir para o convés principal.

O mesmo processo foi repetido no outro lado do *Freya* e depois mais duas vezes nos tanques de lastro de bombordo e estibordo perto da superestrutura. Krim usou oito valises de explosivos em quatro tanques de lastro. Colocou a nona valise no tanque de lastro do centro, no meio do navio, não para abrir um buraco de acesso ao mar que estava à espera, mas para ajudar a romper a estrutura do navio.

A décima valise foi levada para a casa de máquinas. Ali, na curvatura do casco do *Freya*, encostada na antepara da sala de tintas, a carga foi colocada e preparada. Era potente o bastante para romper as duas anteparas simultaneamente. Se a carga fosse acionada, os homens trancados na sala de tintas que sobrevivessem a explosão morreriam afogados, quando o mar, sob imensa pressão, 25 metros abaixo das ondas, penetrasse no navio. Eram 6:15 da manhã e o dia raiava sobre os conveses silenciosos do Freya quando Krim foi apresentar-se a Andrew Drake.

— As cargas já foram colocadas e preparadas, Andriy — disse ele. — Peço a Deus que jamais tenhamos de acioná-las.

— Não precisaremos fazê-lo — assegurou Drake. — Mas tenho de convencer o Comandante Larsen dessa possibilidade. Somente depois que ele vir e acreditar é que poderá persuadir as autoridades. Terão então de fazer o que quisermos, pois não haverá alternativa.

Dois homens da tripulação foram retirados da sala de tintas, obrigados a vestir os trajes protetores, com as máscaras e tanques portáteis de oxigênio, descendo então para o convés principal e abrindo todas as 50 escotilhas de inspeção dos tanques de carga, da proa à popa. Depois que o trabalho foi feito, os homens voltaram a ser trancados na sala de tintas. A porta de aço não voltaria a ser aberta até que os dois prisioneiros na Alemanha estivessem em segurança em Israel.

Às seis e meia, ainda mascarado, Andrew Drake voltou ao camarote do Comandante. Exausto, sentou-se diante de Thor Larsen e contou-lhe tudo o que havia sido feito. O norueguês sustentou o olhar dele, impassível, contido pela submetralhadora que lhe era apontada do canto do camarote.

Ao terminar o relato, Drake exibiu para Larsen um instrumento de plástico preto. Não era maior do que dois maços de cigarro juntos; tinha um único botão vermelho em cima e uma antena de aço de quatro centímetros.

— Sabe o que é isso, Comandante?

Larsen deu de ombros. Mas conhecia o bastante de rádio para reconhecer um pequeno transmissor transistorizado.

— É um oscilador — falou Drake. — Se o botão vermelho for comprimido, emitirá uma única nota VHF, subindo de tom, até um grito que nossos ouvidos não poderão captar. Mas ligada a cada carga instalada no navio há um pequeno receptor que pode e vai ouvir. À medida que o diapasão for aumentando, um mostrador nos receptores irá indicá-lo, as agulhas avançando, até o ponto em que não poderão ir mais adiante. Quando isso acontecer, os fusíveis dos mecanismos irão explodir e uma corrente será interrompida. A interrupção da corrente em cada receptor transmitirá sua mensagem aos detonadores, que entrarão em ação. E sabe o que isso significaria?

Thor Larsen ficou olhando em silêncio para o homem mascarado no outro lado da mesa. Seu navio, seu amado *Freya*, estava sendo violentado e ele nada podia fazer. Sua tripulação estava trancafiada num caixão de aço, a poucos centímetros de uma carga explosiva que poderia matar todos os homens e cobri-los segundos depois com a água gelada do mar.

Com os olhos da mente, Larsen teve uma visão do inferno. Se as cargas explodissem, grandes buracos seriam abertos nos lados de bombordo e estibordo, em quatro dos tanques de lastro. Montanhas de mar impetuoso entrariam pelas aberturas, enchendo os tanques de lastro em questão de minutos. Sendo mais pesada do que o petróleo bruto, a água do mar exerceria uma pressão maior; passaria pelos buracos abertos dentro dos tanques de lastro para os porões de carga vizinhos, impelindo o petróleo bruto para cima, através das escotilhas de inspeção, até que outros seis tanques também ficassem cheios de água. Isso aconteceria no pique de vante e logo a ré do lugar em que estava. Em questão de minutos, a casa de máquinas seria inundada por dezenas de milhas de toneladas de água verde. A proa e a popa iriam baixar pelo menos três metros, mas o meio do navio, com seus tanques de lastro intactos, cheios de ar, iria elevar-se. *Freya*, a mais linda de todas as deusas nórdicas, *Freya*, o seu navio, iria arquear as costas uma vez, angustiado pela dor, partindo-se ao meio. As duas partes afundariam direto, sem virar, até o leito do mar oito metros abaixo, com 50 escotilhas de inspeção abertas. Um milhão de toneladas de petróleo bruto deixaria os porões de carga para a superfície do Mar do Norte.

Poderia levar uma hora para que o gigantesco navio afundasse completamente, mas o processo seria irreversível. Em águas tão rasas,

parte da superestrutura poderia ficar ainda acima da superfície, mas nunca mais seria possível fazer com que o navio tornasse a flutuar. Poderia demorar três dias até que toda a carga chegasse à superfície, mas nenhum mergulhador poderia trabalhar entre 50 colunas de petróleo bruto a se elevar verticalmente. Ninguém poderia tornar a fechar as escotilhas. O escapamento do petróleo, assim como a destruição do navio, seria um processo irreversível.

Larsen continuou olhando para o homem mascarado, sem fazer qualquer comentário. Uma raiva profunda e intensa fervilhava dentro dele, crescendo a cada minuto que passava. Mas ele nada deixava transparecer.

— O que estão querendo? — indagou Larsen, finalmente.

O terrorista olhou o mostrador do relógio digital na antepara. Faltavam 15 minutos para as sete horas.

— Vamos para a sala de rádio — disse ele. — Falaremos com Rotterdam. Ou melhor, você vai falar com Rotterdam.

Cerca de 27 milhas a leste, o Sol nascente atenuava o clarão das grandes chamas amareladas que se elevam dia e noite das refinarias de petróleo de Europort. Ao longo da noite, da cabine de comando do *Freya*, fora possível avistar essas chamas no céu escuro acima das refinarias da Chevron, Shell e *British Petroleum*; mais além, podia-se avistar também o clarão azulado da iluminação das ruas de Rotterdam.

As refinarias e o imenso complexo de Europort, o maior terminal de petróleo do mundo, ficam na margem sul do Estuário do Maas. Na margem norte, fica o Cabo da Holanda, com o seu terminal de barca e o prédio do Controle do Maas, por trás de uma rede de antenas de radar.

Ali, às 6:45 da manhã de 1 de abril, o Oficial de Plantão Bernhard Dijkstra bocejou e espreguiçou-se. Voltaria para casa dentro de 15 minutos e tomaria um lauto e bem merecido café da manhã. Depois de dormir um pouco, voltaria numa lancha de sua casa em Gravenzande, aproveitando as horas de folga para assistir ao novo petroleiro entrando no estuário. Deveria ser um dia e tanto. Como que a responder a seus pensamentos, o alto-falante a sua frente subitamente entrou em funcionamento.

— Controle do Maas, Controle do Maas. Aqui é o *Freya*.

O superpetroleiro estava no Canal 20, que era o canal habitual para que um petroleiro no mar entrasse em contato com o Controle do Maas pelo radiotelefone. Dijkstra inclinou-se para a frente e empurrou uma pequena alavanca.

— *Freya*, aqui é o Controle do Maas. Pode falar.

— Controle do Maas, aqui é *Freya*. Comandante Thor Larsen falando. Onde está a lancha com minha turma de atracação?

Dijkstra consultou uma prancheta à esquerda do painel de controle.

— *Freya*, aqui é o Controle do Maas. A lancha deixou o Cabo há pouco mais de uma hora. Deve estar chegando aí em mais vinte minutos.

O que se seguiu fez Dijkstra ficar abruptamente ereto e tenso.

— *Freya* para Controle do Maas. Entre imediatamente em contato com a lancha e mande que volte para o porto. Não podemos receber os homens a bordo. Informe aos pilotos do Maas para não decolarem. Repito, os pilotos do Maas não devem decolar. Não podemos recebê-los a bordo. Temos uma emergência. Repito, temos uma emergência.

Dijkstra cobriu o alto-falante com a mão e gritou para que seu colega do plantão ligasse imediatamente o gravador. Depois que os carretéis estavam girando, para registrar a conversa, Dijkstra tirou a mão do alto-falante e disse cuidadosamente:

— *Freya*, aqui é o Controle do Maas. Mensagem recebida. Não quer que a turma de atracação se aproxime. Não quer que os pilotos decolem. Por favor, confirme.

— Controle do Maas, aqui é o *Freya*. Confirmado. Confirmado.

— *Freya*, por favor, dê detalhes da emergência.

Houve silêncio por 10 segundos, como se estivesse ocorrendo uma consulta na cabine de comando do *Freya*. Depois, a voz de Larsen tornou a soar na sala do Controle do Maas:

— Controle do Maas, aqui é o *Freya*. Não posso esclarecer a natureza da emergência. Mas se houver qualquer tentativa de alguém se aproximar do *Freya*, pessoas serão mortas. Por favor, fiquem longe. Não façam qualquer tentativa de entrar em contato com o *Freya* pelo rádio ou telefone. O *Freya* voltará a entrar em contato com vocês exatamente a zero-nove-zero-zero horas. O Diretor da Administração do Porto de Rotterdam deve estar presente na sala de controle. Isso é tudo.

A voz parou de falar e houve um clique sonoro. Dijkstra tentou fazer contato novamente duas ou três vezes. Depois, olhou para seu colega, aturdido, e murmurou:

-— Que diabo significa tudo isso?

O Oficial Schipper deu de ombros.

— Não estou gostando nada — disse ele. — O Comandante Larsen falou como se estivesse correndo algum perigo.

— Ele falou em homens serem mortos — comentou Dijkstra. — Mas como? Será que houve um motim a bordo? Ou alguém enlouqueceu?

— É melhor fazermos o que ele disse até que fique tudo esclarecido.

— Tem razão. Fale com o Diretor do Porto, enquanto entro em contato com a lancha e com os dois pilotos em Schiphol.

A lancha levando a equipe de atracação deslizava pelo mar sereno na direção do *Freya*, a uma velocidade de 10 nós, faltando apenas três milhas a percorrer. Estava nascendo uma linda manhã de primavera, excepcionalmente quente para aquela época do ano. Três milhas à frente, o costado do gigantesco petroleiro era cada vez maior. Os 10 holandeses que iriam ajudar a atracá-lo, mas que nunca o tinham visto antes, estavam esticando a cabeça para ver melhor, na maior expectativa, à medida que se aproximavam.

Ninguém pensou em nada demais quando o rádio de contato de terra, ao lado do timoneiro, começou a estalar, entrando em funcionamento. O timoneiro tirou o fone do gancho e levou-o ao ouvido. Franzindo o rosto, pôs a lancha subitamente em marcha lenta.

Pediu confirmação. Só depois é que deu uma guinada no leme, fazendo a lancha descrever um semicírculo.

— Vamos voltar — informou ele aos homens que o fitavam perplexos. — Há algo errado. O Comandante Larsen ainda não está pronto para recebê-los.

Por trás deles, enquanto voltavam para o Cabo, o *Freya* novamente ia ficando cada vez menor, recortado contra o horizonte.

No Aeroporto de Schiphol, ao sul de Amsterdã, os dois pilotos do estuário estavam-se encaminhando para o helicóptero do porto, que iria levá-los pelo ar até o convés do petroleiro. Era um procedimento de rotina; eles sempre seguiam de helicóptero ao encontro dos navios à espera em alto-mar.

O piloto mais velho, um veterano grisalho com 20 anos no mar e 15 anos de Piloto do Maas, levava sua “caixa marrom”, o instrumento que o ajudaria a guiar o petroleiro num curso determinado com uma margem de erro inferior a um metro, se desejasse ser tão preciso. Com o *Freya* apenas seis metros acima dos bancos de areia e com o Canal Interior tendo apenas mais cinco metros que o navio, teria de sê-lo naquela manhã.

No momento em que eles se abaixaram e passaram sob as pás girando, o piloto do helicóptero inclinou-se para fora e gritou, acima do rugido do motor:

— Parece que há algo errado. Temos de esperar. Vou desligar o motor.

Com o motor desligado, as pás da hélice foram diminuindo a velocidade, até parar.

— Mas que diabo está acontecendo? — indagou o segundo piloto.

O piloto do helicóptero deu de ombros.

— Não me pergunte. Acabei de receber o aviso do Controle do Maas. O navio ainda não está pronto para recebê-los.

Em sua bela casa de campo, nos arredores de Vlaardingen, Dirk Van Gelder, o Diretor da Administração do Porto, estava tomando o café da manhã, alguns minutos antes das oito horas, quando o telefone tocou. Foi sua esposa quem atendeu.

— É para você — gritou ela, voltando para a cozinha.

Van Gelder levantou-se da mesa, largou o jornal na cadeira e saiu para o vestíbulo.

— Van Gelder — disse ele ao telefone.

Ficou escutando, empertigando-se, abruptamente, e franzindo o rosto.

— O que ele estava querendo dizer com mortos? — Houve outra torrente de palavras em seu ouvido.

— Está bem — disse Van Gelder finalmente. — Continue aí, já estou saindo. Chegarei dentro de quinze minutos.

Desligou o telefone, tirou os chinelos, pôs os sapatos e o paletó, pois minutos depois, estava na porta de sua garagem. Ao sentar-se ao volante da Mercedes e sair de marcha à ré da garagem, ele estava empenhado em reprimir os pensamentos de seu pesadelo pessoal e persistente.

— Deus do céu, um sequestro não! Por favor, qualquer coisa menos um sequestro!

Depois de desligar o radiotelefone na cabine de comando do *Freya*, o Comandante Thor Larsen foi levado, sob a mira de uma arma, a percorrer o navio, espiando pela escotilha de inspeção para os quatro tanques de lastro, com a ajuda de uma lanterna, a fim de poder ver as cargas de dinamite presas abaixo da linha-d'água.

Depois, viu a lancha com a turma de atracação descrever um semicírculo, a três milhas de distância, voltando para a costa. Para o lado do mar, passou um pequeno cargueiro, seguindo para o sul; saudou o leviatã ancorado com um apito exuberante. Não houve resposta.

Viu a carga única no tanque de lastro no meio do navio e as cargas adicionais nos tanques de lastro posteriores, perto da superestrutura. Não precisava ver a sala de tintas. Sabia onde ficava e podia imaginar como as cargas explosivas estavam próximas.

Às oito e meia, enquanto Dirk Van Gelder entrava no prédio do Controle do Maas a fim de escutar a gravação, o Comandante Thor Larsen era escoltado de volta a seu camarote. Notara que um dos terroristas, todo agasalhado contra o frio da manhã, estava no alto do castelo de proa do *Freya*, observando o mar à frente do navio. Havia outro no alto da chaminé, 30 metros acima do convés, de onde podia descortinar todo o mar ao redor. Um terceiro estava na cabine de comando, vigiando as telas de radar, capaz de observar tudo o que acontecia num raio de 50 milhas de mar ao redor, assim como abaixo da superfície, graças à avançada tecnologia do *Freya*.

Dos restantes quatro homens, dois estavam em companhia de Larsen, o líder e mais um; os outros dois deveriam estar em algum lugar dos conveses inferiores.

O líder dos terroristas forçou-o a sentar-se a sua própria mesa, em seu camarote. O homem bateu no oscilador preso em seu cinto e disse:

— Comandante, por favor, não me obrigue a apertar esse botão vermelho. E não pense, por favor, que eu não seria capaz de fazê-lo, se houver alguma tentativa de heroísmo neste navio ou se minhas exigências não forem atendidas. E agora, por gentileza, leia isto.

Entregou a Larsen três folhas de papel almaco, com um texto datilografado, em inglês. Larsen leu rapidamente.

— Às nove horas, vai ler essa mensagem pelo rádio para o Diretor da Administração do Porto de Rotterdam. Nada mais, nada menos. Nada de falar mais alguma coisa em holandês ou norueguês. Nada de perguntas complementares. Limite-se a ler a mensagem. Entendido?

Larsen assentiu, com expressão sombria. A porta foi aberta nesse momento e um terrorista mascarado entrou. Vinha da cozinha e trazia uma bandeja com ovos mexidos, pão, manteiga, geleia e café. Colocou-a sobre a mesa, entre os dois homens.

— O café da manhã! — disse o líder terrorista, gesticulando para Larsen. — Pode comer também.

Larsen sacudiu a cabeça, recusando-se a comer. Mas tomou o café. Passara toda a noite acordado e no dia anterior se levantara às sete horas da manhã. Estava há 26 horas acordado e não sabia quando poderia voltar a dormir. Precisava ficar alerta e sabia que o café poderia ajudar. Calculou

que o terrorista no outro lado da mesa também deveria estar acordado há um tempo equivalente.

O líder fez sinal para que o outro terrorista se retirasse. A porta foi fechada e os dois ficaram a sós. Mas a mesa larga deixava o terrorista fora do alcance de Larsen. A arma estava a poucos centímetros da mão direita do homem, o oscilador em sua cintura.

— Não creio que tenhamos de abusar de sua hospitalidade por mais de trinta ou quarenta horas — disse o homem mascarado. — Mas tenho certeza de que vou acabar sufocando, se ficar com essa máscara durante todo o tempo. Não creio que faça alguma diferença se eu a tirar. Nunca me viu antes; depois de amanhã nunca mais tornará a me ver.

Com a mão esquerda, o homem arrancou o capuz da cabeça. Larsen descobriu-se a olhar para um homem de 30 e poucos anos, olhos castanhos, cabelos castanhos claros. Larsen estava desconcertado. O homem falava como um inglês, comportava-se como um inglês. Mas os ingleses certamente não sequestram petroleiros. Seria um irlandês? Do Exército Republicano Irlandês? Mas ele se referira a amigos presos na Alemanha. Seria árabe? Havia terroristas da Organização de Libertação da Palestina presos na Alemanha. E ele falara numa língua estranha com seus companheiros. Não soava como árabe, é verdade, mas havia dezenas de dialetos arábicos e Larsen conhecia apenas os árabes do Golfo. O mais provável era que fosse irlandês.

— Como posso chamá-lo? — perguntou ele ao homem que jamais conheceria como Andriy Drach ou Andrew Drake.

O homem pensou por um momento, enquanto comia.

— Pode chamar-me de “Svoboda” — disse ele, finalmente. — É um nome bastante encontrado em minha língua. Mas é também um substantivo comum. Significa “liberdade”.

— Não é uma palavra árabe.

O homem sorriu pela primeira vez.

— Claro que não. Não somos árabes. Somos combatentes da liberdade ucranianos e nos orgulhamos disso.

— E acha mesmo que as autoridades vão libertar seus amigos que estão presos?

— Terão de libertá-los — disse Drake, confiante. — Nãoo tem alternativa. Vamos indo. Já são quase nove horas.

12

09:00 às 13:00

— Controle do Maas, Controle do Maas, aqui é o *Freya*.

A voz de barítono do Comandante Thor Larsen ecoou pela sala principal do Controle do Maas, no prédio situado na ponta do Cabo da Holanda. Ali, no primeiro andar, com janelas panorâmicas dando para o Mar do Norte, agora com as cortinas fechadas contra o brilho do Sol da manhã, para não afetar as telas de radar, cinco homens estavam sentados, à espera.

Dijkstra e Schipper ainda estavam na sala, tendo esquecido inteiramente o café da manhã. Dirk Van Gelder estava atrás de Dijkstra, pronto para assumir o controle, quando chegasse a chamada. Em outro painel de controle, um dos homens do turno do dia estava cuidando do resto do tráfego do estuário, fazendo os navios entrarem e saírem e mantendo-os longe do Freya, cujo *bip* na tela de radar ficava no limite do campo de alcance, mas ainda assim era bem maior do que os outros. O chefe de segurança marítima do Controle do Maas também estava presente.

Assim que a chamada chegou, Dijkstra saiu da cadeira diante do alto-falante e Van Gelder se sentou. O Diretor segurou a base do microfone de mesa, limpou a garganta e empurrou a alavanca de transmissão.

— *Freya*, aqui é Controle do Maas. Pode falar, por favor. Além do prédio, que parecia uma torre de controle de tráfego aéreo decepada e colocada na areia, outros ouvidos estavam escutando. Durante a transmissão anterior, dois outros navios haviam captado parte da conversa e nos 90 minutos transcorridos desde então houvera muitas conversas entre oficiais de rádio de diversos navios. Agora, uma dúzia estava escutando atentamente.

No *Freya*, Larsen sabia que podia passar a transmissão para o Canal 16, falar com a Rádio Scheveningen e pedir um canal de maior

privacidade com o Controle do Maas. Mas as pessoas na escuta inevitavelmente acabariam localizando rapidamente o novo canal. Por isso, permaneceu no Canal 20.

— *Freya* para Controle do Maas. Quero falar pessoalmente com o Diretor da Administração do Porto.

— Aqui é o Controle do Maas. Dirk Van Gelder falando. Sou o Diretor da Administração do Porto.

— Aqui é Thor Larsen, Comandante do *Freya*.

— Pode falar, Comandante Larsen. Qual é o seu problema?

Na cabine de comando do *Freya*, Drake gesticulou com a arma para a declaração escrita na mão de Larsen. O comandante norueguês assentiu, empurrou a alavanca de transmissão e começou a ler a mensagem pelo radiotelefone.

— Estou lendo uma mensagem previamente preparada. Por favor, não interrompa e não faça perguntas. Às três horas desta madrugada, o *Freya* foi capturado por homens armados. Já tive motivos suficientes para acreditar que eles estão determinados e dispostos a consumar todas as suas ameaças, a menos que suas exigências sejam atendidas.

Na torre de controle na ponta de areia, Van Gelder deixou escapar uma exclamação de surpresa. Fechou os olhos, angustiado. Há anos que vinha reclamando algumas medidas de segurança para proteger aquelas bombas flutuantes da possibilidade de sequestro. Fora ignorado e agora finalmente acontecera. A voz pelo alto-falante continuou a falar, enquanto os carretéis do gravador giravam impassivelmente.

— Toda a minha tripulação está neste momento trancada no convés inferior do navio, por detrás de portas de aço, sem a menor possibilidade de escapar. Até agora, nada mais fizeram com meus homens. Eu próprio estou sob a mira de uma arma, na cabine de comando.

"Durante a noite, cargas explosivas foram colocadas em posições estratégicas em diversos pontos no interior do casco do *Freya*. Examinei essas cargas pessoalmente e posso confirmar que, se explodirem, vão partir o *Freya* ao meio, matando instantaneamente a tripulação e derramando um milhão de toneladas de petróleo bruto no Mar do Norte.

"Essas são as exigências imediatas dos homens que capturaram o *Freya*. Primeira: todo tráfego marítimo deve ser imediatamente afastado da área numa linha de 45o Sul para leste do *Freya* e 45o Norte na mesma direção; ou seja, num arco de 90o entre o *Freya* e a costa holandesa.

"Segunda: nenhuma embarcação, de superfície ou submarina, deve tentar aproximar-se do *Freya* por qualquer outra direção, dentro de um raio de cinco milhas. Terceira: nenhum avião ou helicóptero deve aproximar-se a um raio de menos de oito quilômetros do *Freya* e a uma altitude inferior a três mil metros. Entendido? Responda, por favor."

Van Gelder apertou o microfone com toda força.

— *Freya*, aqui é o Controle do Maas. Dirk Van Gelder falando. Providenciarei imediatamente o afastamento de todo o tráfego marítimo da área compreendida num arco de 90º entre o *Freya* e a costa holandesa e de uma área de cinco milhas do *Freya* nas outras direções. Vou determinar ao controle de tráfego do Aeroporto de Schiphol para proibir todos os movimentos aéreos dentro de um raio de oito quilômetros e abaixo da altitude de três mil metros. Câmbio.

Houve uma pausa e depois a voz de Larsen tornou a soar:

— Estou informado de que, se houver qualquer tentativa de desrespeitar essas ordens, haverá uma reação imediata, sem qualquer consulta adicional. Ou o *Freya* despejará no mar imediatamente vinte mil toneladas de petróleo bruto ou um dos meus tripulantes será... executado. Entendido? Responda, por favor.

Dirk Van Gelder virou-se para seus controladores de tráfego.

— Pelo amor de Deus, afastem todas as embarcações da área! Depressa! Entrem em contato com Schiphol e contem o que está acontecendo. Não pode haver voos comerciais, aviões particulares ou helicópteros tirando fotografias. Absolutamente nada! E agora tratem de entrar em ação!

Ao microfone, ele acrescentou:

— Entendido, Comandante Larsen. Mais alguma coisa?

— Só mais uma. Não haverá novo contato pelo rádio com o *Freya* até meio-dia. Nessa ocasião, o *Freya* voltará a chamar. Quero falar direta e pessoalmente com o Primeiro-Ministro da Holanda e com o Embaixador da Alemanha Ocidental. Ambos devem estar presentes. Isso é tudo.

O microfone ficou silencioso. Na cabine de comando do *Freya*, Drake tirou o microfone da mão de Larsen e colocou-o no lugar. Depois, gesticulou para que o norueguês voltasse a seu camarote. Quando estavam sentados, separados pela mesa de mais de dois metros de largura, Drake largou a arma e recostou-se na cadeira. O suéter levantou um pouco e Larsen pôde ver o oscilador letal preso na cintura.

— O que vamos fazer agora? — indagou Larsen.

— Vamos esperar, enquanto a Europa enlouquece.

— Eles vão matá-los. Conseguiram subir a bordo, mas não conseguirão ir embora. Podem fazer o que estão mandando. Mas depois que tudo estiver acabado, estarão à espera de vocês.

— Sei disso — respondeu Drake. — Mas não me importo de morrer. É claro que vou fazer tudo para viver. Mas prefiro morrer e matar antes que liquidem meu projeto.

— Quer tanto assim que os dois homens presos na Alemanha sejam libertados?

— Quero, sim. Não posso explicar por quê. Mesmo que eu explicasse, você não compreenderia. Mas há anos que minha terra está ocupada, meu povo é perseguido, aprisionado, morto. E ninguém se importa com isso. Agora, estou ameaçando matar um único homem ou atingir a Europa Ocidental no bolso. Vai ver como todos reagirão prontamente. Súbito, o problema tornou-se uma ameaça de desastre. Para mim, no entanto, o grande desastre é a escravidão da minha terra.

— Mas em que consiste exatamente seu sonho? — indagou Larsen.

— Quero uma Ucrânia livre, o que não poderá ser conseguido a menos que haja um levante popular de milhões de pessoas.

— Na União Soviética? Isso é inteiramente impossível. Jamais acontecerá.

— Pode acontecer, pode perfeitamente acontecer. Já aconteceu na Alemanha Oriental, Hungria e Tchecoslováquia. Mas, primeiro, é preciso acabar com a convicção desses milhões de pessoas de que não têm a menor possibilidade de vencer, de que seus opressores são invencíveis. Se isso acontecer, as comportas podem abrir-se.

— Ninguém vai acreditar nisso.

— No Ocidente, não. Mas há algo estranho no caso. Aqui, no Ocidente, as pessoas dirão que essa previsão está totalmente errada. Mas no Kremlin saberão que estou certo.

— E por esse... levante popular está disposto a morrer?

— Se for necessário, É o meu sonho. Amo aquela terra e aquele povo mais do que a própria vida. É essa a minha vantagem. Num raio de cento e cinquenta quilômetros, não há mais ninguém que ame algo mais do que a própria vida.

Um dia antes, Thor Larsen poderia ter concordado com o fanático. Mas algo estava acontecendo dentro do norueguês, imenso, de movimentos lentos, algo que o surpreendia. Pela primeira vez na vida, ele odiava um homem o suficiente para matá-lo. Dentro de sua cabeça, uma

voz lhe dizia: “Não me importo com seu sonho ucraniano, Sr. Svoboda. Não vai matar minha tripulação nem meu navio.”

Em Felixtowe, na costa de Suffolk, o oficial da Guarda costeira inglesa afastou-se rapidamente do aparelho de rádio e foi falar ao telefone, dizendo à telefonista:

— Ligue-me com urgência com o Departamento do Meio Ambiente, em Londres.

Seu assistente, que também ouvira a conversa entre o *Freya* e o Controle do Maas, comentou:

— Os holandeses estão desta vez com um problema terrível nas mãos.

— O problema não é apenas dos holandeses — disse seu superior. — Dê uma olhada no mapa.

Na parede, havia um mapa de toda a parte sul do Mar do Norte e da extremidade norte do Canal da Mancha. Mostrava a costa de Suffolk, em frente ao Estuário do Maas. A posição do *Freya* durante a noite havia sido devidamente assinalada. Ficava exatamente na metade do caminho entre as duas costas.

— Se o navio explodir, meu caro, todas as nossas costas também ficarão sob um palmo de petróleo, de Hull a Southampton.

Minutos depois, ele estava falando com um servidor civil em Londres, um dos homens do departamento incumbido especificamente de tratar de derrames de óleo no mar. O que ele disse fez com que a primeira xícara de chá esfriasse em Londres naquela manhã.

Dirk Van Gelder conseguiu falar com o Primeiro-Ministro no momento em que este estava prestes a sair de sua residência. A insistência do Diretor da Administração do Porto finalmente persuadiu o jovem assessor a passar a ligação para o Primeiro-Ministro.

— Jan Grayling falando — disse o Primeiro-Ministro. Enquanto escutava Van Gelder, o rosto dele se contraiu todo.

Depois de um momento, perguntou:

— Quem são eles?

— Não sabemos — respondeu Van Gelder. — O Comandante Larsen leu uma mensagem preparada com antecedência. Não podia falar qualquer outra coisa nem responder a perguntas.

— Se ele estava sob coação, talvez não tivesse opção senão confirmar a colocação dos explosivos — disse Grayling. — Talvez seja um blefe.

— Não creio que seja, senhor. Gostaria que eu lhe levasse a gravação?

— Quero, sim. E imediatamente. Pegue seu carro e siga direto para meu gabinete.

O Primeiro-Ministro desligou o telefone e encaminhou-se para a limusine à espera, a mente em turbilhão. Se a ameaça era concreta, então a linda manhã de verão se transformara na pior crise desde que assumira o Governo da Holanda. Enquanto a limusine se afastava, seguida pelo inevitável carro dos agentes de segurança, Grayling se recostou no assento e tentou definir as prioridades. É claro que teria de convocar imediatamente uma reunião de emergência do Gabinete. A imprensa não demoraria a estar em cima dele. Muitos ouvidos tinham escutado a conversa entre o navio e o controle de terra; alguém certamente informaria à imprensa antes do meio-dia.

Ele teria de informar o que estava acontecendo a diversos governos estrangeiros, através das respectivas embaixadas. E deveria autorizar a instalação urgente de um comitê de emergência para enfrentar a crise, integrado por peritos. Felizmente, podia contar com diversos peritos em tais problemas, desde os sequestros praticados pelos sul-molucanos, alguns anos antes. Quando a limusine se aproximou da sede do governo, ele olhou para o relógio. Eram nove e meia.

A expressão “comitê de emergência para enfrentar a crise” já estava sendo pensada em Londres, embora ainda não tivesse sido pronunciada. Sir Rupert Mossbank, Subsecretário Permanente do Departamento do Meio Ambiente, estava falando pelo telefone com o Secretário do Gabinete, Sir Julian Flannery.

— Ainda é cedo para termos mais informações — disse Sir Rupert. — Não sabemos por enquanto quem eles são, quantos são, se há realmente bombas a bordo. Mas se tamanha quantidade de petróleo bruto se derramar no mar, teremos um desastre de grandes proporções.

Sir Julian pensou por um momento, olhando para Whitehall pelas janelas de seu gabinete no primeiro andar.

— Foi bom telefonar-me prontamente, Rupert. Informarei de imediato à Primeira-Ministra. Enquanto isso, só como precaução, pode pedir a alguns de seus homens para prepararem um memorando sobre as possíveis consequências, se o navio for explodido? Área do oceano a ser coberta pelo petróleo, fluxo das marés, correntes, parte da nossa costa que provavelmente será atingida... esse tipo de coisas. Tenho certeza de que ela vai pedir isso.

— Já estou preparando esse relatório, meu caro.

— Excelente! — disse Sir Julian. — Mande-me o mais depressa possível. Desconfio de que ela vai querer saber de tudo. É o que sempre acontece.

Sir Julian trabalhara com três primeiros-ministros e o atual, uma mulher, era de longe o mais decidido e objetivo. Há anos que era uma piada comum o comentário de que o partido no governo tinha uma porção de mulheres velhas de ambos os sexos, mas era dirigido por um homem de verdade. O nome dela era Sra. Joan Carpenter. O Secretário do Gabinete conseguiu marcar a reunião para minutos depois e logo estava atravessando o gramado para o Número Dez, sob o Sol claro da manhã, determinado mas sem qualquer pressa, como era seu hábito.

Quando entrou no gabinete particular da Primeira-Ministra, encontrou-a em sua mesa, onde estava desde as oito horas. Um jogo de café de porcelana azul achava-se numa mesinha ao lado e três caixas vermelhas de despachos estavam abertas no chão. Sir Julian não podia conter sua admiração. Aquela mulher examinava todos os documentos com uma rapidez incrível e, às 10 horas da manhã, já estava tudo normalmente acabado, com seu assentimento, rejeição, um pedido de informações adicionais ou indagações sempre pertinentes.

— Bom dia, Primeira-Ministra.

— Bom dia, Sir Julian. E está de fato um lindo dia.

— Tem toda razão, Madame. Infelizmente, porém, trouxe consigo um acontecimento dos mais desagradáveis.

Ele sentou-se, a um gesto da Primeira-Ministra, e descreveu rapidamente os detalhes que conhecia do sequestro do superpetroleiro no Mar do Norte. A Primeira-Ministra estava alerta, ouvindo atentamente.

— Se for verdade, então esse navio, o *Freya*, pode causar um desastre de grandes proporções ao meio ambiente.

— Exatamente. É verdade que ainda não sabemos se é possível afundar um navio tão grande com o que se presume serem explosivos industriais. Evidentemente, há homens que poderiam fornecer uma avaliação mais detalhada.

— No caso de ser verdade, creio que devemos criar imediatamente um comitê de emergência para enfrentar a crise, considerando todas as implicações. Se não for, teremos a oportunidade de realizar um exercício realista.

Sir Julian franziu ligeiramente as sobrancelhas. A ideia de lançar um rabo de foguete em uma dúzia de departamentos ministeriais não lhe

ocorrera. Pensando agora a respeito, achava que tinha até um certo encanto.

Por 30 minutos, a Primeira-Ministra e seu Secretário de Gabinete relacionaram as áreas em que precisariam de assessoria técnica profissional, se quisessem ficar acuradamente informados sobre as opções no sequestro de um gigantesco petroleiro no Mar do Norte. Em relação ao superpetroleiro propriamente dito, ela teria todas as informações através do *Lloyds*, que certamente dispunha de uma planta completa do navio. Em relação à estrutura de petroleiros, a divisão marítima da *British Petroleum* teria um técnico para estudar as plantas e emitir um julgamento preciso sobre a exequibilidade de afundar o *Freya*.

Sobre o controle do derramamento, concordaram que o melhor era convocar o chefe de pesquisas específicas do Laboratório de Warren Spring, dirigido conjuntamente pelo Departamento de Indústria e Comércio e pelo Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação, localizado em Stevenage, nos arredores de Londres.

O Ministério da Defesa providenciaria um oficial da ativa especialista em explosivos, para analisar esse aspecto da crise. O Departamento do Meio Ambiente dispunha de peritos que poderiam avaliar a extensão da catástrofe para a ecologia do Mar do Norte. *Trinity House*, a autoridade máxima dos serviços de pilotagem nas costas britânicas, informaria os fluxos das marés e correntezas. O contato com os governos estrangeiros caberia ao *Foreign Office*, que designaria um observador. Às 10:30, a lista parecia completa. Sir Julian preparou-se para ir embora.

— Acha que o Governo holandês vai cuidar do caso sozinho? — perguntou a Primeira-Ministra.

— Ainda é cedo para dizer, Madame. No momento, os terroristas querem apresentar suas exigências diretamente ao Sr. Grayling, ao meio-dia. Ou seja, dentro de noventa minutos. Não tenho a menor dúvida de que Haia se sentirá plenamente capaz de cuidar do problema. Mas se as exigências não puderem ser atendidas ou se o navio for de qualquer maneira explodido, então estamos também envolvidos no caso, como uma nação costeira. Além disso, nossa capacidade e técnicas de enfrentar derramamentos de óleo são as mais avançadas da Europa. Assim, nossos aliados do outro lado do Mar do Norte podem solicitar-nos ajuda.

— Nesse caso, quanto mais cedo estivermos preparados, melhor será. Só mais uma coisa, Sir Julian. Provavelmente isso não irá acontecer, mas se não for possível atender às exigências, talvez tenhamos de

considerar a possibilidade de atacar o navio, para libertar a tripulação e desarmar as cargas explosivas.

Pela primeira vez, Sir Julian sentiu-se contrariado. Por toda a sua vida fora um servidor civil profissional, desde que deixara Oxford, formando-se com distinção. Acreditava que a palavra, escrita e falada, podia resolver a maioria dos problemas, se houvesse tempo. Detestava a violência.

— Tem razão, Primeira-Ministra. Isso seria, evidentemente o último recurso. Pelo que sei, é o que se costuma chamar de "a opção pior".

— Os israelenses atacaram um avião em Entebbe. Os alemães atacaram o que estava em Mogadiscio. Os holandeses atacaram o trem em Assen. Nos três casos, não havia alternativa. Devemos supor que isso pode acontecer novamente.

— Tem razão, Madame.

— Os fuzileiros holandeses teriam condições de executar tal missão?

Sir Julian escolheu cuidadosamente as palavras. Imaginou corpulentos fuzileiros a se movimentarem por Whitehall. Era muito melhor manter essa gente divertindo-se com suas brincadeiras letais nos campos de exercícios de Exmoor.

— Em se tratando de atacar um navio em pleno mar — disse ele — creio que um desembarque de helicóptero não seria exequível. O helicóptero seria avistado do convés e, além disso, o navio está obviamente equipado com radar. Uma aproximação em embarcação, de superfície também seria observada. Neste caso, Madame, não temos um avião numa pista de concreto ou um trem parado, mas sim um navio a mais de vinte e cinco milhas de terra.

Sir Julian esperava que tais palavras acabassem de vez com aquela ideia. Mas a Primeira-Ministra insistiu:

— E quais seriam as possibilidades de uma abordagem por mergulhadores ou homens-rãs armados?

Sir Julian fechou os olhos. Homens rãs armados! Ele estava convencido de que os políticos liam novelas demais para seu próprio bem.

— Homens rãs armados, Primeira-Ministra?

Os olhos azuis do outro lado da mesa fitavam-no impassivelmente.

— Pelo que estou informada, nossa capacidade nesse setor está entre as melhores da Europa.

— É possível que sim, Madame.

— E quem são esses especialistas submarinos?

— O Serviço Especial Marítimo, Primeira-Ministra.

— E quem é a ligação com os nossos serviços especiais em *Whitehall*?

— Há um coronel dos Fuzileiros Navais na Defesa. O nome dele é Holmes.

Sir Julian já podia perceber que as perspectivas eram as piores possíveis. Haviam usado o equivalente baseado em terra do SEM, o mais conhecido Serviço Especial Aéreo ou SEA, para ajudar os alemães em Mogadiscio e no sítio da Rua Balcombe. Harold Wilson sempre demonstrara a maior satisfação em ouvir todos os detalhes dos jogos letais que aqueles valentões haviam travado com os oponentes. Agora, iam começar outra fantasia ao melhor estilo de James Bond.

— Peça ao Coronel Holmes para participar do comitê de emergência da crise. Apenas na qualidade de consultor, é claro.

— Está certo, Madame.

— E prepare o UNICORNE. Espero que entre em ação ao meio-dia, assim que forem conhecidas as exigências dos terroristas.

A cerca de 500 quilômetros de distância, no outro lado do Mar do Norte, a atividade na Holanda já se estava tornando frenética.

De seu gabinete na capital costeira de Haia, o Primeiro-Ministro Jan Grayling e seus assessores estavam convocando membros para um comitê de emergência semelhante ao que a Sra. Carpenter estava pensando em Londres. A primeira necessidade era conhecer exatamente qual a possível tragédia humana ou para o meio ambiente que poderia decorrer de danos em alto-mar num navio como o *Freya* e definir todas as opções que o Governo holandês poderia ter.

Para se obter essa informação, os mesmos tipos de *experts* estavam sendo convocados, por seus conhecimentos especializados, em navegação, derramamento de petróleo, marés, correntes marinhas, perspectivas futuras do tempo, até mesmo em relação à opção militar.

Dirk Van Gelder, depois de entregar a gravação da mensagem do *Freya* transmitida às nove horas da manhã, voltou ao Controle do Maas, por instruções de Jan Grayling, para ficar sentado de prontidão diante do radiotelefone, caso houvesse outro contato do navio antes do meio-dia.

E foi ele quem recebeu o telefonema de Harry Wennerstrom, às 10:30. Tendo terminado de tomar seu café da manhã em sua suíte no Rotterdam-Hilton, o velho magnata da navegação ainda ignorava o desastre que se abatera sobre seu navio. Ninguém se lembrara de avisá-lo.

Wennerstrom estava ligando para indagar o progresso do *Freya*, o qual, àquela altura, segundo ele pensava, já deveria estar no Canal Exterior, avançando lenta e cuidadosamente na direção do Canal Interior, vários quilômetros além da Bóia Euro Um e deslocando-se num curso exato de zero-oito-dois e meio graus. Ele pensava em deixar Rotterdam com seu comboio de autoridades e jornalistas para testemunharem a chegada do navio por volta da hora do almoço, no pique da maré.

Van Gelder pediu desculpas por não haver telefonado para o Hilton e explicou cuidadosamente o que acontecera às 7:30 e 9 horas. Houve silêncio por um longo tempo no outro lado da linha. A reação inicial de Wennerstrom poderia ter sido mencionar que havia um investimento de 170.000.000 de dólares americanos ameaçado além do horizonte a oeste, carregando petróleo bruto no valor de 140.000.000 de dólares. Mas típica do seu comportamento foi a declaração que finalmente fez:

— Há trinta dos meus marinheiros lá no mar, Sr. Van Gelder. E uma coisa quero deixar bem clara: se algo acontecer a qualquer um deles pela recusa em atender às exigências dos terroristas, vou atribuir pessoalmente toda a responsabilidade às autoridades holandesas.

— Sr. Wennerstrom, estamos fazendo tudo o que é possível — disse Van Gelder, que também já comandara um navio. — As exigências dos terroristas em relação à distância que os outros navios devem manter do *Freya* estão sendo cumpridas ao pé da letra. As exigências básicas deles ainda não foram apresentadas. O Primeiro-Ministro está neste momento em seu gabinete em Haia fazendo todo o possível. Ele estará aqui ao meio-dia, para receber a própria mensagem do *Freya*.

Harry Wennerstrom desligou o telefone e ficou olhando pelas janelas panorâmicas da sala de estar da suíte para o céu a oeste, onde o navio dos seus sonhos estava ancorado naquele momento, em mar aberto, com terroristas armados a bordo.

— Cancele o comboio até o Controle do Maas — disse ele, subitamente, a uma das secretárias. — Cancele o almoço. Cancele a recepção esta noite. Cancele a entrevista coletiva. Estou de saída.

— Para onde, Sr. Wennerstrom? — indagou a aturdida jovem.

— Para o Controle do Maas. Sozinho. Quero meu, carro à espera assim que eu chegar na garagem.

E Wennerstrom deixou rapidamente a suíte, encaminhando-se para o elevador.

Em torno do *Freya*, o mar estava-se esvaziando. Trabalhando em colaboração com seus colegas britânicos de Flamborough e Felixtowe, os controladores de tráfego marítimo holandeses estavam desviando todas as embarcações para novas rotas a oeste do *Freya*, a mais próxima a cinco milhas de distância.

A leste do navio prisioneiro, todo o tráfego costeiro recebeu ordens de parar ou voltar; os movimentos de entrada e saída do Europort e Rotterdam foram suspensos. Comandantes de navios furiosos, cujas vozes soavam aos berros no Controle do Maas, exigindo explicações, foram simplesmente informados de que surgira uma emergência e tinham de evitar a qualquer custo a área do mar cujas coordenadas eram anunciadas.

Era impossível esconder da imprensa o que estava acontecendo. Várias dezenas de jornalistas, de publicações marítimas e técnicas, assim como os editores de navegação dos grandes jornais diários dos países vizinhos, já se encontravam em Rotterdam, a fim de participar da recepção preparada para a entrada triunfal do *Freya* no porto naquela tarde. Por volta das 11 horas da manhã, a curiosidade dos jornalistas foi despertada em parte pelo cancelamento da viagem ao Cabo, a fim de assistirem à entrada do *Freya* no Canal Interior, e em parte pelos avisos de suas redações, informadas pelos numerosos radioamadores que gostam de ficar na escuta nas faixas de comunicação marítima.

Pouco depois das 11 horas, os jornalistas começaram a ligar para a suíte de seu anfitrião, Harry Wennerstrom. Mas ele não estava presente e suas secretárias de nada sabiam. Outros telefonemas foram dados para o Controle do Maas e devidamente encaminhados para Haia. Na capital holandesa, as telefonistas encaminharam as ligações para o secretário particular de imprensa do Primeiro-Ministro, por instruções expressas, do Sr. Grayling. O assoberbado jovem procurou esquivar-se da melhor forma possível à pressão dos jornalistas.

A ausência de informações só serviu para deixar os jornalistas ainda mais curiosos. Entraram em contato com seus editores, informando que algo muito grave estava acontecendo com o *Freya*. Os editores prontamente despacharam outros repórteres, que se reuniram ainda pela manhã diante do prédio do Controle do Maas, mantidos além da cerca de ferro pelos guardas. Outros estavam em Haia, atormentando diversos ministérios; mas a maioria cercava o gabinete do Primeiro-Ministro.

O editor de *Die Telegraaf* recebera de um radioamador a informação de que havia terroristas a bordo do *Freya* e apresentariam suas

exigências ao meio-dia. Determinou imediatamente que um monitor de rádio fosse ligado no Canal 20, acoplado a um gravador para registrar toda a mensagem.

Jan Grayling telefonou pessoalmente para o Embaixador da Alemanha Ocidental, Konrad Voss, contando-lhe confidencialmente o que acontecera. Voss entrou em contato com Bonn e 30 minutos depois comunicou ao Primeiro-Ministro holandês que o acompanharia ao Cabo ao meio-dia, como os terroristas haviam exigido. Assegurou a Grayling que o Governo Federal alemão faria tudo o que pudesse para ajudar.

O Ministro do Exterior holandês, por uma questão de cortesia informou o que estava acontecendo aos embaixadores de todas as nações envolvidas, mesmo que remotamente: a Suécia, cuja bandeira o *Freya* hasteava e cujos marinheiros estavam a bordo; Noruega, Finlândia e Dinamarca, que também tinham marinheiros a bordo; Estados Unidos, por causa dos quatro marinheiros escandinavo-americanos, com passaportes americanos e dupla nacionalidade; Inglaterra, como um país costeiro e onde estava sediado o *Lloyds*, a instituição que segurava tanto o navio como a carga; a Bélgica, França e Alemanha Ocidental como nações costeiras que seriam afetadas, se o pior acontecesse.

Em nove capitais europeias, os telefones começaram a tocar freneticamente entre ministérios e departamentos, de cabines públicas para redações, em escritórios de seguros, agências de navegação e casas particulares. Para os que estavam no governo, bancos, navegação, seguros, forças armadas e imprensa, a perspectiva de um tranquilo fim-de-semana recuou naquela manhã de sexta-feira para as distâncias do oceano azul, onde uma bomba de 1.000.000 de toneladas, chamada *Freya*, estava silenciosa e imóvel, sob um Sol quente de primavera.

Harry Wennerstrom estava na metade do caminho de Rotterdam para o Cabo, quando lhe ocorreu uma ideia. A limusine estava passando por Schiedam, na auto-estrada na direção de Vlaardingen, quando recordou que seu jato particular estava no aeroporto municipal local. Pegou o telefone e ligou para sua secretária principal, ainda tentando esquivar-se dos telefonemas da imprensa na suíte dele no Hilton. Quando conseguiu falar com ela, na terceira tentativa, Wennerstrom transmitiu diversas ordens para seu piloto.

— Só mais uma coisa — arrematou ele. — Quero o nome e o telefone do chefe de polícia de Alesund. Isso mesmo, Alesund, na

Noruega. Assim que descobrir, ligue para ele e peça para ficar esperando por um telefonema meu.

A Unidade de Informações do *Lloyds* recebera a notícia pouco depois das 10 horas. Um navio britânico de carga seca estava se preparando para entrar no Estuário do Maas, a caminho de Rotterdam, quando houve o contato das nove horas entre o *Freya* e o controle do Maas. O oficial de rádio ouviu toda a conversa, anotou integralmente em taquigrafia e depois foi mostrar a seu comandante. Minutos depois, estava ditando tudo ao agente do navio em Rotterdam, que a transmitiu à matriz em Londres. Esta entrou em contato com Colchester, Essex, repetindo tudo para o *Lloyds*. Um dos presidentes das 25 firmas separadas de *underwriters* foi procurado e devidamente informado. O consórcio que se reunira para fazer o seguro do casco de 170.000.000 de dólares do *Freya* tinha de ser grande; assim como também era grande o grupo de firmas que cobriam a carga de 1.000.000 de toneladas de petróleo bruto para Clint Blake, que tinha seu quartel-general no Texas. Mas apesar das dimensões do *Freya* e de sua carga, a maior apólice individual era de Proteção e Indenização para os tripulantes e a compensação por poluição. Essa apólice é que pagaria a quantia mais elevada, se o *Freya* fosse explodido.

Pouco antes de meio-dia, o Presidente do *Lloyds*, em seu gabinete na City, examinou alguns cálculos em seu bloco de anotações.

— Estamos falando de um prejuízo de um bilhão de dólares, se o pior acontecer — comentou ele para seu assessor pessoal. — Quem, diabo, são esses homens?

O líder daqueles homens estava sentado no epicentro da crescente tempestade, diante de um comandante norueguês barbado, no camarote por baixo do lado de estibordo da cabine de comando do *Freya*. As cortinas estavam abertas e o Sol quente entrava pelas janelas panorâmicas. Podia-se avistar a coberta de proa silenciosa, estendendo-se por quase meio quilômetro até o pequeno castelo de proa.

Um vulto minúsculo, todo coberto, estava sentado no alto da proa, olhando para o cintilante mar azul. A mesma água azul se estendia por todos os lados do navio, serena, a superfície ligeiramente agitada por uma brisa suave. Durante a manhã, essa brisa havia dispersado gentilmente as nuvens invisíveis dos gases inertes venenosos que tinham subido dos porões depois da abertura das escotilhas de inspeção. Agora, já era

possível andar em segurança pelo convés ou então o homem no castelo de proa não estaria ali.

A temperatura no camarote ainda estava estabilizada, o ar-condicionado tendo entrado em funcionamento, com o desligamento automático do aquecimento central, quando o Sol que entrava Pelas janelas fora-se tornando cada vez mais quente.

Thor Larsen continuava sentado no mesmo lugar em que estava desde o início da manhã, numa extremidade da mesa grande, com Andrew Drake no outro lado.

Desde a conversa depois do contato pelo rádio às nove horas os dois haviam passado a maior parte do tempo em silêncio. A tensão da espera estava começando a produzir seus efeitos. Ambos sabiam que, através do mar, nas duas direções, faziam-se preparativos frenéticos; em primeiro lugar, para tentar avaliar exatamente o que acontecera a bordo do *Freya* durante a noite, e em segundo lugar para calcular o que se podia fazer, se é que alguma coisa podia ser feita.

Larsen sabia que ninguém faria qualquer coisa, ninguém tomaria nenhuma iniciativa, até a transmissão das exigências ao meio-dia. Nesse sentido, o homem sentado a sua frente nada tinha de estúpido. Decidiria manter as autoridades em suspense, tentando adivinhar o que estava para acontecer. Obrigando Larsen a falar em seu lugar, não dera qualquer indicação de sua identidade ou origem. Mesmo as suas motivações eram ignoradas fora do camarote em que estavam sentados. As autoridades certamente iriam querer saber mais, analisar as gravações das transmissões, identificar os padrões de fala e as origens étnicas, antes de decidir qualquer ação. O homem que se dera o nome de Svoboda estava-lhes negando tais informações, minando a confiança dos homens que desafiara a enfrentá-lo.

Estava também proporcionando à imprensa tempo suficiente para tomar conhecimento do desastre, mas não das condições. Os jornais poderiam avaliar a extensão da catástrofe, se o *Freya* explodisse, de forma a estarem preparados para exercer sua capacidade de pressionar as autoridades, antes mesmo de as exigências serem apresentadas. E quando estas fossem formuladas, pareceriam brandas em comparação com a alternativa. Com isso, as autoridades estariam submetidas à pressão da imprensa, antes mesmo de terem tempo para avaliar as exigências.

Larsen, que sabia quais seriam as exigências, estava convencido de que as autoridades não poderiam recusar. A alternativa era terrível demais para todos. Se Svoboda tivesse simplesmente sequestrado um político,

como o pessoal da *Baader-Meinhof* sequestrara Hans-Martin Schleyer e as Brigadas Vermelhas a Aldo Moro, talvez recusassem a libertação de seus amigos. Mas ele preferira destruir cinco costas, um mar, 30 vidas e um investimento de um bilhão de dólares.

— Por que esses homens são tão importantes para você — perguntou Larsen, subitamente.

O homem mais jovem fitou-o e respondeu simplesmente:

— São meus amigos.

— Tenho certeza de que não é só isso. E não estou entendendo. Lembro-me perfeitamente do noticiário de janeiro último. São dois judeus de Lvov aos quais recusaram permissão para emigrar. Por isso, sequestraram um avião de passageiros russo e obrigaram o piloto a pousar em Berlim Ocidental. Como isso pode produzir o seu levante popular?

— Não se preocupe com isso. Faltam cinco minutos para meio-dia. Vamos voltar para a cabine de comando.

Nada mudara na cabine de comando, exceto que agora havia ali mais um terrorista, enroscado a um canto, dormindo, ainda mascarado e segurando a arma. Outro terrorista vigiava as telas de radar e sonar. Svoboda perguntou-lhe algo na língua que Larsen sabia agora ser ucraniano. O homem sacudiu a cabeça e respondeu na mesma língua. A uma palavra de Svoboda, o terrorista mascarado apontou sua arma para Larsen.

Svoboda foi até as telas e deu uma olhada. Havia um círculo periférico de mar vazio em torno do *Freya*, com pelo menos cinco milhas para oeste, sul e norte. Para leste, o mar estava inteiramente vazio até a costa holandesa. Encaminhou-se para a porta e saiu para a ponte de comando, gritando alguma coisa para o alto. Larsen ouviu o homem no alto da chaminé gritar em resposta. Svoboda voltou à cabine e disse ao comandante norueguês:

— Sua audiência está esperando. Qualquer tentativa de truque, fuzilo um de seus marinheiros, conforme prometi.

Larsen pegou o microfone e empurrou a alavanca de transmissão.

— Controle do Maas, Controle do Maas, aqui é o *Freya*.

Embora ele não o soubesse, o chamado foi captado em mais de 50 lugares diferentes. Cinco grandes serviços secretos de informações estavam na escuta, captando o Canal 20 com seus equipamentos sofisticados. As palavras foram ouvidas e simultaneamente transmitidas para a Agência Nacional de Segurança, em Washington, para o SIS, em

Londres, SDECE francês, BND alemão ocidental, KGB soviético e diversos serviços da Holanda, Bélgica e Suécia.

Na escuta, havia também oficiais de rádio de muitos navios, radioamadores e jornalistas. Uma voz respondeu do Cabo da Holanda:

— *Freya*, aqui é Controle do Maas. Pode falar, por favor.

Thor Larsen leu do papel que lhe fora entregue:

— Aqui é o Comandante Thor Larsen. Quero falar pessoalmente com o Primeiro-Ministro da Holanda.

Uma nova voz, falando inglês, foi transmitida pelo rádio do Cabo:

— Comandante Larsen, aqui é Jan Grayling. Sou o Primeiro-Ministro do Reino da Holanda. Está tudo bem aí?

No *Freya*, Svoboda pôs a mão sobre o microfone do radiotelefone e disse a Larsen:

— Nada de perguntas. Indague apenas se o Embaixador da Alemanha Ocidental está presente e qual o nome dele.

— Por favor, Primeiro-Ministro, não faça perguntas. Não tenho permissão para respondê-las. O Embaixador da Alemanha Ocidental está presente?

No Controle do Maas, o microfone foi passado a Konrad Voss.

— Aqui é o Embaixador da República Federal da Alemanha. Meu nome é Konrad Voss.

Na cabine de comando do *Freya*, Svoboda acenou com a cabeça para Larsen, murmurando:

— Tudo bem. Pode ler a mensagem.

Os seis homens agrupados em torno do painel no Controle do Maas ficaram escutando em silêncio. Ali estavam um primeiro-ministro, um embaixador, um psiquiatra, um engenheiro de rádio para prevenir qualquer problema na transmissão, o Diretor da Administração do Porto, Van Gelder, e o controlador de plantão. Todas as demais comunicações marítimas haviam sido desviadas para um canal de reserva. Os dois gravadores giravam silenciosamente. O volume estava ligado ao máximo e a voz de Thor Larsen estrondeou na sala:

— Repito o que já falei às nove horas desta manhã. O *Freya* está em poder de guerrilheiros. Foram colocados explosivos que podem destruir o navio, se detonados. E podem ser detonados pelo aperto de um botão. Repito: pelo aperto de um botão. Não deve haver qualquer tentativa de se aproximar, abordar ou atacar o *Freya*. Se isso acontecer, o botão que irá detonar os explosivos será imediatamente apertado. Os homens que se

apoderaram do navio convenceram-me de que estão preparados inclusive para morrer, se não forem atendidos.

"Se houver qualquer tentativa de aproximação, por embarcação de superfície ou avião, um dos meus marinheiros será executado ou vinte mil toneladas de petróleo bruto serão derramados no mar. Ou ambas as coisas. Vou apresentar agora as exigências dos guerrilheiros.

"Os dois prisioneiros de consciência, David Lazareff e Lev Mishkin, que estão na penitenciária de Tegel em Berlim Ocidental, devem ser libertados. Serão levados num jato civil alemão ocidental para Israel. Antes disso, o Primeiro-Ministro do Estado de Israel deve apresentar uma garantia pública de que os dois não serão repatriados para a União Soviética nem extraditados de volta à Alemanha Ocidental nem mantidos prisioneiros em Israel.

"A libertação deles deve ser consumada amanhã de madrugada. A garantia israelense de salvo-conduto e liberdade deve ser dada à meia-noite de hoje. O não-cumprimento dessas condições fará com que toda a responsabilidade pelas consequências seja da Alemanha Ocidental e Israel. Isso é tudo. Não haverá qualquer contato adicional até que as exigências estejam atendidas.

Houve um estalido e o radiotelefone ficou mudo. O silêncio persistiu no prédio do Controle do Maas. Jan Grayling olhou para Konrad Voss. O Embaixador alemão ocidental deu de ombros, dizendo:

— Devo entrar em contato com Bonn com urgência.

— Posso garantir que o Comandante Larsen está submetido a alguma tensão — comentou o psiquiatra.

— Muito obrigado — disse Grayling. — É o que também penso. Senhores, o que acabamos de ouvir não pode ser divulgado para o público no decorrer da próxima hora. Vou preparar uma declaração para ser divulgada a uma hora. Sr. Embaixador, temo que a pressão começará agora a se deslocar para Bonn.

— Isso é inevitável — disse Voss. — Tenho de voltar a embaixada o mais depressa possível.

— Podemos ir juntos para Haia — convidou Grayling. — Tenho os batedores da polícia e poderemos conversar no carro.

Os assessores pegaram as duas fitas e o grupo partiu para Haia, a 15 minutos de distância, pela costa acima. Depois que eles se foram, Dirk Van Gelder subiu para o terraço em que Harry Wennerstrom pretendia reunir seus convidados, com uma autorização especial, todos olhando

ansiosamente para o mar, enquanto bebiam champanha e comiam sanduíches de salmão, à espera da aproximação do leviatã.

Agora, pensou Van Gelder, olhando para o mar azul, era possível que o imenso navio jamais se aproximasse. Ele também havia sido um comandante da Marinha Mercante holandesa, até que lhe fora oferecido o emprego em terra, com a promessa de uma vida normal com a esposa e filhos. Como marinheiro, pensou na tripulação do *Freya*, trancada muito abaixo das ondas, esperando, impotente, pela salvação ou morte. Mas, como um marinheiro, não estaria no comando das negociações. O caso estava agora fora de suas mãos. Homens mais insinuantes, pensando em termos políticos e não humanos, assumiriam o controle.

Pensou no imenso comandante norueguês, cuja foto já vira, mas a quem jamais encontrara pessoalmente, enfrentando naquele momento lunáticos armados de metralhadoras e dinamite. Imaginou como teria reagido, se acontecesse com ele. Avisara que poderia acontecer um dia, que os superpetroleiros eram, por demais desprotegidos e altamente perigosos. Mas o dinheiro falara mais alto. O argumento decisivo fora o custo extra de instalar os dispositivos necessários para tornar os petroleiros seguros como bancos e depósitos de explosivos. De certa forma, um petroleiro era ambas as coisas. Ninguém dera atenção, ninguém jamais daria. As pessoas se preocupavam com aviões, porque podiam cair em cima de casas, mas não se lembravam dos petroleiros, que estavam fora de vista. Assim, os políticos não haviam insistido e os empresários não tomaram a iniciativa. Agora, porque os superpetroleiros eram tão vulneráveis quanto os cofrinhos em formato de porco, um comandante e sua tripulação de 29 homens podiam morrer como ratos num turbilhão de petróleo e água.

Van Gelder apagou o cigarro com o calcanhar no chão do terraço e olhou novamente para o horizonte vazio.

— Pobres coitados... — murmurou ele. — Pobres coitados à espera da morte... Se ao menos eles tivessem escutado...

13

13:00 às 19:00

Se a reação dos meios de comunicação à transmissão das nove horas fora silenciosa e especulativa, devido à incerteza das fontes de informações, a reação à transmissão do meio-dia foi frenética.

Do meio-dia em diante, não houve mais qualquer dúvida sobre o que acontecera com o *Freya* nem o que o Comandante Larsen dissera para o Controle do Maas pelo radiotelefone. Muitas pessoas haviam escutado a transmissão.

Manchetes garrafais já prontas para as edições que fechavam ao meio-dia dos jornais vespertinos, preparadas às 10 horas, foram substituídas. As manchetes que foram para as rotativas, ao meio-dia e meia, eram mais fortes, no tom e no tamanho. Não havia mais pontos de interrogação ao final de frases. Editoriais foram apressadamente escritos. Jornalistas especializados em questões de navegação e meio ambiente foram convocados a preparar avaliações da situação com toda a presteza.

Programas de rádio e televisão foram interrompidos por toda a Europa, na hora do almoço daquela sexta-feira, para que as notícias fossem transmitidas para ouvintes e espectadores.

Cinco minutos depois do meio-dia, um homem com capacete de motociclista, óculos de proteção e um cachecol escondendo a parte inferior do rosto, entrou calmamente no saguão do prédio da Rua Fleet, 85, em Londres, deixando no balcão um envelope endereçado ao editor de notícias da *Press Association*. Mais tarde, ninguém recordou como era o homem. Afinal, dezenas de mensageiros assim entravam diariamente naquele saguão.

Cerca de 15 minutos depois do meio-dia, o editor de notícias estava abrindo o envelope. Continha a transcrição que o Comandante Larsen lera 15 minutos antes, embora devesse ter sido preparada com bastante antecedência. O editor de notícias comunicou o fato ao editor-chefe, que imediatamente entrou em contato com a polícia. Isso não impediu que o

texto fosse transmitido pelos teletipos, tanto da PA como da Reuter, que funcionava no andar superior, sendo distribuído para o mundo inteiro.

Deixando a Rua Fleet, Miroslav Kaminsky jogou o capacete, óculos de proteção e o cachecol numa lata de lixo, depois pegou um táxi para o Aeroporto de Heathrow e embarcou no voo das 2:15 para Tel Aviv.

Por volta das duas horas da tarde, a pressão da imprensa sobre os Governos holandês e alemão ocidental era cada vez maior. Os dois governos ainda não haviam tido tempo de analisar em paz e tranquilidade as reações que deveriam ter diante das exigências. Começaram a receber um fluxo incessante de telefonemas, instando para que concordassem com a libertação de Mishkin e Lazareff, ao invés de enfrentar o desastre prometido em suas costas pela destruição do *Freya*.

A uma hora da tarde, o Embaixador alemão em Haia estava falando diretamente com seu Ministro do Exterior, Klaus Hagowitz, em Bonn. Assim que desligou, Klaus Hagowitz interrompeu o almoço do Chanceler. O texto da transmissão do meio-dia já estava em Bonn, uma cópia fornecida pelo serviço secreto e outra pelo teletipo da *Reuter*. Todas as redações de jornais da Alemanha também dispunham do texto da *Reuter*. As linhas para a assessoria de imprensa da Chancelaria estavam abarrotadas de ligações.

Quando faltavam 15 minutos para as duas horas, a Chancelaria distribuiu um comunicado oficial, informando que fora convocada para três horas daquela tarde uma reunião de emergência do Gabinete, para analisar a situação. Ministros cancelaram seus planos de deixar Bonn para o final da semana e voltar a fazer contato com seus eleitores. Almoços foram mal digeridos.

O diretor da Penitenciária de Tegel desligou o telefone com uma certa deferência, dois minutos depois das duas horas. Não era com frequência que o Ministro da Justiça da Alemanha Ocidental passava por cima do protocolo de se comunicar com o Prefeito de Berlim Ocidental e procurava-o pessoalmente.

Ele pegou o telefone interno e deu uma ordem a sua secretária. Não havia a menor dúvida de que o Senado de Berlim formularia em breve a mesma determinação. Mas enquanto o Prefeito estivesse fora de contato, durante o almoço, ele então poderia recusar o que fora pedido pelo Ministro da Justiça da Alemanha Federal.

Três minutos depois, um dos funcionários mais antigos e categorizados da penitenciária entrou no gabinete.

— Ouviu o noticiário das duas horas? — perguntou o Diretor.

Passavam apenas cinco minutos de duas horas. O guarda disse que estava fazendo sua ronda quando o *bip* em seu bolso tocara, avisando que deveria procurar o telefone interno de parede mais próximo e entrar em contato com a direção. Não tinha ouvido o noticiário. O Diretor informou-o das exigências que haviam sido apresentadas ao meio-dia pelos terroristas a bordo do *Freya*. O guarda ficou boquiaberto.

— Não dava para imaginar, hem? — disse o Diretor. — Ao que parece vamos virar o foco das atenções do mundo. Assim, teremos de tomar providências. Já dei ordens ao portão principal para que ninguém entre, além dos funcionários. Todas as indagações da imprensa devem ser encaminhadas às autoridades municipais. Agora, temos de cuidar de Mishkin e Lazareff. Quero que toda a guarda naquele andar e particularmente no corredor seja triplicada. Cancele todas as licenças para que haja pessoal suficiente. Transfira todos os presos naquele corredor para outras celas. O lugar deve ficar completamente isolado. Um grupo de agentes está vindo de avião de Bonn para perguntar a Mishkin e Lazareff quem são seus amigos no Mar do Norte. Alguma pergunta?

O guarda engoliu em seco e sacudiu a cabeça.

— Não sabemos quanto tempo essa emergência vai durar — continuou o Diretor. — Quando deveria sair de folga?

— Às seis horas da tarde, senhor.

— Para voltar na segunda-feira às oito horas da manhã?

— Não, senhor. Na noite de segunda-feira. À meia-noite. Estou no turno da noite na próxima semana.

— Terei de lhe pedir que continue a trabalhar. É claro que compensaremos mais tarde, com uma licença generosa. Mas quero que se encarregue de tudo a partir deste momento. Certo?

— Sim, senhor. Vou começar a cuidar de tudo agora mesmo.

O Diretor, que gostava de adotar uma atitude de camaradagem com os subordinados, contornou a mesa e pôs a mão no ombro do homem.

— É um excelente funcionário, Jahn. Não sei o que faríamos sem você.

O líder de esquadrilha Mark Latham olhou para a pista, ouviu a autorização para levantar voo da torre de controle e sacudiu a cabeça para o co-piloto. A mão enluvada do homem mais moço empurrou lentamente os quatros manetes. Os quatro motores *Rolls Royce Spey* foram acelerados para a impulsão necessária e o Nimrod Mark Dois decolou da base da RAF

em Kinross e virando em seguida para sudeste, afastando-se da Escócia, a caminho do Mar do Norte e do Canal da Mancha.

O líder de esquadrilha do Comando Costeiro, um homem de 31 anos, sabia que estava comandando o melhor avião para observação de submarinos e embarcações de superfície do mundo. Com sua tripulação de 12 homens, motores adaptados e acessórios de desempenho e observação, o Nimrod podia sobrevoar as ondas a baixa altitude, lentamente, escutando com ouvidos eletrônicos os movimentos submarinos, ou circular em alta altitude, hora após hora com dois motores desligados para economia de combustível, vigiando uma extensa área do oceano.

Os radares captariam o menor movimento de substância metálica na superfície do mar, as câmaras podiam fotografar dia e noite; não eram afetadas por tempestade ou neve, granizo, nevoeiro ou vento, claridade ou escuridão. Os computadores *Datalink* podiam processar as informações recebidas, identificar o que se via e transmitir tudo, em termos visuais ou eletrônicos, para a base ou para algum navio da Marinha Real ligado ao *Datalink*.

As ordens de Latham, naquela sexta-feira ensolarada de primavera, eram para se postar cinco mil metros acima do *Freya* e ficar circulando, até ser substituído.

— O navio está aparecendo na tela, Comandante — disse o operador de radar, pelo sistema de intercomunicação. No fundo do corpo do avião, o operador olhava atentamente para a tela do radar, mostrando a área de mar livre de tráfego em torno do *Freya*, o *bip* grande encaminhando-se da periferia para o centro da tela, à medida que se aproximavam.

— Acionem as câmaras — disse Latham, calmamente.

A câmara de dia F.126 do Nimrod girou bruscamente como um canhão automático, localizou o *Freya* e fez contato. Automaticamente, ajustou alcance e foco para uma definição máxima. Como toupeiras dentro da fuselagem às escuras, os homens por trás da câmara viram o *Freya* aparecer na tela de imagem. Dali por diante, o aparelho podia voar por todo o céu que as câmaras continuariam focalizadas no *Freya*, ajustando-se para distância e mudanças de luz, girando para compensar os deslocamentos do Nimrod. Mesmo que o *Freya* começasse a se deslocar, as câmaras continuariam focalizadas, como um olho implacável, até que recebesse novas ordens.

— Comecem a transmissão — acrescentou Latham.

O *Datalink* começou a despachar imagens para a Inglaterra. Quando estava sobrevoando o *Freya*, o Nimrod virou para bombordo. Latham, em seu assento no lado esquerdo, pôde olhar para baixo, visualmente. Atrás e abaixo dele, a câmara entrou em zoom, superando o olho humano. Captou o vulto solitário do terrorista no pique de vante, o rosto mascarado virado para cima, olhando para o pontinho prateado a 5.000 metros de altitude. Captou também o segundo terrorista, no alto da chaminé, fazendo um *zoom* até que o capuz com máscara enchesse toda a tela. O homem estava segurando uma submetralhadora.

— Lá estão os filhos da mãe! — exclamou o operador das câmaras.

O Nimrod descreveu uma volta suave por cima do *Freya* e o piloto automático foi ligado, ao mesmo tempo em que dois motores eram desligados e a aceleração reduzida ao mínimo. Pôs-se a circular o navio, observado e esperando, transmitindo tudo à base. Mark Latham ordenou ao co-piloto que assumisse o comando, desabotoou o cinto de segurança e saiu da cabine de comando. Foi até o pequeno refeitório para quatro homens, entrou no banheiro, lavou as mãos e depois sentou-se com sua lancheira de aquecimento a vácuo. Era de fato, pensou ele, uma maneira extremamente confortável de ir à guerra.

O Volvo reluzente do Chefe de Polícia de Alesund entrou no caminho de cascalho da casa de madeira, em estilo de rancho, em Bogneset, a 20 minutos do centro da cidade. Parou diante da varanda de pedra.

Trygve Dahl era um contemporâneo de Thor Larsen. Haviam crescido juntos em Alesund. Dahl se tornara cadete da academia da polícia na mesma ocasião em que Larsen ingressara na Marinha Mercante. Conhecia Lisa Larsen desde que o amigo viera de Oslo com a jovem esposa, logo depois do casamento. Seus filhos conheciam Kurt e Kristina, brincavam com eles na escola, velejavam juntos nos longos feriados de verão.

"Oh, diabo, o que vou dizer a ela?", pensou Dahl, ao sair do Volvo.

Ninguém atendera ao telefone, o que significava que Lisa devia estar fora de casa. Àquela hora, as crianças encontravam-se na escola. Se Lisa saíra para fazer compras, talvez já tivesse encontrado alguém que lhe contara tudo. Ele tocou a campainha. Como ninguém atendesse, deu a volta até os fundos da casa.

Lisa Larsen gostava de cuidar de uma horta grande atrás da casa e foi lá que Dahl a encontrou, dando pedaços de cenouras ao coelho de

estimação de Kristina. Ela levantou a cabeça e sorriu, ao vê-lo contornando a casa.

"Ela não sabe de nada", pensou Dahl. Lisa empurrou o resto da cenoura pela grade da gaiola e aproximou-se dele, tirando as luvas de jardinagem.

— Mas que prazer vê-lo aqui, Trygve! O que o fez sair da cidade?

— Lisa, por acaso ouviu os noticiários de rádio esta manhã?

Ela pensou por um momento.

— Escutei o noticiário das oito horas, depois de tomar café. Desde então estou fora de casa, cuidando da horta.

— Não atendeu ao telefone?

Pela primeira vez, uma sombra se insinuou nos olhos castanhos brilhantes. O sorriso desapareceu.

— Não. Não dá para escutar aqui fora. O telefone por acaso tocou?

— Fique calma, Lisa. Aconteceu algo. Não, não foi com as crianças. Foi com Thor.

Ela empalideceu por baixo do bronzeado. Cuidadosamente, Trygve Dahl contou o que acontecera desde a madrugada, muito ao sul dali, ao largo de Rotterdam.

— Até agora, pelo que sabemos, ele está bem. Nada lhe aconteceu e nada acontecerá. Os alemães vão soltar os dois prisioneiros e tudo acabará bem.

Lisa não chorou. Permaneceu calma e disse:

— Quero ir para o lugar em que ele está.

O Chefe de Polícia ficou aliviado. Poderia prever aquela reação de Lisa, mas mesmo assim sentiu-se aliviado. Agora, poderia organizar as coisas. Era muito melhor nisso.

— O jato particular de Harald Wennerstrom deve chegar ao aeroporto dentro de vinte minutos — disse ele. — Eu a levarei até lá. Ele me telefonou há uma hora. Achou que você poderia querer ir para Rotterdam, a fim de poder ficar perto de Thor. Não se preocupe com as crianças. Vou buscá-las na escola, antes de saberem o que aconteceu pelos professores. E é claro que ficarão conosco.

Vinte minutos depois, Lisa estava no carro com Dahl, seguindo velozmente para Alesund. O Chefe de Polícia usou o rádio do carro para retardar a saída da barca para o aeroporto. Pouco depois de uma e meia da tarde, o Jetstream com o emblema azul e prateado da linha Nordia correu pela pista, elevou-se sobre as águas da baía e foi ganhando altitude, na direção do sul.

Desde a década de 1960 e particularmente ao longo dos anos 70, a crescente eclosão de atos de terrorismo levou o Governo britânico a instituir procedimentos de rotina para enfrentar os problemas surgidos. O principal é a instalação de um comitê de emergência para enfrentar a crise.

Quando a crise é grande o bastante para envolver numerosos departamentos e serviços, o comitê integrado pelos representantes de todos eles se reúne num ponto central, próximo do próprio centro do governo, a fim de concentrar as informações e coordenar todas as decisões e ações. Esse ponto central é uma sala bem guardada, dois andares abaixo do Salão do Gabinete, em *Whitehall*, a poucos metros do gramado que dá para *Downing Street*, 10. É nessa sala que se reúne o UNICORNE (*United Cabinet Office Review Group, National Emergency* — Grupo de Estudo Conjunto do Gabinete para Emergência Nacional).

Em torno do salão principal de reuniões, há salas menores, Dispõe de uma mesa telefônica independente, ligando o UNICORNE com todos os ministérios, através de linhas diretas, nas quais não pode haver interferência. Há uma sala de teletipos, ligados às principais agências noticiosas; uma sala de telex e uma sala de rádio; uma sala para as secretárias, com máquinas de escrever e copiadoras. Existe até mesmo uma pequena cozinha, onde uma servente de confiança prepara café e refeições ligeiras.

Os homens que ali se reuniram sob a presidência do Secretário do Gabinete, Sir Julian Flannery, pouco depois do meio-dia daquela sexta-feira, representavam todos os departamentos e serviços que ele julgava poderem ser envolvidos.

Àquele estágio, nenhum dos ministros do Gabinete estava presente, embora cada um houvesse enviado um representante, pelo menos no nível de Subsecretário Assistente. Ali estavam representantes dos Ministérios do Exterior, Interior e Defesa, dos Departamentos da Indústria e Comércio, Meio Ambiente, Agricultura e Pesca, e Energia.

Assessorando-os, havia um grupo de técnicos, inclusive três cientistas, especializados nas mais diversas áreas, especialmente explosivos, navios e poluição. Ali estavam também o Subchefe do Estado-Maior da Defesa (um vice-almirante), representantes do serviço secreto da Defesa, MI-5, SIS, RAF e um coronel dos fuzileiros reais chamado Tim Holmes.

— Todos já tivemos tempo de ler a transcrição da transmissão do meio-dia do Comandante Larsen — disse Sir Julian Flannery. — Creio

que, primeiro, devemos determinar alguns fatos indiscutíveis. Podemos começar pelo navio, o... *Freya*. O que sabemos a seu respeito?

O especialista em navegação, do Departamento de Indústria e Comércio, descobriu que todos os olhos estavam fixados nele e disse objetivamente:

— Estive no *Lloyds* esta manhã e obtive a planta do *Freya*. Está aqui. É detalhada, até a última porca e parafuso.

Ele falou por 10 minutos, com a planta aberta em cima da mesa, descrevendo o tamanho, capacidade de carga e a construção do *Freya*, em termos leigos.

Quando ele acabou, o técnico do Departamento de Energia foi chamado a falar. Ele pediu a um assessor que pusesse na mesa um modelo de metro e meio de comprimento de um superpetroleiro.

— Pedi esse modelo emprestado esta manhã — informou ele. — É da *Britsh Petroleum*. Reproduz o superpetroleiro *British Princess*, de um quarto de milhão de toneladas. Mas as diferenças no projeto não são muitas. O *Freya*, no fundo, é apenas um pouco maior.

Com a ajuda do modelo, ele mostrou onde ficava a cabine de comando, indicou o camarote do comandante, onde provavelmente estavam os porões de carga e os porões de lastro, acrescentando que as localizações exatas desses porões só seriam conhecidas quando a Linha Nordia transmitisse as informações a Londres.

Todos os homens observavam a exposição e escutavam atentamente. Mas nenhum mais que o Coronel Holmes, pois ele é que orientaria os fuzileiros que talvez tivessem de atacar o navio e dominar os sequestradores. Holmes sabia que os fuzileiros iriam querer saber de todos os detalhes do *Freya*, antes de fazerem a abordagem.

— Só há mais uma coisa — disse o técnico do Departamento de Energia. — O Freya está carregado de Mubarraq.

— Santo Deus! — exclamou outro homem.

Sir Julian Flannery fitou-o com uma expressão indulgente.

— O que é, Dr. Henderson?

O homem que falara era o cientista do Laboratório de Warren Springs que acompanhava o representante do Departamento de Agricultura e Pesca. Ele explicou o problema, em seu sotaque escocês:

— Mubarraq é um petróleo bruto de Abu Dhabi, com algumas das propriedades do óleo diesel.

Acrescentou que o petróleo bruto que normalmente se espalha no mar contém tanto as “frações mais leves”, que se evaporam no ar, e as

“frações mais pesadas”, que não se podem evaporar e são o que as pessoas encontram nas praias. E o Dr. Henderson concluiu:

— O que estou querendo dizer é que todo o petróleo vai espalhar-se por toda a área, de costa a costa, antes das frações mais leves evaporarem. Vai envenenar todo o Mar do Norte por muitas semanas, negando à vida marinha o oxigênio de que precisa para viver.

— Estou entendendo — disse Sir. Julian, solenemente. — Obrigado, Dr. Henderson.

Houve exposições de outros especialistas. O técnico em explosivos garantiu que, se colocada nos lugares certos, a dinamite industrial poderia de fato destruir um navio daquele tamanho.

— É também uma questão da força latente contida no peso representado por um milhão de toneladas, de petróleo ou qualquer outra coisa. Se os buracos forem abertos nos lugares certos, a massa em desequilíbrio fará o navio partir-se ao meio. Só mais uma coisa: a mensagem lida pelo Comandante Larsen falava no aperto de um botão. Ele chegou a repetir a referência. Tenho a impressão de que foram colocadas quase uma dúzia de cargas. A referência parece indicar que seriam acionadas por um impulso de rádio.

— E isso é possível? — indagou Sir Julian.

— Perfeitamente possível — declarou o técnico em explosivos, explicando em seguida como funcionava um oscilador.

— Mas as cargas não poderiam estar ligadas por fios, terminando num embolo? — perguntou Sir Julian.

— É novamente uma questão de peso — disse o engenheiro. — Os fios teriam de ser à prova d'água, encapados em plástico. O peso de quilômetros e quilômetros de fio flexível praticamente afundaria a lancha na qual os terroristas abordaram o navio.

Houve mais informações sobre a capacidade destrutiva da poluição pelo petróleo e as poucas possibilidades de salvar os tripulantes aprisionados. O SIS admitiu que não dispunha de qualquer informação que pudesse ajudar a identificar os terroristas, entre os grupos conhecidos do terrorismo internacional.

O homem do MI-5, que era o Subchefe do Departamento C-4 da organização, lidando exclusivamente com os atos terroristas que afetavam a Inglaterra, ressaltou a estranha natureza das exigências dos sequestradores do *Freya*:

— Mishkin e Lazareff são judeus. São sequestradores que tentaram escapar da União Soviética e acabaram baleando e matando o comandante

de um avião. Deve-se pressupor que os homens que estão tentando libertá-los são seus amigos ou admiradores. O que parece indicar outros judeus. Os únicos que se enquadram nessa categoria são os homens da Liga de Defesa Judia. Até agora, porém, eles se limitaram a manifestações públicas. Em nossos arquivos, não temos casos de judeus ameaçando matar pessoas para libertar seus amigos, desde os tempos do Irgun, o grupo terrorista sionista em atividade na Palestina durante a ocupação britânica antes da independência de Israel.

— Vamos esperar que não comecem novamente com isso — comentou Sir Julian. — Mas se não são eles, quem poderiam ser?

O homem do C-4 deu de ombros.

— Não sabemos. Não temos nada em nossos arquivos que possa indicar quem são esses homens. E a mensagem transmitida pelo Comandante Larsen igualmente não contém qualquer indício que nos possa levar à descoberta das origens dos sequestradores. Esta manhã, pensei que fossem árabes. Ou irlandeses. Mas nenhum dos dois grupos levantaria um dedo sequer por judeus prisioneiros.

Foram mostradas fotografias tiradas uma hora antes pelo Nimrod, algumas apresentando os terroristas mascarados que estavam de vigia. Foram meticulosamente examinadas.

— MAT 49 — disse o Coronel Holmes, estudando a submetralhadora que um dos homens empunhava. — É uma arma de fabricação francesa.

— Talvez tenhamos aqui uma pista — disse Sir Julian. — Esses homens não poderiam ser franceses?

— Não necessariamente — declarou Holmes. — Podem-se comprar essas armas no submundo. E o submundo de Paris é famoso por sua predileção por submetralhadoras.

Às três e meia da tarde, Sir Julian Flannery determinou um recesso do comitê. Ficou acertado que o Nimrod continuaria a sobrevoar o *Freya*, até segunda ordem. O Subchefe do Estado-Maior da Defesa apresentou uma proposta, prontamente aprovada, para que um navio da Marinha Real fosse postar-se a cinco milhas a oeste do *Freya*, ficando de prontidão para o caso de os terroristas tentarem escapar sob a proteção da escuridão. O Nimrod perceberia a tentativa de fuga e transmitiria a posição dos terroristas à Marinha Real. O navio de guerra poderia facilmente alcançar a lancha de pesca, ainda atracada ao costado do *Freya*.

O *Foreign Office* concordou em solicitar aos Governos da Alemanha Ocidental e Israel que informassem prontamente sobre qualquer

decisão a respeito das exigências dos terroristas.

— No final das contas, parece não haver muita coisa que o Governo de Sua Majestade possa fazer no momento — ressaltou Sir Julian. — A decisão compete agora ao Primeiro-Ministro de Israel e ao Chanceler da Alemanha Ocidental. Pessoalmente, não vejo alternativa senão permitirem que esses jovens odiosos sigam para Israel, por mais repulsiva que possa ser a ideia de ceder à chantagem.

Os homens foram-se retirando da sala. O único que ficou foi o Coronel Holmes. Sentou-se novamente e ficou olhando para o modelo sobre a mesa do petroleiro de um quarto de milhão de toneladas da *British Petroleum*.

— Mas vamos supor que eles não concordem... — murmurou Holmes, para si mesmo.

Cuidadosamente, começou a calcular a distância entre o mar e a amurada inferior da popa.

O piloto sueco do *Jetstream* estava a 5.000 metros de altitude, sobrevoando as Ilhas Frísias e preparando-se para iniciar a descida na direção do Aeroporto de Schiedam, nos arredores de Rotterdam. Virou-se e chamou a mulher que era sua única passageira. Ela desabotoou o cinto de segurança e adiantou-se.

— Perguntei se queria dar uma olhada no *Freya* — repetiu o piloto.

A mulher assentiu.

O *Jetstream* virou na direção do mar e cinco minutos depois inclinava-se suavemente para o lado. Em seu assento, o rosto comprimido contra a pequena vigia, Lisa Larsen olhou para baixo. O *Freya* estava ancorado lá embaixo, no mar azul, como uma sardinha cinzenta grudada na água. Não havia nenhum outro navio ao redor. O *Freya* estava sozinho em seu cativeiro.

Mesmo de 5.000 metros de altura, através do ar claro da primavera, Lisa podia imaginar onde ficava a ponte de comando. Ela sabia que o marido estava ali embaixo, diante de um homem com uma arma apontada para seu peito e com dinamite sob os pés. Ela não sabia se o homem com a arma era louco, brutal ou temerário. Sabia apenas que só podia ser um fanático.

Duas lágrimas se derramaram de seus olhos e escorreram pelas faces. Quando sussurrou, a respiração enevoou o vidro:

— Thor, meu querido, por favor, saia vivo daí...

O *Jetstream* tornou a nivelar e começou a longa descida na direção de Schiedam. O Nimrod no céu, a quilômetros de distância, observou o *Jetstream* afastar-se.

— O que esse avião estava querendo? — indagou o operador de radar a ninguém em particular.

— Quem seria? — disse um operador de sonar que nada tinha para fazer naquele momento.

— Era apenas um pequeno jato executivo que sobrevoou o Freya, deu uma olhada e depois seguiu para Rotterdam.

— Provavelmente era o dono do navio querendo verificar como estava sua propriedade — comentou o humorista da tripulação, do controle de rádio.

No *Freya*, os dois terroristas de vigia ficaram observando o pequeno avião prateado afastar-se para leste, na direção da costa holandesa. Não informaram a presença do avião a seu líder; o aparelho ficara muito acima dos 3.000 metros de altitude.

A reunião do Gabinete da Alemanha Ocidental começou pouco depois das três horas da tarde, na Chancelaria, com Dietrich Busch presidindo. Ele foi direto ao assunto, como era seu hábito:

— Vamos deixar uma coisa bem clara de saída: não estamos diante de um novo Mogadíscio. Desta vez, não temos um avião alemão, com uma tripulação alemã e quase todos os passageiros alemães, num aeroporto de um país disposto a colaborar com nossa ação. Trata-se de um navio sueco, com um comandante norueguês, em águas internacionais. Tem tripulação de cinco países, inclusive dos Estados Unidos, uma carga de propriedade americana, segurada por uma companhia britânica. Sua destruição afetaria pelo menos cinco nações costeiras, inclusive a nossa. O que nos pode dizer, Sr. Ministro do Exterior?

Hagowitz informou a seus colegas que já recebera indagações polidas da Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França e Inglaterra sobre a decisão que o Governo Federal alemão poderia tomar. Afinal, eram eles que estavam com Mishkin e Lazareff.

— Eles estão sendo corteses o bastante para não tentar exercer qualquer pressão, a fim de influenciar nossa decisão. Mas não tenho a menor dúvida de que encarariam com profunda apreensão uma recusa de nossa parte em enviar Mishkin e Lazareff para Israel.

— A partir do momento em que se começa a ceder à chantagem de terroristas, a coisa não pára nunca mais — comentou o Ministro da

Defesa.

— Dietrich, nós cedemos no caso de Peter Lorenz, há alguns anos e pagamos caro por isso. Os próprios terroristas que libertamos voltaram e entraram em ação novamente. Enfrentamos os terroristas em Mogadíscio e vencemos. Tornamos a enfrentar no caso de Schleyer e terminamos com um cadáver nas mãos. Mas pelo menos esses casos eram totalmente alemães. O que não acontece agora. As vidas que estão em jogo não são alemãs, assim como a propriedade também não é. Além disso, os sequestradores em Berlim não são de nenhum grupo terrorista alemão. São judeus que tentaram escapar da Rússia pela única maneira que podiam imaginar. Para ser franco, tudo isso nos deixa numa posição extremamente difícil. Assim que Hagowitz acabou de falar, alguém perguntou:

— Há alguma possibilidade de que tudo não passe de um blefe, de que eles não sejam capazes de destruir realmente o *Freya* ou matar seus tripulantes?

O Ministro do Interior sacudiu a cabeça.

— Não podemos contar com isso. As fotografias que os ingleses acabaram de nos transmitir mostram que os homens armados e mascarados são bastante reais. Já as encaminhei para o chefe da GSG 9, para que ele as analise. O problema é que a aproximação de um navio com proteção de radar e sonar não está na área de atividades deles. Exigiria mergulhadores ou homens-rãs.

Ao falar em GSG 9, estava-se referindo à unidade de comandos alemães ocidentais, homens escolhidos a dedo, que haviam atacado o avião sequestrado em Mogadíscio, cinco anos antes.

A discussão prolongou-se por uma hora. Deveriam ceder às exigências dos terroristas, tendo em vista a internacionalidade das prováveis vítimas de uma recusa, e aceitar os inevitáveis protestos de Moscou? Ou deveriam recusar e pagar para ver? Ou seria melhor consultar os aliados britânicos sobre a perspectiva de atacarem o *Freya*? Uma posição de meio-termo, com a adoção de táticas protelatórias, ganhando tempo, testando a determinação dos sequestradores do *Freya*, parecia estar prestes a ser aprovada. Eram 4:15 quando bateram na porta. O Chanceler Busch franziu o rosto. Não gostava de interrupções.

— Herein! — disse ele.

Um assessor entrou na sala e foi sussurrar no ouvido do Chanceler. O Chefe do Governo alemão empalideceu e balbuciou:

— *Du lieber Gott!*

Um pequeno avião, mais tarde identificado como um *Cessna* de propriedade particular fretado no aeroporto de Le Touquet, na costa norte da França, foi avistado por três diferentes zonas de controle de tráfego aéreo, em Heathrow, Bruxelas e Amsterdã, estava voando para o norte e os radares situaram-no a 1.500 metros de altura num curso que o levaria diretamente ao *Freya*. O éter começou a crepitar furiosamente.

— Aparelho não-identificado em posição... identifique-se e volte. Está entrando numa área proibida...

Falou-se em inglês e francês, depois em holandês. De nada adiantou. Ou o piloto desligara o rádio ou então estava no canal errado. Os operadores de terra passaram a transmitir em todas as faixas.

O Nimrod circulando a 5.000 metros de altura localizou o *Cessna* na tela de radar e tentou entrar em contato.

A bordo do *Cessna*, o piloto virou-se para seu passageiro, desesperado, e gritou:

— Eles vão cassar minha licença! Estão loucos lá embaixo!

— Desligue o rádio! — gritou o passageiro em resposta. — Não se preocupe que não vai acontecer nada! Não ouviu ninguém chamar!

O passageiro pegou sua câmara e ajustou a teleobjetiva. Começou a focalizar o superpetroleiro que se aproximava rapidamente. No pique de vante, o vigia mascarado empertigou-se e cerrou os olhos na direção do Sol, agora a sudoeste. O avião estava-se aproximando do sul. Depois de observar por alguns segundos, ele tirou um *walkie-talkie* do bolso do blusão e falou rapidamente.

Na cabine de comando, um dos seus companheiros ouviu a mensagem, adiantou-se para espiar pela tela panorâmica e depois saiu para a ponte de comando. Ali, pôde ouvir também o motor do avião. Voltou à cabine e despertou o companheiro, dando algumas ordens em ucraniano. O homem desceu correndo até o camarote do comandante e bateu na porta.

Lá dentro, Thor Larsen e Andriy Drach, ambos parecendo mais barbados e mais extenuados do que 12 horas antes, ainda estavam sentados à mesa, a arma perto da mão direita do ucraniano. A dois palmos dele estava o potente rádio transistorizado, captando as últimas notícias. O homem mascarado entrou a uma ordem sua e falou em ucraniano. O líder franziu o rosto e ordenou ao homem que ficasse de guarda ali no camarote.

Drake deixou o camarote rapidamente, subiu para a cabine de comando e depois saiu para a ponte. Ao fazê-lo, tornou a pôr a máscara preta. Olhou para o *Cessna*, descrevendo uma curva a 300 metros de

altitude, em órbita sobre o *Freya*, voltando em seguida para o sul, subindo novamente. Enquanto o avião descrevia a curva, Drake pôde avistar a teleobjetiva apontada em sua direção.

No *Cessna*, o fotógrafo *freelance* estava exultante.

— Fantástico! — gritou ele para o piloto. — Totalmente exclusivo! As revistas vão pagar o que não têm pelas fotos!

Andriy Drach voltou para a cabine de comando e deu diversas ordens. Pelo *walkie-talkie*, disse ao homem na proa que continuasse de vigia. O vigia na cabine de comando foi enviado lá para baixo, a fim de chamar dois homens que estavam dormindo. Depois que os três voltaram, o líder dos terroristas deu novas instruções. Ao voltar para o camarote do comandante, não dispensou o guarda extra.

— Acho que está na hora de mostrar àqueles idiotas da Europa que não estou brincando — disse ele a Thor Larsen.

Cinco minutos depois, o operador de câmaras do Nimrod chamou Mark Latham pelo sistema de intercomunicação.

— Alguma coisa está acontecendo lá embaixo, Comandante. Latham foi para a parte central da fuselagem, onde se podia ver numa tela o que as câmaras fotografavam. Dois homens estavam andando pelo convés do *Freya*, a superestrutura por trás, a extensão vazia de convés à frente. Um dos homens, o que ia atrás, estava vestido de preto, da cabeça aos pés, e empunhava uma submetralhadora. O que ia na frente estava de sapatos de lona, calça esporte e um blusão com três listras escuras horizontais nas costas. O capuz estava levantado, como proteção contra a brisa fria da tarde.

— Parece que é um terrorista atrás e um marinheiro na frente — comentou o operador de câmaras.

Latham assentiu. Não podia ver as cores, pois suas imagens eram monocrômicas.

A câmara se aproximou, até cobrir apenas cerca de 12 metros do convés, com os dois homens andando no centro da imagem.

O Comandante Thor Larsen podia ver as cores. Ficou olhando pelas janelas da frente do camarote, por baixo da cabine de comando, entre aturdido e incrédulo. Por trás dele, o guarda com a sub-metralhadora estava bem afastado, a arma apontada para as suas costas.

Na metade do caminho do convés de proa, os dois vultos reduzidos pela distância ao tamanho de palitos de fósforo, o segundo homem, todo de preto, parou de repente, apontando a submetralhadora para as costas do

que estava à frente. Larsen pôde ouvir a rajada de um segundo. O vulto de casaco vermelho arqueou-se, como se tivesse recebido um golpe violento na espinha, ergueu os braços, inclinou-se para a frente, rolou uma vez e foi parar, meio escondido, por baixo do passadiço de inspeção.

Thor Larsen fechou os olhos, lentamente. Quando o navio fora capturado, seu Terceiro-Imediato, o dinamarquês-americano Tom Keller, estava usando uma calça bege e um casaco de *nylon* vermelho, com três listras pretas nas costas. Larsen inclinou a testa contra as costas da mão. Depois empertigou-se e virou-se para o homem que conhecia como Svoboda, fitando-o fixamente. Andriy Drach sustentou o olhar dele, dizendo, furioso:

— Eu avisei! Disse exatamente o que iria acontecer e eles pensaram que podiam brincar comigo! Agora sabem que não podem!

Vinte minutos depois, as fotos em sequência mostrando o que acontecera no convés do *Freya* estavam saindo de uma máquina no centro de Londres. E 20 minutos depois os detalhes do ocorrido, em termos verbais, estavam sendo recebidos pelo teletipo na Chancelaria Federal, em Bonn. Eram quatro e meia da tarde.

O Chanceler Busch olhou em silêncio para os membros do seu gabinete, por um momento, antes de declarar:

— Lamento informar que há cerca de uma hora um avião particular aparentemente tentou tirar fotografias de perto do *Freya*, a trezentos metros de altura. Dez minutos depois, os terroristas levaram um tripulante para o convés e o executaram, sob as câmaras do Nimrod britânico. O corpo está agora meio sob o passadiço, meio exposto ao céu.

Houve um silêncio opressivo na sala, até que um dos ministros perguntou, em voz baixa:

— A vítima pode ser identificada?

— Não. O rosto está quase que totalmente coberto pelo capuz do blusão.

— Miseráveis! — exclamou o Ministro da Defesa. — Agora, trinta famílias da Escandinávia ficarão angustiadas, ao invés de apenas uma.

— Na esteira do acontecido — disse Hagowitz — o mesmo ocorrerá com os quatro governos da Escandinávia, cujos embaixadores terei de receber em breve. Creio que realmente não temos alternativa.

Quando as mãos se levantaram na votação, a grande maioria foi a favor da proposta de Hagowitz. Ele deveria instruir o Embaixador alemão em Israel para solicitar uma reunião urgente com o Primeiro-Ministro

israelense e pedir oficialmente as garantias que os terroristas haviam exigido. Se fornecidas as garantias, o Governo Federal anunciaria, com pesar, que não tinha alternativa, a fim de poupar mais sofrimento a homens e mulheres inocentes fora da Alemanha Ocidental, senão libertar Mishkin e Lazareff e enviá-los para Israel.

— Os terroristas deram o prazo até meia-noite para que o Primeiro-Ministro israelense oferecesse as garantias — disse o Chanceler Busch. — E nós temos o prazo até o amanhecer para meter os sequestradores num avião. Vamos reter nosso comunicado até a concordância de Jerusalém. Sem isso, nada poderemos fazer.

Por acordo entre os aliados da OTAN envolvidos, o Nimrod da RAF ficou sendo o único avião no céu por cima do *Freya*, circulando interminavelmente, observando e registrando, transmitindo fotografias para a base sempre que havia algo a mostrar. Essas fotografias eram prontamente despachadas para Londres e para as capitais de todos os outros países envolvidos.

Às cinco horas da tarde, os vigias foram trocados. Os homens que estavam na proa e na chaminé há 10 horas deixaram seus postos, enregelados e entorpecidos, a fim de comer, aquecer-se e descansar um pouco. Os homens que assumiram a vigilância durante a noite estavam munidos com *walkie-talkies* e lanternas potentes.

O acordo dos aliados em relação ao Nimrod não se estendia aos navios de superfície. Cada nação costeira queria um observador no local de sua própria Marinha. Ao final da tarde, o cruzador ligeiro francês Montcalm aproximou-se do sul e foi parar a pouco mais de cinco milhas náuticas do *Freya*. Do norte, veio a fragata holandesa Breda, que parou a seis milhas náuticas do petroleiro.

A fragata alemã Brunner apareceu logo depois e parou a cerca de cinco amarradas da holandesa, ambas observando o *Freya* ancorado ao sul. A nave britânica Argyll partiu do porto escocês de Leith, onde estava em visita de cortesia quando a primeira estrela da noite surgiu no céu sem nuvem, ancorou a oeste do *Freya*.

Era um cruzador ligeiro com pouco menos de 6.000 toneladas, equipado com baterias de mísseis *Exocet*. As modernas turbinas a gás e motores a vapor permitiam-lhe zarpar a qualquer momento. Estava também equipado com um computador *Datalink*, ligado ao do Nimrod circulando a 5.000 metros de altura no céu a escurecer rapidamente. Na

popa, a poucos metros da amurada posterior, carregava seu próprio helicóptero *Westland Wessex*.

Por baixo da superfície, os ouvidos de sonar das naves de guerra cercavam o *Freya* por três lados; por cima da superfície, as antenas de radar vigiavam o mar incessantemente. Com o Nimrod lá em cima, o *Freya* estava envolto num casulo invisível de vigilância eletrônica. O imenso petroleiro estava silencioso e inerte, enquanto o Sol preparava-se para mergulhar além da costa inglesa.

Eram cinco horas da tarde na Europa Ocidental, mas sete horas da noite em Israel quando o Embaixador da Alemanha Ocidental solicitou uma audiência pessoal com o Primeiro-Ministro Benyamin Golen. Foi-lhe imediatamente ressaltado que o Sabá já começara e que, como um judeu devoto, o Primeiro-Ministro já estava em repouso em sua residência. Não obstante, a solicitação foi transmitida, porque tanto os assessores do Primeiro-Ministro como o próprio estavam perfeitamente a par do que vinha acontecendo no Mar do Norte. Na verdade, desde a transmissão de Thor Larsen, às nove horas da manhã, que o serviço secreto de informações israelense, o Mossad Aliyah Bet, vinha mantendo Jerusalém permanentemente informado, inclusive preparando minuciosos relatórios de posição sobre a parte relativa a Israel nas exigências apresentadas ao meio-dia. Antes do início oficial do Sabá, às seis horas da tarde, o Primeiro-Ministro Golen havia lido todos os relatórios.

— Não estou disposto a quebrar o Sabá e guiar o carro até o gabinete — disse ele ao assessor que lhe telefonou, transmitindo as últimas notícias. — E a distância é relativamente grande para se ir a pé. Assim, peça ao Embaixador para vir procurar-me pessoalmente em minha residência.

Dez minutos depois, o carro do Embaixador alemão parava diante da casa asceticamente modesta do Primeiro-Ministro, nos subúrbios de Jerusalém. Ao ser levado à presença de Golen, o Embaixador alemão prontamente apresentou suas desculpas, depois dos cumprimentos tradicionais de “Shalom Shabbath”:

— Primeiro-Ministro, eu não o teria incomodado durante as horas do Sabá se não soubesse que é permitido fazê-lo quando há vidas humanas em jogo.

— Tem razão — disse Golen. — Pode-se quebrar o Sabá quando há vidas humanas em jogo ou em perigo.

— Neste caso, minha pressuposição é procedente. Deve estar a par do que vem acontecendo a bordo do superpetroleiro *Freya*, ancorado no

Mar do Norte, nas últimas doze horas.

O Primeiro-Ministro de Israel estava mais do que a par; estava profundamente preocupado, pois desde a apresentação das exigências ao meio-dia era evidente que os terroristas, quem quer que fossem, não podiam ser árabes palestinos. Era possível até que fossem fanáticos judeus. Mas seus próprios serviços secretos, o *Mossad*, de atividades externas, e o *Sherut Bitachon*, mais conhecido pelas iniciais *Shin Bet*, de atuação interna, não haviam constatado o desaparecimento dos fanáticos conhecidos dos lugares em que normalmente se refugiavam.

— Estou perfeitamente informado, Embaixador, e lamento profundamente a morte do marinheiro. O que a República Federal da Alemanha está querendo de Israel?

— Primeiro-Ministro, o Gabinete de meu país analisou todas as questões envolvidas na crise por várias horas. Embora encare com extrema repulsa a perspectiva de ceder à chantagem de terroristas e apesar de provavelmente dispor-se a resistir, se o problema fosse exclusivamente uma questão interna alemã, no caso presente "chegou à conclusão de que deve ceder. Assim, a solicitação do meu governo é de que o Estado de Israel concorde em receber David Lazareff e Lev Mishkin, com as garantias de que não serão processados nem extraditados, conforme os terroristas exigem.

O Primeiro-Ministro Golen há várias horas que vinha pensando na resposta que daria a tal solicitação. Não era surpresa para ele, tanto que já definira a posição a adotar. Seu governo era uma coalizão de equilíbrio delicado e particularmente sabia que muitos dos seus concidadãos, se não mesmo a maioria do povo, estavam tão furiosos com a contínua perseguição dos judeus e à religião judia na União Soviética que não consideravam Mishkin e Lazareff como terroristas na mesma categoria que os homens da *Baader-Meinhoff* e da Organização de Libertação da Palestina. Na verdade, não eram poucos os que estavam convencidos de que Mishkin e Lazareff estavam absolutamente certos ao tentar sequestrar um avião para escapar, e aceitavam plenamente a alegação de que a arma na cabine de comando do aparelho disparara acidentalmente.

— Deve compreender duas coisas, Embaixador. A primeira é a de que Mishkin e Lazareff podem ser judeus, mas o Estado de Israel nada tem a ver com seus crimes originais nem com a exigência de libertação que está sendo agora formulada.

Se se constatar que os próprios terroristas também são judeus, pensou ele, quem iria acreditar nisso?

— A segunda coisa é de que o Estado de Israel não é diretamente afetado pela situação difícil em que se encontra a tripulação do *Freya* nem pelos possíveis efeitos da destruição do navio. Neste caso, não é o Estado de Israel que está sendo pressionado ou chantageado.

— Isso está perfeitamente entendido, Primeiro-Ministro — declarou o Embaixador alemão.

— Assim, se Israel concordar em receber esses dois homens, deve ficar clara e publicamente entendido que assim age a pedido expresso do Governo da Alemanha Ocidental.

— Esse pedido está sendo feito agora, Primeiro-Ministro, por mim, em nome do meu Governo.

Quinze minutos depois, estava tudo acertado. A Alemanha Ocidental anunciaria publicamente que solicitara a Israel que recebesse Mishkin e Lazareff. Imediatamente depois, Israel anunciaria que relutantemente concordava com a solicitação. Depois disso, a Alemanha Ocidental anunciaria a libertação dos prisioneiros às oito horas da manhã seguinte, pelo horário europeu. Os comunicados seriam feitos em Bonn e Jerusalém, sincronizados, com 10 minutos de intervalo, a começar dentro de uma hora. Eram sete e meia da noite em Israel e cinco e meia da tarde na Europa.

Por todo o continente, as últimas edições dos jornais vespertinos saíram às ruas para serem arrebatadas por 300.000.000 de pessoas, que vinham acompanhando o drama no mar desde a manhã. As últimas edições davam detalhes do assassinato do marinheiro não-identificado e da prisão de um fotógrafo francês *freelance* e de um piloto, em Le Touquet.

Os noticiosos das emissoras de rádio transmitiram a notícia de que o Embaixador da Alemanha Ocidental visitara o Primeiro-Ministro Golen em sua residência particular, durante as horas do Sabá, retirando-se 35 minutos depois. Não havia informações sobre o que fora tratado no encontro e as especulações eram as mais desencontradas. As emissoras de televisão mostraram imagens de quem quer que estivesse disposto a posar para as câmaras e de alguns que preferiam não aparecer. O últimos eram os que sabiam o que estava acontecendo. As autoridades não liberaram nenhuma fotografia do marinheiro morto a bordo do *Freya*.

Os jornais matutinos, preparando-se para rodar à meia-noite, estavam reservando as primeiras páginas para a possibilidade de um comunicado de Jerusalém ou Bonn, talvez de uma nova transmissão do *Freya*. Nas páginas internas, havia incontáveis colunas sobre o *Freya*, sua carga, os efeitos do derramamento do petróleo no mar, especulações sobre

as identidades dos terroristas e editoriais recomendando a libertação dos dois sequestradores do avião soviético.

Um crepúsculo ameno e fragrante estava encerrando um glorioso dia de primavera quando Sir Julian Flannery concluiu seu relatório para a Primeira-Ministra, no gabinete dela, em *Downing Street*, 10. Era um relatório ao mesmo tempo amplo e sucinto, uma verdadeira obra-prima de elaboração.

— Por tudo o que acabou de expor, Sir Julian, — disse finalmente a Primeira-Ministra — devemos concluir que eles certamente existem, que indubitavelmente se apoderaram do *Freya*, que estão em condições de explodir e afundar o navio, que não hesitariam em fazê-lo e que as consequências financeiras, humanas e para o meio ambiente constituiriam uma catástrofe de dimensões assustadoras.

— Isso, Madame, pode parecer a interpretação mais pessimista da situação — disse o Secretário do Gabinete. — Contudo, o comitê de emergência da crise acha que seria temerário assumir uma posição mais esperançosa.

— Até agora, só foram vistos quatro terroristas, os dois vigias e seus substitutos. Acreditamos, que deve haver outro na cabine de comando, mais um vigiando os prisioneiros, e o líder. Assim, temos um mínimo de sete homens. Talvez sejam poucos para evitar que um grupo armado aborde o navio, mas não devemos partir de tal pressuposto. Eles podem não ter dinamite a bordo ou então ter bem pouco ou colocado as cargas nos lugares errados. Mas é outro pressuposto que não podemos fazer. O mecanismo para acionar as cargas pode falhar e eles não terem um de reserva, mas não podemos partir de tal pressuposto. Eles podem não estar dispostos a matar mais marinheiros, mas não podemos contar com tal pressuposto. E eles podem não estar dispostos a explodir o *Freya* e morrer juntos, mas não podemos partir de tal pressuposto. Seu comitê, Sir Julian, acha que seria um erro pressupor menos do que o possível, o que neste caso é justamente o pior.

Um dos telefones tocou e ela atendeu. Ao desligar, lançou um sorriso ligeiro para Sir Julian e disse:

— Parece que, no final das contas, não vamos ter de enfrentar a catástrofe. O Governo da Alemanha Ocidental acaba de anunciar que solicitou a Israel que recebesse os dois sequestradores. Israel respondeu que aceita a solicitação alemã. E Bonn arrematou comunicando que os prisioneiros serão libertados às oito horas da manhã.

Naquele momento, faltavam 20 minutos para as sete horas.

A mesma notícia chegou ao camarote do Comandante Thor Larsen através do rádio transistorizado. Mantendo Larsen sob a mira da arma durante todo o tempo, Drake acendera as luzes do camarote uma hora antes, fechando as cortinas. O camarote estava bem iluminando, aquecido quase aconchegante. A cafeteira já fora esvaziada e enchida cinco vezes. Ainda estava borbulhando. Os dois homens, o marinheiro e o fanático, estavam barbados e extenuados. Mas um deles estava amargurado pela morte de um amigo, dominado pela raiva, enquanto o outro estava triunfante.

— Eles concordaram — disse Drake. — Eu já sabia que o fariam. As consequências poderiam ser terríveis.

Thor Larsen poderia ter-se sentido aliviado pela notícia da salvação iminente de seu navio. Mas a raiva reprimida que fervilhava dentro dele era intensa demais para que isso pudesse servir-lhe de consolo.

— Ainda não acabou... — murmurou ele.

— Mas vai acabar e muito em breve. Se meus amigos forem libertados às oito horas da manhã, estarão em Tel Aviv por volta de uma hora da tarde, duas no máximo. Com uma hora para identificação e mais o tempo necessário para transmissão da notícia pelo rádio, saberemos com certeza por volta das três ou quatro horas da tarde. Partiremos depois do escurecer, deixando-os são e salvos

— Exceto por Tom Keller, que está caído lá no convés — disse o norueguês.

— Lamento muito. A demonstração de nossas intenções era necessária. Eles não me deixaram alternativa.

A solicitação do Embaixador soviético era inesperada e sem precedentes, a tal ponto que foi repetida com veemência e insistência. Embora representando um país supostamente revolucionário, os embaixadores soviéticos são geralmente meticulosos na observância dos procedimentos diplomáticos, instituídos pelas nações capitalistas ocidentais.

David Lawrence indagou repetidamente, pelo telefone, se o Embaixador Konstantin Kirov não poderia falar com ele, como Secretário de Estado americano. Kirov respondeu que sua mensagem era pessoalmente para o Presidente Matthews, extremamente urgente e

finalmente que se tratava de assuntos que o Presidente Maxim Rudin desejava levar ao conhecimento pessoal do Presidente dos Estados Unidos.

O Presidente Matthews concedeu a audiência pessoal a Kirov e a limusine preta com o emblema da foice e do martelo entrou na Casa Branca durante a hora do almoço.

Faltavam 15 minutos para as sete horas da noite na Europa, mas eram apenas 15 para as duas da tarde em Washington. O representante soviético foi levado diretamente ao Gabinete Oval para o encontro com o Presidente Matthews, que estava aturdido, intrigado e curioso. As formalidades foram cumpridas rapidamente, sem que nenhum dos dois estivesse muito preocupado com elas.

— Sr. Presidente — disse Kirov — recebi instruções expressas do Presidente Maxim Rudin para essa audiência pessoal. Tenho ordens para transmitir literalmente, sem qualquer alteração, a seguinte mensagem pessoal do Presidente Maxim Rudin: "Caso os sequestradores e assassinos Lev Mishkin e David Lazareff sejam libertados da cadeia e se livrem assim de suas justas punições, a União Soviética não mais poderá assinar o Tratado de Dublin na semana depois da próxima nem em qualquer outra ocasião. A União Soviética rejeitará o tratado permanentemente."

O Presidente Matthews ficou olhando em silêncio por algum tempo para o Embaixador soviético, espantado. Levou alguns segundos para conseguir finalmente falar:

— Está querendo dizer que Maxim Rudin vai simplesmente rasgar o tratado?

Kirov permaneceu empertigado, formal e impassível.

— Sr. Presidente, essa é a primeira parte da mensagem que recebi instruções de transmitir-lhe. A segunda parte é a de que a União Soviética terá a mesma reação, se a natureza ou conteúdo desta mensagem forem revelados.

Depois que Kirov se retirou, William Matthews virou-se para David Lawrence. totalmente aturdido.

— Que diabo está acontecendo. David? Não podemos simplesmente pressionar o Governo alemão a inverter sua decisão sem explicar por quê.

— Sr. Presidente, acho que terá de fazê-lo. Maxim Rudin não lhe deixou qualquer alternativa.

14

19:00 À MEIA-NOITE

O Presidente William Matthews estava atordoado com a reação soviética, inesperada e brutal. Ficou esperando, enquanto o Diretor da CIA, Robert Benson, e seu assessor para questões de segurança, Stanislaw Poklewski, eram chamados.

Quando os dois se juntaram ao Secretário de Estado no Gabinete Oval, Matthews informou-os da exigência que o Embaixador soviético acabara de apresentar.

— Mas que diabo eles estão querendo? — indagou o Presidente dos Estados Unidos.

Nenhum dos seus três principais assessores podia oferecer uma resposta. Diversas sugestões foram apresentadas, especialmente a de que Maxim Rudin sofrerá um revés no *Politburo* e não podia mais endossar o Tratado de Dublin, sendo o caso do *Freya* apenas um pretexto para evitar a assinatura.

A possibilidade acabou sendo rejeitada por todos; sem o tratado, a União Soviética não receberia os cereais e já estava gastando suas últimas reservas. Sugeriu-se que o piloto morto da *Aeroflot*, Comandante Rudenko, representava o tipo de desprestígio que o Kremlin não podia permitir. Essa ideia também foi rejeitada; afinal, os tratados internacionais não são rasgados por causa de pilotos mortos.

O Diretor da CIA resumiu o que todos estavam pensando, depois de uma hora de reunião:

— Simplesmente não faz sentido... mas não pode deixar de fazer. Maxim Rudin não iria reagir como um doido a menos que tivesse um motivo muito forte para isso... um motivo que ignoramos.

— O que não nos evita duas alternativas terríveis — disse o Presidente Matthews. — Ou permitimos que Mishkin e Lazareff sejam libertados e perdemos o mais importante tratado de desarmamento de nossa geração, com a perspectiva quase certa de guerra dentro de um ano, ou usamos nossa força de pressão para impedir que os dois sejam soltos e sujeitamos a Europa Ocidental ao maior desastre ecológico desta geração.

— Temos de encontrar uma terceira opção — disse David Lawrence. — Mas onde?

— Só há um lugar em que se pode procurar — declarou Poklewski. — E que é Moscou. A resposta está em algum lugar de Moscou. Não creio que possamos formular uma política visando a evitar as duas alternativas de desastre a menos que saibamos por que Maxim Rudin reagiu dessa maneira.

— Pelo que imagino, está se referindo a *Nightingale* — interveio Benson. — Mas não há tempo para recorrer a ele. Não estamos falando em semanas ou dias, mas sim em horas. Creio, Sr. Presidente, que deve procurar falar pessoalmente com Maxim Rudin pela linha direta. Pergunte-lhe, de Presidente para Presidente, por que está adotando essa atitude em relação a dois sequestradores judeus.

— E se ele se recusar a dar uma explicação? — indagou Lawrence. — Poderia ter apresentado um motivo por intermédio de Kirov. Ou enviado uma carta pessoal...

O Presidente Matthews tomou uma decisão:

— Vou telefonar para Maxim Rudin. Mas se ele não atender ou se recusar a dar uma explicação, vamos ter de supor que está sob pressões intoleráveis de alguma espécie dentro do *Politburo*. E enquanto espero pelo telefonema, vou confiar o segredo do que acaba de acontecer aqui à Sra. Carpenter, pedindo-lhe ajuda, através de Sir Nigel Irvine e *Nightingale*. Em último recurso, telefonarei para o Chanceler Busch em Bonn e pedirei que me dê mais tempo.

Quando o interlocutor pediu para falar pessoalmente com Ludwig Jahn, a telefonista da Penitenciária de Tegel estava preparada para responder que ele não podia atender. Já houvera numerosos telefonemas da imprensa, procurando falar com funcionários específicos da penitenciária, a fim de obter informações sobre Mishkin e Lazareff. A telefonista recebera ordens para não aceitar qualquer ligação da imprensa.

Mas quando o interlocutor explicou que era primo de Jahn e que este deveria comparecer ao casamento de sua filha no dia seguinte, ao meio-dia, a telefonista mudou de ideia. Família era diferente. Ela completou a ligação e Jahn atendeu em sua sala.

— Acho que se lembra de mim — disse o homem a Jahn.

O alemão se recordava perfeitamente: era o russo com as fotografias do campo de trabalhos forçados.

— Não deveria telefonar para cá — sussurrou Jahn, com voz rouca. — Não posso fazer mais nada. Os guardas foram triplicados os turnos alterados. Estou agora de serviço permanentemente, dormindo aqui

mesmo. Essas são as ordens. Aqueles dois homens estão agora completamente inacessíveis.

— É melhor arrumar um pretexto para se ausentar durante uma hora — disse o Coronel Kukushkin. — Há um bar a cerca de 400 metros da entrada de funcionários da penitenciária. — Deu o nome do bar e o endereço. Jahn não conhecia o bar, mas sabia onde ficava a rua. — Esteja lá dentro de uma hora ou então...

Houve um estalido. O telefone havia sido desligado. Eram oito horas da noite em Berlim e já estava bastante escuro.

A Primeira-Ministra da Inglaterra estava jantando com o marido, nos aposentos particulares do andar superior de *Downing Street*, 10, quando foi chamada a atender um telefonema pessoal do Presidente William Matthews. Já estava em seu gabinete quando a ligação foi completada. Os dois chefes de governo conheciam-se bastante bem, já se havendo encontrado uma dúzia de vezes, desde que a primeira mulher a se tornar Primeiro-Ministro britânico assumira o cargo. Pessoalmente, chamavam-se pelos primeiros nomes; mas naquele telefonema através do Atlântico, apesar de superseguro e impossível de ser escutado por outra pessoa, estava sendo feito um registro oficial e por isso ambos se mostraram formais.

Em termos cuidadosos e sucintos, o Presidente Matthews explicou a mensagem que recebera de Maxim Rudin, através do Embaixador soviético em Washington. Joan Carpenter ficou aturdida e murmurou:

— Mas por que, em nome de Deus?

— É justamente esse o meu problema, Madame — disse a voz com um típico sotaque sulista falando no outro lado do Atlântico. — Não há qualquer explicação. Absolutamente nenhuma. Tenho mais duas coisas a dizer. O Embaixador Kirov advertiu-me de que as mesmas consequências se aplicariam ao Tratado de Dublin, caso o conteúdo da mensagem de Rudin chegue ao conhecimento público. Posso contar com sua discrição?

— Quanto a isso, não tenha a menor dúvida. E qual é a segunda coisa?

— Tentei falar com Maxim Rudin pela linha direta. Não foi possível. Por isso, tenho de supor que ele está enfrentando sérios problemas dentro do Kremlin e não pode falar a respeito. Para ser franco, isso me deixa numa situação crítica. Mas de uma coisa estou absolutamente determinado: não posso permitir que o tratado seja destruído. É importante demais para todo o mundo ocidental. Tenho de lutar pela salvação do tratado por todos os meios a meu alcance. Não

posso permitir que dois sequestradores numa cadeia de Berlim o destruam; não posso permitir que um bando de terroristas num petroleiro no Mar do Norte desencadeie um conflito armado entre o Ocidente e o Oriente, que seria inevitável sem o tratado.

— Concordo plenamente com essa posição, Sr. Presidente — disse a Primeira-Ministra Carpenter, em Londres. — O que deseja de mim? Suponho que tem mais influência do que eu junto ao Chanceler Busch.

— Não é bem isso, Madame. Estou precisando de duas coisas. Possuímos algumas informações sobre as consequências para a Europa da destruição do *Freya*, mas certamente dispõe de mais. Preciso saber de todas as consequências e opções possíveis, caso os terroristas a bordo do petroleiro façam o pior.

— Não há problema. Durante o dia inteiro, nossos especialistas estiveram realizando estudos de profundidade sobre o navio, sua carga, as possibilidades de se conter o derramamento de petróleo, etc. Até agora, ainda não havíamos examinado a possibilidade de atacar o navio. Talvez agora não haja alternativa. Todas as informações disponíveis lhe serão encaminhadas dentro de uma hora. O que mais deseja?

— Essa é a parte mais difícil e não sei como pedir — disse William Matthews. — Acreditamos que deve haver uma explicação para a atitude de Rudin. Até a descobrirmos, estaremos tateando no escuro. Para poder contornar a crise, preciso ver a luz do dia. Ou seja, tenho de tomar conhecimento da explicação. Preciso saber se há uma terceira opção. Eu gostaria de pedir a sua gente que ativasse *Nightingale* uma última vez e obtivesse essa resposta para mim.

Joan Carpenter ficou pensativa. Sempre adotara como política não interferir na maneira como Sir Nigel Irvine dirigia seu serviço. Ao contrário de diversos dos seus antecessores, sempre se recusara firmemente a se imiscuir nos serviços de informações para satisfazer sua curiosidade. Desde que assumira o cargo que ela dobrara os orçamentos do SIS e do MI-5, designara profissionais veteranos Para a direção e fora recompensada com uma lealdade inabalável. Segura dessa lealdade, confiara que eles não a decepcionariam. E realmente ela estava certa.

— Farei o que for possível — disse ela, finalmente. — Mas estamos falando de algo no coração do Kremlin, a ser descoberto numa questão de horas. Se for possível, será conseguido. Tem a minha palavra.

Depois de desligar, ela telefonou para o marido, avisando de que não a esperasse, pois passaria a noite inteira trabalhando. Ligou em seguida para a cozinha e pediu um bule de café. Providenciadas todas as

coisas práticas, a Primeira-Ministra Carpenter ligou para a casa de Sir Julian Flannery, informou-o simplesmente, pela linha aberta, de que surgira uma nova crise e pediu que voltasse imediatamente para o escritório. O último telefonema não foi numa linha aberta: ligou para o homem de plantão no quartel-general da Firma. Pediu que entrasse em contato com Sr. Nigel Irvine, onde quer que ele estivesse, avisando-o para que fosse imediatamente para *Downing Street*, 10. Enquanto esperava, ela ligou o receptor de TV e pegou o início do noticiário das nove horas da BBC. A longa noite começara.

Ludwig Jahn entrou no reservado e sentou-se, o suor a escorrer pelo corpo. No outro lado da mesa, o russo fitou-o com frieza. O gordo carcereiro não podia saber que o russo tão temível estava lutando por sua própria vida, já que o homem não deixava transparecer coisa alguma.

Ele ficou escutando impassivelmente enquanto Jahn explicava as novas normas, instituídas a partir daquela tarde. Kukushkin, na verdade, não tinha qualquer cobertura diplomática; estava escondido num refúgio do SSD, em Berlim Ocidental, como hóspede de seus colegas alemães orientais.

— Por tudo isso, não posso fazer nada — concluiu Jahn. — Não teria a menor possibilidade de sequer introduzi-lo no corredor em que estão as celas dos dois homens. Há três homens ali de plantão permanente, no mínimo, dia e noite. É preciso exibir um passe cada vez que se entra no corredor. Até mesmo eu estou obrigado a exibi-lo. E todos nos conhecemos mutuamente. Há anos que trabalhamos juntos. Nenhum estranho teria acesso sem um telefonema de confirmação para o diretor.

Kukushkin assentiu lentamente. Jahn sentiu o alívio invadi-lo. Iriam deixá-lo em paz, nada fariam com sua família. Estava tudo acabado.

— Mas você entra no corredor — disse o russo. — E pode entrar nas celas.

— Claro que posso. Afinal, sou o *OberWachtmeister*. A intervalos periódicos, tenho de verificar se eles estão bem.

— Eles dormem durante a noite?

— Normalmente, sim. Mas já souberam do que está acontecendo no Mar do Norte. Confiscamos seus rádios logo depois do noticiário do meio-dia, mas um dos prisioneiros nas outras celas de confinamento solitário gritou pelo corredor o que tinha acontecido, antes de retirarmos os outros do corredor. Talvez eles durmam, talvez não.

O russo tornou a assentir, sombriamente.

— Neste caso, terá de fazer o serviço pessoalmente.

Jahn ficou boquiaberto.

— Não, não! — balbuciou ele. — Não está entendendo! Não posso usar uma arma! Não posso matar ninguém!

Como resposta, o russo colocou dois tubos finos em cima da mesa, parecendo canetas-tinteiro.

— Não terá de usar uma arma, mas sim isso. Aproxime a extremidade aberta a poucos centímetros da boca e do nariz do homem adormecido, e aperte o botão aqui neste lado. A morte ocorre em três segundos. A inalação de cianureto de potássio causa a morte instantânea. Dentro de uma hora, os efeitos se tornam idênticos aos de uma parada cardíaca. Depois que estiver feito, feche as celas, retorne à área dos funcionários, limpe os tubos e coloque-os no armário de outro guarda que também tenha acesso às salas. Um trabalho muito simples, sem qualquer dificuldade. E o deixa sem qualquer suspeita.

O que Kukushkin colocara diante do olhar horrorizado de Jahn era uma versão atualizada do mesmo tipo de pistola de gás venenoso com que o departamento de "assuntos molhados" do KGB assassinara Stepan Bandera e Lev Rebet, dois líderes nacionalistas ucranianos, na Alemanha, duas décadas antes. O princípio ainda era simples, a eficiência do gás aumentada por pesquisas adicionais. Dentro dos tubos, havia pequenos globos de vidro contendo ácido cianídrico. O gatilho impelia uma mola que acionava um martelo que quebrava o vidro. Simultaneamente, o ácido era vaporizado por um pequeno tambor de ar comprimido, ativado no mesmo movimento de apertar o gatilho. Impelido pelo ar comprimido, o gás vaporizado saía do tubo numa nuvem invisível, penetrando nos canais respiratórios da vítima. Uma hora depois, o cheiro denunciador de amêndoas do cianureto desaparecia e os músculos do cadáver tornavam a relaxar; os sintomas eram de um ataque cardíaco.

Ninguém acreditaria que dois homens ainda jovens tivessem sofrido simultaneamente ataques cardíacos. Haveria uma busca, os tubos, encontrados no armário de um guarda, iriam incriminá-lo quase que totalmente.

— Eu... eu não posso fazer isso — balbuciou Jahn.

— Mas eu faço e farei com que toda sua família passe o resto de suas vidas num campo de trabalhos forçados do Ártico — murmurou o russo. — Uma opção simples, *Herr* Jahn. O esquecimento de seus escrúpulos por apenas dez minutos em troca das vidas de toda a sua família. Pense nisso.

Kukushkln pegou a mão de Jahn, virou-a e colocou os tubos na palma.

— Pense bastante, mas não por muito tempo. Depois, entre naquelas celas e faça o que deve. Isso é tudo.

Ele saiu do reservado e foi embora. Minutos depois, Jahn fechou a mão sobre os tubos, meteu-os no bolso da capa e voltou para a Penitenciária de Tegel. À meia-noite, dentro de três horas, iria substituir o supervisor do turno da noite. A uma hora da madrugada, entraria nas celas e faria o que lhe estavam exigindo. Sabia que não tinha alternativa.

Quando os últimos raios de Sol sumiram do céu, o Nimrod sobre o *Freya* trocou a câmara diurna F.126 para a versão noturna F.135. Afora isso, nada mudou. A câmara noturna, com seus visores infravermelhos, podia captar quase tudo o que estava acontecendo 5.000 metros abaixo.

Se o comandante do Nimrod quisesse, poderia também tirar instantâneos com a ajuda do *flash* eletrônico da F.135 ou acendendo o potente refletor de 1.000.000 de velas do avião.

A câmara noturna não percebeu o vulto de blusão com capuz, que estava prostrado no convés desde o meio da tarde, começar a se mover lentamente, arrastando-se por baixo do passadiço de inspeção e voltando para a superestrutura. Ninguém percebeu quando o vulto finalmente passou pela porta e levantou-se. Ao amanhecer, todos pensariam que o corpo fora jogado no mar.

O homem desceu para a cozinha, esfregando as mãos e estremecendo continuamente. Na cozinha, encontrou um dos seus companheiros e serviu-se um café quente. Ao terminar, voltou para a cabine de comando e pegou suas próprias roupas, o traje preto com que subira a bordo.

— Puxa, você me deu o maior susto! — disse ele ao homem que estava na cabine, com seu sotaque americano. — Senti todo o impacto daqueles cartuchos de pólvora seca nas costas e cheguei a pensar que podia haver uma bala de verdade no meio,

O vigia na cabine de comando sorriu.

— Andriy disse que a encenação tinha de parecer absolutamente real. E a coisa deu certo. Mishkin e Lazareff serão libertados às oito horas da manhã. De tarde, já estarão em Tel Aviv.

— Sensacional! — exclamou o ucraniano-americano. — Agora só nos resta esperar que o plano de Andriy para tirar-nos deste navio funcione tão bem quanto todo o resto.

— Vai dar certo. Agora, é melhor você por sua máscara e devolver essas roupas ao ianque que está na sala das tintas. E depois vá dormir um pouco. Seu turno de vigia começa às seis horas da manhã.

Sir Julian Flannery já tinha tornado a convocar o comitê de emergência da crise uma hora depois de falar com a Primeira-Ministra Carpenter. Ela lhe revelara o motivo pelo qual a situação mudara, mas ele e Sir Nigel Irvine seriam os únicos a saber e não deveriam revelar a ninguém. Os membros do comitê só precisariam ser informados de que, em face de razões de Estado a libertação de Mishkin e Lazareff pela manhã poderia ser adiada ou cancelada, dependendo da reação do Chanceler alemão.

Em outro lugar de *Whitehall*, página após página de informações sobre o *Freya*, sua tripulação e carga, além dos riscos em potencial, estavam sendo transmitidas fotograficamente para Washington.

Sir Julian tivera sorte; a maioria dos membros do comitê morava a um raio de 60 minutos de carro de Whitehall. Quase todos estavam em casa, jantando, ninguém partira para o fim-de-semana no campo. Dois haviam sido encontrados em restaurantes, o terceiro num teatro. Por volta de nove e meia, praticamente todos já estavam novamente sentados no UNICORNE.

Sir Julian explicou que a missão deles era agora supor que o caso passara do reino de uma espécie de exercício para a categoria de crise de grandes proporções.

— Temos de admitir que o Chanceler Busch vai concordar em retardar a libertação, aguardando o esclarecimento de determinadas outras questões. Se isso acontecer, temos de supor que os terroristas irão executar pelo menos sua primeira ameaça, de descarregar no mar uma parte do petróleo do *Freya*. Assim, temos de planejar agora os meios de conter e destruir um possível vazamento inicial de vinte mil toneladas de petróleo bruto; em seguida, temos de imaginar essa quantidade sendo multiplicada por cinquenta.

A perspectiva que emergiu era sombria. A indiferença pública ao longo dos anos levara à negligência política; não obstante, as quantidades de emulsificador de petróleo bruto nas mãos

dos britânicos, assim como os meios para lançá-lo num vazamento de petróleo, eram maiores do que dispunha todo o resto da Europa.

— Temos de supor que a carga principal de conter os danos ecológicos nos irá caber — disse o homem de Warren Springs. — No caso de Amoco Cadiz, em 1978, os franceses se recusaram a aceitar nossa ajuda, muito embora tivéssemos melhores emulsificadores e meios mais eficazes de aplicá-los. Os pescadores franceses pagaram um preço amargo por tamanha estupidez. Os detergentes antiquados que os franceses usaram, ao invés dos nossos emulsificadores concentrados, causaram tantos danos tóxicos quanto o próprio petróleo. E eles não dispunham nem das quantidades suficientes nem dos sistemas certos de aplicação. Foi como tentar matar um polvo imenso com uma atiradeira.

— Não tenho a menor dúvida de que os alemães, holandeses e belgas não hesitarão em propor uma operação conjunta nesta emergência — disse o homem do *Foreign Office*.

— Nesse caso, temos de estar preparados — disse Sir Julian. — Quais são nossas disponibilidades?

O Dr. Henderson, de Warren Springs, voltou a falar:

— O melhor emulsificador, em forma concentrada, pode emulsificar.... isto é, dividir em minúsculos glóbulos, permitindo que as bactérias naturais completem a destruição, vinte vezes seu próprio volume. Ou seja, um litro de emulsificador para vinte litros de petróleo bruto. Dispomos de mil toneladas em estoque.

— O suficiente para um vazamento de vinte mil toneladas — comentou Sir Julian. — E o que me diz de um milhão de toneladas?

— Não há a menor possibilidade, absolutamente nenhuma — respondeu Henderson, sombriamente. — Se começarmos a fabricar mais emulsificador agora, poderemos produzir mil toneladas a cada quatro dias. Para um milhão de toneladas de petróleo bruto, precisaríamos de cinquenta mil toneladas de emulsificador. Vamos ser francos: aqueles maníacos de preto no navio podem exterminar toda a vida marinha no Mar do Norte e no Canal da Mancha, sujando todas as praias de Hull a Cornwall, no nosso lado, e de Bremen a Ushant, no outro lado.

Houve silêncio por um momento.

— Vamos pensar apenas no primeiro vazamento — disse Sir Julian. — O outro está além de qualquer imaginação.

O comitê concordou em emitir imediatamente ordens para a requisição durante a noite de todas as quantidades disponíveis de emulsificador, do depósito em Hampshire; requisitar todos os caminhões-tanque das companhias petrolíferas, através do Ministério da Energia; levar toda a carga para Lowestoft, na costa leste; e despachar para lá todos os rebocadores com equipamento de *spray*, inclusive as embarcações de combate a incêndios do Porto de Londres e as equivalentes da Marinha Real. Ao final da manhã, esperava-se que toda a flotilha já estivesse em Lowestoft, carregando-se com o emulsificador.

— Se o mar permanecer calmo — disse o Dr. Henderson — e vazamento vai deslizar calmamente para nordeste do*Freya*, seguindo para o norte da Holanda, a uma velocidade aproximada de dois nós. Isso nos dá tempo. Quando a maré mudar, a mancha de petróleo deverá voltar. Mas se houver vento, o petróleo vai deslocar-se mais depressa. E poderá ir para qualquer direção, de acordo com o vento. De qualquer forma, temos condições de enfrentar com sucesso um vazamento de vinte mil toneladas de petróleo bruto.

— Não poderemos deslocar navios para uma área de cinco milhas em torno do *Freya*, por três lados, ou a qualquer distância entre o petroleiro e a costa holandesa — ressaltou o Subchefe

do Estado-Maior da Defesa.

— Mas podemos ficar observando o vazamento do Nimrod — disse o representante da RAF. — Assim que se afastar do raio em torno do *Freya* fixado pelos terroristas, a turma da Marinha poderá entrar em ação.

— Tudo isso significa que o ameaçado vazamento de vinte mil toneladas não será um problema maior — disse o homem do *Foreign Office*. — Mas o que vai acontecer depois?

— Nada — respondeu o Dr. Henderson. — Depois disso, estamos liquidados, nada mais poderemos fazer.

— Pois já definimos o que deve ser feito — interveio Sir Julian.

— Temos pela frente uma imensa tarefa administrativa.

— Há uma outra opção — disse o Coronel Holmes, dos Fuzileiros Reais. — A opção mais difícil.

Houve um silêncio constrangido em torno da mesa. O vice-almirante e o capitão da RAF não partilhavam do constrangimento; ao contrário, estavam bastante interessados. Os cientistas e burocratas estavam acostumados com problemas técnicos e administrativos, suas contramedidas e soluções. Eles desconfiavam de que o coronel magro, à paisana, estava falando em abrir buracos a tiros em pessoas.

— Podem não gostar da opção — continuou Holmes — mas aqueles terroristas já mataram um homem a sangue-frio. Podem perfeitamente matar outros vinte e nove. O navio custa cento e setenta milhões de dólares, a carga tem o valor de cento e quarenta milhões de dólares, a operação de limpeza custará pelo menos o triplo. Se o Chanceler Busch, por qualquer razão que seja, não puder ou não quiser libertar os homens que estão presos em Berlim, talvez não tenhamos alternativa senão tentar abordar o navio e liquidar o homem que está com o detonador antes que ele tenha tempo de usá-lo.

— O que exatamente está querendo propor, Coronel Holmes? — indagou Sir Julian.

— Proponho que convoquemos o Major Fallon para vir de Dorset até aqui e escutemos o que ele tem a dizer.

Ficou combinado que fariam exatamente isso, e a reunião foi suspensa até três horas da madrugada. Faltavam 10 minutos para as 10 horas da noite.

Durante a reunião, não muito longe do prédio do Gabinete, a Primeira-Ministra Carpenter recebeu Sir Nigel Irvine.

— É essa a situação em que nos encontramos, Sir Nigel — concluiu ela. — Se não pudermos encontrar uma terceira alternativa, ou os homens em Berlim ganham a liberdade e Maxim Rudin rasga o Tratado de Dublin, ou eles ficam na cadeia e seus amigos destroem o petroleiro. Na segunda alternativa, é possível que eles hesitem e não cumpram a ameaça, mas não podemos acalentar tal esperança. Sempre podemos atacar o *Freya*, mas as possibilidades de uma abordagem bem-sucedida são escassas. A fim de podermos sequer perceber uma possível terceira alternativa, temos de saber por que Maxim Rudin está assumindo tal posição. Estará querendo forçar a mão? Estará querendo blefar o Ocidente, para levá-lo a sofrer vultosos prejuízos econômicos, a fim de contrabalançar suas próprias dificuldades com os cereais? Será que ele pretende realmente cumprir a ameaça? Temos de dar um jeito de descobrir.

— De quanto tempo dispomos, Primeira-Ministra? — perguntou o Diretor-Geral do SIS. — Qual o prazo que o Presidente Matthews tem?

— Devemos presumir que, se os sequestradores não forem libertados ao amanhecer, teremos de conter os terroristas; ganhar tempo. Mas eu gostaria de ter algo para dizer ao

Presidente Matthews amanhã de tarde.

— Como um servidor antigo, eu diria que isso é impossível, Madame. É plena madrugada em Moscou. *Nightingale* é virtualmente inacessível, a não ser em encontros planejados com bastante antecedência. Tentar um encontro imediato poderia perfeitamente denunciar o agente.

— Conheço suas regras, Sir Nigel, e compreendo-as perfeitamente. A segurança do agente no frio é o fator mais importante. Mas estamos diante de questões de. Estado supremas. A liquidação do Tratado de Dublin ou a destruição do*Freya* são questões de Estado supremas. A primeira alternativa poria em risco a paz, por muitos anos, talvez levasse Yefrem Vishnayev ao poder, com todas as consequências possíveis. A explosão do *Freya* e o vazamento de petróleo por todo o Mar do Norte acarretariam perdas desastrosas para a economia britânica, mesmo pensando-se apenas nos prejuízos do *Lloyds* e através do *Lloyds*. E temos de pensar ainda nos trinta marinheiros que estão no navio. Não lhe estou dando uma ordem taxativa, Sir Nigel. Peço apenas que avalie as alternativas contra o risco de um único agente russo.

— Farei o que for possível, Madame. Tem a minha palavra.

E Sir Nigel retirou-se, voltando para seu quartel-general.

De uma sala no Ministério da Defesa, o Coronel Holmes estava telefonando para Poole, Dorset, quartel-general de um serviço especial. O Major Simon Fallon estava tomando uma cerveja no clube dos oficiais e foi chamado ao telefone. Os dois fuzileiros já se conheciam há bastante tempo.

— Está acompanhando o caso do *Freya*? — perguntou Holmes, de Londres.

Houve uma risadinha no outro lado da linha e Fallon disse:

— Eu já imaginava que acabaria nos procurando. O que eles estão querendo?

— A situação está ficando cada vez mais difícil. Os alemães, no final das contas, talvez tenham de manter os dois sequestradores em Berlim. Acabei de sair de uma reunião no comitê de emergência da crise. Eles não gostam da ideia, mas talvez tenham de acabar aceitando a nossa solução. Já tem alguma ideia?

— Claro que tenho. Estive pensando nisso o dia inteiro. Mas vou precisar de uma planta do navio. E dos equipamentos apropriados. Além de um modelo do petroleiro.

— Não há problema — respondeu Holmes. — Tenho a planta comigo e um modelo de primeira. Não é do *Freya*, mas de um navio similar. Pode reunir seus homens e requisitar todo o material que precisar: trajes de mergulho, ímãs, as ferramentas necessárias, granadas de mão, armas, tudo enfim. Peça tudo. O que não precisar, poderá ser devolvido depois. Vou pedir à Marinha que mande uma embarcação de Portland para recolher tudo, os equipamentos e os homens. Deixe alguém no comando dos preparativos, pegue um carro e venha para Londres. Apresente-se no meu gabinete assim que puder.

— Não precisa preocupar-se. Já escolhi e providenciei os equipamentos necessários. Mande o transporte para cá o mais depressa possível. E partirei imediatamente para Londres.

Houve silêncio quando o atarracado major voltou ao bar. Seus oficiais sabiam que ele recebera um telefonema de Londres. Minutos depois, eles estavam despertando os sargentos e fuzileiros nos alojamentos, tirando rapidamente as roupas civis que usavam no clube dos oficiais e vestindo os uniformes pretos e boinas verdes da unidade. Antes da meia-noite, já estavam esperando no ancoradouro de pedra de sua seção isolada no quartel de fuzileiros; aguardavam a chegada da Marinha, a fim de transportar homens e equipamentos para o lugar em que eram necessários.

A Lua estava-se erguendo por cima de Portland Bill, a oeste, quando as três lanchas velozes, Sabre, Alfanje e Cimitarra, saíram do porto, seguindo para leste, na direção de Poole. Quando foi imprimida a velocidade máxima, as três proas se ergueram no ar, as popas mergulhando nas águas espumantes, o barulho ecoando pela baía.

A mesma Lua iluminava a estrada de Hampshire pela qual o Rover do Major Fallon avançava rapidamente, devorando os quilômetros, a caminho de Londres.

— Mas que diabo vou dizer ao Chanceler Busch? — indagou o Presidente Matthews a seus assessores.

Eram cinco horas da tarde em Washington; embora a noite há muito já se tivesse assentado sobre a Europa, o Sol de fim de tarde ainda iluminava o jardim das rosas, além das janelas francesas, mostrando os primeiros botões desabrochando ao calor da primavera.

— Não creio que lhe possa revelar a mensagem que recebeu de Kirov — disse Robert Benson.

— E por que não? Contei a Joan Carpenter e não há a menor dúvida de que ela terá de revelar a Nigel Irvine.

— Há uma diferença — ressaltou o Diretor da CIA. — Os ingleses podem tomar as providências necessárias para enfrentar um problema ecológico no mar, ao longo de suas costas, convocando os técnicos no assunto. Trata-se de um problema técnico. Joan Carpenter não precisará convocar uma reunião do Gabinete. Mas vamos pedir a Dietrich Busch para não soltar Mishkin e Lazareff, ao risco de provocar uma catástrofe para os seus vizinhos europeus. Para isso, ele quase que certamente terá de consultar seu Gabinete...

— Ele é um homem digno — interveio Lawrence. — Se souber que o preço é o Tratado de Dublin, vai sentir-se obrigado a partilhar tal conhecimento com seu Gabinete.

— E é justamente esse o problema — concluiu Benson. — Significa que pelo menos mais quinze pessoas saberão. Poderão confidenciar a suas esposas, a assessores. Não podemos esquecer o caso de Guenther Guillaume. Há vazamentos demais em Bonn. Se a noticia transpirar, o Tratado de Dublin estará de qualquer forma liquidado, independente do que possa acontecer no Mar do Norte.

— A ligação estará completada dentro de um minuto — disse o Presidente Matthews. — Que diabo vou dizer a ele?

— Diga que dispõe de informações que não podem ser reveladas pelo telefone, nem mesmo por uma linha transatlântica — sugeriu Poklewski. — Diga que a libertação de Mishkin e Lazareff provocaria um desastre maior do que frustrar os terroristas no *Freya* por mais algumas horas. Peça para simplesmente dar-lhe mais algum tempo.

— Quanto tempo? — indagou o Presidente Matthews.

— Tanto quanto for possível — disse Benson.

— E quando o tempo se esgotar? — insistiu Matthews.

O telefonema para Bonn foi completado. O Chanceler Busch estava em sua residência. A ligação de segurança foi transferida para lá. Não havia necessidade de tradutores, pois Dietrich Busch falava inglês fluentemente. O Presidente Matthews falou durante 10 minutos com o chefe do Governo alemão, que escutava com um crescente espanto.

— Mas por quê? — indagou ele, finalmente. — O problema só remotamente afeta os Estados Unidos, não é mesmo?

Matthews sentiu-se tentado a contar-lhe toda a história. Mas Robert Benson, a seu lado, em Washington, acenou-lhe com um dedo, em advertência.

— Dietrich, por favor, acredite em mim. Estou-lhe pedindo para confiar em mim. Nesta linha, em qualquer linha através do Atlântico, não posso ser tão franco quanto gostaria. Algo aconteceu, algo de proporções terríveis. Vou procurar ser o mais objetivo possível. Descobrimos algo extremamente grave em relação a esses dois homens. A libertação deles seria desastrosa, nessa altura dos acontecimentos, pelo menos por mais algumas horas. Estou-lhe pedindo tempo, Dietrich meu amigo, apenas um pouco de tempo. Um simples adiamento, até que se possam tomar determinadas providências.

O Chanceler alemão estava de pé em seu gabinete. Os acordes de Beethoven entravam pela porta, vindo da sala de estar, onde estava fumando um charuto e ouvindo um concerto no aparelho de som. Dizer que ele estava desconfiado seria ser suave demais. Pelo que podia saber, a linha transatlântica, instalada há anos para ligar os chefes de governo dos países da OTAN e verificada periodicamente, era perfeitamente segura. Além disso, pensou ele, os Estados Unidos dispunham de um perfeito sistema de comunicações com sua Embaixada em Bonn, e o Presidente Matthews poderia mandar-lhe uma mensagem pessoal por esse caminho, se assim o desejasse. Não lhe ocorreu que Washington simplesmente não estava querendo confiar um segredo daquela magnitude a seu Gabinete, depois dos repetidos escândalos de agentes alemães orientais infiltrados bem perto do centro do poder em Bonn.

Por outro lado, o Presidente dos Estados Unidos não tinha o hábito de dar telefonemas no meio da noite ou de fazer apelos absurdos. Busch sabia que ele tinha suas razões. Mas o que lhe estava sendo pedido era algo que não poderia decidir sem consultas.

— Passam alguns minutos das dez horas aqui — disse ele a Matthews. — Temos até o amanhecer para decidir. Nada de novo deverá acontecer até lá. Convocarei meu Gabinete para uma reunião durante a noite e discutiremos o assunto. Não lhe posso prometer mais do que isso.

O Presidente William Matthews tinha de se satisfazer apenas com isso.

Depois de desligar, Dietrich Busch permaneceu parado no mesmo lugar, imerso em pensamentos, por vários minutos. Alguma coisa estava acontecendo, raciocinou ele, algo envolvendo diretamente Mishkin e Lazareff, que continuavam metidos em suas celas separadas, na Penitenciária de Tegel, em Berlim Ocidental. Se alguma coisa acontecesse com os dois, o Governo Federal não poderia escapar a uma onda violenta de protestos e censuras dentro da própria Alemanha, tanto da Oposição como dos meios de comunicação. E com as eleições regionais se aproximando...

Seu primeiro telefonema foi para Ludwig Fischer, o Ministro da Justiça, que também já estava em sua residência, na capital. Nenhum dos ministros passaria o fim-de-semana no campo, conforme haviam combinado anteriormente. O Ministro da Justiça concordou imediatamente com a sugestão. Transferir os dois prisioneiros de Tegel para a penitenciária mais nova e totalmente segura de Moabit era uma precaução óbvia. Fischer ligou imediatamente para Berlim, a fim de transmitir as instruções.

Havia determinadas frases, aparentemente inocentes, que eram usadas pelo chefe da sala de códigos da Embaixada britânica em Moscou para comunicar ao agente residente do SIS que deveria ir lá imediatamente, pois algo urgente estava chegando de Londres, Foi uma frase dessas que arrancou Adam Munro da cama à meia-noite (horário de Moscou), 10 horas da noite em Londres, fazendo-o atravessar a cidade até o Dique Maurice Thorez.

Seguindo de carro da *Downing Street* para seu gabinete, Sir Nigel Irvine chegara à conclusão de que a Primeira-Ministra Carpenter estava absolutamente certa. Em comparação com a destruição do Tratado de Dublin, por um lado, ou a destruição do *Freya*, sua tripulação e carga,

por outro, o risco de denunciar um agente russo era um mal menor. Não sentia o menor prazer pelo que iria pedir a Munro para fazer em Moscou nem pela maneira como o exigiria. Mas antes mesmo de chegar ao prédio do SIS, ele já sabia que teria de ser feito de qualquer maneira.

A Sala de Comunicações no porão do prédio estava cuidando do tráfego rotineiro habitual quando Sir Nigel entrou, surpreendendo os funcionários no plantão noturno. Em menos de cinco minutos, o telex especial de segurança já estava ligado com Moscou. Ninguém questionou o direito do Mestre de falar diretamente com seu residente em Moscou, no meio da noite. Trinta minutos depois, o telex da sala de códigos de Moscou transmitiu a mensagem de que Munro já estava sentado ali, à espera.

Os operadores nos dois lados eram veteranos com uma vida inteira de experiências. Podia-se confiar a eles o paradeiro dos ossos de Cristo, se fosse necessário. E tinha de ser assim mesmo, pois eles manipulavam como rotina mensagens que podiam derrubar governos. De Londres, o telex enviaria sua mensagem, impossível de ser interceptada, para uma floresta de antenas nos arredores de Cheltenham, uma localidade mais conhecida pelas corridas de cavalos e colégios para moças. Ali, as palavras seriam automaticamente convertidas num código indecifrável para quem não dispusesse da chave, sendo transmitidas através de uma Europa adormecida para a antena no telhado do prédio da embaixada, em Moscou. Quatro segundos depois de serem batidas no telex em Londres, estariam surgindo no telex instalado no porão da antiga casa do magnata nisso do açúcar em Moscou.

Ali, o chefe da seção de códigos virou-se para Munro, que estava sentado a seu lado, e disse, lendo a identificação em código da mensagem que chegava:

— É do próprio Mestre. A coisa deve ser grave.

Sir Nigel tinha de revelar a Munro o conteúdo da mensagem de Kirov ao Presidente Matthews, transmitida três horas antes. Se não soubesse disso, Munro não poderia pedir a *Nightingale* que descobrisse a resposta para a indagação de Matthews: por quê? O telex transmitiu por vários minutos. Munro foi lendo a mensagem com um horror crescente.

— Mas não posso fazer isso! — disse ele ao impassível chefe da seção de códigos. Assim que a mensagem de Londres terminou Munro acrescentou: — Responda o seguinte: "Não é possível, repito não é possível obter informação no prazo pedido." Pode transmitir

A troca de mensagens entre Sir Nigel Irvine e Adam Munro prolongou-se por cerca de 15 minutos. Há um meio de entrar em contato com um curto prazo, sugeriu Londres. Há, sim, mas só no caso de uma emergência incontornável, respondeu Munro. Pois estamos diante de uma emergência assim, transmitiu o telex de Londres. Mas não pode começar a investigar antes de vários dias ressaltou Munro. A próxima reunião regular do *Politburo* só ocorreria na próxima quinta-feira. E os registros da reunião da quinta-feira anterior?, indagou Londres. O *Freya* não fora sequestrado na última quinta-feira, retorquiu Munro. Sir Nigel fez finalmente o que esperava não ser obrigado a fazer.

De Londres, a máquina transmitiu: "Lamento, mas a ordem da Primeira-Ministra não pode ser recusada. A menos que haja uma tentativa de evitar o desastre, a operação para levar ao Ocidente terá de ser suspensa."

Munro olhou para o papel que saía do telex consternado. Pela primeira vez, estava preso na rede de suas próprias tentativas de ocultar de Londres o amor que tinha pela agente que controlava. Sir Nigel Irvine pensava que *Nightingale* era um renegado russo amargurado chamado Anatoly Krivoi, assessor do falcão Yefrem Vishnayev.

— Transmita a seguinte mensagem para Londres — disse ele ao chefe da seção de códigos. — "Tentarei esta noite ponto recuso-me a aceitar a responsabilidade se recusar ou for descoberto durante a tentativa ponto."

A resposta do Mestre foi sumária. Concordo. Siga em frente. Era uma e meia da madrugada em Moscou e fazia muito frio.

Eram seis e meia da tarde em Washington e o crepúsculo descia sobre os gramados além das janelas à prova de bala por detrás da cadeira presidencial, fazendo com que os lampiões piscassem e acendessem. O grupo no Gabinete Oval estava aguardando à espera do Chanceler Busch, à espera de um agente desconhecido em Moscou, à espera de um terrorista mascarado de origem desconhecida sentado sobre uma bomba de 1.000.000 de toneladas, ao largo da Europa, com um detonador no cinto. À espera da chance de uma terceira alternativa.

O telefone tocou. Era para Stanislaw Poklewski. Ele escutou por um momento, pôs a mão sobre o bocal e informou ao Presidente Matthews que era do Departamento da Marinha, em resposta à indagação que fizera uma hora antes.

Havia um navio da Marinha americana na área do *Freya*. Estivera fazendo uma visita de cortesia à cidade costeira dinamarquesa de Esbjerg e agora estava voltando para junto da Esquadra do Atlântico, naquele momento navegando a oeste da Noruega. O navio já se havia afastado bastante da costa dinamarquesa e seguia o curso norte-oeste, indo ao encontro dos aliados da OTAN.

— Mande desviá-lo para a área do *Freya* — determinou o Presidente Matthews.

Poklewski transmitiu a ordem ao comandante supremo das Forças Navais americanas, que imediatamente tomou as providências para que alcançasse o navio.

Pouco depois de uma hora da madrugada, o Moran, na metade do caminho entre a Dinamarca e as Ilhas Orkneys, mudou de curso, acionou as máquinas a toda potência e seguiu pelo luar para o sul, na direção do Canal da Mancha. Era um navio equipado com mísseis, com quase 8.000 toneladas. Embora maior do que o cruzador britânico Argyll, era classificado como um contratorpedeiro. Avançando a plena potência num mar sereno, desenvolvia quase 30 nós, a fim de chegar a seu posto, a cinco milhas do Freya, às oito horas da manhã.

Havia poucos carros no estacionamento do Hotel Mojarsky, quase ao final da Kutuzovsky Prospekt. Os carros que ali se encontravam estavam às escuras, vazios. Exceto dois.

Munro observou os faróis do outro carro se acenderem e apagarem rapidamente. Saiu do seu próprio carro e atravessou o estacionamento. Ao entrar no outro carro, encontrou Valentina alarmada e trêmula.

— O que aconteceu, Adam? Por que telefonou para o apartamento? Devem ter registrado o telefonema.

Munro passou o braço pelos ombros dela, sentindo-a tremer incontrolavelmente.

— Liguei de uma cabine telefônica e só mencionei a impossibilidade de Gregor comparecer a seu jantar. Ninguém vai desconfiar de nada.

— Às duas horas da madrugada? Ninguém dá um telefonema para dizer apenas isso às duas horas da madrugada! E o vigia noturno me viu saindo do prédio. Ele vai comunicar o fato.

— Lamento muito, querida. Mas a situação é extremamente grave.

Munro contou a visita do Embaixador Kirov ao Presidente Matthews ao final da tarde anterior, da transmissão da notícia para Londres, do pedido para que ele tentasse descobrir por que o Kremlin estava assumindo aquela atitude em relação a Mishkin e Lazareff.

— Não tenho a menor ideia, Adam. Talvez seja porque aqueles animais assassinaram o Comandante Rudenko, um homem com esposa e filhos.

— Valentina, estamos acompanhando as discussões do *Politburo* ao longo dos últimos nove meses. Sabemos que o Tratado de Dublin é vital para seu povo. Por que Rudin haveria de arriscar tudo por causa desses dois homens?

— Não foi o que ele fez. O Ocidente pode controlar o vazamento de petróleo, se o navio explodir. Os custos podem ser facilmente suportados. O Ocidente é rico.

— Querida, há trinta homens a bordo daquele navio. Eles também têm esposas e filhos. As vidas de trinta homens contra a prisão de dois. Deve haver outro motivo, muito mais sério.

— Não sei qual possa ser. Nada foi mencionado nas reuniões do *Politburo*. E você sabe disso tanto quanto eu.

Munro olhou pelo pára-brisa, angustiado. Esperava, contra todas as perspectivas, que Valentina pudesse ter uma resposta pronta para Washington, que ela tivesse ouvido algo no prédio do Comitê Central. Ele finalmente chegou à conclusão de que deveria contar tudo a Valentina.

Ao terminar, a mulher ficou olhando para a escuridão com os olhos arregalados. Munro vislumbrou uma perspectiva de lágrimas, à luz cada vez mais fraca do luar.

— Eles prometeram... — sussurrou ela. — Eles prometeram que dentro de duas semanas iriam buscar-me e a Sacha na costa da Romênia...

— Pois voltaram atrás na palavra empenhada — confessou Munro. — Querem esse último favor.

Valentina apoiou a testa nas mãos enluvadas, em cima do volante. E murmurou:

— Eles vão apanhar-me... Estou apavorada...

— Pode ficar tranquila de que não vão apanhá-la. O KGB age muito mais devagar do que as pessoas imaginam. E quanto mais altamente situado está o suspeito, mais eles têm de agir vagarosamente. Se puder obter essa informação para o Presidente Matthews, acho que conseguirei persuadi-los a tirar você e Sacha daqui nos próximos dias, ao invés de esperarem duas semanas. Por favor, meu amor, pelo menos tente. É a única chance que nos resta de passarmos o resto da vida juntos.

Valentina continuou a olhar pelo pára-brisa.

— Houve uma reunião do *Politburo* hoje — disse ela, finalmente. — Eu não estava lá. Foi uma reunião especial, fora da rotina. Normalmente, nas tardes de sexta-feira, todos eles vão para o campo. A transcrição começa amanhã. Isto é, hoje, às dez horas da manhã. Os funcionários tiveram de abrir mão do fim-de-semana, para que esteja tudo pronto na segunda-feira. Talvez tenham mencionado o assunto.

— Não poderia dar uma olhada nas anotações? Escutar as gravações?

— Em plena madrugada? Iriam querer saber por quê.

— Arrume um pretexto, querida. Qualquer pretexto. Quer começar o trabalho mais cedo, a fim de acabar logo e ainda aproveitar o fim-de-semana.

— Vou tentar, Adam... mas por você, não por aqueles homens em Londres.

— Conheço bem aqueles homens em Londres. Vão tirá-la e a Sacha daqui, se os ajudar agora. Será o último risco... realmente o último.

Valentina parecia não o ter ouvido, mostrava também ter superado, pelo menos no momento, o pavor do KGB, a denúncia de espionagem, as terríveis consequências da captura, a

menos que conseguisse escapar a tempo. Quando voltou a falar, sua voz estava perfeitamente controlada:

— Conhece a Dyetsky Mir? Encontre-me no balcão de brinquedos. Às dez horas da manhã.

Munro ficou parado no estacionamento, observando as luzes traseiras do carro de Valentina se afastarem. Estava feito. Eles lhe haviam pedido que fizesse, haviam exigido... e ele o fizera. Mas ele contava com a proteção diplomática para escapar de Lubyanka. O pior que poderia acontecer seria seu embaixador ser convocado ao Ministério do Exterior soviético na manhã de segunda-feira e receber um protesto veemente de Dmitri Rykov, além do pedido para sua remoção imediata de Moscou. Mas Valentina estava seguindo para os arquivos secretos, sem ao menos contar com o disfarce do comportamento normal, costumeiro e justificado para protegê-la. Olhou o relógio. Ainda faltavam sete horas para que tudo terminasse, sete horas com um nó no estômago e nervos à flor da pele. Voltou para o carro.

Ludwig Jahn ficou parado no portão aberto da Penitenciária de Tegel, observando as luzes traseiras do carro blindado que levava Mishkin e Lazareff desaparecerem na rua.

Ao contrário do que acontecia com Munro, para ele não haveria mais espera, não haveria mais tensão prolongando-se pela madrugada e manhã. Para ele, a espera chegara ao fim.

Voltou lentamente para seu gabinete no primeiro andar e fechou a porta. Por um momento, ficou parado junto à janela aberta. Depois, recuou o braço e arremessou uma das pistolas de cianureto para a noite lá fora. Era gordo, com excesso de peso, em estado físico precário. Um ataque cardíaco seria aceito como possível, contanto que não houvesse qualquer indício em contrário.

Inclinando-se para fora da janela, Ludwig Jahn pensou nas sobrinhas no outro lado do Muro de Berlim, nos rostos sorridentes quando o Tio Ludo lhes levava presentes, quatro meses antes, no Natal. Fechou os olhos, aproximou o segundo tubo do nariz e comprimiu o gatilho.

A dor se abateu sobre seu peito como o golpe de um martelo gigantesco. Os dedos se afrouxaram, largando o tubo, que caiu com algum barulho na rua lá embaixo. Jahn caiu, bateu no peitoril da janela e tombou para trás, já morto. Quando o encontrassem, iriam pensar que abrira a janela para respirar um pouco de ar fresco ao sentir a primeira pontada de dor. Kukushkin não teria seu triunfo. As batidas da meia-noite, foram abafadas pelo barulho de um caminhão que passou pela rua, esmagando o tubo em incontáveis fragmentos.

O sequestro do *Freya* acabara de fazer sua primeira vítima.

15

MEIA-NOITE ÀS 08:00

O Gabinete alemão ocidental voltou a se reunir na Chancelaria à uma hora da madrugada. Quando os ministros foram informados por Dietrich Busch do pedido de Washington, as reações variaram da exasperação à truculência.

— Mas por que, diabo, ele não quis dar uma explicação? — disse o Ministro da Defesa. — Será que não confia em nós?

— Ele afirma que tem uma razão de suprema importância, mas não pode revelá-la nem mesmo pela linha quente — respondeu o Chanceler Busch. — Isso nos dá o ensejo de acreditar nele ou chamá-lo de mentiroso. A esta altura dos acontecimentos, não posso optar pela segunda hipótese.

— Será que ele tem alguma ideia do que os terroristas vão fazer ao saberem que Mishkin e Lazareff não serão libertados ao amanhecer? — perguntou um dos ministros.

— Creio que sim. Pelo menos está com a transcrição de todas as mensagens entre o *Freya* e o Controle do Maas. Como todos sabemos, eles ameaçaram matar outro tripulante ou soltar no mar vinte mil toneladas de petróleo bruto. Ou ambas as coisas.

— Pois vamos deixar que ele assuma a responsabilidade pelas consequências — disse o Ministro do Interior. — Por que haveríamos de ficar com a culpa, se isso acontecesse?

— Não tenho a menor intenção de assumir a responsabilidade — declarou Busch. — Mas isso não responde a nossa questão. Devemos ou não concordar com o pedido do Presidente Matthews?

Houve silêncio por algum tempo, finalmente rompido pelo Ministro do Exterior:

— Quanto tempo ele está pedindo?

— Tanto quanto possível — respondeu o Chanceler. — Parece que ele tem em andamento algum plano para superar o impasse, encontrar uma

terceira alternativa. Mas é o único que sabe qual é o plano ou qual pode ser a alternativa. — Uma pausa e Busch acrescentou, com um tom de amargura: — Ou melhor, ele e poucas pessoas às quais evidentemente confiou o segredo. E entre as quais não estamos incluídos, pelo menos por enquanto.

— Pessoalmente, acho que ele está exigindo demais de nossa amizade — disse o Ministro do Exterior. — Mas acho também que devemos conceder-lhe o prazo que está pedindo, deixando bem claro, pelo menos extra-oficialmente, que assim agimos a pedido dele e não por iniciativa própria.

— Talvez ele esteja pensando em atacar o Freya — sugeriu o Ministro da Defesa.

— Nossos próprios técnicos já chegaram à conclusão de que isso seria extremamente arriscado — declarou o Ministro do Interior. — Exigiria uma aproximação sob a superfície pelo menos nas duas últimas milhas, a escalada de aço liso do mar até o convés, a entrada na superestrutura sem ser observado do alto da chaminé, a descoberta do camarote em que está o líder dos terroristas. E se, como suspeitamos, o homem tem um mecanismo de detonação de controle remoto, seria necessário matá-lo antes que pudesse apertar o botão.

— De qualquer forma, já é tarde demais para se tentar uma abordagem antes do amanhecer — disse o Ministro da Defesa. — O ataque teria de ser desfechado na escuridão e isso significa que teria de começar no máximo às dez horas da noite. Ou seja, daqui a vinte horas.

Quando faltavam 15 minutos para as três horas da madrugada, o Gabinete alemão finalmente concordou em atender ao pedido do Presidente Matthews. A libertação de Mishkin e Lazareff seria adiada indefinidamente, embora o Governo alemão se reservasse o direito de fazer uma revisão constante das consequências possíveis e alterar tal decisão, se chegasse à conclusão de que era impossível continuar a manter os dois, em vista dos efeitos desastrosos para a Europa Ocidental.

Ao mesmo tempo, o porta-voz do governo deveria discretamente revelar a seus contatos de mais confiança nos meios de comunicação que a reviravolta de Bonn fora provocada exclusivamente por uma pressão maciça de Washington.

Eram 11 horas da noite em Washington, quatro horas da madrugada na Europa, quando o Presidente Matthews recebeu a notícia da decisão

tomada em Bonn. Encaminhou seus agradecimentos ao Chanceler Busch e perguntou a David Lawrence:

— Já veio alguma resposta de Jerusalém?

— Não. Sabemos apenas que nosso embaixador em Israel solicitou e obteve uma audiência pessoal com Benyamin Golen.

Ao ser incomodado pela segunda vez na noite do Sabá, a capacidade do Primeiro-Ministro de Israel de demonstrar paciência estava a pique de se esgotar. Recebeu o Embaixador americano de chambre e com extrema frieza. Eram três horas da madrugada na Europa, mas já eram cinco horas em Jerusalém e a primeira claridade da manhã de sábado despontava sobre as colinas da Judeia.

Golen escutou a súplica pessoal do Presidente Matthews, apresentada pelo embaixador, sem deixar transparecer qualquer reação. Seu receio particular era pela identidade dos terroristas a bordo do Freya. Nenhuma ação terrorista visando a libertar judeus de prisões fora desfechada desde os tempos de sua juventude, quando a luta se travava ali mesmo, no solo em que estava agora. Na ocasião, a medida era para arrancar guerrilheiros judeus condenados de uma prisão britânica em Acra e fora parte da luta pela independência. Mas já haviam transcorrido 35 anos e as perspectivas tinham mudado. Agora, era Israel quem condenava sistematicamente o terrorismo, a captura de reféns, a chantagem de regimes. E, no entanto...

E, no entanto, centenas de milhares de judeus haviam secretamente apoiado os dois jovens que tinham procurado escapar do terrorismo do KGB da única maneira a seu alcance. Não iriam abertamente aclamar os jovens como heróis, mas também não iriam condená-los como assassinos. Quanto aos homens mascarados no *Freya*, havia uma possibilidade de que também fossem judeus, talvez mesmo (que Deus nos livre!) israelenses. Ele acalentara a esperança, na noite anterior, de que o problema estivesse resolvido ao pôr-do-sol do Sabá, com os prisioneiros de Berlim em Israel e os terroristas do *Freya* mortos ou capturados. Haveria protestos, mas o assunto logo seria esquecido.

Agora, porém, estava descobrindo que o assunto não estava encerrado como esperava. As últimas notícias não o deixavam propenso a atender ao pedido americano. De qualquer forma, isso seria inteiramente impossível. Assim que o Embaixador americano acabou de falar, Golen meneou a cabeça e disse:

— Por favor, transmita ao meu bom amigo William Matthews os meus votos sinceros de que esse caso lamentável possa ser resolvido sem mais perda de vidas. Mas, na questão de Mishkin e Lazareff, minha posição é a seguinte: se, em nome do Governo e do povo de Israel e a pedido da Alemanha Ocidental, assumi pública e solenemente o compromisso de não prendê-los nem devolvê-los a Berlim, então terei de cumprir a palavra empenhada. Lamento profundamente, mas não posso fazer o que me está sendo pedido, devolvendo-os para a cadeia na Alemanha assim que o *Freya* for libertado.

Ele não precisava explicar o que o Embaixador americano sabia perfeitamente. Deixando de lado a questão da honra nacional, nem mesmo a explicação de que promessas extraídas sob coação não eram compulsórias funcionaria naquele caso. Haveria protestos veementes do Partido Religioso Nacional, dos extremistas da Gush Emunim, da Liga de Defesa Judia e dos 100.000 eleitores que tinham vindo da União Soviética ao longo da última década. Tudo isso impediria que qualquer primeiro-ministro israelense renegasse sua promessa de conceder liberdade a Mishkin e Lazareff.

Uma hora depois, quando a mensagem da recusa chegou a Washington, o Presidente Matthews comentou:

— Valeu a pena tentar.

— Mas agora é apenas uma possível "terceira alternativa" que não mais existe — disse David Lawrence. — Mesmo que Maxim Rudin a aceitasse, o que duvido muito que pudesse acontecer.

Faltava uma hora para a meia-noite. As luzes estavam acesas em cinco departamentos do governo, espalhados pela capital, assim como no Gabinete Oval e em uma vintena de outras salas da Casa Branca, nas quais homens e mulheres estavam a postos em telefones e teletipos, aguardando as notícias da Europa. Os quatro homens no Gabinete Oval acomodaram-se para esperar a reação do *Freya*.

Os médicos dizem que três horas da madrugada é o ponto mais baixo do espírito humano, a hora da exaustão, em que as reações são mais lentas e a depressão mais profunda. Também assinalou um ciclo completo do Sol e da Lua para os dois homens que estavam sentados frente a frente no camarote do comandante do *Freya*.

Nenhum dos dois dormira naquela noite nem na noite anterior; ambos estavam há 44 horas sem descansar, tensos e de olhos injetados.

Thor Larsen, no epicentro de uma tempestade violenta de atividade internacional, de reuniões ministeriais e encontros diplomáticos, de conspirações e consultas que mantinham as luzes acesas através da noite, em três continentes, de Jerusalém a Washington, encontrava-se empenhado numa manobra particular. Jogava sua própria capacidade de permanecer acordado contra a determinação do fanático a sua frente, sabendo que estava em jogo, caso falhasse, seu navio e tripulação.

Larsen sabia também que. o homem que se dera o nome de Svoboda, mais jovem e consumido por um fogo interior, os nervos tensos por uma combinação de café forte e a manobra com que desafiava o mundo, poderia ter ordenado que o comandante norueguês fosse amarrado, enquanto ele próprio descansava um pouco. Mas Larsen olhava para o cano da arma e apostava no orgulho do homem que capturara o navio, esperando que ele aceitasse o desafio, que se recusasse a ceder e admitir a derrota na batalha para vencer o sono.

Foi Larsen quem propôs as xícaras intermináveis de café puro, uma bebida que normalmente só tomava com leite e açúcar, no máximo duas ou três vezes por dia. Foi Larsen quem ficou falando o tempo todo, ao longo do dia e da noite, provocando o ucraniano com sugestões de fracasso eventual, para recuar assim que o homem se mostrava irritado demais e havia a perspectiva de passar além da segurança. Muitos anos de experiência, noites a bordo, os dentes a ranger, em todo o condicionamento de capitão do mar, haviam ensinado o gigante barbado a permanecer acordado e alerta durante quartos noturnos, enquanto os oficiais cochilavam e os marinheiros dormiam.

Assim, Larsen empenhava-se em sua própria manobra solitária, sem armas nem munição, sem teletipo nem câmaras noturnas, sem apoio e sem companhia. Naquele momento, toda a tecnologia espetacular que os japoneses haviam instalado em seu novo comando era tão inútil quanto pregos enferrujados. Se pressionasse demais o homem do outro lado da mesa, ele poderia perder o controle e atirar para matar. Se o homem ficasse frustrado demais, poderia ordenar a execução de outro tripulante. Se ele se sentisse sonolento demais, poderia providenciar para que outro terrorista, mais descansado, o substituísse, enquanto dormia um pouco, desfazendo assim tudo o que Larsen estava tentando fazer-lhe.

Larsen ainda tinha razões para acreditar que Mishkin e Lazareff seriam libertados ao amanhecer. Depois que chegassem sãos e salvos a Tel Aviv, os terroristas iriam preparar-se para deixar o *Freya*. Mas será que sairiam mesmo? Será que poderiam sair? Será que os navios de guerra ao

redor deixariam que eles se afastassem livremente? Mesmo longe do *Freya*, se atacado por navios da OTAN, Svoboda poderia apertar o botão e explodir o petroleiro.

Mas isso não era tudo. Aquele homem de preto matara um dos tripulantes. Thor Larsen o queria por isso... e o queria morto. Assim, falou pela noite afora para o homem a sua frente negando a ambos o sono de que tanto precisavam.

Whitehall também não estava dormindo. O comitê de emergência da crise estava em sessão desde três horas da madrugada. Por volta das quatro, os relatórios de situação já haviam sido apresentados.

No sul da Inglaterra, os imensos caminhões-tanque requisitados à Shell, *British Petroleum* e uma dúzia de outras empresas estavam sendo carregados com o emulsificador, no depósito em Hampshire. Com os olhos injetados, os motoristas guiavam pela noite afora, os caminhões vazios a caminho de Hampshire, os cheios seguindo para Lowestoft, transportando centenas de toneladas do concentrado para o porto de Suffolk. Por volta das quatro horas da madrugada, o depósito já estava totalmente vazio. Todas as 1.000 toneladas da reserva nacional estavam seguindo para leste, pela costa.

O mesmo acontecia com os tubos infláveis para impedir que o petróleo derramado atingisse a costa, até que os elementos químicos pudessem funcionar. A fábrica que produzia o emulsificador fora acionada ao funcionamento máximo, até segunda ordem.

Às três e meia da madrugada, chegou de Washington a notícia de que o Gabinete de Bonn concordara em reter Mishkin e Lazareff por mais algum tempo.

— Matthews sabe o que está fazendo? — perguntou alguém.

O rosto de Sir Julian Flannery permaneceu impassível.

— Devemos supor que sabe — disse ele, suavemente. — Devemos também supor que provavelmente vai ocorrer agora um derramamento de petróleo do *Freya*. Os esforços da noite não foram em vão. Pelo menos agora estamos quase prontos.

— Devemos também supor — disse o representante do *Foreign Office* — que a França, a Bélgica e a Holanda, assim que a notícia se tornar pública, vão pedir ajuda no combate a qualquer vazamento de petróleo que possa resultar.

— Neste caso, teremos de estar preparados para fazer tudo o que for possível — declarou Sir Julian. — Como estão os aviões e rebocadores que deverão lançar o emulsificador?

O relatório apresentado no UNICORNE espelhava o que estava acontecendo no mar. Do estuário do Humber, rebocadores seguiam para o sul, na direção do porto de Lowestoft. Do Tâmisa e até mesmo da base naval de Lee, outros rebocadores, também capazes de espalhar o líquido sobre a superfície do mar, também se estavam deslocando para o ponto de encontro na costa de Suffolk. Mas não eram as únicas embarcações que se estavam deslocando pela costa sul naquela noite.

Ao largo dos penhascos altos de *Beachy Head*, as lanchas Sabre, Alfanje e Cimitarra, transportando os equipamentos variados, complexos e letais da mais eficiente equipe de homens-rãs do mundo, estavam virando para nordeste. Passariam por Sussex e Kent e seguiriam para o lugar em que o cruzador Argyll estava ancorado, no Mar do Norte.

O barulho dos motores ecoava pela costa sul e as pessoas que tinham o sono leve em Eastbourne ouviram o murmúrio no mar.

Doze fuzileiros seguravam-se nas amuradas de cada lancha, vigiando seus preciosos caíques, equipamentos de mergulho, armas e explosivos incomuns, que constituíam os petrechos de seu ofício. Tudo estava sendo transportado no convés.

Em determinado momento, o jovem capitão-de-corveta que comandava a lancha Alfanje gritou para o fuzileiro a seu lado, que era o segundo em comando:

— Espero que essas bombas que estão no convés não resolvam explodir agora.

— Não se preocupe que não vão explodir — respondeu o capitão dos fuzileiros com absoluta confiança. — Isto é, não até as usarmos...

Numa sala contígua ao salão de reuniões, no prédio do Gabinete, o comandante daqueles fuzileiros estava examinando inúmeras fotografias do *Freya*, tiradas durante o dia e à noite. Estava comparando a configuração apresentada pelas fotografias que o Nimrod tirara com a planta fornecida pelo *Lloyds* e o modelo do superpetroleiro *British Princess*, emprestado pela *British Petroleum*.

No salão ao lado, o Coronel Holmes disse aos homens reunidos ali:

— Senhores, creio que é chegado o momento de considerarmos a menos agradável das opções que talvez tenhamos de enfrentar.

— Ah, sim... — murmurou Sir Julian, pesaroso. — A opção que todos receamos.

Holmes prosseguiu, inabalável:

— Se o Presidente Matthews continuar a se opor à libertação de Mishkin e Lazareff e o Governo da Alemanha Ocidental continuar a ceder a essa pressão, pode muito bem advir o momento em que os terroristas chegarão à conclusão de que sua manobra fracassou, que a chantagem não dará resultado. E nesse momento eles poderão perfeitamente se recusar a abandonar o blefe e explodir o *Freya*. Pessoalmente, tenho a impressão de que isso não acontecerá antes do cair da noite, o que nos dá cerca de dezesseis horas para agir.

— Por que não antes do cair da noite, Coronel Holmes? — indagou Sir Julian.

— Porque devemos supor, a menos que eles sejam suicidas em potencial, o que é bem possível, que irão aproveitar a confusão para escapar. Se querem tentar sobreviver, vão deixar o navio sob a cobertura da noite e acionar o detonador de controle remoto a uma certa distância.

— E qual é a sua proposta, Coronel?

— Tenho duas propostas, senhor. A primeira envolve a lancha dos terroristas. Ainda está atracada ao lado da escada de acesso do Freya. Assim que a noite cair, um mergulhador pode aproximar-se da lancha e colocar um artefato explosivo no casco, com um mecanismo de ação retardada. Se o Freya explodir, coisa alguma num raio de mil metros estará a salvo. Assim, proponho uma carga detonada por um mecanismo acionado pela pressão da água. Logo que a lancha se afastar do costado do navio, o impulso para a frente fará com que a água entre por um tubo sob a quilha. Essa água acionará um gatilho e sessenta segundos depois a lancha explodirá, antes que os terroristas tenham conseguido afastar-se mais de mil metros do Freya. Ou seja, antes de terem tempo de acionar seu próprio detonador.

— Mas a explosão da lancha dos terroristas não iria detonar as cargas no *Freya*? — perguntou alguém.

— Não. Se eles têm um detonador de controle remoto, deve ser operado eletronicamente. A carga explodiria a lancha, reduzindo os terroristas a picadinho. Ninguém escaparia.

— Mas se o detonador afundar, a pressão da água não iria comprimir o botão? — indagou um dos cientistas.

— Não. A partir do momento em que estivesse debaixo d'água, o detonador de controle remoto estaria seguro. Não poderia transmitir sua mensagem de rádio para as cargas nos tanques do *Freya*.

— Excelente! — exclamou Sir Julian. — Mas esse plano não pode ser posto em prática antes do cair da noite?

— Não é possível. Um homem-rã deixa uma trilha de borbulhas. Num mar agitado, isso não seria percebido. Mas num mar sereno seria visível demais. Um dos vigias poderia observar as borbulhas, o que provocaria o que estamos tentando evitar.

— Então terá de ser mesmo depois do anoitecer — disse Sir Julian.

— Só há um problema, que é justamente o que me leva a rejeitar a ideia de sabotar a lancha dos terroristas como o único plano. Se o líder dos terroristas estiver disposto a morrer com o *Freya*, como pode perfeitamente acontecer, ele não abandonaria o navio com o resto dos seus companheiros. Assim, acho que devemos atacar o navio durante a noite e alcançá-lo antes que possa usar o detonador.

O Secretário do Gabinete suspirou.

— Estou entendendo. E certamente tem um plano também para isso, não é mesmo?

— Pessoalmente, não tenho plano algum. Mas gostaria que conhecessem o Major Simon Fallon, comandante do Serviço Especial dos fuzileiros.

Era tudo como nos pesadelos de Sir Julian Flannery. O major dos fuzileiros tinha pouco mais de 1,70m de altura, mas parecia ter a mesma dimensão nos ombros e obviamente era daquele tipo de homens que falavam em reduzir outros seres humanos a suas partes componentes com a mesma tranquilidade com que Lady Flannery falava em cortar legumes para uma de suas famosas saladas.

Pelo menos em três ocasiões, o Secretário do Gabinete, tão amante da paz, já tivera oportunidade de conhecer oficiais dos comandos britânicos, mas aquela era a primeira vez em que se encontrava com o comandante daquela outra unidade especializada, menor e pouco conhecida. Observou consigo mesmo que eram todos iguais.

Aquela unidade, o Serviço Especial Marítimo ou SEM, fora originalmente criada para a guerra convencional, para operar em ataques a instalações costeiras, partindo do mar. Era por isso que seus integrantes haviam sido escolhidos entre os fuzileiros. Como exigência básica, deviam ter um preparo físico que atingia quase as raias da perfeição, além de serem peritos em nadar, andar de canoa, mergulhar, escalar, marchar e combater.

A partir disso, tornavam-se também eficientes em pára-quedismo, explosivos, demolição e nas técnicas aparentemente intermináveis de cortar gargantas ou quebrar pescoços com facas, cordões ou simplesmente com as mãos. Nisso e na capacidade de sobreviverem por conta própria

nos campos, por períodos prolongados, sem deixar qualquer vestígio de sua presença, partilhavam as habilidades dos seus primos do Serviço Especial Aéreo ou SEA.

Era nas habilidades debaixo d'água que os homens do SEM eram diferentes. Com os equipamentos de homens-rãs, podiam nadar distâncias prodigiosas, colocar cargas explosivas ou tirar o equipamento de mergulho sem provocar qualquer ondulação na superfície, saindo do mar com seu arsenal de armas especiais preso ao corpo.

Alguns componentes desse arsenal eram rotineiros, como facas. Mas desde o início da eclosão de atos terroristas, ao final da década de 1960, eles haviam adquirido brinquedinhos novos com que se deliciar.

Todos eram atiradores exímios, usando o rifle Finlanda, de alta precisão, fabricado à mão, uma arma norueguesa que já fora considerada como o melhor rifle do mundo. Podia ser e geralmente era acoplado a um intensificador de imagem, um visor tão comprido quanto uma bazuca, além de contar com um silenciador eficaz.

Para abrir portas em meio segundo, geralmente usavam espingardas de cano curto, de bomba, disparando cargas sólidas. Jamais disparavam contra a fechadura, pois podia haver outras trancas por trás da porta. Disparavam duas cargas para arrancar as duas dobradiças, chutando a porta e abrindo fogo contra o interior com silenciosas pistolas-metralhadoras Ingram.

Contavam também com outra arma do arsenal que ajudara o SEA a proporcionar o apoio necessário aos alemães em Mogadíscio: as granadas de clarão-estrondo-choque, um desenvolvimento sofisticado das granadas de atordoamento. Estas simplesmente atordoavam, enquanto as novas granadas especiais paralisavam. Meio segundo depois de puxado o pino e lançada num espaço confinado em que estivessem tantos terroristas como reféns, a granada explodia, com três efeitos. O clarão ofuscava quem quer que estivesse olhando na direção, pelo menos por 30 segundos; o estrondo explodia os tímpanos, provocando uma dor instantânea e alguma perda de concentração; e o "choque" era um som tonal que penetrava no ouvido médio e causava uma paralisia de 10 segundos de todos os músculos.

Durante os testes, um homem tentara puxar o gatilho de uma arma encostada no corpo de um companheiro, enquanto a granada explodia. Não conseguira. Tanto os terroristas como os reféns perdiam os tímpanos, que podiam tornar a crescer depois. O que já não pode acontecer com reféns mortos.

Enquanto perdura o efeito de paralisia, os salvadores disparam balas cerca de 10 centímetros acima da altura das cabeças, enquanto alguns companheiros mergulham na direção dos reféns, derrubando-os no chão. Nesse momento, os outros abaixam suas armas cerca de 15 centímetros.

A posição exata de refém e terrorista num recinto fechado pode ser determinada pela aplicação de um estetoscópio eletrônico no lado de fora da porta. Não é necessário que falem no interior do recinto, pois a simples respiração pode ser ouvida e localizada com acurácia. Os salvadores se comunicam por uma elaborada linguagem de sinais, que não dá margem a interpretações erradas.

O Major Fallon colocou o modelo do *British Princess* na mesa de conferência, consciente de que todos os olhos estavam fixados nele. E começou a falar:

— Proponho pedir ao cruzador Argyll que fique de borda para o *Freya*. Antes do amanhecer, as lanchas transportando meus homens e equipamentos atracarão no outro lado do Argyll, onde o vigia aqui na chaminé do *Freya* não poderá ver, mesmo de binóculo. Isso nos permitirá fazer todos os preparativos necessários ao longo da tarde, sem sermos observados. Gostaria que o céu fosse constantemente vigiado, para impedir a aproximação de qualquer avião que jornalistas possam fretar. Os rebocadores incumbidos de espalhar o detergente e que ficarem ao alcance visual do que estivermos fazendo devem ser mantidos em silêncio.

Ninguém discordou. Sir Julian fez duas anotações.

— Meu plano é fazer a aproximação do *Freya* em quatro caíques de dois homens cada, parando a cerca de três milhas de distância, na escuridão, antes do nascer da Lua. Os radares do navio não avistarão os caíques. São pequenos demais e estarão na superfície. São de madeira e lona, o que não se registra direito no radar. Os remos estarão revestidos de borracha, couro ou pano, todas as fivelas serão de plástico. É importante que o radar do *Freya* não registre coisa alguma. Os homens no assento de trás dos caíques serão os homens-rãs. Os tanques de oxigênio não podem deixar de ser de metal, mas a três milhas de distância não parecerão maiores do que um tambor de óleo flutuando no mar, o que não causará qualquer alarme na cabine de comando do *Freya*. A três milhas de distância, os mergulhadores determinarão a orientação pela bússola para a popa do *Freya*, antes de cair na água. As bússolas de pulso são luminosas e os homens se orientarão por elas.

— Por que não seguem para a proa? — perguntou o oficial que representava a RAF. — Lá é mais escuro.

— Em parte porque teríamos de eliminar o homem que está de vigia na proa e ele pode estar em contato com a cabine de comando através do *walkie-talkie* — explicou Fallon. — E em parte porque a distância da proa até a superestrutura é muito grande e há refletores operados da cabine de comando. Não podemos também esquecer que a superestrutura, pela frente, é um paredão liso de aço na altura de cinco andares. Poderíamos fazer a escalada, mas há algumas janelas para cabines que podem estar ocupadas, surgindo o risco de sermos vistos.

"Os quatro mergulhadores, um dos quais serei eu, vão encontrar-se na popa do *Freya*. Deve haver ali uma pequena projetura. Há um homem de vigia no topo da chaminé, a trinta metros de altura. Mas as pessoas que estão a trinta metros de altura tendem a olhar para fora, ao invés de diretamente para baixo. Para ajudá-lo nisso quero que o Argyll comece a acender um refletor para outro navio próximo, criando um espetáculo para o homem lá em cima observar. Subiremos pela popa, depois de largarmos nadadeiras, máscaras, tanques de oxigênio e cintos de peso. Estaremos de cabeça descoberta, descalços, usando apenas os trajes de borracha. Todas as armas serão levadas em cintos largos de pano em torno da cintura.

— Como vão subir pelo costado do *Freya* carregando vinte quilos de metal, depois de nadarem por três milhas? — perguntou um dos servidores civis.

Fallon sorriu.

— É apenas uma subida de dez metros no máximo até o corrimão da popa. Fazendo exercícios nas instalações petrolíferas no Mar do Norte, já subimos cinquenta metros de aço vertical em quatro minutos.

Achou que não havia necessidade de explicar os detalhes da aptidão física necessária para essa façanha nem do equipamento que a tornava possível.

Os técnicos há muito que haviam criado um extraordinário equipamento de escalada para o SEM, inclusive com placas magnéticas. Assemelhavam-se a pratos comuns, as bordas revestidas de borracha, a fim de poderem ser aplicadas a metal sem qualquer barulho. A placa propriamente dita era contornada por aço, sob a borracha. Esse anel de aço podia ser magnetizado a um ponto enorme.

A força magnética podia ser ligada ou desligada por um interruptor ao lado da alça na parte de trás da placa. A carga elétrica provinha de uma bateria pequena mas potente de níquel-cádmio no interior da placa.

Os mergulhadores estavam treinados a sair do mar, estender a mão para cima e fixar a primeira placa, só então ligando a corrente. O ímã prendia a placa na estrutura de aço. Estendiam o outro braço mais alto e prendiam a segunda placa. Somente quando estava segura é que desligavam a corrente da primeira, erguendo-a acima da primeira e tornando a fixá-la na estrutura. E assim, firmando-se nos punhos e antebraços, iam saindo do mar e subindo, o corpo, pernas e equipamentos balançando. Os ímãs eram tão fortes, assim como os braços e ombros dos comandos, que eles podiam escalar uma inclinação de até 45° se fosse necessário.

— O primeiro homem vai subir pelo costado com as placas especiais — explicou Fallon. — Levará uma corda. Se estiver tudo calmo no convés de popa, ele prenderá a corda e os outros três estarão lá em cima em dez segundos. Aqui, atrás da estrutura da chaminé, esse compartimento de turbina deve projetar uma sombra na luz que existe por cima da porta da superestrutura, ao nível do convés A. Vamo-nos reunir nessa sombra. Estaremos usando trajes de mergulho pretos, além de estarmos com as mãos, rostos e pés também pintados de pretos. O primeiro grande risco será atravessar esse trecho iluminado, da sombra do compartimento da turbina até a parte principal da superestrutura, onde ficam todos os alojamentos.

— E como pretendem superar esse problema? — indagou o vice-almirante, fascinado diante daquele retorno da tecnologia aos tempos de Nelson.

— Não há jeito, senhor — respondeu Fallon. — Estaremos no outro lado da chaminé àquele em que o Argyll se encontra ancorado. Esperamos que o vigia no alto da chaminé esteja olhando para o Argyll e não em nossa direção, quando passarmos pelo trecho iluminado. Vamo-nos afastar da sombra do compartimento da turbina da janela, contornando o canto da superestrutura até este ponto, diante da janela do depósito de roupa suja. Vamos cortar a placa de vidro da janela sem fazer qualquer barulho, com um maçarico em miniatura e um pequeno bujão de gás. Entraremos pela janela. As possibilidades de a porta estar trancada são mínimas. Ninguém se dá ao trabalho de roubar roupa suja e por isso ninguém se lembra de trancar a porta dos compartimentos em que é guardada. A esta altura, já estaremos no interior da superestrutura, saindo para um corredor a poucos metros da escada principal que leva para os conveses B, C e D, além da cabine de comando.

— Onde vai encontrar o líder dos terroristas, o homem que está com o detonador? — indagou Sir Julian Flannery.

— Na subida pela escada vamos escutar em todas as portas, em busca do som de vozes — disse Fallon. — Se ouvirmos algum, abriremos a porta e eliminaremos todo mundo que estiver lá dentro, com automáticas silenciosas. Dois homens entrarão na cabine e dois ficarão de guarda do lado de fora. O mesmo faremos com qualquer homem que encontrarmos na escada. Assim, deveremos chegar ao convés D despercebidos. Aqui, vamos ter de assumir um risco calculado. A primeira opção é a cabine do comandante. Um homem abrirá a porta, entrará e atirará, sem fazer perguntas. Outro homem cuidará da cabine do chefe de máquinas, também nesse convés, fazendo a mesma coisa. Os dois últimos homens cuidarão da cabine de comando, um com granadas, o segundo com a Ingram. A área é grande demais para se escolher alvos. Vamos ter de varrê-la com a Ingram e liquidar todo mundo que estiver lá dentro, depois que ficarem paralisados pela granada.

— E se o Comandante Larsen estiver lá dentro? — indagou um servidor civil.

Fallon ficou olhando para a mesa por um momento, antes de responder:

— Lamento muito, mas não há qualquer meio de se identificar os alvos.

— E se o líder não estiver em nenhuma das duas cabines nem lá em cima, na cabine de comando? E se o homem com o detonador de controle remoto estiver em algum outro lugar? Como, por exemplo, no convés, respirando um pouco de ar fresco? Ou no banheiro? Ou dormindo em alguma outra cabine?

Steve Fallon deu de ombros.

— Neste caso, teremos uma explosão.

— Há vinte e nove tripulantes trancados lá embaixo — protestou um cientista. — Não pode tirá-los de lá? Ou pelo menos abrir a porta do lugar em que estão presos, a fim de que tenham chance de se salvar a nado?

— Não, senhor. Já tentei imaginar todos os meios de descer até a sala de tintas, se é que os homens estão mesmo trancados lá. Se tentarmos descer através da entrada no convés, nossa presença a bordo seria denunciada. As trancas podem fazer barulho, a abertura da porta de aço inundaria de luz o convés de popa. Descer pela superestrutura para a casa de máquinas e tentar alcançar os homens por lá seria dividir minhas

forças. Além disso, a casa de máquinas é vasta. Há três níveis, sendo abobadada como uma catedral. Se houver um único homem lá embaixo, entrando em comunicação com o líder antes de podermos liquidá-lo, estaria tudo perdido. Creio que nossa melhor chance é alcançar e liquidar o homem com o detonador.

— Se o navio explodir, você e seus homens lá em cima podem mergulhar pelo outro lado e nadar de volta ao Argyll, não é mesmo? — insinuou outro servidor civil.

O Major Fallon fitou-o com uma expressão de raiva no rosto bronzeado.

— Senhor, se o navio explodir, qualquer nadador a menos de duzentos metros de distância será sugado para baixo pelas correntezas da água despejando-se pelas aberturas.

— Desculpe, Major Fallon — interveio, apressadamente, o Secretário do Gabinete. — Tenho certeza de que meu colega estava apenas preocupado com sua própria segurança. A questão agora é a seguinte: as possibilidades de se alcançar a tempo o homem com o detonador de controle remoto são altamente problemáticas. E o fracasso em impedir que o homem detone as cargas acarretaria o próprio desastre que estamos tentando evitar...

— Com todo o respeito, Sir Julian, devo discordar dessa colocação do problema — disse o Coronel Holmes. — Se os terroristas ameaçarem durante o dia explodir o *Freya* numa determinada hora da noite e o Chanceler Busch persistir em sua decisão de não soltar Mishkin e Lazareff, teremos de tentar a solução apontada pelo Major Fallon. Não poderemos fazer qualquer outra coisa. Não nos restará alternativa.

Todos murmuraram em concordância. Sir Julian teve de admitir o argumento.

— Está certo. O Ministério da Defesa deve tomar as providências necessárias para que o Argyll vire de lado para o *Freya* e proporcione a proteção necessária às lanchas do Major Fallon. O Departamento do Meio Ambiente deve instruir os controladores de tráfego aéreo para localizarem e afastarem todos os aviões que tentarem aproximar-se do Argyll, a qualquer altitude. Os diversos departamentos responsáveis deverão instruir os rebocadores e outras embarcações perto do Argyll para não revelarem a ninguém os preparativos do Major Fallon. E o que vai fazer agora, Major Fallon?

O fuzileiro olhou para o relógio. Eram 5:15 da manhã.

— A Marinha vai emprestar-me um helicóptero, para levar-me do Heliporto de Battersea para o convés de popa do Argyll. Estarei lá quando meus homens e equipamentos chegarem pelo mar, se partir agora...

— Neste caso, é melhor partir logo. E boa sorte, meu jovem.

Os membros do comitê se levantaram, enquanto Fallon, um tanto constrangido, pegava o modelo do navio, as plantas e fotografias e deixava o salão, junto com o Coronel Holmes, a caminho do heliporto, à beira do Tamisa.

Sir Julian Flannery, exausto, deixou o salão impregnado de fumaça, saindo para o frio da madrugada de mais um dia de primavera, a fim de apresentar seu relatório à Primeira-Ministra Carpenter.

Às seis horas da manhã, um comunicado simples e objetivo foi emitido em Bonn, dizendo que, depois de analisar devidamente todos os fatores envolvidos, o Governo Federal alemão chegara à conclusão de que, no final das contas, seria um erro ceder à chantagem. Por isso, havia sido cancelada a decisão anterior de libertar Mishkin e Lazareff às oito horas da manhã.

O Governo Federal, acrescentava o comunicado, faria tudo o que estivesse a seu alcance para entrar em negociações com os sequestradores do *Freya*, procurando um meio de salvar o navio e sua tripulação através de propostas alternativas.

Os aliados europeus da Alemanha Ocidental foram informados desse comunicado apenas uma hora antes de sua divulgação. Todos os chefes de governo envolvidos fizeram particularmente a mesma indagação:

— Que diabo Bonn está querendo?

A exceção foi Londres, que já sabia da decisão. Extra-oficialmente, cada governo foi informado de que a mudança de posição era consequência de uma súbita e intensa pressão americana sobre Bonn, durante a noite. Foram também informados de que Bonn somente concordara em adiar a libertação, à espera de novos desenvolvimentos, na esperança de que as perspectivas pudessem tornar-se mais otimistas.

Logo depois que a notícia foi divulgada, o porta-voz do governo de Bonn teve dois encontros rápidos e particulares, ao café da manhã, com influentes jornalistas alemães. Os jornalistas foram informados, indiretamente, de que a mudança de política do governo alemão era exclusivamente uma consequência da implacável pressão de Washington.

Os primeiros noticiosos radiofônicos do dia transmitiram o comunicado de Bonn, no mesmo tempo em que os ouvintes abriam seus jornais matutinos, os quais anunciavam a libertação dos dois sequestradores pela manhã. Os editores de jornais não acharam a menor graça e bombardearam o governo com pedidos de explicações. Mas não houve nenhuma que fosse satisfatória. As edições dominicais, sendo aprontadas naquele sábado, prepararam-se para esmiuçar a explosiva questão na manhã seguinte.

No *Freya*, a informação sobre o comunicado de Bonn chegou através do noticioso internacional da BBC, para o qual Drake sintonizara seu rádio portátil, às seis e meia da manhã. Como muitas outras pessoas interessadas na Europa naquela manhã, o ucraniano escutou a notícia em silêncio e depois explodiu:

— Mas que diabo eles estão querendo?

— Alguma coisa saiu errada — comentou Thor Larsen, calmamente. — Eles mudaram de ideia. Seu plano não vai dar certo.

Como resposta, Drake inclinou-se sobre a mesa e apontou a arma para o rosto do norueguês, gritando:

— Não comece a se regozijar! Eles não estão brincando apenas com meus amigos em Berlim! Não é apenas comigo! Estão brincando também com seu precioso navio e tripulação! Não se esqueça disso!

O ucraniano ficou em silêncio, por vários minutos, imerso em seus pensamentos, até que finalmente usou o sistema de intercomunicação para chamar um dos seus homens na cabine de comando. O homem que apareceu ainda estava mascarado e falou a seu chefe em ucraniano; o tom de voz era de alguém extremamente preocupado. Drake deixou-o vigiando o Comandante Larsen e se ausentou durante 15 minutos. Ao voltar, ordenou bruscamente ao Comandante do *Freya* que o acompanhasse até a cabine de comando.

O chamado chegou ao Controle do Maas um minuto antes das sete horas. O Canal 20 ainda se encontrava reservado exclusivamente ao *Freya* e o operador de plantão estava mesmo esperando por um contato, pois também ouvira as notícias de Bonn. Quando o *Freya* chamou, ele imediatamente ligou os gravadores.

A voz de Larsen era obviamente de um homem exausto. Ele leu a declaração dos sequestradores sem qualquer inflexão:

"Em consequência da estúpida decisão do Governo de Bonn de revogar a decisão anterior de libertar Lev Mishkin e David Lazareff às oito horas desta manhã, os homens que no momento controlam o *Freya*

comunicam o seguinte: caso Mishkin e Lazareff não sejam libertados e estejam num avião a caminho de Tel Aviv ao meio-dia de hoje, o *Freya* irá derramar vinte mil toneladas de petróleo bruto no Mar do Norte, à última badalada do meio-dia. Qualquer tentativa de impedir isso ou interferir com o processo, assim como qualquer tentativa por navios ou aviões de penetrar na área de mar limpo ao redor do *Freya*, resultará na imediata destruição do navio, sua carga e tripulação."

A transmissão foi bruscamente interrompida. Não houve perguntas. Quase uma centena de postos de escuta captaram a mensagem. Quinze minutos depois, estava sendo transmitida pelas emissoras de rádio de toda a Europa.

O Gabinete Oval do Presidente Matthews estava começando a assumir o aspecto de conselho de guerra, às primeiras horas da madrugada.

Todos os quatro homens ali sentados haviam tirado o paletó e afrouxado a gravata. Assessores entravam e saíam a todo instante, trazendo mensagens da sala de comunicações para um ou outro dos homens presentes. Os centros de comunicações de *Langley* e do Departamento de Estado estavam ligados diretamente com o da Casa Branca. Eram 7:15 na Europa, mas 2:15 em Washington, quando a notícia do ultimato de Drake foi entregue a Robert Benson, no Gabinete Oval. Ele a entregou ao Presidente Matthews, sem dizer nada.

— Suponho que já deveríamos estar esperando por isso — comentou o Presidente dos Estados Unidos, visivelmente cansado. — Mas nem mesmo assim é mais fácil receber a notícia.

— Será que ele vai executar a ameaça, quem quer que seja? — indagou o Secretário de Estado David Lawrence.

— Até agora, o desgraçado tem feito tudo o que prometeu — respondeu Stanislaw Poklewski.

— Imagino que Mishkin e Lazareff devem estar sob uma guarda reforçada em Tegel — disse Lawrence.

— Eles não estão mais em Tegel — informou Benson. — Foram transferidos para Moabit pouco antes de meia-noite, horário de Berlim. É uma prisão mais moderna e mais segura.

— Como sabe disso, Bob? — perguntou Poklewski.

— Mandei vigiar Tegel e Moabit desde a transmissão do *Freya* ao meio-dia — explicou Benson.

Lawrence, o diplomata ao estilo antigo, pareceu ficar exasperado e disse rispidamente:

— A nova política é a de espionar até mesmo nossos aliados?

— Não é tão nova assim — disse Benson. — Sempre os espionamos.

— Por que a mudança de prisão, Bob? — perguntou o Presidente Matthews. — Dietrich Busch por acaso está pensando que os russos vão tentar liquidar Mishkin e Lazareff?

— Não, Sr. Presidente. Ele pensa que eu é que tentarei.

— Ao que me parece, é uma possibilidade na qual não havíamos pensado — comentou Poklewski. — Se os terroristas no *Freya* cumprirem a ameaça e derramarem no mar vinte mil toneladas de petróleo bruto, ameaçando derramar outras cinquenta mil toneladas no mesmo dia, as pressões sob Busch podem tornar-se irresistíveis...

— Não tenho a menor dúvida de que isso será inevitável — declarou Lawrence.

— O que estou querendo dizer é que Busch pode simplesmente resolver agir sozinho e libertar Mishkin e Lazareff, unilateralmente. Não podemos esquecer que ele não sabe que o preço de tal ação seria a destruição do Tratado de Dublin.

Houve um silêncio que perdurou por vários segundos, até que o Presidente Matthews disse:

— Nesse caso, não haverá nada que eu possa fazer para impedi-lo.

— Há, sim — murmurou Benson.

Os outros três imediatamente concentraram toda a sua atenção nele. Quando descreveu qual era a providência, os rostos de Matthews, Lawrence e Poklewski assumiram expressões de repulsa.

— Eu não poderia dar essa ordem — declarou o Presidente Matthews.

— É realmente algo terrível — concordou Benson. — Mas é também a única maneira de se antecipar a uma iniciativa unilateral do Chanceler Busch. E saberemos, se ele formular planos secretos de libertar os dois sequestradores prematuramente. Não importa como, o fato é que saberemos. Vamos enfrentar o problema. A alternativa seria a destruição do tratado e as consequências em termos de retomada da corrida armamentista que isso inevitavelmente acarretaria. Se o tratado for derrubado, presumivelmente não poderemos prosseguir nas remessas de cereais para a Rússia. O que pode provocar a queda de Rudin...

— O que torna a reação dele no caso inteiramente absurda — ressaltou Lawrence.

— É possível. Mas é a reação dele e, até sabermos o motivo, não podemos julgar o quanto é absurda — declarou Benson. — Até sabermos de tudo, o conhecimento particular pelo Chanceler Busch da proposta que acabei de fazer deve contribuir para contê-lo por mais algum tempo.

— Está querendo dizer que poderíamos simplesmente usar isso como uma ameaça pairando sobre a cabeça de Busch? — indagou Matthews, esperançoso. — É provável que jamais tenhamos de recorrer a essa medida?

Nesse momento, chegou de Londres uma mensagem pessoal da Primeira-Ministra Carpenter para o Presidente Matthews.

— Mas que mulher extraordinária! — murmurou ele, depois de ler. — Os ingleses informam que podem cuidar do primeiro vazamento de vinte mil toneladas de petróleo bruto, mas não mais do que isso. Estão preparando um plano para atacar o *Freya*, com homens-rãs, depois do pôr-do-sol, abatendo o homem com o detonador. Acham que as chances são razoáveis.

— Assim, só precisamos conter o Chanceler Busch por mais doze horas — disse Benson. — Sr. Presidente, recomendo que ordene o que acabei de propor. As chances são de que nunca teremos de recorrer a essa medida extrema.

— E se for necessário, Bob? E se for necessário?

— Então teremos de fazê-lo.

William Matthews encostou as palmas das mãos no rosto e esfregou os olhos cansados com as pontas dos dedos.

— Santo Deus... não se deveria exigir de homem nenhum que desse ordens assim... Mas se não há outro jeito... Bob, pode dar a ordem.

O Sol mal acabara de emergir do horizonte, a leste, por cima da costa holandesa. No convés de popa do cruzador Argyll, agora virado de lado para o ponto em que estava o *Freya*, o Major Fallon olhava para as três lanchas atracadas no costado. Estavam fora do campo de visão do vigia no alto da chaminé do *Freya*. E o vigia também não poderia ver a grande atividade nas lanchas, onde os homens de Fallon estavam preparando os caíques e aprontando os equipamentos pouco comuns. Era um amanhecer claro e ameno, contendo a promessa de outro dia quente e ensolarado. O mar estava sereno. Não demorou muito para que o comandante do Argyll, Capitão-de-Mar-e-Guerra Richard Preston, se juntasse a Fallon.

Ficaram parados lado a lado, olhando para as três velozes lanchas que haviam trazido homens e equipamentos de Poole em oito horas. As lanchas balançavam na ondulação levantadas pela esteira de um navio de guerra que passou ali perto, para oeste. Fallon olhou.

— Que navio é aquele? — indagou, sacudindo a cabeça na direção do navio, de guerra cinzento com a bandeira americana que se deslocava para o sul.

— A Marinha americana decidiu mandar um observador — respondeu Preston. — Aquele é o Moran. Vai ficar entre nós e o Montcalm. — Olhou o relógio e acrescentou: — Sete e meia. O café da manhã já está sendo servido. Se quiser acompanhar-nos. será um prazer.

Eram 7:50 quando bateram na porta do camarote do Capitão-de-Mar-e-Guerra Mike Manning, comandante do Moran.

O navio estava ancorado depois de sua viagem através da noite, em que Manning ficara o tempo todo na ponte de comando. Agora, ele estava-se barbeando. Quando o telegrafista entrou, Manning pegou a mensagem que lhe foi estendida e deu uma olhada, ainda se barbeando. Parou abruptamente e virou-se para o marinheiro, dizendo:

— Ainda está em código.

— Isso mesmo, senhor. A mensagem foi classificada como sendo somente para os seus olhos, senhor.

Manning dispensou o homem, foi até o cofre na parede e tirou seu decifrador pessoal. Era algo incomum, mas não sem precedentes. Começou a correr um lápis pelas colunas de números, procurando os grupos na mensagem a sua frente e as correspondentes combinações de letras. Quando terminou de decifrar, continuou sentado por um longo tempo, olhando para a mensagem. Tornou a verificar o início, na esperança de que a mensagem não passasse de uma brincadeira prática. Mas não era brincadeira. Era realmente para ele, transmitida através do Departamento da Marinha, em Washington. E era uma ordem presidencial, pessoal, diretamente para ele, do Comandante Supremo das Forças Armadas dos Estados Unidos, Casa Branca, Washington.

— Ele não me pode pedir para fazer isso — murmurou Manning. — Nenhum homem pode pedir a um marinheiro para fazer uma coisa dessas.

Mas a mensagem ordenava e era inequívoca:

“No caso de o Governo da Alemanha Ocidental tentar libertar os sequestradores de Berlim unilateralmente, o Moran deve afundar o

superpetroleiro *Freya* por fogo de artilharia, recorrendo a todas as medidas possíveis para atear fogo à carga e reduzir assim os danos ao meio ambiente. Essa ação deverá ser desencadeada quando o Moran receber o sinal RAIO, repito, RAIO. Destrua esta mensagem."

Mike Manning tinha 43 anos, era casado, com quatro filhos, todos vivendo com a mãe nos arredores de Norfolk, Virgínia. Há 21 anos que era oficial da Marinha dos Estados Unidos e nunca antes pensara em contestar uma ordem recebida.

Foi até a vigia e olhou através das cinco milhas que o separavam do navio à frente do Sol nascente. Pensou em seus projéteis à base de magnésio atingindo o casco desprotegido e penetrando até o volátil petróleo bruto que estava além. Pensou nos 29 homens presos no fundo do navio, 25 metros abaixo das ondas, num caixão de aço, esperando pela salvação, pensando em suas próprias famílias, nas florestas da Escandinávia. Amarrotou o papel em sua mão e murmurou:

— Sr. Presidente, não sei se poderei fazer o que me está ordenando...

16

08:00 às 15:00

Dyetski Mir significa “Mundo das Crianças” e é a primeira loja de brinquedos de Moscou, quatro andares de bonecas e jogos, dos mais diversos brinquedos. Em comparação com uma loja equivalente do Ocidente, o espetáculo é pobre e o estoque reduzido. Mas é a melhor que a capital soviética possui, excetuando-se as lojas Beriozka de moedas fortes, frequentadas basicamente por estrangeiros.

Por uma ironia não intencional, fica no outro lado da Praça Dzerzhinsky, em frente ao quartel-general do KGB, que decididamente não é um mundo de crianças. Adam Munro estava no balcão do andar térreo pouco antes das 10 horas da manhã, horário de Moscou, duas horas a mais do que no Mar do Norte. Começou a examinar um urso de *nylon*, como se estivesse procurando decidir se deveria ou não comprá-lo para seu filho.

Dois minutos depois das 10 horas, alguém se aproximou dele. Pelo canto dos olhos, Munro percebeu que Valentina estava extremamente pálida, os lábios normalmente cheios estavam retraídos, tensos, da cor de cinza de cigarro.

Ela acenou com a cabeça. A voz soou tão baixa quanto a de Munro, em tom de conversa, indiferente:

— Consegui ver a transcrição, Adam. É terrível.

Valentina pegou uma marionete de mão, no formato de um pequeno macaco, com pêlo artificial, enquanto contava rapidamente tudo o que descobrira.

— Mas é impossível! — murmurou Munro. — Ele ainda está convalescendo de um ataque cardíaco!

— Não. Ele foi morto a tiro no dia 31 de outubro, no meio da noite, numa rua de Kiev.

Duas vendedoras, encostadas na parede a seis ou sete metros de distância, olharam para os dois sem qualquer curiosidade e voltaram a se concentrar na conversa delas. Uma das poucas vantagens de se fazer

compras em Moscou é que se tem a garantia de completa privacidade contra qualquer assistência dos vendedores.

— E aqueles dois homens em Berlim são os assassinos? — indagou Munro.

— É o que parece. O receio é de que eles escapem para Israel e dêem uma entrevista coletiva, infligindo uma humilhação insuportável à União Soviética.

— O que certamente acarretaria a queda de Maxim Rudin — murmurou Munro. — Não é de admirar que ele se oponha tão tenazmente à libertação dos dois. Não pode permitir. Não lhe resta alternativa. E você, minha querida, está segura?

— Não sei. Acho que não. Estão desconfiados. Ninguém falou nada, mas dá para perceber. Não vai demorar muito para que o operador da mesa telefônica informe sua chamada. E o porteiro do prédio vai informar que eu saí de carro em plena madrugada, inesperadamente. Vão juntar tudo e tirar conclusões.

— Vou tirá-la daqui, Valentina. E o mais depressa possível. Nos próximos dias.

Pela primeira vez, ela virou-se e encarou-o. Munro percebeu que os olhos dela estavam marejados de lágrimas.

— Está acabado, Adam. Fiz o que me pediu e agora é tarde demais. — Valentina inclinou-se e beijou-o de leve, diante do olhar atônito das vendedoras. — Adeus, Adam, meu amor... Sinto muito...

Ela virou-se, parou por um momento para recuperar o controle e depois afastou-se, passando pelas portas de vidro e saindo para a rua, tornando a passar pela abertura no Muro de Berlim para voltar ao Leste. Do lugar em que estava, segurando uma boneca de plástico, Munro viu-a chegar à calçada e desaparecer. Um homem numa capa cinza, que estava limpando o pára-brisa de um carro, empertigou-se, acenou com a cabeça para um colega dentro do carro e depois saiu atrás de Valentina.

Adam Munro sentiu o desespero e a raiva subirem por sua garganta como uma bola de ácido pegajoso. Os barulhos da loja se atenuaram, enquanto um rugido insuportável invadia seus ouvidos. Apertou com toda a força a cabeça da boneca, esmagando, quebrando, despedaçando o rosto sorridente por baixo da touca rendada. Uma vendedora se aproximou rapidamente.

— Quebrou a boneca e vai ter de pagar quatro rublos — disse ela.

Em comparação com o turbilhão de atenção pública e dos meios de comunicação que se concentrou no Chanceler da Alemanha Ocidental na tarde anterior, as recriminações que se despejaram sobre Bonn na manhã de sábado foram mais como um furacão.

O Ministério do Exterior recebeu um fluxo contínuo de solicitações, vazadas nos termos mais urgentes, das Embaixadas da Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca, França, Holanda e Bélgica, insistindo para que os respectivos embaixadores fossem recebidos imediatamente. Todos foram recebidos e todos formularam a mesma pergunta, na fraseologia cortês da diplomacia: que diabo está acontecendo?

Os jornais e emissoras de rádio e televisão convocaram todos os repórteres e redatores que estavam de folga no fim-de-semana e tentaram dar ao assunto uma cobertura completa, o que não era fácil. Não havia fotografias do Freya desde o sequestro, exceto as que tinham sido tiradas pelo fotógrafo *freelance* francês, que estava preso, com os filmes confiscados. Estavam em Paris, sendo examinadas. Havia ainda outras fotos que a imprensa ignorava, as que tinham sido tiradas pelos sucessivos Nimrods, que também estavam sendo enviadas ao Governo francês.

Por falta de notícias, os jornais saíram à cata de tudo o que pudessem publicar. Dois empreendedores jornalistas ingleses subornaram empregados do Hotel Hilton de Rotterdam para que emprestassem seus uniformes e tentaram chegar à suíte em que Harry Wennerstrom e Lisa Larsen estavam hospedados.

Outros procuraram antigos primeiros-ministros, altas autoridades e comandantes de petroleiros, para que dessem suas opiniões. Quantias excepcionais foram oferecidas às esposas dos tripulantes, quase todas já localizadas, para que posassem rezando pela salvação dos maridos.

Um antigo comandante de mercenários ofereceu-se para atacar o Freya sozinho por 1.000.000 dólares. Quatro arcebispos e 17 parlamentares de variadas convicções e ambições ofereceram-se como reféns em troca do Comandante Larsen e sua tripulação.

— Separadamente ou aos lotes? — comentou, rispidamente, Dietrich Busch, ao ser informado. — Gostaria é que William Matthews estivesse a bordo, ao invés de trinta bons marinheiros. Se fosse ele, eu esperaria até o Natal.

Na metade da manhã, as insinuações feitas aos dois jornalistas alemães pelo porta-voz do Governo de Bonn estavam começando a surtir efeito. Os comentários que fizeram, pelo rádio e televisão alemães, foram

divulgados para o resto do mundo pelas agências noticiosas e pelos correspondentes baseados na Alemanha. Começou a ganhar força o rumor de que Dietrich Busch tomara a decisão horas antes do amanhecer, sob intensa pressão americana.

Bonn se negou a confirmar o rumor, mas também se recusou a desmenti-lo. O comportamento evasivo do porta-voz do Governo alemão era a própria confirmação que a imprensa procurava.

Quando a manhã raiou sobre Washington, cinco horas depois da Europa, as atenções se desviaram para a Casa Branca. Por volta das seis horas da manhã, em Washington, os repórteres que cobriam a Casa Branca começaram a clamar por uma entrevista com o próprio Presidente Matthews. Tiveram de se satisfazer, o que não aconteceu, com um aflito e evasivo porta-voz oficial. Este mostrou-se evasivo simplesmente porque não sabia o que dizer; seus repelidos apelos ao Gabinete Oval trouxeram apenas instruções adicionais de que deveria dizer aos jornalistas que o problema era europeu e que os europeus deveriam agir como achassem melhor. O que jogava o problema de volta ao Chanceler alemão, que se sentia cada vez mais ultrajado.

— Por quanto tempo mais uma situação dessas poderá resistir? — gritou William Matthews, cada vez mais abalado, empurrando para um lado o prato de ovos mexidos, pouco depois das seis horas da manhã, horário de Washington, olhando para seus assessores.

A mesma pergunta estava sendo formulada, mas não respondida, em uma vintena de gabinetes pela América e Europa, naquela inquieta manhã de sábado.

De seu gabinete no Texas, o dono do milhão de toneladas de petróleo bruto Mubarraq sob o convés do Freya estava telefonando para Washington.

— Não me importa que horas são! — gritou ele para a secretária do diretor da campanha eleitoral do partido do Presidente Matthews. — Trate de chamá-lo e diga que é Clint Blake quem está querendo falar!

Quando finalmente atendeu, o diretor da campanha não era um homem feliz. Ao desligar, estava na mais profunda depressão. Uma contribuição de 1.000.000 de dólares para uma campanha eleitoral não é pouca coisa em nenhum país, e a ameaça de Clint Blake de retirá-la do partido e transferir para a oposição não era nenhuma brincadeira.

Para Clint Blake, parecia não ter a menor importância o fato de a carga estar totalmente segurada contra perdas eventuais pelo Lloyds. Naquela manhã, ele era um texano furioso.

Harry Wennerstrom passou a maior parte da manhã ao telefone, falando de Rotterdam para Estocolmo, procurando todos os seus amigos e contatos nas esferas financeiras, de navegação e do governo, a fim de pedir que pressionassem o Primeiro-Ministro da Suécia. A pressão foi eficaz e não demorou muito a ser transferida para Bonn.

Em Londres, o Presidente do Lloyds, Sir Murray Kelso, foi encontrar-se com o Subsecretário Permanente do Departamento do Meio Ambiente em seu gabinete em Whitehall. Sábado não é normalmente um dia em que os altos funcionários do serviço civil britânico podem ser encontrados em seus gabinetes. Mas aquele não era um sábado normal. Sir Rupert Mossbank voltara de carro às pressas de sua casa de campo, antes do amanhecer, quando Downing Street comunicara que Mishkin e Lazareff não mais seriam libertados. Ele indicou uma cadeira para o visitante.

— Uma situação terrível — comentou Sir Murray.

— Bastante desagradável — concordou Sir Rupert. Ofereceu uma xícara de chá ao visitante e os dois ficaram bebendo era silêncio por algum tempo, até que Sir Murray disse:

— O problema é que as quantias envolvidas são realmente vultosas. Perto de um bilhão de dólares. Mesmo que os países vítimas do derramamento de petróleo decorrente da explosão do Freya decidam processar a Alemanha Ocidental e não a nós, ainda teremos de cobrir a perda do navio, carga e tripulação. O que dá cerca de quatrocentos milhões de dólares.

— Uma quantia que podem perfeitamente cobrir, é claro — murmurou Sir Rupert, ansiosamente.

— Claro que podemos. Aliás, não temos alternativa. O problema é que tal quantia inevitavelmente iria refletir-se nos lucros invisíveis do país. Provavelmente provocaria um desequilíbrio. E com essa nova solicitação de empréstimo ao FMI...

— Trata-se na verdade de um problema alemão e não realmente nosso — comentou Sir Rupert.

— Não obstante, sempre é possível pressionar um pouco os alemães. É claro que os sequestradores são uns miseráveis. Mas, neste caso, não entendo por que simplesmente aqueles dois sujeitos não são soltos em Berlim, e que o diabo os carregue.

— Deixe tudo comigo — disse Sir Rupert. — Verei o que posso fazer.

Particularmente, ele sabia perfeitamente que nada poderia fazer. O relatório confidencial em seu cofre informava que o Major Fallon partiria

de caíque para atacar o Freya dentro de 11 horas. Até lá, as ordens da Primeira-Ministra eram para que se aguentasse a situação de qualquer maneira.

O Chanceler Dietrich Busch recebeu a notícia do planejado ataque submarino ao Freya na metade da manhã, numa entrevista pessoal com o Embaixador britânico. Ficou ligeiramente apaziguado.

— Então era isso o que estavam planejando — murmurou ele, ao examinar os planos que lhe foram apresentados. — Mas por que não me informaram antes?

— Não tínhamos certeza antes se poderia dar certo — respondeu o embaixador, suavemente, pois eram essas as suas instruções expressas. — Trabalhamos nesse plano durante toda a tarde de ontem e pela noite afora. Ao amanhecer, já tínhamos certeza de que era perfeitamente exequível.

— Quais são as possibilidades de sucesso que estão prevendo? — indagou Dietrich Busch.

O embaixador limpou a garganta.

— Calculamos que as chances são de três a um em nosso favor. O Sol se põe às sete e meia. A escuridão é total às nove horas. Os homens vão partir às dez horas da noite.

O Chanceler olhou o relógio. Faltavam 12 horas. Se os britânicos tentassem e conseguissem, uma boa parte do crédito seria para os seus homens-rãs; mas ele também mereceria algum, por ter resistido a todas as pressões. Se fracassassem, a responsabilidade seria exclusivamente deles.

— O que significa que tudo agora depende desse Major Fallon. Está certo, Embaixador. Continuarei a cumprir a minha parte até dez horas da noite.

Além de suas baterias de mísseis teleguiados, o Moran estava armado com dois canhões navais Mark 45, de cinco polegadas, um na proa, outro na popa. Eram do tipo mais moderno que existia, orientados por radar e controlados por computador.

Cada canhão podia disparar 20 bombas em rápida sucessão, sem recarregar, a sequência podendo ser predeterminada no computador.

Há muito que já haviam passado os velhos tempos em que a munição dos canhões navais era retirada de paióis, levantada mecanicamente até as torres e enfiada na culatra por artilheiros suados. No Moran, a munição era selecionada pelo tipo e desempenho através do computador, sendo levada automaticamente para a torre do canhão,

carregada, disparada, sem que houvesse qualquer intervenção de mão humana.

O canhão era apontado para o alvo pelo radar. Os olhos invisíveis do navio procuravam o alvo de acordo com as instruções programadas, ajustavam-se de acordo com o vento, distância e movimento tanto do alvo como da plataforma de disparo. A partir do momento em que o alvo estava fixado, assim ficava até que houvesse novas ordens. O computador funcionava junto com os olhos do radar, absorvendo em frações de segundo qualquer deslocamento no próprio Moran, por menor que fosse, no alvo ou na força do vento. Depois do momento que os canhões estavam apontados, o alvo podia começar a se mexer, o Moran podia ir a qualquer parte não havia importância, pois as armas continuavam a fixar o lugar em que as bombas deveriam cair. O mar revolto poderia forçar o Moran a caturrar e galear, o alvo poderia balançar à vontade: não faria a menor diferença, pois o computador compensaria. Até mesmo o padrão em que as bombas iriam cair poderia ser predeterminado.

Como apoio, o oficial-artilheiro podia observar o alvo visualmente, com a ajuda de uma câmara montada no tope, transmitindo novas instruções ao radar e ao computador, quando desejava mudar o alvo.

O Comandante Mike Manning examinou o Freya do lugar em que estava parado, na amurada, numa concentração sombria. Quem quer que aconselhara o Presidente dos Estados Unidos deveria conhecer muito bem o problema. Os perigos para o meio ambiente da destruição do Freya decorriam do vazamento da carga de 1.000.000 de toneladas de petróleo bruto. Mas se a carga fosse incendiada enquanto ainda estivesse nos porões ou segundos depois da destruição do navio, certamente iria arder. Ou melhor, iria explodir.

Normalmente, é muito difícil atear fogo ao petróleo bruto. Mas se é aquecido o bastante, inevitavelmente atinge um ponto máximo em que pega fogo. O petróleo bruto Mubarraq que o Freya transportava era o mais leve de todos os tipos. Disparando-se contra o casco massas de magnésio em chamas, a uma temperatura de mais de 1.000 graus centígrados, poder-se-ia incendiar facilmente o petróleo. Cerca de 90% da carga jamais chegariam ao oceano sob a forma de petróleo bruto; iriam transformar-se em chamas, formando uma bola de fogo com mais de 3.000 metros de altura.

O que restaria da carga não teria maior importância, boiando na superfície do mar. No céu, haveria uma mortalha preta de fumaça, tão grande quanto a nuvem que certa ocasião pairara sobre Hiroxima. Nada

restaria do navio propriamente dito, mas o problema do meio ambiente estaria reduzido a proporções passíveis de serem controladas. Manning chamou seu oficial-artilheiro, Capitão-Tenente Chuck Olsen, que foi encontrar-se com ele junto à amurada.

— Quero que carregue e apronte o canhão de proa. — Olsen começou a anotar as ordens. — Armamento: três bombas de ruptura de blindagem, cinco bombas de magnésio, duas bombas de alto-explosivo. Total, dez. Repita a sequência. Total, vinte.

— Está anotado, senhor. Qual é o padrão de disparo?

— Primeira bomba no alvo, segunda 200 metros adiante, terceira mais 200 metros adiante. Volte ao alvo e dispare as cinco bombas de magnésio a distâncias de quarenta metros. Depois, de novo no alvo com a primeira bomba de alto-explosivo, a outra 100 metros adiante.

Olsen anotou o padrão de disparo determinado por seu comandante. Manning olhou pela amurada. A cinco milhas de distância, a proa do Freya estava diretamente apontada para o Moran. O padrão de disparo que ele determinara faria com que as bombas caíssem em linha reta da proa do Freya até a base da superestrutura, voltando em seguida para a proa e refazendo a sucessão até a superestrutura. As bombas de ruptura de blindagem abririam os tanques de petróleo como um bisturi cortando carne; as bombas de magnésio cairiam pelas aberturas no convés; as bombas explosivas arrancariam o petróleo bruto em chamas dos tanques de bombordo e estibordo.

— Tudo anotado, Comandante. Qual o ponto de impacto da primeira bomba?

— Dez metros além da proa do *Freya*.

A caneta de Olsen ficou suspensa sobre o papel na prancheta. Começou a escrever, depois levantou os olhos para o *Freya*, a cinco milhas de distância.

— Comandante, se fizer isso, o *Freya* não vai simplesmente afundar, não vai simplesmente se incendiar, não vai simplesmente explodir. Vai vaporizar-se.

— São essas as minhas ordens, Mister Olsen — disse Manning, impassivelmente.

O jovem sueco-americano a seu lado estava extremamente pálido.

— Mas há trinta marinheiros escandinavos naquele navio!

— Mister Olsen, estou perfeitamente a par de todos os fatos. Vai executar minhas ordens e aprontar o canhão ou comunicar-me formalmente que se recusa a obedecer?

O oficial-artilheiro assumiu posição de sentido.

— Vou preparar e carregar o canhão, Comandante Manning. Mas não vou dispará-lo. Se houver necessidade de apertar o botão de disparo, terá de fazê-lo pessoalmente.

Olsen bateu continência e se afastou.

"Não precisará fazê-lo", pensou Manning, continuando junto à amurada. "Se o próprio Presidente me ordenar, vou disparar o canhão. E depois deixarei a Marinha."

Uma hora depois, o helicóptero do Argyll pairou por cima do Moran e um oficial da Marinha Real desceu pelo guincho para convés do navio americano. Pediu para falar com o Comandante Manning em particular e foi levado à cabine dele.

— Saudações do Comandante Preston, senhor — disse o oficial, entregando a Manning uma carta do comandante inglês.

Ao terminar de ler, Manning recostou-se como um homem que acabara de ser salvo da forca. A carta informava que os ingleses iriam enviar um grupo de homens-rãs armados às 10 horas daquela noite para atacar o *Freya* e todos os governos haviam concordado em não realizar nenhuma ação independente até lá.

Enquanto os dois oficiais conversavam a bordo do Moran, o avião de passageiros que levava Adam Munro de volta ao Ocidente estava sobrevoando a fronteira soviético-polonesa.

Da loja de brinquedos na Praça Dzerzhinsky, Munro fora para uma cabine telefônica e ligara para o Chefe da Chancelaria de sua embaixada. Dissera ao espantado diplomata, em linguagem codificada, que descobrira o que seus superiores estavam querendo saber, mas não voltaria à embaixada. Em vez disso, seguiria diretamente para o aeroporto, a fim de pegar o voo do meio-dia.

Depois que o diplomata comunicou ao *Foreign Office* e a notícia foi transmitida ao SIS, voltando a mensagem de que Adam Munro deveria passar a informação de Moscou mesmo, já era tarde demais. Naquele momento, Munro estava embarcando no avião.

— Mas que diabo ele está querendo? — indagou Sir Nigel Irvine a Barry Ferndale no quartel-general do SIS, ao ser informado de que seu agente estava voltando para Londres.

— Não tenho a menor ideia — respondeu o controlador da Seção Soviética. — Talvez *Nightingale* tenha sido descoberto e ele precisasse voltar com toda urgência, antes que estourasse o incidente diplomático. Devo ir esperá-lo?

— A que horas ele vai chegar?

— A 1:45, horário de Londres. Acho que devo ir esperá-lo. Ao que parece, ele tem a resposta que o Presidente Matthews está querendo. Para ser franco, estou curioso em descobrir o que é.

— Também estou — disse Sir Nigel. — Pegue um carro com um telefone especial e mantenha-se em contato comigo pessoalmente.

Quando faltavam 15 minutos para o meio-dia, Drake mandou que um dos seus homens fosse buscar o operador de bombas do Freya e levasse para a sala de controle no convés A. Deixando Thor Larsen sob a guarda de outro terrorista, Drake desceu para a sala de controle da carga, tirou os fusíveis do bolso e tornou a colocá-los no lugar. As bombas de carga estavam outra vez em condições de funcionar.

— O que você faz ao descarregar? — perguntou ele ao tripulante. — Ainda tenho uma submetralhadora apontada para seu comandante e mandarei que seja usada, se tentar enganar-me.

— O sistema de oleoduto do navio termina em um único ponto, um conjunto de dutos que chamamos de coletor. As mangueiras de terra são acopladas ao coletor. Depois disso, as válvulas principais são abertas no coletor e o navio começa a bombear a carga.

— Qual é o ritmo de descarga?

— Vinte mil toneladas por hora. Durante a descarga, o equilíbrio do navio é mantido vazando-se diversos tanques, em pontos diferentes, simultaneamente.

Drake já constatava que havia uma correnteza suave, de um nó, passando pelo *Freya* na direção nordeste, a caminho das Ilhas Frísias holandesas. Apontou para um tanque no meio do *Freya*, no lado de bombordo.

— Abra a válvula desse tanque. — O operador de bombas hesitou por um segundo e depois obedeceu. Drake acrescentou: — Assim que eu der o aviso, ligue as bombas de descarga e esvazie todo o tanque.

— Para o mar? — indagou o homem, incrédulo.

— Para o mar — confirmou Drake, sombriamente. — O Chanceler Busch vai descobrir muito em breve o que realmente significa pressão internacional.

Enquanto os minutos se arrastavam a caminho do meio-dia de sábado, 2 de abril, a Europa prendeu a respiração. Até aquele momento, pelo que todos sabiam, os terroristas já haviam executado um marinheiro, porque tinham invadido o espaço aéreo por cima do *Freya*. E haviam

ameaçado executar outro ou despejar petróleo bruto no mar, à última badalada do meio-dia.

O Nimrod que substituíra o aparelho do Líder de Esquadrilha Latham à meia-noite anterior ficou sem combustível por volta das 11 horas da manhã. Assim, Latham estava de volta a seu posto 5.000 metros acima do petroleiro, as câmaras em ação, enquanto iam-se escoando os minutos que faltavam para o meio-dia.

Muitos quilômetros acima dele, um satélite-espião Condor transmitia um fluxo contínuo de imagens através do globo, até o ponto em que um ansioso Presidente dos Estados Unidos estava sentado diante de uma tela de TV, no Gabinete Oval. O *Freya* apareceu na tela, balançando suavemente, como um dedo acusador.

Em Londres, altas autoridades estavam reunidas em torno de uma tela na Sala de Informações do Gabinete, na qual aparecia o que o Nimrod estava vendo. O Nimrod começara a fotografar o *Freya* continuamente, a partir de cinco minutos para o meio-dia, as imagens sendo transmitidas para o *Datalink* do Argyll e de lá para *Whitehall*.

Nas amuradas do Montcalm, Breda, Brunner, Argyll e Moran, marinheiros de cinco nações passavam binóculos de mão em mão. Os oficiais estavam nas posições mais elevadas que podiam conseguir, observando o petroleiro através de lunetas.

No Serviço Internacional da BBC, o Big Ben anunciou o meio-dia. Na Sala de Informações do Gabinete, a 200 metros do Big Ben e dois andares abaixo da rua, alguém gritou:

— Santo Deus! Estão derramando o petróleo!

A 5.000 quilômetros de distância, quatro americanos em mangas de camisa, no Gabinete Oval, observavam o mesmo espetáculo.

Do meio do costado do *Freya*, no lado de bombordo, irrompeu uma coluna de petróleo bruto, pegajoso, um ocre avermelhado.

Era bastante espesso. Impelido pela força das poderosas bombas do *Freya*, o petróleo pulou sobre a amurada de bombordo, desceu por oito metros e caiu ruidosamente no mar. Em poucos segundos, as águas azul-esverdeadas estavam descoloridas, poluídas. Enquanto o petróleo borbulhava de volta à superfície, uma mancha começou a se espalhar, afastando-se do costado do navio, levada pela correnteza.

O despejo prolongou-se por 60 minutos, até que aquele único tanque ficou vazio. A mancha imensa assumiu o formato de um ovo, mais larga na direção da costa holandesa e afinando perto do navio. Finalmente a massa de petróleo afastou-se do costado do *Freya*, impelida pela

correnteza. Como o mar estava sereno, a mancha de petróleo permaneceu inteira, mas começou a se expandir pela superfície. Às duas horas da tarde, uma hora depois que o despejo terminou, a mancha tinha 15 quilômetros de comprimento e 11 quilômetros de extensão na parte mais larga.

Em Washington, o Condor transmitiu o movimento da mancha de petróleo para a tela de TV no Gabinete Oval. Stanislaw Poklewski levantou-se e foi desligar o receptor.

— E isso é apenas um cinquenta avós do que o navio transporta — comentou ele. — Os europeus vão ficar furiosos.

Robert Benson atendeu um telefonema e depois virou-se para o Presidente Matthews, informando:

— Londres acaba de se comunicar com *Langley*. O homem deles em Moscou informou que já tem a resposta para nossa pergunta. Ele afirma que sabe por que Maxim Rudin está ameaçando renegar o Tratado de Dublin, se Mishkin e Lazareff forem soltos. Está indo de avião de Moscou para Londres, a fim de transmitir a informação pessoalmente. Deverá chegar a Londres dentro de uma hora.

Matthews deu de ombros.

— Com a ação desse tal de Major Fallon, atacando o *Freya* com seus mergulhadores dentro de nove horas, talvez isso já não tenha mais qualquer importância. Mesmo assim, estou bastante interessado em descobrir a explicação para a estranha reação de Rudin.

— O agente vai passar a informação a Sir Nigel Irvine, que a transmitirá à Sra. Carpenter — disse Benson. — Talvez possa pedir a ela para usar a linha quente e informá-lo no momento em que souber.

— É o que farei — decidiu o Presidente.

Passava um pouco das oito horas da manhã em Washington, mas já era mais de uma hora da tarde quando Andrew Drake, que ficara calado e pensativo enquanto o petróleo estava sendo despejado no mar, decidiu entrar novamente em contato com as autoridades.

Vinte minutos depois de uma hora, o Comandante Thor Larsen estava novamente falando com o Controle do Maas, ao qual pediu que o ligasse imediatamente com o Primeiro-Ministro holandês, Jan Grayling. A transferência da ligação para Haia foi imediatamente providenciada, pois havia sido prevista a possibilidade de que Grayling poderia ter uma oportunidade, mais cedo ou mais tarde, de falar pessoalmente com o líder dos terroristas, fazendo um apelo por negociações, em nome da Holanda e da Alemanha.

— Estou escutando, Comandante Larsen — disse o holandês ao norueguês em inglês. — É Jan Grayling quem está falando.

— Primeiro-Ministro, deve ter visto as vinte mil toneladas de petróleo bruto que foram despejadas do meu navio — disse Larsen, o cano da arma a um dedo de seu ouvido.

— Vi, sim, com profundo pesar.

— O líder dos guerrilheiros propõe uma conferência.

A voz do comandante trovejava no gabinete de Grayling em Haia. Ele olhou para os dois assessores que estavam à sua frente. Os carretéis do gravador giravam impassivelmente.

— Entendo — murmurou Grayling, que absolutamente não entendia, mas desejava apenas ganhar tempo. — Que tipo de conferência?

— Uma conferência pessoal com os representantes das nações costeiras e outras partes interessadas — disse Larsen, lendo o papel a sua frente.

Jan Grayling pôs a mão sobre o microfone e disse, muito excitado:

— O filho da mãe está querendo conversar! — Tirando a mão, ele disse ao microfone: — Em nome do Governo holandês, aceito promover essa reunião. Por favor, comunique minha decisão ao líder dos guerrilheiros.

Na cabine de comando do *Freya*, Drake sacudiu a cabeça e pôs a mão sobre o microfone. Teve uma discussão apressada com Larsen, que finalmente disse pelo microfone:

— O encontro não será em terra, mas sim no mar. Como se chama o cruzador britânico?

— Argyll — respondeu Grayling.

— O navio dispõe de um helicóptero — disse Larsen, por determinação de Drake. — A reunião será a bordo do Argyll. Às três horas da tarde. Deverá estar presente, Primeiro-Ministro, assim como o Embaixador alemão e os comandantes dos cinco navios de guerra que cercam o Freya. E ninguém mais.

— Está certo — disse Grayling. — O líder dos guerrilheiros comparecerá pessoalmente? Se for, preciso consultar os ingleses sobre a garantia de um salvo-conduto.

Houve silêncio na ligação, enquanto outra discussão apressada se realizava na cabine de comando do *Freya*. Um momento depois, a voz do Comandante Larsen tornou a soar em Haia:

— Não, o líder não vai comparecer. Enviará um representante. Cinco minutos antes das três horas, o helicóptero do Argyll terá permissão

de pairar sobre o heliporto do *Freya*. Não haverá soldados nem fuzileiros no helicóptero. Somente poderão estar no aparelho o piloto e o operador do guincho, ambos desarmados. A cena será atentamente observada da cabine de comando. Não poderá haver câmaras no helicóptero. O operador do guincho baixará um arreio e o emissário será içado do convés e levado para o Argyll. Entendido?

— Perfeitamente — disse Grayling. — Posso perguntar quem será o emissário?

— Um momento, por favor.

Houve novamente silêncio na ligação. No *Freya*, Larsen virou-se para Drake e perguntou:

— Se não vai pessoalmente, Sr. Svoboda, quem pretende enviar?

Drake sorriu.

— Você mesmo. Irá representar-me. É a pessoa mais indicada para convencê-los de que não estou brincando em relação ao navio, tripulação e carga. E que minha paciência está-se esgotando rapidamente.

A voz de Larsen voltou a soar em Haia:

— Fui informado de que serei eu.

A ligação foi bruscamente interrompida. Jan Grayling olhou o relógio.

— Uma hora e quarenta e cinco. Temos setenta e cinco minutos para preparar tudo. Peçam a Konrad Vossa para vir até aqui. Preparem um helicóptero para decolar do ponto mais próximo daqui que seja possível. E quero também uma ligação com a Sra. Carpenter, em Londres.

Ele mal acabara de falar quando sua secretária particular informou que havia uma ligação de Harry Wennerstrom. O velho milionário, em sua suíte no Hilton de Rotterdam, providenciara um potente receptor de rádio durante a noite e determinara uma escuta permanente no Canal 20.

— Vai seguir para o Argyll de helicóptero — disse ele, sem qualquer preâmbulo. — Eu ficaria profundamente grato se levasse a Sra. Lisa Larsen junto.

— Não sei...

— Pelo amor de Deus, homem! — trovejou o sueco. — Os terroristas jamais saberão! E se acontecer o pior, pode ser a última vez em que ela verá o marido!

— Mande-a para cá dentro de quarenta minutos — decidiu Grayling. — Partiremos às duas e meia.

A conversa no Canal 20 fora ouvida por todas as redes de serviços de informações secretas e pelos meios de comunicação. Eram inúmeras as

ligações entre Rotterdam e nove capitais europeias. A Agência de Segurança Nacional, em Washington, recebia uma transcrição da conversa pelo teletipo da Casa Branca, para o Presidente Matthews. Um assessor estava rapidamente atravessando o gramado que separava o prédio do Gabinete de *Downing Street*, 10, levando uma transcrição para a Sra. Carpenter. O Embaixador israelense em Bonn estava solicitando insistentemente ao Chanceler Busch para que se verificasse com o Comandante Larsen, a pedido do Primeiro-Ministro Golen, se os terroristas eram ou não judeus. O Chefe do Governo alemão prometeu que a indagação seria feita.

Os jornais vespertinos, assim como as emissoras de televisão e rádio de toda a Europa, suspenderam as manchetes já preparadas para as edições das cinco horas da tarde. Foram dados telefonemas frenéticos a quatro Ministérios da Marinha, solicitando relatórios completos da reunião, se e quando ocorresse.

No momento em que Jan Grayling desligava o telefone, depois da conversa com Thor Larsen, o jato que trazia Adam Munro de Moscou pousava na pista Zero Um, do Aeroporto Heathrow, em Londres.

O passe do *Foreign Office* de Barry Ferndale levou-o até a escada do avião. Assim que Munro desembarcou, visivelmente extenuado, Ferndale levou-o para o banco de trás do carro. Era um carro melhor do que os outros que a Firma normalmente usava, com uma tela separando motorista e passageiros e um telefone ligado com o quartel-general.

Enquanto passavam pelo túnel, deixando a área do aeroporto e seguindo para a auto-estrada M4, Ferndale rompeu o silêncio.

— Uma viagem árdua, meu caro...

Ele não se estava referindo à viagem de avião.

— Desastrosa — murmurou Munro. — Acho que *Nightingale* foi descoberto. Tenho certeza de que estava sendo seguido pela Oposição. É.possível que, a esta altura, já tenha sido preso.

Ferndale deixou escapar um murmúrio de simpatia.

— Um azar terrível. É sempre terrível perder um agente. Um transtorno lamentável. Também perdi os meus. Um deles morreu da forma mais desagradável possível. Mas esse é o ofício em que estamos, Adam. Faz parte do que Kipling chamou de Grande Jogo.

— Só que não estamos num jogo. E o que o KGB fará com *Nightingale* não será nenhuma brincadeira.

— Claro que não. Lamento muito. Não deveria ter feito o comentário. — Ferndale fez uma pausa, expectante, enquanto o carro

entrava no fluxo de tráfego da M4. — Mas conseguiu obter a resposta para nossas questões, conseguiu descobrir por que Rudin está-se opondo tão patologicamente à libertação de Mishkin e Lazareff.

— A resposta para a pergunta da Sra. Carpenter... — murmurou Munro, sombriamente. — É verdade, eu a descobri.

— E qual é?

— Ela perguntou, ela terá a resposta. Espero que goste. Custou uma vida encontrar essa resposta.

— Talvez não esteja adotando uma atitude das mais sensatas, meu caro Adam. Não pode simplesmente entrar sem mais aquela no gabinete da Primeira-Ministra. Até mesmo o Mestre tem de marcar uma entrevista com antecedência.

— Então peço ao Mestre para marcar uma entrevista — disse Munro, apontando para o telefone.

— Infelizmente, é o que terei mesmo de fazer, meu caro Adam.

Era lamentável, pensou Ferndale, ver um homem talentoso liquidar sua carreira daquele jeito. Mas era evidente que Adam Munro chegara ao limite de sua resistência. Ferndale não pretendia ficar no caminho dele. O Mestre dissera-lhe que permanecesse em contato e foi exatamente isso o que fez.

Dez minutos depois, a Sra. Joan Carpenter escutou atentamente o que Sir Nigel Irvine lhe disse pelo telefone de segurança e depois indagou:

— Quer dizer que ele quer dar-me a resposta pessoalmente, Sir Nigel? Isso não é um tanto irregular?

— Extremamente, Madame. Na verdade, é sem precedentes. Receio que isso signifique que o Sr. Munro e o Serviço estão prestes a se separar. Mas a não ser encarregando os especialistas de lhe arrancarem a informação, não tenho meios de obrigá-lo a me contar. Compreendo a posição dele. Perdeu um agente, de quem aparentemente se tornou amigo pessoal ao longo dos últimos nove meses, e está chegando ao fim de sua resistência.

Joan Carpenter ficou pensando por algum tempo.

— Lamento profundamente ter sido a causa de tanto sofrimento — disse ela, finalmente. — E gostaria de pedir desculpas ao Sr. Munro pelo que lhe pedi para fazer. Por favor, peça ao motorista para trazê-lo a *Downing Street*. E venha também para cá, imediatamente.

A ligação foi interrompida. Sir Nigel Irvine ficou olhando para o fone por algum tempo. Essa mulher nunca cessa de me surpreender, pensou ele. Muito bem, Adam, está querendo o seu momento de glória;

pois irá tê-lo. Mas será o seu último, meu filho. Depois disso, terá de procurar novas pastagens. Não podemos ter prima-donas no Serviço.

Ao descer para pegar seu carro, Sir Nigel ia refletindo que a explicação, por mais interessante que pudesse ser, era agora acadêmica ou em breve o seria. Dentro de sete horas, o Major Simon Fallon iria abordar o *Freya*, junto com três companheiros, e liquidar os terroristas. Depois disso, Mishkin e Lazareff poderiam ficar onde estavam por mais 15 anos.

Às duas horas, já no camarote do comandante do *Freya*, Drake inclinou-se para a frente e disse a Thor Larsen:

— Provavelmente está-se perguntando por que decidi realizar a reunião a bordo do Argyll. Sei que, assim que chegar lá, vai contar quem somos e quantos somos. Vai revelar quais são as armas de que dispomos e onde as cargas estão colocadas. Mas preste muita atenção agora, pois vou dizer-lhe o que também deverá contar, se quer salvar sua tripulação e seu navio da destruição.

Ele falou durante cerca de 30 minutos. Thor Larsen ficou escutando, impassivelmente, absorvendo as palavras e suas implicações. Quando Drake terminou, o Comandante norueguês disse:

— Vou contar-lhes tudo. Mas não para salvar sua pele, Sr. Svoboda, mas porque não posso permitir que mate minha tripulação e destrua meu navio.

Houve um zumbido no aparelho de intercomunicação do camarote à prova de som. Drake foi atender e depois olhou pelas janelas para o castelo de proa distante. Lentamente, cautelosamente, o helicóptero Wessex do Argyll estava-se aproximando do petroleiro, as insígnias dos Fuzileiros Reais bem visíveis no flanco.

Cinco minutos depois, sob os olhos das câmaras que transmitiam as imagens pelo mundo inteiro, observado por homens e mulheres em centenas de lugares, alguns a milhares de quilômetros de distância, o Comandante Thor Larsen, o homem que comandava o maior navio já construído em todo o mundo, saiu da superestrutura para o convés aberto. Insistira em vestir a calça preta e o casaco de comandante da Marinha Mercante, com os quatro aros dourados que indicavam o posto, por cima do suéter branco. Na cabeça, tinha o quepe com o emblema de capacete de viking da Linha Nordia. Empinando os ombros largos, ele iniciou a longa e solitária caminhada pelo vasto convés do seu navio, na direção do lugar em que o cabo e o arreio pendiam do helicóptero pairando no ar, a cerca de meio quilômetro de distância.

17

15:00 às 20:00

A limusine pessoal de Sir Nigel Irvine, levando Barry Ferndale e Adam Munro, chegou a *Downing Street*, 10, alguns segundos antes das três horas. Quando os dois foram introduzidos na ante-sala do gabinete da Primeira-Ministra, Sir Nigel já estava ali. Ele cumprimentou Munro friamente, dizendo:

— Espero que sua insistência em transmitir seu relatório pessoalmente à Primeira-Ministra valha todo o esforço que fizemos.

— Acho que valerá, Sir Nigel — respondeu Munro.

O Diretor-Geral do SIS contemplou seu subordinado com uma expressão irônica. O homem estava visivelmente exausto e acabara de sofrer um forte impacto com o caso de *Nightingale*. Mesmo assim, isso não era desculpa para a quebra da disciplina. A porta para o gabinete particular da Primeira-Ministra se abriu e Sir Julian Flannery apareceu.

— Entrem, senhores — disse ele.

Adam Munro nunca antes se encontrara pessoalmente com a Primeira-Ministra. Apesar de não dormir há dois dias, ela parecia tranquila e cheia de vitalidade. Cumprimentou Sir Nigel primeiro e depois apertou as mãos dos dois homens que ainda não conhecia pessoalmente, Barry Ferndale e Adam Munro.

— Sr. Munro — disse ela — permita que lhe apresente, antes de mais nada, meu profundo pesar por ter-lhe causado tanto risco pessoal e a possível descoberta de seu agente em Moscou. Não tinha o menor desejo de fazê-lo, mas a resposta à questão formulada pelo Presidente Matthews era realmente de importância internacional. E gostaria de ressaltar que não uso essa expressão à toa.

— Obrigado por dizer isso, Madame — murmurou Munro. Ela explicou que, naquele momento mesmo, o Comandante do *Freya*, Thor Larsen, estava desembarcando no convés do cruzador Argyll para uma

reunião; e às 10 horas daquela noite, um grupo de homens-rãs do SEM ia atacar o petroleiro, numa tentativa de liquidar os terroristas e seu detonador.

— Se esses comandos forem bem-sucedidos, Madame — disse Munro, incisivamente — então o sequestro estará terminado, os dois prisioneiros em Berlim continuarão onde estão, e a provável descoberta de meu agente terá sido em vão.

A Primeira-Ministra Carpenter teve a decência de assumir urna expressão constrangida.

— Posso apenas repetir o meu pedido de desculpas, Sr. Munro. O plano de atacar o *Freya* só foi formulado esta madrugada oito horas depois que Maxim Rudin apresentou seu ultimato ao Presidente Matthews. A essa altura, já lhe havia sido pedido que fosse consultado *Nightingale*. Era impossível revogar o pedido.

Sir Julian entrou na sala e disse à Primeira-Ministra:

— A transmissão já vai começar, Madame.

A Primeira-Ministra convidou os três visitantes a sentar-se. No canto da sala havia um alto-falante, os fios levando a uma ante-sala contígua.

— Senhores, a reunião no Argyll está começando. Vamos escutar o que se passa e depois o Sr. Munro nos poderá informar o motivo do insólito ultimato de Maxim Rudin.

No momento em que Thor Larsen se desvencilhou dos arreios no convés de popa do Argyll, depois de uma estonteante viagem de oito quilômetros dependurado do Wessex, o rugido dos motores acima dele foram entremeados pelos apitos estridentes de boas-vindas do contramestre.

O comandante do Argyll adiantou-se, bateu continência e estendeu a mão, dizendo:

— Richard Preston.

Larsen retribuiu a continência e apertou-lhe a mão.

— Seja bem-vindo a bordo, Comandante — disse Preston.

— Obrigado.

— Não gostaria de descer para o salão dos oficiais?

Os dois comandantes desceram para a maior cabine do cruzador, o salão dos oficiais. Ali, o Comandante Preston fez as apresentações formais:

— O Excelentíssimo Sr. Jan Grayling, Primeiro-Ministro da Holanda. Creio que já se falaram pelo telefone... O Excelentíssimo Sr. Konrad Voss, Embaixador da República Federal da Alemanha... Comandante Desmoulins, da Marinha francesa; de Jong, da Marinha holandesa, Hasselmann, da Marinha alemã, e Manning, da Marinha americana.

Mike Manning estendeu a mão e fitou nos olhos o norueguês barbado.

— Prazer em conhecê-lo, Comandante.

As palavras pareciam arranhar sua garganta. Thor Larsen fitou-o nos olhos por uma fração de segundo a mais do que aos outros comandantes. O Comandante Preston acrescentou:

— E, finalmente, quero apresentá-lo ao Major Simon Fallon, dos comandos dos Fuzileiros Reais.

Larsen olhou para o fuzileiro baixo e corpulento, que lhe apertava a mão com firmeza. No final das contas, pensou ele, Svoboda estava certo.

A convite do Comandante Preston, todos se sentaram em torno da ampla mesa de jantar.

— Comandante Larsen, quero deixar bem claro, antes de começarmos, que nossa conversa será gravada e está sendo diretamente transmitida para *Whitehall*, onde a Primeira-Ministra está na escuta.

Larsen assentiu. Seu olhar a todo instante se desviava para o americano. Todos os outros fitavam-no com interesse, mas os olhos do oficial da Marinha americana estavam sobre a mesa de mogno.

— Antes de começarmos, posso oferecer-lhe alguma coisa? — indagou Preston. — Aceita um drinque? Comida? Chá ou café?

— Apenas um café, obrigado. Puro, sem açúcar.

O Comandante Preston acenou com a cabeça para um taifeiro junto à porta, que desapareceu no mesmo instante.

— Foi combinado que, para começar, devo indagar sobre a questão que interessa e preocupa a todos os nossos governos — continuou o Comandante Preston. — O Sr. Grayling e o Sr. Voss concordaram com isso. É claro que qualquer um pode formular alguma pergunta que eu por acaso esqueça. Em primeiro lugar, Comandante Larsen, poderia contar-nos o que aconteceu na madrugada do dia de ontem?

Tudo começara ontem apenas, pensou Larsen. Isso mesmo, às três horas da madrugada de sexta-feira; e agora passavam cinco minutos das três horas da tarde de sábado. Apenas 36 horas, mas parecia ter sido uma semana.

Rapidamente, objetivamente, ele descreveu a captura do *Freya* durante a madrugada, como os atacantes haviam abordado o navio sem a menor dificuldade, trancando a tripulação na sala de tintas.

— Quer dizer que são sete terroristas? — indagou o major dos fuzileiros navais. — Tem certeza de que não são mais?

— Certeza absoluta — respondeu Larsen. — São apenas sete.

— E sabe quem são? — indagou Preston. — Judeus? Árabes? Brigadas Vermelhas?

Larsen olhou espantado para os rostos a seu redor. Tinha esquecido que, fora do *Freya*, ninguém sabia quem eram os sequestradores.

— São ucranianos. Nacionalistas ucranianos. O líder se intitula simplesmente de Svoboda. Disse que a palavra significa "liberdade" em ucraniano. Falam sempre entre si numa língua que não conheço e que deve ser ucraniano. Que é uma língua eslava, não tenho a menor dúvida.

— Então por que diabo eles estão querendo a libertação de dois judeus russos de Berlim? — indagou Jan Grayling, exasperado.

— Não sei — respondeu Larsen. — O líder afirma que são seus amigos.

— Um momento, por gentileza — disse o Embaixador Voss. — Todos ficamos impressionados pelo fato de Mishkin e Lazareff serem judeus e quererem ir para Israel. Mas ambos vêm da Ucrânia, da cidade de Lvov. Não ocorreu a meu governo que poderiam ser também guerrilheiros ucranianos.

— Por que eles acham que a libertação de Mishkin e Lazareff poderá ajudar a causa nacionalista ucraniana? — indagou Preston.

— Não sei. Svoboda não explicou. Perguntei a ele. Parecia prestes a contar, mas depois mudou de ideia. Disse apenas que a libertação desses dois homens causaria um golpe tão forte no Kremlin que poderia desencadear um amplo levante popular.

Houve uma expressão de total incompreensão nos rostos dos homens em torno da mesa. As perguntas finais, sobre a disposição do navio, o lugar em que Svoboda e Larsen estavam, a colocação dos terroristas, levaram mais 10 minutos. O Comandante Preston finalmente olhou ao redor, para os outros comandantes e representantes da Holanda e Alemanha. Os homens assentiram. Preston inclinou-se para a frente.

— Agora, Comandante Larsen, vamos contar-lhe o que estamos planejando. Esta noite, o Major Fallon e um grupo de homens vão aproximar-se do *Freya* por baixo d'água, escalar o costado e liquidar Svoboda e seus homens.

Ele recostou-se na cadeira, para observar o efeito. Thor Larsen disse bem devagar:

— Não, eles não vão fazer isso...

— Como?

— Não haverá nenhum ataque submarino, a menos que desejem ver o *Freya* explodido e afundado. Foi para dizer-lhes isso que Svoboda me enviou até aqui.

O Comandante Larsen transmitiu a mensagem que Svoboda enviava para o Ocidente. Antes do pôr-do-sol, todos os refletores do Freya seriam acesos. O homem no castelo de proa seria retirado.

Todo o convés anterior, da proa à base da superestrutura, ficaria banhado em luz.

Todas as portas da superestrutura que davam para o exterior seriam fechadas e trancadas por dentro. Toda porta interior seria igualmente trancada, para impedir o acesso por uma janela.

O próprio Svoboda, com seu detonador, ficaria no interior da superestrutura, indo ocupar uma entre as cinquenta e tantas cabines. Todas as luzes em todas as cabines seriam apagadas, as cortinas fechadas.

Um terrorista permaneceria na cabine de comando, em contato por *walkie-talkie* com o homem no alto da chaminé. Os outros quatro homens patrulhariam incessantemente toda a área da popa do Freya, vasculhando o mar com lanternas potentes. Ao primeiro sinal de uma trilha de borbulhas ou de alguém subindo pelo costado, o terrorista dispararia um tiro. O homem no alto da chaminé avisaria o companheiro na cabine de comando, o qual imediatamente daria um sinal pelo telefone para Svoboda, na cabine em que este estivesse escondido. Essa linha telefônica ficaria aberta durante a noite inteira. Ao ouvir a palavra de alarme, Svoboda apertaria o botão vermelho.

Quando ele terminou de falar, houve um silêncio profundo ao redor da mesa. Foi rompido pelo Comandante Preston, que murmurou, furioso:

— Filhos da mãe...

Todos os olhos se desviaram para o Major Fallon, que fitava Larsen impassivelmente.

— E então, Major? — indagou Grayling.

— Podemos abordar o navio pela proa — sugeriu Fallon.

Larsen sacudiu a cabeça.

— O vigia na cabine de comando iria vê-los, com todos os refletores acesos. Não conseguiriam chegar à metade do convés de proa.

— De qualquer maneira, ainda poderemos instalar uma armadilha na lancha deles — disse Fallon.

— Svoboda também pensou nisso. Vão levar a lancha para a popa, onde ficará sob a constante vigia dos terroristas que lá estiverem patrulhando.

Fallon deu de ombros.

— Nesse caso, só nos resta um ataque frontal. Sairemos da água atirando, usando mais homens, escalando o costado à força, arrombando uma porta, revistando cabine por cabine.

— Não terá a menor possibilidade — disse Larsen, firmemente. — Antes de chegarem à amurada, Svoboda já terá sido informado e apertará o botão vermelho.

— Infelizmente, tenho de concordar com o Comandante Larsen — declarou Jan Grayling. — O Governo holandês não concordaria com uma missão suicida.

— Nem o Governo alemão ocidental — disse Voss.

Fallon tentou um último recurso.

— Não passa muito tempo a sós com o líder dos terroristas Comandante Larsen? Poderia matá-lo?

— Eu o mataria com o maior prazer — disse Larsen. — Mas se está pensando em me dar uma arma, nem precisa incomodar-se. Ao voltar, serei meticulosamente revistado, fora do alcance de Svoboda. Se for encontrada alguma arma, outro dos meus marinheiros será executado. Não vou levar coisa alguma de volta para o Freya. Nem armas nem veneno.

— Creio que não há a menor possibilidade, Major Fallon — disse o Comandante Preston, suavemente. — A opção dura não vai dar certo. — Levantou-se e acrescentou: — Senhores, antes que haja mais perguntas ao Comandante Larsen, eu gostaria de dizer que, infelizmente, não há muito que possamos fazer. Todas as informações que recebemos devem agora ser transmitidas aos governos envolvidos. Comandante Larsen, muito obrigado por seu tempo e paciência. Na minha cabine, há uma pessoa que gostaria de falar-lhe.

Thor Larsen deixou o salão dos oficiais levado por um taifeiro. Mike Manning ficou observando-o retirar-se com uma profunda angústia. A anulação do plano de ataque do Major Fallon tornava bem possível a execução da ordem terrível que recebera de Washington naquela manhã.

O taifeiro levou o comandante norueguês até a porta dos alojamentos pessoais de Preston. Lisa Larsen levantou-se da beira da cama

em que estava sentada, olhando pela vigia para os contornos distantes do *Freya*.

— Thor...

Larsen fechou a porta. Depois abriu os braços e envolveu a mulher que corria em sua direção.

— Olá, minha querida...

No gabinete particular da Primeira-Ministra Carpenter, em *Downing Street,* 10, a transmissão do Argyll foi desligada.

— Oh, diabo! — exclamou Sir Nigel, expressando as opiniões de todos.

A Primeira-Ministra virou-se para Munro.

— Agora, Sr. Munro, parece que sua informação já não é mais tão acadêmica. Se a explicação puder ajudar, sob alguma forma, a resolver o impasse, os riscos que correu não terão sido em vão. Poderia contar-nos sucintamente, por que Maxim Rudin está se comportando de maneira tão insólita?

— Como todos sabemos, Madame, a supremacia dele no Politburo está por um fio, o que já vem acontecendo há vários meses...

— Mas o problema certamente está relacionado com as concessões nos armamentos feitas aos americanos — disse a Sra. Carpenter. — É esse o motivo pelo qual Vishnayev deseja derrubá-lo.

— Madame, Yefrem Vishnayev fez seu lance para conquistar o poder supremo na União Soviética e não pode mais recuar. Está determinado a derrubar Rudin da maneira que for possível. Se não o conseguir, Rudin inevitavelmente irá destruí-lo, em oito dias depois da assinatura do Tratado de Dublin. Os dois prisioneiros em Berlim podem fornecer a Vishnayev o instrumento que ele precisa para fazer com que mais um ou dois membros do Politburo mudem de lado, juntando-se à facção dos gaviões.

— Como assim? — indagou Sir Nigel.

— Simplesmente falando. Chegando a Israel e dando uma entrevista coletiva à imprensa internacional. Infligindo à União Soviética uma terrível humilhação pública e internacional.

— Por terem matado um comandante de avião de quem nunca ninguém tinha ouvido falar antes? — indagou a Primeira-Ministra.

— Não, não por isso. A morte do Comandante Rudenko no avião foi de fato um acidente. A fuga para o Ocidente dos dois homens era indispensável, para que pudessem dar a divulgação mundial ao crime que

realmente cometeram. Na noite de 31 de outubro do ano passado, Madame, numa rua de Kiev, Mishkin e Lazareff assassinaram Yuri Ivanenko, o chefe do KGB.

Sir Nigel Irvine e Barry Ferndale se empertigaram abruptamente, como que impelidos por uma mola.

— Então foi isso o que aconteceu com ele — murmurou Ferndale, o experto em assuntos soviéticos. — Pensei que tivesse caído em desgraça.

— Não caiu em desgraça mas sim numa sepultura — disse Munro. — É claro que o Politburo sabe o que realmente aconteceu. Pelo menos um homem da facção de Rudin, talvez dois, ameaçou mudar de lado, se os assassinos escaparem impunes e infligirem uma humilhação à União Soviética.

— Isso faz sentido, dentro da psicologia russa, Sr. Ferndale? — indagou a Primeira-Ministra.

O lenço de Ferndale se deslocava em círculos sobre as lentes dos óculos, furiosamente.

— Um sentido perfeito, Madame — respondeu ele, visivelmente excitado. — Interna e externamente. Em momentos de crise, como a escassez de alimentos, é imperativo que o KGB inspire temor ao povo, especialmente às nacionalidades não-russas, para mantê-las sob controle. Se esse temor se desvanecer, se o terrível KGB se transformar num alvo de risadas, as repercussões podem ser assustadoras... do ponto de vista do Kremlin, é claro. — Ferndale fez uma ligeira pausa, ainda polindo os óculos, antes de acrescentar: — Externamente, em especial no Terceiro Mundo, a impressão de que o poder do Kremlin é uma fortaleza inexpugnável é um fator fundamental para que Moscou continue a manter seu domínio e avanço constante. Não resta a menor dúvida de que os dois homens em Berlim são uma verdadeira bomba-relógio para Maxim Rudin. O mecanismo de detonação foi ativado pelo caso do Freya, e o tempo está-se esgotando rapidamente.

— Então por que o Chanceler Busch não pode ser informado do ultimato de Rudin? — indagou Munro. — Ele compreenderia que o Tratado de Dublin, que tanto afeta seu país, é muito mais importante do que o Freya.

— Porque até mesmo a notícia de que Rudin apresentou um ultimato é secreta — interveio Sir Nigel. — Se isso transpirasse, o mundo chegaria imediatamente à conclusão de que o caso envolve mais do que um comandante de avião morto.

— Tudo isso é muito interessante, eu diria mesmo fascinante — disse a Sra. Carpenter. — Mas não nos ajuda a resolver o problema. O Presidente Matthews tem duas alternativas: ou permite que o Chanceler Busch solte Mishkin e Lazareff e perde o Tratado de Dublin, ou exige que os dois sejam mantidos na prisão, perdendo o Freya e ganhando a repulsa de quase uma dúzia de governos europeus e a condenação mundial.

"Até agora, ele só encontrou uma terceira alternativa: a de pedir ao Primeiro-Ministro Golen que devolvesse os dois homens à prisão na Alemanha, depois que o Freya fosse resgatado. A ideia era procurar satisfazer Maxim Rudin, sem perder o Freya. Poderia dar certo, poderia não dar. Mas, de qualquer forma, Benyamin Golen recusou. E essa alternativa está liquidada.

"Nós também pensamos numa terceira alternativa: atacar o Freya e resgatá-lo à força. Agora, já verificamos que isso é inteiramente impossível. Receio que não haja mais alternativas, a não ser fazer o que suspeitamos ser o plano dos americanos.

— Que plano seria esse? — perguntou Munro.

— Destruir o navio com disparos de canhão — respondeu Sir Nigel Irvine. — Não temos provas de que os americanos estão cogitando isso, mas os canhões do Moran estão apontados diretamente para o Freya.

Munro pensou por um momento, antes de declarar.

— Há uma terceira alternativa. Pode satisfazer a Maxim Rudin e deve dar certo.

— Explique-se, por favor — ordenou a Primeira-Ministra. Munro descreveu seu plano. Levou apenas cinco minutos. Ao terminar, houve silêncio por algum tempo, até que a Sra. Carpenter finalmente comentou:

— Acho que é uma ideia extremamente repulsiva.

— Com todo respeito, Madame, também o foi meu ato de trair meu agente para o KGB — respondeu Munro, impassivelmente.

Ferndale lançou-lhe um olhar de advertência.

— Dispomos de equipamentos tão diabólicos? — perguntou a Sra. Carpenter a Sir Nigel.

O Diretor do SIS ficou examinando as pontas dos dedos, enquanto murmurava:

— Creio que o departamento especializado pode providenciar esse tipo de coisa...

Joan Carpenter aspirou fundo.

— Graças a Deus, não é uma decisão que eu terei de tomar. A decisão cabe exclusivamente ao Presidente Matthews. A alternativa terá de

lhe ser apresentada, mas só deve ser explicada num encontro pessoal. Diga-me uma coisa, Sr. Munro: estaria disposto a executar esse plano?

Munro pensou em Valentina caminhando pelas ruas, indo ao encontro dos homens de capa cinza que a esperavam.

— Estou, sim... sem o menor escrúpulo.

— O tempo está-se escoando rapidamente — disse ela, incisivamente. — O senhor precisa chegar a Washington ainda esta noite. Tem alguma ideia de como isso pode ser conseguido, Sir Nigel?

— Há o voo de cinco horas do Concorde, na nova linha para Boston. Pode ser desviado para Washington, se o Presidente assim o determinar.

— Ponha-se a caminho, Sr. Munro — disse a Primeira-Ministra. — Informarei o Presidente Matthews das notícias que trouxe de Moscou e pedirei para que o receba pessoalmente. Poderá então explicar-lhe sua proposta macabra. Se é que ele poderá recebê-lo de forma tão imprevista...

Lisa Larsen ainda estava abraçada ao marido cinco minutos depois de ele ter entrado na cabine. Larsen perguntou como estavam os filhos. Lisa disse que havia falado com eles pelo telefone duas horas antes. Não havia aulas no sábado e por isso os dois encontravam-se em casa, com a família Dahl. E estavam muito bem. Quando ela telefonara, tinham acabado de chegar de Bogneset, onde haviam ido alimentar os coelhos. Não tinham mais como conversar sobre coisas inconsequentes.

— O que vai acontecer, Thor?

— Não sei. Não entendo por que os alemães não soltam logo os dois prisioneiros. Não entendo por que os americanos estão-se opondo. Conversei com primeiros-ministros e com embaixadores, mas eles também não sabem explicar.

— Se não soltarem os dois homens, aquele terrorista vai... fazer o que está ameaçando?

— É possível — respondeu Larsen, pensativo. — Creio que ele tentará. E se o fizer, vou tentar impedi-lo. Não há outro jeito.

— Por que os comandantes de todos esses navios de guerra não o ajudam?

— Porque não podem, minha querida. Ninguém me pode ajudar. Tenho de fazer tudo sozinho, pois ninguém mais está em condições de fazê-lo.

— Não confio naquele Comandante americano — murmurou Lisa Larsen. — Vi-o quando cheguei a bordo, em companhia do Sr. Grayling. Ele evitou olhar para mim.

— Não poderia olhar, nem para você nem para mim. É que ele recebeu ordens para destruir o Freya.

Ela recuou um passo e fitou o marido, os olhos arregalados.

— Mas ele não pode fazer uma coisa dessas! Nenhum homem faria isso com outros homens!

— Mas ele fará, se for preciso. Não tenho certeza, mas desconfio de que recebeu essa ordem. Os canhões do seu navio estão apontados para nós. Se os americanos acharem que devem bombardear o Freya, não vão hesitar. Incendiando a carga, eles iriam reduzir os danos ecológicos e destruir a arma da chantagem.

Lisa Larsen estremeceu, agarrando-se ao marido. Começou a chorar. E murmurou:

— Eu o odeio...

Thor Larsen afagou-lhe os cabelos, a mão imensa quase cobrindo inteiramente a cabeça da mulher.

— Não deve odiá-lo, minha querida. Ele está cumprindo ordens. Todos estão cumprindo ordens. Farão tudo o que for decidido por homens muito longe daqui, nas sedes dos governos na Europa e América.

— Isso não importa! Odeio todos eles!

Larsen riu, sempre afagando os cabelos da esposa, gentil e tranquilizadoramente.

— Queria que fizesse uma coisa por mim, querida.

— Qualquer coisa que me pedir.

— Volte para casa. Volte para Alesund. Saia deste lugar. Vá ficar junto de Kurt e Kristina. Prepare a casa para mim. Quando isso terminar, vou voltar para casa direto. Pode ter certeza disso.

— Volte comigo. Agora.

— Sabe que não posso e terei de me separar de você agora. O tempo está-se esgotando.

— Não volte para aquele navio! — suplicou Lisa Larsen. — Eles vão matá-lo se voltar!

Ela estava fungando furiosamente, fazendo um tremendo esforço para não chorar, tentando não magoá-lo.

— É o meu navio, querida. E a minha tripulação. Sabe que tenho de voltar.

Larsen sentou-a gentilmente na poltrona do Comandante Preston e deixou a cabine.

No momento em que o fazia, o carro levando Adam Munro passou pela Downing Street, deixando para trás a multidão de curiosos que esperava vislumbrar os altos dirigentes da nação naquele momento de crise, entrou na Parliament Square e seguiu para a Cromwell Road e a auto-estrada que levava a Heathrow.

Cinco minutos depois, Thor Larsen era ajeitado nos arreios de transporte do helicóptero por dois homens da Marinha Real, os cabelos esvoaçando ao vento produzido pelos rotores do Wessex.

O Comandante Preston, com seis oficiais de seu navio e mais os quatro outros comandantes da OTAN estavam parados a alguns metros de distância. O Wessex começou a subir.

— Senhores... — disse o Comandante Preston.

Cinco mãos se levantaram aos quepes, numa continência simultânea.

Mike Manning ficou observando o marinheiro barbado que se afastava, suspenso no ar. De uma altura de 30 metros, o norueguês parecia estar olhando diretamente para ele.

"Ele sabe", pensou Manning, horrorizado. "Santo Deus, ele sabe!"

Thor Larsen entrou em seu próprio camarote no Freya, com uma submetralhadora apontada para suas costas. Svoboda estava sentado em sua cadeira habitual. Larsen foi levado para a cadeira na outra extremidade da mesa.

— Eles acreditaram em você? — perguntou o ucraniano.

— Acreditaram. E você estava certo. Eles estavam realmente se preparando para um ataque com homens-rãs, depois do anoitecer. O ataque foi cancelado.

Drake soltou uma risada.

— Ainda bem. Se tivessem tentado, eu teria apertado este botão sem a menor hesitação, com ou sem suicídio. Afinal, não me deixariam alternativa.

Quando faltavam 10 minutos para meio-dia, o Presidente William Matthews desligou o telefone que o ligara durante 15 minutos com a Primeira-Ministra Joan Carpenter, em Londres. Olhou para seus três assessores, que tinham ouvido a conversa pelo alto-falante, e disse:

— Já sabem o que houve. Os ingleses não vão mais executar seu plano de ataque noturno. É mais uma opção que desaparece. Com isso, só

nos resta a alternativa de explodirmos o *Freya* em mil pedaços. Nosso navio já está em posição?

— Em posição, com os canhões carregados e apontados — confirmou Stanislaw Poklewski.

— Só nos resta agora torcer para que esse tal de Munro tenha alguma ideia que possa dar certo — comentou Robert Benson. — Vai concordar em recebê-lo, Sr. Presidente?

— Bob, eu receberia o próprio diabo, se ele me viesse propor algum meio de sair desse impasse.

— De uma coisa pelo menos podemos ter certeza agora: a reação de Maxim Rudin não era exagerada — disse David Lawrence. — No final das contas, ele não poderia ter feito outra coisa. Em sua luta com Yefrem Vishnayev, também não lhe restam trunfos. Como será que aqueles dois homens na Penitenciária de Moabit conseguiram matar Yuri Ivanenko?

— Temos de presumir que foram ajudados pelo homem que comanda o grupo no *Freya* — disse Benson. — Eu adoraria pôr as mãos no tal de Svoboda.

— Não tenho a menor dúvida de que o mataria — disse Lawrence, com visível desgosto.

— Está enganado. Eu trataria de recrutá-lo. É um homem frio, engenhoso e implacável. Enfrentou dez governos europeus e os está manipulando como marionetes.

Era meio-dia em Washington e cinco horas da tarde em Londres quando o Concorde desprendeu-se da pista de concreto de Heathrow, erguendo o nariz que parecia uma lança quebrada na direção do céu ocidental, subindo através da barreira do som a caminho do pôr-do-sol.

Os regulamentos normais, proibindo o estrondo sônico antes que o avião estivesse sobre o mar, haviam sido ignorados por ordens expressas de *Downing Street*. Os quatro ruidosos motores Olympus foram acelerados ao máximo logo depois da decolagem e 150.000 libras de impulso arremessaram o avião na direção da estratosfera.

O comandante calculara que levariam três horas para chegar a Washington, duas horas na frente do Sol. Na metade do caminho através do Atlântico, ele comunicou aos passageiros que se destinavam a Boston que infelizmente o Concorde teria de fazer uma rápida escala no Aeroporto Internacional Dulles, em Washington. antes de seguir para Boston, devido a “razões operacionais”, que a tudo cobriam.

Eram sete horas da noite na Europa Ocidental e nove horas em Moscou quando Yefrem Vishnayev finalmente conseguiu ter o encontro pessoal e extremamente excepcional numa noite de sábado com Maxim Rudin, pelo qual estivera clamando durante todo o dia.

O velho ditador da União Soviética concordou em receber o teórico do Partido na sala de reuniões do *Politburo*, no terceiro andar do Prédio do Arsenal.

Ao chegar, Vishnayev estava acompanhado pelo Marechal Nikolai Kerensky, mas encontrou Rudin apoiado por seus aliados Dmitri Rykov e Vassili Petrov.

— Ao que parece, são bem poucos os que estão desfrutando esse maravilhoso fim-de-semana de primavera no campo — comentou Vishnayev, sardonicamente.

Rudin deu de ombros.

— Eu estava desfrutando um jantar particular com dois amigos. Mas o que os traz ao Kremlin a esta hora da noite. Camaradas Vishnayev e Kerensky?

Não havia guardas nem assessores na sala. Ali estavam apenas os cinco donos do poder na União Soviética, empenhados numa furiosa confrontação, sob as luzes que pendiam do teto alto.

— Traição! — respondeu Vishnayev, bruscamente. — Traição, Camarada Secretário-Geral!

O silêncio foi sinistro, ameaçador.

— Traição de quem? — indagou Rudin.

Vishnayev inclinou-se sobre a mesa e falou a dois palmos do rosto de Rudin:

— A traição de dois judeus nojentos de Lvov! A traição de dois homens que estão agora numa prisão em Berlim! Dois homens cuja libertação está sendo exigida por um bando de assassinos num petroleiro no Mar do Norte! A traição de Mishkin e Lazareff

Rudin falou cautelosamente:

— É verdade que o assassinato em dezembro último, por esses dois homens, do Comandante Rudenko, da Aeroflot, constitui...

Vishnayev interrompeu-o, ameaçadoramente:

— Não é igualmente verdade que esses dois assassinos também mataram Yuri Ivanenko?

Maxim Rudin teria gostado imensamente de poder lançar um rápido olhar para Vassili Petrov, sentado a seu lado. Algo saíra errado. Alguém falara.

Os lábios de Petrov estavam contraídos numa linha fina e reta. Era ele quem estava agora controlando o KGB, através do General Abrassov. Sabia que o círculo de homens que estavam a par da verdade era pequeno, bem pequeno. Não tinha a menor dúvida de que o homem que falara havia sido o Coronel Kukushkin, que fracassara primeiro na proteção de seu chefe e fracassara depois ao não conseguir liquidar os assassinos dele. Kukushkin estava tentando salvar sua carreira, talvez mesmo a própria vida, trocando de lado e revelando tudo a Vishnayev.

— Desconfia-se dessa possibilidade, mas ainda não é um fato comprovado — disse Rudin, cautelosamente.

— Pelo que sei, já é um fato comprovado! Esses dois homens foram positivamente identificados como os assassinos do nosso querido camarada Yuri Ivanenko.

Vishnayev parecia ter esquecido inteiramente, pensou Rudin, que odiava Ivanenko e sempre desejara vê-lo morto.

— A questão é acadêmica — disse Rudin. — Mesmo que somente pelo assassinato do Comandante Rudenko, os dois assassinos estão condenados a serem liquidados dentro da prisão em Berlim.

— Talvez não — respondeu Vishnayev, com uma expressão de ultraje bem simulada. — Ao que tudo indica, eles podem ser libertados pela Alemanha Ocidental e enviados para Israel. O Ocidente é fraco e não poderá resistir por muito tempo aos terroristas no *Freya*. Se aqueles dois chegarem vivos a Israel, certamente vão falar. E acho, meus amigos, estou absolutamente convencido, de que todos sabemos o que eles irão dizer.

— O que está querendo? — indagou Rudin.

Vishnayev se levantou. Seguindo o exemplo dele, Kerensky também se levantou.

— Estou exigindo uma reunião plenária extraordinária do *Politburo*, aqui nesta sala, amanhã de noite, a esta hora. Ou seja, às nove horas. Para tratar de uma questão de extrema urgência e importância nacional. Tenho o direito de exigir essa reunião, Camarada Secretário-Geral?

A cabeça grisalha de Rudin assentiu lentamente. Ele fitou Vishnayev por baixo das sobrancelhas espessas e resmungou:

— É um direito seu.

— Neste caso, até amanhã, a esta mesma hora — disse, rispidamente, o teórico do Partido, retirando-se em seguida, acompanhado por Kerensky.

Rudin virou-se para Petrov e indagou:

— Foi o Coronel Kukushkin?

— É o que parece. Seja como for, Vishnayev agora já sabe.

— Há alguma possibilidade de liquidar Mishkin e Lazareff dentro de Moabit?

Petrov sacudiu a cabeça.

— Não até amanhã. Não há a menor possibilidade de se montar uma nova operação, sob o comando de um novo homem, nesse prazo. Há algum meio de pressionar o Ocidente a não libertar os dois?

— Não — respondeu Rudin, bruscamente. — Já apliquei todas as pressões possíveis em Matthews. Não há mais nada que eu possa fazer. Agora, tudo está nas mãos dele... e daquele maldito Chanceler alemão em Bonn.

Rykov comentou, sombriamente:

— Amanhã, Vishnayev e seus aliados vão apresentar Kukushkin e exigir que o escutemos. E se até lá Mishkin e Lazareff chegarem a Israel...

Às oito horas da noite, horário europeu, Andrew Drake, falando através do Comandante Thor Larsen, apresentou seu ultimato final.

Às nove horas da manhã seguinte, dentro de 13 horas, o *Freya* iria derramar 100.000 toneladas de petróleo bruto no Mar do Norte, a menos que Mishkin e Lazareff estivessem num avião a caminho de Tel Aviv. Às oito horas da noite, se eles não estivessem em Israel, devidamente identificados, o *Freya* seria destruído.

— É a última gota! — gritou Dietrich Busch, ao ouvir o ultimato, 10 minutos depois de ter sido transmitido do *Freya*. — Quem William Matthews está pensando que é? Ninguém, mas ninguém mesmo, vai obrigar o Chanceler da Alemanha a prosseguir com essa charada. Está acabado!

Vinte minutos depois das oito horas, o Governo alemão ocidental comunicou que, unilateralmente, havia decidido libertar Mishkin e Lazareff às oito horas da manhã seguinte.

Às oito e meia da noite, uma mensagem pessoal codificada foi recebida pelo Comandante Mike Manning, no Moran. Ao ser decifrada, a mensagem dizia simplesmente: “Preparar para ordem de disparo às sete horas da manhã.”

Manning amassou a mensagem e olhou pela vigia para o *Freya*. Estava todo iluminado como uma árvore de Natal, os refletores banhando a superestrutura com uma luz branca intensa. Repousava no oceano a cinco

milhas de distância, condenado, impotente, esperando que um dos seus dois carrascos o liquidasse.

Enquanto Thor Larsen falava pelo radiotelefone do *Freya* com o Controle do Maas, o Concorde transportando Adam Munro passava pelo perímetro cercado do Aeroporto Internacional Dulles, os *flaps* e o trem de aterrissagem, o nariz levantado, uma ave de rapina procurando agarrar a pista.

Os aturdidos passageiros, como peixinhos dourados espiando pelas janelas, notaram apenas que o avião não taxiou na direção do prédio do terminal, indo parar em vez disso à beira da pista de taxiagem, com os motores ainda ligados. Uma escada estava esperando, juntamente com uma limusine preta.

Um único passageiro, sem capa nem bagagem de mão, levantou-se de um assento quase na frente, passou pela porta aberta e desceu rapidamente a escada. Segundos depois, a escada foi retirada, a porta fechada e o comandante, contrafeito, anunciou que iriam decolar imediatamente para Boston.

Adam Munro entrou na limusine, sentando-se entre os dois corpulentos escoltas. Foi imediatamente aliviado de seu passaporte. Os dois agentes do Serviço Secreto presidencial examinaram o passaporte atentamente, enquanto o carro atravessava a pista até o lugar em que um pequeno helicóptero estava estacionado, ao lado de um hangar, os rotores girando.

Os agentes foram formais e polidos. Tinham suas ordens. Antes de embarcar no helicóptero, Munro foi meticulosamente revistado, à procura de armas ocultas. Depois de estarem satisfeitos, os dois agentes embarcaram junto com ele no helicóptero e levantaram voo, atravessando o Potomac, a caminho de Washington e dos amplos gramados da Casa Branca. Foi meia hora depois do Concorde pousar em Dulles, às três e meia de uma tarde quente de primavera em Washington, que o helicóptero pousou na Casa Branca, a apenas 100 metros do Gabinete Oval.

Os dois agentes acompanharam Munro pelos extensos gramados até uma rua estreita entre o edifício do Executivo, grande e cinzento, uma monstruosidade vitoriana de pórticos e colunas, com uma variedade espantosa de tipos diferentes de janelas, e a Ala Oeste, branca e muito menor, quase em forma de caixa, parcialmente afundada abaixo do nível do chão.

Levaram Munro para uma pequena porta ao nível do porão. Lá dentro, identificaram-se e ao visitante a um guarda uniformizado, sentado

atrás de uma pequena escrivaninha. Munro ficou surpreso. Aquilo era muito diferente da fachada imponente da residência da Avenida Pennsylvania, tão conhecida dos turistas e tão amada pelos americanos.

O guarda verificou com alguém por um telefone interno. Vários minutos depois, uma secretária saiu de um pequeno elevador. Levou três homens além do guarda, através de um corredor, ao final do qual subiram uma escada estreita. Um andar acima, estavam ao nível da rua, saindo para um corredor atapetado, onde um assessor em terno cinza franziu as sobrancelhas ao fitar o inglês com a barba por fazer e todo desgrenhado.

— Deve ser conduzido diretamente ao Gabinete Oval, Sr. Munro — disse ele.

O assessor passou a conduzir Munro, enquanto os dois agentes do Serviço Secreto ficavam para trás, junto com a secretária.

Munro foi levado por um corredor, passando por um pequeno busto da Abraham Lincoln. Dois outros assessores, avançando pela outra direção, passaram por eles em silêncio. O homem de terno cinza virou à esquerda e foi parar diante de outro guarda uniformizado, sentado atrás de uma escrivaninha, na frente de uma porta branca, embutida na parede. O guarda tornou a examinar o passaporte de Munro, olhou para a aparência dele com uma desaprovação óbvia, estendeu a mão por baixo da mesa e apertou um botão. Uma campainha soou e o assessor empurrou a porta. A porta aberta, deu um passo para trás e fez um sinal para que Munro entrasse. Munro deu dois passos para a frente, entrando no Gabinete Oval. A porta fechou-se às suas costas.

Os quatro homens na sala estavam evidentemente a sua espera, olhando em sua direção. Munro reconheceu imediatamente o Presidente William Matthews. Mas o Presidente que ali estava era um homem como os eleitores jamais tinham visto, um homem cansado, abatido, 10 anos mais velho do que a imagem sorridente, confiante, madura e cheia de vitalidade que se via nos cartazes.

Robert Benson se levantou e aproximou-se de Munro.

— Sou Bob Benson.

Ele levou Munro até a mesa. William Matthews inclinou-se e apertou a mão do agente britânico. Munro foi apresentado a David Lawrence e a Stanislaw Poklewski, a quem já conhecia por suas fotografias nos jornais.

— Com que então você é o homem que dirige *Nightingale* — disse o Presidente Matthews, olhando com curiosidade para o agente britânico através da mesa.

— Dirigia *Nightingale*, Sr. Presidente — disse Munro. — Tenho razões para acreditar que *Nightingale* foi descoberto pelo KGB há cerca de doze horas.

— Sinto muito — disse Matthews. — Mas já sabe do ultimato que Maxim Rudin me apresentou a propósito do caso do petroleiro, não é mesmo? Eu precisava saber por que ele estava-se comportando assim.

— Agora já sabemos — disse Poklewski. — Mas parece que isso não muda muito a situação, exceto para confirmar que Rudin está mesmo acuado, assim como acontece conosco. A explicação é fantástica: o assassinato de Yuri Ivanenko por dois assassinos amadores numa rua de Kiev. Mas continuamos num impasse...

— Não precisamos explicar ao Sr. Munro a importância do Tratado de Dublin nem a possibilidade de guerra caso Yefrem Vishnayev conquiste o poder — disse David Lawrence. — Leu as transcrições das reuniões do *Politburo* que *Nightingale* lhe entregou, Sr. Munro?

— Li, sim, Sr. Secretário — disse Munro. — Li no original russo, logo depois que me foram entregues. Sei perfeitamente o que está em jogo, em ambos os lados.

— E como, diabo, poderemos sair desse impasse? — indagou o Presidente Matthews. — Sua Primeira-Ministra pediu-me para recebê-lo, alegando que o senhor tinha uma proposta que ela não podia discutir pelo telefone. É por isso que está aqui, não é mesmo?

— É, sim, Sr. Presidente.

O telefone tocou nesse momento. Benson escutou por vários segundos e depois desligou.

— A situação está-se tornando cada vez mais crítica — disse ele. — O tal de Svoboda, no Freya, acaba de informar que vai derramar cem mil toneladas de petróleo bruto no mar, amanhã de manhã, às nove horas, horário europeu. Ou seja, dentro de aproximadamente 12 horas.

— Qual é a sua sugestão, Sr. Munro? — perguntou o Presidente Matthews.

— Sr. Presidente, há duas opções básicas neste caso. Ou Mishkin e Lazareff são soltos e voam para Israel, falando ao chegarem e destruindo Maxim Rudin e o Tratado de Dublin, ou continuam onde estão, acarretando a destruição do *Freya* com todos os tripulantes a bordo.

Ele não mencionou a desconfiança britânica sobre o verdadeiro papel do Moran no Mar do Norte, mas Poklewski lançou um olhar rápido para o impassível Enson.

— Sabemos disso, Sr. Munro — disse o Presidente.

— Mas o verdadeiro temor de Maxim Rudin não é a localização geográfica de Mishkin e Lazareff. Sua grande preocupação é de que eles tenham uma oportunidade de falar ao mundo sobre o que fizeram numa rua de Kiev, há cinco meses.

William Matthews suspirou.

— Pensamos nisso. Pedimos ao Primeiro-Ministro Golen que aceitasse Mishkin e Lazareff, mantivesse a ambos incomunicáveis até que o *Freya* fosse resgatado e depois os devolvesse à Penitenciária de Moabit ou os mantivesse escondidos numa prisão israelense por uns dez anos. Mas ele recusou. Disse que havia assumido o compromisso público de atender às exigências dos terroristas e não podia voltar atrás. E não vai mesmo. Lamento muito, Sr. Munro, mas creio que sua viagem foi em vão.

— Não era nisso que eu estava pensando — declarou Munro. — Durante a viagem, escrevi a sugestão, sob forma de memorando, em papel timbrado da empresa aérea.

Ele tirou do bolso um maço de folhas e pôs em cima da mesa presidencial.

O Presidente dos Estados Unidos leu o memorando com uma expressão de crescente horror.

— Mas isso é terrível! — disse ele, quando acabou. — Não tenho opção. Ou melhor, qualquer que seja a opção, homens vão morrer.

Adam Munro fitou-o sem qualquer simpatia. Uma das coisas que aprendera na vida era que, em princípio, os políticos não fazem muita objeção à perda de vidas, contanto que, pessoalmente, não apareçam como responsáveis diretos aos olhos do público.

— Já aconteceu antes, Sr. Presidente — disse Munro, com firmeza — E certamente vai acontecer de novo. Na Firma, é o que chamamos de Alternativa do Diabo.

Sem fazer qualquer comentário, o Presidente Matthews estendeu o memorando para Robert Benson, que o leu rapidamente.

— Extremamente engenhoso — disse ele. — Pode dar certo. Mas será que é possível fazê-lo a tempo?

— Dispomos do equipamento necessário — declarou Munro — O tempo é reduzido, mas não demais. Terei de estar em Berlim por volta das sete horas da manhã, horário europeu. Ou seja, daqui a dez horas.

— Mas mesmo que aceitássemos, será que Maxim Rudin concordaria? — indagou o Presidente Matthews. — Sem a concordância dele, o Tratado de Dublin estaria de qualquer forma liquidado.

— O único jeito é perguntar a ele — disse Poklewski, que acabara de ler o memorando e o entregava a David Lawrence.

O bostoniano Secretário de Estado leu rapidamente e largou os papéis, como se lhe sujassem os dedos.

— Acho a ideia profundamente repulsiva — disse ele. — Nenhum governo dos Estados Unidos poderia dar sua aprovação a uma proposta dessas.

— É pior do que ficar de braços cruzados enquanto trinta homens inocentes são queimados vivos no *Freya*? — indagou Munro.

O telefone tocou novamente. Benson atendeu e escutou por algum tempo. Ao desligar, virou-se para o Presidente e disse:

— Creio que talvez não tenhamos alternativa a não ser pedir o assentimento de Maxim Rudin. O Chanceler Busch acaba de anunciar que Mishkin e Lazareff serão libertados às oito horas da manhã, horário europeu. E desta vez ele não vai recuar.

— Então temos de tentar — decidiu Matthews. — Mas não vou assumir a responsabilidade exclusiva. Maxim Rudin tem de concordar para que o plano seja executado. Vou telefonar para ele pessoalmente.

— Sr. Presidente, Maxim Rudin não usou a linha quente para apresentar-lhe o ultimato — disse Munro. — Porque não está certo da lealdade de alguns funcionários do Kremlin. Nessas lutas de facções, até mesmo os funcionários subalternos mudam de lado e transmitem informações secretas para a oposição. Creio que a proposta só deve ser ouvida por Rudin ou ele se sentirá obrigado a recusá-la.

— Mas há tempo para você voar até Moscou através da noite e estar de volta a Berlim ao amanhecer? — indagou Poklewski.

— Há um jeito — disse Benson. — Há um *Blackbird* estacionado em Andrews que pode cobrir o percurso no tempo necessário.

O Presidente Matthews tomou a decisão.

— Bob, leve o Sr. Munro pessoalmente à Base Andrews. Avise à tripulação do *Blackbird* para se aprontar para decolar dentro de uma hora. Ligarei pessoalmente para Maxim Rudin, pedindo que permita a entrada do avião no espaço aéreo soviético e receba Adam Munro como meu enviado pessoal. Mais alguma coisa, Sr. Munro?

Munro tirou uma única folha de papel do bolso.

— Gostaria que a Companhia enviasse essa mensagem urgente para Sir Nigel Irvine, a fim de que ele possa cuidar de tudo o que é necessário em Londres e Berlim.

— Será feito — disse o Presidente. — Pode partir, Sr. Munro. E boa sorte.

18

21:00 às 06:00

Quando o helicóptero se levantou do gramado da Casa Branca, os agentes do Serviço Secreto ficaram para trás. Um espantado piloto descobriu-se a levar o misterioso inglês de roupas amarrotadas e o Diretor da CIA. À direita, enquanto subiam por cima de Washington, o Rio Potomac cintilava ao Sol do fim de tarde. O piloto seguiu para sudeste, a caminho da Base Andrews, da Força Aérea dos Estados Unidos.

No Gabinete Oval, Stanislaw Poklewski, invocando a autoridade pessoal do Presidente Matthews em cada frase, estava falando com o comandante da base. Os protestos do oficial foram lentamente diminuindo. O assessor presidencial para questões de segurança finalmente passou o fone para William Matthews.

— Isso mesmo. General, aqui é William Matthews e essas são ordens minhas. Informe o Coronel O'Sullivan que deve preparar imediatamente um plano de voo para uma rota polar direta de Washington a Moscou. A autorização para entrar no espaço aéreo soviético ileso será radiografada antes de o avião se afastar da Groenlândia.

O Presidente voltou a se concentrar no outro telefone, o aparelho vermelho pelo qual estava tentando comunicar-se diretamente com Maxim Rudin, em Moscou.

Na Base Andrews, o comandante foi receber pessoalmente os passageiros do helicóptero. Sem a presença de Robert Benson, a quem o general da Força Aérea conhecia de vista, era bem pouco provável que tivesse aceitado o inglês desconhecido como passageiro do jato de reconhecimento mais veloz do mundo, muito menos as suas ordens para que o jato decolasse para Moscou. Dez anos depois de haver entrado em operação, o *Blackbird* continuava a ser considerado um aparelho secreto, tão sofisticado eram os seus componentes e sistemas.

— Está certo, Sr. Diretor — disse ele, finalmente. — Mas devo adverti-lo de que vai encontrar no Coronel O'Sullivan um arizonense

furioso.

Ele estava certo. Enquanto Adam Munro era levado para o vestiário, recebendo um traje, botas e capacete de oxigênio, Robert Benson ia encontrar-se com o Coronel George T. O'Sullivan na sala de navegação, com um charuto preso entre os dentes, examinando mapas do Ártico e do Báltico Oriental. O Diretor da CIA podia ter um posto superior, mas o coronel evidentemente não estava com a menor disposição de ser polido.

— Está me ordenando a sério que eu leve esse passarinho através da Groenlândia e Escandinávia até o coração da Rússia? — perguntou ele, beligerantemente.

— Não, Coronel, não sou eu — disse Benson, calmamente. — É o Presidente dos Estados Unidos quem lhe está dando essa ordem.

— Sem o meu operador de sistemas e navegação? Com algum maldito inglês sentado no lugar dele?

— Acontece que esse maldito inglês é o portador de uma mensagem pessoal do Presidente Matthews para o Presidente Rudin, da União Soviética, que tem de ser entregue esta noite de qualquer maneira e não pode ser transmitida de outro jeito.

O coronel da Força Aérea fitou-o em silêncio, furioso, por algum tempo, até finalmente ceder:

— Está bem, está bem... Mas é melhor que esse negócio seja mesmo importante...

Vinte minutos antes das seis horas, Adam Munro foi levado para o hangar em que estava o avião, cercado pelos técnicos de terra que o preparavam para o voo.

Munro já ouvira falar do *Lockheed* SR-71, apelidado de *Blackbird*, Pássaro Preto, por causa de sua cor. Vira algumas fotografias do aparelho, mas jamais tivera a oportunidade de apreciá-lo pessoalmente. Era de fato impressionante. O cone do nariz, parecido com uma bala, era fino, ligeiramente virado para cima. Quase ao final da fuselagem, saíam as asas finas, em delta, ambas formando uma unidade inteiriça com os controles da cauda.

Os motores estavam situados quase nas extremidades das asas, compridos e roliços, alojando as turbinas *Pratt and Whitney JT-ll-D*, cada uma capaz de proporcionar uma impulsão de 32.000 libras. No alto de cada motor havia um leme parecendo uma faca, para proporcionar controle direcional. A fuselagem e os motores pareciam três seringas ligadas apenas pelas asas.

Pequenas estrelas americanas, em círculos brancos, indicavam a nacionalidade do aparelho; afora isso, o SR-71 era totalmente preto, de um extremo a outro.

O pessoal de terra ajudou Munro a entrar no estreito confinamento do assento posterior. Ele descobriu-se a afundar cada vez mais, até que as paredes laterais da carlinga erguiam-se acima de seus ouvidos. Quando a coberta fosse baixada, ficaria quase ao nível da fuselagem, a fim de eliminar o efeito de resistência ao avanço. Olhando para fora, ele veria apenas as estrelas diretamente acima.

O homem que deveria ocupar aquele lugar teria compreendido perfeitamente a impressionante quantidade de telas de radar, sistemas eletrônicos e controles de câmaras, pois o SR-71 era essencialmente um avião-espião, projetado e equipado para voar a grandes altitudes, muito além do alcance de caças e foguetes interceptadores, fotografando tudo o que via lá embaixo.

Mãos prestativas ligaram os tubos que saíam do traje especial aos sistemas do avião, de rádio, oxigênio e força antigravitacional. Munro observou, a sua frente, o Coronel O'Sullivan acomodar-se em seu assento, com a facilidade decorrente do hábito, ligando pessoalmente todos os sistemas. Assim que o rádio foi ligado, a voz do americano trovejou nos ouvidos de Munro:

— É escocês, Sr. Munro?

— Sou, sim — respondeu Munro, falando dentro do capacete.

— E eu sou irlandês. É um católico?

— Um o quê?

— Um católico, pelo amor de Deus!

Munro pensou por um momento. Na verdade, não era absolutamente religioso.

— Não. Sou da Igreja da Escócia.

Houve um desgosto evidente a sua frente.

— Deus do céu! Vinte anos na Força Aérea dos Estados Unidos e acabo servindo de motorista para um protestante escocês!

A capota resistente, capaz de suportar as tremendas diferenças de pressão de ar do voo em grande altitude, foi fechada. Um zumbido indicou que a cabine estava agora totalmente pressurizada. Puxado por um trator, o SR-71 saiu do hangar para o crepúsculo.

No interior, os motores faziam apenas um assovio baixo, a partir do momento em que foram ligados. Lá fora, o pessoal de terra estremeceu,

mesmo com os protetores de ouvidos, enquanto o estrondo ecoava pelos hangares.

O Coronel O'Sullivan obteve autorização imediata para a decolagem, mesmo enquanto fazia as verificações aparentemente intermináveis que antecediam o voo. No início da pista principal, o *Blackbird* parou por um momento, enquanto o cirone o alinhava para a partida. Depois, Munro ouviu a voz dele:

— Qualquer que seja o Deus para o qual você reza, pode começar a fazê-lo agora.

Algo como um trem expresso atingiu Munro em cheio nas costas. Era o assento a que estava preso. Não podia ver nenhum prédio para avaliar a velocidade, apenas o céu lá em cima, de um azul pálido. Quando o jato chegou a 150 nós, o nariz afastou-se da pista; meio segundo depois, o trem de aterrissagem também se afastou. O'Sullivan recolheu-o.

Livre dos estorvos, o SR-71 inclinou-se para trás, até que os tubos de descarga do jato apontavam diretamente para o território de Maryland. Começou a subir, quase verticalmente, avançando para o céu como um foguete, o que praticamente era. Munro estava de costas, os pés virados para o céu, consciente apenas da pressão intensa e constante do assento contra sua espinha, enquanto o *Blackbird* avançava para um céu que rapidamente ia-se tornando azul escuro, depois violeta e finalmente preto.

No assento da frente, o Coronel O'Sullivan estava funcionando como seu próprio navegador; ou seja, estava seguindo as instruções transmitidas pelo computador do avião e que apareciam na tela digital a sua frente. O computador fornecia-lhe altitude, velocidade, índice de subida, curso e direção, temperaturas externas e internas, temperaturas de motor e tubos de jato, índices de fluxo de oxigênio e aproximação da velocidade do som.

Em algum lugar abaixo deles, Filadélfia e Nova York passaram rapidamente, como cidades de brinquedo; ao norte do Estado de Nova York, passaram pela barreira do som, ainda subindo e ainda acelerando. A 25.000 metros de altura, oito quilômetros mais alto do que o Concorde, o Coronel O'Sullivan desligou os queimadores posteriores e nivelou a altitude de voo.

Embora o Sol ainda não se tivesse posto, o céu era de um preto profundo, pois naquela altitude são poucas as moléculas de ar nas quais os raios do Sol possam refletir-se, não havendo assim qualquer luz. Mas ainda restam moléculas suficientes para causar fricção num avião como o *Blackbird*. Antes que o Estado do Maine e a fronteira canadense passassem

por baixo deles, já tinham alcançado a velocidade de cruzeiro, três vezes acima da velocidade do som. Diante dos olhos atônitos de Munro, a fuselagem preta do SR-71, feita de titânio puro, começou a luzir com o calor, ficando toda vermelha.

Na cabine, o sistema de refrigeração do avião mantinha seus ocupantes numa amena temperatura do corpo.

— Posso falar? — indagou Munro.

— Claro — respondeu o piloto, laconicamente.

— Onde estamos agora?

— Sobre o Golfo de St. Lawrence. Seguindo para a Terra Nova.

— Quantos quilômetros até Moscou?

— Da Base Andrews, sete mil setecentos e setenta quilômetros.

— Quanto tempo levará o voo?

— Três horas e cinquenta minutos.

Munro fez os cálculos rapidamente. Haviam decolado às seis horas da tarde, horário de Washington, 11 horas da noite na Europa. Em Moscou, era uma hora da madrugada de domingo, 3 de abril. Pousariam em Moscou por volta de cinco horas da manhã, horário local. Se Rudin concordasse com o plano dele e o *Blackbird* pudesse levá-lo de volta a Berlim, ganhariam duas horas voando na outra direção. Ele conseguiria chegar a Berlim ao amanhecer.

Estavam voando há pouco menos de uma hora quando a última massa de terra do Canadá, o Cabo Harrisin, ficou para trás. Começaram a voar sobre o inóspito Atlântico Norte, a caminho do Cabo Farewell, a extremidade meridional da Groenlândia.

— Sr. Presidente Rudin, tem de me escutar, por favor — disse William Matthews.

Ele falava ansiosamente por um microfone pequeno em sua mesa. Era a chamada Linha Quente, que não era propriamente um telefone. De um amplificador ao lado do microfone, as pessoas presentes no Gabinete Oval podiam ouvir o murmúrio do tradutor simultâneo falando em russo ao ouvido de Rudin, em Moscou.

— Maxim Andreivitch, creio que ambos já somos veteranos o bastante nesse negócio, trabalhamos bastante arduamente e por muito tempo para garantirmos a paz que nossos povos desejam. Não nos podemos deixar frustrar e enganar, a esta altura dos acontecimentos, por um bando de assassinos num petroleiro do Mar do Norte.

Houve silêncio por alguns segundos, depois a voz ríspida de Maxim Rudin voltou a soar na linha, falando em russo. Ao lado do Presidente Matthews, um jovem assessor do Departamento de Estado ia fazendo a tradução em voz baixa:

— Nesse caso, William, meu amigo, deve destruir o petroleiro, acabar com a arma da chantagem, porque não posso fazer mais nada além do que já fiz.

Bob Benson lançou um olhar de advertência para o Presidente. Não havia necessidade de revelar a Rudin que o Ocidente já sabia a verdade a respeito de Ivanenko.

— Sei disso — falou Matthews ao microfone. — Mas também não posso destruir o petroleiro. Se o fizesse, me estaria destruindo. Mas talvez haja outra solução. Peço-lhe com todo empenho para receber esse homem que já está voando de Washington para Moscou. Ele tem uma proposta que pode ser a solução para nós dois.

— Quem é esse americano? — indagou Rudin.

— Ele não é americano, mas britânico — respondeu Matthews. — Seu nome é Adam Munro.

Houve silêncio por vários momentos. Finalmente a voz da Rússia disse, relutantemente:

— Dê aos meus assessores os detalhes do plano de voo, altitude, velocidade, curso. Vou ordenar que o avião seja autorizado a passar e receberei o homem assim que ele chegar. *Spakoinyo noich*, William.

— Ele lhe deseja uma noite tranquila, Sr. Presidente — disse o tradutor.

— Deve estar brincando — murmurou William Matthews. — Dê ao pessoal dele o plano de voo e avise ao *Blackbird* que pode continuar.

Era meia-noite a bordo do *Freya*. Capturados e captores entravam no terceiro e último dia de espera. Antes de chegarem à outra meia-noite, Mishkin e Lazareff estariam em Israel ou o *Freya* e todos a bordo estariam liquidados.

Apesar da ameaça de escolher uma cabine diferente, Drake estava confiante de que não haveria nenhum ataque noturno dos fuzileiros e decidiu permanecer onde estava.

Thor Larsen fitava-o sombriamente, através da mesa. Para os dois, a exaustão era quase total. Larsen, empenhando-se a fundo para resistir às ondas de cansaço, que tentavam forçá-lo a pôr a cabeça entre os braços e

fazê-lo dormir, continuava em sua manobra solitária de tentar manter Svoboda acordado também, provocando-o para que falasse.

Larsen já descobrira que a maneira mais certa de provocar Svoboda, de levá-lo a falar para consumir suas últimas reservas de energia nervosa, era abordar o problema dos russos.

— Não creio na possibilidade do seu levante popular, Sr. Svoboda. Não creio que os russos possam algum dia se rebelar contra seus amos do Kremlin. Eles podem ser maus, ineficientes, brutais, mas basta que levantem a ameaça do exterior para despertar o ilimitado patriotismo russo.

Por um momento, pareceu que o norueguês fora longe demais, A mão de Svoboda fechou-se sobre a coronha da arma, e o rosto empalideceu de raiva.

— Que se dane o patriotismo deles! — gritou Drake, levantando-se bruscamente. — Estou cansado e enojado de ouvir os escritores e liberais do Ocidente falarem interminavelmente sobre esse maravilhoso patriotismo russo.

"Mas que patriotismo é esse que só se pode alimentar com a destruição do amor de outros povos por sua pátria? E o meu patriotismo, Larsen? E o amor dos ucranianos por sua pátria escravizada? E o amor dos georgianos, armênios, lituanos, estônios, letões? Será que eles não podem ter qualquer patriotismo? Será que tudo deve ser sublimado a favor desse amor interminável e doentio da Rússia?

"Odeio o maldito patriotismo deles. É mero chauvinismo e sempre foi, desde os tempos de Pedro e Ivã. Só pode existir através da conquista e escravidão das nações vizinhas.

Drake estava parado perto de Larsen, na metade da mesa, brandindo a arma e ofegando do esforço de gritar. Logo recuperou o controle e voltou a sentar-se em seu lugar habitual. Apontando a arma para Thor Larsen, como se fosse um indicador, ele acrescentou:

— Um dia, que talvez não esteja muito longe, o império russo vai começar a desmoronar. Um dia, muito em breve, os romenos vão exercer o patriotismo deles. E o mesmo acontecerá com os poloneses e tchecos. Depois, virão os alemães e húngaros, em seguida os bálticos e ucranianos, os georgianos e armênios. O império russo vai desmoronar e se esfacelar inteiramente, assim como os impérios romano e britânico também desmoronaram, porque chegou o momento em que a arrogância dos seus mandarins tornou-se insuportável.

“Dentro de vinte e quatro horas, vou pessoalmente encostar uma talhadeira na argamassa e desferir um golpe gigantesco. E todos os que se meterem em meu caminho, você ou qualquer outro, irão morrer. É melhor não ter qualquer dúvida quanto a isso. — Ele baixou a arma e arrematou, mais suavemente: — Seja como for, Busch já cedeu às minhas exigências e desta vez não recuará. Desta vez, Mishkin e Lazareff chegarão mesmo a Israel.

Thor Larsen ficou observando o homem mais jovem clinicamente. Fora arriscado, ele quase usara a arma. Mas também quase baixara a guarda, quase chegara a seu alcance. Mais uma vez, mais uma tentativa, na hora desolada que antecedia o amanhecer...

Mensagens codificadas urgentes foram transmitidas durante a noite inteira entre Washington e Omaha e de lá para as muitas estações de rádio que constituíam os olhos e ouvidos do Ocidente, numa cerca eletrônica em torno da União Soviética. Olhos invisíveis haviam observado a estrela cadente do bip do *Blackbird* deslocando-se pelo leste da Islândia, na direção da Escandinávia, em seu curso para Moscou. Previamente avisados, os vigilantes não deram o alarme.

No outro lado da Cortina de Ferro, mensagens de Moscou haviam alertado os vigilantes soviéticos para a presença do avião que se aproximava. Previamente avisados, nenhum interceptador subiu ao encontro do *Blackbird*. Uma estrada aérea foi aberta do Golfo da Bósnia a Moscou, e o *Blackbird* manteve-se em sua rota.

Mas uma base de caças aparentemente não recebera o aviso; ou se recebera, não prestara atenção; ou então recebera ordens secretas do Ministério da Defesa para ignorar as determinações do Kremlin.

No Ártico, a leste de Kirkenes, dois Migs-25 se elevaram da neve na direção da estratosfera, num curso de interceptação. Eram as versões 25-E, ultramodernos, mais bem armados e com potência superior à versão mais antiga, da década de 1970, a 25-A.

Eram capazes de voar a 2,8 vezes a velocidade do som e com uma altitude máxima de 25.000 metros. Mas os seis mísseis ar-para-ar que cada avião levava sob as asas podiam subir por mais seis mil metros. Os dois aparelhos estavam subindo a plena potência, elevando-se 3.000 metros por minuto.

O *Blackbird* estava sobre a Finlândia, seguindo para o Lago Ladoga e Leningrado, quando o Coronel O'Sullivan disse ao microfone:

— Temos companhia.

Munro saiu de seus devaneios. Embora pouco entendesse da tecnologia do SR-71, a pequena tela de radar a sua frente dizia tudo. Havia dois pequenos bips nela, aproximando-se rapidamente.

— Quem são eles?

Por um momento, Munro sentiu um calafrio de medo no estômago. Maxim Rudin dera sua autorização pessoal para que o *Blackbird* penetrasse no espaço aéreo soviético. E não mandaria agora atacá-lo, não é mesmo? Mas será que alguém mais não o faria?

Lá na frente, o Coronel O'Sullivan observava sua tela de radar. Observou a velocidade de aproximação por vários segundos e depois disse:

— São Migs-25. A dezoito mil metros de altitude e subindo rapidamente. Ah, esses malditos russos! Eu sabia que nunca deveríamos confiar neles!

— Vai voltar para a Suécia? — perguntou Munro.

— Nada disso. O Presidente dos Estados Unidos da América disse para levá-lo até Moscou e é para Moscou que você vai.

O Coronel O'Sullivan acionou os seus dois queimadores posteriores. Munro teve a sensação de ter levado um coice de mula na base da espinha quando a aceleração aumentou. O contador *Mach* começou a subir, na direção e finalmente passando a marca que indicava três vezes a velocidade do som. Na tela de radar, a aproximação dos *bips* diminuiu e depois parou.

O nariz do *Blackbird* se ergueu ligeiramente. Na atmosfera rarefeita, procurando uma tênue suspensão no pouco ar a seu redor, o avião se elevou acima de 25.000 metros de altura e continuou a subir.

Abaixo deles, o Major Pyotr Kuznetsov, comandando a força de dois aviões, impeliu seus dois motores de jato Tumansky ao limite do desempenho. A tecnologia soviética de que dispunha era boa, a melhor que havia, mas estava conseguindo menos 5.000 libras de impulso com seus dois motores do que os jatos do aparelho americano mais acima. Além disso, estava transportando armas externas, cuja resistência funcionava como um freio à velocidade.

Não obstante, os dois Migs elevaram-se a 22.000 metros de altitude e aproximaram-se da distância de alcance dos foguetes. O Major Kuznetsov armou os seis mísseis e determinou a seu comando no outro aparelho que assim também o fizesse.

O *Blackbird* estava a uma altitude de 28.000 metros e o radar do Coronel O'Sullivan informou-o de que os caças estavam a 23.000 metros, quase no raio de alcance dos foguetes. Em perseguição direta, não

poderiam acompanhá-lo em velocidade e altitude. Mas estavam num curso de interceptação, o que facilitava as coisas para os russos.

— Se eu pensasse que são apenas escoltas, deixaria que os filhos da mãe se aproximassem — disse ele a Munro. — Mas nunca pude confiar nesses russos.

Munro podia sentir o suor escorrer por baixo do traje especial. Lera as transcrições de *Nightingale*, ao contrário do Coronel O'Sullivan.

— Eles não são escoltas — murmurou Munro. — Têm ordens para me matar.

— Eu não disse? Esses desgraçados são uns conspiradores! Mas o Presidente dos Estados Unidos da América quer você vivo. E em Moscou.

O piloto do *Blackbird* acionou toda a bateria de suas defesas eletrônicas. Anéis de ondas invisíveis irradiaram-se do jato preto em alta velocidade, enchendo a atmosfera por quilômetros ao redor com o equivalente para o radar a um balde de areia nos olhos.

A pequena tela diante do Major Kuznetsov transformou-se num campo de neve fervilhante, como um receptor de televisão quando o tubo de imagem está com defeito. O mostrador digital, indicando que se estava aproximando da vítima e do momento de disparar os foguetes, ainda estava a 15 segundos da hora de fogo. Lentamente, esse tempo foi aumentando, indicando que perdera o alvo em algum lugar lá por cima, na estratosfera gelada.

Trinta segundos depois, os dois caças inclinaram as asas e começaram a baixar pelo céu, de volta a sua base ártica.

Dos cinco aeroportos que cercam Moscou, um deles, o Vrtukovno II, nunca é visto por estrangeiros. É reservado para a elite do Partido e sua frota de jatos, mantidos permanentemente em condições de voo pela Força Aérea. Foi ali, às cinco horas da manhã. horário local, que o Coronel O'Sullivan pousou o *Blackbird* em solo russo.

Quando o jato alcançou a área de estacionamento, foi imediamente cercado por um grupo de oficiais, em casacos grossos e gorros de pele, pois no início de abril ainda faz um frio intenso em Moscou, antes do amanhecer. O americano levantou a coberta da carlinga em seus montantes hidráulicos e olhou horrorizado para a multidão ao redor.

— Russos... — murmurou ele. — Estão bisbilhotando o meu passarinho... — Desafivelou o cinto e levantou-se. — Ei, tirem essas patas da minha máquina, estão me ouvindo?

Adam Munro deixou o desolado coronel tentando impedir que a Força Aérea russa descobrisse os segredos do *Blackbird*, afastando-se

numa limusine preta, acompanhado por dois agentes especiais do próprio Kremlin. No carro, permitiram-lhe que tirasse o traje especial e vestisse novamente a calça e o paletó, que levara enrolados entre os joelhos durante a viagem e davam a impressão de que tinham acabado de sair da máquina de lavar roupa.

Cerca de 45 minutos depois, o Zil, precedido por dois batedores de motocicleta que haviam aberto o caminho pela estrada e ruas de Moscou, passou pelo Portão Borovitsky, entrando no Kremlin, contornou o Grande Palácio e seguiu para a porta lateral do Prédio do Arsenal. Quando faltavam dois minutos para as seis horas, Adam Munro foi introduzido no apartamento particular do líder da União Soviética, deparando com um homem velho e cansado, metido num chambre e segurando uma xícara contendo leite morno. Rudin apontou para uma cadeira de espaldar reto. A porta foi fechada.

— Com que então Adam Munro é você — disse Maxim Rudin. — Qual é a proposta do Presidente Matthews?

Munro sentou-se na cadeira indicada e olhou através da mesa para Maxim Rudin. Já o vira por diversas vezes em cerimônias oficiais, mas nunca tão de perto. O velho parecia cansado e abatido.

Não havia nenhum intérprete presente. E Rudin não falava inglês. Munro compreendeu que, enquanto esperava a chegada dele Rudin pedira sua ficha pessoal e sabia que ele era um diplomata da Embaixada britânica e falava russo.

— A proposta, Sr. Secretário-Geral — disse Munro, em russo fluente — é um meio possível pelo qual os terroristas no superpetroleiro *Freya* possam ser persuadidos a abandonar o navio, sem obter o que estão desejando.

— Quero deixar uma coisa bem clara, Sr. Munro: não se deve mais falar em libertar Mishkin e Lazareff.

— Está certo, senhor. Para ser franco, eu esperava poder falar sobre Yuri Ivanenko.

Rudin permaneceu impassível. Lentamente, ergueu a xícara com leite e tomou um gole.

— Um dos dois deixou escapar algumas informações, senhor — acrescentou Munro. Para reforçar seu argumento, ele seria obrigado a revelar a Rudin que também sabia o que acontecera com Ivanenko. Mas não revelaria que soubera por intermédio de alguém da hierarquia do Kremlin, pois era possível que Valentina ainda estivesse livre.

— Felizmente, ele falou para um dos nossos homens e tratamos de tomar todas as providências cabíveis.

— Um dos seus homens? — murmurou Rudin, pensativo. — Ah, sim, acho que sei quem são. Quantos outros sabem?

— O Diretor-Geral da minha organização, a Primeira-Ministra britânica, o Presidente Matthews e três dos seus assessores. Ninguém tem a menor intenção de revelar a informação para consumo público. Absolutamente nenhuma.

Rudin ficou pensando por algum tempo.

— Mas será que se pode dizer o mesmo de Mishkin e Lazareff?

— É justamente esse o problema — disse Munro. — E sempre foi, desde que os terroristas, que são emigrados ucranianos, diga-se de passagem, capturaram o *Freya*.

— Já falei para William Matthews que a única solução é destruir o *Freya*. Custaria um punhado de vidas, mas evitaria uma porção de problemas.

— Todos esses problemas teriam sido evitados, se o avião em que os dois assassinos escaparam tivesse sido derrubado — retrucou Munro.

Rudin fitou-o atentamente por baixo das sobrancelhas espessas.

— Isso foi um erro.

— Igual ao erro cometido esta noite, quando dois Migs-25 tentaram derrubar o avião em que eu estava voando?

O velho líder russo levantou a cabeça, bruscamente, e murmurou:

— Eu não sabia disso...

Pela primeira vez, Munro acreditou nele.

— Tenho certeza, senhor, de que a destruição do *Freya* não resolveria o problema. Há três dias, Mishkin e Lazareff não passavam de insignificantes fugitivos e sequestradores de um avião, cumprindo penas de quinze anos numa prisão em Berlim. Agora, já se tornaram celebridades. Todos imaginam que a liberdade deles está sendo exigida apenas para que fiquem livres. Mas sabemos que não é esse o caso.

"Se o *Freya* for destruído, o mundo inteiro vai indagar por que era tão vital que eles fossem mantidos na cadeia. Até agora, ninguém imagina que vital não é que eles continuem presos, mas sim que se mantenham calados. Com o *Freya*, sua carga e tripulação destruídos, a fim de mantê-los na prisão os dois não mais teriam motivos para continuar em silêncio. E por causa do *Freya*, o mundo acreditaria quando revelassem o que fizeram. Assim, mantê-los simplesmente na prisão já não mais resolve o problema.

Rudin assentiu, lentamente.

— Tem toda razão, meu jovem. Os alemães acreditariam neles e lhes dariam a oportunidade de uma entrevista à imprensa.

— Exatamente. E é por isso que tenho outra sugestão.

Munro descreveu o mesmo plano que já apresentara à Sra. Carpenter e ao Presidente Matthews, nas 12 horas anteriores. O russo não demonstrou surpresa nem horror, apenas interesse.

— Daria certo? — indagou ele, finalmente.

— Tem que dar. É a última alternativa. Devemos permitir que os dois sigam para Israel.

Rudin olhou para o relógio na parede. Eram 6:45 da manhã, horário de Moscou. Dentro de 14 horas, ele teria de enfrentar Vishnayev e o resto do *Politburo*. Desta vez, não haveria um ataque indireto. O teórico do Partido apresentaria uma moção formal para um voto de desconfiança. Rudin sacudiu a cabeça grisalha.

— Execute seu plano, Sr. Munro. Execute-o e torça para que dê certo. Pois se não der, não haverá mais Tratado de Dublin nem tampouco o *Freya*.

Ele apertou uma campainha e a porta se abriu imediatamente Um imaculado major da guarda pretoriana do Kremlin apareceu

— Vou precisar transmitir dois avisos, um para os americanos, outro para os meus companheiros — disse Munro. — Um representante de cada embaixada está esperando além das muralhas do Kremlin.

Rudin deu ordens ao major, que assentiu e preparou-se para acompanhar Munro à saída. No momento em que passavam pela porta, Maxim Rudin chamou:

— Sr. Munro...

Munro virou-se. O velho líder russo estava na mesma posição em que o encontrara ao chegar, segurando a xícara com as duas mãos.

— Se algum dia precisar de outro emprego, Sr. Munro, venha procurar-me. Há sempre lugar aqui para homens de talento.

Quando a limusine Zil deixou o Kremlin pelo Portão Borovitsky, às sete horas da manhã, o Sol começava a despontar por detrás da torre da Catedral de São Basílio. Dois carros pretos estavam esperando lá fora, encostados ao meio-fio. Munro desceu da limusine e encaminhou-se para os dois carros. Entregou uma mensagem ao diplomata americano e outra ao diplomata britânico. Antes que levantasse voo para Berlim, as instruções já estariam em Londres e Washington.

As oito horas em ponto, o SR-71 levantou-se da pista do aeroporto Vnukovno II e virou para oeste, na direção de Berlim, a 1.600 quilômetros de distância. Estava sendo pilotado por um Coronel O'Sullivan profundamente desgostoso, que passara três horas observando seu precioso avião ser examinado e reabastecido por uma equipe de técnicos da Força Aérea soviética.

— Para onde quer ir agora? — gritou ele pelo sistema de intercomunicação. — Não posso pousar em Tempelhof. Não há espaço suficiente para o *Blackbird*.

— Pouse na base britânica em Gatow — disse Munro.

— Primeiro os russos, agora os ingleses — resmungou o coronel americano. — Não sei por que não pomos logo esse passarinho em exposição pública. Parece que todo o mundo está hoje com o direito de dar uma olhada nele.

— Se esta missão for bem-sucedida, talvez o mundo não precise mais de *Blackbirds*.

O Coronel O'Sullivan, longe de se mostrar satisfeito, encarou a perspectiva como um desastre.

— Sabe o que vou fazer se isso acontecer? — gritou ele. — Vou virar motorista de táxi. Estou pegando um bocado de prática.

Lá embaixo, a cidade de Vilnius, na Lituânia, ficou para trás. Voando duas vezes mais depressa do que o Sol nascente, chegariam a Berlim às sete horas da manhã, horário local.

Às cinco e meia da manhã, no *Freya*, enquanto Adam Munro estava num carro seguindo do Kremlin para o aeroporto, o telefone da cabine de comando tocou no camarote do comandante.

O homem que se intitulava Svoboda atendeu, escutou por um momento e depois respondeu em ucraniano. Do outro lado da mesa, Thor Larsen observava-o através dos olhos semicerrados.

O telefonema deixou o líder dos terroristas perplexo. Ele se sentou novamente, o rosto franzido, olhando para a mesa, até que um dos seus homens apareceu para substituí-lo na vigilância do comandante norueguês.

Svoboda deixou Larsen sob a mira da submetralhadora nas mãos do seu companheiro mascarado e subiu para a cabine de comando. Ao voltar, 10 minutos depois, estava furioso.

— Qual é o problema? — indagou Larsen. — Algo saiu' errado novamente?

— Era o Embaixador alemão chamando de Haia. Os russos recusaram permissão para que qualquer jato alemão ocidental, oficial ou particular, use os corredores aéreos que saem de Berlim Ocidental.

— É uma reação lógica. Dificilmente se poderia esperar que ajudassem na fuga dos homens que mataram o comandante de um dos seus aviões.

Svoboda dispensou o companheiro, que fechou a porta depois de sair e voltou para a cabine de comando. O ucraniano voltou a sentar-se em seu lugar habitual, informando:

— Os ingleses ofereceram ajuda ao Chanceler Busch, pondo um jato de comunicações da RAF à disposição para transportar Mishkin e Lazareff de Berlim a Tel Aviv.

— Eu aceitaria o oferecimento — disse Larsen. — Afinal, os russos não hesitariam em deter um jato alemão, mesmo que para isso tivessem de derrubá-lo, alegando depois que foi um acidente. Mas nunca se atreveriam a disparar contra um jato militar da RAF num dos corredores aéreos. Está no limiar da vitória. Não a perca agora, por causa de uma mera questão técnica. Trate de aceitar.

Svoboda olhou para o norueguês, os olhos injetados do cansaço, os movimentos lentos da falta de sono.

— Tem razão. Eles podem perfeitamente derrubar um avião alemão. Para dizer a verdade, já aceitei o oferecimento.

— Pois então está tudo acabado — disse Larsen, forçando um sorriso. — Vamos comemorar.

Ele tinha duas xícaras de café a sua frente, servidas enquanto esperava pela volta de Svoboda. Empurrou uma das xícaras até a metade da mesa comprida. O ucraniano se esticou para alcançá-la. Numa operação muito bem planejada, era o primeiro erro que cometia...

Thor Larsen avançou em sua direção por toda a extensão da mesa, a fúria acumulada nas últimas 50 horas se desencadeando na violência de um urso enfurecido.

O guerrilheiro recuou rapidamente, estendeu. a mão para a arma, levantou-a, estava prestes a disparar. Um punho que mais parecia um tronco de árvore acertou-o na têmpora esquerda, arrancando-o da cadeira, jogando-o para trás, pelo chão do camarote.

Se sua forma física não fosse tão boa, certamente teria perdido os sentidos. Mas estava em excelente estado físico e era mais jovem do que o norueguês. Ao cair, a arma escapuliu de sua mão e deslizou pelo chão. Levantou-se de mãos vazias, lutando para conter a carga do norueguês. Os

dois caíram ao chão, braços e pernas entrelaçados, por entre os pedaços da cadeira quebrada e os cacos das duas xícaras.

Larsen procurou usar seu peso e força, o ucraniano recorreu a sua juventude e agilidade. O ucraniano é que venceu. Desvencilhando-se das mãos de Larsen, correu para a porta. Quase conseguiu. A mão já se estava estendendo para a maçaneta quando Larsen voou por cima do tapete e segurou-lhe os tornozelos, puxando-os.

Os dois homens se levantaram ao mesmo tempo, separados por um metro, o norueguês entre Svoboda e a porta. O ucraniano atacou com o pé, acertando o homem maior na virilha e fazendo-o dobrar-se de dor. Larsen recuperou-se prontamente, ergueu-se e se lançou contra o homem que ameaçara destruir seu navio.

Svoboda deve ter-se lembrado de que o camarote era virtualmente à prova de som. Lutou em silêncio, esmurrando, mordendo, chutando, os dois rolando sobre o tapete, engalfinhados, sobre os destroços da cadeira e os cacos de vidro. Em algum lugar, no chão, estava a arma que poderia acabar com a luta; e no cinto de Svoboda estava o oscilador com o botão vermelho que, se comprimido, poderia acabar com tudo.

A luta acabou em dois minutos. Thor Larsen conseguiu livrar uma mão, agarrou a cabeça do ucraniano e empurrou-a violentamente contra o pé da mesa. Svoboda ficou rígido por um momento e depois desabou, inerte. Sob os cabelos, um filete de sangue começou a escorrer, descendo pela testa.

Ofegante de cansaço, Thor Larsen levantou e olhou para o homem inconsciente. Cuidadosamente, tirou o oscilador do cinto do ucraniano, segurando-o com a mão esquerda e se dirigindo até uma janela no lado de estibordo, fechada com trancas com cabeça de borboleta. Com uma das mãos, começou a desaparafusar. Tirou a primeira, começou a trabalhar na segunda. Mais alguns segundos um único arremesso e o oscilador passaria pela janela, atravessaria três metros de convés de metal e cairia no Mar do Norte.

No chão atrás dele, a mão do jovem terrorista estendeu-se sobre o tapete na direção da arma caída. Larsen tinha acabado de tirar a segunda tranca e estava puxando a janela para dentro quando Svoboda se levantou, com extrema dificuldade, contornando a mesa e disparando.

O estampido da arma no camarote fechado foi ensurdecedor. Thor Larsen foi arremessado pelo impacto contra a parede, ao lado da janela. Olhou primeiro para sua mão esquerda e depois para Svoboda. O ucraniano também o fitava, incrédulo.

O tiro único acertara o comandante norueguês na palma da mão esquerda, a mão que segurava o oscilador, comprimindo contra a carne estilhaços de plástico e vidro. Durante 10 segundos, os dois homens ficaram olhando um para o outro, completamente imóveis, esperando pelas sucessivas explosões que assinalariam o fim do *Freya*.

Mas as explosões jamais ocorreram. A bala fragmentara o detonador, espatifando-o antes que tivesse tempo de alcançar o som tonal que explodiria as bombas.

Lentamente, o ucraniano apoiou-se na mesa, para não cair. Thor Larsen olhava para o fluxo de sangue que escorria da mão ferida para o tapete. Depois, olhou para o terrorista ofegante.

— Eu venci, Sr. Svoboda, eu venci... Não pode mais destruir meu navio e minha tripulação.

— Pode saber disso, Comandante Larsen — disse o homem que empunhava a arma. — Assim como eu também sei. Mas eles... — Gesticulou pela janela aberta, na direção dos navios de guerra da OTAN, na claridade difusa que antecedia o amanhecer, ainda todo iluminados. — ... não sabem disso. O jogo continua. Mishkin e Lazareff chegarão a Israel.

19

06:00 às 16:00

A Penitenciária de Moabit, em Berlim Ocidental, tem duas partes. A mais antiga é anterior à Segunda Guerra Mundial. Durante os anos 60 e início dos 70, quando o bando da *Baader-Meinhof* espalhava uma onda de terror pela Alemanha, uma nova seção foi construída. Dispunha de sistemas de segurança ultramodernos, o aço e concreto mais resistentes, circuitos de televisão, portas e grades controladas eletronicamente.

No andar superior, David Lazareff e Lev Mishkin foram despertados em suas celas separadas pelo Diretor da Penitenciária, às seis horas da manhã de domingo, 3 de abril de 1983.

— Vão ser libertados e levados de avião para Israel esta manhã — disse o Diretor, bruscamente. — A decolagem está marcada para as oito horas. Preparem-se para partir. Sairemos daqui, a caminho do aeroporto, às sete e meia.

Dez minutos depois, o Comandante Militar do Setor britânico estava falando pelo telefone com o Prefeito de Berlim.

— Lamento profundamente, *Herr Burgomeister*, mas não há a menor possibilidade de uma decolagem do aeroporto civil de Tegel. Por um lado, porque o avião a ser usado, nos termos do acordo entre os nossos governos, será um jato da RAF e as instalações de reabastecimento e manutenção do aparelho são muito melhores em nosso próprio aeroporto, em Gatow. Por outro, porque queremos evitar o caos de uma invasão da imprensa, o que poderemos conseguir mais facilmente em Gatow. Seria muito difícil evitar a aproximação da imprensa em Tegel.

Particularmente, o Prefeito de Berlim sentiu-se aliviado. Se os britânicos assumissem o comando de toda a operação, quaisquer possíveis desastres passariam a ser da responsabilidade deles. Com as eleições regionais se aproximando, Berlim era uma cidade em que qualquer contratempo poderia ter consequências imprevisíveis.

— E o que deseja que façamos, General?

— Londres pediu-me que sugerisse que esses criminosos sejam metidos num carro fechado e blindado em Moabit e levados diretamente para Gatow. Seus homens podem entregá-los aos nossos cuidados em

segurança, além das cercas da base. E é claro que assinaremos um documento informando que os recebemos.

A imprensa é que não ficou muito feliz. Mais de 400 repórteres, fotógrafos e cinegrafistas estavam acampados diante da Penitenciária de Moabit desde o comunicado de Bonn na noite anterior, informando que os prisioneiros seriam libertados e metidos num avião às oito horas daquela manhã. Desejavam desesperadamente tirar fotografias da dupla de sequestradores partindo para o aeroporto. Outras dezenas de jornalistas cercavam o aeroporto civil em Tegel, procurando os melhores pontos nos terraços de observação e outros pontes do prédio do terminal, a fim de operar suas teleobjetivas. Todos estavam fadados a ficar profundamente frustrados.

A grande vantagem da Base britânica em Gatow é o fato de ocupar uma das áreas mais afastadas e isoladas dentro do perímetro cercado de Berlim Ocidental, no lado oeste do largo Rio Havei, bem perto da fronteira com a Alemanha Oriental comunista, que cerca a cidade sitiada por todos os lados.

No interior da base, horas antes do amanhecer já havia uma atividade controlada. Entre três e quatro horas da madrugada, uma versão da RAF do jato executivo HS 125, conhecida oficialmente como *Dominie*, viera da Inglaterra para aquele voo especial. O avião foi equipado com tanques de combustível para voos de longa distância, proporcionando-lhe amplas reservas para ir de Berlim a Tel Aviv, sobrevoando Munique, Veneza e Atenas, sem passar em nenhum momento por espaço aéreo comunista. Sua velocidade de cruzeiro de 800 quilômetros horários permitiria ao *Dominic* completar o percurso de 3.500 quilômetros até Tel Aviv em pouco mais de quatro horas.

Depois de pousar, o *Dominie* fora rebocado até um hangar afastado, onde havia sido reabastecido e devidamente preparado para o longo voo.

A imprensa estava tão absorvida em vigiar a Penitenciária de Moabit e o aeroporto civil em Tegel que ninguém notou um veloz SR-71 passar pela fronteira Alemanha Oriental-Berlim Ocidental, na extremidade da cidade, indo pousar na pista principal de Gatow, apenas três minutos depois das sete horas. Esse aparelho também foi rapidamente rebocado para um hangar vazio, onde uma equipe de técnicos e mecânicos da Força Aérea dos Estados Unidos, deslocados de Tempelhof, fecharam apressadamente as portas para evitar os olhos curiosos e começaram imediatamente a trabalhar nele. O SR-71 cumprira sua missão. Um aliviado Coronel O'Sullivan descobriu-se finalmente cercado por seus

compatriotas, sabendo que seu próximo destino seria sua terra tão amada, os Estados Unidos da América.

O passageiro do *Blackbird* deixou o hangar e foi cumprimentado por um jovem líder de esquadrilha, que estava esperando, com um *Landrover*.

— Sr. Munro?

— Sou eu mesmo.

Munro apresentou sua identificação, que o oficial da RAF examinou atentamente.

— Há dois cavalheiros esperando para falar-lhe no refeitório, senhor.

Se fosse necessário, os dois cavalheiros poderiam provar que eram servidores civis subalternos, trabalhando no Ministério da Defesa. O que nenhum dos dois jamais iria admitir é que estavam envolvidos em trabalhos experimentais num laboratório isolado e pouco conhecido, cujas descobertas, assim que ficavam prontas, eram imediatamente incluídas na classificação de ultra-secretas.

Os dois homens estavam vestidos impecavelmente e ambos carregavam pastas de executivo. Um deles usava óculos sem aros e era médico; ou melhor, fora, até que ele e a profissão de Hipócrates haviam-se despedido para sempre. O outro era seu subordinado, um antigo enfermeiro.

— Trouxeram o equipamento que pedi? — indagou Munro, sem qualquer preâmbulo.

Como resposta, o homem mais velho abriu sua pasta e tirou uma caixa achatada, que não era maior do que uma cigarreira. Abriu-a e mostrou a Munro o que estava lá dentro, aninhado numa camada de algodão.

— Dez horas — disse ele. — Não mais do que isso.

— O prazo é apertado — murmurou Munro. — Muito apertado mesmo.

Eram sete e meia de uma ensolarada manhã de domingo.

O Nimrod do Comando Costeiro ainda continuava a circular interminavelmente 5.000 metros acima do *Freya*. Além de observar o superpetroleiro, tinha agora também a missão de observar a mancha de petróleo que fora vazado no Mar do Norte ao meio-dia anterior. A gigantesca mancha continuava deslocando-se preguiçosamente pela superfície do mar, ainda fora do alcance dos rebocadores que iriam lançar

o detergente e que não tinham permissão para entrar na área imediatamente ao redor do *Freya*.

Depois do despejo, a mancha de petróleo deslizara lentamente para nordeste do petroleiro, na correnteza de um nó, seguindo para a costa setentrional da Holanda. Durante a noite, porém, a mancha parará, com a maré entrando em refluxo e uma brisa amena agitando-a em diversos pontos. Antes do amanhecer, a mancha já voltara, até passar pelo *Freya* novamente e se afastar cerca de duas milhas para o sul do seu costado, na direção da Holanda e Bélgica.

Nos rebocadores e embarcações de combate a incêndios, todos carregados ao máximo com o emulsificador concentrado, os cientistas emprestados de Warren Springs rezavam para que o mar permanecesse calmo e a brisa amena, até que pudessem entrar em ação. Uma súbita mudança no vento, uma piora do tempo e a gigantesca mancha poderia fragmentar-se, sendo impelida pela tempestade para as praias da Inglaterra ou da Europa Continental.

Meteorologistas na Inglaterra e Europa Continental observavam com apreensão a aproximação de uma frente fria, procedente do Estreito da Dinamarca, trazendo ar frio para dissipar a onda de calor fora de época, e possivelmente vento e chuva. Vinte e quatro horas de tempestade acabariam com o mar calmo e tornariam in-controlável a mancha de petróleo. Os ecologistas rezavam para que a frente fria iminente não trouxesse mais nada além de um nevoeiro marítimo.

A bordo do *Freya*, enquanto os minutos que faltavam para oito horas iam-se escoando, os nervos tornavam-se cada vez mais tensos. Andrew Drake, assistido por dois homens com submetralhadoras para evitar outro ataque do norueguês, permitira que o Comandante Larsen usasse sua caixa de primeiros-socorros para fazer um curativo na mão. O rosto extremamente pálido por causa da dor, o comandante arrancara da carne ensanguentada da palma tantos fragmentos de plástico e vidro quantos pudera, enfaixando a mão em seguida e colocando-a numa tipóia improvisada, pendurada do pescoço. Svoboda observava-o do outro lado do camarote, com um esparadrapo cobrindo o talho em sua testa.

— Uma coisa tenho de reconhecer, Thor Larsen: é um homem de extraordinária coragem. Mas nada mudou. Ainda posso derramar no mar até a última tonelada de petróleo deste navio, com suas próprias bombas. Antes de chegar à metade, os navios de guerra que nos cercam vão começar a atirar e completar o trabalho. Se os alemães renegarem

novamente sua promessa, será justamente isso o que vai acontecer, exatamente às nove horas.

Precisamente às sete e meia, os jornalistas do lado de fora da Penitenciária de Moabit foram recompensados por sua vigília. Os portões duplos que davam para a Klein Moabit Strasse se abriram pela primeira vez e eles puderam ver um furgão blindado, todo fechado. De janelas de apartamentos no outro lado da rua, os fotógrafos bateram todas as chapas que podiam e que não foram muitas. Toda a frota de carros da imprensa preparou-se para seguir o furgão, onde quer que fosse.

Simultaneamente, as unidades de transmissão externa de televisão apontavam suas câmaras e os repórteres de rádio falavam excitadamente por seus microfones. No instante mesmo em que falavam, suas palavras eram transmitidas para as diversas cidades de onde tinham vindo. Como não poderia deixar de ser, lá estava também um homem da BBC. Sua voz ecoou no camarote do *Freya*, onde Andrew Drake, que começara tudo aquilo, estava sentado escutando o rádio.

— Eles já estão a caminho — disse Drake, com evidente satisfação. — Agora, não falta muito para esperar. Está na hora de comunicar os detalhes finais da recepção de Mishkin e Lazareff em Tel Aviv.

O ucraniano partiu para a cabine de comando. Dois homens ficaram vigiando o comandante do *Freya*, afundado em sua cadeira à mesa, lutando com um cérebro extenuado contra as ondas de dor que se irradiavam de sua mão espatifada e sangrando.

O furgão blindado, precedido por batedores em motocicletas com as sirenes ligadas, passou pelos portões de grade de aço, com três e meio metros de altura, entrando na Base britânica em Gatow. A barreira foi imediatamente fechada, no instante em que o primeiro carro do cortejo que vinha atrás, repleto de jornalistas, tentava passar também. O carro parou, os pneus rangendo. Os portões foram fechados. Minutos depois, uma multidão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas protestava veementemente diante dos portões, exigindo que os deixassem entrar.

Gatow não contém apenas uma Base Aérea, mas é também o quartel de uma unidade do Exército. O comandante era um general do Exército. Os homens nos portões eram da Polícia Militar, quatro gigantes com capacetes vermelhos, impassíveis e indiferentes.

— Não podem fazer isso! — gritou um ultrajado fotógrafo da *Spiegel*. — Exigimos que nos permitam ver os prisioneiros partindo!

— Não vai ser possível, Fritz — disse, calmamente, o Sargento Farrow. — Recebemos ordens e vamos cumpri-las.

Os repórteres correram para telefones públicos, a fim de se queixar a seus editores. Estes, por sua vez, queixaram-se ao Prefeito de Berlim, que manifestou sua simpatia pela posição dos jornalistas e prometeu que entraria em contato imediatamente com o comandante de Gatow. Depois que o telefone parou de tocar, o Prefeito recostou-se em sua cadeira e acendeu um charuto.

No interior da base, Adam Munro entrou no hangar em que estava o *Dominie*, acompanhado pelo oficial encarregado da manutenção do avião.

— Como está o avião? — perguntou Munro ao suboficial incumbido de verificar e ajustar todos os sistemas.

— Cem por cento, senhor — respondeu o veterano mecânico.

— Não está, não — declarou Munro. — Se der uma olhada sob a coberta do motor, tenho certeza de que vai descobrir um defeito elétrico que está precisando ser reparado.

O suboficial olhou aturdido para o estranho, fitando em seguida seu oficial.

— Faça o que ele está dizendo, *Mister* Barker — determinou o oficial. — Tem de haver um atraso por motivos técnicos. O *Dominie* não deve ficar pronto para a decolagem por mais algum tempo. Mas as autoridades alemãs devem acreditar que se trata de um defeito técnico genuíno. Abra o motor e comece a trabalhar.

O Suboficial Barker passara 30 anos cuidando da manutenção de aviões para a RAF. As ordens de um oficial não deveriam ser desobedecidas, mesmo partindo de um civil todo desgrenhado e amarrotado, que deveria estar envergonhado da maneira como se vestia, para não falar da barba que há alguns dias não era feita.

O Diretor da Penitenciária de Moabit, Alois Bruckner, chegara à base em seu próprio carro, para testemunhar a entrega dos prisioneiros aos ingleses e a partida do avião para Israel. Ao ser informado de que o avião ainda não estava pronto para decolar, Bruckner ficou furioso e exigiu para ver o aparelho pessoalmente.

Entrou no hangar escoltado pelo Comandante da RAF na base e foi encontrar o Suboficial Barker com a cabeça e ombros mergulhados no motor de estibordo do *Dominie*.

— Qual é o problema? — perguntou o alemão, exasperado. O Suboficial Barker levantou a cabeça.

— Um curto-circuito elétrico, senhor. Foi constatado durante o teste de aceleração dos motores, há poucos minutos. O conserto não vai demorar muito.

— Esses homens devem decolar às oito horas em ponto, dentro de dez minutos — disse Bruckner. — Às nove horas, os terroristas no *Freya* vão despejar no mar cem mil toneladas de petróleo.

— Estou fazendo tudo o que posso, senhor. E se eu pudesse continuar em meu trabalho agora, tenho certeza de que conseguiria acabar muito mais depressa.

O Comandante da RAF saiu com *Herr* Bruckner do hangar. Ele também não tinha a menor ideia do que significavam as ordens de Londres, mas eram ordens e tencionava obedecê-las.

— Por que não vamos até o refeitório dos oficiais e tomamos uma xícara de chá? — sugeriu ele ao alemão.

— Não quero uma xícara de chá, mas sim uma decolagem para Tel Aviv! — disse o frustrado *Herr* Bruckner. — E tenho que telefonar imediatamente para o Prefeito de Berlim!

— Pois o refeitório dos oficiais é o melhor lugar para fazer sua ligação — disse o Comandante da RAF. — Por falar nisso, como os prisioneiros não podem permanecer trancados naquele furgão por muito mais tempo, mandei que fossem transferidos para celas da Polícia Militar. Ficarão seguros e confortáveis lá.

Faltavam cinco minutos para oito horas quando o correspondente de rádio da BBC recebeu informações diretamente do Comandante da RAF na base sobre o defeito técnico no *Dominie*. Sete minutos depois, as informações foram transmitidas no noticiário das oito horas da emissora. A notícia foi ouvida no *Freya* e Svoboda comentou:

— É melhor eles se apressarem...

Adam Munro e os dois civis entraram no pequeno xadrez da Polícia Militar logo depois de oito horas. Era uma construção pequena, usada apenas para alojar algum ocasional prisioneiro militar, com quatro celas seguidas. Mishkin estava na primeira, Lazareff na quarta. O civil subalterno deixou que Munro e seu colega entrassem no corredor que levava às celas, depois fechou a porta e ficou encostado nela.

— Interrogatório de último minuto — disse ele ao ultrajado sargento da Polícia Militar que estava no comando do pequeno xadrez. — Pessoal do serviço secreto.

O sargento deu de ombros e voltou para a sala da guarda, sem dizer mais nada.

Munro entrou na primeira cela. Lev Mishkin, em trajes civis, estava sentado na beira do catre, fumando um cigarro. Fora informado de que estava finalmente a caminho de Israel, mas ainda se mostrava muito nervoso e ignorando a maior parte do que acontecera nos últimos três dias.

Munro fitou-o atentamente. Quase que temera encontrá-lo. Mas se não fosse por aquele homem e seus planos loucos de assassinar Yuri Ivanenko, em busca de algum sonho distante, sua amada Valentina estaria naquele momento fazendo as malas, preparando-se para a viagem à Romênia, onde trabalharia na conferência do Partido, depois iria para umas curtas férias na Praia de Mammaia e finalmente para a lancha que a levaria à liberdade. Ele viu novamente as costas da mulher a quem amava passando pelas portas de vidro da loja, saindo para a rua de Moscou, o homem de capa cinza empertigar-se e começar a segui-la.

— Sou médico — disse ele, em russo. — Seus amigos, os ucranianos que estão exigindo sua libertação, também insistiram para que eu os examinasse, a fim de verificar se estão fisicamente aptos para a viagem.

Mishkin levantou-se, dando de ombros. Não estava esperando as quatro pontas dos dedos esticados que bateram fundo em seu plexo solar, não estava esperando a pequena lata que foi aproximada de seu nariz enquanto procurava sofregamente sorver um pouco de ar, não pôde evitar de aspirar o vapor de aerosol que saiu do bico da lata, misturando-se com sua respiração. Quando o gás de efeito instantâneo atingiu seus pulmões, as pernas se dobraram e ele tombou, sem fazer qualquer ruído. Munro segurou-o sob as axilas, antes que o rapaz caísse no chão, e estendeu-o na cama, cuidadosamente.

— O efeito vai perdurar por cinco minutos, não mais do que isso — disse o civil do Ministério da Defesa. — Depois, ele vai acordar com a mente meio confusa, mas sem quaisquer outros efeitos secundários. É melhor agir depressa.

Munro abriu sua pasta e tirou a caixa contendo a seringa hipodérmica, o algodão e um vidro pequeno de éter. Ensopando o algodão no éter, passou-o num trecho do antebraço direito do prisioneiro, a fim de esterilizar a pele, suspendeu a seringa contra a luz e apertou-a, até que um jato fino de líquido esguichasse da agulha, expelindo as últimas bolhas de ar.

A injeção foi aplicada em menos de três segundos. Lev Mishkin ficaria sob seus efeitos por cerca de duas horas, muito mais do que era necessário, mas um período que não poderia ser reduzido.

Os dois homens deixaram a cela e fecharam a porta, seguindo pelo corredor para a última cela, em que estava David Lazareff, que nada tinha ouvido e estava andando de um lado para outro, repleto de energia nervosa. O jato de aerosol funcionou com o mesmo efeito instantâneo. Dois minutos depois, uma injeção também fora aplicada em Lazareff.

O civil que acompanhava Munro enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou uma latinha pequena e fina. Estendeu para Munro, dizendo friamente:

— Agora, deixo tudo a seu cargo. Não sou pago para fazer mais do que já fiz.

Nenhum dos sequestradores sabia nem jamais saberia o que lhes havia sido injetado. Era uma mistura de dois narcóticos, chamados Pethadene e Hyacine pelos ingleses, e Meperidine e Scopolamine pelos americanos. Combinados, tinham efeitos extraordinários.

Faziam com que o paciente permanecesse acordado, embora ligeiramente sonolento, propenso e capaz de obedecer a quaisquer ordens. Tinham também o efeito de distorcer o tempo, de tal forma que, ao livrar-se dos efeitos depois de quase duas horas, o paciente ficava com a impressão de que sofrerá uma vertigem que durara apenas alguns segundos. Finalmente, causavam uma amnésia completa; quando os efeitos passavam, o paciente não tinha a menor recordação de tudo o que acontecera durante o período de intervalo. Somente uma consulta ao relógio poderia revelar-lhe quanto tempo se passara.

Munro voltou à cela de Mishkin. Ajudou o jovem a sentar-se na cama, de costas para a parede.

— Olá — disse ele.

— Olá — respondeu Mishkin, sorrindo.

Estavam falando em russo, mas Mishkin jamais se lembraria disso.

Munro abriu a caixinha de metal, tirou as duas metades de uma cápsula comprida, no formato de um torpedo, atarraxou rapidamente as duas extremidades.

— Quero que tome essa pílula — disse ele a Mishkin, estendendo-a, juntamente com um copo com água.

— Claro — respondeu Mishkin, engolindo a pílula sem a menor hesitação.

Munro tirou da pasta um relógio operado por bateria e acertou um mecanismo de tempo que havia, atrás. Pendurou-o na parede. Os ponteiros marcavam oito horas, mas não se estavam movendo. Deixou Mishkin sentado na cama e voltou para a cela de Lazareff. Cinco minutos depois, o trabalho estava acabado. Munro tornou a guardar todas as coisas na pasta e deixou o corredor das celas.

— Eles devem permanecer em total isolamento até o avião ficar pronto para a partida — disse ele ao sargento da Polícia Militar na sala da guarda. — Ninguém deve ir vê-los. São ordens expressas do Comandante da Base.

Pela primeira vez, Andrew Drake estava falando pessoalmente com o Primeiro-Ministro da Holanda, Jan Grayling. Mais tarde, linguistas ingleses iriam situar a voz gravada como sendo originária de um raio de

40 quilômetros da cidade de Bradford, na Inglaterra. A esta altura, porém, já seria tarde demais para que a informação tivesse alguma utilidade.

— Vou apresentar agora os termos para a chegada de Mishkin e Lazareff a Israel — disse Drake. — Não vou esperar mais do que uma hora, depois de o avião decolar de Berlim, para que o Primeiro-Ministro Golen apresente publicamente uma garantia de que todos os termos serão respeitados. Se não forem, a libertação dos meus amigos será considerada nula e inexistente.

"Um: os dois devem deixar o avião a pé, avançando lentamente e passando pelo terraço de observação no alto do prédio principal do terminal do Aeroporto Ben Gurion.

"Dois: o acesso a esse terraço deve ser aberto ao público. As forças de segurança israelense não devem instituir qualquer espécie de controle ou vigilância do público.

"Três: se houver qualquer troca de prisioneiros, se quaisquer atores parecidos estiverem substituindo os meus amigos, saberei com certeza em poucas horas.

"Quatro: três horas antes de o avião pousar no Aeroporto Ben Gurion, as emissoras de rádio israelenses devem divulgar a hora da chegada, informando que toda e qualquer pessoa que desejar comparecer para assistir ao acontecimento será bem-vinda. A transmissão deve ser em hebraico, inglês, francês e alemão. Isso é tudo.

Jan Grayling apressou-se em falar, em tom de urgência:

— Sr. Svoboda, todas essas exigências foram devidamente anotadas e serão transmitidas imediatamente ao Governo israelense. Tenho certeza de que eles concordarão. Por favor, não suspenda o contato. Acabo de receber um comunicado urgente dos ingleses, de Berlim Ocidental.

— Pode falar — disse Drake, bruscamente.

— Os técnicos da RAF que estão preparando o jato executivo num hangar do aeroporto de Gatow informaram que surgiu um grave defeito elétrico esta manhã, durante o teste dos motores. Imploro que acredite que não se trata de nenhum truque. Eles estão trabalhando o mais depressa possível para reparar o defeito. Mas, infelizmente, haverá um atraso de uma ou duas horas.

— Se isso for um truque, vai custar às suas praias uma camada de cem mil toneladas de petróleo bruto! — disse Drake, rispidamente.

— Não é um truque! — gritou Grayling, desesperado. — Todo avião sofre ocasionalmente uma falha técnica. É desastroso que tivesse acontecido ao avião da RAF logo agora. Mas aconteceu e o defeito não

pode deixar de ser reparado. E está sendo reparado rapidamente, neste momento mesmo, enquanto falamos.

Houve silêncio por algum tempo, enquanto Drake pensava.

— Quero que a decolagem seja testemunhada por quatro repórteres de rádio, de diferentes países, cada um em contato ao vivo e direto com sua emissora. Quero que cada um transmita todos os detalhes da decolagem. Os repórteres devem ser da Voz da América, Voz da Alemanha, BBC e a ORTF francesa. Todos devem transmitir em inglês, começando cinco minutos antes da decolagem e continuando por cinco minutos após.

Jan Grayling pareceu ficar aliviado.

— Vou tomar todas as providências necessárias para que o pessoal da RAF em Gatow permita a entrada desses quatro repórteres de rádio que vão testemunhar a decolagem.

— É melhor que eles permitam — disse Drake. — Vou suspender o despejo das cem mil toneladas de petróleo por três horas. Mas, exatamente ao meio-dia, começaremos a bombear o petróleo para o mar, se nossas exigências não estiverem até lá devidamente atendidas.

Houve um estalido e a ligação emudeceu.

O Primeiro-Ministro Benyamin Golen estava em seu gabinete em Jerusalém naquela manhã de domingo. O Sabá terminara e era um dia normal de domingo. Passava das 10 horas, duas a mais do que na Europa Ocidental.

O Primeiro-Ministro holandês mal havia terminado a conversa com o líder dos terroristas quando a pequena unidade de agentes da Mossad, instalada num apartamento em Rotterdam, transmitiu a mensagem do *Freya* para Israel. Eles se adiantaram aos canais diplomáticos em mais de uma hora.

Foi o assessor pessoal para questões de segurança do Primeiro-Ministro Golen quem lhe levou a transcrição da transmissão do *Freya* e colocou-a sem dizer nada na mesa dele. Golen leu rapidamente.

— O que eles estão querendo?

— Estão tomando todas as precauções para evitar uma troca de prisioneiros — respondeu o assessor. — Teria sido uma, manobra óbvia, encontrar dois jovens parecidos para se fazerem passar por Mishkin e Lazareff.

— Mas quem vai reconhecer os verdadeiros Mishkin e Lazareff aqui em Israel?

O assessor deu de ombros.

— Alguém no terraço de observações. Eles devem ter um companheiro aqui em Israel que pode reconhecer os dois de vista. Ou, mais provavelmente, é alguém que Mishkin e Lazareff podem reconhecer.

— E depois do reconhecimento?

— Alguma mensagem ou sinal presumivelmente será transmitida aos meios de comunicação para ser irradiada, confirmando aos homens no *Freya* que seus amigos chegaram a Israel sãos e salvos. Sem essa mensagem, eles pensarão que foram enganados e executarão todas as suas ameaças.

— Outro terrorista? Aqui em Israel? Não vou admitir isso! — disse Benyamin Golen. — Podemos ser anfitriões de Mishkin e Lazareff, mas não seremos de mais ninguém! Quero que o terraço de observação fique sob permanente vigilância. Se alguém ali receber algum sinal dos dois homens, no momento em que chegarem, quero que seja seguido. Deixem que ele transmita a mensagem, mas prendam-no imediatamente depois.

No *Freya*, a manhã foi-se arrastando com uma lentidão angustiante. A cada 15 minutos, Andrew Drake, sintonizando seu rádio portátil, ouvia os noticiosos em inglês da Voz da América ou do Serviço Internacional da BBC. A cada vez, ouvia a mesma notícia: ainda não ocorrera a decolagem. Os mecânicos continuavam trabalhando no motor defeituoso do *Dominie*.

Pouco depois das nove horas, os quatro repórteres de rádio designados por Drake para testemunhar a decolagem foram admitidos na Base de Gatow e escoltados pela Policia Militar até o refeitório dos oficiais, onde lhes ofereceram café e biscoitos. Foram providenciados contatos telefônicos diretos com seus escritórios em Berlim, de onde foram abertos circuitos de rádio com seus respectivos países. Nenhum deles se encontrou com Adam Munro, que tomara emprestado o gabinete particular do Comandante da Base e estava falando com Londres.

No outro lado do cruzador Argyll, as três velozes lanchas dos comandos, Sabre, Cimitarra e Alfanje, estavam à espera. Na Alfanje, o Major Fallon reunira seus 12 comandos do Serviço Especial Marítimo.

— Temos de presumir que vão deixar os filhos da mãe escaparem — disse Fallon a seus homens. — Em algum momento, nas próximas duas horas, eles vão decolar de Berlim Ocidental para Israel. Devem chegar lá cerca de quatro horas e meia depois. Assim durante o final da tarde ou à noite, se cumprirem sua palavra, os terroristas vão deixar o *Freya*. Ainda

não sabemos para que lado eles seguirão, mas provavelmente será na direção da Holanda, o mar está vazio de navios naquele lado. Quando eles estiverem a três milhas do *Freya* e fora do alcance possível para um pequeno transmissor-detonador de baixa potência acionar os explosivos, técnicos da Marinha Real vão abordar o petroleiro e desmontar as cargas. Mas isso não é problema nosso. — Fallon fez uma pausa, antes de acrescentar: — Nós vamos atrás daqueles miseráveis. E quero o tal de Svoboda. Ele é meu, entendido?

Houve uma série de acenos e diversos sorrisos. Eles estavam preparados para a ação, o que lhes fora negado. O instinto de caça que possuíam era bastante forte.

— A lancha deles é muito mais lenta do que as nossas — continuou Fallon. — Eles terão uma dianteira de oito milhas, mas creio que poderemos alcançá-los umas três ou quatro milhas antes de chegarem à costa. O Nimrod continua lá por cima, em contato permanente com o Argyll. E este nos dará todas as orientações de que precisarmos. Quando chegarmos perto, acenderemos nossos refletores. E quando os avistarmos, vamos acabar com eles. Londres diz que ninguém está interessado em prisioneiros. Não me perguntem por quê. Talvez queiram que os terroristas sejam silenciados por motivos que desconhecemos. Eles nos encarregaram do trabalho e vamos realizá-lo.

A algumas milhas de distância, o Comandante Mike Manning estava também vendo os minutos se escoarem. Também esperava por notícias de Berlim, informando que os mecânicos haviam concluído os reparos no motor do *Dominie*. As notícias da madrugada, quando estava sentado insone em sua cabine, aguardando a terrível ordem de disparar seus canhões e destruir o *Freya*, sua carga e tripulação, haviam-no deixado surpreso. Inesperadamente, o Governo dos Estados Unidos mudara sua atitude do pôr-do-sol anterior. Ao invés de protestar contra a libertação dos dois homens que estavam em Moabit, ao invés de se preparar para destruir o *Freya* a fim de impedir que fossem soltos. Washington não tinha agora qualquer objeção. Mas sua principal emoção era de alívio, um alívio intenso pelo fato de as ordens criminosas terem sido canceladas, a menos que... a menos que alguma coisa saísse errada. Enquanto os dois judeus ucranianos não desembarcassem no Aeroporto Ben Gurion, ele não ficaria convencido inteiramente de que as ordens para transformar o *Freya* numa pira fúnebre pertenciam ao passado.

Quando faltavam 15 minutos para 10 horas da manhã, nas celas do pequeno xadrez da Base de Gatow, Mishkin e Lazareff saíram dos efeitos do narcótico que lhes havia sido aplicado às oito horas. Quase que simultaneamente, os relógios que Adam Munro pendurara na parede das duas celas começaram a funcionar, os ponteiros entrando em movimento.

Mishkin sacudiu a cabeça e esfregou os olhos. Sentia-se sonolento e ligeiramente tonto. Atribuiu esse estado à noite bruscamente interrompida, às horas sem sono, ao excitamento. Olhou para o relógio na parede; passavam dois minutos das oito horas. Quando ele e David Lazareff haviam passado pela sala da guarda, a caminho das celas, o relógio ali existente marcava exatamente oito horas. Ele se espreguiçou, levantou-se e começou a andar de um lado para outro da cela. Cinco minutos depois, na cela ao final do corredor, Lazareff também teve a mesma reação.

Adam Munro entrou no hangar em que o Suboficial Barker ainda estava mexendo no motor de estibordo do *Dominie*.

— Como estão indo os reparos, *Mister* Barker? — perguntou ele.

O veterano técnico levantou a cabeça do compartimento do motor e olhou para o civil com uma expressão irritada.

— Posso perguntar-lhe, senhor, por quanto tempo mais deverei manter essa encenação? Sabe muito bem que o motor está perfeito.

Munro olhou para o relógio.

— São dez e meia — disse ele. — Dentro de uma hora exatamente, eu gostaria que telefonasse para a sala de voo e o refeitório dos oficiais, informando que o aparelho está pronto para decolar.

— Então o avião estará pronto às onze e meia, senhor — declarou o Suboficial Barker.

Em sua cela, David Lazareff olhou novamente para o relógio na parede. Tinha a impressão de que estava andando de um lado para outro há apenas meia hora, mas o relógio indicava que já eram nove horas. Uma hora se passara, mas parecia ter sido muito rápida. Mas no isolamento de uma cela, o tempo prega estranhas peças nos sentidos. E afinal os relógios são sempre acurados. Nunca lhe ocorreu nem a Mishkin que os relógios em suas celas estavam-se movendo ao dobro da velocidade comum, a fim de compensarem os 100 minutos desaparecidos de suas vidas, até sincronizarem com os relógios fora das celas, o que aconteceria precisamente às 11:30.

Às 11 horas, o Primeiro-Ministro Jan Grayling estava telefonando de Haia para o Prefeito de Berlim Ocidental.

— Mas que diabo está acontecendo, *Herr Burgomeister*?

— Não tenho a menor ideia — gritou o exasperado Prefeito de Berlim Ocidental. — Os ingleses dizem que estão quase acabando de reparar o seu maldito motor. Não posso compreender por que eles não usam logo um avião da *British Airways* do aeroporto civil. Pagaríamos pelo custo extra de tirar o avião de serviço para voar até Israel transportando apenas dois passageiros.

— Dentro de uma hora aqueles lunáticos no *Freya* vão despejar cem mil toneladas de petróleo bruto no Mar do Norte e meu governo vai atribuir toda a responsabilidade aos ingleses!

— Concordo plenamente com essa decisão — disse o Prefeito de Berlim. — Todo esse caso é uma loucura total!

As 11:30, o Suboficial Barker fechou a coberta do motor e desceu. Foi até um telefone na parede e ligou para o refeitório dos oficiais. O Comandante da Base veio atender.

— O aparelho está pronto, senhor — disse o veterano mecânico.

O oficial da RAF virou-se para os homens agrupados a seu redor, inclusive o Diretor da Penitenciária de Moabit e os quatro repórteres de rádio que estavam em contato direto pelo telefone com suas emissoras.

— O defeito já foi reparado — disse ele. — O avião vai decolar dentro de quinze minutos.

Pelas janelas do refeitório, eles observaram o pequeno jato executivo ser rebocado para fora do hangar. O piloto e o co-piloto embarcaram e ligaram os motores.

O Diretor da Penitenciária de Moabit entrou nas celas dos prisioneiros e informou-os de que iriam partir dentro em breve. O relógio dele marcava 11:35, assim como os relógios de parede nas celas.

Ainda em silêncio, os dois prisioneiros foram levados ao *Landrover* da Polícia Militar, no qual atravessaram a pista, junto com o diretor da penitenciária, até o jato executivo à espera. Seguidos pelo sargento da RAF que seria o único outro passageiro do *Dominie* no voo até o Aeroporto Ben Gurion, eles subiram os degraus para o aparelho sem olhar para trás e sentaram-se nos lugares indicados.

Às 11:45, o Comandante Jarvis acelerou os dois motores do *Dominie* e o avião decolou da pista principal do Aeroporto de Gatow. Por instruções do controlador de tráfego aéreo, o aparelho virou para o sul,

entrando no corredor aéreo de Berlim Ocidental para Munique e desaparecendo rapidamente no céu azul.

Os quatro repórteres de rádio estavam falando para os ouvintes ao vivo, diretamente do refeitório dos oficiais da Base de Gatow. Suas vozes se espalharam pelo mundo, informando que 48 horas depois de serem apresentadas as exigências pelos terroristas que haviam sequestrado o *Freya*, Mishkin e Lazareff estavam voando a caminho de Israel e da liberdade.

As transmissões foram ouvidas nas casas dos 30 oficiais e marinheiros do *Freya*; em 30 casas dos quatro países da Escandinávia mães e esposas desataram a chorar, enquanto os filhos perguntavam o que estava acontecendo.

A notícia também chegou à pequena armada de rebocadores e embarcações de bombeiros, equipadas com o detergente para combater a mancha de petróleo. Houve suspiros de alívio. Nem os cientistas nem os tripulantes tinham qualquer dúvida de que jamais poderiam lidar com 100.000 toneladas de petróleo bruto despejadas no mar.

No Texas, o magnata do petróleo Clint Blake ouviu a notícia pela BBC, enquanto tomava o café da manhã naquele domingo, e gritou exultante:

— Já não era sem tempo!

Harry Wennerstrom ouviu a transmissão da BBC em sua suíte no Hilton de Rotterdam e sorriu de satisfação.

Em todas as redações de jornais, da Irlanda à Cortina de Ferro, as edições matutinas da segunda-feira já estavam sendo preparadas. Equipes de redatores estavam escrevendo toda a história, desde o momento em que os terroristas haviam invadido o Freya na madrugada de sexta-feira, até aquele instante. Foi deixado espaço suficiente para noticiar a chegada de Mishkin e Lazareff a Israel e a libertação do próprio *Freya*. Haveria tempo de incluir quase todo o final da história, antes de as edições começarem a rodar, às 10 horas da noite.

Vinte minutos depois do meio-dia, horário europeu, o Estado de Israel concordou em atender às exigências formuladas do *Freya* para a recepção pública de Mishkin e Lazareff, no Aeroporto Ben Gurion, dentro de quatro horas.

Em seu quarto no sexto andar do Hotel Avia, a cinco quilômetros do Aeroporto Ben Gurion, Miroslav Kaminsky ouviu a notícia pelo rádio. Recostou-se na cama, com um suspiro de alívio. Tendo desembarcado em

Israel no final da tarde de sexta-feira, ficara esperando que seus companheiros de luta na Ucrânia também chegassem no sábado. Em vez disso, ficara escutando pelo rádio as notícias sobre a mudança de atitude do Governo alemão durante a madrugada, as protelações ao longo do sábado e o despejo de 20.000 toneladas de petróleo no mar ao meio-dia. Roera as unhas de aflição, impotente para ajudar, incapaz de descansar, aguardando a decisão final de libertar os prisioneiros. Agora, as horas iriam escoar-se lentamente para ele, até que o *Dominie* aterrasse, às 4:15 da tarde, horário europeu, 6:15 horas em Israel.

No *Freya*, Andrew Drake ouviu a notícia da decolagem com uma satisfação tão grande que esqueceu o cansaço. O comunicado do Estado de Israel aceitando suas exigências, transmitido 35 minutos depois, era de certa forma apenas uma formalidade.

— Eles estão a caminho — disse Drake a Larsen. — Mais quatro horas e alcançarão Tel Aviv e a segurança. Outras quatro horas depois disso, talvez menos, se não houver nevoeiro, e teremos ido embora. A Marinha subirá a bordo e o soltará. Terá os cuidados médicos apropriados para sua mão e terá de volta seu navio e sua tripulação... Deveria estar-se sentindo feliz.

O comandante norueguês estava recostado em sua cadeira, com olheiras profundas, recusando-se a dar ao homem mais jovem a satisfação de vê-lo cair no sono. Para ele, ainda não havia nada terminado; e não haveria até que as cargas mortíferas fossem removidas dos porões, até que o último terrorista deixasse seu navio. Ele sabia que estava prestes a desfalecer. A dor intensa da mão se reduzira agora a um latejar constante, insuportável, que subia pelo braço, até o ombro. Ondas de exaustão percorriam-lhe o corpo, deixando-o tonto. Mesmo assim, ele continuava a se recusar a fechar os olhos.

Fitou o ucraniano com uma expressão de desprezo e perguntou:

— E Tom Keller?

— Quem?

— Meu Terceiro-Oficial, o homem que você mandou assassinar a tiros no convés, na manhã de sexta-feira.

Drake soltou uma risada.

— Tom Keller está lá embaixo, junto com os outros. Os tiros não passaram de um ardil. Era um dos meus homens que estava lá, com as roupas de Keller. E as balas eram de festim.

O comandante norueguês deixou escapar uma exclamação de espanto. Drake fitou-o com alguma curiosidade.

— Posso dar-me ao luxo de ser generoso, porque venci. Levantei uma ameaça contra toda a Europa Ocidental e eles não foram capazes de enfrentar, não conseguiram encontrar uma saída. Em suma, deixei-os sem alternativas. Mas você quase me derrotou. Chegou bem perto. Desde seis horas da manhã, quando você destruiu o detonador, aqueles comandos poderiam ter atacado o *Freya* no momento em que bem desejassem. Felizmente, eles não souberam o que aconteceu. Mas poderiam ter descoberto, se você desse um jeito de avisá-los. É um homem corajoso, Thor Larsen. Deseja alguma coisa que eu possa fazer?

— Quero apenas que saia do meu navio.

— Agora falta pouco, Comandante, bem pouco...

Sobrevoando Veneza, o Comandante Jarvis moveu os controles ligeiramente e o avião deslocou-se um pouco para leste do sul, a fim de iniciar a longa travessia do Adriático.

— Como estão os clientes? — perguntou ele ao sargento sentado lá atrás.

— Estão sentados quietinhos, contemplando a paisagem — respondeu o sargento.

— Mantenha-os assim. Na última vez em que fizeram uma viagem de avião, terminaram matando o comandante a tiros.

O sargento riu.

— Pode deixar que os ficarei vigiando.

O co-piloto bateu de leve no mapa em que estava indicado o plano de voo, aberto sobre seus joelhos, e disse:

— Faltam três horas para o pouso.

As transmissões diretas de Gatow também foram ouvidas em outros lugares do mundo. Em Moscou, as notícias foram traduzidas para o russo e levadas à mesa de um apartamento particular no trecho privilegiado da Kutuzovsky Prospekt, onde dois homens estavam almoçando, pouco depois das duas horas da tarde, horário local.

O Marechal Nikolai Kerensky leu a mensagem datilografada e deu um murro na mesa.

— Tiveram que deixá-los ir embora — gritou ele. — Cederam finalmente! Os alemães e os ingleses entregaram os pontos! Os dois judeus estão a caminho de Tel Aviv!

Em silêncio, Yefrem Vishnayev tirou a mensagem da mão do seu companheiro e leu-a. Permitiu-se um sorriso frio.

— Então esta noite, quando apresentarmos o Coronel Kukushkin para prestar depoimento no Politburo, Maxim Rudin estará liquidado. A moção de censura será aprovada, não tenho a menor dúvida. À meia-noite, Nikolai, a União Soviética será nossa. E dentro de um ano, toda a Europa também nos pertencerá.

O Marechal do Exército Vermelho serviu duas doses generosas de vodca *Stolichnaya*. Empurrou um dos copos para o teórico do Partido, enquanto erguia o seu.

— Ao triunfo do Exército Vermelho!

Vishnayev também ergueu seu copo. Raramente bebia álcool, mas havia ocasiões que eram excepcionais.

— A um mundo totalmente comunista!

20

16:00 às 20:00

Ao largo da costa sul de Haifa, o pequeno *Dominie* fez a última mudança de curso e começou a descer numa aproximação direta da pista principal do Aeroporto Ben Gurion, em Tel Aviv.

O avião pousou depois de exatamente quatro horas e 30 minutos de voo, às 4:15 horas da tarde, horário europeu. Eram 6:15 em Israel.

O terraço superior do terminal de passageiros do Aeroporto Ben Gurion estava apinhado de curiosos, surpresos por lhes ser permitido o livre acesso àquele espetáculo, num país obcecado pela segurança.

Apesar das exigências dos terroristas a bordo do *Freya* para que a polícia não estivesse presente, o Serviço Especial Israelense tinha homens espalhados por toda a área. Alguns vestiam uniformes de funcionários da El Al, outros vendiam refrigerantes ou varriam o pátio, uns poucos estavam ao volante de táxis. O Inspetor-Detetive Avram Hirsch estava num furgão de jornal, sem fazer nada em particular, junto com pilhas de jornais vespertinos, que podiam ou não ser destinados à banca que havia no salão principal do terminal.

Depois de aterrar, o jato executivo da RAF foi rebocado por um jipe do controle de terra para um pátio diante do terminal de passageiros. Ali, um pequeno grupo de autoridades estava esperando para receber os dois passageiros de Berlim.

Não muito longe, um jato da El Al também estava estacionado. Das janelas, através de frestas nas cortinas, dois homens com binóculos esquadrinhavam a multidão no terraço do terminal de passageiros. Ao lado de cada um, havia um *walkie-talkie* pronto para ser usado.

Em algum lugar, no meio daquela multidão de várias centenas de pessoas no terraço de observação, estava Miroslav Kaminsky, que em nada se diferenciava de todos os outros espectadores inocentes.

Uma das autoridades israelenses subiu os poucos degraus da escada e entrou no *Dominie*. Saiu dois minutos depois, seguido por David

Lazareff e Lev Mishkin. Dois jovens ativistas da Liga de Defesa Judia postados no terraço desdobraram uma faixa que tinham escondido debaixo do casaco e levantaram-na. Dizia simplesmente "Sejam bem-vindos", escrito em hebraico. Começaram também a bater palmas, até que várias pessoas ao redor ordenaram que ficassem quietos.

Mishkin e Lazareff olharam para a multidão no terraço acima deles, enquanto eram levados para o prédio, precedidos por um grupo de autoridades e seguidos por dois guardas uniformizados. Diversos espectadores acenaram, mas a maioria se manteve em silêncio e imóvel.

Do interior do avião da El Al estacionado mais atrás, os agentes do Serviço Especial observavam atentamente, procurando descobrir qualquer sinal de reconhecimento dos refugiados na direção de uma das pessoas que estavam no terraço.

Lev Mishkin avistou Kaminsky primeiro e murmurou alguma coisa rapidamente pelo canto da boca, em ucraniano. Suas palavras foram captadas imediatamente pelo microfone direcional apontado para os dois, de um furgão de entrega estacionado a 100 metros de distância. O homem que estava manobrando o microfone, parecido com um rifle, não ouviu a frase. Mas o homem que estava atrás dele, dentro do furgão apertado, com os fones nos ouvidos, ouviu perfeitamente. Fora escolhido para aquela missão justamente por seu conhecimento de ucraniano. Ele pegou um *walkie-talkie* e murmurou:

— Mishkin acaba de fazer uma observação para Lazareff. Ele disse: abre aspas, lá está ele, perto do canto do terraço, com a gravata azul, fecha aspas.

No interior do avião estacionado, os dois observadores prontamente focalizaram os binóculos na extremidade do terraço. Entre eles e o prédio do terminal de passageiros, o grupo continuava em seu desfile solene, passando pelos espectadores.

Mishkin, tendo localizado o ucraniano no terraço, desviou o olhar. Lazareff correu os olhos pelos rostos lá em cima, avistou Miroslav Kaminsky e piscou. Isso era tudo o que Kaminsky precisava; não houvera troca de prisioneiros.

Um dos homens por trás das cortinas do avião estacionado disse pelo *walkie-talkie*:

— Já o localizei. Estatura mediana, trinta e poucos anos, cabelos castanhos, olhos castanhos, calça cinza, paletó esporte de *tweed*, gravata azul. É o sétimo ou oitavo a contar da extremidade do terraço de observação, na direção da torre de controle.

Mishkin e Lazareff desapareceram no prédio. A multidão no terraço, encerrado o espetáculo, começou a se dispersar. Desceram pela escada para o salão principal. Ao pé da escada, um homem de cabelos grisalhos estava varrendo pontas de cigarros para uma lata de lixo. Enquanto a multidão passava por ele, avistou o homem de casaco de *tweed* e gravata azul. Ainda estava varrendo quando o homem atravessou o salão principal.

O varredor enfiou a mão dentro do seu carrinho de lixo e tirou uma caixa preta pequena, na qual murmurou:

— Suspeito encaminhando-se a pé na direção do portão de saída cinco.

Fora do prédio, Avram Hirsch pegou uma pilha de jornais na traseira do furgão e jogou num carrinho de mão que um de seus colegas estava segurando. O homem de gravata azul passou a poucos metros dele, sem olhar para a esquerda nem para a direita, encaminhando-se para um carro de aluguel estacionado ali perto e embarcando.

O Inspetor-Detetive Hirsch bateu as portas traseiras do furgão, foi até a porta de passageiros na frente, abriu-a e entrou.

— É aquele Volkswagen no estacionamento — disse ele ao motorista do furgão, Detetive Bentsur.

Quando o carro alugado deixou o estacionamento, a caminho da saída principal do complexo do aeroporto, o furgão de jornal estava 200 metros atrás.

Dez minutos depois, Avram Hirsch transmitiu um aviso aos outros carros da polícia que vinham atrás dele:

— O suspeito está entrando no estacionamento do Hotel Avia. Miroslav Kaminsky estava com a chave do quarto no bolso.

Atravessou rapidamente o saguão e pegou o elevador para o sexto andar. Sentado na beira da cama, pegou o fone e pediu uma linha para fora. Assim que deu sinal, ele começou a discar.

— Ele apenas pediu uma linha para fora — informou a telefonista ao Inspetor Hirsch, parado a seu lado.

— Pode verificar para que número ele está ligando?

— Não, o aparelho é automático, para chamadas locais.

— Oh, diabo! Vamos embora!

Hirsch e Bentsur correram para o elevador.

O telefone no escritório de Jerusalém da BBC foi atendido ao terceiro toque da campainha.

— Fala inglês? — perguntou Kaminsky.

— Claro que falo — respondeu a secretária, no outro lado da linha.

— Pois então escute com toda atenção. Só vou dizer uma vez. Para que o superpetroleiro Freya seja libertado intacto, a primeira notícia do noticiário das seis horas do Serviço Internacional da BBC, horário europeu, deve incluir a frase "não há alternativa". Se essa frase não for incluída logo na primeira notícia, o navio será destruído. Anotou o que eu falei?

Houve vários segundos de silêncio, enquanto a jovem secretária do correspondente da BBC em Jerusalém anotava rapidamente o que lhe fora dito num bloco.

— Acho que já anotei tudo. Mas quem está falando?

No lado de fora da porta do quarto do Avia, dois outros homens se juntaram a Avram Hirsch. Um deles portava uma espingarda de cano curto. Ambos estavam vestindo uniformes de funcionários do aeroporto. Hirsch ainda estava com o uniforme da companhia entregadora de jornais, calça verde, blusão verde, boné verde. Ficou escutando na porta, até ouvir o barulho do telefone sendo desligado. Depois recuou, sacou seu revólver e acenou com a cabeça para o homem armado com a espingarda de cano curto.

O homem mirou cuidadosamente para a fechadura da porta e arrancou tudo com um só tiro. Avram Hirsch passou por ele correndo, avançou três passos pelo interior do quarto, agachou-se, a arma estendida para a frente, segurando-a com as duas mãos, apontada diretamente para o alvo. Gritou para que o ocupante do quarto ficasse imóvel.

Hirsch era um sabra, nascido em Israel 34 anos antes, filho de dois imigrantes que haviam conseguido sobreviver aos campos de extermínio do Terceiro *Reich*. Em sua casa, durante a infância, sempre que falava em *iídiche* ou russo, pois seus pais eram russos. Imaginou que o homem a sua frente era russo, pois não tinha razão para pensar de outra forma. Por isso, gritou-lhe em russo:

— *Stoi*...

Sua voz ecoou ruidosamente pelo pequeno quarto. Miroslav Kaminsky estava de pé ao lado da cama, segurando o catálogo telefônico. Quando a porta foi arrombada, ele deixou cair o catálogo, que se fechou ao bater no chão, impedindo assim que qualquer investigador pudesse descobrir depois em que página estava aberto, a fim de poder deduzir para que número ele ligara.

Ao ouvir o grito, ele não se lembrou mais que estava num quarto de hotel nos arredores de Tel Aviv. Imaginou-se numa pequena casa de

fazenda nos contrafortes dos Cárpatos, ouviu novamente os gritos dos homens de uniformes verdes cercando e atacando o esconderijo do seu grupo. Olhou aturdido para Avram Hirsch, viu o uniforme e o boné verde, começou a se encaminhar para a janela aberta.

Podia ouvi-los outra vez, os homens do KGB se aproximando dele, por entre as moitas, gritando interminavelmente:

— ...*Stoi... Stoi... Stoi...*

Não havia mais nada a fazer senão correr, correr como uma raposa com os cães atrás, escapar pela porta dos fundos da casa de fazenda, tentar desaparecer no mato.

Começou a correr para trás, passou pelas portas de vidro abertas, saindo para o pequeno balcão... e a grade de ferro pegou-o em cheio na cintura, o impulso fazendo-o voar por cima. Ao bater no chão do estacionamento, 15 metros abaixo, quebrou as costas, bacia e crânio. Lá de cima, inclinado sobre a grade de ferro do balcão, Avram Hirsch olhou para o corpo todo arrebentado e depois para o Detetive Bentsur, murmurando:

— Por que, diabo, ele fez uma coisa dessas?

O avião oficial que levara os dois especialistas da Inglaterra para Gatow, na noite anterior, tornou a voar para oeste, logo depois da decolagem do Dominie de Berlim para Tel Aviv. Adam Munro pegou uma carona no voo, mas usou sua autorização especial do Gabinete para exigir que o comandante do aparelho o deixasse em Amsterdã, antes de seguir para a Inglaterra.

Ele também providenciara para que o helicóptero Wessex do Argyll estivesse em Schiphol, para recebê-lo. Já eram quatro e meia quando o Wessex pousou no convés de popa do cruzador equipado com mísseis. O oficial que lhe deu as boas-vindas a bordo fitou-o com evidente desaprovação por sua aparência, mas o levou ao encontro do Comandante Preston sem fazer qualquer comentário.

Tudo o que o oficial da Marinha Real sabia era que o visitante pertencia ao *Foreign Office* e estivera em Berlim, supervisionando a partida dos sequestradores para Israel.

— Não gostaria de tomar um banho e descansar um pouco? — perguntou ele.

— Adoraria — respondeu Munro. — Já teve alguma notícia do *Dominie*?

— Pousou há quinze minutos no Aeroporto Ben Gurion — informou o Comandante Preston. — Posso pedir ao meu taifeiro para

passar seu terno e tenho certeza de que poderemos encontrar uma camisa do seu tamanho.

— Eu preferiria um suéter bem grosso e quente. Está fazendo um bocado de frio lá fora.

— O que pode ser um problema e tanto para nós. Há uma frente fria se deslocando da Noruega. Já pudemos, inclusive, avistar um início de nevoeiro marinho.

O nevoeiro, quando chegou, pouco depois das cinco horas da tarde, avançou do norte, a tudo envolvendo, enquanto o ar frio seguia a onda de calor e entrava em contato com a terra e mar quentes.

Quando Adam Munro, de banho tomado, barbeado, vestindo um grosso suéter branco da Marinha e uma calça preta de sarja, que lhe haviam emprestado, foi juntar-se ao Comandante Preston na cabine de comando, pouco depois das cinco horas da tarde, o nevoeiro já estava bastante espesso. O Comandante Preston comentou:

— Nunca vi coisa igual! Esses malditos terroristas parecem ter tudo a seu favor!

Por volta das cinco e meia, o nevoeiro já ocultara inteiramente o *Freya* e turbilhonava em torno dos navios de guerra ancorados, nenhum dos quais podia avistar o outro, a não ser pelo radar. O Nimrod circulando lá em cima podia avistar a todos e também ao *Freya*, através do radar. Ainda estava voando em céu claro, a 5.000 metros de altura. Mas o mar desaparecera de suas vistas, sob uma camada espessa de algodão acinzentado. Pouco depois das cinco horas da tarde, a maré tornou a virar e começou a deslocar-se de volta para nordeste, levando junto a mancha de petróleo à deriva, em algum lugar entre o *Freya* e a costa holandesa.

O correspondente da BBC em Jerusalém era um veterano de grande experiência na capital israelense e tinha muitos excelentes contatos. Assim que foi informado do telefonema que sua secretária recebera, ligou para um amigo num dos serviços de segurança.

— É essa a mensagem e vou transmiti-la imediatamente para Londres — disse ele. — Mas não tenho a menor ideia de quem foi a pessoa que telefonou.

Houve uma risada no outro lado da linha.

— Pode transmitir sua mensagem — disse o homem do serviço de segurança. — Quanto ao homem que telefonou, nós já sabemos quem foi. E obrigado.

Passava um pouco das quatro e meia quando foi ouvida no *Freya* a notícia em edição extraordinária, transmitida pelo rádio, de que Mishkin e Lazareff haviam desembarcado no Aeroporto Ben Gurion.

Andrew Drake jogou o corpo para trás em sua cadeira, soltando um grito de júbilo.

— Nós conseguimos! — grilou ele para Thor Larsen. — Eles estão em Israel!

Larsen assentiu, lentamente. Estava tentando fazer com que a mente ignorasse a agonia constante que se irradiava de sua mão. Disse sardonicamente:

— Meus parabéns. E agora talvez queira deixar meu navio e ir para o inferno.

O telefone da cabine de comando tocou nesse momento. Houve um rápido diálogo em ucraniano e Larsen pôde ouvir claramente um grito de alegria no outro lado.

Drake desligou e virou-se para Larsen.

— Talvez partamos muito mais cedo do que está imaginando. O vigia na chaminé informa que um nevoeiro espesso está se aproximando do norte, envolvendo toda a área. Com um pouco de sorte, nem mesmo precisaremos esperar até o anoitecer. Para nós, o nevoeiro será ainda melhor do que a noite. Mas quando partirmos, infelizmente terei de algemá-lo à perna da mesa. Não há outro jeito. Terá de ficar assim até a Marinha vir resgatá-lo, umas duas horas depois.

Às cinco horas da tarde, o noticioso transmitiu um despacho de Tel Aviv informando que haviam sido atendidas todas as exigências dos sequestradores do *Freya* na questão da recepção de Mishkin e Lazareff no Aeroporto Ben Gurin. O despacho acrescentava que o Governo israelense manteria os dois prisioneiros de Berlim sob custódia, até que o *Freya* fosse libertado, salvo e intacto. Caso isso não acontecesse, o Governo israelense consideraria que todas as garantias oferecidas aos terroristas estavam revogadas e sem efeito, devolvendo Mishkin e Lazareff à prisão na Alemanha.

No camarote do comandante no *Freya*, Andrew Drake soltou uma risada.

— Pode estar certo de que eles não terão de fazer isso — disse ele a Larsen. — Não me importo mais com o que me possa acontecer agora. Dentro de vinte e quatro horas, Mishkin e Lazareff vão dar uma entrevista coletiva à imprensa internacional. E quando eles o fizerem, Comandante

Larsen, quando eles o fizerem, vão abrir a maior brecha que jamais se fez nas muralhas do Kremlin!

Larsen olhou pelas janelas, para o nevoeiro que se adensava rapidamente.

— Os comandos podem aproveitar esse nevoeiro para atacar o *Freya* — disse ele. — Os refletores acesos de nada adiantariam. Dentro de alguns minutos, vocês não mais poderão ver as borbulhas dos homens-rãs avançando sob a superfície.

— Isso já não tem mais qualquer importância — declarou Drake, enfaticamente. — Nada mais tem importância. A única coisa que importa é que Mishkin e Lazareff conseguiram uma oportunidade de falar. Era apenas isso o que estávamos querendo. É isso que faz com que valha a pena tudo o que fizemos.

Os dois judeus ucranianos foram levados do Aeroporto Ben Gurion num furgão policial, indo para a delegacia central de polícia de Tel Aviv, onde foram trancados em celas separadas. O Primeiro-Ministro Benyamin Golen estava pronto a cumprir sua parte no acordo, que era a garantia de liberdade e segurança dos dois homens em troca da salvação do *Freya*, sua carga e tripulação. Mas não estava disposto a permitir que o desconhecido Svoboda lhe pregasse algum ardil.

Para Mishkin e Lazareff, era a terceira cela em que ficavam presos naquele dia, mas ambos sabiam que seria também a última. Ao se separarem no corredor, Mishkin piscou um olho para o amigo e gritou em ucraniano:

— Não no próximo ano em Jerusalém... mas amanhã!

De seu gabinete no andar superior, o superintendente que estava no comando da delegacia deu um telefonema de rotina, determinando que o médico da polícia examinasse os dois homens. O médico prometeu que iria imediatamente. Eram sete e meia da noite, horário de Tel Aviv.

Os últimos 30 minutos que antecederam as seis horas da tarde arrastaram-se como lesmas para os homens que estavam a bordo do *Freya*. No camarote do comandante, Drake sintonizara o rádio para o Serviço Internacional da BBC e estava escutando, esperando impacientemente pelo noticiário das seis horas.

Azamat Krim, ajudado por três companheiros, desceu uma corda pela amurada de popa do petroleiro, até a lancha de pesca, de grande potência, que há dois dias e meio balançava ao sabor das ondas, ao lado do

costado do *Freya*. Os quatro desceram para a cabine aberta da lancha e começaram imediatamente a fazer os preparativos para a partida do grupo do *Freya*.

Às seis horas da tarde, o carrilhão do Big Ben ecoou de Londres e o noticiário vespertino começou a ser transmitido.

"Este é o Serviço Internacional da BBC. São seis horas da tarde e Londres e aqui estão as principais notícias, lidas para vocês por Peter Chalmers."

Outra voz saiu pelo rádio. Foi ouvida também no salão dos oficiais do Argyll, onde o Comandante Preston e a maioria de seus oficiais estavam agrupados em torno do receptor. O Comandante Mike Manning também estava sintonizado na emissora, a bordo do navio americano Moran. O mesmo noticiário estava sendo ouvido em *Downing Street*, Haia, Washington, Paris, Bruxelas, Bonn e Jerusalém. No *Freya*, Andrew Drake estava sentado, imóvel, escutando o rádio, sem sequer piscar.

"Em Jerusalém, hoje, o Primeiro-Ministro Benyamin Golen declarou, depois da chegada de Berlim Ocidental dos dois prisioneiros, David Lazareff e Lev Mishkin, que não há alternativa a não ser cumprir sua promessa de libertar os dois, contanto que o superpetroleiro *Freya* seja também libertado, com sua tripulação ilesa...

— Não há alternativa! — gritou Drake. — É essa a frase! Miroslav conseguiu!

— Conseguiu o quê? — indagou Larsen.

— Conseguiu reconhecê-los! São eles mesmos! Não houve troca de prisioneiros!

Drake afundou novamente em sua cadeira, deixando escapar um suspiro profundo.

— Está tudo acabado, Comandante Larsen. Tenho certeza de que ficará contente por saber que vamos embora.

O armário pessoal do comandante continha um par de algemas, com as chaves, para o caso de haver necessidade de conter fisicamente alguém a bordo. Os casos de loucura súbita não eram tão raros assim em navios. Drake meteu uma das algemas no punho direito de Larsen e fechou-a. Prendeu a outra na perna da mesa. Esta era aparafusada no chão. Drake parou na porta, deixando as chaves das algemas em cima de uma prateleira.

— Adeus, Comandante Larsen. Pode não acreditar, mas lamento profundamente ter derramado aquele petróleo no mar. Não precisaria ter acontecido nunca, se os idiotas não tivessem tentado enganar-me. Também

lamento o que houve com sua mão, mas é outra coisa que não precisaria ter acontecido. Como tenho certeza de que nunca mais nos tornaremos a encontrar, devo dizer-lhe adeus.

Ele saiu, fechou e trancou a porta do camarote, desceu correndo os três lances de escada até o convés A e foi para o lugar em que seus homens já estavam reunidos, no convés de popa. Levava consigo o rádio transistorizado.

— Está tudo pronto? — perguntou ele a Azamat Krim.

— Tão pronto quanto jamais conseguiremos ficar — respondeu o tártaro da Crimeia.

— Tudo bem? — perguntou Drake em seguida ao americano-ucraniano que era um técnico em pequenas embarcações.

O homem assentiu.

— Todos os sistemas já foram ajustados e estão prontos para funcionar.

Drake olhou para seu relógio. Passavam 20 minutos das seis horas.

— Ótimo. Às 6:45 horas, Azamat vai acionar a sirene do navio. A lancha e o primeiro grupo partem nesse momento. Azamat e eu vamos partir 10 minutos depois. Todos vocês estão com seus documentos e roupas. Assim que chegarem à costa holandesa, tratem de se dispersar. Será cada um por si.

Olhou pela amurada do *Freya*. Junto à lancha de pesca, duas lanchas Zodiac, infláveis, balançavam sobre as águas cobertas pelo nevoeiro. Uma delas era um modelo de 14 pés, grande o bastante para transportar cinco homens. A menor era o modelo de 10 pés, que podia levar dois homens facilmente. Com os motores de popa de 40 HP, poderiam com segurança desenvolver uma velocidade de 35 nós, num mar calmo.

— Falta pouco agora para eles partirem — disse o Major Simon Fallon, de pé na amurada de proa da lancha Alfanje.

As três lanchas, desde o início invisíveis para quem estava no *Freya*, haviam sido levadas do lado oeste do Argyll e estavam agora atracadas na popa, viradas para o local em que se encontrava o petroleiro, a cinco milhas de distância, envolto pelo nevoeiro.

Os fuzileiros do SEM foram separados, quatro em cada lancha, todos armados com submetralhadoras, granadas e facas. Uma lancha, a Sabre, tinha também a bordo quatro especialistas em explosivos da Marinha Real. Seguiria diretamente para o *Freya*, abordando-o, assim que

o Nimrod circulando lá em cima avistasse a lancha dos terroristas a se afastar do costado do superpetroleiro e atingir uma distância de três milhas. As outras duas lanchas, Alfanje e Cimitarra, sairiam em perseguição dos terroristas, procurando alcançá-los antes que tivessem tempo de chegar ao labirinto de pequenos arroios e ilhas que constituem a costa holandesa ao sul do Maas.

O Major Fallon comandaria o grupo de perseguição, a bordo da Alfanje. De pé ao lado dele, para sua profunda irritação, estava o homem do *Foreign Office*, Sr. Munro.

— Trate de ficar bem abrigado quando nos aproximarmos deles — disse Fallon. — Sabemos que os terroristas contam com submetralhadoras e revólveres, talvez disponham também de outras armas. Pessoalmente, não entendo por que insiste em nos acompanhar.

— Digamos que tenho um interesse todo especial naqueles filhos da mãe — respondeu Munro. — Especialmente no Sr. Svoboda

— Pois eu também tenho — resmungou Fallon. — E não se esqueça de uma coisa: Svoboda é meu.

A bordo do Moran, Mike Manning ouviu a notícia da chegada a Israel de Mishkin e Lazareff, sãos e salvos, com tanto alívio quanto Drake no *Freya*. Para ele, assim como para Thor Larsen, era o fim de um pesadelo. Não haveria agora qualquer necessidade de disparar contra o superpetroleiro. Só lamentava que as velozes lanchas da Marinha Real britânica é que teriam o prazer de caçar os terroristas, quando eles tentassem escapar. Para Manning, a agonia que o dominara durante um dia e meio transformara-se numa raiva intensa.

— Eu gostaria de pôr as mãos no tal de Svoboda — disse ele ao Subcomandante Olsen. — Teria o maior prazer em torcer o maldito pescoço dele.

No Argyll, Brunner, Breda e Montcalm, as antenas de radar vasculhavam o oceano, à espera do sinal da lancha afastando-se do costado do Freya. Chegou as 6:15 e passou, sem que houvesse qualquer sinal de movimento no superpetroleiro.

Em sua torre na proa, o canhão do Moran, ainda carregado, afastou-se do *Freya* e apontou para o mar vazio, três milhas mais ao sul.

Dez minutos depois das oito horas, horário de Tel Aviv, Lev Mishkin estava de pé em sua cela, abaixo do nível das ruas da cidade, quando sentiu uma súbita dor no peito. Algo como uma pedra parecia estar inchando rapidamente dentro dele. Abriu a boca para gritar, mas já não

conseguia mais respirar. Caiu para a frente, o rosto virado para baixo, morrendo no chão da cela.

Havia um policial israelense montando guarda permanentemente do lado de fora da porta da cela, com ordens para espiar o interior e verificar como estava o prisioneiro, a cada dois ou três minutos. Menos de 60 segundos depois que Mishkin morreu, o guarda estava espiando para o interior da cela pela abertura na porta. E o que viu levou-o a soltar um grito de alarme e sacudir freneticamente a chave na fechadura, para abrir a porta. Um pouco mais adiante, no corredor, seu colega que estava postado diante da cela de Lazareff ouviu o grito e correu para ajudá-lo. Juntos, entraram na cela de Mishkin e se inclinaram sobre o corpo prostrado.

— Ele está morto — balbuciou um dos homens.

O outro voltou ao corredor e apertou a campainha de alarme. Depois, ambos correram para a cela de Lazareff, entrando apressadamente.

O segundo prisioneiro estava dobrado, em cima da cama, os braços envolvendo o próprio peito, atingido pelas convulsões da morte.

— O que está acontecendo? — gritou um dos guardas.

Mas ele falou em hebraico, uma língua que Lazareff não compreendia. O homem agonizante ainda conseguiu balbuciar quatro palavras em russo. Os guardas ouviram-no claramente e mais tarde repetiram a superiores, que foram capazes de traduzir.

— Chefe... do... KGB... morto.

Foi tudo o que ele disse. A boca parou de se mexer, ele ficou estendido de lado sobre a cama, os olhos abertos, sem ver, fixados nos uniformes azuis à sua frente.

A campainha de alarme atraiu o superintendente, uma dúzia de outros policiais da delegacia e o médico que estava tomando um café no gabinete do seu superior.

O médico examinou rapidamente os dois prisioneiros, verificando as bocas, gargantas e olhos, sentindo os pulsos, auscultando os peitos. O superintendente, profundamente preocupado, seguiu-o quando ele saiu da segunda cela.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou ele ao médico,

— Posso fazer uma autópsia completa depois, embora seja possível que me tirem o caso das mãos. Mas não tenho qualquer dúvida sobre o que aconteceu: eles foram envenenados.

— Mas eles nada comeram desde que chegaram aqui! — protestou o policial. — Nem beberam nada! Ainda iam jantar... Não teria sido no aeroporto... ou no avião...

— Não seria possível — declarou o médico. — Um veneno de ação lenta não produziria efeitos com tanta rapidez e simultaneamente. Os organismos variam demais. Cada um tomou ou foi forçado a tomar uma dose maciça de um veneno de ação instantânea, que eu desconfio ser cianureto de potássio, cinco a dez segundos antes de morrer.

— Mas é impossível! — gritou o superintendente. — Meus homens ficaram de guarda diante das celas durante todo o tempo. Os dois prisioneiros foram meticulosamente revistados antes de entrar nas celas. Verificamos inclusive as bocas, ânus, tudo o mais. Não havia cápsulas de veneno ocultas. Além do mais, por que eles iriam cometer suicídio? Tinham acabado de conquistar a liberdade!

— Não sei. A única coisa que posso garantir é que ambos morreram segundos depois de serem atingidos pelo veneno.

— Vou telefonar imediatamente para o gabinete do Primeiro-Ministro — disse o superintendente, sombriamente, voltando para sua sala.

O assessor do Primeiro-Ministro para questões de segurança, como quase todas as pessoas em Israel, era um ex-soldado. Mas o homem, que todos num raio de 10 quilômetros do Knesset chamavam simplesmente de "Barak", nunca fora um soldado comum. Começara como um pára-quedista sob o comando de Rafael Eytan, o lendário Raful. Posteriormente, fora transferido, tornando-se major na Unidade 101, o corpo de elite do General Arik Sharon, até receber um tiro na rótula durante um ataque pela madrugada a um apartamento em Beirut ocupado por terroristas palestinos.

Desde então, especializara-se nos aspectos mais técnicos das operações de segurança, usando seus conhecimentos para imaginar o que teria feito para matar o Primeiro-Ministro israelense e depois invertendo tudo, para proteger seu superior. Foi ele quem recebeu o telefonema de Tel Aviv e entrou imediatamente no gabinete em que Benyamin Golen estava trabalhando até tarde, transmitindo-lhe a notícia.

— Dentro das próprias celas? — murmurou Golen, aturdido. — Mas então eles próprios devem ter ingerido o veneno!

— Não creio — disse Barak. — Eles tinham todos os motivos para querer viver.

— Então foram mortos por outros?

— É o que parece, Primeiro-Ministro.

— Mas quem iria querer vê-los mortos?

— O KGB, é claro. Ura deles murmurou alguma coisa sobre o KGB, em russo. Parece que estava dizendo que o chefe do KGB estava querendo que ambos morressem.

— Mas eles não estavam nas mãos do KGB. Há doze horas, encontravam-se na Penitenciária de Moabit. Depois, passaram oito horas nas mãos dos ingleses. E há duas horas que estavam conosco. Durante esse último período, não ingeriram coisa alguma, nem comida nem qualquer líquido. Como então puderam tomar um veneno de ação instantânea?

Barak coçou o queixo, um brilho surgindo subitamente em seus olhos.

— Há um meio, Primeiro-Ministro. Poderiam ter dado aos dois uma cápsula de ação retardada.

Ele pegou um pedaço de papel e fez um desenho.

— É possível fazer uma cápsula assim. Tem duas metades, uma sendo ajustada à outra, pouco antes de ser engolida.

O Primeiro-Ministro olhou para o desenho com uma raiva crescente e determinou:

— Continue.

— Uma metade da cápsula é de uma substância cerâmica, imune tanto aos efeitos ácidos dos sucos gástricos do estômago humano como aos efeitos muito mais fortes do ácido em seu interior. E forte o bastante para não ser quebrada pelos músculos da garganta, no momento em que é engolida.

"A outra metade é de um composto plástico, forte o bastante para resistir aos sucos gástricos, mas não o suficiente para resistir ao ácido. Entre as duas, há uma membrana de cobre. As duas metades são ajustadas uma na outra. O ácido começa a corroer a membrana de cobre. A cápsula é engolida. Várias horas depois, dependendo da espessura da membrana de cobre, o ácido passa para a outra metade da cápsula. É o mesmo princípio de certos tipos de detonadores acionados por ácidos.

"Depois de passar pela membrana de cobre, o ácido corrói rapidamente o plástico da segunda câmara e o cianureto se espalha pelo organismo. Tenho a impressão de que o prazo pode ser estendido por dez horas. A essa altura, a cápsula não digerida já estará no intestino grosso. A partir do momento em que o veneno entra no organismo, o sangue o absorve rapidamente e o leva até o coração.

Barak já tinha visto o Primeiro-Ministro Golen aborrecido antes, até mesmo furioso. Mas nunca o vira tão pálido e tremendo de raiva.

— Mandaram-me dois homens já envenenados — murmurou ele. — Duas bombas-relógio, ativadas para morrerem em nossas mãos. Mas Israel não ficará com a culpa por esse ultraje. Divulgue imediatamente a notícia das mortes... imediatamente! E diga também que uma autópsia está sendo realizada neste momento. É uma ordem!

— Se os terroristas ainda não tiverem deixado o *Freya*, a notícia poderia levá-los a mudar de ideia — disse Barak.

— Os homens responsáveis por envenenarem Mishkin e Lazareff deveriam ter pensado nisso — retrucou Golen, rispidamente. — Mas qualquer atraso no comunicado, e Israel será culpado por ter assassinado esses homens. E isso é algo que não vou tolerar.

O nevoeiro continuou a avançar. Adensou-se, estendeu-se. Já cobria todo aquele trecho do mar, da costa de East Anglia a Walcherens, no outro lado. Envolveu inteiramente a flotilha de pequenas embarcações que estavam aguardando o momento de aspergir o emulsificador sobre a mancha de petróleo, assim como os navios de guerra que estavam de guarda. Turbilhonava em torno das lanchas Alfange, Sabre e Cimitarra, sob a popa do Argyll, os motores roncando suavemente, ansiosos em partir atrás de sua presa. Envolvia também o maior petroleiro do mundo, ancorado entre os navios de guerra e a costa holandesa.

Às 6:45, todos os terroristas já haviam descido para a maior das duas lanchas infláveis, à exceção de dois. Um deles, o americano-ucraniano, pulou para a velha lancha de pesca que os trouxera ao meio do Mar do Norte e olhou para cima.

Da amurada lá em cima, Andrew Drake assentiu. O homem puxou o arranque e o motor potente começou a funcionar. A proa da lancha foi devidamente apontada para oeste, o leme preso com uma corda para mantê-la no curso. O terrorista tratou de aumentar a aceleração do motor, ainda mantendo a lancha em ponto morto.

Através das águas, ouvidos atentos, humanos e eletrônicos, captaram o barulho do motor. Ordens e indagações urgentes foram transmitidas entre os navios de guerra e do Argyll para o Nimrod que circulava lá em cima. O avião de vigia verificou o radar, mas não constatou qualquer movimento no mar lá embaixo.

Drake falou rapidamente pelo *walkie-talkie* em sua mão. Na cabine de comando do *Freya*, Azamat Krim apertou o botão da sirene.

O ar foi preenchido pelo rugido ensurdecedor da sirene rompendo o silêncio do nevoeiro ao redor e das águas que batiam suavemente contra os costados dos navios.

Na cabine de comando do Argyll, o Comandante Preston resmungou de impaciência.

— Eles estão tentando abafar o barulho do motor da lancha. Mas isso não faz a menor diferença, pois vamos avistá-la pelo radar, assim que se afastar do costado do *Freya*.

Segundos depois, o terrorista na lancha empurrou a mudança para a frente, e a lancha de pesca, com o motor acelerado ao máximo, afastou-se abruptamente da popa do *Freya*. O terrorista pulou para a corda que pendia acima dele. A lancha vazia saiu de debaixo de seus pés e dois segundos depois desaparecia no nevoeiro, avançando rapidamente na direção dos navios de guerra, a oeste.

O terrorista balançou na ponta da corda e depois desceu para a lancha inflável, onde seus quatro companheiros estavam esperando. Um dos homens deu um puxão no cordão de arranque; o motor de popa tossiu, pegou. Sem sequer acenar em despedida, os cinco homens ficaram de guarda diante das celas durante todo o tempo, motor. A lancha inflável afastou-se do *Freya*, o motor mergulhando na água, a proa se elevando, deslizando pelo mar calmo na direção da Holanda.

O operador de radar no Nimrod sobrevoando a 5.000 metros de altitude avistou imediatamente o casco de aço da lancha de pesca; o composto de borracha da lancha inflável não emitia qualquer sinal refletor.

— A lancha está se movendo — comunicou ele ao Argyll. — E não dá para entender. Eles estão indo diretamente para cima de vocês.

O Comandante Preston olhou para a tela de radar na cabine de comando do seu navio.

— Já os peguei — disse ele.

Ficou observando o *bip* separar-se da grande mancha branca que representava o *Freya*. Depois de alguns segundos, acrescentou:

— Ele está certo. A lancha está vindo diretamente em nossa direção. Que diabo eles estão querendo?

Acelerada ao máximo e vazia, a lancha de pesca estava desenvolvendo uma velocidade de 15 nós. Mais 20 minutos e estaria entre os navios de guerra, depois passando entre eles e se misturando à flotilha de rebocadores mais além.

— Devem estar pensando que podem passar pela vigilância dos navios de guerra ilesos e depois se perder entre os rebocadores, no nevoeiro — sugeriu o Primeiro-Oficial, ao lado do Comandante Preston. — Vamos mandar a Alfanje interceptar?

— Não vou pôr em risco as vidas de nossos homens, por mais que o Major Fallon esteja querendo travar sua luta pessoal — disse o Comandante Preston. — Aqueles miseráveis já mataram um marinheiro no *Freya* e as ordens do Almirantado são claras e específicas. Vamos usar os canhões.

O Argyll preparou-se rapidamente para entrar em ação. Os outros quatro navios de guerra da OTAN receberam um pedido polido para não abrir fogo, deixando que o Argyll se encarregasse sozinho da operação. Os canhões do navio britânico, na popa e na proa, de cinco polegadas, viraram-se rapidamente para o alvo e dispararam.

Mesmo a três milhas, o alvo era bem pequeno. De alguma forma, a lancha sobreviveu à primeira salva, embora o mar ao redor se elevasse em esguichos de água, quando as granadas caíram. Não era um espetáculo que pudesse ser visto pelos observadores no Argyll ou para os homens que estavam nas três lanchas de patrulha a seu lado. O que quer que estivesse acontecendo mais além, no nevoeiro, era completamente invisível. Somente o radar podia avistar cada gota levantada por cada granada, assim como a lancha que era o alvo, recuando e depois mergulhando nas águas revoltas. Mas o radar não podia avisar aos homens que o controlavam que não havia pessoa alguma controlando o leme da lancha, não havia homens aterrorizados encolhidos na popa.

Andrew Drake e Azamat Krim estavam sentados em silêncio na sua lancha inflável para duas pessoas, ao lado do *Freya*, esperando. Drake segurava a corda que pendia da murada da popa lá em cima. Através do nevoeiro, ambos ouviram a primeira salva abafada dos canhões do Argyll. Drake acenou com a cabeça para Krim, que no mesmo instante ligou o motor de popa. Drake soltou a corda e a lancha inflável se afastou velozmente, leve como uma pena, deslizando suavemente pelo mar, a velocidade aumentando gradativamente, o barulho do motor abafado pelo rugido ensurdecedor da sirene do *Freya*.

Krim olhou para o pulso esquerdo, onde tinha uma bússola à prova de água. Corrigiu o curso, alguns pontos para o sul. Tinha calculado que levariam 40 minutos, a toda velocidade, para alcançar o labirinto de ilhas que constituem Beveland Norte e Sul.

Quando faltavam cinco minutos para sete horas, a lancha de pesca escorou a sexta granada do Argyll, um impacto direto. O explosivo partiu a lancha ao meio, levantando-a da água. O tanque de combustível explodiu e a lancha de casco de aço afundou como uma pedra.

— Um impacto direto — informou o oficial-artilheiro do seu posto no Argyll, onde ele e seus artilheiros estavam observando o duelo desigual pela tela do radar. — A lancha foi destruída.

O *bip* desapareceu da tela, o braço luminoso continuando a girar interminavelmente, mas mostrando apenas o *Freya*, a cinco milhas de distância. Na cabine de comando, quatro oficiais também olhavam para a tela do radar. Houve um momento de silêncio. Era a primeira vez, para todos eles, que seu navio realmente matava alguém.

— A Sabre já pode partir — disse o Comandante Preston, finalmente. — Devem abordar e resgatar o *Freya*.

O operador de radar, no seu compartimento às escuras do Nimrod, observava atentamente a tela. Podia ver todos os navios de guerra, todos os rebocadores e mais o *Freya*, a leste das outras embarcações. Mas em algum ponto além do *Freya*, protegido pelo imenso volume do superpetroleiro e dos navios de guerra, um ponto minúsculo parecia estar se deslocando para sudeste. Era tão pequeno que quase não dava para percebê-lo. Não era maior do que o *bip* que teria sido feito por uma lata de tamanho médio. Ou melhor, era a cobertura metálica do motor de popa de uma lancha inflável de alta velocidade. Latas não podem deslocar-se através da superfície do oceano a uma velocidade de 30 nós.

— Nimrod para Argyll, Nimrod para Argyll...

Os oficiais na cabine de comando do cruzador equipado com mísseis teleguiados ficaram aturdidos ao receber a notícia do avião que circulava a área a 5.000 metros de altura. Um deles correu para a ponte de comando e gritou a informação para os comandos que estavam aguardando lá embaixo, em suas lanchas de patrulha.

Dois segundos depois, a Alfanje e a Cimitarra se afastavam, o troar dos seus motores diesel marítimos se espalhando pelo nevoeiro ao redor. Jatos de espuma branca se erguiam diante de suas proas, que se iam levantando cada vez mais, enquanto as popas afundavam na esteira, os hélices de bronze girando furiosamente nas águas espumantes.

— Miseráveis! — gritou o Major Fallon, virando-se em seguida para o comandante da Marinha Real que estava de pé a seu lado, na pequena casa do leme da Alfanje. — Que velocidade podemos atingir?

— Num mar assim, mais de 40 nós.

O que não é suficiente, pensou Adam Munro, segurando-se numa alça com as duas mãos, enquanto a lancha estremecia e corcoveava, como um cavalo desembestado, avançando através do nevoeiro. O *Freya* ainda

estava a cinco milhas de distância, a lancha dos terroristas a outras cinco milhas. Mesmo que tivessem uma velocidade superior em 10 nós, levariam pelo menos uma hora para alcançar a lancha inflável que levava Svoboda para a segurança no labirinto de pequenas ilhas e arroios da Holanda, onde ele poderia desaparecer com a maior facilidade. E o problema é que Svoboda alcançaria a costa holandesa dentro de 40 minutos, talvez menos.

A Alfanje e a Cimitarra estavam avançando às cegas, abrindo o nevoeiro à frente só para vê-lo formar-se novamente à ré. Em qualquer mar mais movimentado, seria uma loucura avançar naquela velocidade, em condições de visibilidade zero. Mas o mar estava vazio. Na casa de leme de cada lancha, os comandantes escutavam atentamente o fluxo constante de informações transmitidas pelo Nimrod, através do Argyll: a posição da própria lancha e da outra que a acompanhava, a posição do *Freya* no nevoeiro à frente, a posição da Sabre, distanciada à esquerda, seguindo na direção do petroleiro a uma velocidade menor, e o curso e velocidade do ponto em movimento que representava a lancha de fuga de Svoboda.

Bem a leste do *Freya*, a lancha inflável em que Andrew Drake e Azamat Krim procuravam alcançar a segurança parecia estar com sorte. Sob o nevoeiro, o mar se tornara ainda mais calmo, o que lhes permitia aumentar cada vez mais a velocidade. A maior parte da pequena embarcação estava acima da superfície, somente a base do ruidoso motor mergulhada na água. A poucos metros de distância, em meio ao nevoeiro, passando como um borrão indistinto, Drake pôde avistar os últimos vestígios da esteira deixada por seus companheiros, que haviam passado por ali 10 minutos antes. Era estranho, pensou ele, que os vestígios da esteira da lancha permanecessem por tanto tempo na superfície do mar.

Na cabine de comando do Moran, estacionado ao sul do *Freya*, o Comandante Mike Manning também observava sua tela de radar. Podia ver o Argyll a noroeste e o *Freya* um pouco a leste do norte.

Entre os dois pontos, encurtando a distância rapidamente, podia também avistar a Alfanje e a Cimitarra. Mais a leste, podia avistar o pequeno *bip* da lancha em que os terroristas estavam fugindo. Era um ponto tão pequeno que quase passava despercebido na tela. Mas estava ali. Manning avaliou a distância que separava os terroristas dos comandos britânicos que seguiam em seu encalço.

— Eles não vão conseguir — murmurou ele.

Manning deu uma ordem a seu subcomandante. O canhão de proa de cinco polegadas do Moran começou a se deslocar lentamente para a direita, procurando um alvo em algum lugar do nevoeiro.

Um marinheiro aproximou-se do Comandante Preston, ainda absorvido na perseguição através do nevoeiro, conforme aparecia na tela de radar, na cabine de comando do Argyll. Ele sabia que seus canhões eram inúteis. O *Freya* estava postado quase que diretamente entre o Argyll e o alvo, o que tornaria qualquer disparo extremamente arriscado. Além disso, o volume do *Freya* ocultava o alvo das antenas de radar de seu navio, que não podiam assim transmitir as informações corretas de pontaria para os canhões.

— Com licença, senhor — disse o marinheiro.

— O que é?

— Acabamos de receber uma notícia, senhor. Aqueles dois homens que foram levados de avião para Israel hoje estão mortos, senhor. Morreram em suas celas.

— Morreram? — repetiu o Comandante Preston, incrédulo. — Então todo o nosso esforço foi por nada! Como será que eles morreram? É melhor informar àquele camarada do *Foreign Office* assim que ele voltar. Tenho certeza de que ele se interessará em saber.

O mar ainda estava calmo para Andrew Drake. A superfície estava lisa e oleosa, o que não era natural no Mar Norte. Ele e Krim estavam quase na metade do percurso até a costa holandesa quando o motor engasgou pela primeira vez. Engasgou novamente, vários segundos depois, em seguida repetidamente. A velocidade ficou bastante reduzida, a potência já não era a mesma.

Azamat Krim acelerou o motor freneticamente. O motor disparou, engasgou novamente, recomeçou a correr, mas com um ruído estranho.

— Está com superaquecimento — gritou ele para Drake.

— Não pode ser! — berrou Drake em resposta. — O motor tem condições de funcionar a toda potência pelo menos durante uma hora!

Krim inclinou-se para fora da lancha e meteu a mão na água. Examinou a palma, mostrou-a a Drake. Manchas de pegajoso petróleo bruto, a cor meio marrom, escorriam para o pulso.

— O petróleo está bloqueando os dutos de resfriamento — gritou Krim.

O operador de radar do Nimrod comunicou ao Argyll:

— Parece que a velocidade deles está diminuindo.

A informação foi transmitida à Alfanje e o Major Fallon imediatamente gritou:

— Vamos em frente! Ainda podemos alcançar os desgraçados! A distância começou a diminuir rapidamente. A velocidade da lancha dos terroristas estava reduzida a 10 nós. O que Fallon não sabia nem o jovem comandante da Marinha Real a seu lado, no comando da Alfanje, é que se estavam encaminhando em alta velocidade para um grande lago de petróleo, na superfície do oceano. Ou que sua presa estava naquele momento avançando penosamente pelo meio desse lago.

Dez segundos depois, o motor de Azamat Krim parou. O silencio era terrível. Bem ao longe, podiam ouvir o barulho dos motores da Alfanje e da Cimitarra, atravessando o nevoeiro.

Krim enfiou as mãos em concha sob a superfície e depois estendeu para Drake.

— É o nosso petróleo, Andrew! É o petróleo que derramamos1 Estamos bem no meio dele!

— Eles pararam — disse o comandante da Alfange ao Major Fallon. — O Argyll está informando que a lancha deles acabara de parar. Só Deus sabe por quê.

— Vamos alcançá-los! — gritou Fallon, exultante, empunhando sua submetralhadora Ingram.

A bordo do Moran, o oficial-artilheiro Chuck Olsen comunicou a Manning:

— Já acertamos o alcance e direção.

— Pois então abra fogo — disse Manning, calmamente.

Sete milhas ao sul da Alfanje, o canhão de proa do Moran começou a disparar suas granadas, numa sequência rítmica. O comandante da Alfanje não podia ouvir os disparos, mas o Argyll podia e mandou que diminuísse o avanço. A lancha estava seguindo diretamente para a área em que o pequeno ponto nas telas de radar havia parado e contra a qual o canhão do Moran estava disparando. O comandante reduziu a velocidade, a proa baixando para a superfície; continuou a avançar, mas lentamente.

— Que diabo está fazendo? — gritou o Major Fallon. — Eles não devem estar a mais de uma milha à frente!

A resposta veio do céu. Em algum lugar acima deles, cerca de uma milha além da proa, houve um ruído como de um trem em alta velocidade, quando as primeiras granadas disparadas do Moran chegavam a seu alvo.

As três primeiras granadas, de penetração em blindagem, caíram na água, levando colunas de espuma e errando por cerca de 100 metros a

lancha inflável à deriva.

As duas granadas seguintes tinham espoletas de proximidade. Explodiram alguns metros acima da superfície do oceano, em clarões brancos ofuscantes, espalhando fragmentos de magnésio incandescente sobre uma grande área ao redor.

Os homens na Alfanje ficaram em silêncio, vendo o nevoeiro à frente deles se iluminar subitamente. Quatro amarras a estibordo, a Cimitarra estava também parando, à beira da mancha de petróleo.

O magnésio caiu no petróleo bruto, erguendo a sua temperatura além do ponto de ignição. Os fragmentos leves de metal incandescentes não eram pesados o suficiente para penetrar na mancha de petróleo, pousando sobre ela e se incendiando.

Diante dos olhos dos marinheiros e fuzileiros, o mar se incendiou. Uma gigantesca área, com quilômetros de comprimento e quilômetros de largura, começou a luzir, a princípio com um vermelho esmaecido, depois cada vez mais intenso e mais quente.

Durou apenas 15 segundos. Nesse período, o mar se incendiou. Mais da metade de um derramamento de 20.000 toneladas de petróleo bruto pegou fogo. Por vários segundos, a temperatura chegou a atingir 5.000 graus centígrados. O calor intenso dissipou o nevoeiro por quilômetros ao redor, as chamas brancas se erguendo a dois ou três metros de altura da superfície do mar.

Num silêncio total, os marinheiros e fuzileiros ficaram olhando para o inferno terrível, começando 100 metros a sua frente. Alguns tiveram de proteger os rostos para não serem chamuscados pelo calor intenso.

No meio do fogo, ergueu-se uma chama mais intensa, como se um tanque de gasolina tivesse explodido. O petróleo em chamas não fez qualquer ruído, enquanto tremeluzia intensamente durante aquele breve período.

Do meio das chamas, passando pelas águas, um grito humano chegou aos ouvidos dos homens nas duas lanchas:

— *Shche ne vmerla Ukraina*...

E depois tudo acabou. As chamas diminuíram, tremeluziram e se desvaneceram. O nevoeiro voltou a envolver tudo.

— Que diabo significa isso? — murmurou o comandante da Alfanje.

O Major Fallon deu de ombros.

— Não me pergunte. É alguma língua estrangeira.

Ao lado deles, Adam Munro contemplava as últimas chamas. E murmurou:

— Numa tradução livre, significa “a Ucrânia viverá novamente”.

Epílogo

Eram oito horas da noite na Europa Ocidental, mas dez horas em Moscou. A reunião do *Politburo* já perdurava há uma hora.

Yefrem Vishnayev e seus partidários estavam cada vez mais impacientes. O teórico do Partido sabia que tinha forças suficientes. Não havia qualquer sentido em protelar a situação por mais tempo. Levantou-se, ameaçadoramente:

— Camaradas, essa discussão dos aspectos gerais é importante, mas não nos leva a parte alguma. Convoquei essa reunião especial do *Presidium* do Soviete Supremo com um propósito definido: determinar se o *Presidium* continua a ter confiança na liderança do nosso estimado Secretário-Geral, Camarada Maxim Rudin.

"Todos ouvimos os argumentos contra e a favor do chamado Tratado de Dublin, envolvendo as remessas de cereais que os Estados Unidos nos prometeram e o preço que nos exigiram que fosse pago por isso, na minha opinião inconcebivelmente elevado.

"E finalmente fomos informados também da fuga para Israel dos assassinos Mishkin e Lazareff, os homens que foram responsáveis pelo assassinato de nosso querido camarada Yuri Ivanenko, o que já ficou comprovado sem a menor sombra de dúvida. A moção que apresento é a seguinte: que o *Presidium* do Soviete Supremo não pode mais continuar a depositar sua confiança na continuação da orientação do Camarada Rudin aos negócios de nossa grande nação. Sr. Secretário-Geral, peço que essa moção seja posta em votação.

Vishnayev se sentou. Houve um silêncio opressivo. Mesmo para aqueles que estavam participando diretamente, muito mais do que para o pessoal subalterno que estava presente, a queda de um gigante do poder no Kremlin é um momento terrível.

— Os que estão a favor da moção... — começou a dizer Maxim Rudin.

Yefrem Vishnayev imediatamente levantou a mão. O Marechal Nikolai Kerensky seguiu-lhe o exemplo imediatamente. Vitautas, o lituano, foi o seguinte. Houve uma pausa de vários segundos. Mukhamed, o *tadjik* acabou levantando a mão também. O telefone tocou nesse momento. Rudin atendeu, escutou atentamente por um momento e depois desligou. Impassivelmente, disse aos membros do *Politburo*:

— É claro que eu não deveria interromper uma votação, mas a notícia que acabo de receber pode ser de algum interesse. — Fez uma pausa, olhando para os outros calmamente, antes de acrescentar: — Há duas horas, Mishkin e Lazareff morreram, instantaneamente, nas celas em que estavam, na delegacia central de polícia de Tel Aviv. Um companheiro deles caiu de uma sacada do quarto de um hotel nos arredores da cidade, morrendo na queda. Há cerca de uma hora, os terroristas que sequestraram o *Freya*, no Mar do Norte, com o objetivo de libertar os dois prisioneiros de Berlim, também morreram, em meio a um mar de petróleo em chamas. Nenhum deles chegou a falar qualquer coisa. E, agora, nenhum deles irá jamais falar. — Rudin fez outra pausa, antes de arrematar: — Se bem me lembro, estávamos no meio da votação da moção apresentada pelo Camarada Vishnayev...

Todos os olhos evitaram deliberadamente os dele, fixando-se na mesa.

— Quem está contra a moção? — murmurou Rudin. Vassili Petrov e Dmitri Rykov levantaram as mãos. Foram seguidos por Chavadze, o georgiano, Shushkin e Stepanov.

Petryanov que anteriormente votara com a facção de Vishnayev, olhou para as mãos levantadas, percebeu para que lado estava o vento e também ergueu a mão.

Komarov, do Ministério da Agricultura, disse:

— Eu gostaria de expressar a minha satisfação pessoal por poder votar com a mais absoluta confiança a favor do nosso Secretário-Geral.

Ele levantou a mão. Rudin sorriu-lhe.

"Seu verme!", pensou Rudin. "Vou esmagá-lo pessoalmente no chão da horta!"

— Com o meu próprio voto, a moção está rejeitada por oito votos contra quatro — disse Rudin. — Temos mais alguma coisa a tratar nesta reunião?

Não havia mais nada.

Doze horas depois, o Comandante Thor Larsen estava novamente na cabine de comando do *Freya* e esquadrinhava atentamente o mar ao redor.

Fora uma noite movimentada. Os fuzileiros britânicos o haviam encontrado e libertado 12 horas antes, quando estava prestes a desfalecer. Especialistas em demolições da Marinha Real haviam entrado nos porões do superpetroleiro, arrancando os detonadores das cargas de dinamite e depois tirando-as cuidadosamente do interior do navio para o convés, de onde foram rapidamente removidas.

Mãos fortes tinham girado os cunhos de aço da porta por trás da qual a tripulação estava aprisionada há 64 horas. Os marinheiros libertados gritaram e dançaram de alegria. Passaram a noite inteira telefonando para esposas e parentes.

As mãos cuidadosas de um médico naval haviam ajeitado Thor Larsen em seu próprio beliche, cuidando dos ferimentos da melhor forma possível, dentro das condições.

— Evidentemente, vai precisar de uma cirurgia — disse o médico ao comandante norueguês. — E tudo estará preparado, para o momento em que chegar de helicóptero a Rotterdam. Certo?

— Errado — murmurou Larsen, à beira da inconsciência. — Irei para Rotterdam, mas no *Freya*.

O médico limpara a mão destroçada meticulosamente, esterilizando-a contra uma possível infecção e aplicando uma injeção de morfina para atenuar a dor. Antes mesmo que ele acabasse, Thor Larsen já estava dormindo.

Mãos hábeis haviam controlado o fluxo de helicópteros que pousaram e subiram do heliporto do *Freya*, no meio do convés, ao longo da noite, trazendo Harry Wennerstrom para inspecionar seu navio, trazendo a turma de terra que iria ajudar a atracar o imenso navio. O operador das bombas encontrara os fusíveis de reserva e aprontara a sala de controle de carga para entrar em funcionamento. Petróleo bruto fora bombeado de um dos tanques cheios para o que fora esvaziado, a fim de restaurar o equilíbrio. As válvulas, tinham sido fechadas.

Enquanto o comandante dormia, o Primeiro e o Segundo-Oficiais haviam examinado cada centímetro do *Freya*, de proa a popa. O chefe de máquinas também inspecionara meticulosamente sua área, testando cada sistema para certificar-se de que nada estava avariado.

Durante a madrugada, os rebocadores e navios de combate a incêndios haviam aspergido o emulsificador sobre a área do mar em que o

petróleo derramado ainda estava na superfície. A maior parte fora queimada no holocausto rápido causado pelas bombas de magnésio do Comandante Manning.

Thor Larsen despertara pouco antes do amanhecer. O Comissário de Bordo ajudara-o a vestir suas roupas, o uniforme completo de comandante da Linha Nordia, que ele insistira em usar. Larsen enfiara a mão enfaixada pela manga do casaco com extremo cuidado, depois tornara a ampará-la na tipóia pendurada do pescoço.

Às oito horas da manhã, ele estava de pé ao lado do Primeiro e do Segundo Oficial, na cabine de comando. Os dois pilotos do Controle do Maas também estavam ali, o mais veterano com sua "caixa marrom", o sistema de ajuda navegacional.

Para surpresa de Thor Larsen, o mar ao norte, sul e oeste do *Freya* estava apinhado de embarcações. Havia traineiras do Humber e do Scheldt, pescadores de Lorient e St. Maio, Ostende e costa do Kent. Navios mercantes hasteando uma dúzia de bandeiras misturavam-se com os navios de guerra das cinco nações da OTAN, todos dentro de um raio de mais de três milhas.

Dois minutos depois das oito horas, os gigantescos hélices do *Freya* começaram a girar, o cabo da imensa âncora começou a subir ruidosamente do leito do mar. Por baixo da popa, apareceu um turbilhão de água branca.

No céu lá em cima, quatro aviões circulavam, levando câmaras de televisão que mostravam ao mundo na expectativa a deusa do mar avançando majestosamente pelas águas.

No momento em que a esteira do *Freya* se alargou, o emblema do capacete viking da companhia tremulando à brisa, o Mar do Norte explodiu numa confusão de sons.

Pequenas sirenes, parecendo apitos, rugidos trovejantes e gritos estridentes ecoaram pelo mar, enquanto uma centena de capitães do mar, comandando embarcações de pequenas a imensas, de inofensivas a mortíferas, davam ao *Freya* a tradicional saudação dos marinheiros.

Thor Larsen olhou para o mar apinhado a seu redor e para o curso vazio que se estendia até à Bóia Euro Um. Virou-se para o piloto holandês que estava à espera e disse:

— Pode fixar o curso para Rotterdam.

No domingo, 10 de abril, no Salão de St. Patrick, no Castelo de Dublin, dois homens se aproximaram da grande mesa de carvalho que ali

fora instalada justamente para aquele encontro. Ocuparam seus lugares.

Na galeria ao longo do salão, as câmaras de televisão focalizavam a mesa, banhada por uma luz branca intensa, transmitindo as imagens para o mundo inteiro.

Dmitri Rykov cuidadosamente assinou seu nome, pela União Soviética, nas duas cópias do Tratado de Dublin, encapadas em couro vermelho, entregando-as em seguida a David Lawrence, que também as assinou, em nome dos Estados Unidos.

Poucas horas depois, os navios transportando cereais, esperando ao largo de Murmansk e Leningrado, Sebastopol e Odessa, avançaram para os atracadouros.

Uma semana depois, as primeiras unidades de combate ao longo da Cortina de Ferro começaram a recolher seus armamentos e outros equipamentos, a fim de recuar para muito além da linha de arame farpado.

Na quinta-feira, dia 14 de abril, a reunião de rotina do *Politburo*, no Prédio do Arsenal, no Kremlin, estava muito longe de ser rotineira.

O último homem a entrar na sala, tendo sido retardado no lado de fora por um major da guarda do Kremlin, foi Yefrem Vishnayev.

Quando ele finalmente entrou, descobriu que os rostos de todos os outros 11 membros do *Politburo* estavam virados em sua direção. Maxim Rudin encontrava-se sentado no lugar central, no alto da mesa em forma de T, com uma expressão pensativa. Em cada lado da mesa havia cinco cadeiras e todas estavam ocupadas. Restava apenas uma cadeira vaga. Era a que se situava na extremidade da haste da mesa, de frente para todo o seu comprimento.

Impassivelmente, Yefrem Vishnayev encaminhou-se lentamente para ocupar aquele lugar, conhecido simplesmente como a cadeira penal. Seria a última reunião do *Politburo* de que ele participaria.

No dia 18 de abril, um pequeno cargueiro estava navegando pelas ondas do Mar Negro, 10 milhas ao largo da costa da Romênia. Pouco antes das duas horas da madrugada, uma lancha veloz afastou-se do cargueiro e correu na direção da praia. Parou a três milhas de terra e um fuzileiro a bordo empunhou uma lanterna potente, apontando-a para as areias invisíveis e transmitindo um sinal, três traços longos e três curtos. Não houve nenhuma luz respondendo da praia. O homem repetiu o sinal quatro vezes. Mesmo assim, não houve resposta.

A lancha fez a volta e retornou ao cargueiro. Uma hora depois, estava alojada no convés e uma mensagem era transmitida para Londres.

De Londres, outra mensagem foi transmitida em código para a Embaixada britânica em Moscou:

"Lamento. *Nightingale* não compareceu ao encontro. Sugiro que volte a Londres."

No dia 25 de abril, houve uma reunião plenária do pleno do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, no Palácio do Congresso, dentro do Kremlin. Os delegados tinham vindo de todas as partes da União Soviética, alguns de muitos milhares de quilômetros de distância.

De pé no pódio, sob a descomunal cabeça de Lenine, Maxim Rudin fez seu discurso de despedida.

Começou por descrever todas as crises que o país enfrentara ao longo dos 12 meses anteriores, falando de uma perspectiva de escassez e fome para deixar todos arrepiados. Falou em seguida sobre a brilhante façanha de diplomacia pela qual o *Politburo* determinara a Dmitri Rykov que fosse encontrar-se com os americanos em Dublin, conseguindo as remessas de cereais, em quantidades sem precedentes, juntamente com importações de tecnologia e computadores, tudo a um custo mínimo. Não houve qualquer alusão às concessões nos níveis de armamentos. Rudin recebeu uma ovação, com todos os delegados de pé, que se prolongou por 10 minutos.

Concentrando sua atenção na questão da paz mundial, ele recordou a cada um e a todos o constante perigo para a paz apresentado pelas ambições territoriais e imperiais do Ocidente capitalista, ocasionalmente ajudado por inimigos da paz dentro da própria União Soviética.

Aquilo era demais e a consternação geral não pôde ser contida. Rudin logo continuou, sacudindo um dedo em advertência para dizer que todos aqueles que conspiravam secretamente com os imperialistas haviam sido desmascarados e liquidados, graças à eterna vigilância do incansável Yuri Ivanenko, que morrera uma semana antes, numa casa de saúde, depois de uma longa e brava luta contra um mal cardíaco.

Quando a notícia da morte de Ivanenko foi revelada, houve manifestações de horror e condolências pelo camarada falecido, que salvara a todos. Rudin levantou a mão, com uma expressão pesarosa, pedindo silêncio.

Rudin acrescentou que Ivanenko contara com a ajuda inestimável, antes do seu ataque cardíaco em outubro do ano anterior, e fora substituído desde então por seu sempre leal camarada, Vassili Petrov, que completara

a tarefa de salvaguardar a União Soviética como a grande defensora da paz mundial. Houve uma prolongada ovação para Vassili Petrov.

Como as conspirações da facção anti-paz, tanto dentro como fora da União Soviética, haviam sido desmascaradas e destruídas, continuou Rudin, fora possível para a União Soviética, em sua interminável busca da coexistência pacífica, reduzir seus programas de produção de armamentos, pela primeira vez em muitos anos. Uma parcela maior do esforço nacional poderia ser orientada, a partir daquele momento, para a fabricação de bens de consumo e progresso social, graças exclusivamente à vigilância do *Politburo*, desmascarando a facção anti-paz.

Desta vez, os aplausos prolongaram-se novamente por cerca de 10 minutos.

Maxim Rudin esperou até que as aclamações estivessem quase terminando, antes de levantar novamente as mãos. Ao voltar a falar, a voz era mais baixa.

Quanto a ele, declarou, já fizera tudo o que podia e chegara o momento de se afastar.

O silêncio aturdido era tangível.

Trabalhara por muito tempo, talvez por tempo demais, suportando nos ombros as tarefas mais árduas, que haviam acabado por solapar suas forças e saúde.

No pódio, seus ombros vergaram, como que ao peso de tudo o que suportara. Houve gritos de “Não! Não!”

Ele era um velho, disse Rudin. O que estava querendo agora" Nada mais do que todo velho queria, ficar sentado ao canto do fogo, numa noite de inverno, brincar com os netos...

Na galeria dos diplomatas, o Chefe da Chancelaria da Embaixada britânica sussurrou para o Embaixador:

— Essa é muito forte para alguém engolir. Ele já mandou fuzilar mais pessoas do que o número de bons jantares que tive.

O Embaixador alteou uma única sobrancelha e murmurou em resposta:

— Lembre-se de que você é um homem de sorte. Se estivéssemos na América, ele apresentaria os netos no palco.

E assim, concluiu Rudin, era chegado o momento de admitir abertamente aos amigos e camaradas que os médicos o haviam informado que só tinha mais alguns meses de vida. Com a permissão da audiência, largaria o fardo do cargo e passaria o pouco tempo que lhe restava no

campo que tanto amava, ao lado da família, que era o Sol e a Lua de sua existência.

A esta altura, diversas mulheres na audiência estavam chorando abertamente.

Restava uma última questão a resolver, disse Rudin. Ele planejava retirar-se dentro de cinco dias, no último dia do mês. A manhã seguinte seria o Dia do Trabalho e um novo homem deveria estar presidindo as cerimônias no alto do Mausoléu de Lenine, saudando o grande desfile. Quem seria esse homem?

Deveria ser um homem ainda jovem e vigoroso, um homem de sabedoria e patriotismo ilimitado, um homem com o valor já comprovado nos mais altos conselhos da terra, mas ainda não vergado ao peso dos anos. E um homem assim, proclamou Rudin, os povos das 15 repúblicas socialistas tinham a sorte de encontrar na pessoa de Vassili Petrov...

A eleição de Petrov para suceder Rudin foi feita por aclamação. Os partidários de outras candidaturas teriam sido abafados aos gritos se tentassem falar. Nem mesmo se deram ao trabalho.

Depois do desenlace do sequestro no Mar do Norte, Sir Nigel Irvine desejara que Adam Munro permanecesse em Londres ou pelo menos não voltasse a Moscou. Munro apelara pessoalmente à Primeira-Ministra Carpenter para que lhe fosse permitida uma última oportunidade de verificar se seu agente, *Nightingale*, estava pelo menos seguro. Tendo em vista o papel que ele desempenhara na solução da crise, a permissão foi concedida.

Desde seu encontro com Maxim Rudin ao amanhecer do dia 3 de abril, era evidente que a cobertura de Munro estava liquidada e que ele não mais poderia continuar a funcionar como um agente em Moscou.

O Embaixador e o Chefe da Chancelaria encararam o retorno dele com consideráveis apreensões. Não foi surpresa quando seu nome passou a ser excluído das listas de convites diplomáticos e não mais foi recebido por qualquer autoridade do Ministério do Comércio Exterior da União Soviética. Munro ficou sem ter o que fazer, ignorado e indesejável, esperando, contra todas as esperanças, que Valentina entrasse em contato com ele para informar que estava a salvo.

Em determinada ocasião, Munro experimentou ligar para o telefone particular dela. Ninguém atendeu. Ela podia ter saído, mas Munro não se atreveu a correr o risco de ligar novamente. Em seguida à queda da facção de Vishnayev, foi-lhe dito que ficasse esperando em Moscou até o

final do mês. Depois, deveria voltar a Londres e seu pedido de demissão do serviço seria bem recebido.

O discurso de despedida de Maxim Rudin teve a maior repercussão nas missões diplomáticas, cada uma informando os respectivos governos do afastamento de Rudin e preparando estudos sobre seu sucessor, Vassili Petrov. Munro ficou totalmente excluído desse turbilhão de atividade.

Por tudo isso, foi ainda mais surpreendente quando, depois do anúncio de uma recepção no Salão São Jorge, no Grande Palácio do Kremlin, na noite de 30 de abril, chegaram convites à Embaixada britânica para o Embaixador, o Chefe da Chancelaria e Adam Munro. Foi até mesmo insinuado, durante um telefonema do Ministro do Exterior soviético ao Embaixador, que o Governo da União Soviética contava com o comparecimento de Munro.

A recepção oficial para a despedida de Maxim Rudin foi espetacular. Mais de uma centena de representantes da elite da União Soviética misturaram-se com quatro vezes esse número de diplomatas estrangeiros, do mundo socialista, do Ocidente capitalista e do Terceiro Mundo. Delegações fraternais de partidos comunistas fora do bloco soviético também estavam presentes, constrangidas em meio a todos aqueles trajes a rigor, uniformes militares, estrelas, comendas e medalhas. Poderia ter sido um czar que estava abdicando, ao invés de um líder do paraíso sem classes dos trabalhadores.

Os estrangeiros confraternizaram com os anfitriões russos sob as 3.000 lâmpadas de seis imensos lustres, conversando no próprio local em que os heróis da grande guerra czarista eram homenageados juntamente com os outros cavaleiros de São Jorge. Maxim Rudin deslocava-se entre os grupos como um velho leão, aceitando os aplausos e congratulações dos representantes de 150 países como algo perfeitamente natural.

Munro viu-o de longe. Mas não estava incluído na lista dos que deveriam ser apresentados pessoalmente e sabia também que não seria sensato aproximar-se do Secretário-Geral que estava de saída. Antes da meia-noite, alegando um cansaço natural, Rudin pediu licença para se retirar e deixou os convidados aos cuidados de Petrov e dos outros membros do *Politburo*.

Vinte minutos depois, Adam Munro sentiu alguém tocar-lhe o braço. Virou-se e deparou, parado às suas costas, com um imaculado major no uniforme da própria guarda pretoriana do Kremlin. Impassível como sempre, o major falou-lhe em russo:

— Sr. Munro, queira fazer o favor de me acompanhar.

O tom dele não permitia qualquer objeção. Munro não ficou surpreso. Evidentemente, a inclusão de seu nome na lista de convidados fora um erro e lhe iam pedir que se retirasse.

Mas o major não se encaminhou para as portas principais. Em vez disso, atravessou o Salão de São Vladimir, subiu por uma escada de madeira guardada por uma grade de bronze e chegou a um saguão com clarabóia no andar superior.

O major avançava com extrema calma e confiança, inteiramente à vontade entre todos aqueles corredores e passagens, desconhecidos da maioria das pessoas.

Ainda seguindo-o, Munro atravessou uma passagem descoberta, à luz das estrelas, entrando no Palácio Terem. Havia guardas silenciosos em todas as portas; cada uma era aberta quando o major se aproximava e fechada assim que eles passavam. Atravessaram o Salão da Frente e foram até a extremidade do Salão da Cruz. Ali, o major parou diante de uma porta e bateu. Uma ordem foi resmungada rispidamente do outro lado. O major abriu a porta, deu um passo para o lado e fez sinal a Munro para que entrasse.

A terceira câmara do Palácio Terem, que é conhecido como Palácio das Câmaras, é o Salão do Trono, o santuário dos santuários dos antigos czares, o mais inacessível de todos os salões. Com ladrilhos em mosaico, vermelhos e dourados, com assoalho de par-quente e um tapete vermelho, é mais opulento, menor e mais aconchegante do que os outros salões. Era o lugar em que os czares trabalhavam ou recebiam emissários especiais, na mais completa intimidade. Maxim Rudin estava parado diante da janela. Virou-se quando Munro entrou e disse:

— Com que então, Sr. Munro, vai nos deixar, pelo que fui informado.

Haviam-se passado 27 dias desde a entrevista anterior, quando Munro o encontrara de roupão, com um copo de leite quente nas mãos, em seu apartamento particular no Arsenal. Agora, Rudin estava num terno cinza de corte impecável, quase que certamente feito em Savile Row, Londres, tendo na lapela esquerda os emblemas das Ordens de Lenine e de Herói da União Soviética. O Salão do Trono ficava assim mais apropriado.

— Vou, sim, Sr. Presidente — disse Munro. Maxim Rudin olhou para o relógio e comentou:

— Dentro de dez minutos, serei o Sr. Ex-Presidente. Retiro-me oficialmente à meia-noite. Posso presumir que também vai retirar-se do serviço?

A velha raposa sabe perfeitamente que minha cobertura foi destruída na noite em que estive com ele, pensou Munro, e que também tenho de me retirar.

— Vou, sim, Sr. Presidente. Estarei voltando para Londres amanhã, a fim de formalizar meu afastamento do serviço.

Rudin não se aproximou dele nem estendeu a mão. Continuou parado no outro lado da sala, no mesmo lugar em que os czares antigamente se postavam, no salão que representava o pináculo do Império Russo. Ele sacudiu a cabeça e murmurou:

— Nesse caso, quero apresentar-lhe minhas despedidas, Sr. Munro.

Ele apertou um pequeno botão de ônix na mesa e a porta atrás de Munro se abriu.

— Adeus, senhor — disse Munro.

Ele já se estava virando para sair quando Rudin voltou a falar:

— Diga-me uma coisa, Sr. Munro: o que acha da nossa Praça Vermelha?

Munro parou, desconcertado. Era uma pergunta estranha para um homem que estava apresentando suas despedidas. Munro pensou por um momento e respondeu cautelosamente:

— É realmente impressiva.

— Impressiva... isso mesmo... — murmurou Rudin, como se estivesse avaliando a palavra. — Talvez não seja tão elegante quanto a Berkeley Square, de Londres. Mas algumas vezes, mesmo aqui, pode-se ouvir um rouxinol (*Nightingale*) cantar.

Munro ficou tão imóvel quanto os santos pintados no teto por cima dele. Sentiu o estômago revirar-se numa onda de náusea. Tinham apanhado Valentina. Incapaz de resistir, ela contara tudo, revelando até mesmo o nome em código e a alusão à velha canção sobre o rouxinol na Berkeley Square.

— Vão fuzilá-la? — perguntou ele, aturdido. Rudin pareceu ficar genuinamente surpreso.

— Fuzilá-la? Mas por que haveríamos de fazer uma coisa dessas?

Então, seria os campos de trabalhos forçados, a morte em vida, para a mulher que ele amava e com quem por pouco não levara para se casar na Escócia.

— Mas então o que vão fazer com ela?

O velho russo ergueu as sobrancelhas, numa expressão zombeteira de surpresa.

— O que vamos fazer? Nada. Ela é uma mulher leal, uma patriota. E gosta muito de si, meu jovem. Não está apaixonada, espero que compreenda, mas sente uma afeição genuína...

— Não estou entendendo — murmurou Munro. — Como pode saber?

— Ela me pediu para dizer-lhe. Não será uma dona-de-casa em Edinburgo. Não será a Sra. Munro. Não pode tornar a vê-lo... nunca mais. Mas não quer que se preocupe com ela, não quer que sinta receio por ela. Ela está bem, privilegiada, honrada e respeitada entre seu próprio povo. Ela me pediu para que lhe dissesse que não deve preocupar-se.

A compreensão que raiava em Munro era quase tão estonteante quanto o medo. Munro olhou fixamente para Rudin, enquanto a incredulidade ia-se dissipando.

— Ela estava trabalhando sob sua orientação... — murmurou ele. — Estava trabalhando sob as suas ordens desde o início... desde o primeiro contato no bosque, logo depois que Vishnayev apresentou sua proposta para a guerra na Europa. Ela estava trabalhando sob suas ordens...

A velha raposa do Kremlin deu de ombros.

— Sr. Munro, de que outra maneira eu poderia transmitir minhas mensagens para o Presidente Matthews com a certeza absoluta de que mereceriam todo o crédito?

O impassível major, de olhos frios, tocou de leve no cotovelo de Munro. No instante seguinte, ele tinha saído do Salão do Trono e a porta se fechava. Cinco minutos depois, Munro deixava o Kremlin a pé, passando por uma pequena porta num portão secundário, saindo para a Praça Vermelha. Já estavam começando os preparativos para o grande desfile do Dia do Trabalho. Um relógio assinalou meia-noite.

Munro virou para a esquerda, seguindo na direção do Hotel Nacional, à procura de um táxi. Cem metros adiante, ao passar pelo Mausoléu de Lenine, para surpresa e ultraje de um miliciano, ele desatou a rir.

FIM